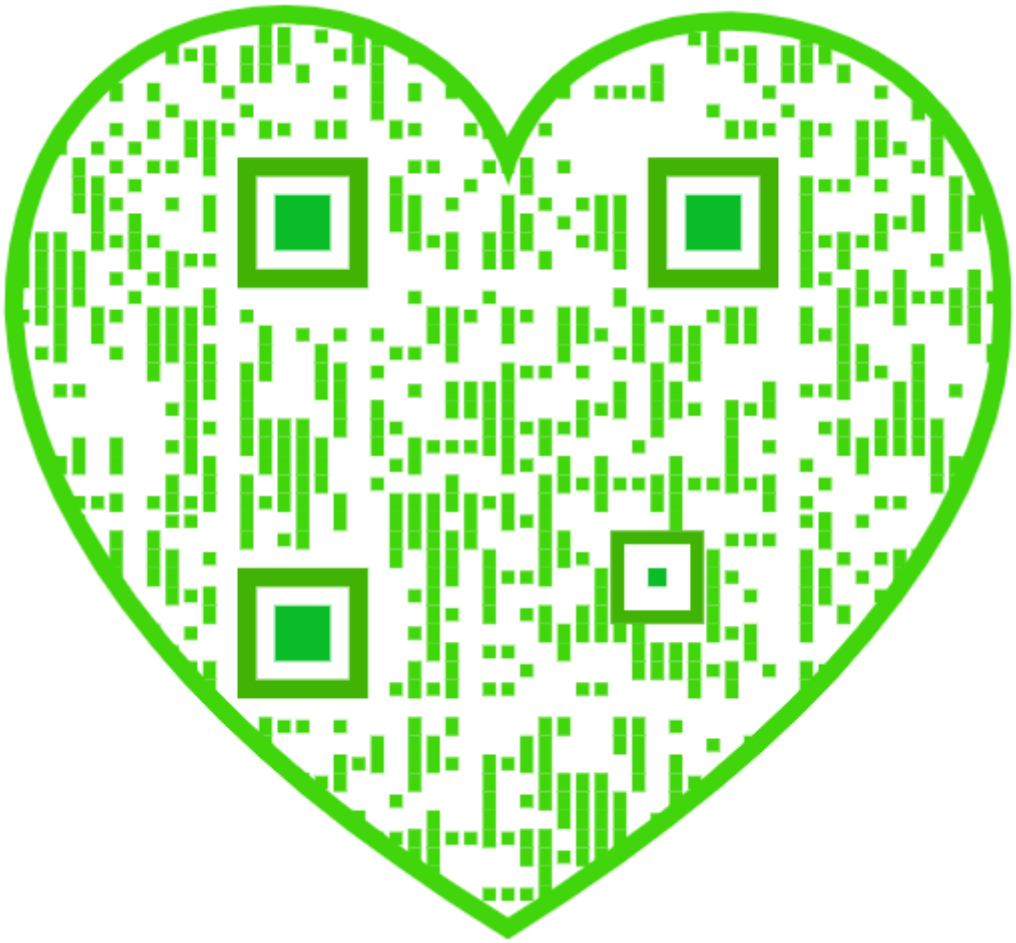

Ladrão de Almas
O amor verdadeiro pode durar uma eternidade...
mas a imortalidade tem um preço.
Alma Katsu
Novo Conceito



Ladrão de Almas

Alma Katsu

Tradução

Ana Paula Doherty


Editora
Novo Conceito

Gallery Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.
1230 Avenue of the Americas
New York, NY, 10020
Copyright © 2011 by Alma Katsu
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos
são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2012

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Alline Salles, Tamires Cianci
Preparação de Texto: Helô Beraldo (coletivo pomar)
Revisão de Texto: Sylmara Beletti, Sandra Brazil
Diagramação: Futura
Diagramação E-pub: Vanúcia Santos
Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Katsu, Alma
Ladrão de almas / Alma Katsu ; tradução Ana Paula Doherty. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.
Título original: The taker.
eISBN 978-85-8163-134-9

1. Ficção norte-americana I. Título.
12-08743 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

NOTA DA AUTORA

Uma vez que *Ladrão de Almas* é uma obra de ficção, não imagino que os leitores esperem autenticidade histórica. No entanto, tomei uma liberdade na história que acho importante ressaltar: a cidade de St. Andrew, no estado do Maine, não existe e se, baseado nas pistas dadas no texto, o leitor tentar triangular a localização do vilarejo ficcional, verá que, caso ela existisse, estaria onde hoje se encontra Allagash e essa área do Maine não foi colonizada até 1860. Todavia, a cidade acadiana de Madawaska, não muito longe dali, foi fundada em 1785, assim, não me pareceu muito fora de contexto Charles St. Andrew ter se estabelecido ali naquela época.

Parte Um

1

Maldito frio congelante. A respiração de Luke Findley paira no ar, quase sólida, na forma de um ninho de vespa congelado e destituído de oxigênio. Suas mãos estão pesadas sobre a direção; ele está grogue, acordou em cima da hora de fazer o percurso até o hospital para assumir o turno da noite. Os campos cobertos de neve dos dois lados da estrada são pinceladas fantasmagóricas de azul sob o luar; seus lábios azulados estão quase insensíveis pela hipotermia. A neve é tão espessa que encobre todos os vestígios de galhos espinhentos, que geralmente permeiam os campos e dão ao lugar uma falsa aparência de calma. Ele sempre se pergunta por que seus vizinhos continuam vivendo nesse ponto tão ao extremo norte do Maine; solitário e frígido, um lugar difícil para a agricultura. O inverno reina durante metade do ano, forma pilhas de neve nos parapeitos das janelas e solta lufadas de vento enregelantes sobre a plantação de batatas.

Vez ou outra alguém realmente congela e, como Luke é um dos poucos médicos da região, já presenciou a cena. Um bêbado (o que mais há em St. Andrew) pegou no sono sobre a neve e, pela manhã, havia se tornado um picolé humano. Um menino, patinando sobre o rio Allagash, caiu em um buraco que se abriu quando passou pela camada mais fina do gelo. Às vezes, o corpo é encontrado na metade do caminho para o Canadá, no encontro do rio Allagash com o rio St. John. Um caçador perde a visão por causa do reflexo da

neve e não consegue sair da Floresta Great North; seu corpo é encontrado sentado, recostado em um tronco, a espingarda sobre o colo, sem uso.

— *Aquilo não foi acidente, que nada!* — Joe Duchesne, o xerife, disse a Luke, desgostoso, quando o corpo do caçador foi levado ao hospital. — *O velho Ollie Ostergaard, ele queria mesmo morrer. Este foi o jeito dele de cometer suicídio.* — Mas Luke suspeita que, caso fosse verdade, Ostergaard teria atirado na própria cabeça. Hipotermia é um processo lento de morte, dá tempo suficiente para reconsiderar qualquer decisão.

Luke estaciona a caminhonete em um lugar vazio do estacionamento do Hospital Municipal de Aroostook, desliga o motor e promete a si mesmo, mais uma vez, que se mudará de St. Andrew. Ele só tem que vender a fazenda de seus pais e, então, se mudará, ainda que não saiba exatamente para onde. Suspira, tira as chaves da ignição e se dirige à entrada da sala de emergência.

A enfermeira de plantão o cumprimenta com a cabeça enquanto Luke entra tirando as luvas. Ele pendura a parca no pequeno vestiário dos médicos e volta para a recepção. Judy diz:

— Joe ligou. Está trazendo um prisioneiro, quer que você dê uma olhada nele. Vai chegar a qualquer minuto.

— Motorista de caminhão?

Quando há problema, geralmente envolve um dos motoristas das empresas madeireiras. São famosos por ficar bêbados e provocar brigas no Blue Moon.

— Não. — Judy está absorta em algo que está fazendo no computador. A luz do monitor reflete em seus óculos bifocais.

Luke limpa a garganta querendo chamar a atenção dela.

— Quem é, então? Alguém daqui? — Luke está cansado de costurar seus vizinhos. Parece que só os desajustados, bêbados e briguentos conseguiam tolerar aquela cidade miserável. Judy tira os olhos do monitor, cotovelo plantado no quadril.

— Não. Uma mulher. E também não é daqui.

Isso é incomum. Mulheres raramente são trazidas pela polícia, exceto quando são as vítimas. De vez em quando, uma esposa da cidade é trazida após uma briga com o marido ou, no verão, uma turista pode perder o controle no Blue Moon. Mas, nessa época do ano, não há nem sinal de turistas. Algo diferente para se esperar esta noite. Ele pega uma prancheta.

— *Ok. Que mais temos aqui?* — Luke ouve mais ou menos enquanto Judy lista a atividade do turno anterior. Ele volta para o vestiário para esperar pelo xerife. Tinha sido uma noite bem movimentada, mas, agora, dez da noite, está tranquilo. Não consegue aguentar outro relatório sobre o

casamento da filha de Judy, que está prestes a acontecer, um discurso interminável sobre o preço de vestidos de noiva, serviço de buffet e floristas.

— *Diga a ela pra fugir com o noivo*. — Luke disse uma vez para Judy, que o olhou como se ele tivesse declarado ser membro de uma organização terrorista.

— *O casamento é o dia mais importante da vida de uma jovem* — Judy respondeu em tom de zombaria. — *Você não tem umvanuromântico no seu corpo. Não é à toa que Tricia se divorciou de você*.

— *Tricia não se divorciou de mim; eu me divorciei dela*.

Ele parou de explicar, pois ninguém lhe dá atenção. Luke senta-se no sofá surrado do vestiário e tenta se distrair com um Sudoku. Mas não consegue e pensa no caminho para o hospital naquela noite, as casas pelas quais ele passara nas estradas desoladas, luzes solitárias queimando na noite. O que as pessoas fazem enfiadas em suas casas por tantas horas nas noites de inverno? Como médico da cidade, não há segredos que Luke não conheça. Ele sabe de todos os pecados: quem bate na esposa, quem tem a mão pesada com as crianças; quem bebe e termina batendo o caminhão num monte de neve; quem tem depressão crônica em razão de outro ano ruim na colheita, sem perspectiva no horizonte. As florestas de St. Andrew são escuras e cheias de segredos; lembram a Luke por que quer ir embora desta cidade: está

cansado de saber os segredos dos outros e de que eles conheçam os seus.

Além disso, tem outra coisa, algo em que, ultimamente, ele pensa assim que pisa no hospital. Não faz muito tempo que sua mãe morreu e ele se lembra vividamente de quando a removeram para a chamada eufemisticamente de “ala de recuperação”, para pacientes cujo fim está tão próximo que não vale a pena removê-los para o centro de reabilitação em Fort Kent. A função cardíaca caíra abaixo de 10% e ela lutava para respirar, a despeito da máscara de oxigênio. Ele sentou-se com ela aquela noite, sozinho, pois era tarde e os visitantes já tinham ido embora havia muito tempo. Quando ela tivera a última parada cardíaca, ele estava segurando a mão dela. Naquele momento, ela estava exausta e se mexeu só um pouquinho; então, o aperto de mão se afrouxou e ela se foi tão silenciosamente quanto um pôr do sol ao anoitecer. O alarme do monitor soou quase ao mesmo tempo em que a enfermeira de plantão entrava, mas Luke alcançou o botão do monitor e, sem pestanejar, fez sinal para a enfermeira sair. Tirou o estetoscópio do pescoço e verificou o pulso e a respiração. Ela havia partido.

A enfermeira de plantão perguntou se queria um minuto a sós e ele disse que sim. Passara a maior parte da semana na unidade de terapia intensiva com a mãe e parecia-lhe inconcebível simplesmente ir embora naquele momento. Então, sentou-se ao lado da cama e olhou para o nada, com certeza não olhou para o corpo, e tentou pensar nas providências a tomar. Ligar para os parentes; todos eram

fazendeiros que viviam na parte sul do condado... Ligar para o padre Lymon na igreja católica que Luke não frequentava... Escolher um caixão... Precisava pensar em tantos detalhes... Ele sabia o que precisava ser feito, pois passara por tudo isso apenas sete meses antes, quando seu pai morrera. Mas a ideia de passar por tudo aquilo de novo era desanimadora. Era em momentos como esse que sentia mais falta de sua ex-mulher. Era muito bom poder ter Tricia, uma enfermeira, em ocasiões tão difíceis. Ela não era do tipo sentimental; era prática até mesmo diante do sofrimento.

Esse não era o momento de desejar que as coisas fossem diferentes. Agora estava sozinho e teria que administrar. Ruborizou de vergonha, sabendo que sua mãe queria que ele e Tricia ficassem juntos; quantas reprimendas ouviu por tê-la deixado ir embora. Olhou para a mulher morta, viu um reflexo de culpa.

Os olhos dela estavam abertos. Há um minuto, estavam fechados. Sentiu seu peito apertar com esperança, mesmo sabendo que isso não significava nada. Somente um impulso elétrico percorrendo os nervos no momento em que as sinapses paravam de acontecer, como um carro pipocando quando a última fumaça de gasolina passa pelo motor. Ele esticou as mãos e fechou as pálpebras dela.

Elas se abriram naturalmente uma segunda vez, como se a mãe dele estivesse acordando. Luke quase pulou para trás, mas conseguiu controlar o medo. Não, medo não, surpresa. Em vez disso, inclinou-se, colocou o estetoscópio e o

pressionou sobre o peito dela. Silêncio, nenhum fluxo de sangue nas veias, nenhum vestígio de respiração. Tomou seu pulso. Sem pulso. Olhou para o relógio: já havia passado quinze minutos desde que declarara sua mãe morta. Abaixou a mão fria da mãe, incapaz de parar de observá-la. Jurava que ela estava olhando de volta, os olhos grudados nele.

E, então, a mão dela ergueu-se do lençol e o alcançou. Esticou-se em direção a ele, palma para cima, implorando para que ele a segurasse. Ele a segurou, chamou-a pelo nome, mas, assim que tocou sua mão, deixou-a cair. Estava fria e sem vida. Luke deu cinco passos para trás da cama, esfregando a mão na testa, imaginando se estava tendo alucinações. Quando se virou, os olhos dela estavam fechados e, o corpo, imóvel. Ele mal podia respirar, seu coração batia na garganta.

Levou três dias para ter coragem de falar sobre o que acontecera com outro médico. Escolhera o velho John Mueller, um clínico geral pragmático, conhecido por ajudar seu vizinho quando as vacas pariam os bezerros. Mueller olhou-o desconfiado, como se suspeitasse que Luke tivesse bebido.

— *Mexer os dedos das mãos e dos pés, sim, isso acontece* — ele dissera —, *mas quinze minutos depois? Movimento muscoloesqueletal*? — Mueller olhou para Luke novamente, como se o fato de estarem conversando sobre aquilo já fosse motivo de chacota. — *Você acha que viu porque queria ver. Não queria que ela tivesse morrido.*

Luke sabia que não era isso. Mas não tocaria nesse assunto de novo, pelo menos não entre médicos.

— *Além disso* — Mueller quisera saber —, *que diferença faz? O corpo pode ter mexido um pouco; acha que ela estava tentando dizer alguma coisa a você? Acredita naquela coisa de vida após a morte?*

Pensando nisso agora, quatros meses depois, Luke ainda sentia um leve calafrio percorrendo os braços de cima a baixo. Coloca o Sudoku na mesinha e passa os dedos pelos cabelos, tentando fazer a confusão ir embora com uma massagem. A porta que dá para o vestiário se abre numa fresta: é Judy.

— Joe está estacionando.

Luke sai sem a parca, para que o frio o acorde. Observa Duchesne estacionar perto do meio-fio em uma grande SUV pintada de branco e preto, uma insígnia do estado do Maine nas portas da frente e uma discreta barra luminosa grudada no teto. Luke conhece Duchesne desde garoto. Não estavam no mesmo ano escolar, mas o horário de algumas aulas coincidia na escola. Luke olhava para aquela cara parecida com um furão, de olhos pequenos e brilhantes e um nariz quase sinistro, por mais de vinte anos.

Com as mãos enfiadas debaixo das axilas, para aquecê-las, Luke observa Duchesne abrir a porta de trás e pegar o braço de uma prisioneira. Está curioso para ver a fora da lei. Talvez seja uma mulher grande, de modos masculinos, com

o rosto vermelho e lábios cortados. Então, fica surpreso ao ver que a mulher é pequena e jovem. Poderia se passar por uma adolescente. Esguia e de feições infantis, com um lindo rosto e uma vasta cabeleira loura encaracolada, cabelos de querubim.

Olhando para a mulher (garota?), Luke sente uma estranha fisgada, um formigamento atrás dos olhos. Seu pulso acelera, parece que a conhece. Não sabe o nome, mas sente algo muito mais intenso. O que é? Luke dá uma olhada com olhos semicerrados, estudando-a mais de perto. Será que já a viu em algum lugar antes? Não, ele percebe que está equivocado.

Enquanto Duchesne puxa a mulher pelo braço, as mãos amarradas com algemas de plástico, uma segunda viatura de polícia estaciona e um agente, Clay Henderson, sai e acompanha a prisioneira para dentro da sala de emergência. Enquanto passam, Luke vê que a camisa da prisioneira está encharcada, manchada de preto e exala um odor conhecido de ferro e sal, o cheiro de sangue.

Duchesne anda em direção a Luke, apontando com a cabeça para o casal.

— Encontramos ela desse jeito, caminhando pela estrada em direção a Fort Kent.

— Sem casaco? Sem casaco nesse frio? Não pode estar vagando há muito tempo.

— Sim. Escute, preciso que você me diga se ela está machucada ou se posso levá-la de volta à delegacia e prendê-la.

Até onde conhecia os agentes da lei, Luke sempre suspeitara que Duchesne fosse mão pesada; já vira muitos bêbados serem trazidos com galos na cabeça ou escoriações no rosto. Essa garota, ela é só uma criança, o que poderia ter feito?

— Por que ela vai ser presa? Por não usar casaco com um frio desse?

Duchesne, desacostumado a ser motivo de piada, lança um olhar cortante a Luke.

— Esta garota é uma assassina. Ela nos disse que matou um homem a facadas e deixou o corpo na floresta.

Luke faz todos os procedimentos para examinar a prisioneira, mas mal consegue pensar por causa da estranha pulsação em sua cabeça. Acende uma pequena lanterna nos olhos dela (são do azul mais claro que já viu, como duas pedras de gelo) para ver se as pupilas estão dilatadas. Sua pele é viscosa, sua pulsação, baixa, e a respiração, irregular.

— Ela está muito pálida — diz para Duschesne, enquanto se afastam da maca à qual a prisioneira fora amarrada pelos pulsos. — Isso significa que ela está cianótica. Está entrando em choque.

— Ela está machucada? — pergunta Duchesne, desconfiado.

— Não necessariamente. Ela pode estar em estado de trauma psicológico. Pode ser de uma briga. Talvez de lutar com esse homem que ela diz que matou. Como sabe que não foi autodefesa?

Duchesne, com as mãos na cintura, olha para a prisioneira na maca como se pudesse descobrir a verdade só de olhar para ela. Muda seu peso de um pé para o outro.

— Não sabemos de nada... ela não disse muita coisa. Pode me dizer se está ferida? Porque se ela não estiver, vou levá-la...

— Tenho que tirar a camisa, limpar o sangue...

— Ande logo. Não posso ficar aqui a noite toda. Deixei Boucher na floresta procurando pelo corpo.

Mesmo com a lua cheia, a floresta era escura e vasta, e Luke sabe que o agente Boucher tem poucas chances de encontrar, sozinho, um corpo. Luke pega na ponta de sua luva de látex.

— Então vá ajudar Boucher enquanto faço o exame...

— Não posso deixar a prisioneira aqui.

— Pelo amor de Deus! — Luke diz, balançando levemente a cabeça na direção da mulher. — Acho difícil ela me

dominar e fugir. Se está tão preocupado assim, diga para o Henderson ficar. — Os dois deram uma olhada rápida para Henderson. O agente grandalhão está encostado no balcão, virando as páginas de uma antiga *Sports Illustrated* deixada na sala de espera, um copo de café de máquina na mão. Ele parece um urso de desenho animado e é um bonachão obtuso. — Ele não será uma grande ajuda para você na floresta... Não vai acontecer nada. — Luke disse, impaciente, dando as costas para o xerife como se o assunto já estivesse encerrado. Ele sente o olhar de Duchesne em suas costas, e este não sabe se deve argumentar com Luke. E, então, o xerife se afasta, caminhando em direção às portas de correr.

— Fique aqui com a prisioneira! — ele grita para Henderson enquanto enfia na cabeça o chapéu pesado e revestido de pele. — Vou voltar para ajudar o Boucher. O idiota não é capaz de achar o próprio traseiro nem com um mapa.

Luke e a enfermeira vão cuidar da mulher amarrada à maca. Ele levanta um par de tesouras.

— Vou precisar cortar sua camisa — avisou-a.

— Pode cortar. Está destruída — ela diz com uma voz suave e um sotaque que Luke não consegue definir de onde é. A camisa é obviamente cara, o tipo de roupa que se vê em revistas de moda e que nunca veria alguém usando em St. Andrew.

— Você não é daqui, é? — Luke pergunta, um quebra-gelo para ela relaxar.

Ela estuda seu rosto, avaliando se pode ou não confiar nele, ou pelo menos é o que Luke imagina.

— Eu nasci aqui, na verdade. Há muito tempo.

Luke dá uma fungada.

— Talvez bastante tempo para você. Se tivesse nascido aqui, eu saberia. Vivo nessa região quase minha vida toda. Qual é o seu nome?

Ela não cai na armadilha.

— Você não me conhece — diz ela, sem rodeios.

Por alguns instantes, há somente o som do tecido molhado sendo cortado com dificuldade, a pontinha da tesoura se movimentando preguiçosamente pelo material encharcado. Feito isso, Luke se afasta para deixar Judy limpar a garota com gaze embebida em água morna. As manchas vermelhas de sangue se diluem, revelando um torso pálido e magro sem nenhum arranhão. A enfermeira deixa cair ruidosamente a bacia de metal com as gazes e sai apressadamente da sala de exame, como se soubesse, desde o início, que não encontrariam nada; mais uma vez, Luke tinha provado sua incompetência.

Ele desvia os olhos enquanto coloca uma folha de papel sobre o torso nu da garota.

— Teria dito que não estava ferida se tivesse perguntado — ela disse a Luke num sussurro.

— Mas não disse nada ao xerife! — Luke falou, alcançando um banquinho.

— Não. Mas teria dito a *você*. — Acenou com a cabeça para o médico. — Tem um cigarro? Estou morrendo de vontade de fumar.

— Me desculpe, não tenho. Eu não fumo — Luke respondeu.

A garota olha para ele, aqueles olhos azuis mapeando seu rosto.

— Você parou um tempo atrás, mas começou de novo. Não tiro sua razão, dado tudo pelo que passou ultimamente. Mas tem dois cigarros no seu jaleco, se não estou enganada.

Ele enfia a mão no bolso, por instinto, e sente o toque de papel dos cigarros bem onde os havia deixado. Foi só um golpe de sorte ou ela realmente os viu em seu bolso?

E o que ela queria dizer com "*tudo pelo que passou ultimamente*"? Ela está fingindo ler a mente dele, tentando entrar em sua cabeça como faria uma garota esperta que está em apuros. A verdade é que seus problemas estavam estampados em sua cara ultimamente. Ele ainda não encontrara uma maneira de consertar sua vida; seus problemas estavam

todos interligados. Não sabia nem por onde começar a resolvê-los.

— É proibido fumar no prédio e, caso tenha esquecido, você está amarrada numa maca. — Luke aperta a ponteira da caneta e pega uma prancheta. — Estamos com falta de pessoal hoje, então terei que pegar algumas informações sobre você para os arquivos do hospital. Nome?

Ela observa a prancheta, hesitante.

— Prefiro não dizer.

— Por quê? É uma fugitiva? É por isso que não quer me falar o seu nome? — Ele a estuda: ela está tensa, cautelosa, mas controlada. Ele já estivera com pacientes envolvidos em mortes acidentais e, geralmente, ficavam histéricos: chorando, tremendo, gritando. Essa jovem mulher está tremendo levemente embaixo da folha de papel e mexe as pernas nervosamente, mas, pelo seu rosto, Luke pode afirmar que ela está em choque.

Da mesma forma, ele sente que ela está baixando a guarda; sente uma química entre os dois, como se ela quisesse que ele perguntasse sobre o fato terrível que acontecera na floresta.

— Quer me contar o que aconteceu esta noite? — ele diz, rolando o banquinho para mais perto da maca. — Você estava viajando de carona? Talvez tenha pegado carona com

alguém, o homem da floresta... Ele atacou você, você se defendeu?

Ela suspira e pressiona a cabeça no travesseiro, olhando para o teto.

— Não foi nada disso. Nós nos conhecíamos. Viemos juntos para a cidade. Ele — ela para, gaguejando —, ele me pediu para ajudá-lo a morrer.

— Eutanásia? Ele estava morrendo? Câncer? — Luke fica desconfiado. Quem quer se matar geralmente escolhe algo silencioso e certeiro: veneno, pílulas, um motor de carro ligado na garagem fechada ou gás escapando do forno. Não pede para ser esfaqueado até a morte. Se esse amigo realmente quisesse morrer, poderia simplesmente ter ficado sentado sob as estrelas a noite toda, até congelar. Ele olha para a mulher, tremendo debaixo da folha de papel.

— Deixe-me pegar um avental do hospital e um cobertor. Você deve estar com frio.

— Obrigada — ela responde, baixando o olhar.

Ele volta com um avental de flanela desbotado de tanto lavar, cor-de-rosa, e um cobertor azul de acrílico, cheio de bolinhas, azul-bebê. Cores de maternidade. Ele olha para as mãos dela, presas à maca com amarras de plástico.

— Venha, vamos fazer uma mão de cada vez — Luke diz, desfazendo a amarra da mão mais próxima ao aparador

onde os instrumentos de exames são colocados: pinças médicas, tesouras sujas de sangue, bisturi.

Como um azougue, ela agarra o bisturi, sua mão fina se fechando em volta dele. Ela aponta o bisturi para ele, olhos arregalados, narinas vermelhas e abertas.

— Vá com calma — pede Luke, levantando-se do banquinho e indo para trás, para fora do alcance do braço dela. — Tem um agente bem ali no corredor. Se eu o chamar, está tudo terminado, entende? Você não pode atingir nós dois com essa faquinha. Então, por que não coloca de lado o bisturi...

— Não o chame — pediu, mas o braço continuava esticado. — Preciso que você me escute.

— Estou escutando. — A maca está entre Luke e a porta. Ela consegue liberar a outra mão enquanto ele atravessa a sala.

— Preciso de sua ajuda. Não posso deixar que ele me prenda. Você tem que me ajudar a fugir.

— Fugir? — De repente, Luke não está preocupado que a mulher com o bisturi possa machucá-lo. Está com vergonha por ter baixado a guarda, permitindo que ela controlasse a situação. — Você está maluca? Não vou ajudar você a fugir.

— Escute...

— Você matou alguém esta noite. Você mesma disse isso.

— Não foi assassinato. Ele queria morrer, já falei a você.

— E ele quis morrer em St. Andrew, pois ele também cresceu aqui?

— Sim — ela confirmou, um pouco aliviada.

— Então me diga quem ele é. Talvez eu o conheça...

Ela balança a cabeça.

— Já falei, você não nos conhece. Ninguém daqui nos conhece.

— Não tenha tanta certeza. Talvez alguns de seus parentes... — A obstinação de Luke vem à tona quando ele está zangado.

— Minha família não vive em St. Andrew há muito, muito tempo — ela soa cansada. Então, fala secamente: — Você acha que me conhece, não é? Ok, meu nome é McIlvrae. Conhece este nome? E o homem na floresta? O nome dele é St. Andrew.

— St. Andrew, como a cidade? — Luke pergunta.

— Exatamente, como a cidade — ela responde, quase irritada.

Luke sente um borbulhar esquisito atrás de seus olhos. Não exatamente um reconhecimento... onde ele já viu este nome “McIlvrae”? Sabe que já viu ou ouviu em algum lugar, mas não se lembra de jeito nenhum.

— Não existe um St. Andrew nesta cidade há, humm, pelo menos cem anos — diz Luke, trivialmente, atormentado por ser repreendido por uma garota fingindo ter nascido ali, mentindo sobre um fato sem a menor importância e que não lhe fará nenhum bem. — Desde a Guerra Civil. Ou, pelo menos, é isso que me disseram.

Ela aponta o bisturi para ele para chamar a atenção.

— Veja bem, não que eu seja perigosa, mas, se você me ajudar a fugir, não vou machucar mais ninguém. — Ela fala como se fosse ele quem não tivesse razão. — Deixa eu mostrar uma coisa para você.

Então, sem avisar, ela aponta o bisturi para si e faz um corte no peito. Uma linha larga e comprida, que vem do seio esquerdo e percorre toda a área da costela embaixo de seu seio direito. Luke fica petrificado enquanto uma linha vermelha surge em sua pele branca. O sangue jorra do corte, os tecidos carnudos avermelhados começam a sair pela abertura.

— Oh, meu Deus! — ele diz. “Que diabos há de errado com essa garota?! Será que ela é louca? Será que tem algum tipo de desejo de morte?” — Ele começa a caminhar em direção à maca.

— Fique longe! — ela grita, golpeando com o bisturi na direção dele novamente. — Só olhe. Preste atenção!

Ela empina o torso, braços abertos, como se quisesse oferecer-lhe uma visão melhor, mas Luke consegue enxergar bem, apenas não consegue acreditar no que está vendo. Os dois lados do corte estão deslizando um em direção ao outro, como o rebento de uma planta, juntando-se, entrelaçando-se. O corte para de sangrar e começa a cicatrizar. Durante todo o processo, a garota respirava com dificuldade, mas não demonstrava nenhum sinal de dor.

Luke não tem certeza se seus pés estão no chão. Está assistindo ao impossível, ao impossível! O que deve pensar? Tinha enlouquecido ou estava sonhando? Estava dormindo no sofá do vestiário dos médicos? O que quer que tenha visto, sua mente se recusa a aceitar e começa a bloquear.

— Que diabos... — ele diz quase num sussurro. Volta a respirar, ofegante, seu rosto vermelho. Sente que vai vomitar.

— Não chame o policial. Eu explicarei tudo a você, juro, só não grite para pedir ajuda, ok?

Enquanto Luke tenta se equilibrar sobre as pernas, percebe que a Emergência está totalmente quieta. Será que tem alguém para ouvi-lo caso decida gritar? Onde está Judy, onde está o agente? É como se a bruxa da Bela Adormecida tivesse entrado no pavilhão e jogado um feitiço, colocando todos para dormir. Do lado de fora da sala de exames está

escuro, as luzes fracas, como de costume, para o turno da noite. Os barulhos habituais (a risada vinda de um programa de TV no fundo do corredor e o tilintar metálico de dentro da máquina de refrigerante) tinham sumido. Não há o zunido da enceradeira trabalhando sem parar pelos corredores vazios. É só Luke, sua paciente e o barulho abafado do vento batendo na lateral do hospital, tentando entrar.

— O que foi isso? Como fez isso? — perguntou Luke, incapaz de disfarçar o horror em sua voz. Ele desliza de novo sobre o banquinho para evitar despencar no chão. — *O que* você é?

A última pergunta parece atingi-la como um soco no estômago. Ela deixa a cabeça cair, os cachos enrolados e sedosos cobrindo o rosto.

— Isso, bem, isso é algo que não posso lhe contar. Não sei mais o que eu sou. Não faço ideia.

Isso é impossível! Coisas desse tipo não acontecem. Não há explicação... O que ela é: um mutante? Feita de material sintético? Um monstro?

E, ainda sim, ela parece normal, pensa o médico, à medida que seu batimento cardíaco se acelera novamente e o sangue lateja em seus ouvidos. O chão de linóleo começa a se mexer sob seus pés.

— Nós voltamos aqui, ele e eu, porque sentimos falta do lugar. Sabíamos que tudo estaria diferente, que todos já

teriam morrido, mas tínhamos saudade do que tivemos antes — relatou a jovem com melancolia, olhando além do médico, falando para ninguém em particular.

A sensação que teve assim que a vira esta noite, o formigamento, o borbulho, arcos entre eles, finos e elétricos. Ele precisa *saber*.

— Ok — ele diz, tremendo, mãos sobre os joelhos. — Isso é loucura, mas vá em frente. Estou ouvindo.

Ela respira profundamente e fecha os olhos por um momento, como se estivesse se preparando para mergulhar. E, então, começa a falar.

2

TERRITÓRIO DO MAINE, 1809

Começarei pelo princípio de tudo, pois é a parte que faz sentido para mim e que gravei em minha memória, temerosa de perdê-la ao longo de minha jornada, no desenrolar infinito do tempo.

Minha primeira lembrança vívida e clara de Jonathan St. Andrew é numa ensolarada manhã de domingo na igreja. Ele sentava-se no fundo, nos lugares reservados à sua família, em frente do salão da congregação. Na época, tinha 14 anos e já era tão alto quanto qualquer outro homem na vila. Quase tão alto quanto seu pai, Charles, o homem que fundara nosso pequeno povoado. Charles St. Andrew fora um charmoso capitão do exército, ouvi dizer, mas, nessa época, já era de meia-idade e tinha a barriga mole dos aristocratas.

Jonathan não estava prestando atenção na cerimônia, mas provavelmente poucos de nós ali presentes estávamos. O culto de domingo podia durar quatro horas (até oito, se o pastor se considerasse um exímio orador), então, quem poderia honestamente dizer que ficava atento a cada palavra do pastor? Talvez a mãe de Jonathan, Ruth, que sentava ao lado dele. Ela vinha de uma linha de teólogos de Boston e daria um bom sermão no pastor Gilbert se sentisse que a pregação

não tivesse sido suficientemente rigorosa. Almas estavam em perigo e, sem dúvida, ela achava que as almas nessa cidade isolada, que ficava no meio do nada, distante das influências civilizadas, estavam particularmente em risco. No entanto, Gilbert não era fanático e quatro horas era geralmente o seu limite; assim, sabíamos que logo seríamos dispensados para a glória de uma tarde maravilhosa.

Observar Jonathan era o passatempo favorito das garotas do povoado, mas, naquele domingo em particular, era Jonathan quem observava: ele não disfarçava seu olhar para Tenebraes Poirier. Seu olhar de contemplação não se desviou dela por bons dez minutos, os olhos marotos fixos no rosto encantador de Tenebraes e em seu pescoço de cisne, porém, principalmente em seus seios, que pressionavam o fino algodão de seu corpete cada vez que respirava. Aparentemente ele não se importava que Tenebraes fosse muitos anos mais velha do que ele e que estivesse prometida a Matthew Comstock desde que tinha 6 anos.

Aquilo era amor? Fiquei me perguntando enquanto o observava do alto da frisa, onde meu pai e eu sentávamos com as outras famílias pobres. Aquele domingo só éramos meu pai e eu, o restante da família estava na igreja católica do outro lado da cidade, praticando a fé de minha mãe, que veio de uma colônia acadiana a nordeste. Com minha bochecha encostada no antebraço, observei Jonathan intensamente, como só uma garota apaixonada poderia fazer. A certa altura, Jonathan parecia não se sentir bem, engolindo com dificuldade e finalmente virando as costas para Tenebraes, que

não se dava conta do efeito que causava no filho favorito da cidade.

Se Jonathan estivesse apaixonado por Tenebraes, a solução seria me atirar do mezanino da congregação na frente de todos. Pois eu sabia, aos 12 anos, com absoluta clareza, que amava Jonathan com todo o meu coração e que, se não pudesse passar minha vida com ele, preferiria morrer. Sentei-me ao lado de meu pai até o final da cerimônia, o coração martelando em minha garganta, lágrimas se formando no fundo dos olhos, apesar de ter dito a mim mesma que era uma tola por me deixar levar por algo que não fazia sentido.

Quando a cerimônia terminou, meu pai, Kieran, pegou minha mão e me levou escada abaixo para nos reunirmos com nossos vizinhos no gramado comunitário. Este era o prêmio por ter ficado até o final da cerimônia: a oportunidade de conversar com nossos vizinhos, relaxar um pouco depois de seis dias de trabalho árduo e tedioso. Para alguns, era o único contato com pessoas fora da família em toda a semana, a única chance de ouvir as últimas novidades e falatórios. Fiquei atrás de meu pai enquanto ele conversava com dois de nossos vizinhos, espiando por trás dele e tentando encontrar Jonathan, torcendo para que ele não estivesse com Tenebraes. Ele estava em pé atrás de seus pais, sozinho, com o olhar fixo às costas deles. Claramente queria ir embora, mas era melhor ter desejado que nevasse em julho: a socialização depois do culto durava pelo menos uma hora, até mais se o tempo estivesse agradável como estava aquele dia, e os fiéis praticamente tinham que ser

carregados. O pai dele tinha dupla incumbência, pois havia muitos homens que viam os domingos como uma oportunidade de falar com o proprietário das terras ou de aumentar sua fortuna de alguma forma. Pobre Charles St. Andrew! Não percebi, até muitos anos depois, o fardo que tinha que carregar.

Onde encontrei coragem para fazer o que fiz em seguida? Talvez fosse o desespero e a determinação de não perder Jonathan para Tenebraes que me levaram a me afastar de meu pai. Assim que tive certeza de que ele não notara minha ausência, atravessei o gramado apressadamente em direção a Jonathan, entrecortando os grupos de adultos que conversavam. Eu era miudinha naquela idade e as saias volumosas das senhoras facilmente me escondiam dos olhos dos pais, até que encontrei Jonathan.

— Jonathan. Jonathan St. Andrew — eu disse, mas a minha voz saiu como um grunhido.

Aqueles lindos olhos negros olharam para mim e só para mim pela primeira vez; meu coração teve um sobressalto.

— Sim? O que você quer?

O que eu queria? Agora que tinha a atenção dele, não fazia ideia do que dizer.

— Você é uma das McIlvrae, não é? — Jonathan perguntou, desconfiado. — Nevin é seu irmão.

Enrubesci quando me lembrei do incidente. Por que não pensei sobre isso antes de ir falar com ele? Na primavera anterior, Nevin tinha feito uma emboscada para Jonathan do lado de fora do armazém e tirara sangue do nariz dele antes que os adultos os separassem. Nevin tinha um ódio mortal de Jonathan por razões desconhecidas de todos, exceto do próprio Nevin. Meu pai pedira desculpas a Charles St. Andrew pelo que foi considerado nada além de uma briga de garotos, destituída de qualquer maldade. O que nenhum dos pais sabia era que Nevin, sem sombra de dúvida, mataria Jonathan se tivesse uma oportunidade.

— O que você quer? É um dos truques de Nevin?

Olhei para ele, atônita.

— Eu, eu gostaria de lhe perguntar uma coisa. — Mas não conseguia falar na presença de todos aqueles adultos. Era só uma questão de tempo para que os pais de Jonathan percebessem que havia uma garota no meio deles e se perguntariam que diabos a filha mais velha de Kieran McIlvrae estava fazendo e se, de fato, os filhos dos McIlvrae cultivavam alguma estranha obsessão em relação a seu filho.

Segurei a mão dele entre as minhas mãos.

— Venha comigo! — Eu o guiei pela multidão, de volta ao vestíbulo vazio da igreja e, por razões que nunca saberei, ele me obedeceu. Estranhamente, ninguém percebeu nossa saída, ninguém gritou para nos impedir de sairmos juntos, sozinhos. Ninguém saiu para nos acompanhar. Foi como se o

destino também tivesse conspirado para que Jonathan e eu tivéssemos nosso primeiro momento juntos.

Fomos até a chapelaria, com seu piso de pedra frio e sua alcova escura. O som das vozes parecia longínquo, somente murmúrios e pedaços entrecortados de conversa vindos do gramado. Jonathan ficou incomodado, confuso.

— Então, o que gostaria de me dizer? — ele perguntou, com um toque de impaciência na voz.

Tinha intenção de lhe perguntar sobre Tenebraes. Queria perguntar sobre todas as garotas do vilarejo, aquelas que lhe interessavam e se tinha sido prometido para alguma delas. Mas não consegui; essas perguntas ficaram engasgadas na minha garganta e me levaram à beira das lágrimas.

Assim, em desespero, inclinei-me para a frente e pressionei meus lábios contra os dele. Podia notar que ele estava surpreso, pelo jeito que se esquivou, vagarosamente, antes de retomar o controle. E, então, fez algo inesperado: beijou de volta. Ele inclinou-se sobre mim, buscando meus lábios e respirando em minha boca. Foi um beijo forte, faminto e desajeitado, e muito mais do que eu esperava. Antes que eu tivesse a chance de ficar assustada, ele me encostou na parede, sua boca ainda sobre a minha, e se pressionou contra mim até eu tocar no lugar secreto escondido debaixo da parte da frente de suas calças e embaixo do tecido de sua jaqueta. Ele deixou escapar um gemido, a primeira vez que eu ouvi um gemido de prazer vindo de outra pessoa. Sem

nenhuma palavra, ele pegou minha mão e trouxe para a frente de sua calça, e o senti estremecer enquanto soltava outro gemido.

Tirei minha mão, que formigava, ainda sentindo a excitação dele.

Ele ofegava, tentando recuperar o controle, confuso por eu ter me desvencilhado dele.

— Não era isso que você queria? — ele perguntou, estudando meu rosto, um pouco mais do que preocupado. — Foi você quem me beijou.

— Eu queria... — As palavras se atropelavam. — Queria perguntar... Tenebraes...

— Tenebraes? — Ele deu um passo para trás, alisando a frente do casaco. — O que tem Tenebraes? Que diferença... — Ele recapitulou e talvez tenha percebido que fora observado na igreja. Balançou a cabeça, como que colocando de lado a própria ideia de Tenebraes Poirier. — E qual é o seu nome? Qual das irmãs McIlvrae você é?

Não poderia culpá-lo por não ter certeza: nós éramos três irmãs.

— Lanore — respondi.

— Não é um nome muito bonito, é? — ele disse, sem perceber que cada palavrinha poderia ferir o coração de uma

jovem. — Vou chamar você de Lanny, se não se importa. Então, Lanny, sabe que é uma garota muito travessa. — Havia um tom de brincadeira em sua voz, suficiente para saber que ele não estava seriamente zangado comigo. — Ninguém nunca lhe falou que não deveria provocar um garoto desse jeito, especialmente aqueles que você não conhece?

— Mas eu conheço você. Todo mundo conhece você — eu disse, um pouco preocupada que ele pudesse me achar frívola. Ele era o filho mais velho do homem mais rico da cidade, o proprietário da madeireira ao redor da qual o vilarejo inteiro vivia; obviamente todos sabiam quem ele era. — E... e acho que amo você. Um dia serei sua esposa.

Jonathan levantou uma sobrancelha cinicamente.

— Saber meu nome é uma coisa, mas como pode saber se me ama? Como pode entregar seu coração a mim? Você nem me conhece, Lanny, mas, ainda assim, já declarou ser minha. — Ele ajeitou a jaqueta mais uma vez. — Devíamos voltar lá para fora antes que alguém venha nos procurar. Seria melhor não sermos vistos juntos, você não acha? Você deve ir primeiro.

Fiquei lá parada por um segundo, chocada. Estava confusa, ainda possuída pelo rastro fantástico de seu desejo, seu beijo e a memória de sua excitação na palma de minha mão. De qualquer forma, ele entendera errado: não tinha me oferecido a ele. Tinha declarado que ele me pertencia.

— Está bem — eu disse, e a decepção deve ter sido evidente em minha voz, pois Jonathan me deu seu sorriso mais belo.

— Não se preocupe, Lanny! Tem o próximo domingo; nós nos veremos depois do culto, prometo. Quem sabe eu a convenço a me dar outro beijo?

Será que preciso lhe contar sobre Jonathan, o meu Jonathan, para que então compreenda como eu podia ter tanta certeza de minha devoção? Ele era o primogênito de Charles e Ruth St. Andrew, e eles estavam tão emocionados por ter um filho que lhe deram um nome assim que nasceu, batizaram-no em um mês e o adoraram de modo irresponsável numa época em que a maioria dos pais só dava nomes às crianças depois de elas terem vivido por algum tempo e provado que tinham chance de sobrevivência. O pai deu uma grande festa enquanto Ruth ainda se recuperava na cama: todas as pessoas da cidade vieram para o ponche de rum e chá com açúcar, bolo de ameixa e biscoitos de melaço. Contrataram um violonista acadiano, deram tantas risadas e tocaram tanta música tão perto do nascimento do garoto, que parecia que o pai estava provocando o demônio: “Tenta aparecer por aqui e levar o meu garoto! Tente e veja o que terá!”.

Era evidente, desde a mais tenra idade, que Jonathan era incomum: ele era excepcionalmente inteligente, excepcionalmente forte, excepcionalmente saudável e, acima de tudo, excepcionalmente belo. As mulheres sentavam embevecidas ao lado do berço, implorando para carregá-lo, e fingiam que aquele pacotinho bem-feito de cachinhos pretos e delicados era delas. Mesmo os homens e os lenhadores mais durões, que trabalhavam para St. Andrew na operação da madeireira, ficavam estranhamente dóceis quando estavam perto do bebê.

Quando Jonathan completou 12 anos, não havia como negar que havia alguma coisa sobrenatural nele, e parecia óbvio atribuir isso a sua beleza. Ele era uma maravilha; a perfeição. Não era algo que se pudesse dizer sobre muita gente naquela época, quando as pessoas eram desfiguradas por um número variado de causas: sarampo ou acidente; queimadura na fornalha; magreza por desnutrição; desdentadas aos 30 anos; tortas por causa de algum osso consertado de forma errada; com cicatrizes; paralíticas; sarnentas por falta de higiene; com partes do corpo amputadas por causa do frio da floresta. Mas não havia uma só marca de desfiguração em Jonathan. Ele se tornara alto, ereto e de ombros largos, tão majestoso quanto as árvores de sua propriedade. Sua pele tinha um tom creme; seus cabelos eram negros, lisos e tão brilhantes quanto as asas da graúna; seus olhos eram escuros e profundos, como os remotos recessos do Allagash. Ele era simplesmente lindo.

Seria uma bênção ou uma maldição ter um garoto como Jonathan vivendo entre nós? Pobre de nós, garotas, eu digo; pense no efeito que um garoto como Jonathan tem nas meninas de um pequeno vilarejo, em uma cidadezinha tão limitada que há poucas outras distrações e onde é impossível evitar o contato com ele. Ele era uma tentação constante. Sempre havia a chance de vê-lo saindo do armazém ou enquanto atravessava o campo aparentemente numa caminhada, mas, na verdade, ele era enviado pelo demônio para enfraquecer nossas forças. Ele nem precisava estar presente para dominar nosso pensamento: quando nos sentávamos com as irmãs ou amigas para bordar, pelo menos uma delas comentaria sobre um vislumbre de Jonathan e, então, ele se tornaria o assunto da reunião. Talvez tivéssemos culpa pelo próprio encantamento, por não conseguirmos controlar a obsessão por ele, nem em encontros ocasionais (“ele falou com você”, as garotas queriam saber: “o que ele disse?”) ou numa visão de relance pela cidade, quando até mesmo o detalhe mais insignificante, como a cor do casaco dele, era discutido. Mas, no fundo, o que todas nós realmente pensávamos era: “Bem que ele podia olhar para mim com um olhar impertinente ou levantar o canto da boca enquanto pensava...”; “Eu morreria para estar em seus braços pelo menos uma vez na vida”. E não eram só as moças que se sentiam assim em relação a ele; ele fazia os homens do vilarejo parecerem velhos, toscos, gordos ou magricelas e as esposas dedicadas olhavam Jonathan com outros olhos, com olhares febris, bochechas avermelhadas, lábios mordidos e, num rápido suspiro, a eterna esperança.

Também havia a atração de um leve perigo, de querer tocá-lo da maneira que uma voz ensandecida dentro da mente manda tocar um ferro quente. Você sabe que vai se machucar, mas não resiste. Tem que passar pela experiência. Ignora o que virá depois, a dor insuportável da carne ressequida, a fisgada brusca da queimadura toda vez que se toca na ferida. A cicatriz que irá carregar pelo resto da vida. A cicatriz que marcará seu coração, que, acostumado a amar, nunca mais será enganado da mesma maneira.

Com relação a isso, eu não só era invejada como ridicularizada: invejada por todo o tempo que passei na presença de Jonathan e ridicularizada porque deixei bem claro que não havia nenhum tipo de romance entre nós. Isso se confirmava aos olhos das outras garotas, que julgavam me faltar a necessária audácia feminina para conquistar o interesse de um homem. Mas eu não era diferente delas. Sabia que Jonathan tinha a capacidade de me afetar com sua atenção, como colocar fogo em papel. Uma garota poderia ser destruída num instante de amor divino. A questão era: valia a pena?

Poderia me perguntar se eu amava Jonathan por sua beleza e eu responderia: essa é uma pergunta irrelevante, pois sua grande e rara beleza era uma parte inseparável do todo. Conferia a ele uma confiança silenciosa, que alguns chamavam de arrogante superioridade, e um jeito fácil e sedutor com o sexo frágil. E, se a princípio sua beleza tomou conta de meus olhos, não me desculparei por isso; nem me desculparei pelo desejo de considerá-lo meu. Contemplar essa beleza é desejar possuí-la; é o desejo que move cada

colecionador. E eu não estava sozinha. Quase toda pessoa que conheceu Jonathan tentou possuí-lo. Esta era sua maldição, e a maldição de todos aqueles que o amaram. No entanto, era como estar apaixonado pelo Sol: brilhante e inebriante quando perto, mas impossível de mantê-lo só para si. De nada adiantava amá-lo e, do mesmo modo, de nada adiantava não amá-lo.

Assim, fui enfeitiçada pela maldição de Jonathan, tomada por essa terrível atração, e ambos fomos destinados a sofrer por isso.

3

Cresceu uma grande amizade entre nós, Jonathan e eu, durante a infância. Nós nos encontrávamos depois das cerimônias aos domingos e em eventos sociais, como casamentos ou até funerais, ou quebrávamos totalmente as regras e caminhávamos para dentro da floresta para podermos concentrar nossa atenção um no outro. Cabeças balançavam em sinal de desaprovação e, sem dúvida, muitas línguas se rendiam às fofocas, mas nossas famílias nada fizeram para impedir nossa amizade ou, pelo menos, não fui informada disso.

Foi nessa época que percebi o quanto Jonathan era mais solitário do que eu imaginava. Os outros meninos procuravam a companhia dele muito menos do que eu pensava e, da parte de Jonathan, quando um grupo chegava perto de nós nos eventos sociais, ele os debandava. Lembro-me de em uma ocasião, numa reunião da igreja durante a primavera, que Jonathan se desviou quando viu um grupo de garotos vindo em nossa direção. Não tinha ideia do que aquilo significava e, após alguns minutos de ansiosa contemplação, resolvi perguntar.

— Por que preferiu caminhar por aqui? — perguntei. — É porque tem vergonha de ser visto comigo?

Emitiu um som, zombando de mim.

— Não seja estúpida, Lanny! Posso ser visto com você agora. Qualquer um pode nos ver caminhando juntos.

Isso era mesmo verdade, e um alívio. Mas não podia deixar de saber a razão.

— Então é por que você não gosta deles, daqueles garotos?

— Não é que *não goste* deles — ele respondeu irritado.

— Então por que...

Ele me cortou.

— Por que está me questionando? Acredite no que estou dizendo. É diferente para os meninos, Lanny, e isso é tudo.

Ele começou a andar mais rápido e eu tive que erguer um pouco as saias para alcançar o passo dele. Ele não havia me explicado a que o maldito "diferente" se referia: o que era diferente para os garotos? Tentei imaginar. Quase tudo, até onde conseguia enxergar. Os meninos podiam ir para a escola, se a família tivesse condições de pagar as taxas de seus tutores, enquanto a escolaridade das meninas não passava daquilo que as mães conseguiam lhes ensinar: as artes domésticas da costura, limpeza e cozinha, talvez um pouco da leitura da Bíblia. Os meninos podiam lutar entre eles só para se divertir, correr e brincar de pega-pega sem o desconforto das saias compridas, andar a cavalo. É verdade que eles tinham tarefas mais difíceis e que precisavam aprender todo

tipo de coisa; uma vez, Jonathan me contou, seu pai o fez consertar a base do depósito de gelo, pedra e argamassa, só para que soubesse um pouco sobre marcenaria, mas, a meu ver, a vida de um garoto era muito mais livre. E aqui estava Jonathan reclamando disso.

— Queria ser um menino — murmurei, quase sem fôlego, tentando manter o ritmo dele.

— Não queria nada — respondeu sobre os ombros.

— Não vejo o que...

Ele virou-se para mim.

— E seu irmão, Nevin? Ele não gosta muito de mim, gosta? — Eu parei, atônita. Não, até onde me lembrava, Nevin não gostava, nem nunca gostou de Jonathan. Lembro-me da briga com Jonathan, de como Nevin voltou para casa manchado com uma casca de sangue seco em seu rosto, e do orgulho silencioso de meu pai.

— Por que acha que seu irmão me odeia? — ele quis saber.

— Não sei.

— Nunca dei motivo a ele, mas ele me odeia mesmo assim — Jonathan disse, esforçando-se para não trair a mágoa na voz. — É assim com todos os meninos. Eles me odeiam. Alguns adultos também. Sei disso, posso sentir. É por isso que tento evitá-los, Lanny. — Seu peito estava ofegante, cansado

de explicar tudo para mim. — Pronto, agora você sabe — ele disse e se apressou, e fiquei olhando para ele, surpresa.

Pensei a semana toda sobre o que ele dissera. Poderia ter conversado com Nevin sobre seu ódio por Jonathan, mas fazer isso seria retomar uma antiga briga entre nós. Ele não suportava que eu fosse amiga de Jonathan, obviamente, e eu já conhecia muito bem as razões. Meu irmão achava que Jonathan era presunçoso e arrogante, que se gabava de sua riqueza e que esperava, e recebia, tratamento especial. Eu conhecia Jonathan mais do que qualquer outra pessoa fora de seu círculo familiar, talvez até mais do que a própria família, de forma que sabia que tudo isso era mentira, exceto pelo último motivo, mas não era culpa de Jonathan se as outras pessoas o tratavam de maneira diferente. E, ainda que Nevin nunca admitisse, eu via em seus olhos de ódio o desejo de estragar a beleza de Jonathan, de deixar sua marca naquele rosto maravilhoso e derrotar o filho favorito da cidade. A seu modo, Nevin queria desafiar Deus, para corrigir uma injustiça que Ele deliberadamente tinha lhe feito: ser obrigado a viver sob a sombra de Jonathan, em todos os sentidos.

Foi por isso que Jonathan se afastou apressadamente de mim na reunião da igreja, pois tinha sido forçado a compartilhar sua vergonha comigo e talvez pensara que, uma vez que eu soubesse seu segredo, eu o abandonaria. Quanto nos apegamos a nossos medos durante a infância! Como se existisse qualquer tipo de força na terra ou no céu que pudesse me impedir de amar Jonathan! De fato, isso me fez enxergar

que ele também tinha seus inimigos e caluniadores; que ele também era julgado constantemente e que precisava de mim. Eu era a única amiga com quem ele era livre. E a recíproca era verdadeira: honestamente, Jonathan era a única pessoa que me tratava como se eu fosse importante. E ter a atenção do garoto mais desejado e mais importante do vilarejo não era pouca coisa para uma garota quase invisível entre seus pares. O que eu poderia fazer a não ser amá-lo, ainda que fosse só por isso?

E foi exatamente o que disse a Jonathan no domingo seguinte, quando fui até ele e coloquei meu braço embaixo do dele enquanto caminhava no final do gramado.

— Meu irmão é um idiota — foi tudo o que eu disse, e continuamos a caminhar juntos sem trocar nenhuma palavra.

Uma coisa da qual eu não me arrependi de dizer durante nossa conversa na reunião da igreja foi que eu gostaria de ter nascido um menino. Ainda acreditava nisso. Foi enfiado na minha cabeça, pelas coisas que meus pais faziam e pelas próprias regras sob as quais vivíamos, que meninas não valiam tanto quanto meninos e que nossa vida estava fadada a ser bem menos importante. Por exemplo, Nevin herdaria a fazenda de meu pai, mas se ele não tivesse o temperamento ou a vocação para a criação de gado, ele poderia ser aprendiz de ferreiro ou ser mandado para trabalhar como lenhador para os St. Andrew; ele tinha opções, apesar de limitadas. Como mulher, eu tinha poucas escolhas: casar e formar a própria família; ficar em casa e cuidar de meus pais;

trabalhar como serviçal na casa de alguém. Se, por algum motivo, Nevin recusasse a fazenda, meus pais, possivelmente, a dariam para o marido de uma das filhas, mas isso também dependeria da preferência dele. Um bom esposo levaria em consideração o desejo de sua esposa, mas nem todos o faziam.

A outra razão, a mais importante, em minha opinião, era que, se eu fosse um menino, seria muito mais fácil ser amigo de Jonathan. As coisas que poderíamos fazer juntos se eu não fosse uma garota! Poderíamos andar a cavalo e sair em busca de aventuras sem um acompanhante. Poderíamos passar muito tempo na companhia um do outro sem desagradar ninguém ou ser motivo de falatório. Nossa amizade seria tão comum que não seria alvo de investigação.

Em retrospecto, entendo agora que era uma época difícil para mim, ainda presa na adolescência, mas já tateando a maturidade. Havia coisas que queria de Jonathan, mas ainda não conseguia dar nomes a elas e tinha apenas o desajeitado modelo da infância como comparação. Eu era próxima a ele, mas queria ser ainda mais próxima, de uma maneira que não entendia. Via como ele olhava as meninas mais velhas e que ele se comportava de um modo diferente com elas, e pensei que fosse morrer de ciúme. Em parte, isso acontecia por causa da intensidade da atenção de Jonathan, seu grande charme. Quando ele estava com você, tinha um jeito de fazer você se sentir o centro do Universo. Seus olhos, aqueles olhos escuros sem-fim, olhavam para seu rosto e era como se ele estivesse lá para você e somente para você. Talvez isso

fosse uma ilusão, talvez fosse somente a alegria de tê-lo junto de si. De qualquer maneira, o resultado era sempre o mesmo: quando Jonathan não dava mais atenção, era como se o Sol se escondesse atrás de uma nuvem e um vento frio e cortante batesse nas costas. Tudo o que queria era que Jonathan voltasse, para ter sua atenção de novo.

E ele mudava a cada ano. Quando estava desatento, via aspectos dele que nunca tinha visto (ou percebido) antes. Ele podia ser cruel, particularmente quando notava que era observado por uma mulher. Exibia o comportamento grosseiro dos lenhadores que trabalhavam para seu pai, falava de maneira vulgar sobre as mulheres como se já estivesse familiarizado com todos os níveis possíveis de intimidade entre os sexos. Mais tarde soube que, aos 16 anos, ele fora seduzido e seguiu seduzindo outras mulheres; tornou-se um participante (comparativamente cedo na vida dele) dessa valsa secreta de amantes ilícitos existente em St. Andrew, um mundo escondido quando não se sabe onde procurar. Mas estes eram segredos que ele não tinha coragem de dividir comigo.

Tudo o que sei é que meu desejo por Jonathan crescia e, às vezes, tinha a sensação de que estava quase além de meu controle. Havia algo em seus olhos negros, ou em seu meio sorriso, ou no modo como acariciava propositadamente a manga de seda de uma jovem quando pensava que ninguém o estava observando, que me fazia querer que ele me olhasse e me acariciasse da mesma forma. Ou, quando pensava nas coisas indecorosas que o tinha ouvido dizer, queria que fosse

indecoroso comigo também. Compreendo agora que eu era uma jovenzinha solitária e confusa que implorava por intimidade e paixão física (apesar de isso ser um mistério para mim); sei disso agora, mas minha ignorância foi o caminho para minha desgraça. Estava louca para ser amada. Não posso colocar a culpa toda em Jonathan. Quantas vezes causamos nossa própria derrocada!

4

HOSPITAL DO CONDADO DE AROOSTOOK, HOJE

A fumaça rodopiava em dois pontos de luz dentro do consultório. Agora, as amarras dos pulsos estão soltas e a prisioneira senta-se com a maca ajustada na posição vertical, como uma cadeira, um cigarro queimando entre os dedos. Duas bitucas, queimadas até o filtro, estão amassadas no fundo de uma comadre sobre a maca entre eles. Luke se recosta na cadeira e tosse, a garganta raspando por causa da fumaça e a cabeça um tanto zonza, como se tivesse usado drogass a noite toda.

Ouve-se uma batida na porta e Luke fica em pé mais depressa do que um esquilo consegue subir numa árvore, pois sabe que essa é a batida obrigatória e de praxe que um funcionário do hospital dá antes de entrar. Ele bloqueia a porta com o corpo, deixando-a apenas entreaberta.

O olhar frio de Judy, distorcido pelas lentes dos óculos, analisa-o de cima a baixo.

— O necrotério ligou. O corpo acabou de chegar. Joe quer que você ligue para o médico-legista.

— Está tarde. Diga a Joe que não há necessidade de ligar para o legista agora. Certamente dá para esperar até amanhã.

A enfermeira cruza os braços.

— Ele também pediu para perguntar sobre a prisioneira. Ela está pronta para ir ou não?

Isso é um teste, ele percebe. Ele sempre se viu como uma pessoa honesta, mas ainda não está pronto para deixá-la ir.

— Não, ele ainda não pode levá-la.

Judy lhe lança um olhar tão duro, que parece atravessá-lo.

— Por que não? Ela não tem um arranhão sequer.

Rapidamente uma mentira lhe vem à cabeça.

— Ela ficou agitada. Tive que sedá-la. Preciso ter certeza de que não terá reações adversas ao sedativo. — A enfermeira suspira profundamente, como se já soubesse (não suspeita, mas *sabe*) que ele está fazendo alguma coisa horrorosa com o corpo inconsciente da garota. — Me deixe sozinho, Judy. Diga a Joe que ligarei para ele quando ela estabilizar. — Ele fecha a porta na cara dela.

Lanny empurra a cinza em volta da comadre com seu cigarro aceso, sem fazer contato visual com ele.

— Jonathan está aqui. Agora não precisa acreditar nas minhas palavras — ela diz, batendo a cinza dentro da comadre e indicando a porta com a cabeça. — Desça até o necrotério. Veja com seus próprios olhos.

Luke se mexe desconfortavelmente no banquinho.

— Então, há um homem morto no necrotério, o que prova que você realmente matou um homem esta noite.

— Não, há mais uma coisa. Deixa eu mostrar para você — ela diz, erguendo a manga do avental do hospital e revelando as linhas de um desenho pequeno na parte branca, do lado de dentro de seu antebraço. Ele se inclina para olhar mais de perto e vê que é uma tatuagem grosseira, feita em tinta preta: o contorno de um escudo heráldico com a figura de um réptil dentro. — Verá no braço de Jonathan, neste lugar...

— A mesma tatuagem?

— Não — ela responde, passando o dedo sobre a tatuagem. — Mas é do mesmo tamanho e foi feita pela mesma pessoa, então é parecida, como se tivesse sido feita com alfinetes mergulhados em tinta, e realmente foi. A dele são dois cometas circundando um em volta do outro, com as caudas estendidas.

— O que significam? Os cometas? — Luke pergunta.

— Gostaria muito de saber — ela responde, arrumando o avental e a roupa de cama. — Vá lá e olhe para Jonathan, e então me diga que não acredita em mim.

Depois de amarrá-la novamente de forma muito ineficaz, com amarras raramente usadas em pacientes rebeldes, Luke Findley se levanta do banquinho. Passa pelas portas de vaivém, olhando para todos os lados para se assegurar de que ninguém o veja sair. O hospital ainda está escuro e silencioso, somente com algum movimento nos distantes pontos de luz sobre o balcão das enfermeiras no fundo do corredor. Seus sapatos rangem no limpo piso de linóleo enquanto ele se apressa pela escadaria, em direção ao norte, pelo corredor do subsolo que leva até o necrotério.

Durante o percurso, seus nervos estão à flor da pele. Se alguém o intercepta e lhe pergunta o que está fazendo fora da sala de emergência, por que está indo ao necrotério, ele simplesmente dirá... Luke nunca foi um bom mentiroso. Ele vê a si mesmo como uma pessoa fundamentalmente honesta, seja lá o bem que isso lhe faça. Apesar de sua honestidade e do medo de ser pego, ele concordou com a estranha sugestão da prisioneira, porque está curioso para saber se o morto é o homem mais belo já colocado sobre esse planeta e qual é a aparência desse tal homem mais belo de todos.

Ele empurra a pesada porta do necrotério. Luke ouve música (o funcionário noturno do necrotério, um jovem chamado Marcus, gosta de ter o rádio sempre ligado), mas não vê ninguém. A escrivaninha mostra que há gente ali (a

luminária acesa, papéis espalhados, papel de chiclete, uma caneta sem tampa), mas nem sinal de Marcus.

O necrotério é pequeno, de acordo com as modestas necessidades da cidade. Há uma sala refrigerada para exames mais ao fundo, mas os corpos são guardados em quatro câmaras frias na parede próxima da entrada. Luke respira fundo e alcança um dos trincos, grande e pesado como os trincos dos caminhões antigos de comida congelada.

Na primeira câmara ele encontra o corpo de uma velha senhora, desconhecida para ele, o que significa que ela provavelmente veio de uma das cidades um pouco mais afastadas do condado. O corpo pequeno e compacto e os cabelos brancos o fazem pensar em sua mãe e, por um momento, ele é levado de volta à última conversa lúcida que tiveram. Ele havia se sentado ao lado de sua cama, na unidade de terapia intensiva, enquanto os olhos perdidos dela buscavam o filho, e suas mãos buscavam as dele, para se confortar.

— Sinto muito por fazê-lo voltar para casa para tomar conta de nós — ela lhe disse; sua mãe nunca se desculpava porque não se permitia fazer nada pelo que precisasse se desculpar. — Talvez tenhamos ficado na fazenda tempo demais. Mas seu pai, ele não desistia... — Ela se obrigou a parar, incapaz de ser desleal ao velho homem, tão teimoso a ponto de ter andado pesadamente até o estábulo para tirar leite das vacas na manhã do dia em que morreu. — Sinto muito pelo que isso causou à sua família... — Luke lembra-se

de tentar explicar que o casamento deles já estava desmoronando muito antes de retornar com a família para St. Andrew, mas sua mãe não queria saber de ouvir nada daquilo. — Você nunca quis ficar em St. Andrew, desde quando era pequeno. Não pode estar feliz aqui agora. Depois que eu morrer, não fique enfiado aqui. Vá embora e comece uma vida nova. — Ela começou a chorar e continuou segurando as mãos dele, ficando inconsciente poucas horas depois.

Leva um tempo para Luke reparar que a câmara ainda está aberta e que ele estava em pé havia tanto tempo que seu peito ficara gelado. É como se pudesse ouvir a voz da mãe em sua mente. Ele sente um arrepio e escorrega a bandeja para dentro da câmara; então, fica parado mais um minuto até lembrar por que tinha vindo ao necrotério.

Encontra um saco para cadáveres preto na segunda câmara e, com um grunhido de esforço, puxa a bandeja para fora. Abre o zíper até embaixo, emitindo o som de algo se rasgando, como o desgrudar de um velcro.

Luke afasta o saco e olha fixamente o corpo. Ele já viu muitas pessoas mortas ao longo dos anos, e a morte não faz nada para melhorar sua aparência. Dependendo da maneira como morreram, os mortos podem ficar inchados. Podem ter escoriações e descoloração, ou ficar pálidos e azulados. E há sempre a incontestável falta de vivacidade no semblante. O rosto deste homem está quase branco, como as manchas nas folhas escuras e molhadas; o cabelo negro está emplastrado na testa, os olhos, fechados. Não faz diferença. Luke poderia

ficar olhando para ele a noite toda. É maravilhoso, mesmo na morte. Ele é de tirar o fôlego, lindíssimo!

Luke está a prestes a empurrar a bandeja de volta quando se lembra da tatuagem. Primeiro olha por sobre o ombro, caso Marcus tenha voltado, e então se apressa, abrindo mais o zíper do saco e mexendo na roupa para conseguir ver o antebraço do morto. E lá está ela, exatamente como Lanny disse que seria: duas esferas interligadas com as caudas se cruzando em direções opostas, e os pontos se parecem em tamanho, na qualidade do trabalho manual e até no traço tremido da linha.

Refazendo seus passos pelos corredores vazios até a ala de emergência, Luke se debate com a confusão de seus pensamentos que são, na maior parte, perguntas. São como matéria e antimatéria, um anulando o outro, duas verdades que não podem coexistir. Ele sabe o que presenciou na sala de emergência quando viu a garota se cortar; seria impossível, mas aconteceu. Ele tocara no torso dela, antes e depois do corte, então sabe que não foi um truque. Mas o que viu não poderia ter acontecido, não da maneira como ele viu.

A não ser que ela esteja falando a verdade. E agora tem um homem lindo no necrotério, e as tatuagens... Ele tem a sensação de que precisa ouvi-la e deixar-se levar, para variar. Mas ele é teimoso, afinal é um homem da ciência; não está a ponto de jogar para o alto tudo o que sabe ser fato. De qualquer forma, está curioso para saber mais.

O médico passa correndo pela porta do consultório da sala de emergência, a energia e o nervosismo dentro do peito como vaga-lumes dentro de uma garrafa, para encontrar a prisioneira acomodada na maca, sob o brilho da fresta de luz e das partículas rodopiantes de fumaça. “Ela poderia ser um anjo excomungado”, Luke pensa, “as asas cortadas”.

Lanny olha avidamente para ele.

— Então, você o viu? Ele não era tudo o que eu disse que seria?

Luke concorda. Uma beleza assim é o próprio droga. Ele passa a mão pelo rosto, respira fundo.

— Então agora você compreende — Lanny disse solenemente. — E, se acredita em mim, Luke, me ajude. Me desamarre — ela pediu, curvando as costas e mostrando as amarras, seu rosto meigo e infantil virado para ele. — Preciso que você me ajude a fugir.

5

ST. ANDREW, 1811

Talvez tivesse sido melhor, tanto para mim quanto para Jonathan, se eu tivesse nascido homem. Preferia ter deixado nossa amizade continuar e, assim, sempre ter Jonathan. Teríamos passado nossa vida toda dentro dos limites de nosso pequeno vilarejo; nunca teria passado pelas dificuldades que passei, nunca teria sofrido esta provação colocada para nós dois.

Mas eu era uma menina e, por mais que desejasse, nada mudaria isso. À minha frente surgia a misteriosa transição de menina para mulher, tão assustadora quanto mágica. Quais exemplos deveria seguir? Minha mãe, Theresa, não conseguira me dar os tipos de conselho que eu buscava; ela era recatada e quieta demais para meu gosto; eu não queria ser como ela, queria mais. Queria casar com Jonathan, por exemplo, e não parecia que minha mãe pudesse me ensinar a ser o tipo de mulher que conquistaria Jonathan.

Parecia haver segredos que nem todas as mulheres podiam saber. Por sorte, havia uma mulher na cidade que os conhecia, uma mulher de quem todos falavam coisas, cujo nome trazia um sorriso ao rosto dos homens (se suas mulheres não estivessem por perto). Era uma mulher diferente

de todas no vilarejo e eu tinha que achar um jeito de fazê-la compartilhar esses segredos comigo.

Numa trilha da floresta, escondida à sombra da oficina do ferreiro, havia uma casinha. Se alguém conseguisse notá-la, acharia que era uma extensão da oficina ou um depósito de ferramentas do ferreiro, um lugar para guardar ferro-gusa. Era muito desmantelada e pequena para ser uma casa, mesmo assim, não parecia abandonada e o caminho até a porta da frente ficava cada vez mais batido. Com certeza não dava para mais de uma pessoa morar ali, e a lei vigente contra morar sozinho ainda prevalecia no apagar das luzes do século XIX, em nosso gélido vilarejo puritano (porque éramos puritanos, não tenha dúvida disso; os fundadores da cidade haviam crescido nos territórios de Massachusetts e estavam acostumados a misturar religião e governo). No entanto, neste ponto do extremo norte, que depois viria a ser o Maine, a única razão para a ordem de não viver sozinho era a necessidade: era impensável que uma pessoa sozinha conseguisse desempenhar todas as tarefas necessárias e sobrevivesse nesse ambiente hostil. No entanto, em uma cidade rigorosamente puritana, ninguém podia viver sozinho porque na solidão se pode pecar, fazer coisas que não são de Deus. A ordem contra viver sozinho permitia a vigilância dos vizinhos, mas os cidadãos de St. Andrew valorizavam a independência e resguardavam sua privacidade com unhas e dentes.

De fato, morava alguém naquela casinha, uma mulher que já passara da época de ter filhos, ainda bela, embora

envelhecida. Ela raramente saía, mas quando se aventurava nas ruas durante o dia, os moradores da cidade a olhavam com cautela. Os homens fingiam estar fazendo algo para que os olhos deles não se encontrassem com os dela, e as mulheres puxavam suas longas saias de lado. Alguns a encaravam diretamente.

Mas, à noite, era outra história. Na escuridão da noite, ela tinha visitantes regulares. Homens, um de cada vez, e, mais raramente, um casal, atravessavam rapidamente o caminho e batiam educadamente em sua porta. Se ninguém atendesse, o visitante sabia que tinha que se sentar no degrau e esperar, de costas para porta, fingindo não ouvir qualquer som que saísse de lá de dentro. Vez ou outra, os sons da casinha se tornavam conversas murmurantes, depois silêncio e, dentro de poucos minutos, a porta da frente se abria para o visitante que estava esperando.

Aqueles que sabiam de sua existência a chamavam de Magdalena. Era o nome que dera a si mesma quando chegara à cidade sete anos antes. Na época, ninguém questionou aquele nome estranho. Ela chegou com um pequeno grupo de viajantes do território franco-canadense e, quando eles seguiram viagem, ela ficou. Disse que era viúva e resolveu se mudar para o clima mais ameno do sul, isto é, se os moradores de St. Andrew permitissem que ela ficasse.

O ferreiro se ofereceu para transformar seu velho depósito em uma pequena casa e as boas mulheres do vilarejo a ajudaram a se acomodar, trazendo-lhe todas as coisas das

quais pudessem dispor: um banquinho bambo, um pouco de chá, um cobertor velho. Mandavam os maridos com lenha e gravetos para acender o fogo. Perguntavam o que faria para se manter: bordado, fiação, tear? Era parteira, treinada para curar e amamentar? E ela simplesmente sorria discretamente e abaixava o rosto, como se dissesse: “Eu? Que tipo de habilidades teria? Meu marido me tratava como uma boneca de porcelana. Como uma pobre viúva que não sabe fazer nada conseguirá sobreviver no mundo?”. As boas mulheres iam embora confusas, cacarejando e balançando a cabeça, sem saber o que dizer, exceto que Deus era o provedor de todos os seus filhos, inclusive desta mulher inocente que parecia acreditar que encontraria a caridade sem limites nesta cidade rude e solitária.

Como o futuro provou, ela realmente não precisou depender da caridade. Misteriosamente, o sustento aparecia em sua porta, espontaneamente. Uma barra de manteiga, um saco de batatas, um jarro de leite. A lenha se amontoava do lado de fora da porta dos fundos. E dinheiro. Ela era uma das poucas pessoas na cidade que tinha dinheiro vivo e contava-o no armazém quando comprava mantimentos. E que mantimentos curiosos: garrafas de gim, tabaco! Através da única janela da casinha, os vizinhos notavam uma lamparina acesa até tarde da noite. Será que ela ficava acordada a noite toda fumando tabaco e bebendo gim?

No final, foram os lenhadores que revelaram o segredo dela, os madeireiros que trabalhavam para Charles St. Andrew ano após ano e viviam longe de suas esposas.

Homens desse tipo conseguiam sentir o cheiro de mulheres como Magdalena do outro lado da cidade, até mesmo através do vale, se o vento certo soprasse e eles estivessem muito desesperados. Primeiro um, depois outro, até que cada um deles achava o caminho até a escadaria da casa de Magdalena assim que o sol se punha. Não que os lenhadores fossem os únicos clientes dela: afinal, eles pagavam em moedas, não com ovos nem presunto defumado. Mas, por causa dos lenhadores, sua reputação se espalhou pela cidade e a fúria se instalou entre as esposas virtuosas. Ainda assim, Magdalena não dizia nada. Não enquanto o sol brilhava. Nem mesmo quando foi humilhada pessoalmente por uma esposa indignada.

As esposas, junto com o pastor, organizaram um grupo para expulsá-la da cidade. A presença dela era o primeiro sinal de vida pecaminosa na cidade de St. Andrew, o tipo de coisa que os cidadãos queriam evitar. O pastor Gilbert foi até Charles St. Andrew, já que ele era o patrão dos lenhadores, os clientes que reclamariam abertamente.

Por mais que simpatizasse com o pedido do pastor, Charles observou que havia outro lado nos serviços prestados por Magdalena, ao qual a população não estava prestando atenção. Os lenhadores agiam de acordo com suas necessidades naturais, com as quais o pastor concordou rancorosamente, já que estavam separados de suas cônjuges legais por muitas milhas de distância. Sem os serviços de Magdalena, o que os lenhadores poderiam aprontar? A

presença dela tornava a cidade mais segura para as esposas e as filhas.

Assim, houve um armistício entre a prostituta e as cidadãs virtuosas, que durou longos sete anos. Em épocas difíceis e de doenças, ela contribuía como podia, quer gostassem ou não: cuidava dos doentes e dos moribundos, alimentava os viajantes necessitados, colocava moedas na caixa de doação da igreja quando ninguém estava por perto para vê-la entrar. Eu não conseguia parar de pensar que ela sentia um pouco de falta de uma companhia feminina, apesar de ela sempre se manter respeitosamente distante e nunca puxar conversa com as mulheres da cidade.

A situação de Magdalena era um mistério para muitas crianças. Nós víamos que nossas mães evitavam aquela figura enigmática. A maioria das crianças mais novas acreditava que ela fosse uma bruxa ou algum tipo de criatura sobrenatural. Lembro-me dos gritos zombeteiros, das pedras que às vezes atiravam na direção dela. Não eu, pois desde a mais tenra idade sempre achei que havia algo irresistível nela. A bem da verdade, nunca deveria tê-la conhecido. Minha mãe não era do tipo que julgava, mas mulheres como ela não se relacionavam com prostitutas, muito menos suas filhas. E, mesmo assim, eu quis conhecê-la.

Aconteceu durante um longo sermão de domingo. Pedi licença e fui discretamente ao banheiro. Mas, em vez de voltar rapidamente para o mezanino e para o lado de meu pai, fiquei vadiando do lado de fora, no calor de um lindo dia de

início de verão. Perambulei até o celeiro do Tinky Talbot para dar uma olhada na nova cria de leitões, cor-de-rosa manchados de preto, enrolados em pelo áspero e fino. Fiz carinho em seus focinhos curiosos e escutei os roncos suaves.

Então, olhei de lado para a estradinha (era o mais perto que já ficara da misteriosa casinha) e vi Magdalena sentada em uma cadeira, perto da estreita jardineira da varanda, com um cachimbo comprido e escuro entre os dentes. Ela também estava aproveitando o sol, enrolada num cobertor, os cabelos escandalosamente soltos sobre os ombros. As partes dela que não estavam cobertas pelo cobertor eram magras e delicadas, os ossos de sua clavícula, finos como os de um passarinho, visíveis sobre a pele alva como papel. Não usava pó no rosto, somente um traço de carvão esfumaçado no canto dos olhos, um pouco de pintura nos lábios.

Não era como nenhuma outra mulher na cidade. Podia dizer isso por sua atitude: sentada sozinha sob a luz do sol, apreciando a própria companhia e sem remorsos por estar à toa. Fui imediatamente atraída por ela, apesar de estar com medo. Havia algo de pecaminoso nela. Afinal, ela não frequentava os cultos religiosos; aqui estava ela apreciando o domingo, enquanto todo mundo na cidade estava dentro da igreja ou no salão da congregação. Ergueu as mãos sobre os olhos para se proteger do brilho do sol.

— Olá, quem está aí?

Tomei minha decisão naquele momento. Poderia ter corrido de volta à igreja, mas, em vez disso, dei alguns passos tímidos em direção a ela.

— Você não me conhece, senhora. Meu nome é Lanore McIlvrae.

— McIlvrae — ela pensou por um momento, satisfazendo-se por não conhecer o nome e, por consequência, não ter meu pai entre seus clientes. — Não, minha cara, acho que não tive o prazer de conhecê-la — ela sorriu e eu a cumprimentei com uma mesura.

— Meu nome é Magdalena, apesar de suspeitar que já saiba disso, não é? Pode me chamar de Magda. — De perto, ela era muito bonita. Ficou em pé para ajeitar o cobertor e revelou que ainda estava com sua combinação e uma camisola de linho transparente, um pouco decotada no peito, com uma fitinha rosa. Numa casa prática como a nossa, minha mãe não tinha nenhuma peça de roupa tão feminina quanto a camisola usada de Magda. Estava embevecida pela combinação de sua beleza com esta linda peça de roupa; era a primeira vez que realmente tinha sentido inveja de outra pessoa. Ela reparou no meu olhar fixo em sua combinação e um sorriso de reconhecimento abriu-se em seu rosto.

— Espere aqui um minuto — ela disse e entrou na casa. Quando saiu, segurava uma fita de veludo cor-de-rosa e a deu para mim. Não pôde imaginar que tipo de tesouro ela havia me oferecido; artigos manufaturados eram raros em

nossa cidade de gente pobre; frivolidades como fitas eram ainda mais raras. Era o tecido mais macio que já havia tocado e o segurei suavemente, como um filhotinho de coelho.

— Não poderia aceitar um presente como este — disse, ainda que honestamente não desejasse dizê-lo.

— Bobagem! — Ela riu. — É só um pedaço do acabamento de um vestido. O que eu faria com isso? — ela mentiu e me observou acariciar a fita, apreciando meu prazer. — Fique com ela. Eu insisto.

— Mas meus pais me perguntarão onde a consegui...

— Pode dizer que a achou — ela sugeriu, apesar de ambas sabermos que eu não poderia fazer isso. Era uma história improvável. E, ainda assim, não conseguia devolver a fita para Magda. Ela ficou satisfeita ao me ver apertar a mão em volta do presente e sorriu, não em triunfo, mas em solidariedade.

— É muito generosa, dona Magda! — agradeci, fazendo outra mesura. — Tenho que voltar para o culto ou meu pai vai achar que aconteceu alguma coisa comigo.

Ela levantou o queixo para poder olhar sobre o nariz fino na direção do salão da congregação.

— Ah, você está certa! Não deve deixar seus pais preocupados. Espero que venha me visitar novamente, senhorita McIlvrae.

— Eu virei, prometo.

— Ótimo. Então, vá logo.

Caminhei pela estradinha, erguendo minhas saias para evitar as partes enlameadas. Antes de virar a esquina, olhei para trás, para a casinha, e vi que Magda havia sentado novamente na cadeira e se balançava, satisfeita, olhando fixamente para a floresta.

Mal podia esperar pelo domingo seguinte, para fugir do culto e visitar Magda de novo. Escondi a fita no bolso, na minha segunda camada de roupas de baixo, onde de vez em quando podia enfiar a mão para, secretamente, acariciar o veludo. A fita lembrava a própria Magda: ela era tão diferente de minha mãe e das outras mulheres do vilarejo! E isso já era motivo para que eu a admirasse.

Algo que admirava nela, mas não entendia exatamente por que, era que ela não tinha um homem. Nenhuma mulher no vilarejo vivia sem um homem e o homem era sempre o chefe da casa. Magda era a única mulher no vilarejo que falava por si mesma, apesar de, até onde eu soubesse, ela fazia muito pouco nesse sentido. Duvidava que fosse às assembleias da cidade. E, mesmo assim, continuava a viver de acordo com as próprias regras e parecia ser bem-sucedida. Para uma jovem, isso realmente era uma coisa admirável.

Assim, no domingo seguinte, arranjei um jeito de pedir licença do culto novamente (apesar dos olhares reprovadores de meu pai) e corri até a casa de Magda. E lá estava ela,

dessa vez em pé, na varanda. Não tinha mais seu ar informal. Usava uma linda saia listrada e uma bem-cortada jaqueta roxa de lã, uma cor incomum. O efeito foi calculado para chamar atenção, como se a intenção dela fosse me impressionar. Fiquei lisonjeada.

— Bom dia, dona Magda — disse enquanto corria até ela, quase sem fôlego.

— Bem, bom Sabbath para você, senhorita McIlvrae.

Seus olhos verdes brilhavam. Conversamos um pouco; ela perguntou sobre minha família, eu apontei em direção à nossa fazenda. No momento em que estava pensando em voltar para o culto, ela me disse timidamente:

— Convidaria você para conhecer minha casa, mas suponho que seus pais não aprovariam isso. Sendo quem eu sou, não seria adequado.

Ela deveria saber que eu estava curiosa para ver o interior da casa. Sua própria casa, o lugar de sua independência! Senti que tinha que voltar para a igreja, para meu pai que me esperava... mas como poderia deixar passar a oportunidade?

— Tenho só um minuto... — eu disse, enquanto a seguia pelos degraus e atravessava a porta.

Pareceu-me como o interior de uma caixa de joias, mas, na verdade, era tudo velho e adaptado. O pequeno quarto era dominado por uma cama estreita, coberta com uma colcha

lindamente bordada em amarelo e vermelho. Garrafas de vidro forravam o parapeito da única janela, emitindo raios de luz verdes e marrons pelo chão. Dentro de uma tigela de cerâmica, pintada com delicadas rosas cor-de-rosa, havia algumas joias. Suas roupas estavam penduradas em puxadores na porta dos fundos, uma grande variedade de saias rodadas e coloridas, faixas compridas e espartilhos com babadinhos. Não um, mas dois pares de delicadas botas femininas estavam enfileirados ao lado da porta. Minha única decepção era que o quarto era abafado, o ar pesado, com um perfume almiscarado que eu não reconhecia.

— Adoraria viver em um lugar como este! — eu disse, fazendo-a rir.

— Já vivi em lugares melhores, mas este está bom — respondeu ela, enquanto se jogava numa cadeira.

Antes de eu sair, Magda me deu dois conselhos, de mulher para mulher.
O primeiro era que uma mulher sempre tinha que guardar um pouco de dinheiro para si.

— O dinheiro é muito importante — ela me disse, me mostrando onde guardava uma bolsa cheia de moedas. — O dinheiro é a única forma de uma mulher ter controle da própria vida.

O segundo conselho foi que uma mulher nunca deve trair outra por causa de um homem.

— Acontece sempre — ela disse, parecendo triste. — E é compreensível, já que é dado aos homens todo o valor do mundo. Querem que acreditemos que o único valor da mulher está no homem que faz parte de sua vida, mas isso não é verdade. De qualquer forma, nós, mulheres, temos que nos apoiar, pois depender de um homem é besteira. Ele sempre irá decepcioná-la. — Ela abaixou a cabeça, mas podia jurar que vi lágrimas em seus olhos.

Estava me levantando do chão para sair quando bateram à porta. Um homem musculoso entrou, antes que Magda pudesse responder; eu o reconheci como um dos lenhadores de St. Andrew.

— Olá, Magda, achei que estivesse sozinha e quisesse companhia, já que todo mundo está na igreja agora de manhã... Quem é essa? — Ele parou de repente, quando me viu, e um sorriso desagradável se espalhou em seu rosto queimado pelo vento. — Tem uma garota nova, Magda? Uma aprendiz? — Ele colocou a mão em meu braço, como se eu fosse uma posse, não uma pessoa.

Magda deu um passo para a frente, ficou entre nós e me levou rapidamente em direção à porta dos fundos.

— Ela é uma amiga, Lars Holmstrom, e você não tem nada com isso. Mantenha suas mãos bobas longe dela. Agora, vá! — ela disse para mim, enquanto me empurrava pela porta. — Quem sabe eu a vejo na semana que vem?

E, antes que pudesse perceber, eu estava em pé sobre um monte de folhas mortas, troncos caídos estalando sob meus pés, a porta de madeira fechada bem na minha cara, enquanto Magda prosseguia com seus negócios, o preço de sua independência. Saí correndo por entre os arbustos e entrei na estradinha, apressando-me para voltar ao salão da congregação, enquanto os paroquianos saíam para a luz do sol. Dessa vez seria um inferno com meu pai, mas calculei que valeria a pena. Magda era a guardiã dos mistérios da vida e senti que, o que quer que fosse necessário para que eu continuasse a aprender com ela, valeria a pena.

6

Numa tarde de verão de meu décimo quinto ano, a cidade inteira se reuniu no pasto dos McDougal para ouvir um pastor itinerante falar. Ainda consigo ver meus vizinhos fazendo o percurso para o campo dourado, a grama alta faiscando ao sol, nuvens de poeira subindo pela estrada sinuosa. A pé, no lombo do cavalo ou sobre uma charrete, praticamente todos em St. Andrew foram até os McDougal naquele dia, ainda que não fosse por excesso de devoção, posso lhe garantir. Até mesmo pastores itinerantes eram uma raridade no nosso pedaço de floresta; aproveitaríamos qualquer tipo de entretenimento que pudéssemos ter para preencher a monotonia de um longo dia de verão naquele lugar desolado.

Esse pastor, em particular, aparentemente tinha vindo do nada e, em poucos anos, havia conquistado seguidores, além de uma reputação por seus discursos exaltados e conversa rebelde. Havia rumores de que ele teria dividido os frequentadores da igreja da cidade mais próxima, Fort Kent, num dia de viagem para o norte, colocando congregacionalistas tradicionais contra uma nova onda de reformistas. Também havia uma conversa sobre o Maine tornar-se um estado e se libertar do domínio de Massachusetts, de modo que havia certo *frisson* no ar, religioso e político, apontando uma possível revolta contra a religião que os colonizadores trouxeram com eles de Massachusetts.

Foi minha mãe quem convenceu meu pai a ir, apesar de ela não tolerar a ideia de se converter: só queria uma tarde longe da cozinha. Ela estendeu um cobertor no chão e esperou pelo início do discurso. Meu pai sentou-se ao lado dela, meneando a cabeça com um ar desconfiado, olhando de um lado para o outro para ver quem mais estaria ali. Minhas irmãs permaneceram sentadas perto de minha mãe, enfiando rigorosamente suas saias embaixo das pernas, enquanto Nevin desapareceu quase tão logo a charrete parou, ansioso para encontrar os meninos que moravam nas fazendas vizinhas às nossas.

Eu fiquei em pé, protegendo meus olhos da forte luz do sol com a mão, mapeando a multidão. Todo mundo da cidade estava lá, alguns com cobertores, como minha mãe, alguns com o jantar arrumado em cestas. Eu estava procurando Jonathan, como sempre, mas parecia que ele não estava lá. Sua ausência não era uma surpresa; a mãe dele era uma das mais fervorosas congregacionistas da cidade, e a família de Ruth Bennet St. Andrew não participaria dessa bobagem reformista.

Então, vi algo escondido entre as árvores; sim, era Jonathan, contornando a ponta do pasto em seu distinto garanhão. Não fui a única a vê-lo; uma onda quase palpável percorreu parte da multidão. Qual a sensação de saber que dezenas de pessoas o observam em êxtase, os olhos seguindo a linha de sua longa perna pressionando o flanco do cavalo, suas mãos fortes segurando as rédeas. Tanto desejo contido queimando no seio de muitas mulheres no campo seco

naquele dia! É uma surpresa que a grama não tenha se incendiado.

Ele trotou até mim e, soltando os estribos, apeou da sela. Ele cheirava a couro e terra queimada de sol, e senti muita vontade de tocá-lo.

— O que está acontecendo? — perguntou, tirando seu chapéu e passando a manga da camisa sobre a testa.

— Você não sabe? Um pastor está visitando a cidade. Você não veio para ouvi-lo?

Jonathan olhou sobre minha cabeça, estudando a multidão.

— Não. Estava inspecionando o próximo pedaço de terra em que iremos fazer a colheita. O velho Charles não confia no novo inspetor. Acha que ele bebe muito. — Ele deu uma olhada em volta, aproveitando para ver quais garotas estavam olhando para ele. — Minha família está aqui?

— Não, e eu também duvido que sua mãe aprovaria sua presença aqui.
O pastor tem uma reputação horrível. Poderia ir para o inferno só de ouvi-lo.

Jonathan forçou um sorriso para mim.

— É por isso que está aqui? Você quer ir para o inferno? Sabe que há caminhos muito mais prazerosos para a condenação do que ouvir o discurso de pastores diabólicos.

Havia uma mensagem no brilho de seus profundos olhos castanhos, mas eu não consegui interpretá-la. Antes que pudesse pedir a ele que explicasse, ele riu e disse:

— Todas as almas dessa cidade parecem estar aqui. Isso me dá mais pena por não ficar, mas, como você disse, será um inferno se minha mãe souber. — Ele ajeitou o estribo e subiu na sela, mas, então, inclinou-se na minha direção, de forma protetora. — E você, Lanny? Você nunca foi muito de sermões. Por que está aqui? Espera encontrar alguém, algum garoto especial? Algum jovenzinho chamou sua atenção?

Aquilo foi uma completa surpresa: o tom recatado, o olhar investigativo. Ele nunca havia dado a menor indicação de que se importasse se eu estivesse interessada em outro.

— Não — eu disse, sem fôlego, quase sem forças para dar uma resposta.

Ele pegou as rédeas devagar, pesando-as como se estivesse pesando as próprias palavras.

— Sei que virá um dia quando eu a verei com outro garoto, minha Lanny com outro garoto, e eu não gostarei. Mas é justo.

Antes que eu pudesse me recuperar do choque e dizer a ele que estava ao alcance dele evitar que isso acontecesse (e ele sabia!), ele virou o cavalo e galopou para dentro da floresta, me deixando a olhar para ele, confusa, mais uma vez. Ele era um enigma. Geralmente me tratava como sua melhor amiga, com uma atitude platônica, mas havia vezes em que eu pensava ver um convite na maneira que me olhava ou uma faísca de (ouso ter esperanças?) desejo em sua inquietude. Agora que ele tinha ido embora, não poderia ficar pensando naquilo ou eu enlouqueceria.

Encostei-me em uma árvore e vi o pastor caminhar até o centro de uma pequena clareira em frente à multidão. Ele era mais novo do que eu esperava (Gilbert era o único pastor que conhecia e já chegara a St. Andrew de cabelos grisalhos) e caminhou ereto como uma vara, certo de que tanto Deus quanto a retidão estavam a seu lado. Ele era bonito de uma forma inesperada e até desconfortável para um pastor, e as mulheres sentadas mais próximas a ele gorjeavam como pássaros, quando ele lhes deu um sorriso branco e largo. Ainda assim, observando enquanto ele olhava para a multidão, preparando-se para começar (tão confiante como se ele *fosse o dono*), senti um calafrio, como se algo ruim pairasse no horizonte.

Ele começou a falar com uma voz clara e alta, recordando suas visitas pelo território do Maine e descrevendo o que tinha visto. O território estava se tornando uma cópia de Massachusetts, com seus modos elitistas. Alguns poucos homens ricos controlavam o destino de seus vizinhos. E o que

isso trazia para o homem comum? Tempos difíceis. Pessoas comuns sem ter como pagar suas contas. Homens honestos, pais e esposos, aprisionados, e a terra tomada de suas esposas e filhos. Fiquei surpresa ao ver cabeças concordando na multidão.

O que o povo queria, o que os americanos querem, ele enfatizou, abanando a Bíblia no ar, era liberdade. Não tínhamos lutado contra os britânicos só para ter outros donos tomando o lugar do rei. Os proprietários de terra em Boston e os comerciantes que vendiam mercadorias para os colonos não passavam de ladrões, exigindo taxas de empréstimos absurdas, e a lei estava a serviço deles. Seus olhos brilhavam enquanto analisava a multidão, encorajado pelos murmúrios de consentimento, e ele andava de um lado para o outro dentro do círculo de grama pisoteado. Não estava acostumada a ouvir dissidentes falarem em voz alta, em público, e me senti vagamente preocupada pelo sucesso do pastor.

De repente, Nevin estava a meu lado, estudando o rosto erguido de nossos vizinhos.

— Olhe só para eles, cretinos boquiabertos... — ele disse, zombeteiro. Não havia dúvidas de que ele tinha o temperamento crítico de nosso pai. Cruzou os braços sobre o peito e deu uma fungada.

— Parecem bem interessados no que ele tem a dizer — observei.

— Você tem a menor ideia do que ele está falando? — Nevin semicerrou os olhos para mim. — Não tem, não é? Claro que não, você é só uma menina burra. Você não entende nada.

Olhei-o com desdém, mas não respondi, pois Nevin tinha razão a respeito de uma coisa: eu não fazia ideia sobre o que o homem estava falando. Era ignorante com relação ao que acontecia no mundo de forma geral. Ele apontou para um grupo de homens em pé, ao lado do pasto lotado.

— Vê aqueles homens? — perguntou, indicando Tobey Ostergaard, Daniel Daughtery e Olaf Olmstrom. Os três estavam entre os homens mais pobres da cidade, apesar de os menos caridosos poderem dizer que eles também estavam entre os mais preguiçosos. — Estão criando confusão — Nevin disse. — Sabe o que é um índio branco?

Até mesmo a menina mais burra da cidade teria dito que conhecia o termo: meses antes, houve notícias de uma rebelião em Fairfax, quando cidadãos vestidos de índios dominaram um funcionário municipal quando ele tentava cumprir uma ordem judicial de um fazendeiro que não pagou suas dívidas.

— A mesma coisa está acontecendo aqui — Nevin disse, balançando a cabeça. — Ouvi dizer que Olmstrom e Daughtery, e alguns outros, conversaram com o pai sobre isso. Reclamando sobre os Watford cobrarem muito e injustamente... — Os detalhes estavam além da compreensão

de Nevin; ninguém explicava para as crianças sobre contas e cobranças no armazém. — Daughtery diz que é uma conspiração contra o homem comum — Nevin recitou, soando como se não tivesse certeza de que Daughtery não estivesse falando a verdade.

— E daí? Por que me importaria se Daughtery não paga a dívida que tem com os Watford? — funguei, fingindo que não me importava. Por dentro, de qualquer forma, estava chocada por pensar que alguém pudesse não pagar uma dívida intencionalmente, tendo sido ensinada por nosso pai que tal comportamento era desonroso e algo que somente uma pessoa sem respeito próprio consideraria fazer.

— Pode ser problema para o seu garoto, Jonathan — Nevin sorriu com desdém, deliciado por ter a oportunidade de fazer piadas sobre Jonathan comigo. — Não são só os Waldorfs que serão prejudicados se as coisas forem mal. O capitão tem os papéis das propriedades... O que aconteceria se eles se recusassem a pagar os aluguéis? Aqueles homens lutaram por três dias em Fairfax. Ouvi dizer que arrancaram a roupa do funcionário, bateram nele com varas e o fizeram voltar para casa a pé e nu como veio ao mundo.

— Nem temos um funcionário do governo em St. Andrew — eu disse, assustada com a história de meu irmão.

— É muito provável que o capitão mande seus mais fortes e maiores lenhadores até o Daughtery e exija que ele pague a dívida. — Havia um tom de medo na voz de Nevin; seu

respeito pela autoridade e o desejo de ver a justiça prevalecer, traços de nosso pai, certamente, eram superados por seu desejo de ver Jonathan sofrer algum tipo de má sorte.

Daughtery e Olmstrom... o capitão e Jonathan... até mesmo a afetada srta. Watford e seu irmão igualmente arrogante... eu estava envergonhada pela minha ignorância e senti um respeito invejoso por meu irmão conseguir ver o mundo em toda sua complexidade. Fiquei imaginando o que mais acontecia que eu não sabia.

— Acha que o pai vai se juntar a eles? Ele será preso? — sussurrei preocupada.

— O capitão não tem os papéis de nossa terra — Nevin me informou, um pouco desgostoso por eu ainda não saber disso. — O pai é o dono mesmo. Mas acho que ele concorda com o companheiro ali. — Ele balançou a cabeça em direção ao pastor. — O pai veio para este território como todo mundo, pensando que seria livre, mas as coisas não funcionaram assim. Alguns estão passando por maus pedaços enquanto os St. Andrew estão enriquecendo. Como eu disse — ele chutou a terra, levantando uma nuvem de poeira —, seu garoto poderá ficar em maus lençóis.

— Ele não é meu garoto — respondi rapidamente.

— Você quer que ele seja seu garoto — meu irmão disse, todo zombeteiro. — Mas só Deus sabe o porquê. Deve ter alguma coisa do avesso, Lanore, para ser apaixonada por esse cretino.

— Você está com inveja, é por isso que não gosta dele.

— Com inveja? — Nevin bravejou. — Daquele pavão? — disse isso e foi embora, sem querer admitir que eu tinha razão.

Aproximadamente trinta pessoas seguiram o pastor até a casa dos Dale, do outro lado das montanhas, onde continuaria falando para todos os que estivessem interessados. Os Dale tinham uma casa de bom tamanho, mesmo assim ainda ficamos amontoados, querendo ouvir mais coisas daquele orador cativante. A sra. Dale acendeu o fogo na grande lareira da cozinha, pois, mesmo no verão, fazia um pouco de frio à noite. Lá fora, o céu escurecia em um azul-escuro, com uma faixa de rosa no horizonte.

Como Nevin devia estar bravo comigo! Implorei a meus pais para que me deixassem ouvir o pastor, o que significava que precisaria de um acompanhante, então, meu pai disse a Nevin para me acompanhar. Meu irmão soltou fogo pelas ventas e ficou com o rosto vermelho, mas não podia recusar nada a meu pai, então, pisou duro atrás de mim durante todo o caminho até a casa dos Dale. Mas Nevin, apesar de sua tradicional sensibilidade, tinha um lado rebelde e eu acreditava que ele, secretamente, estava gostando de presenciar o restante da reunião.

O pastor ficou em pé, perto do fogo na cozinha, e analisou todos com um riso forçado no rosto. Assim, de tão perto, vi que ele parecia ser menos religioso do que aparentava ao ar

livre. Ele preenchia a sala com sua presença, tornava o ar pesado e rarefeito, como no topo de uma montanha. Começou nos agradecendo por permanecermos com ele, pois tinha guardado o maior segredo de todos para dividir conosco naquele momento, para aqueles que demonstraram estar buscando a *verdade*. E aquela *verdade* era que a igreja, qualquer que fosse a fé que professasse — que, naquele território, era, na maioria, congregacionalista — era o maior problema de todos, a instituição mais elitista, e só servia para reforçar o *statu quo*. Sua última fala gerara uma reação de desprezo e concordância em Nevin, que se orgulhava de ir às missas católicas com nossa mãe aos domingos e de não ficar junto com os patriarcas da cidade e famílias mais privilegiadas no salão da igreja.

Disse que o que deveríamos fazer era acabar com os preceitos da igreja, de novo com aquele brilho ardente nos olhos, um brilho que, de perto, parecia menos pacífico, e adotar os novos preceitos que estavam mais de acordo com as necessidades do homem comum. Para ele, em primeiro lugar e a mais importante entre todas essas convenções ultrapassadas, estava a instituição do casamento.

Na sala fechada, com trinta corpos amontoados, bem juntos, podia-se ouvir um alfinete cair. Diante de nós, o pastor circulava de um lado para outro como se fosse um lobo. Não tinha objeção quanto à afeição natural entre homens e mulheres, ele assegurou ao grupo. Não; eram as restrições legais do casamento, as amarras do casamento, era contra isso que ele lutava. Era contra a natureza humana, ele

protestou, ganhando confiança, já que ninguém havia tentado interrompê-lo. Fomos feitos para expressar nossos sentimentos àqueles pelos quais sentíamos uma afinidade natural. Como filhos de Deus, deveríamos praticar o "casamento espiritual", ele insistiu: escolher parceiros com quem temos vínculos espirituais.

— Parceiros? — perguntou uma jovem, erguendo a mão. — Mais de um esposo ou esposa?

Os olhos do pastor dançavam. Sim, tínhamos ouvido corretamente: parceiros; pois um homem deveria ter esposas com as quais tivesse vínculos espirituais, do mesmo modo que deveria ser possível a uma mulher ter mais de um marido. Ele mesmo tinha duas esposas, afirmou, e encontrara esposas espirituais em todas as cidades que havia visitado. Um riso contido tomou conta do grupo e o ambiente tornou-se carregado de desejo reprimido.

Ele colocou seus polegares sob a lapela do casaco; não esperava que os esclarecidos, aqui em St. Andrew, assumissem de pronto o casamento espiritual, somente levando em consideração os seus conselhos. Não, ele esperava que refletíssemos sobre a ideia, pensássemos sobre até que ponto nós deixávamos a lei ditar nossas vidas. Saberíamos, em nosso coração, se ele dizia a verdade.

Então, bateu palmas, tirou a expressão séria do rosto e seu comportamento mudou totalmente quando sorriu: "Mas chega desta conversa!". Tínhamos passado a tarde toda o

escutando e era hora de um pouco de diversão! Cantemos alguns hinos, bem alegres, e vamos nos levantar e dançar! Esta era uma mudança revolucionária em comparação com nossos cultos comuns: cantar em alegria? Dançar? O conceito já era uma heresia. Após um momento de hesitação, várias pessoas se levantaram e começaram a bater palmas, e, em pouco tempo, começaram a cantar uma música que mais parecia um canção de marinheiro do que um hino religioso.

Cutuquei meu irmão.

— Me leve para casa, Nevin.

— Já ouviu o suficiente, não é? — ele disse, batendo os calcanhares. — Eu também. Estou cansado de ficar ouvindo as insanidades desse homem. Espere aqui enquanto vou pedir fogo aos Dale; a estrada com certeza estará escura.

Fiquei parada na porta, desejando que Nevin se apressasse. As palavras do pastor ainda ressoavam dentro de mim. Vi os olhares das mulheres no grupo quando ele colocou seu olhar poderoso sobre elas, o sorriso que iluminou o rosto delas. Elas se imaginavam com ele ou, talvez, com outro homem da cidade com quem sentiam um vínculo espiritual... e só podiam esperar que esse desejo se tornasse realidade. O pastor professara o conceito mais estranho que se podia imaginar: depravação; mas ele era um homem da Bíblia, um pastor. Ele já pregara em algumas das igrejas mais santas da costa, de acordo com a conversa que havia chegado à cidade

antes dele. Com certeza, aquilo lhe dava algum tipo de autoridade.

Debaixo de minhas roupas, senti-me incandescente, com fogo e vergonha, pois, honestamente, também gostaria de ter liberdade para compartilhar minha afeição com o homem que desejava. Obviamente, naquele momento, o único homem que eu desejava era Jonathan, mas quem poderia dizer se outro não atravessaria o meu caminho um dia? Talvez alguém tão charmoso e atraente quanto o próprio pastor, por exemplo? Podia ver como uma mulher o achava intrigante; quantas esposas espirituais o pastor já tinha encontrado? Fiquei imaginando.

Enquanto estava perdida em meus pensamentos, encostada na porta, observando os vizinhos dançando uma dança de origem escocesa (era só minha imaginação ou os homens e mulheres trocavam olhares cheios de desejo enquanto rodopiavam no salão?), percebi a presença do pastor bem na minha frente. Com seus olhos penetrantes e feições marcantes, era sedutor e parecia ter consciência dessa vantagem, e sorria forçado para que eu pudesse ver seus dentes incisivos, afiados e brancos.

— Agradeço por se juntar a mim e a seus vizinhos esta noite — ele disse, fazendo uma reverência com a cabeça. — Presumo que esteja em busca espiritual, procurando uma luz maior, senhorita...

— McIlvrae — respondi, dando um passo para trás. — Lanore.

— Reverendo Judah Van der Meer. — Alcançou minha mão e apertou a ponta de meus dedos. — O que achou do meu sermão, senhorita McIlvrae? Espero que não tenha ficado chocada — seus olhos dançaram novamente, como se estivesse zombando de mim — com a franqueza com a qual apresentei minhas opiniões.

— Chocada? — Eu mal conseguia pronunciar uma palavra. — Com o quê, senhor?

— Com a ideia de casamento espiritual. Tenho certeza de que uma jovem como você consegue simpatizar com o princípio que há por trás disso, a ideia de ser fiel às paixões, pois, se não estou enganado, você me parece uma mulher de uma grande e imensa paixão.

Ele falou com mais veemência, seus olhos (e não acredito que tenha imaginado isso) percorrendo meu corpo como se estivesse usando as próprias mãos.

— Me diga, senhorita Lanore, parece que tem idade para se casar. Sua família já a entregou à escravidão do casamento? Seria uma pena, para uma jovem mulher tão bonita quanto você, passar o resto da vida no leito nupcial com um homem por quem não sente a mínima atração. Que desperdício passar a vida toda sem sentir a verdadeira paixão física — seus olhos brilharam de novo, como se

estivesse a ponto de avançar —, que é um presente de Deus a seus filhos!

Meu coração estava a ponto de explodir dentro do peito e eu me sentia como um coelho diante dos olhos do lobo. Então, ele riu, colocou a mão no meu braço, mandando um arrepio direto à minha cabeça, e me puxou mais para perto, perto o suficiente para que pudesse sentir seu hálito em meu rosto e para que um cacho de seu cabelo pudesse encostar em minha bochecha.

— Ora, ora, parece que vai desmaiar! Acho que precisa de um pouco de ar fresco. Poderia vir aqui fora comigo? — Ele já estava segurando meu braço e, sem esperar resposta, me fisgou para a varanda. O ar noturno estava muito mais fresco do que o ambiente abafado da casa e eu respirei profundamente, até não poder mais.

— Melhor? — Quando concordei, ele continuou. — Devo dizer, senhorita McIlvrae, fiquei muito feliz por ter se juntado a nós nesse ambiente mais íntimo. Esperava que viesse. Observei-a no pasto esta tarde e sabia, imediatamente, que teria de conhecê-la. Senti uma conexão imediata, você também? — Antes que tivesse a oportunidade de responder, ele pegou minha mão. — Passei a maior parte da minha vida viajando pelo mundo. Tenho sede de conhecer pessoas. De vez em quando, encontro pessoas extraordinárias, alguém cuja singularidade pode ser vista, mesmo em um pasto cheio de gente. Alguém como você.

Ele tinha o olhar brilhante, o olhar selvagem de alguém buscando um pensamento, mas sem conseguir se concentrar. Comecei a ficar com medo. Por que ele havia me escolhido? Ou talvez eu não tenha sido escolhida; talvez isso fosse um jogo de sedução que ele fazia para qualquer garota impressionável a ponto de considerar sua oferta de casamento espiritual. Ele se aproximou de mim de maneira íntima demais para ser educada, parecendo apreciar meu nervosismo.

— Extraordinária? Senhor, o senhor não me conhece. — Tentei empurrá-lo para o lado, mas ele continuou em pé, na minha frente. — Não há nada de extraordinário em mim.

— Ah, mas claro que há; posso sentir. Você deve sentir, também. Você tem uma sensibilidade especial, uma natureza notavelmente primitiva. Consigo ver isso em seu rosto lindo e delicado. — Sua mão subiu até meu pescoço, como se fosse me tocar, e estava prestes a fazer isso. — Você é cheia de querer, Lanore; é uma criatura sensual. Você queima de vontade de conhecer esse vínculo entre homem e mulher... Só pensa nisso. Tem fome disso. Talvez haja algum homem em particular...

Claro que havia — Jonathan —, mas achei que o pastor estivesse me encurralando para ver se me sentia atraída por *ele*.

— Esta conversa não é apropriada, senhor. — Dei alguns passos para o lado e comecei a me afastar dele. — É melhor eu entrar...

Ele colocou uma mão sobre meu braço novamente.

— Não quis deixá-la constrangida. Peço desculpas. Não falarei mais disso, mas, por favor, me dê o prazer de sua presença por mais um minuto. Tenho uma pergunta que gostaria de lhe fazer, Lanore. Quando cheguei ao campo esta tarde e vi você, notei que estava falando com um jovem a cavalo. Um sujeito excepcionalmente belo.

— Jonathan.

— Sim, me falaram o nome dele. Jonathan. — O pastor lambeu os lábios. — Seus vizinhos me disseram que esse jovem poderia ser a favor de minha filosofia. Acha que conseguiria um encontro meu com ele?

Senti um arrepio atrás do pescoço.

— Por que quer se encontrar com Jonathan?

Ele riu nervosamente.

— Bem, como falei, me disseram que ele parece ser um discípulo natural, o tipo de homem que pode valorizar a *verdade* que eu prego. Poderia abraçar a causa e, talvez, ser um representante de minha igreja aqui na floresta.

Olhei em seus olhos e, pela primeira vez, vi uma verdadeira perversidade neles, o amor pelo caos e pela desordem. Ele queria plantar essa maldade em Jonathan também, como tentara plantá-la em toda a cidade. Como tentou plantá-la em mim.

— Meus vizinhos estão se divertindo às suas custas, senhor, já que não conhecem Jonathan tão bem quanto eu. Duvido que ele tenha interesse no que o senhor tem a dizer. — Por que senti que tinha que proteger Jonathan desse homem, eu não sei. Mas havia algo nefasto em seu interesse.

O pastor não gostou da resposta. Talvez achasse que eu estivesse mentindo ou não gostasse de ser desafiado. Ele me olhou de forma longa e intimidante, como se estivesse pensando no que fazer para conseguir o que queria e senti, pela primeira vez em sua presença, o verdadeiro perigo, uma sensação de que aquele homem seria capaz de qualquer coisa. Nesse momento, Nevin apareceu diante de nós com uma tocha acesa na mão e, pelo menos uma vez na vida, fiquei feliz em vê-lo.

— Lanore! Estava procurando você. Estou pronto. Vamos! — ele gritou com impaciência.

— Boa noite — eu disse, desvencilhando-me do pastor, esperando nunca mais vê-lo. Podia sentir seu olhar ferino cravado em minhas costas enquanto Nevin e eu íamos embora.

— Satisfeita com seu passeio? — Nevin resmungou, enquanto íamos em direção à estrada.

— Não foi o que eu esperava.

— Tenho certeza disso. O homem é um louco, provavelmente por causa das doenças que ele sem dúvida tem — Nevin falou, querendo dizer sífilis. — Mas ouvi dizer que tinha seguidores em Saco. Fico imaginando o que faz aqui, tão longe...

Não passou pela cabeça de Nevin que o homem poderia ter sido enxotado pelas autoridades, que estivesse fugindo; que, em sua loucura, poderia ter visões e pressentimentos esplêndidos, colocando ideias na cabeça de jovens garotas inocentes e ameaçando os menos inclinados a agir de acordo com seus desejos. Apertei meu xale com força em volta dos ombros.

— Agradeceria se você não dissesse ao pai o que o pastor falou...

Nevin riu com maldade.

— Claro que não! Mal consigo me lembrar daquelas blasfêmias, imagine repeti-las ao pai! Várias esposas! Casamento espiritual! Não sei o que o pai faria: acho que me encheria de chibatadas e trancaria você no celeiro até completar 21 anos, só por termos ouvido aquelas palavras pagãs. — Ele balançava a cabeça enquanto caminhávamos. — Vou dizer uma coisa: os ensinamentos daquele pastor com certeza cairiam

bem para seu garoto, Jonathan. Ele já fez casamentos espirituais com pelo menos metade das garotas da cidade.

— Chega de falar de Jonathan — retruquei, mantendo em segredo o interesse do pastor por Jonathan, como se para não confirmar a opinião ruim de Nevin. — Não vamos mais falar sobre isso.

Ficamos quietos durante o restante da longa jornada até nossa casa. Apesar do ar frio da noite, ainda latejava ao me lembrar do olhar misterioso no rosto do pastor e da rápida passada por dentro de sua verdadeira natureza. Não sabia o que pensar sobre seu interesse por Jonathan nem sobre o que ele quis dizer a respeito da minha "sensibilidade especial". Minha vontade de experimentar o que acontecia entre um homem e uma mulher era assim tão evidente? Com certeza esse mistério era o ápice da experiência humana. Poderia ser anormal ou especialmente diabólico para uma jovem mulher ficar curiosa sobre isso? O pastor Gilbert e meus pais provavelmente pensariam que sim.

Caminhei pela estrada solitária, agitada internamente e excitada com toda aquela conversa aberta sobre desejo. A ideia de conhecer Jonathan, de conhecer outros homens no vilarejo do jeito que Magda conhecia, deixou-me quente por dentro. Esta noite eu tinha conhecido minha verdadeira natureza; apesar de ser muito inexperiente para entendê-la, muito inocente para realizá-la, deveria ficar atenta à facilidade com que o desejo se acendia em mim. Deveria ter lutado

contra ele com mais determinação, mas talvez fosse em vão, já que a verdadeira natureza sempre vence.

7

Os anos passaram como sempre: o seguinte parecendo igual ao anterior. No entanto, algumas pequenas diferenças eram evidentes: eu queria cada vez menos seguir as regras de meus pais, ansiava por um pouco de independência e estava cansada de meus vizinhos preconceituosos. O pastor carismático foi julgado e aprisionado em Saco, então escapou e desapareceu misteriosamente, mas sua ausência de cena ajudou muito pouco a acalmar a efervescência escondida sob a superfície. Havia uma influência oculta de rebeldia no ar, até mesmo em uma cidade tão isolada como St. Andrew; havia conversas sobre se tornar independente de Massachusetts e formar um estado. Se os proprietários de terras, como Charles St. Andrew, estavam preocupados que suas fortunas seriam afetadas, nada demonstravam e guardavam as preocupações para si.

Meu interesse por esses assuntos cresceu, apesar de ainda ter poucas oportunidades para exercer minha curiosidade. Parecia que os únicos tópicos adequados ao interesse de uma jovem eram de domínio doméstico: como fazer um bolo de melaço macio ou tirar pacientemente o leite de uma vaca velha; o quão bem se pode costurar ou a melhor maneira de curar a febre de uma criança. Testes para provar nossa adequabilidade como esposas, mas eu tinha pouco interesse em competições desse tipo. Só havia um homem a quem eu

queria como marido e ele não se importava com a maciez de um pedaço de bolo.

Uma das tarefas domésticas de que eu menos gostava era lavar roupa. Roupas leves podiam ser levadas para o riacho para ser enxaguadas e torcidas. Mas, muitas vezes por ano, tínhamos que fazer uma lavagem completa, o que significava colocar um enorme caldeirão no fogo, no quintal, para passar um dia inteiro de fervura, esfregação e secagem. Era um trabalho miserável; os braços enfiados na água fervente com uma solução alcalina, torcendo roupas de lã volumosas, espalhando-as para secar sobre os arbustos e galhos de árvores. O dia da lavagem de roupas tinha que ser escolhido com cuidado, pois era necessário um longo dia de tempo bom, quando nenhuma outra tarefa doméstica trabalhosa fosse necessária.

Lembro-me de um desses dias, no início do outono do meu vigésimo ano. Estranhamente, minha mãe havia mandado Maeve e Glynnis para ajudar meu pai com o feno, insistindo que ela e eu, sozinhas, daríamos conta da lavagem. Ela também estava particularmente quieta aquela manhã. Enquanto esperávamos a água ferver, remexia nas coisas para lavar: o desinfetante, a lavanda seca, os pedaços de pau que usávamos para empurrar a roupa dentro do caldeirão.

— Chegou a hora de termos uma conversa séria — minha mãe finalmente disse, no momento em que estávamos em pé ao lado do caldeirão, observando as bolhas subirem até a

superfície da água. — É hora de pensar em você começar a própria vida, Lanore. Você não é mais uma criança. Já está na idade de casar...

Verdade seja dita, eu já estava passando da idade de casar e comecei a imaginar como meus pais pretendiam lidar com essa situação. Eles não haviam prometido nenhum dos filhos em casamento.

— E devemos conversar sobre o que fazer quanto ao mestre St. Andrew. — Ela segurou a respiração e piscou os olhos para mim.

Meu coração disparou com as palavras dela. Que outra razão ela teria para trazer o nome de Jonathan ao contexto do casamento se ela e meu pai não tivessem a intenção de arranjar as coisas para mim? Fiquei sem fala de tanta alegria e surpresa, a última, por saber que meu pai não desaprovava a família St. Andrew, não mais. Muitas coisas haviam mudado desde que as famílias seguiram para o norte com Charles St. Andrew. Seu relacionamento com o restante da cidade, com os homens que haviam confiado nele, estava estremecido. Minha mãe olhou para mim com sinceridade.

— Digo isso como a mãe que ama você, Lanore: deve terminar sua amizade com mestre Jonathan. Vocês dois não são mais crianças. Continuar nessa situação não lhe fará bem.

Não senti os respingos de água fervente queimarem minha pele ou o calor do caldeirão molhar meu rosto. Olhei

fixamente para ela. Ela se apressou para encobrir meu silêncio tomado de horror.

— Deve entender, Lanore. Que outro jovem irá querer você quando está obviamente apaixonada por Jonathan?

— Não estou apaixonada por Jonathan. Somos só amigos! — reclamei.

Ela riu suavemente, mas, de qualquer forma, apunhalou meu coração.

— Não pode negar seu amor por Jonathan. É muito óbvio, minha querida, assim como é óbvio que ele não sente a mesma coisa em relação a você.

— Não há nada para ele demonstrar — protestei. — Somos só amigos, posso lhe garantir isso.

— Os casos dele são o falatório da cidade...

Esfreguei minha mão na testa suada.

— Eu sei, ele me conta tudo.

— Ouça, Lanore — ela implorou, virando-se para mim mesmo quando lhe dei as costas. — É muito fácil se apaixonar por um homem tão bonito ou tão rico quanto Jonathan, mas deve resistir. Jonathan não faz parte de seu destino.

— Como pode dizer isso? — O protesto saiu de meus lábios ainda que não quisesse dizer nada daquilo. — Você não sabe o que acontecerá comigo ou com Jonathan.

— Ah, menina tola, não me diga que entregou seu coração a ele! — Ela me pegou pelos ombros e me chacoalhou. — Não pode esperar que se case com o menino do capitão. A família de Jonathan nunca permitiria, nunca, nem seu pai concordaria com isso. Sinto muito por ser eu a lhe dizer esta verdade tão terrível...

Ela não precisava dizer. Eu sabia que nossas famílias não eram do mesmo nível e sabia que a mãe de Jonathan tinha grandes expectativas com relação ao casamento de seus filhos. Mas os sonhos de uma garota são quase impossíveis de morrer, e eu cultivava esse desde sempre; parecia que havia nascido com o desejo de estar com Jonathan. Sempre acreditei, secretamente, que um amor tão profundo e verdadeiro quanto o meu seria premiado no final, e agora estava sendo forçada a aceitar a amarga verdade. Minha mãe retornou ao trabalho, pegando o longo pedaço de pau para mexer a roupa na água fervente.

— Seu pai quer começar a procurar um companheiro para você; por isso, tente entender por que tem de terminar essa amizade. Precisamos encontrar um companheiro para você antes de encontrarmos para suas irmãs — ela continuou —, você entende a importância disso, não entende, Lanore? Não gostaria que suas irmãs ficassem solteiras para o resto da vida, gostaria?

— Não, mãe — respondi, arrasada. Ainda estava de costas para ela, com o olhar distante, tentando não chorar, quando notei um movimento na floresta atrás de nossa casa. Poderia ser qualquer coisa, boa ou perigosa, meu pai e minhas irmãs voltando do campo de feno, alguém viajando entre as fazendas, um veado andando pelo mato. Meus olhos seguiram a figura até que consegui distingui-la, grande e escura, um negrume brilhante e gracioso. Não era um urso. Um cavalo e um cavaleiro. Havia só um verdadeiro cavalo negro no vilarejo e pertencia a Jonathan. Por que Jonathan estaria cavalgando por esses lados se não para me ver? Mas ele passou para além de nossa casa e seguiu na direção de nossos vizinhos, os recém-casados Jeremias e Sophia Jacobs. Não conseguia pensar em nenhuma razão para Jonathan visitar Jeremias, absolutamente nenhuma. Levantei a mão para enfiar uns cachos soltos dentro de meu chapéu.

— Mãe, a senhora não disse que Jeremias Jacobs não estaria em casa nesta semana? Ele já partiu?

— Sim, já partiu — ela respondeu distraída, mexendo o caldeirão. — Foi para Fort Kent procurar um par de cavalos de tropa e disse a seu pai que voltaria na semana que vem.

— E deixou Sophia sozinha, não deixou? — A figura brilhante passou pelos meus olhos e desapareceu na escuridão da floresta. Minha mãe concordou com um murmúrio.

— Sim, mas sabe que não tem com o que se preocupar. Estará segura, sozinha durante uma semana. — Ela tirou a

peça de roupa molhada do caldeirão com o pedaço de pau, uma massa de onde saía vapor e escorria água. Tomei a massa de roupa das mãos dela e levei para debaixo da árvore, onde pendurávamos todas as roupas de lã juntas. — Prometa que vai desistir de Jonathan e não procurar mais a companhia dele — foi a última coisa que ela disse sobre o assunto. Mas minha cabeça estava no pequeno sobrado de madeira de nossos vizinhos, o cavalo de Jonathan esperando impacientemente do lado de fora.

— Prometo — respondi à minha mãe, mentindo descaradamente, como se não quisesse dizer absolutamente mais nada.

8

À medida que o outono se aprofundava e as folhas tomavam tons de marrom, vermelho e dourado, o caso de amor entre Jonathan e Sophia Jacobs não arrefeceu. Durante aquelas semanas, meus encontros com Jonathan eram cada vez mais raros e dolorosamente curtos. Ainda que a culpa não fosse toda dela, cada um de nós tinha as próprias preocupações naquela época, eu colocava toda a culpa em Sophia. Que direito ela tinha de ter a atenção dele? Até onde conseguia entender, ela não merecia a companhia dele. O pior pecado era ela ser casada e, na busca desse relacionamento, estava forçando Jonathan a comprometer sua moral cristã. Ela o estava condenando ao inferno junto consigo mesma.

Mas as razões pelas quais ela não o merecia não paravam por aí. Sophia não chegava a ser a garota mais bonita do vilarejo; pelas minhas contas, havia pelo menos umas vinte garotas, comparáveis em idade, que eram mais bonitas do que ela, mesmo me excluindo deste grupo por questão de modéstia. Além disso, ela não tinha nem a posição social nem a riqueza que a tornaria adequada para a companhia de um homem com o *status* de Jonathan. Faltavam-lhe dotes domésticos: sua costura era passável e as tortas que trazia às festas da igreja eram massudas e assadas de maneira desigual. Sophia era inteligente, sem dúvida, mas se alguém fosse obrigado a escolher uma garota inteligente na cidade, o nome dela não estaria entre aquelas que vêm primeiro à

mente. Assim, qual era exatamente a base de seu relacionamento com Jonathan, que deveria ter só o melhor?

Enrolei o linho do final do verão, refletindo sobre esse estranho relacionamento, amaldiçoando-o por ser inconstante. Afinal, aquele dia, no campo dos McDougal, ele tinha dito que ficaria com ciúme se eu me afeiçoasse por outro menino no vilarejo; e agora aqui estava ele, cortejando Sophia Jacobs. Uma jovem de coração mais fraco poderia ter tirado conclusões sobre seu comportamento, mas eu não faria isso, preferia acreditar que Jonathan me escolheria se soubesse de meus sentimentos. Eu caminhava de um lado para o outro após os cultos da igreja aos domingos, jogando olhares não correspondidos na direção de Jonathan, querendo dizer o quanto o queria. Percorri os trilhos que levavam até a casa dos St. Andrew e fiquei imaginando o que Jonathan estaria fazendo naquele momento; sonhando acordada, tentei imaginar como seria sentir as mãos de Jonathan em meu corpo, como seria ser pressionada embaixo dele, tomada por seus beijos. Fico vermelha ao pensar no quanto minha visão do amor era inocente naquela época! Tinha uma concepção de amor de uma virgem, tão casto quanto nobre.

Sem Jonathan, eu estava sozinha. Essa era uma prévia do que seria minha vida quando Jonathan estivesse casado e assumisse os negócios da família, e eu estivesse casada com outro. Seríamos cada vez mais levados às nossas próprias órbitas, caminhos destinados a nunca se cruzarem. Mas esse dia ainda não havia chegado e Sophia Jacobs não era a

legítima esposa de Jonathan. Ela era uma intrusa que queria roubar seu coração.

Um dia, logo após a primeira geada, Jonathan veio me ver. Ele estava tão diferente, parecia que havia envelhecido anos. Ou talvez fosse só aquela alegria em seu rosto que tivesse ido embora; ele parecia sério e bem adulto. Ele me encontrou no campo de feno, com minhas irmãs, colhendo o que ainda restava do feno para secar ao sol de verão e colocando no celeiro, onde guardávamos a alfafa que alimentaria o gado durante o longo inverno.

— Deixe-me ajudar você — ele disse, apeando do cavalo. Minhas irmãs, vestidas como eu, com roupas velhas e lenços amarrados na cabeça para manter o cabelo afastado, olharam desconfiadas para ele e deram gargalhadas.

— Não seja ridículo! — exclamei, olhando para seu elegante casaco de lã e calças de pele de corça. Recolher o feno era uma tarefa horrível e cansativa. De qualquer forma, eu ainda estava ressentida por seu abandono e disse a mim mesma que não queria nada dele. — Só me diga o que o traz aqui — falei.

— Creio que minhas palavras sejam só para seus ouvidos. Podemos pelo menos caminhar um pouco sozinhos? — perguntou, cumprimentando minhas irmãs com a cabeça para mostrar que não queria ser desrespeitoso. Joguei meu forcado no chão, tirei as luvas e comecei a caminhar em direção à floresta.

Ele seguiu a pé a meu lado, trazendo seu cavalo com a rédea frouxa.

— Bem, não nos vemos faz tempo, não é? — ele começou a falar de um modo não muito convincente.

— Não tenho tempo para delicadezas — respondi a ele. — Tenho trabalho a fazer.

Ele desistiu das desculpas de uma vez por todas.

— Ah, Lanny! Nunca consegui enganar você. Senti sua falta, mas não é por isso que vim até aqui hoje. Preciso de seu conselho. Não sou muito bom em julgar meus próprios problemas e você sempre vê as coisas com clareza, independentemente de qual seja o problema.

— Pode parar de me lisonjear — eu disse, passando a testa na manga suja da camisa. — Não sou o rei Salomão. Há muitas outras pessoas mais inteligentes nesta cidade a quem você pode recorrer, então, o fato de ter vindo até mim significa que está metido em algum tipo de problema que não ousa dividir com mais ninguém. Vamos lá, desembucha: o que você fez?

— Tem razão. Não há ninguém em quem eu possa confiar, exceto em você. — Jonathan virou seu rosto lindo, constrangido. — É Sophia, acho que você já adivinhou essa parte, tenho certeza, e acho que o nome dela é o último que queria ouvir...

— Você não faz ideia — sussurrei, enfiando uma dobra da saia na cintura para levantar a barra do chão.

— Tem sido uma união suficientemente feliz entre nós, Lanny. Nunca imaginaria. Somos tão diferentes, mas, ainda assim, gostava muito da companhia dela. Ela tem uma mente independente e não tem medo de dizer o que pensa — ele falava sem perceber que eu estava petrificada, parada no meio do caminho, boquiaberta. Eu já não tinha falado a ele o que penso? Bem, talvez não tivesse dito claramente, mas não tínhamos conversado como iguais, amigos? Era enlouquecedor que ele achasse o humor de Sophia tão singular e admirável! — É ainda mais extraordinário, considerando sua família. Ela conta histórias sobre o pai, que ele é um bêbado e um jogador, e que bate na esposa e nas filhas.

— Tobey Ostergaard — eu disse. Surpreendia-me que Jonathan não conhecesse a má reputação de Tobey, mas isso só servia para demonstrar o quanto era isolado do restante do vilarejo. Os problemas de Ostergaard eram bem conhecidos; ninguém o tinha em alta estima como pai ou provedor. Fazendeiro pobre, Tobey cavava covas nos fins de semana para ganhar dinheiro extra, que quase sempre era desperdiçado em bebida. — O irmão dela fugiu no ano passado — contei a Jonathan. — Ele brigou com o pai e Tobey o acertou no rosto com a pá de coveiro.

Jonathan parecia realmente aterrorizado.

— Esta criação difícil endureceu Sophia, mas, mesmo assim, ela não ficou insensível ou amarga, nem mesmo depois de seu casamento doloroso. Ela se arrepende muito de ter concordado com a proposta, especialmente agora que... — Ele foi saindo de mansinho.

— Agora que o quê? — incitei, o medo subindo por minha garganta.

— Ela diz que está grávida — Jonathan desabafou, virando as costas para mim. — Ela jura que o bebê é meu. Não sei o que fazer.

A expressão dele era uma máscara de terror e, claro, de medo de precisar contar isso para mim. Teria lhe dado um tapa se não fosse tão óbvio que ele realmente não queria me magoar. Ainda assim, queria jogar de volta na cara dele: deixou-se levar por essa mulher durante semanas e o que esperava? Tivera sorte por não ter acontecido antes.

— O que você vai fazer? — perguntei.

— O desejo de Sophia é simples: ela quer que nos casemos e criemos o bebê, juntos.

Uma risada amarga saiu de meus lábios.

— Ela deve estar louca. Sua família nunca permitiria isso. — Ele me deu uma olhada rápida e zangada, que me fez me arrepender de minha reação. — O que — continuei em um tom mais conciliatório — *você* gostaria de fazer?

Jonathan balançou a cabeça.

— Vou dizer, Lanny, não sei o que pensar sobre esse assunto.

Não sabia se acreditava nele. Havia uma hesitação em sua voz, como se tivesse pensamentos que não ousasse dizer. Havia pouco do Jonathan que eu conhecera, o patife que planejava permanecer sem algemas o máximo possível. Se ele soubesse o quanto seu dilema me preocupava! Por um lado, ele parecia tão miserável e perdido com relação a que caminho seguir, que fiquei com pena. Por outro, meu orgulho doía feito pele recém-esfolada. Andei ao redor dele, com o indicador pressionando meus lábios.

— Bem, vamos analisar a situação. Você sabe tão bem quanto eu que há remédios para esse tipo de ocorrência. Ela precisa fazer uma visita à parteira... — Pensei em Magda: com certeza ela saberia como lidar com aquela calamidade, uma eventualidade em seu tipo de trabalho. — Uma mistura de ervas ou algum procedimento, me disseram, pode resolver o problema.

Com o rosto enrubescido, Jonathan balançou a cabeça.

— Ela não irá; quer, realmente, ter o bebê.

— Mas ela não pode! Seria loucura exibir seu mau comportamento dessa maneira.

— Se esse tipo de comportamento for loucura, então acho que ela não está em seu melhor estado mental.

— E... seu pai? Já pensou em ir até ele para pedir um conselho? — A sugestão não era completamente ridícula: Charles St. Andrew era conhecido por perseguir suas empregadas e provavelmente já estivera na posição de Jonathan uma ou duas vezes na vida. Jonathan resfolegou feito um cavalo assustado.

— Acho que terei que contar para o velho Charles, apesar de não ter grandes expectativas. Ele saberá como lidar com Sophia, mas temo como isso tudo terminará.

Isso queria dizer, achei, que Charles St. Andrew faria seu filho cortar quaisquer laços com Sophia e, com ou sem bebê, eles nunca mais se veriam novamente. Ou, pior, ele poderia insistir que Jeremias soubesse, e Jeremias poderia exigir o divórcio de sua esposa adúltera e processar Jonathan. Ou poderia extorquir dinheiro dos St. Andrew, concordando em criar a criança como seu filho se pagassem por seu silêncio. O que poderia acontecer quando St. Andrew tomasse parte disso era pura especulação.

— Meu querido Jonathan — murmurei, minha mente em busca de um conselho que pudesse lhe dar —, sinto muito por seu infortúnio. Mas, antes de falar com seu pai, me dê um dia para pensar sobre isso. Talvez apareça uma solução.

Olhou por cima do ombro para minhas irmãs, que estavam escondidas de nós atrás de uma pilha de fenos.

— Como sempre, você é minha salvação.

Antes que eu pudesse saber o que estava acontecendo, ele me pegou pelos ombros e me puxou para junto dele; a força de seu beijo foi um alerta de que ele poderia invocar meu desejo quando bem quisesse, que eu era dele. Segurou-me com força, mas ele também tremeu; estávamos os dois ofegantes quando me soltou.

— Você é um anjo — ele suspirou roucamente em meu ouvido. — Sem você, estaria perdido.

Ele sabia o que estava fazendo, dizendo essas coisas para alguém que estava desesperadamente apaixonada por ele? Fiquei pensando se ele tinha vindo para que eu o ajudasse a sair daquela situação imoral ou se tinha vindo meramente para se assegurar dos votos de confiança da garota que o amava independentemente do que fizesse. Gostava de pensar que parte dele me amava de verdade e que sentia muito por me decepcionar. Não consigo dizer honestamente que sabia das verdadeiras intenções de Jonathan naquela época; duvido que ele mesmo soubesse, afinal, era um jovem envolvido num problema muito sério pela primeira vez na vida. Talvez Jonathan quisesse acreditar que, se Deus perdoasse seu erro, ele mudaria e se satisfaria com uma única garota que o amasse completamente.

Ele montou de novo na sela, cumprimentou minhas irmãs com educação e virou seu cavalo na direção de sua casa. E, antes que tivesse cavalgado até a ponta do campo e

desaparecido de vista, um pensamento me veio à cabeça, pois eu era uma garota inteligente e mais concentrada do que nunca quando a situação envolvia Jonathan.

Resolvi visitar Sophia no dia seguinte e falar com ela em particular. Esperei até ter recolhido as galinhas ao galinheiro, para minha ausência não ser notada, antes de partir em direção à fazenda dos Jacobs. A propriedade deles era bem mais silenciosa do que a nossa, principalmente porque eles tinham menos gado e não havia crianças para ajudar com todas as tarefas. Entrei sorrateiramente no estábulo, esperando não dar de cara com Jeremias, e encontrei Sophia fechando as três velhas vacas maltratadas em uma baia.

— Lanore! — Ela pulou de surpresa, as mãos subindo para cobrir o coração. Vestia roupas leves demais para quem estava do lado de fora, somente um xale de lã fina sobre os ombros, em vez de uma capa para espantar o frio. Sophia, com certeza, sabia de minha amizade com Jonathan e Deus sabe o que mais ele teria dito a ela sobre mim (ou talvez eu fosse tola demais para acreditar que ele pensasse em mim quando eu não estivesse por perto). Ela me olhou friamente, sem dúvida preocupada com o motivo da visita. Para ela, eu deveria ser uma criança, por ainda não estar casada e viver sob o teto de meus pais, apesar de eu ser poucos anos mais nova do que ela.

— Me perdoe por vir sem avisar, mas tinha que falar com você sozinha — eu disse, olhando sobre meu ombro para ter certeza de que o marido dela não estava por perto. — Vou direto ao assunto, já que não temos tempo para animosidades. Acho que você sabe por que vim falar com você. Jonathan me contou...

Ela cruzou os braços e me olhou furiosamente.

— Ele contou a você, não é mesmo? Ele tinha que dar a boa notícia de que me deixou de barriga?

— Nada disso! Se acha que ele está feliz porque você vai ter um bebê...

— O bebê *dele* — ela insistiu. — E sei que ele não está feliz.

Era disso que eu precisava. Fiquei pensando no que diria a Sophia desde o momento em que Jonathan partira no dia anterior. Ele tinha vindo até mim porque precisava de alguém que pudesse ser duro com Sophia no lugar dele. Alguém que pudesse deixar bem claro para ela a fragilidade da posição em que se encontrava. Sophia saberia que eu entendia o que enfrentava; haveria menos espaço para conversa e menos apelo à emoção. Não estava fazendo isso porque odiava Sophia, assegurei a mim mesma, nem porque me ressentia por ela ter roubado meu lugar na vida de Jonathan. Não, eu sabia como Sophia era e estava evitando que Jonathan caísse numa armadilha.

— Com todo respeito, tenho que perguntar: qual é a prova que você tem para dizer que o bebê é de Jonathan? Temos só sua palavra e... — Caminhei um pouco, deixando minha afirmação pairar no ar.

— Você é o quê? A advogada de Jonathan? — O rosto dela enrubesceu quando eu não fisguei a isca. — Sim, tem razão, poderia ser tanto de Jeremias quanto de Jonathan, mas eu sei que é de Jonathan. Eu *sei*. — As mãos delas se entrelaçaram sobre a barriga, apesar de ela ainda não mostrar sinais de gravidez.

— Espera que Jonathan arruíne a vida dele baseado em suas afirmações?

— Arruinar a vida dele? — ela gritou num som agudo. — E a minha vida?

— Sim, e a sua vida? — eu disse, falando o mais alto que conseguia. — Já pensou no que acontecerá se você acusar Jonathan publicamente de ser o pai de seu bebê? Tudo o que vai conseguir é fazer com que toda a cidade pense que você é uma mulher perdida... — Sophia bufou, girando nos saltos para longe de mim, como se não suportasse ouvir mais nenhuma palavra. — ... e ele negará o caso. E quem acreditará em você, Sophia? Quem acreditaria que Jonathan St. Andrew escolheria vadiar com você quando pode escolher qualquer outra mulher no vilarejo?

— Jonathan vai me renegar? — ela perguntou, incrédula. — Não desperdice seu fôlego, Lanore. Não me convencerá de que meu Jonathan me renegaria.

Meu Jonathan, ela tinha dito. Minhas bochechas enrubesceram, meu coração disparou. Não sei onde encontrei coragem para dizer as coisas horríveis que disse para Sophia. Foi como se outra pessoa se escondesse dentro de mim, alguém com qualidades que nunca imaginei ter, e essa pessoa secreta tinha saído de dentro de mim tão facilmente quanto um gênio é invocado para fora de uma lâmpada. Estava cega de ódio; tudo o que sabia era que Sophia estava ameaçando Jonathan, ameaçando arruinar seu futuro e eu nunca deixaria que ninguém o machucasse. Ele não era o Jonathan dela, ele era *meu*. Já tinha tomado posse dele havia anos, no vestíbulo da igreja, e, tão tolo quanto possa parecer, senti essa possessão tomar conta de mim, feroz e primitiva.

— Vai ser motivo de riso, a mulher mais feia de St. Andrew dizendo que o homem mais requisitado da cidade é o pai de seu filho, não o palerma do marido. O palerma a quem ela despreza.

— Mas é mesmo filho dele — ela disse, desafiadora. — Jonathan sabe disso. Ele não se importa com o que aconteceria com a carne de sua carne e o sangue de seu sangue?

Isso me fez parar; senti uma ponta de culpa.

— Faça um favor a você mesma, Sophia, e esqueça seu plano mirabolante. Você tem um marido, diga que o filho é

dele. Ele ficará feliz com a notícia; tenho certeza de que Jeremias gostaria de ter filhos.

— Sim, gostaria, de filhos *dele* — ela sibilou. — Não posso mentir a Jeremias sobre a linhagem da criança.

— Por que não? Você, sem dúvida nenhuma, mentiu a ele sobre sua fidelidade — eu disse, sem piedade. Naquele momento, o ódio dela era tão palpável que pensei que fosse me dar um bote, como uma cobra. Chegara a hora de enfiar a adaga em seu coração. Olhei para ela de cima a baixo, com os olhos contraídos.

— Sabe, a punição para adultério de uma mulher, se ela for casada, é a morte. Essa ainda é a posição da igreja. Leve isso em consideração, se insiste em manter seu plano. Selará sua própria sorte.

Era uma ameaça sem fundamento: nenhuma mulher seria condenada à morte por ser adúltera, nem em St. Andrew nem em nenhuma outra cidade vizinha, onde as mulheres com idade para ter filhos eram escassas. A punição de Jonathan, se a população da cidade resolvesse, por um motivo impensável, que ele era culpado, seria pagar o imposto de bastardia e, talvez, ser banido por alguns membros mais devotos durante um tempo. Sem dúvida, Sophia levaria a maior parte da culpa. Ela andava em círculos, como se procurasse torturadores escondidos.

— Jonathan! — ela gritou, mas não alto o suficiente para que seu marido conseguisse ouvi-la. — Como pode me tratar

assim? Esperei que fosse se comportar honradamente... Em vez disso, manda essa víbora — ela me lançou um olhar venenoso, com os olhos cheios e lacrimejantes — para fazer o trabalho sujo em seu lugar. Não pense que não sei por que está fazendo isso — ela sibilou, apontando o indicador para mim. — Todo mundo na cidade sabe que é apaixonada por ele, mas ele não a quer. É ciúme, eu sei. Jonathan nunca teria mandado você para tratar comigo dessa maneira.

Havia me preparado para permanecer calma. Dei alguns passos para trás, como se ela estivesse louca ou fosse perigosa.

— Claro que ele me pediu para ver você, caso contrário, como eu saberia que você está de barriga? Ele desistiu de tentar colocar alguma razão nessa sua cabeça e me pediu para conversar com você, como mulher. E, como mulher, eu digo: sei o que está aprontando. Está usando esse infortúnio para melhorar sua vida, para trocar seu marido por alguém com mais condições. Talvez nem haja um bebê; você me parece a mesma de sempre. No que se refere a meu relacionamento com Jonathan, nós temos uma amizade especial, pura e casta, e mais forte do que a de um irmão e irmã, mas não espero que você entenda isso — disse, com desdém. — Você não compreenderia o relacionamento com um homem que não envolvesse levantar suas saias. Pense muito nisso, Sophia Jacobs. É um problema seu e a solução está em suas mãos. Escolha o caminho mais fácil, dê um filho a Jeremias. E não se aproxime de Jonathan de novo: ele não quer ver você — eu disse com firmeza e, então, saí do estábulo. No

caminho para casa, tremia de medo e triunfo, os nervos à flor da pele, apesar do ar gelado. Tinha invocado toda a minha coragem para defender Jonathan e tinha feito isso com uma determinação que desconhecia possuir. Poucas vezes erguera a voz e nunca impusera minha opinião de forma tão veemente a alguém. Descobrir que tinha essa força interior era assustador e, ao mesmo tempo, fantástico. Caminhei de volta para casa pela floresta, despreocupada e enrubescida, confiante de que podia fazer qualquer coisa.

9

Foi o barulho que me acordou na manhã seguinte, o disparo de um mosquete, bala e pólvora. Um mosquete disparado àquela hora significava problema: um incêndio na casa de um vizinho, uma invasão, um acidente terrível. O tiro veio da direção da fazenda dos Jacobs; eu sabia assim que ouvi o disparo.

Puxei o cobertor sobre a cabeça, fingindo dormir, ouvindo os sussurros vindos da cama de meus pais. Ouvi meu pai se levantar, vestir-se e sair pela porta. Minha mãe também se levantou, provavelmente enrolando uma colcha de retalhos em volta dos ombros, enquanto fazia as tarefas domésticas que costumava fazer todas as manhãs, acendendo o fogo e colocando um caldeirão de água para ferver. Virei-me de um lado para o outro antes de me sentar, relutante em colocar as solas dos pés no assoalho frio e começar um dia que se anunciava estranho e de má sorte.

Meu pai entrou de volta com uma expressão sombria.

— Vista-se, Nevin. Precisa vir comigo — ele disse à massa resmunguenta na cama do andar de baixo.

— Preciso? — Ouvi meu irmão perguntar com a voz pesada de sono. — Não precisamos alimentar o gado...

— Eu irei com você, pai — chamei do andar de cima, vestindo-me apressadamente. Meu coração já estava batendo tão rápido que seria impossível ficar em casa e esperar notícias do que acontecera. Tinha que ir com meu pai.

Havia nevado durante a noite, a primeira neve da estação, e tentei clarear minha mente enquanto caminhava atrás de meu pai, concentrando-me somente em pisar nas pegadas que ele fazia na neve recém-caída. Minha respiração pairava no ar seco e uma gota escorria da ponta de meu nariz.

Bem no meio do nada, diante de nós, estava a fazenda dos Jacobs, um sobradinho marrom sobre a vastidão de neve. As pessoas começavam a chegar, pequenas formas negras e distantes contrastando com a neve, e outras mais vinham até a fazenda de todas as direções, a pé ou a cavalo. A visão fez meu coração disparar mais uma vez.

— Nós vamos até os Jacobs? — perguntei atrás de meu pai.

— Sim, Lanore. — Uma resposta taciturna, com sua habitual economia de palavras. Eu mal conseguia conter minha ansiedade. — O que acha que aconteceu?

— Espero descobrir — ele disse pacientemente.

Havia um representante de cada família, exceto dos St. Andrew, mas eles moravam na ponta mais longínqua da cidade e não conseguiriam ouvir o tiro, todos vestidos com partes de roupas que não combinavam: roupões, barras de

camisolas malfeitas aparecendo debaixo do casaco, cabelos despenteados. Segui meu pai através da pequena multidão, abrindo caminho a cotoveladas até chegarmos à porta, onde Jeremias estava ajoelhado na neve enlameada e despedaçada. Era óbvio que havia se enfiado nas calças apressadamente, botas sem amarrar nos pés e um cobertor enrolado sobre os ombros. Seu velho bacamarte, a arma que usara para dar o alarme, estava encostado ao lado, na parede de tábua. Seu rosto grande contorcia-se em agonia, olhos vermelhos, lábios rachados e sangrando. Por ele ser um homem desprovido de emoções, a visão era enervante. O pastor Gilbert abriu caminho até ele, então ficou de cócoras para conseguir falar suavemente ao ouvido de Jeremias.

— O que foi, Jeremias? Por que disparou o alarme?

— Ela partiu, pastor...

— Partiu?

— Sophia, pastor. Ela se foi.

A quietude em sua voz criou uma onda de murmúrios pela multidão, todos cochichando uns com os outros, exceto eu e meu pai.

— Se foi? — Gilbert colocou as mãos nas faces de Jeremias, segurando o rosto dele. — Como assim, ela se foi?

— Ela foi embora ou alguém a levou. Quando acordei, ela não estava em casa. Nem no curral nem no estábulo. Sua capa sumiu, mas as outras coisas ainda estão aqui.

Ouvir que Sophia (zangada, talvez se sentindo destruída) não revelara minha visita a Jeremias aliviou o aperto em meu peito, de que até então não me apercebera. Naquele momento, que Deus meu perdoe, não estava tão preocupada com uma mulher perambulando sem nada pela floresta, mas sim com minha própria ruína. Gilbert balançou a cabeça branca.

— Jeremias, com certeza ela só saiu um pouco, talvez para uma caminhada. Voltará logo para casa e se desculpará por ter deixado o marido tão preocupado. — Mas, apesar das palavras dele, todos sabíamos que estava enganado. Ninguém saía para passear em um tempo tão frio, muito menos nas primeiras horas da manhã. — Acalme-se, Jeremias! Vamos para dentro e aqueça-se um pouco antes que congele os ossos... Fique aqui com a sra. Gilbert e a srta. Hibbins; elas cuidarão de você enquanto o resto de nós vai procurar Sophia, não é mesmo, vizinhos? — Gilbert disse com um falso entusiasmo, enquanto ajudava o homenzarrão a se levantar, e virou-se para nós.

A especulação passava nos olhares rápidos dos maridos para as esposas, vizinho para vizinho (a recém-casada havia abandonado o marido?), mas ninguém tinha coragem de fazer nada a não ser seguir a sugestão do pastor. As duas mulheres acompanharam Jeremias, trôpego e confuso, para

dentro de casa enquanto o restante de nós se dividia em grupos. Procuramos por um rastro na neve, esperando que o caminho de Sophia não tivesse sido pisoteado por quem havia respondido ao tiro de Jeremias.

Meu pai encontrou um rastro de pequenos pés que poderiam ser os de Sophia e nós dois começamos a segui-lo. Com meus olhos treinados na neve, minha mente acelerava, imaginando o que teria feito Sophia sair de casa. Talvez tivesse pensado em minhas palavras a noite toda e acordara decidida a conversar com Jonathan. Como nossa discussão poderia não estar relacionada ao desaparecimento dela? Meu coração batia disparado enquanto seguíamos as pegadas, que eu temia que chegassem à casa dos St. Andrew, até que a neve desapareceu dentro da floresta mais fechada e, com ela, a pista de Sophia.

Agora meu pai e eu seguíamos um rastro indistinto no chão da floresta coberto por uma mistura de terra dura e escorregadia, com algumas finas camadas de neve e folhas mortas. Não sabia se meu pai estava procurando pelo rastro escondido de Sophia ou se continuava por pura obrigação. Caminhamos paralelamente ao rio, o som do Allagash à minha esquerda. Geralmente eu achava relaxante o som da água batendo nas pedras, mas hoje, não.

Sophia deve ter sido movida por algo muito forte para se aventurar na floresta sozinha. Somente os moradores mais fortes do vilarejo iam sozinhos à floresta, pois era fácil se perder lá dentro. Acres e acres de floresta aberta numa

repetição de vidoeiros, abetos e pinheiros, e a regularidade das pedras que cobriam o chão, todas cobertas com musgos extravagantes ou entremeadas por líquenes cinza-esverdeados.

Talvez devesse ter falado com meu pai antes, dizer a ele que esse sacrifício da comunidade era desnecessário e que era muito provável que Sophia tivesse saído para ir ver um homem, um homem cuja companhia ela não deveria manter. Ela poderia estar salva e aquecida em um quarto com esse homem enquanto nós andávamos a esmo pelo frio e pela lama. Imaginava Sophia correndo pela estrada, apaixonada e confusa, fugindo de seu lar infeliz até Jonathan, que, sem dúvida, a acolheria. Meu estômago revirava com a ideia dela enfiada na cama de Jonathan, a ideia de que ela havia vencido e eu, perdido, e que Jonathan agora era dela.

Depois de um tempo, viramos em direção ao rio e caminhamos seguindo a corrente e seus contornos. Meu pai parou num ponto, furando um buraco em uma fina camada de gelo, enfiando as mãos para pegar um pouco de água para beber. Entre um gole e outro, ele me olhou, curioso.

— Não sei quanto tempo mais vamos continuar procurando. Pode ir para casa, Lanore. Aqui não é lugar para uma jovem. Deve estar congelando de frio.

Balancei a cabeça.

— Não, não, meu pai, gostaria de ficar mais um pouco... — Seria impossível esperar as notícias em casa. Ficaria louca ou

sairia da propriedade e correria até a casa de Jonathan e confrontaria Sophia. Conseguia vê-la, orgulhosa, triunfante. Naquele momento, acho que nunca odiara tanto alguém quanto a odiava.

Foi meu pai quem a viu primeiro. Estava mapeando o caminho à frente enquanto eu mantinha meus olhos treinados sobre o chão escorregadio debaixo dos pés. Encontrou o corpo congelado enroscado num redemoinho formado por uma árvore caída, quase escondida em um emaranhado de junco e trepadeira. Ela boiava de barriga para baixo, presa em um monte de plantas, o corpo delicado esticado, as camadas da saia e o longo cabelo espalhados pela superfície da água. Sua capa estava na beira do rio, cuidadosamente dobrada.

— Olhe para lá, garota! — Meu pai disse enquanto tentava me virar para o outro lado. Eu não conseguia tirar os olhos dela.

Meu pai soou o alarme enquanto eu olhava em silêncio para o corpo dela. Outras pessoas atravessaram a floresta, seguindo a voz de meu pai. Dois homens caminharam pela água gelada para desvencilhar o corpo do abraço do mato congelado e da fina camada de gelo que começava a tomar conta dele. Abrimos a capa no chão e colocamos o corpo sobre ela, o tecido encharcado grudando nas pernas e no torso; a pele estava toda azul e seus olhos, graças a Deus, estavam fechados.

Os homens a embrulharam na capa e fizeram turnos para segurar as pontas, usando-a como uma rede para carregar o corpo de Sophia de volta para casa, enquanto eu caminhava atrás deles. Meus dentes rangiam e meu pai se aproximou para esfregar meus braços numa tentativa de me aquecer, mas não adiantou, pois eu tremia de medo, não de frio. Cruzei os braços com força sobre o estômago, com medo de vomitar na frente de meu pai. Minha presença esfriou a discussão entre os homens e eles se abstiveram de especular sobre como Sophia teria tirado a própria vida. No entanto, todos concordaram que o pastor Gilbert não seria informado sobre a capa deixada ao lado de propósito. Ele não saberia que ela havia se suicidado.

Quando meu pai e eu chegamos em casa, corri para a lareira e fiquei tão perto que o fogo queimou meu rosto, mas mesmo esse calor não conseguia me fazer parar de tremer.

— Não fique tão perto! — mandou minha mãe, enquanto me ajudava a tirar a capa, sem dúvida com medo de que ela encostasse em alguma brasa. Eu teria achado bom: merecia queimar como uma bruxa pelo que tinha feito. Algumas horas depois, minha mãe veio até mim, levantou os ombros e disse:

— Vou até os Gilbert para ajudar com a preparação de Sophia. Acho que deveria vir comigo. Já é hora de ocupar o lugar entre as mulheres da cidade e aprender algumas de suas obrigações.

Já havia me trocado e agora vestia uma camisola grossa, estava perto do fogo e bebia uma caneca quente de cidra com rum. A bebida ajudava a me deixar dormente, a acalmar a vontade de chorar e confessar, mas eu sabia que estaria arruinada se tivesse que encarar o corpo de Sophia, mesmo na presença de outras mulheres da cidade. Levantei-me apoiando um cotovelo.

— Não poderia... Não me sinto bem. Ainda estou com frio...

Minha mãe pressionou as costas das mãos em minha testa, depois em minha garganta.

— Para todos os efeitos, direi que está queimando de febre... — Ela me olhou com cautela, desconfiada, então levantou-se do chão, colocando a capa sobre os ombros. — Está bem, só dessa vez, levando em consideração tudo o que passou mais cedo... — As palavras dela sumiram aos poucos. Ela me olhou de cima a baixo mais uma vez, de uma forma que não consegui decifrar, e então saiu pela porta.

Mais tarde, ela me contou o que aconteceu na casa do pastor, como as mulheres prepararam o corpo de Sophia para o enterro. Primeiro, colocaram o corpo perto do fogo para descongelar; depois, tiraram o lodo do nariz e da boca, e penteiaram o cabelo suavemente. Minha mãe descreveu como a pele dela havia ficado depois de tanto tempo dentro do rio e como tinha pequenos arranhões vermelhos por ter sido carregada pela corrente e arrastada sobre as rochas

submersas. Vestiram-na com seu melhor vestido, um amarelo tão pálido que quase parecia marfim, enfeitado com bordados que ela mesma havia feito e ajustado ao seu corpo esguio com alfinetes. Não houve menção ao corpo de Sophia, não falaram em anormalidades ou comentaram sobre o leve inchaço no abdômen da jovem morta. Se alguém notou alguma coisa, foi atribuído ao inchaço, sem dúvida, à água que a pobre jovem engoliu quando se afogara. E, então, colocaram um xale de linho dentro do caixão simples. Dois homens, que esperavam enquanto as mulheres acabavam o trabalho, carregaram o caixão para dentro de uma charrete e o levaram até a casa de Jeremias, onde ficaria à espera do funeral.

Enquanto minha mãe descrevia o estado do corpo de Sophia, senti como se unhas estivessem me rasgando, exortando para que confessasse minha maldade. Mas, com dificuldade, mantive o bom senso e chorei enquanto minha mãe falava, escondendo meus olhos com as mãos. Minha mãe esfregou minhas costas como se eu fosse uma criança de novo.

— O que é, Lanore, querida? Por que está tão perturbada por causa de Sophia? É uma coisa terrível e ela era nossa vizinha, sim, mas acho que você nem a conhecia tão bem assim... — Ela me mandou para cima com uma bolsa de couro de cabra cheia de água quente e ralhou com meu pai por ter me levado com ele para a floresta. Deitei com a bolsa sobre a barriga, apesar de ela não me trazer conforto. Fiquei acordada, ouvindo todos os sons da noite (o vento, o

balançar das árvores, as brasas quase apagadas) sussurrarem o nome de Sophia.

Como seu casamento, o funeral de Sophia Jacobs foi um evento simples, assistido por seu marido, sua mãe, alguns de seus irmãos e outras poucas pessoas. O dia estava frio e encoberto, com a neve se preparando para cair do céu, assim como tinham sido todos os dias desde que Sophia havia se matado.

Em pé, Jonathan e eu assistimos de um morro que dava para o cemitério. Vimos os enlutados se aglomerarem em volta da vala escura e profunda. De alguma forma conseguiram cavar uma sepultura, apesar de o chão já estar começando a congelar, e eu não conseguia parar de pensar se teria sido o pai, Tobey, que a cavara. Os enlutados, manchas de preto contra o campo branco distante, ficavam para lá e para cá, enquanto o pastor Gilbert proferia as palavras sobre a morta. Meu rosto estava tenso, inchado pelos dias de choro, mas, agora, na presença de Jonathan, as lágrimas desapareceram. Parecia surreal espiar o funeral de Sophia. Sobretudo eu, que deveria estar de joelhos, implorando pelo perdão de Jeremias, pois era a responsável pela morte de sua esposa; era como se eu mesma a tivesse empurrado para dentro do rio.

A meu lado, Jonathan permanecia em silêncio. A neve finalmente começou a cair, como que liberando a tensão de longa data, pequenos flocos ziguezagueando no ar frio antes de pousar sobre o casaco marrom-escuro e os cabelos dele.

— Não acredito que ela se foi — ele disse pela vigésima vez naquela manhã. — Não consigo acreditar que ela tirou a própria vida.

Engasguei em minhas próprias palavras. Qualquer coisa que dissesse seria muito fraco, muito paliativo e totalmente falso.

— É minha culpa — ele grasnou, levantando a mão sobre o rosto.

— Não deve se culpar por causa disso. — Apressei-me em confortá-lo com as palavras que havia dito a mim mesma muitas e muitas vezes nos últimos dias, enquanto me escondia na cama ardendo de febre e culpa. — Você sabia que a vida dela havia sido miserável, desde quando era criança. Quem sabe quais pensamentos infelizes ela carregava e desde quando? Ela finalmente deu cabo deles. Não é sua culpa, de forma alguma.

Ele deu dois passos à frente, como se quisesse estar lá embaixo no cemitério.

— Não acredito que ela estivesse carregando pensamentos de autoflagelo, Lanny. Ela estava feliz comigo. É inconcebível que a Sophia que conheci estivesse lutando contra o desejo de se suicidar.

— Nunca se sabe. Talvez ela tenha brigado com Jeremias. Talvez depois da última vez que você a viu...

Ele fechou os olhos, apertando-os com força.

— Se alguma coisa a incomodou, foi minha reação quando ela me contou sobre o bebê. É por isso que estou me culpando, Lanny, por minha reação insensível. Você disse — Jonathan ergueu a cabeça, de repente, olhando em minha direção — que pensaria numa maneira de dissuadi-la a não ficar com o bebê. Lanny, rezo para que você não tenha se aproximado de Sophia com esse tipo de plano...

Surpresa, dei um passo para trás. Nos últimos dias, enquanto lutava com a culpa, pensei em contar tudo para ele. Tinha que falar para alguém, não era o tipo de segredo que o corpo podia manter sem causar nenhum tipo de dano à alma, e, se alguém poderia entender isso, seria Jonathan. Afinal, tinha feito isso por ele. Ele veio me pedir ajuda e eu fiz o que era necessário fazer. Agora precisava ser absolvida pelo que tinha feito; ele me devia essa absolvição, não devia? Mas, enquanto me observava com aqueles olhos negros e determinados, percebi que não podia contar a ele. Não agora, não enquanto ainda estivesse com a tristeza à flor da pele e capaz de ser levado pelas emoções. Ele não entenderia.

— O quê? Não, não tinha plano nenhum. Além disso, por que abordaria Sophia sozinha? — menti. Não tinha intenção de mentir para Jonathan, mas ele me surpreendeu, sua dúvida me atingiu como uma flecha atirada com estranha precisão. Decidi que contaria a ele um dia, mas não naquele momento. Jonathan virou seu chapéu de três pontas nas mãos.

— Acha que devo contar a verdade a Jeremias?

Corri para perto de Jonathan e o chacoalhei pelos ombros.

— Isso seria uma coisa terrível a se fazer, tanto para você quanto para a pobre Sophia. Que bem faria contar a Jeremias agora, exceto apaziguar sua consciência? Tudo que conseguiria seria destruir a imagem que Jeremias tem dela. Deixe-o enterrar Sophia como uma boa esposa, que o honrou.

Ele olhou para minhas mãos pequenas apertando seus ombros, era incomum nos tocarmos agora que já não éramos mais crianças, e então olhou em meus olhos com tanta tristeza que não consegui me controlar. Joguei-me em seu peito e o puxei para mim, pensando somente que ele precisava do conforto de uma mulher naquele momento, mesmo que não fosse Sophia. Não vou mentir e dizer que não encontrei conforto no toque de seu corpo forte e quente contra o meu, apesar de não ter direito a me confortar. Quase chorei de felicidade ao tocá-lo. Segurando seu corpo contra o meu, podia fingir que ele havia me perdoado pelo terrível pecado que tinha cometido contra Sophia, ainda que, obviamente, ele não soubesse de nada.

Mantive minha face em seu peito, ouvindo o bater de seu coração embaixo das camadas de lã e linho e inalando seu cheiro. Não queria soltá-lo, mas o percebi olhando para baixo, para mim, e então também olhei para ele, pronta para

ouvi-lo falar novamente de seu amor por Sophia. E, se ele fizesse isso, se dissesse o nome dela, decidi, contaria a ele o que tinha feito. Mas ele não disse; em vez disso, sua boca pousou sobre a minha por um instante antes de me beijar.

O momento pelo qual sempre esperei passou rapidamente. Nós nos enfiamos na proteção da floresta, a alguns passos de distância. Lembro-me do calor maravilhoso de sua boca na minha, de seu desejo e sua força. Lembro-me de suas mãos puxando a fita que fechava minha blusa sobre meus seios. Ele pressionou minhas costas contra uma árvore e mordeu meu pescoço enquanto se debatia com as calças caídas. Ergui minhas saias para que pudesse me possuir, suas mãos em meus quadris. Arrependo-me por não ter dado uma olhada em seu membro por causa de todas as roupas entre nós, casacos e capas, saias e roupas de baixo. Mas eu o senti dentro de mim, de repente, um calor firme e grande enfiado dentro de mim, e ele me possuindo com força, esfregando minha pele no tronco da árvore. E, no final, seu gemido em meu ouvido me fez tremer toda, pois isso queria dizer que ele havia encontrado prazer em mim; eu nunca tinha sido tão feliz e temia que nunca fosse tão feliz novamente.

Cavalgamos juntos em seu cavalo pela floresta, eu segurava firme em volta de sua cintura, como fazíamos quando éramos crianças. Fomos pelas estradas menos percorridas, com medo de sermos vistos juntos sem um acompanhante. Não trocamos nenhuma palavra e mantive meu rosto quente enfiado em seu casaco, ainda tentando entender o que

tínhamos feito. Sabia que muitas outras jovens da cidade já tinham se entregado a homens antes do casamento (Jonathan era frequentemente o recebedor) e eu as tinha desprezado. Agora era uma delas. Parte de mim sentia que havia me desgraçado, mas outra parte acreditava que eu não teria outra chance: aquela poderia ter sido minha única oportunidade de capturar o coração de Jonathan e provar que estávamos destinados a ficar juntos. Não poderia deixar passar.

Escorreguei do lombo do cavalo e, depois que ele apertou minha mão, caminhei rapidamente até a cabana de minha família. Todavia, enquanto caminhava, surgiram dúvidas com relação ao que nosso encontro clandestino tinha significado para ele. Ele copulava com as garotas sem pensar nas consequências: por que imaginava que dessa vez ele as mediria? E os sentimentos dele por Sophia, ou minha culpa de tê-la levado a tirar a própria vida? Eu também a havia matado e estava fornicando com seu amante. Com certeza não existia uma alma mais perversa.

Levei alguns minutos antes de continuar meu caminho para casa, para me recompor. Não podia chegar aos pedaços em frente de minha família. Não tinha ninguém com quem conversar sobre isso; teria de manter esse segredo até me acalmar o bastante para poder pensar racionalmente. Escondi tudo: a culpa, a vergonha, o ódio. Mas, mesmo assim, estava repleta de uma trêmula euforia, pois, apesar de não merecer, tinha conseguido o que sempre quis. Expirei, tirei a neve

fresca da frente de minha capa, ergui os ombros e caminhei com firmeza o restante do caminho até a casa de meus pais.

10

HOSPITAL DO CONDADO DE ARROSTOK, HOJE

Ouvem-se sons no corredor.

Luke olha para o relógio de pulso: 4 horas da manhã. Logo o hospital acordaria. As manhãs são tomadas por ferimentos comuns à vida na fazenda: uma costela esmagada por um coice de uma vaca leiteira, um escorregão num pedaço de gelo durante o carregamento de um fardo de feno, seguidos por uma mudança de turno às 6 horas.

A jovem olha para ele do jeito que um cachorro olha para um dono em quem não confia.

— Vai me ajudar? Ou vai deixar aquele xerife me levar para a delegacia?

— O que mais posso fazer?

O rosto dela se ilumina.

— Você pode me deixar ir embora. Feche os olhos enquanto eu fujo. Ninguém vai colocar a culpa em você. Pode dizer a eles que desceu até o laboratório, me deixou sozinha por um segundo e que eu tinha ido embora quando voltou.

— *Joe diz que ela é uma assassina* — Luke pensa. — *Posso deixar uma assassina fugir?*

Lanny pega as mãos dele.

— Já esteve tão apaixonado por alguém a ponto de fazer qualquer coisa por essa pessoa? Que, não interessa o que você queira, o que mais quer nesse mundo é a felicidade dela?

Luke está feliz por ela não poder ver dentro de seu coração, pois nunca fora tão altruísta. Ele era cumpridor de seus deveres, mas nunca fora capaz de se doar sem uma pontada de ressentimento e não gosta de como isso o faz se sentir.

— Não sou uma ameaça a ninguém. Eu disse a você porque eu... fiz o que fiz com Jonathan.

Luke olha dentro daqueles límpidos olhos azuis enchendo-se de lágrimas e sente um arrepio da cabeça aos pés. A dor da perda toma conta dele rapidamente, já que está lá desde a morte de seus pais. Ele sabe que ela está sentindo a mesma tristeza que ele e, por um momento, estão juntos nesse sofrimento. E ele está tão cansado de estar aprisionado ao sofrimento (a perda de seus pais, seu casamento, sua vida inteira) que sabe que deve fazer alguma coisa para se libertar disso, agora ou nunca mais. Não tem certeza por que fará o que está prestes a fazer, mas sabe que não pode pensar senão acabará não o fazendo.

— Espere aqui. Volto logo.

Luke caminha sorrateiramente pelo estreito corredor até a sala de armários dos médicos. Dentro de seu armário cinza amassado, há um par de jalecos, surrados e esquecidos. Ele dá uma busca em outros dois armários e encontra um casaco branco de laboratório, um quepe cirúrgico e, no armário de um pediatra, um par de tênis de corrida tão velhos que chegam a virar para cima nas pontas. Luke leva tudo para a sala de exames.

— Aqui! Vista isso.

Eles fazem o caminho mais curto até o fundo do hospital, enfiando-se pelas passagens dos lixeiros até as docas de embarque na área de serviço. Um enfermeiro, que acaba de chegar para trabalhar, acena para eles quando atravessam o estacionamento, mas, quando Luke acena de volta, sente seus braços duros de ansiedade. Só quando chegam ao estacionamento e param ao lado de sua caminhonete é que Luke se lembra de que deixou as chaves dentro de sua parca na sala dos médicos.

— Droga, tenho que voltar! Não tenho as chaves. Esconda-se no bosque. Já volto.

Lanny balança a cabeça sem dizer nada, arqueada contra o frio que atravessa seu avental de algodão.

A caminhada do estacionamento até a entrada de emergência é a mais longa da vida dele. Luke se apressa por causa do frio e do nervosismo. Judy e Clay já devem ter notado sua ausência. E, se Clay ainda estiver dormindo no sofá, Luke

poderá acordá-lo quando entrar na sala para pegar as chaves e, então, será pego. Cada passo fica mais difícil, até que se sente como um esquiador aquático que foi puxado para baixo da superfície após algo terrível ter acontecido com o cabo de reboque.

Ele empurra a pesada porta de vidro, tão nervoso que seus ombros estão quase na altura de seus ouvidos. Judy, no balcão das enfermeiras, franze as sobrancelhas para o computador e nem olha para cima quando Luke passa por perto.

— Onde esteve?

— Fumando.

Agora Judy está prestando atenção, olhando fixamente para Luke com seus olhos de corvo.

— Desde quando voltou a fumar?

Luke sente-se como se tivesse fumado dois pacotes a noite anterior, então o que responde a Judy não lhe parece mentira. Ele decide ignorá-la.

— Clay já acordou?

— Não o vi. A porta da sala continua fechada. Talvez deva acordá-lo; não pode dormir aqui o dia todo. A esposa vai ficar imaginando o que pode ter acontecido com ele.

Luke congela; quer contar uma piada para Judy, para agir como se tudo estivesse normal. No entanto, obviamente

Luke nunca contou uma piada para Judy e isso, por si só, seria anormal. Sua incapacidade de mentir e cobrir seus rastros só o deixa ainda mais constrangido. Sente-se como se tivesse caído num lago congelado e Judy o olhasse sem ter nenhuma reação.

— Preciso de café — Luke resmunga, enquanto sai.

A porta da sala está a dois passos de distância. Ele imediatamente vê que ela está entreaberta e a sala está escura. Dá um empurrãozinho e vê claramente o espaço vazio no sofá onde o policial deveria estar.

O sangue sobe até os ouvidos, as glândulas da garganta expandem quatro vezes seu tamanho normal. Não consegue respirar. É pior do que afogamento: ele sente que está sendo estrangulado.

A parca está pendurada à direita, no gancho da parede, esperando para que ele enfie a mão no bolso. O tilintar indica que as chaves estão exatamente onde deveriam estar.

No caminho de volta, sua jornada é direta e objetiva. Com a cabeça para baixo, as mãos enfiadas bem fundo no bolso de seu jaleco, ele decide não seguir pelo corredor de serviço: é muito indireto. Então marcha em direção à entrada de emergência. A cabeça de Judy se levanta quando Luke passa pela estação.

— Pensei que fosse buscar café.

— Esqueci minha carteira no carro — fala sobre o ombro. Está quase na porta.

— Acordou Clay?

— Ele já estava acordado — Luke responde, virando as costas para abrir a porta. E, no final do corredor, lá está o delegado, parecendo ter se materializado com a menção de seu nome. Ele vê Luke de volta e levanta o braço como se tivesse fazendo sinal para o ônibus parar. Clay quer falar com ele e começa a correr pelo corredor em sua direção, acenando com a mão...

— Pare, Luke!

Mas Luke não para. Jogando todo seu peso num golpe dos quadris, Luke fecha a porta de volta. O frio bate em seu rosto quando ele sai do outro lado da porta, voltando à superfície da vida real: “O que estou fazendo? Este é: o hospital onde eu trabalho. Conheço cada tijolo, cadeira de plástico, e cada maca, tanto quanto conheço minha própria casa. O que estou fazendo, jogando minha vida fora para ajudar uma suspeita de assassinato a fugir?”. Mas ele continua, tomado por um estranho borbulhar no sangue, que ricocheteia em suas veias como bolinhas de fliperama, fazendo-o seguir em frente. Ele caminha rápido pelo estacionamento, frenético e desajeitado, como uma pessoa tentando manter-se ereta enquanto desce uma montanha íngreme, sabendo que parece um doido.

Luke dá uma olhada para sua caminhonete, ansioso, mas a garota sumiu, nem um único vestígio do intrigante avental verde-água do hospital. A princípio, ele fica em pânico; como podia ter sido tão estúpido, deixando-a do lado de fora sem ninguém para vigiá-la? Mas uma chama de esperança enche seu peito quando percebe que, se a prisioneira se foi, também se foram suas preocupações.

No minuto seguinte, lá está ela, esguia, etérea, um anjo vestido em roupas de hospital... e seu coração se sobressalta ao vê-la.

Luke se enrola com a ignição enquanto Lanny se abaixa, tentando não olhar e piorar ainda mais o nervosismo do médico. Finalmente o motor pega e a caminhonete deixa o estacionamento, saindo imprudentemente estrada afora.

A passageira olha fixamente para a frente, como se a concentração dela, sozinha, pudesse fazê-los não serem descobertos.

— Estou na hospedaria Dunratty. Sabe onde é?

Luke acha aquilo um absurdo.

— Acha que é sensato irmos até lá? Imagino que a polícia já tenha descoberto onde estava hospedada. Não recebemos muitos turistas nessa época do ano.

— Por favor, só dê uma passada por lá. Se parecer suspeito, seguimos em frente, mas todas as minhas coisas estão

lá. Meu passaporte, dinheiro, minhas roupas. Aposto que não tem nada que me sirva.

Ela é menor que Trici.

— Você ganharia a aposta — ele confirma. — Passaporte?

— Vim da França, onde moro. — Ela se curva na ponta do assento como um gato tentando manter o calor do corpo. De repente, sobre o volante, as mãos de Luke parecem estranhamente imensas e trêmulas. Ele está tendo uma experiência fora do corpo, por causa do estresse, e tem que se concentrar para não desmaiar e fazê-los capotar na estrada.

— Devia ver minha casa em Paris. É como um museu, cheia de um monte de coisas que colecionei ao longo de muitos e muitos anos. Quer ir até lá? — Seu tom é tão agradável e acalentador quanto um licor e o convite, fascinante. Ele imagina se ela está falando sério. Quem não desejaria ir a Paris, ficar hospedado numa casa mágica? Luke sente sua tensão diminuir, sua coluna e seu pescoço começam a relaxar.

Há hospedarias de caçadores, como a Dunratty, espalhadas por toda a floresta. Luke nunca se hospedou numa delas, mas se lembra de ter visto o interior de umas duas, quando era criança, no entanto, por algum motivo, não se lembrava agora de quais eram.

Cabanas baratas dos anos 1950, construídas com madeira compensada, cheias de mobília de lojas populares, mofo,

linóleo de terceira e cocô de rato. A garota direciona Luke até a última cabana no estacionamento de cascalho do Dunratty; as janelas são escuras e vazias. Ela estende a mão para Luke:

— Me dê um de seus cartões de crédito para ver se consigo abrir a fechadura.

Já do lado de dentro, eles baixam as cortinas e Lanny acende a luz de cabeceira. Há um frio em tudo o que tocam. Os pertences pessoais estão espalhados por todos os lados, abandonados, como se os hóspedes tivessem sido forçados a fugir durante a noite. Há duas camas, mas só uma está desarrumada, os lençóis amassados e os travesseiros marcados, devassos e incriminadores. Um laptop, com uma câmera digital anexada a ele por um fio, encontra-se sobre uma mesa bamba que algum dia já fizera parte de um jogo de cozinha. Garrafas vazias de vinho jogadas na mesa de cabeceira, duas taças com marcas de dedos e lábios.

Duas malas, abertas, estão no chão. Lanny fica de cócoras perto de uma delas, enfiando coisas a esmo dentro dela, incluindo o laptop e a câmera.

Luke balança as chaves, nervoso e impaciente.

A garota fecha o zíper da mala, fica de pé, então se volta para a segunda mala. Ela pega um item de roupa masculino e o segura perto do nariz, inspirando profundamente.

— Ok. Vamos!

Enquanto passam pelo caminho em frente da recepção (com certeza fechada àquela hora da manhã, Dunratty Junior dorme no andar de cima), Luke acha que vê as cortinas vermelhas se mexerem, como se alguém os observasse. Ele imagina Dunratty vestido em seu roupão de banho, caneca de café na mão, ouvindo o som de rodas sobre o cascalho e indo ver quem está passando; será que reconhece minha caminhonete? Luke fica imaginando. “Deixe para lá, não é nada, só um gato na janela ou algo do gênero”, Luke diz a si mesmo. “Não há razão para procurar pelo em ovo.”

Luke fica um pouco nervoso quando a garota troca de roupa enquanto ele dirige, até que se lembra de que já a viu nua. Ela coloca um jeans azul e um suéter de *cashmere* mais exuberante do que qualquer outra coisa que sua esposa jamais vestira. Ela deixa o avental do hospital cair no chão do carro.

— Você tem um passaporte? — pergunta a Luke.

— Em casa, claro.

— Vamos pegá-lo.

— O quê? Vamos voar para Paris, assim, do nada?

— E por que não? Eu compro as passagens, pago tudo. Dinheiro não é problema.

— Acho que devíamos levá-la até o Canadá, agora, antes que a polícia faça um boletim de ocorrência. Estamos a quinze minutos da fronteira.

— Você precisa do passaporte para atravessar a fronteira? Eles mudaram a lei, não mudaram? — a garota pergunta, com um toque de pânico na voz.

Luke aperta a mão no volante.

— Não sei... não atravesso a fronteira há algum tempo... oh, ok, vamos até minha casa. Só vai levar um minuto.

A casa da fazenda localiza-se no meio de um campo aberto, como uma criança muito estúpida que sabe que deve entrar para sair do frio. Sua caminhonete sobe e bate violentamente na lama remexida, agora congelada em pontas como a cobertura de um bolo.

Pela porta de trás, entram numa cozinha desgastada, que não mudou nos últimos cinquenta anos. Luke acende a luz e percebe que não fez muita diferença na luminosidade do cômodo. Sobre a mesa de jantar, canecas de café usadas e, no chão, migalhas. Ele está absolutamente envergonhado da bagunça.

— Esta era a casa de meus pais. Vivo aqui desde que eles morreram — ele explica. — Não gostei da ideia da fazenda ir parar nas mãos de estranhos, mas não consigo cuidar dela do jeito que eles faziam. Vendi o gado poucos meses atrás. Já tenho uma pessoa para alugar os campos, para plantar na

próxima primavera. Parece desperdício deixá-los desocupados.

Lanny se movimenta pela cozinha, passando o dedo sobre o balcão de fórmica lascado e pelo encosto de vinil de uma cadeira de cozinha. Ela para em frente de um desenho pendurado por um ímã na geladeira, feito por uma das filhas dele quando ela ainda estava na pré-escola. Uma princesa em um pônei; o pônei é reconhecível como algum tipo de criatura equina, mas a princesa é uma aproximação, com o cabelo louro enrolado e olhos azuis, usando um vestido cor-de-rosa para cavalgar. Exceto pelo vestido longo, poderia ser Lanny.

— Quem desenhou isso? Tem crianças em casa?

— Não mais.

— Elas foram embora com sua esposa? — ela adivinha. — Ninguém para tomar conta do lugar para você?

Ele dá de ombros.

— Não tem razão nenhuma para ficar — ela diz, afirmando um fato.

— Ainda tenho obrigações — ele responde, porque essa é a maneira como costumava pensar em sua vida: uma fazenda que não conseguirá vender na atual situação da economia, seu consultório e velhos para cuidar, já que seus

filhos e netos se mudaram da cidade. Assim, seus pacientes diminuem a cada mês.

Luke sobe as escadas e vai até o quarto. Acha o passaporte na gaveta do criado-mudo. Ele mudou-se para o antigo quarto dos pais depois que sua esposa o deixou: o quarto de sua infância também foi o quarto de seu casamento e ele não queria ter mais nenhuma lembrança relacionada a isso.

Ele abre o passaporte. Nunca o usou. Nunca teve tempo para viajar desde sua residência e só viajara pelos Estados Unidos. Nunca estivera em nenhum dos lugares distantes com os quais sonhava conhecer quando ainda era adolescente e gastava muitas horas sobre o trator, seu horário de sonhar acordado. Seu passaporte vazio o faz sentir-se um pouco envergonhado em frente de alguém que já esteve em todos esses lugares exóticos. Era para a vida dele ter sido diferente.

Ele vai ao encontro de Lanny, na sala de jantar, e ela inspeciona as fotos de família colocadas numa prateleira de livros baixa. Sua mãe tinha essas fotos desde quando conseguia se lembrar, e Luke não tinha coragem de guardá-las, mas a mãe dele era a única que sabia quem eram aquelas pessoas e de que forma se relacionavam com ele. Fotografias em preto e branco, com escandinavos carrancudos, e já mortos havia muito tempo, olhando fixamente, estranhos uns aos outros. Há uma foto colorida, com uma grossa borda de madeira, a foto de uma mulher e suas duas filhas aconchegadas entre os parentes como se fizessem parte deles.

Luke apaga as luzes e ajusta o termostato na temperatura mínima, o suficiente para manter os canos descongelados. Ele verifica as fechaduras das portas, apesar de não saber por que está sendo tão cuidadoso. Planeja voltar assim que deixar a jovem do outro lado da fronteira, mas o toque de sua mão no interruptor de luz fez um nó surgir em sua garganta. É como se estivesse dizendo adeus, o que espera fazer algum dia, do jeito que planejou e imaginou em seus momentos mais conscientes; talvez na primavera, quando consegue pensar com mais clareza, mas agora ele só está ajudando uma jovem em apuros, uma garota sem ninguém a quem possa pedir ajuda. No que diz respeito a hoje, ele volta logo.

— Pronta? — Luke pergunta, balançando as chaves novamente, mas Lanny alcança a prateleira de livros e puxa um pequeno livro, só um pouco maior que a mão dela. Está faltando a contracapa e as capas duras estão gastas nas pontas, de forma que o papel está visível, como um broto dentro do tecido amarelo e desfiado. Leva um minuto para Luke reconhecer o livro: foi seu favorito quando menino e sua mãe deve tê-lo guardado todos esses anos. *O templo de Jade,* uma clássica lenda infantil, parecido com Kipling, mas não era Kipling: a história de um expatriado britânico, que se passa num local muito distante, com um príncipe chinês e uma princesa europeia, ou uma garota caucasiana, ou qualquer coisa assim, descrita com ilustrações feitas com caneta-tinteiro pelo próprio autor. Lanny folheia as páginas do livro.

— Conhece o livro? — ele pergunta. — Eu o adorava... Bem, dá para perceber pelo uso. A capa quase já era. Acho que não estão mais publicando.

Ela está segurando o livro aberto para ele, apontando para uma das ilustrações. E, pelos diabos, se aquela não era ela! Ela está com um vestido de época e o cabelo está preso num coque, como o das garotas de Gibson, mas aquele é seu rosto ovalado e aqueles são seus olhos levemente arrogantes e distraídos.

— Conheci Oliver, o autor, quando ambos morávamos em Hong Kong. Ele era um mero funcionário civil britânico, na época, e tinha fama de bêbado, implorava para que as esposas dos oficiais posassem para seu "pequeno projeto", como o chamava. Eu fui a única que concordei em fazê-lo; todo mundo achava que aquilo era escandaloso ou algum tipo de truque, só uma desculpa para levar uma de nós sozinha para o apartamento dele.

Houve uma reviravolta em seu diafragma. Ele sente o coração bater descontroladamente. A garota da ilustração está parada na frente dele em carne e osso e é uma mágica muito estranha ver algo abstrato de repente se manifestar em realidade diante dele. Por um momento, sente medo de desmaiar. Num instante ela está a seu lado, apressando-o na porta.

— Estou pronta. Vamos.

11

ST. ANDREW, 1816

Consegui o único desejo de meu coração: que Jonathan me tomasse como mulher e como amante, mas nada além disso. Vivia em um estado de incerteza porque não tinha conseguido me comunicar com ele desde aquela tarde nervosa e assustadora.

O inverno tinha interferido.

Não podemos ignorar o inverno em nossa parte do Maine. Atravessávamos nevasca após nevasca, pilha de neve até a cintura durante um ou dois dias, o que inviabilizava qualquer possibilidade de viagem. Toda atenção e energia eram direcionadas a nos mantermos quentes e alimentados, e a cuidar da criação de animais. Qualquer tarefa comum ao ar livre exigia um grande esforço para atravessar a neve, era uma perspectiva exaustiva. Quando conseguíamos limpar um caminho até o estábulo e o pasto, ou aparecia alguma abertura sobre a superfície congelada do rio tanto para os animais quanto para o uso doméstico, e o gado já se acostumava a desviar dos montes de neves levados pelo vento, e tínhamos a impressão de que a vida poderia voltar ao normal (ou, pelo menos, à rotina), outra tempestade de neve caía sobre o vale.

Eu me sentei perto da janela e fiquei olhando para a trilha da charrete, a neve imaculada com quase três metros de profundidade. Rezei fervorosamente para a neve parar e ficar sólida o suficiente para conseguirmos andar sobre ela, assim poderia ir ao culto no domingo, minha única oportunidade de ver Jonathan. Precisava que ele aliviasse meus medos, que não tinha me possuído só porque não podia ter Sophia, mas porque me desejava. Talvez até porque me amasse.

Finalmente, depois de ficar confinada em casa durante dias, a neve derreteu até uma altura passável e meu pai disse que iríamos à cidade no domingo. Enquanto em outras épocas do ano uma notícia como aquela seria encarada com tolerância, talvez indiferença, dessa vez parecia que papai havia nos contado que iríamos a um baile. Maeve, Ghynnis e eu passamos dias em frenesi, decidindo o que usar, como limpar uma mancha de uma camisa adorada e qual de nós arrumaria o cabelo da outra. Até Nevin parecia ansioso pela chegada do domingo, para poder escapar de nossa cabana minúscula.

Meu pai e eu deixamos minhas irmãs, irmão e minha mãe na igreja católica e então nos dirigimos até o corredor da congregação. Meu pai sabia por que ia ao culto com ele, então devia ter uma vaga ideia da razão pela qual eu estava mais ansiosa do que o normal, conforme nos aproximávamos do corredor. E, após o culto, como a neve ainda estava muito alta no jardim público destinado à socialização, a congregação permaneceu do lado de dentro, enchendo os corredores, o saguão de entrada e as escadarias. O ar estava

barulhento pela conversa animada das pessoas que estiveram confinadas com suas famílias por muito tempo e ansiavam por falar com pessoas diferentes.

Eu me espremi entre a multidão, procurando Jonathan. Meus ouvidos captavam pedaços de conversas dos vizinhos: quão deprimente e tedioso havia sido o inverno, o quanto todos estavam cansados de comer ervilhas secas no melaço e carne de porco salgada. Por uma janela estreita, consegui enxergar o quintal da igreja e o túmulo de Sophia. A terra havia se acomodado e afundado, e a neve sobre o túmulo nivelou-se alguns centímetros mais abaixo do restante da cobertura, deixando uma irregularidade na paisagem.

Finalmente eu vi Jonathan, também se contorcendo por entre a multidão, parecendo estar procurando por mim. Nós nos encontramos ao pé da escadaria que dava para a frisa, apertados ombro a ombro com nossos vizinhos, cientes de que não podíamos conversar livremente. Alguém poderia ouvir.

— Está encantadora hoje, Lanny. — Jonathan disse, educadamente. Uma colocação sem maldade, podia pensar um abelhudo comum, mas o Jonathan de minha infância nunca havia feito qualquer tipo de comentário sobre minha aparência. Não consegui agradecer o elogio, só fiquei vermelha. Ele se inclinou e cochichou em meu ouvido.

— As últimas três semanas foram insuportáveis. Vá até seu estábulo uma hora antes do pôr do sol esta noite e eu darei um jeito de me encontrar com você lá.

Claro que, nessas circunstâncias, eu não poderia fazer perguntas nem buscar afirmações para as incertezas de meu coração. E, para ser sincera, nada que ele tivesse dito me faria ficar longe dele. Eu ardia de vontade de estar com ele.

Naquela tarde, meus medos foram amainados. Durante uma hora, senti-me o epicentro do mundo dele, tudo o que podia desejar. Seu ser inteiro estava em todos os toques: a maneira como tateava as fitas e os nós que fechavam minha roupa, seus dedos puxando suavemente meu cabelo, até seus beijos em meus ombros nus e arrepiados. Mais tarde, nos aconchegamos um ao outro enquanto voltávamos a nossos corpos e era a glória estar rodeada pelos braços dele, sentir sua pressão em meu corpo, como se ele também não quisesse que nada nos separasse. Nenhuma felicidade se compara à felicidade de se conseguir o que sempre se almejou. Eu estava exatamente onde queria estar, mas agora tinha consciência do passar de cada segundo e como minha família estaria me procurando. Relutante, afastei as mãos dele da minha cintura.

— Não posso ficar. Tenho que voltar... às vezes gostaria que houvesse outro lugar... um lugar para ir que não fosse minha casa.

Tive a intenção de dizer que só queria não ter que deixar o doce refúgio de sua companhia, mas a verdade escapou, uma verdade que mantinha sufocada dentro de mim. Pareceu algo do que me envergonhar, um medo secreto que não queria admitir, mas as palavras haviam escapado e não havia como tomá-las de volta. Jonathan olhou para mim, confuso:

— Por que, Lanny?

— Bem, às vezes sinto que não tenho espaço na minha família. — Eu me senti uma tola tendo que explicar isso a Jonathan, talvez a única pessoa no vilarejo que nunca tinha sofrido de desamor ou jamais se tenha imaginado não merecedor da felicidade. — Nevin é o único filho, então tem um valor inestimável para meus pais e um dia herdará a fazenda. E tem minhas irmãs... bem, elas são tão lindas, todo mundo na cidade as admira pela beleza. As perspectivas para elas são boas. Mas eu... — Não podia dizer, nem mesmo para Jonathan, o motivo de meu medo secreto: que minha felicidade não importava a ninguém, que ninguém se importava *comigo*, nem mesmo meus pais.

Ele me puxou para perto dele, no feno, e me segurou apertado em seus braços enquanto eu tentava me desvencilhar, não dele, mas de minha vergonha.

— Não aguento ouvir você dizendo essas coisas, Lanny. Bem, você é quem eu escolhi para ficar, não é? A única com quem me sinto confortável, a única pessoa para quem eu me revelo. Passaria a vida toda em sua companhia, se pudesse.

Meu pai, minha mãe, minhas irmãs, Benjamin... Eu os deixaria, todos eles, só para estar com você, só nós dois, juntos para sempre.

Claro que acreditei em cada palavra de sua linda homenagem; elas atravessaram minha vergonha e subiram direto até minha cabeça, como um forte gole de uísque. Não se engane com o que digo: na época, ele acreditava me amar e eu tinha certeza da sinceridade dele. Mas agora, com a sabedoria conquistada a duras penas, entendo quão tolos fomos ao proclamar palavras tão perigosas um ao outro! Éramos arrogantes e ingênuos, pensando que o que sentíamos, então, era amor. O amor pode ser uma emoção barata, facilmente oferecida, apesar de que não me parecesse assim naquela época. Em retrospecto, sei que só estávamos tapando os buracos de nossas almas, do jeito que uma onda carrega areia para encher os orifícios de uma praia cheia de pedras. Nós, ou talvez fosse só eu, saciávamos nossas necessidades com o que declarávamos ser amor. Mas, no final, a onda sempre leva de volta aquilo que trouxe.

Para Jonathan, era impossível me dar aquilo que ele dizia ser o seu desejo; ele não poderia abrir mão de sua família ou de suas responsabilidades. Ele não precisava me dizer que seus pais nunca permitiriam que ele me escolhesse como esposa. Mas, naquele início de noite, naquele estábulo frio, eu possuía o amor de Jonathan e, por tê-lo, ficava ainda mais feroz para mantê-lo. Ele declarou seu amor por mim, eu tinha certeza de meu amor por ele, prova de que éramos

feitos um para o outro e que, de todas as almas no universo de Deus, estávamos unidos no amor.

Nós nos encontramos dessa maneira só mais duas vezes ao longo dos outros dois meses, um resultado triste para amantes. Em cada ocasião, falamos muito pouco (exceto para ele confessar que tinha sentido minha falta), nos apressando para fazer amor, nossa pressa proveniente do medo de sermos descobertos e também do frio. Despíamos um ao outro o máximo que podíamos e aguentávamos, e usávamos bocas e mãos para apertar, acariciar e beijar. A cada vez, copulávamos como se fosse a última para cada um de nós; talvez intuíssemos um futuro infeliz, hesitante, contando os segundos até sermos envolvidos num abraço de medo. Ambas as vezes também partimos com pressa, o odor dele exalando da parte de baixo de minhas roupas, a umidade entre as minhas pernas e uma queimação em minhas bochechas, que eu esperava ser confundida pela minha família como uma queimadura do frio.

Cada vez que partíamos, no entanto, a dúvida começava a martelar na minha mente. Eu tinha o amor de Jonathan, por ora, mas o que isso significava? Conhecia o passado de Jonathan melhor do que ninguém. Ele também não tinha amado Sophia? Mas eu o fiz esquecer-se dela, ou assim parecia. Podia fingir que ele seria sincero e fiel a mim, escolher ser cega, como muitas mulheres fazem, e esperar que, com o tempo, tudo passasse. Minha cegueira contava com a ajuda de minha teimosa convicção de que um elo de amor era algo vindo de Deus e que não importava quão desagradável, quão

improvável ou doloroso, não poderia ser alterado pelo homem. Tinha que ter fé que meu amor triunfaria sobre qualquer imperfeição do amor de Jonathan por mim; o amor, afinal, é fé, e toda fé um dia será testada.

Agora compreendo que somente um tolo busca garantias no amor. O amor demanda tanto de nós que, em troca, tentamos garantir que ele dure. Nós queremos eternidade, mas quem consegue fazer tais promessas? Deveria ter sido feliz com o amor companheiro, constante, que Jonathan teve por mim desde a infância. Aquele amor era eterno. Em vez disso, tentei transformar o sentimento dele por mim em algo que não existia e, nessa tentativa, destruí a única coisa linda e eterna que eu tinha.



Às vezes, as piores marés vêm como calmarias. Um amigo que não aparece no horário de costume e que, logo em seguida, afasta-se da amizade. Uma carta esperada que não chega, seguida, depois de um tempo, por notícias de uma morte precoce. E, no meu caso, naquele inverno, o cessar de meu ciclo menstrual. O primeiro mês; depois, o segundo.

Rezei para que o motivo fosse outro. Amaldiçoei o espírito de Sophia; com certeza ela estava me dando o troco. No entanto, uma vez liberado, o espírito de Sophia não era fácil de ser contido.

Sophia começou a me visitar em meus sonhos. Em alguns deles, o rosto dela aparecia vagamente no meio da multidão, contrariado e acusatório, e então desaparecia. Num sonho recorrente, eu estava com Jonathan e ele me deixava abruptamente, fugindo de mim como se obedecesse a uma ordem silenciosa, ignorando minhas súplicas para ficar. Então, reaparecia com Sophia, os dois caminhando de mãos dadas a distância, Jonathan sem nem se lembrar de mim. Sempre acordava desses sonhos me sentindo ferida e abandonada.

Meu pior sonho me acordava como se estivesse caindo de um cavalo empinado e tinha que sufocar meus gritos ou arriscava acordar minhas irmãs. Os outros sonhos deviam ser minha culpa fazendo truques, mas esse não podia ser nada além de uma mensagem da própria jovem morta. Nesse sonho, eu caminho pelo vilarejo vazio, o vento açoitando minhas costas enquanto percorro a estrada principal. Não há ninguém, nem voz ou som de vida, não há o corte da madeira ou o barulho estridente da bigorna do ferreiro. Logo estou no meio da floresta, branca com a neve, seguindo o Allagash metade congelado. Paro em uma passagem estreita no rio e vejo Sophia em pé, do outro lado. Ela é a Sophia que cometeu suicídio, azulada, o cabelo congelado em tufos, a roupa molhada pesando sobre ela. Ela é a amante esquecida, mofando no túmulo, à custa de quem eu conquistei minha felicidade. Seus olhos mortos pousam em mim e então ela aponta para a água. Nenhuma palavra é dita, mas eu sei o que ela está me dizendo: pule na água do rio e acabe com sua vida e a vida de seu filho.

Não ousava falar sobre minha condição com ninguém de minha família, nem com minhas irmãs, a quem eu era normalmente muito próxima. Minha mãe comentou uma ou duas vezes que eu parecia mal-humorada e preocupada, mas ela zombava que, a julgar pelo meu comportamento, eu deveria estar sofrendo muito com minhas maldições mensais. Se eu tivesse falado com ela sobre minha situação... mas, ai de mim, minha lealdade era a Jonathan. Não podia revelar nosso relacionamento a meus pais sem consultá-lo antes.

Esperava encontrar Jonathan nos cultos de domingo, quando, novamente, a natureza interviu. Muitas semanas já haviam passado antes que os caminhos para a cidade ficassem transitáveis novamente. Até que isso acontecesse, sentia a pressão do tempo sobre mim: se fosse forçada a esperar por muito mais tempo, não poderia manter o segredo. Enquanto estava acordada, rezava a Deus para que me desse a oportunidade de falar com Jonathan logo.

O Senhor deve ter ouvido minhas preces, pois, finalmente, o sol de inverno apareceu em sua plenitude por vários dias seguidos, derretendo uma boa parte da última nevasca. Finalmente, naquele domingo pudemos selar o cavalo, nos cobrir com capas, cachecóis, luvas e cobertores, e nos ajeitar, bem apertados, na parte de trás da charrete para nossa viagem até a cidade.

No vestíbulo da congregação, senti como se as pessoas estivessem me olhando. Deus sabia de minha condição,

obviamente, mas eu imaginava que todos na cidade também soubessem. Tinha medo que meu abdômen estivesse começando a crescer e que todos estivessem vendo a protuberância escondida embaixo de minha saia, ainda que fosse muito cedo para isso e, em todo caso, duvidava que alguém fosse notar alguma coisa diferente, com tantas camadas de roupa de inverno. Encostei-me em meu pai e me escondi atrás de uma pilastra durante todo o culto, desejando ser invisível, esperando pela oportunidade de falar com Jonathan no final.

Assim que o pastor Gilbert nos dispensou, saí correndo escada abaixo, sem esperar meu pai. Fiquei em pé no último degrau, esperando Jonathan. Ele logo apareceu e atravessou a multidão em minha direção. Sem dizer uma palavra, peguei firme na mão dele e o levei para trás da escadaria onde podíamos ter mais privacidade. O movimento brusco deixou-o nervoso e ele olhou sobre o ombro para ver se ninguém havia notado que tínhamos nos escondido.

— Pelo bom Deus, Lanny, se está achando que eu poderia lhe beijar aqui...

— Escute, estou esperando um filho.

Ele soltou minha mão e seu lindo rosto passou por várias expressões: choque, surpresa e a palidez trazida pela consciência da realidade. Apesar de não esperar que Jonathan ficasse feliz com as notícias, o silêncio dele me deixou assustada.

— Jonathan, fale comigo. Não sei o que fazer. — Puxei o braço dele. Ele me olhou de lado e, então, limpou a garganta.

— Minha cara Lanny, estou tão perplexo que não sei o que dizer...

— Isso não é o que uma garota quer ouvir numa hora como essa. — As lágrimas enchiam meus olhos. — Diga-me que não estou sozinha, diga-me que não vai me abandonar; diga-me que vai me ajudar a resolver o que fazer daqui para frente.

Ele continuou me olhando, com relutância, e disse secamente:

— Você não está sozinha.

— Não faz ideia do quanto estive assustada, confinada com esse segredo em casa, sem poder falar sobe isso com ninguém. Sabia que tinha que falar com você primeiro, Jonathan. Devia isso a você. — "Fale, fale, era o meu desejo, diga que irá confessar sua parte da culpa a seus pais e que será correto comigo. Diga que ainda me ama, que irá se casar comigo." Segurei a respiração, lágrimas escorriam pelo rosto, estava quase desmaiando para que ele dissesse essas palavras.

Mas Jonathan não conseguia mais olhar para mim; olhava para o chão.

— Lanny, tem algo que devo lhe falar, mas acredite quando digo que preferiria morrer a ter que compartilhar essa notícia com você agora.

Senti minha cabeça girar e um arrepio de medo percorreu-me como suor.

— O que pode ser mais importante do que eu acabei de lhe contar?

— Fiquei noivo; foi arranjado esta semana. Meu pai está no vestíbulo fazendo o anúncio agora mesmo, mas eu tinha que encontrar você e lhe dizer pessoalmente. Não queria que soubesse por mais ninguém... — As palavras dele foram se perdendo à medida que percebia o pouco que a cortesia significava para mim naquele momento.

Enquanto crescíamos, às vezes trazíamos à tona o fato de que Jonathan não havia sido prometido em casamento. Este negócio de arranjo matrimonial era difícil em uma cidade tão pequena quanto St. Andrew; os melhores pretendentes a noivas e esposos eram fisgados logo cedo, casamentos arranjados para crianças desde 6 anos de idade. Assim, se a família não agisse rápido, poderia não haver boas opções. É de se imaginar que um jovem com toda a riqueza e posição social de Jonathan fosse um candidato atraente para qualquer uma das famílias da cidade que tivessem filhas. E realmente era, mas nunca fora feito um arranjo, nem para ele nem para suas irmãs. Jonathan dizia que era por causa das aspirações sociais de sua mãe: ela achava que nenhuma

das famílias da cidade fosse vantajosa o suficiente para seus filhos. Eles com certeza poderiam se sair melhor com os sócios dos negócios do pai dele ou através da rede de contatos da família dela em Boston. Ao longo dos anos, houve enxurradas de propostas, algumas mais sólidas do que outras, mas todas pareciam se extinguir e Jonathan chegara a seus 20 anos sem uma noiva à vista. Senti como se meu estômago estivesse sendo cortado com uma faca de açougueiro.

— Está noivo de quem?

Ele balançou a cabeça.

— Agora não é uma boa hora para falarmos sobre essas coisas. Deveríamos estar falando sobre seu estado...

— Quem é? Eu quero saber! — gritei.

Houve uma hesitação nos olhos dele.

— É uma das garotas McDougal: Evangeline.

Mesmo com minhas irmãs sendo próximas às garotas McDougal, tive dificuldade para me lembrar qual delas era Evangeline, pois havia muitas delas. Os McDougal tinham, ao todo, sete filhas, um bando de pintinhas, todas muito lindas à maneira robusta escocesa, altas e fortes, com cabelo vermelho em cachos soltos e a pele toda coberta de sardas, como as trutas no verão. Também conseguia imaginar a sra. McDougal, prática e de bom temperamento, com seus olhos astutos; talvez mais capaz de que seu marido, um eminente

fazendeiro, mas todos sabiam que era a sra. McDougal quem fazia a fazenda dar lucro e quem tinha elevado a reputação deles na cidade. Tentei imaginar Jonathan com uma mulher como a sra. McDougal a seu lado, e quis me jogar a seus pés.

— E você vai prosseguir com o noivado? — perguntei.

— Lanny, não sei o que dizer... Eu sei que eu não posso... — Ele pegou minha mão e me puxou mais para o fundo, num canto empoeirado. — O contrato com os McDougal já foi assinado, o anúncio já foi feito. Não sei o que meus pais pensariam de nossa... situação.

Podia argumentar com ele, mas sabia ser inútil. Casamento era um negócio arranjado, com o intuito de aumentar a prosperidade de ambas as famílias. Uma oportunidade de fidelidade a uma família como a dos St. Andrew não seria jogada fora, pelo menos não por algo tão comum como uma gravidez fora do casamento.

— Dói dizer isso, mas haveria muitas objeções a nosso casamento — Jonathan disse o mais gentilmente possível. Balancei minha cabeça, cansada; ele não precisava me dizer isso. Meu pai podia ser respeitado pelos seus vizinhos por seu bom senso discreto, mas os McIlvraes não tinham nada que nos indicassem como boas pretendentes a esposas, a família sendo pobre e metade, católica praticante. Um pouco depois, perguntei com a voz rouca:

— E Evangeline, ela é a que vem depois de Maureen?

— Ela é a mais nova — Jonathan respondeu. Então, depois de hesitar, completou: — Ela tem 14 anos.

A mais nova, só conseguia pensar naquela menininha que veio nos visitar em casa e fazer amostras de ponto-cruz com Maeve e Glynnis. Ela era uma pequena coisinha branca e cor-de-rosa, uma linda boneca com cachos de cabelo fino e dourado e com uma infeliz inclinação ao choro.

— Então o arranjo está feito, mas a data do casamento, se ela tem só 14 anos, ainda deve estar longe...

Jonathan chacoalhou a cabeça.

— O velho Charles quer que nos casemos no outono, se possível. Até o final do ano, sem falta.

Eu dei voz ao óbvio.

— Ele está desesperado para que você perpetue o nome da família.

Jonathan passou os braços em volta de meus ombros, me segurando, e desejei poder me ancorar em sua força e calor para sempre.

— Diga, Lanny, o que você gostaria que fizéssemos? Diga e farei o que puder. Quer que conte a meus pais e peça a eles para me tirarem do contrato de casamento?

Uma tristeza fria tomou conta de mim. Ele disse o que eu queria ouvir, mas podia ver que estava com medo da

resposta. Apesar de não querer se casar com Evangeline, agora que o inevitável fora arranjado, ele tinha se conformado com isso. Ele não queria que eu aceitasse sua proposta. E, com toda certeza, seria um fracasso de qualquer maneira: eu não era aceita. Seu pai podia querer um herdeiro, mas a mãe dele insistira em um herdeiro concebido dentro do casamento, um garoto nascido livre e fora de um escândalo. Os pais de Jonathan insistiriam para que ele se casasse com Evangeline McDougal e, uma vez que a notícia de minha gravidez se espalhasse, eu estaria arruinada.

Havia outro jeito. Já não havia dito a Sophia a mesma coisa, meses antes? Apertei a mão de Jonathan.

— Posso ir até a parteira.

Um olhar de gratidão alegrou seu rosto.

— Se é isso o que quer.

— Vou arranjar um modo de visitá-la assim que puder.

— Posso ajudar com as despesas — ele disse, remexendo no bolso. Colocou uma grande moeda em minha mão. Fiquei enojada e resisti à vontade de estapeá-lo no rosto, mas sabia que era só raiva. Depois de olhar para a moeda por um momento, puxei-a para dentro de minha luva.

— Sinto muito — ele murmurou, beijando-me na testa.

Estavam chamando Jonathan, seu nome ecoando no cavernoso vestíbulo da congregação. Ele saiu para atender aos chamados antes que nos descobrissem juntos e eu subi as escadas, arrastando-me até o andar de cima, para ver o que estava acontecendo.

A família de Jonathan estava em pé no corredor, ao lado do recinto especial, o mais próximo do púlpito, como lugar de honra. Charles St. Andrew estava na ponta do corredor, braços levantados enquanto fazia o anúncio, mas parecia mais abatido do que o normal. Ele estava desse jeito desde o último outono, disseram que era exaustão ou muito vinho (no mínimo poderia ser uma combinação de muito vinho e muita vadiagem com as criadas). Mas era como se, de um dia para o outro, ele tivesse ficado mais velho, mais grisalho e enrugado. Ele se cansava com facilidade, caindo no sono na congregação assim que o pastor abria a Bíblia. Já não se importava mais em frequentar as reuniões do conselho da cidade e mandava Jonathan em seu lugar. Na época, nenhum de nós podia adivinhar que ele estava morrendo. Ele tinha criado a cidade com as próprias mãos; era indestrutível, o corajoso desbravador das fronteiras, o visionário homem de negócios. Olhando para trás, foi provavelmente por essa razão que ele pressionou Jonathan a se casar e começar a produzir herdeiros: Charles St. Andrew sentia que seu tempo estava acabando.

Os McDougal vinham apressados pelo corredor para se juntarem a ele no anúncio oficial; sr. e sra. McDougal, como um casal de patos nervosos seguidos pelas suas patinhas, em

fila, mais ou menos em idade descendente. Sete garotas, algumas devidamente arrumadas e com laços, outras com os cabelos soltos e desgrenhados, com uma barra de renda aparecendo de seus vestidos.

E, bem atrás, o bebê da família, Evangeline. Ao vê-la, um nó se formou em minha garganta: ela era tão linda! Ao contrário de uma garota abrutalhada de fazenda, Evangeline estava começando a atravessar a fronteira entre a criança e a mulher. Era graciosa e esguia, com os seios e quadril brotando modestamente, e lábios de querubim. Seu cabelo continuava dourado e caía nas costas em longos cachos. Era evidente porque a mãe de Jonathan escolhera Evangeline: ela era um anjo enviado à Terra, uma figura celeste que merecia as atenções de seu filho mais velho.

Poderia ter caído no choro lá na igreja. Em vez disso, mordi meu lábio e assisti quando ela passou por Jonathan, dando-lhe seu cumprimento mais tímido, olhando rapidamente para ele por debaixo da boina. E ele, pálido, cumprimentou-a de volta. A congregação inteira acompanhou essa troca instantânea e compreendeu o que havia sido trocado entre os dois jovens num piscar de olhos.

— Já era hora de acharem uma esposa pra ele — alguém atrás de mim murmurou. — Talvez agora ele pare de correr atrás das moças como um cão no cio.

— Um escândalo, eu acho! A menina não passa de uma criança...

— Fique quieta, a diferença entre eles não passa de seis anos, e muitos maridos são mais velhos que as mulheres muitos anos mais do que isso...

— É verdade, em alguns anos não fará diferença, quando ela tiver 18 ou 20. Mas 14! Pense em sua filha, Sarabeth, gostaria de vê-la casada com esse garoto St. Andrew?

— Não, pelo amor de Deus!

Embaixo, o restante das garotas McDougal formava uma corrente solta ao redor de Jonathan e seus pais, enquanto Evangeline permanecia em pé, tímida, um passo atrás de seu pai. “Agora não é hora de ser recatada”, pensei na época, tentando ouvir o que estava sendo dito embaixo. “Você é aquela com quem ele se casará. Esse homem maravilhoso será seu marido, a levará para a cama todas as noites. É difícil dar seu coração a um homem como esse, mas deve provar que está à altura do desafio. Vá e fique ao lado dele.” Algum tempo depois, após muita insistência de seus pais, ela saiu desajeitadamente de trás do pai, como um potro recém-nascido tentando usar as pernas pela primeira vez. Foi quando ficaram lado a lado que me dei conta: ela ainda era uma criança. Ele parecia uma torre, tão maior do que ela. Imaginei os dois deitados juntos na cama, parecia que ele podia esmagá-la. Ela era pequena e tremia como vara verde cada vez que ele lhe dava atenção.

Ele pegou-lhe a mão e se aproximou dela. Havia algo galanteador nesse gesto, quase protetor. Mas, então,

Jonathan inclinou-se e a beijou. Não era um beijo comum, aquele que eu já guardava em minha memória, aquele tão forte a ponto de sentir até a ponta dos dedos dos pés. Entretanto, ele havia dado o sinal de que aceitara o contrato de casamento beijando-a na frente das famílias e da congregação. E na minha frente.

Então, entendi a mensagem de Sophia no sonho: ela não tentava me encorajar a me matar em troca do que eu lhe fizera. Ela estava me dizendo que teria uma vida de decepções diante de mim se continuasse a amar Jonathan como eu amava, do jeito que ela amou. Um amor muito forte pode transformar-se em veneno e trazer muita infelicidade. Mas qual o remédio? Alguém pode desfazer o desejo de um coração? É possível deixar de amar alguém? “Mais fácil se afogar”, era o que Sophia parecia me dizer; melhor me matar por amor.

Tudo isso reverberava em minha mente enquanto assistia à cena, do balcão, lágrimas nos olhos, meus dedos apertando a madeira do corrimão. Eu estava no andar de cima da congregação, alto o suficiente para dar o salto do amante. Mas não fiz nada; até mesmo nessa hora tinha consciência do bebê dentro de mim. Em vez disso, dei as costas e corri escada abaixo, para me afastar daquela cena desoladora.

12

Voltei da igreja para casa em silêncio, na charrete com meu pai. Ele me olhava, enrolada em minha capa e cachecol, mas ainda tremendo e batendo os dentes apesar de o sol de inverno ter saído e nos banhar de luz. Ele não disse nada, sem dúvida atribuindo minha aparência doentia e reticência às notícias do acordo de casamento de Jonathan. Paramos na dilapidada igreja católica e encontramos minha mãe, irmãs e Nevin esperando na neve, com os lábios azuis e reclamando por estarmos atrasados enquanto subiam na charrete.

— Fiquem quietos, temos uma boa razão para o atraso — meu pai disse a eles em um tom que significava que ele não toleraria bobagem. — O arranjo de casamento de Jonathan foi anunciado hoje depois do culto. — Em consideração, não houve comemoração entre eles, somente olhares de minhas irmãs e uma piada: "Tenha piedade da garota, quem quer que seja", vinda do meu irmão.

Quando chegamos à fazenda, Nevin desarreou o cavalo, meu pai foi verificar o gado e minhas irmãs aproveitaram o dia ensolarado para cuidar das galinhas. Segui minha mãe, sem rumo, para dentro de casa. Ela ia de um lado para o outro na cozinha, preparando-se para fazer a refeição da noite, enquanto eu me sentei numa cadeira em frente da janela, ainda com a capa. Minha mãe não era tola.

— Quer uma caneca de chá, Lanore? — ela perguntou da lareira.

— Tanto faz — eu disse com cuidado, para esconder o tom de tristeza de minha voz. De costas para ela, ouvia o tilintar das panelas pesadas penduradas no gancho sobre o fogo e o jorrar da água que caía do balde de água recolhida.

— Posso ver que está chateada, Lanore. Mas você sabia que esse dia chegaria — ela disse de uma vez, firme, mas gentilmente. — Sabia que um dia o mestre Jonathan se casaria, assim como você. Nós lhe avisamos que uma amizade tão forte com um garoto não era aconselhável. Agora consegue entender por quê.

Deixei uma lágrima cair, já que ela não podia me ver. Senti-me fraca, como se tivesse sido atropelada e pisoteada por um dos touros no pasto. Precisava da ajuda de alguém; naquele momento, sentada ali, sabia que morreria se tivesse que carregar esse segredo comigo por mais tempo. A questão era: poderia confiar em minha família?

Minha mãe sempre fora boa para nós, seus filhos, nos defendendo quando a rigidez de meu pai resultava numa dura punição. Ela era uma mulher e tinha estado grávida seis vezes, com dois bebês enterrados no cemitério da igreja; com certeza entenderia como eu me sentia e me protegeria.

— Mãe, tenho algo que devo lhe dizer, mas estou com muito medo de como vão reagir, a senhora e meu pai. Por favor, prometa-me que vão continuar me amando depois que disser o que tenho a dizer — eu disse com a voz trêmula.

Ouvi um grito abafado escapar de minha mãe, seguido pelo som de uma colher caindo no chão, e sabia que não precisava dizer mais nada. Apesar de todos os seus conselhos, de todas as suas súplicas e críticas incessantes, seu pior medo tinha se tornado realidade.



Pediram a Nevin que arreasse o cavalo à charrete novamente e que fosse com minhas irmãs até a casa de Dale, do outro lado do vale, e que ficassem lá até que meu pai viesse buscá-los. Fiquei sozinha com meus pais em casa, sentada num banquinho no meio da sala enquanto minha mãe chorava suavemente para si, perto do fogo, e meu pai andava pesadamente a meu redor.

Nunca vira meu pai tão enfurecido. Seu rosto estava vermelho e inchado, suas mãos, brancas de tanto apertar os

pulsos. A única coisa que não permitia que ele me desse um soco eram as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Como pôde fazer isso? — meu pai esbravejava. — Como pôde ter se entregado ao garoto St. Andrew? Você não é melhor do que uma vagabunda qualquer? O que deu em você?

— Ele me ama, pai.

Minhas palavras eram provocação demais para meu pai; ele deu um golpe e me acertou com força no meio da face. Até mesmo minha mãe segurou a respiração, surpresa. A dor espalhou-se rapidamente pela mandíbula, mas foi a crueza de sua raiva que me deixou estupefata.

— Foi isso o que ele lhe disse? E você foi suficientemente estúpida para acreditar nele, Lanore?

— Está enganado. Ele realmente me ama...

Ele puxou o braço para me acertar pela segunda vez, mas parou.

— Não acha que ele disse a mesma coisa para que todas as garotas se entregassem ao desejo dele? Se os sentimentos dele são verdadeiros, por que prometeu casamento à garota McDougal?

— Não sei — engasguei, limpando as lágrimas do rosto.

— Kieran — minha mãe disse, firme —, não seja cruel!

— É lição difícil — meu pai respondeu a ela, olhando sobre o ombro. — Tenho pena dos McDougal e da pequena Evangeline, mas não teria um St. Andrew como genro.

— Jonathan não é um homem mau — protestei.

— Ouça o que está dizendo! Defendendo o homem que deixou você grávida e não tem a decência de estar aqui a seu lado, dando a notícia à sua família — meu pai urrou. — Aposto que o canalha sabe de seu estado...

— Sabe.

— E o capitão? Acha que ele teve coragem de contar ao pai?

— Eu... não sei.

— Duvido — afirmou meu pai, voltando a andar, seus saltos tilintando alto no chão de tábua de pinho. — E é melhor assim. Eu não quero ter parte naquela família. Está me ouvindo? Não quero! Já tomei minha decisão, Lanore: vou mandá-la embora para ter o bebê. Para bem longe. — Ele olhou fixamente para a frente, nem um piscar de olhos em minha direção. — Vamos mandá-la para Boston em algumas semanas, quando já pudermos passar pela estrada, para um lugar onde poderá ter seu bebê. Um convento. — Ele olhou para minha mãe, que olhava para as mãos dela enquanto assentia com a cabeça. — As irmãs encontrarão um lar para ele, um bom lar católico, para apaziguar o coração de sua mãe.

— Vão tirar meu filho de mim? — Comecei a me levantar do banquinho, mas meu pai me empurrou de volta.

— Claro que sim. Não pode trazer sua vergonha de volta com você para St. Andrew. Não vou permitir que meus vizinhos saibam que você é mais uma das conquistas de St. Andrew.

Comecei a chorar de novo, copiosamente. O bebê seria tudo o que eu teria de Jonathan; como poderia abrir mão dele? Minha mãe caminhou até mim e tomou minhas mãos nas dela.

— Deve pensar em sua família, Lanore. Pense em suas irmãs. Pense na vergonha se a notícia se espalhar pela cidade. Quem iria querer que seus filhos se casassem com suas irmãs depois de uma desgraça como essa?

— Acho que meus fracassos não deveriam refletir em minhas irmãs — disse, roucamente, mas sabia da verdade. Os cidadãos honrados fariam minhas irmãs e meus pais sofrerem por minhas falhas. Ergui a cabeça. — Então, não vai contar ao capitão sobre meu estado?

Meu pai parou de andar e virou o rosto para mim.

— Não darei ao velho canalha a satisfação de saber que minha filha não resistiu ao filho dele. — Ele chacoalhou a cabeça. — Pode pensar o pior de mim, Lanore. Rezo para estar fazendo a coisa certa por você. A única coisa que sei é que devo tentar salvá-la da própria ruína.

Não senti nenhuma gratidão. Egoísta como era, meu primeiro pensamento não foi para minha família nem para sua dor, mas para Jonathan. Seria forçada a deixar minha casa e nunca veria Jonathan de novo. A ideia me perfurava como uma lâmina em meu coração.

— Tenho mesmo que ir? — perguntei, a miséria aquebrantando minha voz. — Por que não posso procurar uma parteira? Poderia ficar; ninguém saberia de nada.

O olhar frio de meu pai feriu-me mais profundamente do que se tivesse sido esbofeteada de novo.

— *Eu* saberia, Lanore. Eu saberia e sua mãe saberia. Algumas famílias podem concordar, mas... nós não podemos deixá-la fazer isso. Seria um pecado monstruoso, ainda pior do que o que você já cometeu.

Assim, eu não era só uma filha má e um brinquedinho dos desejos de Jonathan, mas, em meu coração, também era uma assassina impiedosa. Naquele momento, queria morrer, mas só a vergonha não era suficiente para isso.

— Entendo — disse, limpando a umidade fria de meu rosto, determinada a não chorar mais na frente de meu pai.

Ah, que vergonha e que medo senti aquela noite! Hoje, em retrospecto, parece ridículo ter me sentido tão culpada, tão amedrontada. Mas, naquele tempo, eu era só mais uma vítima da propriedade, tremendo e chorando na casa de meus pais, esmagada pelo peso de suas ordens. Uma pobre

alma prestes a ser exilada num mundo cruel. Levou muitos anos até que eu me perdoasse. Na época, pensei que minha vida tinha terminado; meu pai me considerava uma prostituta e um monstro, e estava me mandando embora do único lugar com que me importava. Não conseguia imaginar como minha vida prosseguiria.



O pior do inverno passara; os dias curtos e escuros diminuíam e o céu, quase sempre encoberto, da cor de pano de chão velho, começava a se iluminar. Imaginava se eu também estava mudando visivelmente, com um bebê dentro de mim, ou se as mudanças em meu corpo estariam todas na minha mente. Afinal, sempre fora magra e, no meu martírio, perdi todo o apetite. Minhas roupas não me serviam, como eu esperava, mas talvez essa fosse a única culpa pairando em minha imaginação. Em alguns momentos, também imaginava se Jonathan pensava em mim, se sabia que eu ia ser mandada embora e sentia-se mal por ter me abandonado. Talvez ele tenha assumido que eu fizera o que havia prometido, ido à parteira e me limpado; talvez tivesse se distraído com a aproximação do casamento. Eu não tinha como saber: não podia mais ir aos cultos de domingo, tiraram-me a única possibilidade de ver Jonathan.

Os dias passaram em entristecida mesmice. Meu pai me mantinha ocupada o tempo todo, do momento em que levantávamos na semiescuridão do novo dia até encostar minha cabeça no travesseiro à noite. O sono não trazia trégua, pois frequentemente sonhava com Sophia levantando-se do Allagash congelado; em pé, como uma nuvem de fumaça no túmulo; rondando minha casa na escuridão, como um fantasma desassossegado. Talvez seu fantasma se confortasse com meu sofrimento.

Ajoelhei-me ao lado da cama, preparando-me para dormir, e imaginei se seria blasfêmia pedir a Deus para retirar de mim aquele pecado. Se ser banida era minha punição pelos meus abomináveis pecados, não deveria aceitar meu fardo em vez de pedir clemência a Deus?

À medida que o inverno amainava e o dia de minha partida se aproximava, minhas irmãs ficavam cada vez mais tristes. Passavam o máximo de tempo que podiam comigo, não falando sobre a minha partida, mas sentando-se comigo, me abraçando, pressionando a testa na minha. Trabalharam avidamente com minha mãe para remendar meu guarda-roupa, para eu não parecer tão rústica, e até me fizeram uma nova capa com a lã que sobrara da primavera anterior.

O inevitável não seria postergado para sempre e, uma noite, quando a neve derretida já tinha realmente se assentado no vale, meu pai me disse que as providências já haviam sido tomadas. Eu partiria no domingo seguinte, na charrete do dono do armazém, acompanhada pelo tutor da

cidade, Titus Abercrombie. Da Ilha Presque, iríamos viajar em uma charrete até Camden e, de lá, embarcaríamos num navio até Boston. O único baú da família foi arrumado com meus pertences e deixado ao lado da porta, um papel com o nome de todos os meus contatos (capitão do navio, madre superiora do convento) costurado dentro do forro de minha roupa de baixo, junto com todo o dinheiro de que minha família dispunha. Minhas irmãs passaram aquela noite em nossa cama larga, enroscadas comigo; não queriam que eu partisse.

— Não entendo por que nosso pai está mandando você embora.

— Ele não quis me ouvir, por mais que eu implorasse.

— Sentiremos sua falta.

— Algum dia a veremos de novo? Virá para o nosso casamento? Ficará a nosso lado no batismo de nossos bebês? — Essas perguntas também me trouxeram lágrimas aos olhos. E eu as beijei gentilmente na testa e as abracei bem forte.

— Claro que me verão de novo. Ficarei fora só por um tempinho. Chega de lágrimas, hein? Tanta coisa acontecerá enquanto eu estiver fora que vocês nem sentirão minha falta. — Elas gritaram em negativa e prometeram pensar em mim todos os dias. Eu deixei que chorassem até a exaustão e fiquei acordada o restante da noite, tentando encontrar paz nas últimas horas antes do amanhecer.

Quando chegamos, os condutores estavam arreando os cavalos e amarrando-os às charretes, agora vazias, já que, um dia antes, haviam entregado montes de mercadorias secas (farinha, rolos de tecido, agulhas, chá) na loja dos Waldorf. Três grandes charretes e os seis homens parrudos fizeram os últimos ajustes nos arreios e observavam, encabulados, minha família se reunir a meu redor. Abracei minhas irmãs e minha mãe com força, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Meu pai e Nevin ficaram de lado, emburrados e insensíveis. Um dos condutores tossiu, relutante em me chamar, mas ansioso para sair no horário.

— Hora de partir — meu pai disse. — Meninas, para dentro da charrete. — Ele esperou que minha mãe me abraçasse uma última vez, enquanto Nevin ajudava o condutor a colocar o baú dentro da carroceria. Meu pai virou-se para mim e disse:

— Esta é sua oportunidade de se redimir, Lanore. Deus achou por bem lhe dar outra chance, então, não seja estúpida para com a beneficência dele. Sua mãe e eu iremos rezar para parir seu filho com segurança, mas nem pense em recusar a ajuda das freiras que levarão a criança para outra família. Eu ordeno que não fique com a criança e, se resolver não cumprir minhas ordens, melhor nem voltar para St. Andrew. Se não se transformar em uma cristã digna e temente a Deus, não quero nunca mais ouvir falar de você.

Estupefata, fui até a charrete; Titus esperava por mim. Com uma dignidade cavalheiresca, ele me ajudou a subir até o banco ao lado dele.

— Minha querida, será um prazer acompanhá-la até Camden — ele disse num tom rígido e formal, mas amigável, um tom do qual Jonathan fazia piada. Eu não conhecia Titus muito bem, já que nunca tivera aulas com ele, e só tinha as histórias de Jonathan como referência para julgá-lo. Ele era um cavalheiro mais velho, mais para delicado, com a constituição de um professor: braços e pernas curvados, uma barriguinha protuberante que crescera com o passar dos anos, já perdera a maioria dos cabelos e, os que sobraram, estavam grisalhos, deixando sua cabeça calva com uma franja fina, no estilo de Benjamin Franklin. Ele era um dos poucos homens na cidade que usava óculos, uma fina armação de metal que fazia seus pálidos olhos cinza parecerem ainda menores e mais lacrimejantes. Titus passava os meses de verão em Camden ensinando, em latim, os filhos de seus primos, em troca de seu sustento, já que todos os seus alunos de St. Andrew trabalhavam nas fazendas da família até a escola recomeçar, no outono.

Quando a charrete pôs-se a andar, chorei copiosamente, respondendo, entre lágrimas, aos acenos frenéticos de minha mãe e de minhas irmãs.

À medida que a cidade ia ficando para trás, a dor em minha garganta e em meu coração se intensificava;

observava o único lugar que conhecera desaparecer na distância e dizia adeus a todos e a ele, o único que sempre amaria.

13

ESTRADA DE FORT KENT, HOJE

O cruzamento da fronteira não está muito longe. Apesar de Luke, há anos, não dirigir por ali, desde que levara a família para umas férias desastrosas pela trilha dos Montes Apalaches, tem certeza de que ainda consegue encontrá-la sem consultar o mapa. Ele passa por algumas estradas secundárias, mais lentas e demoradas, mas imagina que assim terão menor possibilidade de se encontrar com soldados da Cavalaria ou outros policiais; há poucos deles para patrulhar rotas secundárias ou se preocupar com cidadezinhas. A estrada, é aí que mora o problema, com os carros em alta velocidade, os caminhões com excesso de peso e o dinheiro que vem das infrações, é que traz lucro para o governo.

Ele coloca em ponto morto, aperta o volante e dirige com uma mão só. A passageira olha fixa e aleatoriamente para a estrada diante deles, mordendo o lábio inferior. Ela parece ainda mais uma adolescente, escondendo a preocupação embaixo de um véu de impaciência.

— Então — ele diz, tentando quebrar o gelo entre eles. — Se importa se eu fizer algumas perguntas?

— Fique à vontade.

— Pode me dizer como se sente sendo o que você é?

— Não sinto nada de especial.

— Verdade?

Ela se encosta no banco e coloca o cotovelo no apoio de braço.

— Não me sinto diferente, pelo menos não que eu consiga me lembrar. Não percebo mudanças no dia a dia, não da maneira que faça diferença. Não é que eu tenha super-poderes ou coisas do tipo. Não sou um personagem de uma história em quadrinhos. — Ela olha para ele para mostrar que não achou a pergunta idiota.

— Aquilo que você fez na sala de emergência, se cortar... doeu?

— Na verdade, não. A dor é pequena, fica só um pouco dormente, talvez como numa cirurgia depois de uma pequena dose de anestesia. Só a pessoa que fez você assim pode machucá-lo, realmente fazê-lo sentir dor. Já faz tanto tempo que quase me esqueci de como é sentir dor.

— Uma *pessoa* fez isso com você? — Luke pergunta, incrédulo. — Como aconteceu?

— Vou chegar lá — ela responde ainda sorrindo. — Seja paciente.

A revelação de que este milagre tenha sido feito por um homem quase deixa Luke tonto, como se de repente olhasse uma paisagem de uma perspectiva diferente. Parece ainda mais impossível, uma chance ainda maior de ser uma mentira de uma mulher bela e manipuladora.

— Bem — ela continua —, sou praticamente a mesma coisa que era, exceto que não fico cansada. Não me canso fisicamente, só emocionalmente.

— Depressão?

— Sim, provavelmente é isso e existem muitos motivos para sê-lo, eu acho. Em geral, só acontece de vez em quando, principalmente quando penso na futilidade de minha vida, de não ter outra alternativa a não ser viver um dia após o outro. E me pergunto qual é a razão de enfrentar tudo isso sozinha, senão me fazer sofrer, ser lembrada pelas coisas ruins que fiz ou pela maneira que devo ter tratado as pessoas. Não que eu possa fazer alguma coisa sobre o assunto. Não posso voltar no tempo e desfazer os erros que cometi.

Essa não era a resposta que ele esperava. Ele muda a posição da mão no volante enquanto passam por cima de um trecho de macadame.

— Quer que eu receite alguma coisa a você?

Ela ri.

— Antidepressivos? Não acho que fariam efeito em mim.

— Os remédios não fazem efeito em você?

— Vamos dizer que tenho uma tolerância bastante alta. — Ela se vira e passa a olhar pela janela. — Às vezes, a obliteração é a única forma de esquecimento.

— Obliteração, quer dizer, álcool? Drogas?

— Podemos parar de falar sobre isso? — A voz dela estremece no final.

— Claro. Está com fome? Provavelmente já faz tempo que você comeu. Quer parar para comer uma coisinha? Tem um lugar que faz sonhos perto de Fort Kent...

Ela balança a cabeça em desacordo.

— Não sinto mais fome; posso passar semanas sem pensar em comer ou beber, na verdade.

— E dormir? Sente vontade de dormir?

— Também não durmo muito. Simplesmente me esqueço disso. Afinal, a melhor parte de dormir é ter alguém a seu lado, não é? Um corpo quente, um peso contra seu corpo. É muito reconfortante, não acha? Como a respiração entra no ritmo, se sincroniza. É o paraíso.

"Isso queria dizer que não havia um homem em sua cama nos últimos tempos?", Luke se pergunta. Então, o que significava o homem morto no necrotério, os lençóis amassados

no quarto? Ou talvez ela o estivesse enganando, escondendo o que realmente era.

— Você sente falta de ter sua esposa na cama com você? — ela pergunta depois de um momento, provocando-o.

Claro que ele sentia, apesar de sua ex-esposa ter o sono leve, dormir pouco e, frequentemente, acordá-lo aos sol-avancos quando tentava se acomodar na cama ou quando estava sonhando. Ele adorara vê-la adormecida na cama quando chegava em casa depois de uma longa noite no hospital, seu corpo esguio e elegante enrolado nas cobertas, as curvas suaves se delineando para cima e para baixo, os cabelos dourados emaranhados em sua cabeça, a boca ligeiramente aberta; havia algo mágico em observá-la sem que soubesse. A memória dessas cenas íntimas fizeram crescer um nó na garganta dele.

— Quanto tempo faz que ela foi embora? — Lanny pergunta.

Ele dá de ombros.

— Quase um ano, agora. Ela vai se casar com o namorado de infância; voltou para Michigan, levou nossas duas filhas.

— Isso é... terrível. Sinto muito!

— Não desperdice sua simpatia comigo. Parece que você está passando por algo muito, muito pior. — Ele tem a mesma sensação de novo, a mesma que sentiu fora do

necrotério, uma sensação de desorientação diante do confronto da história dela com o mundo que conhece. Como ela poderia estar falando a verdade?

Enquanto faz uma curva para a direita, ele pensa ter visto a luz de um carro de patrulha preto e branco no espelho retrovisor. Será que os tinham seguido o tempo todo, Luke se pergunta, e ele não percebera? Será que a polícia estava atrás deles? A ideia causa um desconforto diferente para um homem que nunca teve nenhum tipo de problema com a lei.

— O que é? — Lanny pergunta de repente, ajeitando-se. — Aconteceu alguma coisa, posso ver na expressão de seu rosto.

Luke mantém o olhar no espelho retrovisor.

— Fique calma. Não quero que se assuste, mas acho que estamos sendo seguidos.

Parte dois

14

BOSTON, 1817

A viagem para o sul, na charrete do comerciante, durou duas semanas. Foi beirando a ponta leste da Floresta Great North, longe o bastante do Monte Katahdin para nos impedir de ver os picos cobertos de neve, até chegarmos ao rio Kennebec, que seguimos até Camden. Fora uma viagem solitária; se essa parte do estado já não é muito povoada hoje, era praticamente vazia naquela época. Passamos por caçadores e às vezes acampávamos com eles durante a noite, os condutores das charretes ansiosos para ter com quem dividir uma garrafa de uísque.

Os caçadores que encontrávamos eram geralmente franco-canadenses e quase sempre estoicos ou estranhos, o ofício cabendo àqueles que eram ou ermitões, ou independentes fervorosos. Alguns deles me pareciam meio loucos, balbuciando para si mesmos de um modo esquisito

enquanto limpavam e lubrificavam as ferramentas antes de começarem a trabalhar na caça que haviam pegado. Animais congelados eram colocados ao lado das fogueiras até descongelarem e ficarem maleáveis o suficiente; então, os caçadores sacavam suas facas de lâminas finas e começavam a arrancar a pele. Olhar os homens arrancarem a pele revelando-se os corpos molhados e vermelhos me deixava enjoada e desconfortável. Sem vontade de me sentar com eles, eu escapava de volta para a charrete com Titus e deixava os condutores dividirem a bebida com os caçadores no abraço morno da fogueira.

Embora estivesse infeliz com meu exílio, sempre quis conhecer um pouco do mundo fora do vilarejo. St. Andrew podia não ser sofisticada, mas eu a considerava civilizada em comparação com outros lugares do território, que eram, na maioria, despovoados. Com exceção dos caçadores, vimos poucas pessoas durante nossa jornada a Camden. Os índios, que eram nativos da área, já tinham se mudado anos antes, apesar de alguns continuarem vivendo nos assentamentos brancos ou trabalharem para os caçadores. Havia lendas sobre colonizadores que haviam se transformado em nativos, deixando suas cidades para montar acampamentos como os índios, mas eram poucos e geralmente desistiam durante o primeiro inverno.

A viagem pela Floresta Great North prometia ser escura e misteriosa. O pastor Gilbert nos avisara sobre espíritos malignos que ficavam à espreita, esperando os viajantes. Os lenhadores diziam ter visto *trolls* e duendes, o que era

esperado, pois a maioria deles vinha de terras escandinavas onde essas figuras folclóricas são comuns. A Floresta Great North representava o selvagem, a parte da terra que resistia à influência dos homens. Entrar nela era se arriscar a ser devorado, voltar às origens do homem selvagem que ainda vivia em cada um de nós. Em público, a maioria das pessoas de St. Andrew não dava muita atenção a essa conversa, mas era raro ver uma alma entrar na floresta, sozinha, durante a noite.

Alguns dos condutores gostavam de assustar uns aos outros contando histórias ao redor da fogueira, histórias de fantasmas vistos nos cemitérios ou demônios encontrados na floresta enquanto faziam alguma viagem. Eu tentava evitá-los nessas horas, mas não havia muito como fugir, pois só tínhamos uma fogueira queimando e todos os homens estavam ávidos por entretenimento. A julgar pelas histórias dos condutores, acho que eram ou muito corajosos ou grandes mentirosos, pois, apesar das lendas de fantasmas perambulantes, do demônio feminino da morte e coisas do gênero, eles continuavam conduzindo pelos caminhos solitários da floresta.

A maioria das histórias era sobre fantasmas e, enquanto ouvia, percebi que todos pareciam ter uma característica comum: eles assombravam os vivos porque tinham negócios pendentes nesta vida. A despeito de terem sido assassinados ou de terem se suicidado, os fantasmas se recusavam a passar para a outra vida por sentirem que pertenciam a este mundo e não ao outro. Por quererem se vingar da pessoa

responsável pela morte deles ou por não conseguirem deixar a pessoa amada, os fantasmas permaneciam perto das pessoas com quem passaram seus últimos dias. Obviamente eu me lembrei de Sophia. Se alguém tinha o direito de voltar como fantasma, era ela. Será que Sophia ficaria zangada quando voltasse e soubesse que a maior responsável por seu suicídio tinha ido embora da cidade? Será que me seguiria? Talvez ela tenha me jogado uma praga do túmulo e fosse responsável por minha atual situação de infelicidade. Ouvir as histórias dos condutores somente reforçava minha crença de que eu havia sido amaldiçoada por causa de minha maldade.

E, então, me senti mais feliz e aliviada quando começamos a passar por pequenos assentamentos com mais frequência: significava que estávamos nos aproximando da parte mais povoada ao sul do território e que não estaríamos à mercê dos condutores de charrete por muito mais tempo. Realmente, depois de termos encontrado o rio Kennebec, em poucos dias chegamos a Camden, uma grande cidade na costa. Foi a primeira vez que vi o mar.

A charrete nos deixou no porto, conforme acordado com meu pai. Corri pelo píer mais longo e fiquei olhando para toda aquela água por muito tempo. Que cheiro peculiar, o cheiro do mar, salgado, sujo e rústico! O vento estava muito frio e intenso, tão forte que era quase impossível respirar. Batia em meu rosto e emaranhava meus cabelos, como se me desafiasse. Além disso, fui tomada pela grandeza do oceano; sim, já tinha visto bastante água, mas somente a do rio Allagash. Por mais largo que fosse, dava para ver a margem

oposta, sabia que tinha limites. No entanto, com esse horizonte infinito, a expansão plana do oceano parecia o próprio fim do mundo.

— Sabe, os primeiros exploradores a viajar para a América achavam que fossem cair na ponta do mundo. — Titus disse, lembrando-me de que estava a meu lado.

Achei a maré revolta assustadora e fascinante ao mesmo tempo, e não conseguia deixar de olhar para aquele mar; quase congelei até os ossos.

O tutor me acompanhou até o escritório do mestre do porto, onde encontramos um homem velho, com uma pele assustadora que parecia couro. Ele apontou na direção de um pequeno navio que me levaria até Boston, mas avisou que não partiria antes da meia-noite, quando a maré teria baixado, e que eu só seria bem-vinda a bordo um pouco antes de zarparem. Ele sugeriu que passasse um tempo numa taberna, pedisse alguma coisa para comer e, talvez, convencesse o dono a me deixar passar as horas cochilando numa cama que não estivesse sendo usada. Ele até me mostrou o caminho para uma taberna perto do porto, ficou com dó de mim, suspeito, pois eu mal podia me fazer entender, nervosa, com a língua presa, e eu era tão rude! Se Camden era tão grande e intimidadora assim, como eu conseguiria sobreviver em Boston?

— Senhorita McIlvrae, eu devo protestar. Não deve ficar desacompanhada numa taberna, nem andar sozinha pelas

ruas de Camden, à meia-noite, procurando por seu navio — Titus disse. — Mas estão esperando por mim na casa de meu primo e eu realmente não tenho como passar o resto do dia com a senhorita.

— Que outra opção eu tenho? — perguntei. — Se for lhe tirar o peso da consciência, leve-me até a taberna e veja com seus próprios olhos se é um lugar respeitável. Então, faça como sua consciência mandar. Assim, não se sentirá traindo o compromisso com meu pai.

A única taberna que eu conhecia era a Daughtery's, um lugarzinho caseiro em St. Andrew, e essa taberna em Camden a reduzia a nada, com dois atendentes e duas mesas longas com bancos e comida quente para comprar. A cerveja também era consideravelmente mais saborosa e eu percebi, com uma dor súbita, o quanto as pessoas da minha cidade eram privadas de tantas coisas. A injustiça da situação se abateu sobre mim, apesar de não me sentir privilegiada por ter sido apresentada a isso só agora. Na verdade, sentia falta de casa e pena de mim mesma, mas escondi isso de Titus, que, ansioso para ir embora, concordou que aquele não parecia ser um lugar de má reputação e me deixou aos cuidados do dono da taberna.

Depois de ter comido e observado admiradamente os estranhos que entravam no lugar, aceitei o convite do dono da taberna para cochilar numa cama no depósito de mantimentos até que meu navio estivesse pronto para partir. Aparentemente, era comum que os passageiros passassem o

tempo nessa taberna em particular e o dono estava acostumado a fornecer esse tipo de serviço. Ele prometeu me acordar depois do pôr do sol, a tempo de chegar ao porto.

Deitei-me na cama, no depósito de mantimentos sem janela, e me dei conta de minha situação. Foi então, enrolada no escuro com os braços apertados em meu peito, que percebi o quanto estava sozinha. Tinha crescido numa cidade em que conhecia todos e não havia dúvida sobre quem tomaria conta de mim. Ninguém aqui ou em Boston me conhecia ou queria saber quem eu era. Lágrimas pesadas escorreram por minha face em autopiedade; na época, imaginava que meu pai não poderia ter me dado uma punição mais brutal do que essa. Acordei na escuridão, com o dono da taberna batendo à porta.

— Está na hora de se levantar — ele chamou do outro lado da porta — ou perderá seu navio.

Paguei com algumas poucas moedas que tirei do forro de minha capa, aceitei a oferta dele para me acompanhar até o escritório do mestre do porto e caminhei de volta até a praia em frente do porto.

A noite havia caído rapidamente, assim como a temperatura, e uma névoa, vinda do oceano, instalava-se. Havia poucas pessoas na rua e elas se apressavam de volta para casa, para fugir do frio e da névoa. O efeito conjunto era sombrio, como se eu estivesse andando por uma cidade de

fantasmas. O dono da taberna foi muito amigável e seguimos o marulhar das ondas até o porto.

Vi o navio que me levaria a Boston através da névoa. O deque estava todo pontilhado de lanternas que iluminavam a preparação para a partida: os marujos escalavam os mastros, desenrolando algumas das velas; barris eram carregados rampa acima para o depósito no porão; o navio boiava gentilmente de um lado para o outro.

Sei, agora, que era um navio de carga comum, mas, na época, era tão exótico quanto um navio de guerra britânico ou um *baghlah* árabe, o primeiro navio de verdade que eu já vira tão de perto. Medo e entusiasmo subiram pela minha garganta (eles seriam minha companhia constante para o resto da vida: medo do desconhecido e desejo irrepreensível por aventura) enquanto eu subia a rampa até o navio, outro passo ainda para mais longe de tudo o que eu conhecia e amava, e outro passo para mais perto de minha nova vida misteriosa.

15

Vários dias depois, o navio aproximou-se do porto de Boston. À tarde, já tínhamos chegado ao cais, mas eu esperei até o anoitecer para sair ao deque do navio. Estava tudo quieto agora: os outros passageiros haviam desembarcado assim que o navio ancorou e a maior parte da carga, aparentemente, havia sido descarregada. Os tripulantes do navio, pelo menos aqueles de cujo rosto eu me lembrava, não podiam ser vistos em lugar nenhum, provavelmente estavam lá fora, descobrindo os benefícios de se estar em terra visitando uma das tabernas que davam de frente para o porto. A julgar pelo número de tais estabelecimentos na rua, as tabernas eram parte importante dos negócios da navegação, mais importantes do que madeira ou lona.

Tínhamos ancorado muito antes do previsto, graças aos bons ventos, mas foi uma questão de tempo para que o convento fosse avisado e mandasse alguém me buscar. De fato, o capitão havia me olhado curiosamente uma ou duas vezes enquanto eu permanecia no deque inferior, imaginando por que eu ainda não havia saído, e até se ofereceu para procurar transporte para me levar até meu destino, caso eu não soubesse o caminho.

Eu não queria ir para o convento. Em minha mente, tinha imaginado que seria parecido com um reformatório ou uma prisão. Era para ser minha punição, um lugar destinado a

me corrigir mediante todos os meios possíveis, a curar minha paixão por Jonathan. Tirariam o bebê de mim, minha última e única conexão com meu amado. Como poderia permitir uma coisa dessas?

Por outro lado, estava com muito medo de sair sozinha. As incertezas que tinha encontrado em Camden seriam cem vezes piores em Boston, que parecia uma cidade grande e fervilhante. Como saberia para onde ir? A quem pediria ajuda, um lugar para ficar, particularmente em minha condição? De repente, senti cada pedacinho da jovem simplória e desinformada da floresta completamente fora de seu ambiente.

Covardia e indecisão me impediram de fugir do navio imediatamente, mas, no final, foi a ideia de perder meu filho que me fez decidir ir embora. Preferia dormir numa viela imunda e ganhar a vida esfregando o chão a deixar alguém tirar o bebê de mim. Com os detalhes se transformando em delírio, saí pelas ruas de Boston somente com minha bolsa no ombro, deixando o baú no escritório do mestre do porto. Com sorte o encontraria novamente quando tivesse achado um lugar para morar; isto é, se o pessoal do convento não o confiscasse em meu nome quando descobrisse que eu havia sumido.

Mesmo tendo esperado até o anoitecer para escapar furtivamente do navio, fiquei surpresa e assustada com a quantidade de atividades que ainda acontecia na cidade. As pessoas saíam das tabernas e iam para as ruas, lotavam as

calçadas ou passeavam em carruagens. Charretes lotadas com barris e caixas tão grandes quanto caixões passavam pelas ruas movimentadas. Caminhei com passos firmes por uma rua e desci a outra, me desviando de outros pedestres, me esquivando das charretes, incapaz de entender o desenho das ruas de uma forma que fizesse sentido, incapaz de dizer, após quinze minutos de caminhada, qual era a direção do porto. Comecei a achar Boston um lugar difícil e triste: centenas de pessoas tinham passado por mim aquela noite, mas ninguém reparou em minha expressão de temor, em meu olhar perdido, em meu andar sem rumo. Ninguém perguntou se eu precisava de ajuda.

O anoitecer deu lugar à escuridão. As luzes da rua foram acesas. O tráfego começou a rarear, as pessoas iam para casa com pressa, para a noite, enquanto os donos de lojas abaixavam as cortinas e trancavam as portas. E a próxima noite, e a noite depois, como seria? Não, eu disse a mim mesma, não devo pensar muito adiante ou ficarei desesperada. Passar por esta noite era preocupação o suficiente; precisava de um bom plano ou começaria a pensar que sucumbiria ao convento.

A resposta era uma taberna ou uma hospedaria. O que fosse mais barato, pensei, passando os dedos pelas moedas que ainda me restavam. A vizinhança onde tinha ido parar parecia residencial e tive dificuldade em lembrar quando tinha sido a última vez em que passara por uma taberna. Teria sido mais perto das docas? Provavelmente, mas, ainda assim, hesitei em fazer o caminho de volta, pensando que

isso somente confirmaria que eu não sabia o que estava fazendo e que tinha me colocado na pior situação possível. De qualquer forma, não tinha certeza de qual direção viera. Psicologicamente, era melhor continuar seguindo em direção ao novo território.

Estava tão exaurida, que fiquei parada no meio da rua pensando no que faria depois, desatenta ao tráfego em que, numa parte mais movimentada da cidade, quase fui atropelada. Imersa totalmente em meu problema, levei um minuto para perceber que uma carruagem tinha parado a meu lado e que alguém me cumprimentava.

— Senhorita! Olá, senhorita! — uma voz chamou de dentro da carruagem. E era uma carruagem linda, mil vezes mais elegante do que qualquer charrete rústica do campo que eu jamais vira. A madeira escura reluzia e todos os equipamentos eram extremamente delicados e benfeitos. Era puxada por um par de cavalos baios robustos, tão bem cuidados e paramentados quanto cavalos de circo, mas amarrados com arreios negros como uma carruagem de velório.

— Você não fala inglês? — um homem apareceu na janela da carruagem, vestindo um chapéu de três pontas extraordinariamente pomposo, arrematado com plumas cor de vinho. Ele era pálido e louro, com um rosto longo e aristocrático, mas tinha uma expressão de escárnio na boca, como se estivesse eternamente descontente. Olhei para ele, surpresa por um estranho tão elegante estar falando comigo.

— Ah, me deixe tentar — uma mulher disse, de dentro da carruagem. O homem de chapéu saiu da janela e a mulher tomou o lugar dele. Se o primeiro homem era pálido, ela era ainda mais, sua pele era da cor da neve. Ela usava um vestido muito escuro de tafetá marrom *moiré*, o que talvez desse à sua pele um tom sem sangue. Ela era adorável, mas assustadora, com dentes pontudos escondidos atrás dos lábios abertos, num sorriso cerrado e falso. Os olhos dela eram de um azul tão pálido que pareciam lavanda. E, do que podia ver de seu cabelo — pois ela também usava um chapéu ornamentado, colocado bem alto em sua cabeça, num ângulo ousado —, ele era amarelado, muito arrumado e penteado rente ao crânio.

— Não fique assustada! — ela disse, antes que eu percebesse que realmente estava um pouco amedrontada. Dei um passo para trás quando ela abriu a porta da carruagem e desceu à rua, farfalhando, enquanto se movia, devido à textura do tecido e ao tamanho de sua saia. O vestido dela era o traje mais maravilhoso que eu já havia visto, enfeitado com babadinhos e laços, apertado ao redor de sua fina cintura de vespa. Ela usava luvas pretas e esticou a mão vagarosamente em minha direção, como se estivesse com medo de assustar um cãozinho medroso. Ao homem de chapéu, juntou-se um segundo homem, que tomou o lugar dela na carruagem.

— Você está bem? Enquanto passávamos, meus amigos e eu não pudemos deixar de notar que você parecia um pouco perdida. — O sorriso dela ficou um pouco mais caloroso.

— Eu... bem, isso é... — gaguejei, constrangida por alguém ter me descoberto, ao mesmo tempo desesperada por qualquer ajuda e um toque de bondade humana.

— Você acabou de chegar a Boston? — o segundo homem na carruagem perguntou de seu assento. Ele parecia infinitamente mais agradável do que o primeiro, com traços duros, olhos extraordinariamente bondosos e uma suavidade que convidada à confiança. Eu assenti com a cabeça.

— E tem lugar para ficar? Perdoe-me por minha presunção, mas há algo de órfã em você. Sem teto, sem amigos? — A mulher acariciou meu braço enquanto ele dizia isso.

— Agradeço pela preocupação. Talvez vocês possam me indicar o caminho para a taberna mais próxima — comecei, trocando a sacola de mão. Assim que terminei a frase, o homem alto e arrogante descera da carruagem também e tomou a bolsa de mim.

— Faremos melhor do que isso; nós lhe daremos um lugar para ficar. Por esta noite.

A mulher me pegou pelo braço e me levou em direção à carruagem.

— Vamos para uma festa. Você gosta de festas, não gosta?

— Eu... não sei — respondi secamente, meus sentidos se aguçando em alerta. Como três pessoas de posse poderiam

surgir do nada para me ajudar? Parecia natural, até mesmo prudente, ser cética.

— Não diga bobagem. Como você não sabe se gosta de festas? Todo mundo gosta de festas. Haverá comida, muita bebida e diversão. E, no final, haverá uma cama aconchegante para você. — O homem arrogante jogou minha bolsa para dentro da carruagem. — Além disso, tem uma oferta melhor? Prefere dormir na rua? Acho que não.

Ele estava certo e, intuição à parte, eu não tinha escolha a não ser obedecê-los. Até convenci a mim mesma de que esse encontro do acaso era um sinal de boa fortuna. Minhas necessidades tinham sido atendidas, pelo menos até o momento. Eles estavam muito bem-vestidos e, para todos os efeitos, eram ricos; nem de longe pareciam estar planejando me roubar. Nem pareciam assassinos. Todavia, por que estavam tão ansiosos para levar uma estranha a uma festa com eles era um mistério completo, mas pareceu-me muito arriscado questionar minha boa sorte de forma tão rígida.

Cavalgamos num silêncio tenso durante alguns minutos. Eu me sentei entre a mulher e o homem simpático de cabelos escuros, e tentei não olhar quando o homem louro me media de cima a baixo. Quando não pude mais conter minha curiosidade, perguntei:

— Me desculpem, mas, por que, exatamente, querem minha presença nessa festa? O dono da festa não se incomodará em receber um convidado inesperado?

A mulher e o homem arrogante bufaram, como se eu tivesse contado uma piada.

— Oh, não se preocupe com isso! Veja bem, o dono da festa é nosso amigo e sabemos com certeza que ele aprecia entreter mulheres jovens e belas — o homem louro disse com outra bufada. A mulher bateu seu leque nas costas das mãos dele.

— Não se incomode com esses dois — disse o homem de cabelos escuros. — Eles estão se divertindo às suas custas. Tem minha palavra que você será totalmente bem-vinda. Como disse, você precisa de um lugar para passar a noite e, suspeito, para colocar seus problemas de lado por uma noite. Talvez lá encontre algo mais de que precise — ele disse, e tinha um modo tão suave que eu me acalmei. Havia muitas coisas de que eu precisava, mas, mais do que tudo, queria confiar nele. Acreditar que ele soubesse o que era o melhor para mim quando eu mesma não sabia.

Trotamos para cima e para baixo pelas ruas na carruagem negra. Eu olhava para fora da janela e tentava memorizar o caminho, uma criança dentro de um conto de fadas, que, talvez, precisasse voltar para casa. Perda de tempo; não tinha esperança de conseguir refazer minha jornada, não no estado em que me encontrava. Mais tarde, a carruagem parou em frente de uma mansão de tijolos e pedras, toda iluminada para a festa, tão grandiosa que me tirou o fôlego. Aparentemente, a festa ainda não começara; não havia nem

sinal de atividade, nem homens e mulheres em roupas de noite, nem nenhuma outra carruagem tentando estacionar.

Lacaios abriram as portas da mansão e a mulher tomou a frente como se fosse a senhora da casa, tirando as luvas dedo por dedo.

— Onde está ele? — ela perguntou rispidamente ao mordomo. Os olhos dele rolaram brevemente para cima.

— Lá em cima, madame.

Conforme subimos as escadas, me senti cada vez mais autoconsciente. Aqui estava eu, com um vestido maltrapilho e artesanal; cheirava a navio e maresia, e meu cabelo estava todo embaraçado e sujo de sal. Olhei para meus pés, para ver meus sapatos simples e rústicos com pedaços de lama da rua grudados, as pontas viradas para cima de tanto uso. Toquei o braço da mulher.

— Não deveria estar aqui. Não estou em estado digno de um evento tão elegante quanto este; não sou adequada nem para ser a ajudante de cozinha dessa casa tão fina. Vou me retirar...

— Você ficará até lhe darmos permissão para ir embora. — Ela virou-se e enfiou as unhas em meu braço, fazendo-me arfar de dor. — Pare de ser tola e venha. Garanto que se divertirá esta noite. — O tom de voz dela me dizia que meu divertimento era a última coisa com a qual ela se preocupava.

Nós quatro entramos por um conjunto de portas num quarto gigantesco, tão grande quanto minha casa toda em St. Andrew. A mulher nos levou direto ao quarto de vestir, onde um homem estava em pé, de costas. Ele era obviamente o dono da casa, um criado estava a seu lado. O mestre vestia calças de veludo azul brilhante, meias de seda brancas e sapatos enfeitados. Usava uma camisa com as bordas de renda e um colete que combinava com as calças. Ele não estava vestido com seu casaco, de forma que eu podia ver sua verdadeira forma sem os truques dos alfaiates para melhorar a compleição física. Ele não era alto e atlético como Jonathan, meu padrão de ideal masculino, mas, mesmo assim, tinha um físico magnífico. Costas e ombros largos saíam de seus quadris estreitos; devia ser extremamente forte, a julgar por aqueles ombros, como alguns dos lenhadores em St. Andrew, robustos e vigorosos. E, então, ele se virou e tentei não demonstrar minha surpresa.

Ele era muito mais novo do que eu esperava, diria que na casa dos 20 anos, só um pouco mais velho do que eu. E era bonito de uma maneira diferente, vagamente selvagem. Tinha a pele morena, um tom que eu nunca vira antes em nosso vilarejo de escoceses e escandinavos. Seu bigode e barba escuros rareavam por sua mandíbula quadrada, como se estivesse crescendo havia pouco tempo. Mas sua característica mais marcante eram os olhos, verdes-oliva e manchados de cinza e dourado. Eram belos feito joias e seu olhar era lupino e fascinante.

— Trouxemos outra atração para sua festa — anunciou a mulher.

Seu olhar de avaliação era tão áspero e, após apenas um olhar seu, senti que não tinha segredos com ele. Minha garganta secou e meus joelhos amoleceram.

— Este é nosso anfitrião — a voz da mulher desapareceu lentamente sobre meu ombro. — Faça uma mesura, sua idiota! Está na presença da realeza. Este é o conde cel Rau.

— Meu nome é Adair. — Ele esticou a mão em minha direção, como se quisesse me impedir de fazer uma mesura. — Estamos na América, Tilde. Sei que os americanos não têm realeza no país e, assim, não farão mesura a ninguém. Não podemos esperar que os americanos façam mesura para nós.

— Você acabou de chegar à América? — De alguma forma, tomei coragem para falar com ele.

— Há duas semanas. — Ele soltou minha mão e virou-se para o lacaio.

— Da Hungria — o homem baixo e escuro acrescentou. — Sabe onde fica?

Minha cabeça girou.

— Não, infelizmente não. — Mais esfolegadas de risadas soaram atrás de minhas costas.

— Isso não é importante — Adair, o mestre da casa, respondeu bruscamente para seus subordinados. — Não podemos esperar que as pessoas conheçam o lugar de onde viemos. Nosso lar é muito mais longe do que as milhas de terra e mar que deixamos para trás. É uma terra diferente desse lugar; é por isso que vim até aqui, porque é outro mundo. — Ele fez um gesto em minha direção. — Você... tem um nome?

— Lanore.

— Você é daqui?

— De Boston? Não, cheguei hoje. Minha família... — engasguei com um nó na garganta — ... vive no território do Maine, ao norte. Já ouviu falar de lá?

— Não — ele respondeu.

— Então estamos quites. — Não sei onde encontrei coragem para fazer piada com ele.

— Talvez sim. — Ele deixou o lacaio arrumar sua gravata, olhando curiosamente antes de se dirigir ao trio. — Não fiquem parados aí — ele disse. — Aprontem-na para a festa.

Fui levada para outro quarto, repleto de baús. Eles abriam as tampas, procurando diligentemente até encontrar uma roupa que coubesse em mim, um belo vestido de algodão vermelho e um par de sapatilhas de cetim. Não era uma roupa que combinasse comigo, mas era muito mais

elegante do que qualquer outra que já havia vestido. Haviam mandado um criado preparar um banho rápido e fui instruída para me esfregar com cuidado, porém, rapidamente.

— Vamos queimar isso — o homem louro disse, balançando a cabeça para minhas roupas feitas em casa, agora jogadas no chão. Antes de me deixarem sozinha para me lavar, a assustadora mulher loura colocou uma taça em minha mão com um bom vinho, mexendo lá dentro.

— Beba — ela disse. — Deve estar com sede. — Sequei a taça em dois goles.

Percebi que colocaram droga dentro do vinho quando saí da sala de banho. O chão e as paredes pareciam girar e precisei me concentrar muito para chegar ao salão. Os convidados já começavam a chegar, em sua maioria bem-vestidos, homens com perucas e máscaras cobrindo o rosto. O trio desaparecera e eu fui deixada sozinha. Em meu estado de torpor, fui de sala em sala tentando entender o que estava acontecendo, o bacanal estridente se espalhando a meu redor. Lembro-me de ver jogos de cartas numa grande sala, quatro ou cinco homens sentados ao redor de uma mesa, em meio a surtos de risadas e fúria enquanto as moedas brilhavam quando eram jogadas para dentro do pote. Continuei a perambular, indo de uma sala a outra, sem destino. Quando batia nas paredes, um estranho me tomava pela mão, mas eu soltava e corria o mais rápido que conseguia, dado o meu estado de torpor. Havia homens e mulheres jovens, atarantados, sendo levados pelos convidados em todas as direções.

Comecei a alucinar. Estava convencida de estar sonhando e sonhava que estava num labirinto. Não conseguia me fazer entender; as palavras saíam confusas e, de qualquer forma, ninguém parecia inclinado a me ouvir. Aparentemente, não havia saída dessa festa infernal, nenhuma saída para a segurança relativa da rua. Nesse momento, senti uma mão pousar sobre meu cotovelo e, então, desmaiei.

Quando acordei, estava deitada numa cama, quase sufocada por um homem deitado sobre mim. O rosto dele estava grotescamente perto do meu, sua respiração quente varrendo meu rosto. Estremeci sob o peso e sob os insistentes golpes de seu corpo contra o meu, e me ouvia lamentar e chorar de dor, mas a dor estava desconectada, aliviada momentaneamente pela droga. Eu sabia, por instinto, que mais tarde tudo voltaria à tona. Tentei gritar para pedir ajuda e uma mão suada cobriu minha mão, dedos salgados passaram pelos meus lábios.

— Fique quieta, meu bichinho — o homem em cima de mim grunhiu, com olhos semicerrados.

Sobre seus ombros, vi que estávamos sendo observados. Homens mascarados sentavam-se em cadeiras colocadas ao pé da cama, taças na mão, rindo e instigando o homem. Sentado no meio do grupo, com as pernas cruzadas, estava o anfitrião. O conde. Adair.



Acordei com um sobressalto. Estava deitada numa cama enorme, num quarto escuro e silencioso. Só o ato de acordar enviou faíscas de dor por todo meu corpo; eu me sentia como se tivessem me revirado do avesso, esticada, dolorida e rígida, anestesiada da cintura para baixo. Meu estômago estava revirado, um mar de bílis. Meu rosto estava inchado, minha boca também, com lábios secos e cortados. Sabia o que tinha acontecido comigo na noite anterior, minha dor era toda a prova de que eu precisava. O que eu precisava agora era sobreviver.

Então, o vi deitado a meu lado, na cama. Adair. Seu rosto era quase beatífico enquanto dormia. Do que podia ver, ele estava nu, mas coberto pelos lençóis da cintura para baixo. Suas costas estavam expostas para mim, matizadas de antigas cicatrizes, sugerindo surras horríveis no passado.

Eu me inclinei sobre a beirada da cama e, agarrando-me ao colchão, vomitei no chão. Meu movimento acordou o anfitrião. Ele lamentou sobre a ressaca, ou assim eu pensei, e ergueu a mão até a testa. Seus olhos verdes-dourados piscaram incertos.

— Meu bom Deus, você ainda está aqui — ele disse para mim.

Eu avancei nele com raiva, erguendo o braço para acertá-lo com um soco, mas ele me jogou de lado com um braço forte e preguiçoso.

— Não se comporte estupidamente — avisou-me — ou quebrarei você ao meio como um graveto.

Pensei nos outros homens e nas mulheres que tinha visto na noite anterior.

— Onde eles estão? Os outros? — quis saber.

— Foram pagos e foram embora, assim espero. — Adair murmurou, passando a mão pelo cabelo embaraçado. Ele torceu o nariz quando sentiu o cheiro de meu vômito. — Chame alguém aqui para limpar isso — disse, enquanto se inclinava para o lado para sair da cama.

— Não sou sua serviçal. E não sou uma... — busquei uma palavra que eu sabia não existir.

— Não é uma puta? — Ele puxou o cobertor da cama e o enrolou em volta do corpo. — Tampouco é uma virgem.

— Isso não quer dizer que eu queira ser drogada e atacada por um bando de homens.

Adair não disse nada. Segurou o cobertor amarrado no quadril, caminhou até a porta e, aos berros, chamou um serviçal. Depois, virou seu rosto para mim.

— Então, acha que fiz mal a você? O que vai fazer sobre o assunto? Poderia contar a história ao policial e ele a prenderia por ser uma prostituta. Assim, sugiro que receba seu pagamento e faça uma refeição antes de ir embora. — Então, meneou a cabeça enquanto me olhava uma segunda vez. — Você é aquela que Tilde encontrou na rua, sem lugar para ir. Bem... nunca poderão dizer que não sou um homem generoso. Pode ficar conosco por uns dias. Descanse e se recomponha, se quiser.

— E devo cantar a mesma música de ontem? — perguntei com sarcasmo.

— Você é impertinente, não é, para falar dessa maneira comigo? Completamente sozinha nesse mundo, ninguém aqui sabe quem você é, eu poderia comê-la como um coelho, um coelho ensopado. Isso não a assusta nem um pouco? — Ele me lançou um sorriso sarcástico, mas com um ar de aprovação. — Vamos ver o que me vem à cabeça. — Ele se jogou sobre o sofá, enrolando-se no cobertor. Para um aristocrata, tinha modos de um rufião.

Tentei me levantar e procurar minhas roupas, mas minha cabeça ficou tonta e o quarto todo rodou. Caí de volta na cama enquanto um serviçal entrou com trapos e um balde. Ele não prestou atenção em mim quando se ajoelhou para cuidar de minha poça de vômito. Só então é que senti uma dor latejante nas vísceras, uma sensação perdida num oceano de dor. Eu estava coberta, da cabeça aos pés, com arranhões, manchas rochas e escoriações. A dor interna, sem

dúvida, veio do mesmo modo que a dor externa: pelas mãos de uma criatura bestial.

Pretendia fugir da mansão nem que tivesse que sair rastejando. Mas não cheguei nem ao pé da cama; desmoronei de uma vez, vencida pela exaustão.

Meses se passaram até que eu fosse embora da casa.

16

CONDADO DE AROOSTOK, HOJE

A madrugada dessa época do ano tem um tom característico: a poeira cinza-amarelada como o lado de fora da gema de um ovo cozido. Luke podia jurar que pairava sobre a terra como a maldição de um fantasma, mas sabe que provavelmente não passe de mais um truque de luz brincando com as moléculas de orvalho da manhã. Nuvens de luz ou antiga maldição, o fato é que traz às manhãs uma aparência peculiar: o céu amarelado, um teto baixo de nuvens de sombras ameaçadoras contra o qual se erguem árvores cinza e marrons praticamente nuas.

Depois de ver o carro da polícia pelo retrovisor, Luke resolveu que não podiam continuar a viagem até a fronteira do Canadá em sua caminhonete. É muito fácil de ser reconhecida, pois tem as placas especiais de médico e o adesivo no vidro da antiga escola de Jolene, proclamando que o filho do motorista pertencia ao quadro de honra da Escola de Ensino Fundamental Rio Allagash (desde quando, Luke tinha se perguntado quando Tricia insistiu para que colocasse o adesivo em sua caminhonete, havia quadros de honra em escolas de Ensino Fundamental?). Assim, passaram a última meia hora fazendo o caminho de volta até St. Andrew, por estradas de uma via só, para chegarem até a casa de alguém em que ele acredita poder confiar. Ligou primeiro do celular para saber se podia emprestar um carro, mas,

principalmente, ele queria saber se a polícia estivera perguntando por ele.

Ele para em frente a uma casa de fazenda, reformada, fora de St. Andrew.
A casa é uma beleza, uma das maiores e mais bem conservadas, com toques de guirlandas de amentilho decorando a varanda em volta e lanternas solares no caminho da entrada. A casa pertence a um novo médico do hospital, um anestesista chamado Peter, que mudou da cidade para poder criar seus filhos no campo, onde acredita não haver crimes nem drogas. Ele é um cara patologicamente agradável, até mesmo para Luke, que, cheio de mágoa e ainda sofrendo com todos os problemas recentes, afastara-se de todos nos últimos meses.

Quando Luke bate à porta da frente, Peter atende vestindo um roupão e chinelos, uma expressão de desagrado no rosto. Ele parece ter sido arrancado da cama pelo telefonema de Luke, que fica profundamente envergonhado. Peter coloca a mão no braço de Luke enquanto estão parados na porta de entrada.

— Está tudo bem?

— Me desculpe por lhe pedir isso; é um pedido estranho, eu sei — Luke diz, mudando o peso de um pé para o outro, com a cabeça baixa. Ele praticou a mentira em sua cabeça durante os últimos dez minutos. — É que... a filha de minha prima passou uns dias comigo e eu prometi à mãe dela que a

levaria para casa a tempo de pegar o ônibus para um passeio da escola. O problema é que minha caminhonete está falhando e estou com medo de não conseguir chegar até lá e voltar... — O tom de Luke mistura a quantidade certa de incoerência e desculpas por estar incomodando um amigo, dando a impressão de um coitado bem-intencionado e confuso, que só um ogro rejeitaria.

Peter olha sobre o ombro de Luke, para a caminhonete estacionada no final da longa entrada. Luke sabe que ele verá Lanny em pé, ao lado do veículo, com a mala a seus pés. Ela está muito longe para que Peter consiga vê-la direito, caso a polícia faça perguntas mais tarde. Ela acena para Peter.

— Você não acabou de sair do plantão? — Peter olha de volta para Luke, tão perto como se estivesse procurando pulgas. — Não está cansado?

— Sim, mas estou bem. Foi uma noite tranquila. Dormi um pouco — ele mente. — Tomarei cuidado.

Peter tira as chaves do bolso e as coloca nas mãos de Luke. Quando Luke tenta dar as chaves da caminhonete em troca, Peter hesita.

— Não precisa deixar as chaves comigo... não vai demorar muito, vai?

Luke dá de ombros, tentando parecer indiferente.

— Caso você tenha que mudá-la de lugar ou algo do tipo. A gente nunca sabe.

O portão para a garagem de três vagas levanta-se lentamente e Luke verifica o chaveiro, descobrindo que Peter está confiando a ele uma SUV nova e luxuosa, cinza-chumbo brilhante, com assentos de couro aquecidos e um aparelho de DVD na fileira de trás para manter as crianças entretidas durante as viagens longas. Luke se lembra como as pessoas o amolaram no primeiro dia em que chegou ao hospital, com um carro tão incomum para a região, a cobertura brilhante com grandes chances de ser corroída pelo sal da estrada ao final do terceiro inverno.

Luke dá marcha a ré no carro para tirá-lo da garagem e espera na boca da entrada para Lanny se acomodar no banco do passageiro.

— Que carro bonito! — ela diz enquanto puxa o cinto de segurança. — Você sabe negociar, não é?

Ela cantarola para si mesma, enquanto Luke dirige em direção à estação fronteiriça do Canadá, mas, dessa vez, parcialmente escondido atrás dos vidros escurecidos. Sente-se culpado pelo que fez. Ele não sabe exatamente por que, mas suspeita que não fará meia-volta depois de ter cruzado a fronteira, e por isso deixou as chaves da sua velha picape amassada com o amigo. Não que Peter precise da caminhonete; ele obviamente tem outros carros caso necessite ir a algum lugar. Ainda assim, deixar as chaves fez Luke sentir-se

melhor, como se tivesse estabelecido um certificado de dívida ou deixado um amuleto da sorte, pois sabe que, em pouco tempo, Peter irá desprezá-lo. Lanny olha nos olhos de Luke quando passam por um cruzamento vazio.

— Obrigada! — ela diz com profunda gratidão. — Você me parece o tipo de homem que não gosta de pedir favores, então... quero que saiba que realmente agradeço e aprecio o que está fazendo por mim.

Luke assente com a cabeça, perguntando-se até que ponto e a que custo ele a ajudará a fugir.

17

BOSTON, 1817

Acordei numa cama diferente, num quarto diferente, o homem de cabelos negros da carruagem sentado a meu lado na cama, com uma tigela de água e uma compressa fria para minha testa.

— Ah, de volta ao mundo dos vivos! — ele disse quando abri os olhos. Suspendeu a compressa de minha testa e a colocou dentro da água para ensopar.

Podia ver uma luz fria pela janela atrás dele, então sabia que era dia, mas qual dia? Verifiquei embaixo da colcha e percebi que estava vestida só com uma camisola. Deram-me um quarto que claramente deveria pertencer a algum membro mais importante dos criados da casa, pequeno e com mobília simples.

— Por que ainda estou aqui? — perguntei, ainda grogue. Ele ignorou minha pergunta.

— Como se sente?

A dor veio devagar, pungente e quente no meu abdômen.

— Como se tivesse sido esfaqueada com uma lâmina enferrujada.

Ele franziu o cenho ligeiramente, então alcançou uma tigela de sopa colocada no chão.

— A melhor coisa para você é descanso, descanso completo. Você provavelmente teve uma perfuração em algum lugar aí dentro — ele apontou indiretamente para minha barriga — e precisa sarar o mais rápido possível, antes que tenha uma infecção. Já vi isso antes. Pode se tornar uma coisa séria.

O bebê. Eu me sentei.

— Quero um médico. Ou uma parteira.

Ele colocou uma colher no caldo claro, o metal batendo na porcelana.

— Muito cedo para isso. Vamos observar por um tempo, para ver se piora.

Entre compressas e colheradas de caldo, ele respondeu às minhas perguntas. Primeiro, me falou sobre ele. Seu nome

era Alejandro e era o mais novo de uma elegante família espanhola, de Toledo. Sendo o filho mais novo, não tinha esperanças de herdar a propriedade da família. O segundo mais velho havia se alistado nas Forças Armadas e era capitão de um navio poderoso. O terceiro mais velho serviu na corte do rei da Espanha e foi rapidamente enviado como emissário para uma terra estrangeira. Assim, a família tinha cumprido todas as obrigações de praxe para com o rei e seu país; Alejandro era livre para decidir seu destino no mundo e, devido a vários incidentes e mudanças de rumo, no final, acabou ficando com Adair.

Adair, ele explicou, era um membro da realeza *genuína* do Velho Mundo, tão rico quanto alguns príncipes menores, já que conseguira manter as propriedades da família durante séculos. Cansado do velho continente, ele veio para Boston pela novidade, para experimentar o Novo Mundo. Alejandro e os outros dois da carruagem, Tilde, a mulher, e Donatello, o homem louro, eram os cortesãos de Adair.

— Todo membro da realeza tem sua corte — Alejandro afirmou, o primeiro de muitos argumentos circulares. — Ele precisa estar cercado de pessoas de boa estirpe, que possam garantir que suas necessidades sejam atendidas. Somos o filtro entre ele e o mundo.

Donatello, explicou, viera da Itália, onde fora assistente e fonte de inspiração de um grande artista de cujo nome eu nunca ouvira falar. E Tilde, o passado dela era misterioso, Alejandro confessou. A única coisa que sabia sobre ela é que

viera de uma terra do norte, tão cheia de neve e tão fria quanto a minha. Tilde já estava com Adair quando Alejandro se uniu à corte.

— Ela conta tudo a ele e seu temperamento pode ser terrível; então, tenha sempre muito cuidado com ela — ele me avisou, mergulhando a colher para pegar mais caldo.

— Mas eu não vou ficar aqui nem um minuto a mais do que o necessário — eu disse, abrindo minha boca para alcançar a colher. — Irei embora assim que estiver me sentindo melhor. — Alejandro não fez nenhum comentário, parecendo concentrado em fazer chegar até minha boca outra colher de caldo.

— Há outro membro da corte de Adair — ele disse, e se apressou em explicar —, mas provavelmente você nunca irá conhecê-la. Ela é... reclusa. Porém, não fique surpresa se achar que vê um fantasma passando por aí.

— Um fantasma? — Os cabelos de trás do meu pescoço se levantaram, memórias das histórias de fantasmas dos condutores da charrete voltando depressa à minha mente, tristes mortos procurando seus entes queridos.

— Não um fantasma de verdade — ele brincou. — Apesar de que ela poderia ser um. Ela é reservada e a única maneira de vê-la é se trombar com ela, como se topasse com um veado no meio da floresta. Não falará nem lhe dará atenção se tentar conversar com ela. Se chama Uzra.

Por mais que estivesse grata por Alejandro me contar tudo o que sabia, todas aquelas informações caíam sobre mim de forma desconfortável, pois evidenciavam cada vez mais minha ignorância e minha criação isolada. Nunca me falaram sobre essas terras distantes, eu não conhecia o nome do artista famoso. O que mais me incomodava era essa tal de Uzra; eu não queria conhecer uma mulher que tinha se transformado num fantasma. E o que Adair havia feito para evitar que ela falasse? Havia cortado a língua dela? Não duvidava que ele fosse cruel a esse ponto.

— Não sei por que se dá ao trabalho de me contar essas coisas — eu disse. — Não ficarei aqui.

Alejandro me observou com um lindo sorriso de coroinha e olhos brilhantes.

— Ah, é só um jeito de passar o tempo! Devo trazer mais caldo?

Aquela noite, quando ouvi Adair e seus subordinados perambulando pelo corredor, preparando-se para sair, rastejei para fora da cama para observá-los. Que lindos eles estavam, enrolados em veludos e brocados, cobertos de pó de arroz, com os cabelos penteados pelos criados, que passaram horas arrumando-os! Tilde, com joias pinçadas nos cabelos amarelos, os lábios pintados de vermelho; Dona, com um paletó branco impecável até a altura de sua mandíbula, acentuando o pescoço aristocrático e o queixo pontudo; Alejandro, com um casaco preto comprido e seu olhar eternamente triste;

todos falando sem parar uns com os outros, de maneira venenosa, e pomposos como emplumados pássaros reais.

Mais do que tudo, eu observava fixamente Adair, pois ele era encantador. Um selvagem vestido com roupas de cavalheiro. Então, me dei conta: ele era um lobo em pele de cordeiro, indo à caça com sua matilha para dizimar as vítimas. Eles caçavam por diversão, como tinham me caçado. Ele era o lobo e eu, a lebre de pescoço macio e suculento, presa fácil para aquelas mandíbulas cruéis. O lacaio colocou a capa sobre os ombros de Adair e, quando se virou para sair, olhou para mim, como se soubesse que eu estivera lá o tempo todo; deu-me uma olhada e um leve sorriso, que me fizeram cambalear para trás. Eu deveria ter medo dele, eu *tinha* medo dele, e, ainda assim, estava fascinada. Parte de mim queria participar de seu grupo, queria estar nos braços de Adair quando ele e seus acompanhantes saíam para se divertir e ser bajulados por admiradores.

Aquela noite, fui acordada pelo grupo voltando para casa e não fiquei surpresa quando Adair entrou em meu quarto e me carregou até a cama dele. Apesar de estar doente, ele me possuiu aquela noite e eu me deixei levar, inebriada pelo movimento de seu peso sobre mim, seu membro grosso dentro de mim e o toque de seus lábios na minha pele. Ele sussurrava em meu ouvido enquanto copulávamos, mais gemidos do que palavras, e não conseguia entender o que ele dizia, além de “não pode me negar” e “minha”, como se estivesse tomando posse de mim naquela noite. Depois de tudo,

deitei-me ao lado dele, tremendo, enquanto a sensação de escravidão me percorria.



Na manhã seguinte, quando acordei em meu pequeno quarto silencioso, a dor em meu baixo ventre estava muito maior. Tentei caminhar, mas cada passo era marcado por uma pontada brusca, e escorriam sangue e fezes. Não conseguia nem imaginar alcançar a porta da frente, muito menos encontrar alguém para me ajudar. À noite, fui consumida pela febre; nos dias que se seguiram, dormia e acordava, cada vez mais fraca do que antes. Minha pele estava cada vez mais pálida e sensível; meus olhos, vermelhos. As escoriações e os arranhões estavam sarando muito lentamente. Alejandro, a única pessoa que veio até minha cama, deu seu prognóstico, balançando a cabeça.

— Uma perfuração no intestino.

— Com certeza uma doença insignificante? — perguntei, esperançosa.

— Não, se virar uma infecção.

Ignorante como era sobre as complexidades da anatomia, se a dor era uma indicação da severidade do problema, o bebê devia estar em perigo.

— Um médico — implorei, apertando a mão dele.

— Falarei com Adair — ele prometeu.

Algumas horas depois, Adair entrou bruscamente no quarto. Não vi nem sombra de reconhecimento do prazer que tínhamos compartilhando na noite anterior. Ele puxou um banquinho ao lado da cama e começou a me examinar, apertando os dedos na minha testa e bochechas para medir a temperatura.

— Alejandro me disse que não melhorou.

— Por favor, chame um médico. Eu lhe pagarei de volta um dia, assim que conseguir...

Ele estalou a língua como para dizer que o custo não importava. Ergueu minhas pálpebras, então sentiu as bolsas de pele embaixo de minha mandíbula. Ao terminar, levantou-se do banquinho.

— Voltarei em um minuto — disse e saiu apressadamente do quarto.

Estava cochilando quando ele voltou com uma caneca velha e furada nas mãos. Colocou-me sentada, antes de me passar a caneca; o conteúdo cheirava a poeira e ervas misturadas num líquido quente, parecendo água suja de pântano.

— Beba — ele disse.

— O que é isso?

— Vai ajudá-la a se sentir melhor.

— Você é médico?

Adair me olhou com um leve desgosto.

— Não, o que você consideraria um médico, não. Pode-se dizer que já estudei minha dose de medicina tradicional. Se isso aí tivesse fervido mais um pouco, seria muito mais palatável, mas não temos tempo — ele acrescentou, como se não quisesse que eu fizesse mau juízo de sua poção por causa do sabor.

— Então, quer dizer que é como uma parteira? — Não precisaria dizer que as parteiras, apesar de geralmente serem as únicas praticantes de medicina em qualquer vilarejo, não tinham nenhum treinamento, já que as mulheres não podiam frequentar as escolas. As mulheres que se tornavam parteiras aprendiam a fazer partos e a mexer com ervas e grãos, sendo aprendizes de suas mães ou outros parentes.

— Não — ele respondeu mal-humorado, aparentemente não acreditando em parteiras tanto quanto não acreditava em médicos. — Ande, beba logo!

Fiz como ele pediu, achando que não concordaria em chamar um médico caso ficasse chateado comigo por não experimentar o remédio dele. Pensei que fosse vomitar tudo; a

mistura era muito oleosa e amarga, com pedacinhos que não conseguia engolir.

— Agora descanse mais um pouco e veremos amanhã como está indo — ele disse, alcançando a caneca.

Coloquei minha mão em seu punho.

— Me diga, Adair... — mas estava confusa.

— Dizer o quê?

— Não sei o que pensar de seu comportamento comigo ontem à noite.

Ele retorceu sua linda boca num sorriso cruel.

— É tão difícil assim de entender? — Ele me ajudou a me apoiar de volta nos travesseiros e então puxou o cobertor até meu queixo; ajeitou o cobertor sobre meu peito e tocou meu cabelo, muito carinhosamente. Sua expressão de escárnio se abrandou e, por um momento, tudo que eu conseguia ver era seu rosto infantil e um traço de bondade em seus olhos verdes. — Você acha que me afeiçoei um pouco a você, Lanore? Você me surpreendeu; não é apenas uma mal-trapilha que Tilde tirou da rua. Tem alguma coisa em você... Temos afinidades de alma que ainda não desvendei... Mas entenderei um dia. Primeiro, tem que melhorar. Vejamos se esse elixir lhe fará bem. Tente descansar agora. Alguém virá ver você mais tarde.

Fiquei surpresa com a revelação dele. A julgar por aquela única noite, o que existia entre nós era atração mútua. Desejo, para falar honestamente. De um lado, passou pela minha cabeça que um nobre, um homem com riqueza e poder, pudesse ficar interessado em mim; mas, de outro, ele também era um sádico e egoísta. Apesar dos sinais de alerta, aceitei a afeição de Adair, mesmo que fosse só para substituir aquilo que eu desejava de outro homem.

Meu estômago havia melhorado; o gosto amargo do elixir, desaparecido. Havia outro enigma para resolver. Minha curiosidade não era páreo para o elixir curativo de Adair e, em pouco tempo, tinha caído calmamente no sono.

Outra noite e outro dia se passaram, mas nenhum médico veio me ver e comecei a pensar qual seria o jogo que Adair estava fazendo. Ele não apareceu mais desde a confissão de seu interesse por mim; mandou serviçais a meu quarto com mais doses do elixir, mas nenhum médico se materializou em minha porta. Depois de 36 horas, fiquei novamente desconfiada de seus motivos.

Precisava sair daquela casa. Se ficasse, morreria naquela cama e o bebê morreria comigo. Tinha que tentar encontrar o médico ou alguém que pudesse restituir minha saúde ou, no mínimo, que me mantivesse viva até o nascimento do bebê. Essa criança seria a única prova do amor de Jonathan por mim e eu estava determinada que ela vivesse mesmo depois de minha morte.

Fui procurar minha sacola, mas, quando me apoiei no estrado da cama e no armário, percebi a fria umidade de minhas roupas de baixo, grudadas em minhas pernas. Tinham-nas tirado e me enrolado num pedaço de tecido, para que ele segurasse o fluido malcheiroso que saía de dentro de mim. O tecido estava sujo e com cheiro podre; não havia como andar pelas ruas daquele jeito sem ser confundida com uma louca e ser levada a um hospício. Precisava de roupas, da minha capa, mas tinham levado tudo embora.

Mas eu sabia onde podia encontrar algo para vestir: o quarto cheio de baús, aonde tinham me levado na fatídica primeira noite.

Do lado de fora do quarto, tudo estava quieto, somente um murmúrio de conversa entre dois serviçais subia pela escadaria. O corredor estava vazio. Olhei atônita para os degraus, mas estava tão fraca e febril que tive que recorrer às minhas mãos e aos joelhos para subir até o andar de cima. Uma vez lá, encostei-me na parede para recuperar o fôlego e o controle. Qual o corredor que levava até o quarto com os baús? Os corredores eram todos parecidos e havia tantas portas... Não tinha força nem tempo para tentar todas elas. E, enquanto estava lá em pé, a ponto de chorar de frustração e dor, lutando para me manter resoluta em minha decisão de fuga, eu a vi. Eu vi a fantasma.

Percebi um movimento pelo canto do olho. Achei que fosse uma criada da cozinha a caminho dos aposentos dos

criados, na parte mais alta do sótão, mas a figura que estava à minha frente não era uma serviçal comum.

Ela era muito pequena. Se não fossem pelos seios fartos e pelo corpo curvilíneo, podia se passar por uma criança. Sua figura feminina estava envolta num traje exótico feito de seda finíssima, pantalonas esvoaçantes e uma túnica sem manga, pequena demais para cobrir seus seios. E que seios maravilhosos eram, perfeitamente redondos, firmes e altos! Ao olhar para eles, podia-se imaginar o quão pesados seriam quando apalpados, o tipo de seios que atrai qualquer homem.

Além de sua forma sedutora, ela era esteticamente linda. Seus olhos amendoados pareciam ainda maiores com o contorno preto. Os cabelos eram uma variedade de tons de cobre, castanho e dourado, e caíam em cachos despenteados até a cintura. Alejandro descrevera perfeitamente a cor da pele dela: canela, levemente manchada de mica para fazê-la brilhar, como se ela fosse feita de algum tipo de pedra preciosa. Lembro-me de tudo isso agora com a vantagem de tê-la visto muitas vezes depois desse episódio e sabendo que era feita de carne e osso; mas, na época, ela poderia ter sido uma visão, invocada pela mente masculina como a perfeita fantasia sexual. Ela era fascinante e de tirar o fôlego. Tinha medo de me mexer e ela ir embora. Ela me olhou de volta, cautelosa, enquanto eu olhava fixamente para ela.

— Por favor, não vá! Preciso de sua ajuda. — Cansada de ficar em pé, me escorei no corrimão. Ela deu um passo para

trás, seus pés descalços sobre o tapete. — Não, não, por favor, não me deixe! Estou doente e preciso sair dessa casa. Por favor, preciso de sua ajuda para continuar viva. Seu nome é Uzra, não é? — Ao ouvir seu nome, ela deu mais alguns passos para trás, virou-se e desapareceu na escuridão, no topo da escada para o sótão. Naquele momento, não sei se minhas forças se esvaíram ou se minha determinação vacilou enquanto ela fugia de mim, mas escorreguei e caí. O teto rodava acima de minha cabeça, como uma lanterna girando livremente enrolada numa corda: primeiro girando numa direção, depois, na outra. De repente, tudo ficou escuro. Então, murmúrios e o toque de dedos.

— O que ela está fazendo fora do quarto? — Era a voz de Adair, irritada e baixa. — Você disse que ela não conseguiria sair da cama.

— Aparentemente ela é mais forte do que parece — Alejandro murmurou. Alguém me levantou e me senti leve, flutuando.

— Coloque-a de volta lá dentro e dessa vez tranque a porta. Ela não pode sair dessa casa. — A voz de Adair começou a se afastar. — Ela vai morrer?

— Pelo inferno, como posso saber? — Alejandro resmungou num suspiro e então gritou, bem alto, para que Adair pudesse ouvir. — Acho que isso vai depender de você.

Depender dele? Como poderia depender dele se eu viveria ou morreria? No entanto, não tinha mais tempo para ficar

contemplando essa conversa perturbadora, já que mergulhava novamente no vácuo escuro e silencioso do esquecimento.

18

— Ela está morrendo; não conseguirá chegar até à noite.

Era a voz de Alejandro, dizendo coisas que eu não deveria ouvir. Minhas pálpebras se abriam e fechavam. Ele estava em pé, ao lado de Adair, ao pé da cama. Os dois tinham os braços cruzados no peito, resignados, com uma expressão grave no rosto.

Aproximava-se o fim absoluto e eu ainda não fazia ideia do que fariam comigo, por que Adair havia se incomodado em demonstrar sua afeição por mim ou se ocupado em me oferecer poções homeopáticas, ao mesmo tempo que me recusava um médico. Àquela altura, seu comportamento estranho não fazia a menor diferença: eu estava à beira da morte. Se era o meu corpo que eles queriam para dissecação médica, ou experiências ou rituais satânicos, não havia nada para impedi-los. Afinal, o que eu era além de uma vagabunda sem dinheiro e sem amigos? Não era nem uma criada; era menos do que isso, uma mulher que deixava

estranhos fazerem o que bem entendessem com ela em troca de abrigo e comida. Teria chorado por aquilo que me tornara, mas a febre havia me deixado sem lágrimas.

Não dava para discordar da conclusão de Alejandro: eu estava morrendo. Um corpo não podia se sentir tão mal e estar vivo; eu fervia por dentro, cada músculo queimava. Tudo doía. A cada respiração, minhas costelas estalavam como um fole enferrujado. Se não sentisse tanta culpa por carregar o bebê de Jonathan e tivesse tanto medo do peso de todos os pecados pelos quais seria julgada, teria rezado a Deus para me perdoar e me deixar morrer.

Tinha somente um arrependimento, que era nunca mais ver Jonathan de novo. Eu acreditava tão piamente que estávamos destinados a ficar juntos, que parecia inconcebível que pudéssemos estar separados, que eu morreria sem poder tocar em seu rosto, que ele não estaria segurando minha mão nesse último suspiro. A gravidade da situação tornou-se real para mim naquele momento: meu fim estava aqui, não havia nada a ser feito, nenhuma súplica a Deus mudaria isso. E tudo o que eu mais queria era ver Jonathan.

— A decisão é sua — Alejandro disse a Adair, que até então não havia dito uma só palavra. — Se ela lhe agrada. Dona e Tilde já se posicionaram...

— Não é uma votação — ele respondeu, irritado. — Nenhum de vocês diz quem vai fazer parte de nossa família. Vocês todos continuam a existir porque eu quero... — Tinha

ouvido direito? Achei que não; suas palavras confusas retumbavam em minha mente... — Vocês continuam à minha disposição. — Adair deu um passo para o meu lado e passou a mão em minha testa suada. — Vê a expressão no rosto dela, Alejandro? Ela sabe que está morrendo e, mesmo assim, está lutando. Vi essa mesma expressão no seu rosto, no de Tilde. É sempre a mesma coisa. — Ele pegou meu rosto com as duas mãos. — Me ouça, Lanore. Estou prestes a dar a você um presente raro. Você compreende? Se eu não intervier, você morrerá. Então, esta será nossa troca... Estou pronto para resgatá-la quando morrer e trazer sua alma de volta para este mundo. Mas isso significa que você pertencerá inteiramente a mim, não apenas seu corpo. Ser dono do seu corpo é fácil, posso fazer isso agora mesmo. Quero mais de você; quero sua alma ardente. Você concorda com isso? — ele perguntou, procurando uma reação em meus olhos. — Prepare-se! — ele me disse. Não tinha ideia sobre o quê ele estava falando.

Ele inclinou-se mais perto, como um pastor prestes a ouvir minha confissão. Segurou um frasco de prata, tão fino quanto o bico de um beija-flor, e tirou a tampa, mais uma agulha do que uma tampa.

— Abra a boca — ele ordenou, mas eu estava petrificada de medo. — Abra sua maldita boca — ele repetiu — ou vou quebrar sua mandíbula ao meio.

Em meu estado de confusão, achei que ele estivesse oferecendo os sacramentos (para todos os efeitos, eu vinha de

uma família católica) e queria a absolvição de meus pecados. Então, abri a boca e fechei os olhos, esperando.

Ele passou a tampa pela minha língua. Não senti nada, o instrumento era minúsculo, mas minha língua imediatamente amorteceu e foi tomada por um sabor odioso. Minha boca encheu de água e comecei a convulsionar; ele fechou minha boca e a segurou, me prendendo na cama enquanto eu era tomada por convulsões. Minha boca se enchia de sangue e ficava mais amarga e ácida por causa da poção que ele colocara em minha língua. Será que ele me envenenara para acelerar minha morte? Estava afogada em meu próprio sangue e não sentia nada. No fundo de minha mente, ouvia Adair murmurar palavras que não faziam sentido. Mas o pânico tinha tomado o lugar de tudo, principalmente o da lógica. Não me importava com o que ele estava dizendo ou por que ele estava fazendo aquilo. Eu estava completamente em choque.

Meu peito se apertava, a dor e o pânico eram agonizantes. Meus pulmões não funcionavam mais, não conseguia respirar. Meu cérebro parou. Estava morrendo, mas não morreria sozinha. Minhas mãos foram instintivamente para minha barriga, acariciando a pequena protuberância que agora se tornara inegavelmente evidente.

Adair ficou petrificado, a percepção de uma nova descoberta em seu rosto.

— Meu Deus, ela está grávida! Ninguém sabia que ela estava carregando uma criança? — ele rugiu enquanto virava-se, mexendo os braços violentamente, com Alejandro atrás dele. Meu corpo começou a parar, pouco a pouco, e minha alma, aterrorizada, buscava um lugar para ir.

Então, a vida cessou.

Acordei.

Obviamente, a primeira coisa que pensei foi que aquele incidente terrível havia sido um sonho e que eu tinha ultrapassado o limite de minha doença e estava me recuperando. Encontrei um conforto momentâneo nessas explicações, mas não podia negar que algo terrível e irremediável havia acontecido comigo. Quando me concentrava muito, tinha umas visões confusas de estar presa no colchão, de alguém carregando uma bacia de cobre cheia de sangue grosso e malcheiroso.

Acordei em minha cama pobre, dentro do quartinho, mas o quarto estava gelado, o fogo havia muito tempo já tinha se apagado. As cortinas sobre a única janela estavam fechadas, mas era possível enxergar um pedacinho do céu nublado onde os painéis se encontravam. O céu tinha aquela cobertura cinza do outono da Nova Inglaterra, mas mesmo esses

pequenos feixes de luz eram muito brilhantes e claros, difíceis de olhar.

Minha garganta queimava como se tivesse sido forçada a beber ácido. Resolvi sair para procurar uma jarra de água, mas, quando me sentei, fui jogada imediatamente para trás, enquanto o quarto girava, rodava. A luz, meu equilíbrio... Sentia-me absolutamente sensível, como um inválido que fora transformado por uma prolongada doença.

Exceto por minha garganta e minha cabeça fervendo, o restante de mim estava frio. Meus músculos já não ardiam em febre. Eu me mexia com letargia, como se tivesse sido deixada flutuando na água fria por dias. Uma coisa importante havia mudado e não tinha ninguém para me dizer o que era: já não carregava mais o bebê comigo; ele se fora.

Levei quase meia hora para sair do quarto, acostumando-me aos poucos a ficar em pé e, então, a caminhar. Enquanto percorria vagarosamente o corredor até a ala dos quartos, ouvia os barulhos cotidianos da casa com muita clareza, com a precisão dos animais: conversas sussurradas entre os amantes na cama; o ronco do mordomo-chefe cochilando na rouparia; o som de água sendo retirada de um caldeirão gigante, talvez para o banho de alguém.

Parei em frente do quarto de Alejandro, com os pés bambos, me controlando para entrar e pedir para que ele explicasse o que havia acontecido comigo e com meu filho. Levantei a mão para bater à porta, mas parei. O que quer

que houvesse acontecido comigo era sério e irrevogável. Sabia quem tinha as respostas e resolvi ir diretamente à fonte: aquele que tinha colocado o veneno em minha língua, dito palavras mágicas em meu ouvido e provocado todas as mudanças. Aquele que, com toda certeza, havia tirado meu filho de mim. Em nome de meu filho perdido, precisava ser forte.

Virei e caminhei suavemente até o final do corredor. Levantei a mão para bater e, de novo, pensei melhor sobre o assunto. Não viria até Adair como uma criada, pedindo permissão para falar com ele.

As portas se abriram com um empurrão. Eu conhecia os aposentos e os hábitos do ocupante, então fui diretamente ao local cheio de travesseiros onde Adair dormia. Ele estava deitado sob um cobertor de zibelina, imóvel como um cadáver, os olhos arregalados, olhando para o teto.

— Você está conosco de novo — era mais uma declaração do que uma observação. — Está de volta ao mundo dos vivos.

Estava com medo dele. Não podia explicar as coisas que tinha feito comigo e por que não tinha fugido do convite de Tilde na carruagem, nem por que tinha deixado tudo isso acontecer. Mas chegara o momento de confrontá-lo.

— O que você fez comigo? E o que aconteceu com meu bebê?

Os olhos dele moveram-se, fixando-se em mim, tão sinistros quanto os de um lobo.

— Você estava morrendo de uma infecção e eu resolvi não deixá-la partir. E você não queria morrer, vi em seus olhos. Quanto ao bebê, não sabíamos que carregava uma criança. Depois que lhe demos a unção, não havia nada a fazer com relação a ele.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Mesmo depois de tudo, do exílio de St. Andrew, de sobreviver àquela infecção infernal, meu bebê havia sido arrancado de mim sem a menor consideração.

— O que você fez... como você me livrou da morte? Você disse que não era médico...

Ele levantou-se da cama e vestiu um robe de seda. Agarrou meu punho e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, me puxou para fora do quarto, escada abaixo.

— O que aconteceu a você não pode ser explicado. Só pode ser... demonstrado.

Ele me levou até os aposentos comuns na parte de trás da casa. Quando passamos por Dona no corredor, Adair estalou os dedos para ele e disse:

— Venha conosco. — Ele me levou para o quarto atrás da cozinha onde eram mantidos os caldeirões gigantes, usados para cozinhar para multidões, além de outros artigos de

despensa: grelhas de peixe com formato de um aparelho de tortura medieval, canecas e formas de bolo, e metade de um barril de água da cisterna para uso da casa. A água brilhava, escura e gélida, dentro do barril.

Adair me jogou nos braços de Dona e apontou para o barril com um movimento de cabeça. Dona rolou os olhos enquanto levantava a manga da camisa de seu braço direito e, então, tão suave quanto uma dona de casa agarra a galinha que servirá no jantar, ele me agarrou pela nuca e mergulhou minha cabeça na água. Não tive tempo de me preparar e engoli uma golfada de água, imediatamente. Pela força de seu braço, era possível perceber que ele não me deixaria escapar. Tudo que eu podia fazer era espernear e lutar na esperança de virar o barril ou ele, por compaixão, me deixaria escapar. Por que Adair tinha me salvado da infecção e da febre para me afogar agora?

Ele gritava para mim; eu ouvia a voz dele através do borbulhar da água, porém não conseguia entender o que dizia. Um tempo enorme pareceu passar, mas eu sabia que era ilusão. Diz-se que aqueles que estão para morrer, no pânico, vivem cada um de seus últimos segundos clara e distintamente. Mas eu já não tinha mais ar nos meus pulmões e, certamente, a morte viria a qualquer momento. Estava amortecida pelo frio e terror, esperando pelo fim. Queria me juntar a meu filho perdido, queria, depois de tudo o que acontecera comigo, desistir de tudo. Ficar em paz.

Dona arrancou minha cabeça para fora do barril e a água escorreu pelo meu cabelo, rosto e ombros, esparramando-se por todo o chão. Ele me segurou, fiquei em pé.

— Então, o que acha? — Adair perguntou.

— Você acabou de tentar me matar!

— Mas você não se afogou, não é? — Ele passou uma toalha para Dona e ele a usou para limpar seu braço molhado, com desdém. — Dona a segurou lá embaixo por uns bons cinco minutos e aqui está você, viva. A água não a matou. E por que acha que isso aconteceu?

Eu pisquei, tirando a água gelada dos olhos.

— Eu... não sei.

Seu olhar era como o de um esqueleto, vazio.

— Você é imortal. Nunca mais vai morrer.



Encolhi-me ao lado da lareira no quarto de Adair. Ele me deu uma taça e uma garrafa de brandy, e deitou-se na cama enquanto eu olhava fixamente para as chamas e evitava a hospitalidade de sua bebida. Não queria acreditar nem queria nada do que ele pudesse me dar. Se não podia matá-lo por

tirar meu filho de mim, então queria fugir dele e daquela casa. Mais uma vez, o medo não permitiu que eu pensasse claramente e meus últimos fios de bom senso me aconselhavam a não ir embora e ouvi-lo.

Ao lado da cama havia um aparato curioso, com tubos e compartimentos feitos de metal e vidro. Agora sei que é um narguilé, mas, na época, era somente um aparelho exótico de onde se tragava uma fumaça adocicada. Adair tragou-o e exalou uma longa fumaça em direção ao teto, até seus olhos ficarem vidrados e seus membros, lânguidos.

— Você compreende agora? — ele perguntou. — Você não é mais mortal; está acima da vida e da morte. Não pode morrer. — Ele ofereceu o narguilé para mim e o puxou de volta quando eu não aceitei. — Não importa de que forma tentem matá-la; nem flecha nem rifle, nem faca ou veneno, nem fogo ou água, nem terra, nem doença, nem fome.

— Como isso pode ser verdade?

Ele deu outra longa baforada, segurando a fumaça narcótica por um momento antes de exalar uma nuvem espessa.

— Como isso começou, eu não sei dizer. Já pensei, rezei e sonhei com isso usando todo tipo de drogas. Nenhuma resposta veio até mim. Não posso explicar e parei de procurar respostas.

— Está dizendo que você não morre?

— Estou dizendo que estou vivo há centenas de anos.

— Quem, no reino de Deus, é imortal? — perguntei a mim mesma. — Os anjos são imortais.

Adair bufou.

— Sempre os anjos, sempre Deus. Por que quando ouvem uma voz, sempre acham que é a voz de Deus?

— Você está dizendo que é obra do demônio?

Ele coçou a barriga bem torneada.

— Estou dizendo que tenho buscado respostas e que nenhuma voz falou comigo até hoje. Nem Deus nem Satã se deram ao trabalho de me explicar como este "milagre" se encaixa nos planos deles. Ninguém me pediu para ser submisso a ele. A partir daí, só posso deduzir que não sou servo de nenhum dos dois. Não tenho mestre. Somos todos imortais: Alejandro, Uzra e os demais. Eu transformei todos vocês, você compreende? — Outra longa baforada no narguilé, um gole de água e sua voz retumbante baixou. — Você transcendeu a morte.

— Pare de dizer isso, por favor! Está me assustando.

— Irá se acostumar e, logo, logo, não sentirá mais medo. Não haverá nada com o que se assustar. Agora, há somente uma regra a seguir, uma pessoa a quem deve obedecer e essa pessoa sou eu. Tenho sua alma, Lanore. Sua alma e sua vida.

— Agora tenho que obedecer a você? Isso significa que você é Deus? — bufei também, insolente, quando senti que podia ser assim com ele.

— O Deus com o qual foi criada desistiu de você. Lembra-se do que eu lhe disse antes de receber o presente? Você é minha posse agora e para sempre. Eu sou seu deus e, se não acreditar e quiser testar o que digo, eu a convido para um confronto.

Com isso, deixei que me levasse até a cama e não protestei quando ele se deitou a meu lado. Ele me deu a ponta do narguilé e acariciou meus cabelos úmidos enquanto eu sugava a fumaça espessa. O droga tomou conta de mim, me embalou, e meu medo desabou feito uma criança exaurida. Agora que eu estava cansada e com sono, Adair parecia quase carinhoso.

— Não lhe devo explicações, Lanore, mas existe uma história. Eu lhe contarei essa história, a minha história. Eu lhe direi como me tornei imortal e, talvez assim, você compreenda tudo.

19

TERRITÓRIO DA HUNGRIA, 1349 d.C.

Assim que Adair vira o estranho, sabia, pela clareza do arrepio premonitório, que o velho homem tinha vindo atrás dele.

O final do dia era o momento em que eles celebravam, os trabalhadores nômades com quem a família de Adair viajava. Conforme a noite caía, eles montavam enormes fogueiras para apreciar a parte do dia que consideravam ser deles. As longas horas de trabalho nos campos terminavam e, então, eles se reuniam para dividir a comida e a bebida, e para se divertir. Seu tio, sem ainda estar bêbado, tocaria canções folclóricas em seu violino de camponês, acompanhando a mãe de Adair e as outras mulheres enquanto cantavam. Um traria um tamborim; outro, uma balalaica. Adair sentava-se com a família toda, seus cinco irmãos e duas irmãs, além das esposas dos irmãos mais velhos. Naquela noite, a felicidade dele era completa até o momento em que viu, do outro lado do fogo trepidante, Katarina se aproximar com a família dela.

Ele e sua família eram nômades, assim como a família de Katarina e todos da caravana. Muito tempo antes, eles foram servos de lorde Magyar, mas ele os havia abandonado, deixando-os à mercê dos bandidos. Eles fugiram dos

vilarejos em charretes e viviam nas charretes a partir de então, seguindo as colheitas como trabalhadores itinerantes, perfurando valas, cuidando dos campos, fazendo qualquer trabalho que pudessem encontrar. Os reinos de Magyar e Romênia estavam em guerra, e havia poucos nobres magiares no campo para proteger os vagabundos, caso se sentissem inclinados a protegê-los.

Ainda assim, fazia tanto tempo que tinham sido forçados a abandonar suas casas, que Adair já não se lembrava do que era dormir dentro de uma casa, de ter um pouco de segurança. Seus irmãos Istvan e Radu eram bebês e não se recordavam daquela época feliz de antes. Adair sentia-se mal por seus irmãos mais novos nunca terem conhecido os confortos daquele tempo, mas, de qualquer forma, à maneira deles, pareciam ser mais felizes do que o restante da família e ficavam perplexos pela melancolia que tomava conta de seus pais e irmãos.

Naquela noite, o estranho apareceu de repente, do lado de fora do grupo. A primeira coisa que Adair notou era que ele era muito velho, praticamente um corpo encolhido se apoiando sobre um cajado, e, quando chegou mais perto, parecia ainda mais velho. A pele dele era fina como papel, enrugada e pintada de manchas senis; seus olhos eram cobertos por uma fina camada esbranquiçada, mas, mesmo assim, havia uma estranha sagacidade neles. Tinha cabelos grossos e brancos, tão longos que caíam em suas costas numa trança. Porém, o mais notável de tudo, eram suas roupas de corte romeno e tecidos caros. Quem quer que ele fosse, era rico e,

apesar de ser um homem velho, não tinha medo de entrar num acampamento cigano sozinho e à noite.

Ele abriu caminho pelo grupo de pessoas e ficou em pé no meio do círculo, perto da fogueira. Enquanto seu olhar vasculhava as pessoas na multidão, o sangue de Adair disparava nas veias. Adair não era diferente dos outros garotos no acampamento: sem instrução, sem banho e sem comida. Ele sabia que não havia razão para o velho homem o escolher, mas seu mau pressentimento era tão forte que, não fosse por seu orgulho juvenil, ele poderia ter dado um salto e fugido do círculo. Ele não tinha feito nada para aquele velho homem, então, por que deveria fugir?

Depois de uma busca silenciosa em meio aos rostos iluminados pelo brilho das labaredas, o velho homem sorriu sarcasticamente, ergueu a mão e apontou diretamente para Adair. Então, olhou para o grupo dos mais velhos. Agora, toda a atividade já tinha cessado: a música, as gargalhadas. Todos os olhares recaíram sobre o estranho e, dele, para Adair.

Seu pai quebrou o silêncio. Ele abriu caminho pelos irmãos e irmãs de Adair e agarrou-o pelo braço, praticamente o arrancando de seu lugar.

— O que você fez, menino? — ele sibilou através do buraco entre os dentes. — Não fique aí sentado, venha comigo! — Ele fez o filho ficar em pé. — O resto de vocês, o que estão olhando? Voltem para sua contação de histórias e

sua cantoria tola! — Enquanto ele arrastava Adair para longe. Adair podia sentir, nas costas, os olhares de sua família e de Katarina.

Os dois foram até um lugar escuro embaixo de uma árvore, fora do alcance dos ouvidos das pessoas ao redor da fogueira, seguidos pelo estranho.

Adair tentou se desvencilhar do problema que tinha chegado até ele.

— Quem quer que esteja procurando, juro que não sou eu. Está me confundindo com outra pessoa.

O pai lhe estapeou.

— O que você fez? Roubou uma galinha? Tirou algumas batatas e cebolas do campo?

— Eu juro — Adair bravejou cuspindo, colocando a mão sobre a bochecha quente e apontando para o velho. — Eu não o conheço.

— Não deixe que sua imaginação culpada tome conta de você. Não estou acusando o garoto de qualquer crime — o velho homem disse ao pai de Adair. Ele contemplou Adair e seu pai com desdém, como se fossem pedintes ou ladrões. — Escolhi seu filho para trabalhar para mim.

Por sorte, o pai de Adair desconfiou da oferta.

— Como ele lhe poderia ser útil? Ele não tem nenhuma habilidade especial. Tem a mão para trabalhar no campo.

— Preciso de um criado. Um garoto com as costas fortes e pernas firmes.

Adair viu sua vida sofrer uma reviravolta brusca e indesejada.

— Nunca fui um criado de casa. Não saberia o que fazer...

Um segundo tapa do pai fez Adair parar.

— Não se mostre mais inútil do que já é — seu pai falou com raiva. — Você pode aprender, mesmo que a aprendizagem não seja seu ponto mais forte.

— Ele aprenderá, tenho certeza. — O estranho caminhou ao redor de Adair, avaliando-o como um cavalo à venda no mercado de ladrões. Enquanto caminhava, deixava um rastro de cheiro seco e esfumaçado, como incenso. — Não preciso de alguém com uma mente forte, só de alguém para ajudar um velho homem frágil com as demandas da vida. Mas... — Nesse momento, seus olhos semicerraram e seu semblante tornou-se cruel novamente. — Moro muito longe e não farei essa viagem novamente. Se seu filho quiser o trabalho, deverá ir embora comigo esta noite.

— Esta noite? — A garganta de Adair se fechou.

— Estou preparado para pagar pela perda da contribuição de seu filho à família — o estranho disse ao pai de Adair. Com essas palavras, Adair percebeu que estava perdido, pois seu pai não recusaria o dinheiro. Sua mãe estava se aproximando, embaixo das sombras das árvores, levantando as saias. Ela ficou com Adair, enquanto o pai e o estranho negociavam o preço. Assim que a quantia foi determinada e o velho homem saiu para preparar o cavalo, a mãe de Adair correu até o marido.

— O que está fazendo? — ela gritou, mesmo sabendo que o marido não mudaria de ideia. Não haveria discussão com ele.

Havia muita coisa em risco para Adair, mas seu pai não tinha nada a perder, então, virou-se para ele.

— O que está fazendo comigo? Um estranho entra no acampamento e você vende um de seus filhos para ele? O que sabe sobre ele?

— Como ousa me questionar? — ele respondeu, dando-lhe um soco que jogou Adair no chão. O restante da família havia vindo da fogueira e estava além do alcance do pai. Não havia nada de novo em ver um irmão apanhar, mas, ainda assim, era muito desconcertante. — Você é muito estúpido para enxergar uma oportunidade quando ela aparece. Obviamente, este homem é muito rico. Será o criado de um homem rico. Irá viver numa casa, não numa charrete, e não terá que trabalhar nos campos. Se achasse que o homem

fosse concordar, pediria para levar um dos outros também. Talvez Radu, ele não é tão cego a ponto de não perceber quando algo bom cai em seu colo.

Adair se levantou do chão, envergonhado. Seu pai bateu de novo na parte de trás de sua cabeça, em sinal de repreensão.

— Vá, arrume suas coisas e se despeça! Não deixe o homem esperando por você.

Sua mãe procurou o rosto do marido.

— Ferenc, o que sabe desse homem para colocar nosso filho nas mãos dele? O que ele lhe contou de si próprio?

— O suficiente. Ele é o físico de um conde. Mora numa casa na propriedade do conde. Adair será seu servo durante sete anos. Ao final de sete anos, ele pode escolher ir embora ou continuar a trabalhar com o físico.

Adair fez o cálculo: em sete anos, estaria com 21 anos, metade de sua vida. De fato, ele estava chegando à idade de se casar e não tinha paciência para seguir o exemplo de seus irmãos mais velhos e escolher uma noiva, começar uma família, ser aceito como um homem. Como servo de uma casa, não poderia casar ou ter filhos; sua vida ficaria suspensa durante esta época importante. Quando fosse livre, estaria velho. Que mulher o aceitaria?

E sua família? Onde estaria daqui a sete anos? Eram itinerantes, se mudavam para encontrar trabalho, abrigo, para fugir do tempo ruim. Nenhum deles sabia ler ou escrever. Nunca conseguiria encontrá-los novamente. Quando ele deixasse o emprego com o estranho, como sobreviveria sem eles?

— Quer dizer que somos um fardo para você? — Radu lamentou. Dois anos mais novo do que Adair, Radu era o sensível da família. Ele correu para Adair e passou os braços finos em volta da cintura dele, enxugando as lágrimas na camisa rasgada do irmão.

— Adair já é um homem e tem que encontrar seu caminho no mundo — o pai disse a Radu, depois a todos eles. — Agora chega de histeria. Adair tem que arrumar as coisas.



Adair viajou a noite toda cavalgando atrás do estranho, conforme fora instruído. Ficou surpreso ao saber que o velho homem tinha um cavalo magnífico, o tipo de cavalo que um cavaleiro teria, pesado o bastante para que seu trote fizesse o chão tremer. Adair conseguia ver que estavam indo para o oeste, mais para dentro do território romeno.

Pela manhã, passaram pelo castelo do conde para quem o físico trabalhava. Não havia nada de poético nele. Era uma fortaleza (baixa e sólida, quadrada, cercada por um punhado

de casinhas e redis de carneiros e gado). Campos cultivados estendiam-se em todas as direções. Os dois cavalgaram durante mais vinte minutos por uma densa floresta, antes de chegar a uma pequena construção de pedra, quase escondida pelas árvores. A construção parecia úmida, coberta pelo musgo que crescia sem a luz do sol para controlá-lo. Para Adair, a construção parecia mais uma masmorra do que uma casa, aparentemente sem nem mesmo uma porta cortada em sua fachada assustadora.

O velho homem desceu do cavalo e instruiu Adair a cuidar dos cavalos antes de se juntar a ele dentro da casa. Adair permaneceu com o equino o máximo que pôde, tirando a sela e o estribo, buscando água para ele, coçando-lhe as costas com um galho seco. Quando se entediou, pegou a sela e entrou na casa.

Dentro, a fumaça era tanta que mal dava para ver, havia uma lareira pequena acesa e somente uma janela estreita para deixar a fumaça sair. Olhando ao redor, Adair viu que a casa era um aposento grande e circular. Uma mulher dormia perto da porta numa cama de palha. Ela era facilmente dez anos mais velha do que ele, como uma matrona, com mãos grandes avermelhadas e feições quase assexuadas. Dormia cercada pelas ferramentas ligadas a seu gênero: tigelas, colheres de pau, potes e baldes; uma placa de madeira que servia de mesa, usada e engordurada; pilhas de suportes de madeira que serviam como pratos; jarros de vinho e cerveja. Guirlandas de pimenta e alho penduravam-se dos ganchos

nas paredes de pedra, junto a cordões de salsicha e uma fileira de pedaços de pão de centeio.

Do outro lado do aposento, havia uma escrivaninha coberta de garrafas e jarros, maços de papel, tinteiro e penas, e uma novidade sobre a qual Adair nunca havia colocado os olhos: livros com capas de madeira. Cestas contendo artefatos estranhos da floresta estavam prontas atrás da mesa: raízes secas empoeiradas, pinhas, maços de urtiga, galhos de ervas daninhas. Atrás da escrivaninha, Adair podia ver uma escadaria que levava para baixo, provavelmente para um porão gelado.

De repente, o velho estava ao lado de Adair, espreitando o jovem ignorante.

— Suponho que queira saber meu nome. Sou Ivor cel Rau, mas deve se dirigir a mim como “mestre”. — Enquanto tirava sua capa pesada e aquecia as mãos no fogo, o físico explicou que vinha de uma linhagem de nobres romenos proprietários de terras, o último dos homens da família. Apesar de saber que um dia herdaria o castelo e a propriedade da família, quando jovem decidiu buscar uma profissão e fora a Veneza estudar medicina. Em suas décadas como físico, havia servido a vários condes e até mesmo a reis. Agora ele estava no final de uma longa carreira, a serviço do Conde cel Batrin, o nobre romeno dono do castelo pelo qual haviam passado. O físico explicou que não havia contratado Adair para ensiná-lo as artes da cura, mas esperava que ele o ajudasse buscando ervas e outros ingredientes para unguentos e

elixires, além de executar tarefas diárias e ajudar a governanta, Marguerite.

O velho homem fuçou dentro do baú aberto até encontrar um velho cobertor de lã, surrado e áspero.

— Monte sua cama de palha perto do fogo. Quando Marguerite acordar, ela lhe dará comida e as ordens para o dia. Também tente descansar, pois quero que esteja pronto hoje à noite quando eu acordar. Ah, e não fique surpreso se Marguerite não prestar atenção nem falar com você, ela é surda-muda desde que nasceu. — E, assim, o velho homem pegou uma vela, que já estava acesa na mesa da cozinha esperando por ele, e caminhou mancando em direção à escadaria escura. Adair seguiu suas ordens e se encolheu perto do fogo, caindo no sono antes que a luz da vela se apagasse no andar de baixo.



Ele acordou com o movimento da governanta. Ela parou o que estava fazendo para olhar descaradamente para Adair quando ele se levantava do chão. Adair ficou mais decepcionado do que quando ela estava dormindo: ela era pior do que comum; era feia, com um rosto masculinizado e o corpo largo de um trabalhador do campo. Ela deu a Adair uma refeição de mingau gelado e água e, quando ele terminou, levou-o até o poço e lhe deu um balde, gesticulando as

instruções. Ela o fez cortar lenha para o fogo, além de carregar água para a cozinha e os animais. Mais tarde, quando ela foi esfregar roupa num grande tonel de madeira, Adair tentou cochilar, lembrando-se da admoestação do velho.

Quando deu por si, Marguerite o estava sacudindo pelo ombro e apontando para a escadaria. A noite havia caído e o velho estava acordando nos seus aposentos no andar de baixo. A governanta começou a acender as velas no cômodo principal, e, nesse momento, o velho subiu as escadas, carregando a mesma vela curta e grossa das primeiras horas da manhã.

— Você está de pé; bom — disse o físico enquanto arrastava os pés. Ele foi diretamente para sua escrivaninha e folheou as páginas de uma escrita indecifrável. — Acenda o fogo — ele mandou — e pegue um caldeirão. Essa noite preciso fazer uma poção e você me ajudará.

Ignorando o novo serviçal, o físico começou a mexer nas fileiras de jarros, cada um coberto com um pano e um cordão, virando cada um deles para o fogo para ler os rótulos, colocando alguns de lado. Depois que o caldeirão estava pendurado e quente sobre as chamas, Adair ajudou o velho homem a carregar os jarros até a lareira. Sentado ao lado dele, observou o físico medir os ingredientes em suas mãos enrugadas e, então, jogá-los dentro do pote. Adair reconheceu algumas plantas e ervas agora secas a ponto de cinza, mas outras eram mais misteriosas. Uma garra de morcego ou a pata de um rato? A crista de um galo? Três penas

pretas, mas de qual pássaro? De um jarro com a tampa bem apertada, o físico derramou algumas gotas de um xarope escuro que exalou um cheiro podre assim que foi exposto ao ar. Por último, adicionou um jarro de água e, então, virou-se para Adair.

— Observe com atenção: espere até ferver completamente, depois apague o fogo e cuide para que o unguento não grude. Deve ser grosso, como piche. Entende?

Adair concordou.

— Posso perguntar para que serve essa poção?

— Não, não pode perguntar — ele respondeu, mas então pareceu pensar melhor sobre o assunto. — Com o tempo, aprenderá, quando adquirir esse tipo de sabedoria. Bem, agora vou sair. Cuide do pote conforme eu o instruí. Não saia da casa e não pegue no sono. — Adair ficou olhando enquanto o velho pegou sua capa de um gancho e saiu sorrateiramente.

Ele fez o que lhe foi mandado, ficou sentado perto o suficiente para inspirar a fumaça malcheirosa que saía da água fervente. A casa estava quieta, exceto pelo ronco de Marguerite, e Adair a observou por um tempo; o subir e descer da barriga dela sob o cobertor, a palha estalando conforme ela virava durante o sono. Quando se cansou de seu entretenimento mesquinho, foi até a escrivaninha do físico e estudou as páginas escritas à mão, desejando poder lê-las. Ele pensou em convencer o velho homem a ensiná-lo a ler;

com certeza o físico acharia útil que seu servo tivesse essa habilidade.

De vez em quando, Adair mexia o conteúdo do caldeirão com uma colher de pau, avaliando a consistência e, quando parecia estar certa, ele pegava a pá de ferro e tirava a lenha que estava queimando, colocando-a no canto da lareira, deixando só brasas embaixo do caldeirão. Nesse ponto, Adair sentiu que poderia relaxar em segurança, então se enrolou no cobertor esfiapado e encostou-se na parede. O sono lhe mordiscava as orelhas por causa de uma cerveja deliciosa de que havia tomado um gole, mas sabia que não poderia beber mais. Fez de tudo para se manter acordado: andou de um lado para o outro, tomou água gelada, fez parada de mãos. Depois de uma hora, estava mais exausto do que nunca e à beira de cair no chão em estupor quando, de repente, a porta se abriu e o velho entrou. Ele parecia revigorado, seus olhos turvos quase brilhantes. Espreitou dentro do caldeirão.

— Muito bem! O unguento parece bom. Tire o caldeirão do gancho e coloque-o no chão, para esfriar. Pela manhã, derramará o unguento na urna e a cobrirá com papel. Agora pode ir descansar; o dia está quase amanhecendo.

Passaram-se muitas semanas como essa. Adair estava feliz pela rotina manter sua mente longe da perda de sua família e de sua amada Katarina. Durante as manhãs, ele ajudava Marguerite e, à tarde, descansava. As noites eram usadas para o preparo de poções e unguentos, ou para que o

velho lhe ensinasse a reconhecer e juntar os ingredientes. Ele levava Adair até a floresta para procurar plantas específicas ou sementes, à luz da lua. Outras noites, Adair juntava retalhos e os pendurava no teto, perto do buraco do fogo. Quase todas as noites o físico desaparecia por algumas horas e sempre voltava ao amanhecer. Em seguida, se retirava para seu aposento no andar de baixo.

Após um ou dois meses, o físico começou a mandar Adair até o vilarejo que cercava os muros do castelo para trocar um pote de unguento por mercadorias, tecido, utensílios de ferro ou cerâmica. Depois desse tempo todo, Adair estava desesperado pela companhia de outras pessoas, até mesmo para poder ouvir a própria voz. Mas os moradores do vilarejo mantinham distância assim que descobriam que ele trabalhava para o físico. Se percebiam que Adair estava sozinho e desesperado por companhia e algumas palavras gentis, não se sensibilizavam e mantinham as transações breves e hostis.

Nessa mesma época, ocorreu uma mudança no relacionamento entre Adair e Marguerite, por culpa dele. Uma tarde, quando ele acordara de um cochilo e começara a se vestir, ela veio até a cama e colocou as mãos sobre ele. Sem esperar por estímulo, ela o empurrou de costas na palha, sentindo seu peito por baixo da túnica, e então foi até as calças e procurou pelo membro de Adair. Quando este estava bem envolvido em suas mãos, ela levantou as saias empoeiradas e se agachou sobre ele. Não havia carinho nos movimentos dela, nem nos de Adair, sem a pretensão de que aquilo nada mais era do que uma liberação física dos dois. Enquanto

apertava a carne dela, Adair pensou em Katarina, mas não havia jeito de fingir que essa mulher, grande feito um urso, era seu amor delicado e de olhos negros. Ao final, Marguerite emitiu um som gutural enquanto rolava para longe de Adair, abaixou a saia e continuou com suas tarefas.

Ele continuou deitado na cama de palha, olhando para o teto e imaginando se o físico os teria ouvido e, se sim, o que ele faria. Talvez ele próprio satisfizesse seus desejos com Marguerite; não, isso não parecia possível e Adair imaginou que o velho visitasse uma prostituta no vilarejo para satisfazer aquela coceira durante suas rondas noturnas. Talvez com o tempo ele pudesse fazer o mesmo. Por hora, parecia ter adquirido um estilo de vida estranho, mesmo assim, não era tão difícil quanto trabalhar nos campos e havia a promessa de melhora, talvez se ele conseguisse persuadir o velho a ensiná-lo sobre as artes da cura. Apesar de Adair ainda sentir uma terrível falta de sua família, confortava-se com esses fatos e resolveu ficar um pouco mais e ver o que o destino guardava para ele.

20

Após meses de trabalho com o físico e o mínimo de contato com qualquer outra pessoa, exceto o velho homem e Marguerite, veio a noite da primeira visita de Adair ao castelo. Não que Adair quisesse ir à fortaleza de um nobre romeno; ele não sentia nada além de ódio pelos demônios que haviam atacado os vilarejos Magyar, destruído suas casas e confiscado suas terras. No entanto, ele mal podia esconder sua curiosidade; Adair nunca havia estado na residência de um homem rico, nem do lado de dentro dos muros do castelo. Só havia trabalhado nos campos. Ele imaginou que poderia aguentar se fingisse que o proprietário do castelo era um magiar, não um romeno. Assim, poderia se maravilhar com os grandes aposentos e a riqueza.

Naquela noite, seu trabalho era carregar um enorme jarro de uma poção na qual tinham trabalhado na noite anterior. Como sempre, o objetivo da poção era mantido em segredo. Adair esperou do lado de fora da porta enquanto o físico se debatia com sua aparência, finalmente escolhendo vestir

uma túnica elegante, bordada com fios de ouro e ornamentada com cabochões coloridos, o que significava que a ocasião era muito especial. O físico foi em seu cavalo de guerra e Adair seguiu atrás com dificuldade, equilibrando a urna nas costas como uma velha senhora que não pode mais andar ereta. A ponte levadiça sobre o fosso foi rebaixada e eles foram acompanhados até o grande salão por um pelotão de soldados do conde; guardas se espalhavam pelos muros.

Havia uma festa acontecendo no grande salão. O físico juntou-se ao conde à cabeceira da mesa e Adair agachou-se no fundo da sala, encostado na parede, ainda segurando o jarro. Ele reconheceu alguns dos emblemas nos brasões que decoravam as paredes; eram de propriedades onde ele já trabalhara. O dialeto do conde soava familiar, mas Adair não conseguia entender o que eles falavam porque a conversa estava temperada por romeno. Até mesmo um garoto simples feito Adair entendia o que essa combinação de fatores significava: o conde era originalmente magiar, mas se aliara aos opressores romenos para salvar a própria pele e preservar sua fortuna. Devia ser por isso que os moradores do vilarejo o evitavam: achavam que Adair também fosse um simpatizante romeno.

Acabara de chegar a essa conclusão quando o velho o chamou para levar a urna. Dispensado com um aceno de mão do físico, Adair voltou a seu lugar à parede. O físico removeu a cobertura de tecido oleoso para que o conde pudesse inspecionar o conteúdo. O nobre fechou os olhos e inspirou profundamente, como se o cheiro daquela coisa

fosse tão doce quanto um campo cheio de flores selvagens. Os cortesãos do conde riam com antecipação, como se já soubessem que algo fantástico estivesse prestes a acontecer. Adair segurava a respiração na esperança de saber qual o propósito de pelo menos uma das poções místicas do físico, quando o olhar cortante do velho caiu sobre ele.

— Acho que aqui não é lugar para um garoto — ele disse, fazendo movimento para um guarda. — Talvez possa encontrar algo para ocupar o tempo dele, ensinar-lhe uma coisa ou outra sobre a vida de um soldado. Talvez ele tenha que defender esse castelo um dia ou, no mínimo, salvar minha cabeça velha e imprestável.

Adair foi levado, em meio a risadas de escárnio dos convidados, a um pátio onde alguns poucos soldados gazeteavam. Estes não eram cavaleiros nem mesmo soldados profissionais; eram simples guardas, apesar de muito mais experientes com a espada ou a lança do que Adair. Sob o pretexto de treinamento, e com um prazer brutal, eles abusaram da inexperiência de Adair enquanto ele tentava se defender dessas armas incomuns. Quando lhe foi permitido retornar ao grande salão, seus braços doíam de tanto balançar uma espada de lâmina larga e cega, a mais pesada que os guardas conseguiram encontrar, e ele tinha cortes e ferimentos.

A cena no grande salão não foi o que esperava. O conde e seus vassalos pareciam estar num estado de intoxicação, recostados em seus assentos ou caídos no chão, olhos fechados, sorriso bobo no rosto, músculos relaxados. Deram

pouca atenção quando o físico se despediu, guiando Adair até o pátio. No cinza de antes da aurora, tomaram o caminho sobre a ponte levadiça e através da floresta. Adair seguia com dificuldade atrás do cavalo do velho e, exausto como estava, agradecia por não ter que carregar a urna.



O mistério do estilo de vida do físico aos poucos começou a fazer sentido na mente de Adair. Por um lado, Adair era grato por ter um lugar quente e seco para dormir, e não ter que trabalhar diariamente até a exaustão e a morte prematura como um trabalhador do campo. Diferentemente de sua família, ele fazia três refeições por dia, comia praticamente tudo o que se podia comer: guisado, ovos, um pedaço de carne assada de vez em quando. Tinha companhia sexual, de forma que não precisava ficar louco de insatisfação. Por outro lado, Adair via tudo isso como se tivesse feito um pacto com o diabo, ainda que tenha sido selado contra sua vontade: havia um preço a ser pago por uma vida relativamente fácil e ele sentia que, um dia, teria de pagar a conta.

Ele recebeu a primeira pista da dívida a ser paga uma noite, quando o físico levou Adair e Marguerite para dentro da floresta. Eles caminharam durante um bom tempo e, já que não estavam fazendo nada além de colocar um pé na frente do outro, Adair viu a oportunidade para fazer algumas perguntas ao velho.

— Posso perguntar, mestre, por que faz todo o seu trabalho à noite? — ele falou com cuidado, para parecer o mais tímido e ingênuo possível.

A princípio o velho limpou a garganta, como se a pergunta não fosse digna de uma resposta. Mas, após alguns minutos, já que ele não gostava de falar dele mesmo, não importa quão triviais sejam as perguntas, ele limpou a garganta para responder.

— É um hábito, suponho... É o tipo de trabalho que é melhor ser feito longe dos olhos curiosos dos outros. — O físico respirou pesadamente, quando subiram um leve aclive, e só continuou depois que alcançaram um lugar nivelado. — A verdade, Adair, é que este trabalho é melhor se feito à noite, pois há poder na escuridão, sabe. É da escuridão que essas poções tiram sua força — o velho disse isso com tanta certeza que Adair sentiu que pedir ao homem para que lhe explicasse somente revelaria sua ignorância e, então, voltou a ficar em silêncio.

Mais tarde, chegaram a um lugar tão selvagem e coberto de vegetação que parecia nunca ter sido visto por olhos humanos. Ao redor das raízes de choupos e lariços, proliferava uma planta estranha, as folhas largas e em forma de leque sobre troncos de arbustos bem acima do chão, acenando para o trio de visitantes.

O físico indicou para que Marguerite o seguisse. Ele a levou a uma das plantas, ao redor da qual colocou as mãos

dela e fez um sinal para que esperasse. Então, afastou-se dela, chamando Adair para vir com ele. Eles caminharam até que a criada tivesse quase se perdido na escuridão, o avental branco brilhando sob o luar.

— Tampe os ouvidos, fique atento, ou o pior acontecerá — ele instruiu Adair. Então, gesticulou para Marguerite puxar, o que ela fez, jogando todo o peso no movimento de sol-avanco. Apesar de ter as mãos sobre os ouvidos, Adair jurou ter ouvido um barulho abafado vindo da planta, enquanto estava sendo arrancada do chão. Adair olhou para o físico e abaixou as mãos, desconfiado.

Marguerite trotou como um cachorro seguindo seu mestre, carregando a planta nas mãos. O físico pegou a planta das mãos dela, tirando a terra pendurada nos fios da raiz.

— Sabe o que é isso? — ele perguntou a Adair enquanto inspecionava o torrão grosso de cinco pontas, maior do que a palma da mão de um homem. — Isso é a raiz da mandrágora. Percebem como tem a forma de um homem? Aqui estão os braços, as pernas, a cabeça. Vocês a ouviram gritar, enquanto a arrancávamos do chão? O som pode matar qualquer homem que o escute. — O físico chacoalhou a raiz diante de Adair; parecia mesmo um homem grosseiro e deformado. — Isso é o que precisam fazer para pegar mais mandrágoras, e lembrem-se bem disso quando eu mandar colhê-las. Alguns físicos usam um cachorro preto para arrancar a raiz, mas o cachorro morrerá se ouvir o grito, assim

como qualquer outro homem. Não temos que nos preocupar em matar cachorros quando temos Marguerite, não é?

Adair não gostou de o físico tê-lo incluído no comentário sobre Marguerite. Ele se perguntou, envergonhado, se o velho sabia dos encontros deles e se tinha objeções ao tratamento informal que Adair dava a ela. Na verdade, o físico deveria compará-lo ao próprio tratamento brusco que dava à criada, usando-a feito um boi para puxar um tronco caído do meio do campo e, apesar de ela ser surda e muda, ele claramente tinha tão pouca consideração pela vida humana que não fazia diferença para ele se ela vivesse ou morresse tentando arrancar a raiz. Claro que seria possível que a mandrágora não a matasse nem mesmo se ela pudesse ouvir e que o velho apenas contara a história a Adair para assustá-lo. Mas Adair guardou na memória essa informação sobre a mandrágora, junto com outros conhecimentos que o físico compartilhara com ele, que deveriam ser usados depois.

O pouco prazer que Adair sentiu com sua nova vida começou a desaparecer à medida que ele ficava cada vez mais infeliz com a rotina solitária. O tédio deu lugar à curiosidade. Ele fez uma inspeção detalhada nas garrafas e nos jarros no laboratório do físico, então inventariou o quarto maior, até que conheceu cada pedaço do andar de cima da casa. Mas ele tinha bom senso para não se aventurar no porão.

Sem pedir permissão ao físico, Adair começou a pegar o cavalo para passear pelos campos durante as tardes. Ele achou que fosse bom para o cavalo ser exercitado entre as

cavalgadas esporádicas do físico. Mas, às vezes, quando estava a muitas milhas de distância da casa, uma voz o tentava para que fugisse, para que continuasse cavalgando e nunca retornasse. Afinal, como aquele velho homem encontraria Adair sem um cavalo para levá-lo? De qualquer forma, Adair sabia que, com o tempo que passara desde quando chegara à casa, já não conseguiria encontrar sua família e, sem família para a qual retornar, não fazia sentido ir embora. Aqui ele tinha comida e abrigo. Se fugisse, não teria nada e ainda seria um fugitivo pelo tempo que ainda devia ao físico. Depois de um longo momento zanzando pelas estradas que o levariam para longe de sua prisão, ele virava o cavalo e, relutantemente, cavalgava de volta para a casa.

Com o passar do tempo, Adair achou que o físico estava começando a se afeiçoar dele. À noite, enquanto trabalhavam numa poção, surpreendia o velho olhando para ele de maneira menos dura do que o normal. O físico começou a contar a Adair um pouco sobre as coisas que havia nos jarros enquanto ele esmagava sementes secas ou separava as ervas para guardar, como os nomes de plantas mais obscuras e como elas poderiam ser usadas. Haveria uma segunda visita ao castelo, sobre a qual o velho estava praticamente efusivo, esfregando as mãos enquanto andava de um lado para o outro na casa.

— Temos um novo pedido do conde, para o qual começaremos os preparativos hoje à noite — ele gargalhou, enquanto Adair pendurava a capa do velho no gancho ao lado da porta.

— Começar o quê, mestre? — Adair perguntou.

— Um pedido especial do conde; uma tarefa muito difícil, mas que eu já fiz antes. — Ele movia-se apressadamente de um lado para o outro no piso de madeira, juntando jarros de ingredientes sobre a mesa de trabalho. — Pegue o caldeirão grande e acenda o fogo, já está quase apagando.

Da lareira, Adair o observava: primeiro, o físico selecionou uma folha de suas receitas escritas à mão e a leu rapidamente, antes de apoiá-la num jarro, para consultá-la. Ele olhava para o papel de vez em quando, media os ingredientes e os colocava no caldeirão ao fogo. Pegou coisas das prateleiras em que Adair nunca havia mexido antes: pedaços misteriosos de animais, como focinhos, pedaços de pele, essências de carne mumificada. Pós, cristais com brilhos brancos e acobreados. Derramou a mesma quantidade de água e então Adair tirou o pote pesado do assador. Quando a água começou a ferver, o físico encheu a mão com o pó amarelo de um frasco e o jogou no fogo: a chama, com uma baforada de fumaça, emitiu o cheiro inquestionável de enxofre.

— Nunca vi essa mistura antes, já vi, mestre? — Adair perguntou.

— Não, nunca viu. — Ele parou. — É uma poção que deixa invisível todo aquele que a bebe. — Ele olhou para Adair esperando uma reação. — O que acha disso, garoto? Acha que pode realmente acontecer?

— Nunca ouvi uma coisa dessas. — Ele sabia que era melhor não discordar do velho.

— Talvez possa ver com os próprios olhos. O conde fará alguns de seus melhores homens beberem esta poção, e eles ficarão invisíveis por uma noite. Pode imaginar o que um exército consegue fazer se não for possível vê-lo?

— Sim, mestre — Adair respondeu e, a partir daquele momento, passou a pensar nas mágicas e poções do físico de uma maneira diferente.

— Agora, precisa prestar atenção neste caldeirão e deixar a poção ferver, como já fez antes. Quando ferver, deve tirá-lo do fogo para que ela esfrie. Quando tiver terminado tudo, pode ir dormir. Mas só quando tiver terminado. Esses ingredientes são raros e é o último de alguns deles aqui, por isso não podemos nos dar ao luxo de estragar essa receita. Tome conta do caldeirão, com muito cuidado! — ele disse por sobre o ombro, enquanto descia a escadaria. — Verei como se saiu hoje, ao anoitecer.

Adair não teve dificuldade de ficar acordado aquela noite. Ele recostou-se ereto contra a parede de pedra, percebendo que o velho havia mentido para ele e seu pai. O velho homem não era um físico, mas um alquimista, talvez um mago. Não era à toa que as pessoas no vilarejo o evitavam. Não era só por causa do nobre vira-casaca. Eles tinham medo dele e por uma boa razão: ele certamente estava em comum acordo

com o demônio. Só Deus sabe o que eles suspeitavam sobre Adair!

Essa poção não era como as outras e demorou muito para ferver. A madrugada chegaria antes que uma parte considerável da poção tivesse evaporado. Mas, durante as últimas horas da noite, enquanto observava um vapor vagaroso subir das profundezas do caldeirão, o olhar de Adair ia e voltava para a pilha de papéis sobre a mesa. Com certeza havia fórmulas mais intrigantes, e mais lucrativas, do que aquela capaz de tornar um homem invisível por uma noite. O velho provavelmente sabia como fazer poções de amor eterno e talismãs para trazer riqueza e poder ao proprietário. E certamente todo alquimista sabia transformar metal comum em ouro. Ainda que não pudesse ler as receitas, não tinha dúvida de que poderia encontrar alguém que as lesse em troca de uma parte dos lucros.

Quanto mais pensava nisso, mais inquieto ficava. Poderia esconder os papéis na manga de sua túnica e passar sorrateiramente por Marguerite, que acordaria a qualquer minuto. Então, caminharia o dia todo e iria o mais longe possível da casa. Ele pensou rapidamente em levar o cavalo, mas sua coragem falhou. Roubar uma propriedade tão valiosa quanto um cavalo era ofensa de morte. O velho homem poderia tirar a vida de Adair, com motivos. Mas as receitas... ainda que o velho pudesse seguir seu servo, ele provavelmente não ousaria levar Adair até o conde. O físico não ia querer que os moradores do vilarejo soubessem o quão poderoso ele realmente era, ou que seu conhecimento

místico estava escrito em lugar que podia ser roubado ou destruído.

O coração de Adair batia com força, até que não pôde mais ignorar sua exortação selvagem. Foi quase um alívio render-se a seu desejo.

Adair enrolou apertadamente o máximo de papéis que ousou pegar de uma só vez e os enfiou na manga de sua túnica antes de Marguerite se levantar. Antes de sair, tirou o caldeirão do assador e deixou-o esfriando na lareira. Do lado de fora, escolheu um caminho que conhecia, um que o levaria para o território húngaro, para uma fortaleza onde os simpatizantes romenos hesitariam em ir. Caminhou durante horas, maldizendo sua impetuosidade, pois não havia trazido provisões. Quando começou a sentir tontura e o sol começou a se pôr no horizonte, Adair imaginou que tivesse longe o suficiente e refugiou-se num celeiro no meio de um campo de feno. Era um lugar desolado, sem nada ao redor, nem gado, de forma que Adair sentiu que havia percorrido uma longa distância e que ninguém o procuraria ali. Sobre o feno, ele adormeceu como um homem livre.

Foi acordado de repente por uma mão em sua garganta, sacudindo-o para que ficasse em pé e, então, inexplicavelmente, estava acima do chão. A princípio Adair não conseguia ver quem o pegara, o ar espesso da noite, mas quando seus olhos se ajustaram, ele se recusou a acreditar no que via. A figura que o segurava era frágil... enrugada... mas, em

menos de um minuto, Adair reconheceu o velho pelo cheiro, o fedor de enxofre e podridão.

— Ladrão! É assim que você agradece meu apoio e minha confiança? — O físico rugia com ódio e jogou Adair no chão com tanta força que ele escorregou até a parte de trás do celeiro. Antes que pudesse recuperar a respiração, o velho estava sobre ele novamente, agarrando-o pelos ombros e levantando-o novamente do chão. Adair fervia de dor e confusão: o físico era senil, como um homem velho poderia levantá-lo tão facilmente? Adair teve só um minuto para pensar sobre isso antes que o velho o arremessasse ao chão pela segunda vez e começasse a esmurrá-lo e a chutá-lo. As pancadas eram muito fortes; a cabeça de Adair latejava de dor e ele tinha certeza de que ia desmaiar. Ele percebeu que estava sendo carregado, sentia o movimento do vento a seu redor. Eles viajaram em grande velocidade, a cavalo, mas parecia impossível que o velho cavalo de guerra conseguisse correr tão rápido. Com certeza era tudo uma ilusão, disse a si mesmo, produzida por algum tipo de elixir que o velho o forçara a beber enquanto dormia. Era muito mágico e assustador para ser real.

Ainda em estado de estupor, Adair sentiu o ar entrando em seus pulmões, o corpo novamente com peso humano. Então, os cheiros chegaram até ele: a umidade mofada da casa, o resíduo de ervas queimando e o enxofre pairando no ar. Sentiu-se coalhado de medo. Caindo no chão, abriu um pouco os olhos e ficou devastado ao ver que estava de volta à casa, que tinha voltado a sua prisão.

O velho caminhou em sua direção. Ele havia mudado: talvez fosse um truque do ângulo e percepção, mas ele parecia mais alto e orgulhoso, nenhum sinal do velho físico. A mão dele deslizou até a ferramenta da lareira e então ele se inclinou para fisgar o cobertor esfarrapado da cama de palha de Adair. Devagar e deliberadamente, enrolou o cobertor na ferramenta enquanto avançava em Adair.

Adair viu o braço se levantar, mas evitou o olhar dele quando a ferramenta desceu. O cobertor protegeu a pancada, evitou que o ferro quebrasse os ossos do jovem de uma vez. Mas as pancadas não pareciam em nada com o que já sentira antes: os socos e tapas que recebera do pai, as cordas ou as correias de couro. A barra de ferro comprimia os músculos, amassava a carne até entrar em contato com os ossos. Desceu várias vezes nas costas, nos ombros e na espinha. Ele rolava para escapar das pancadas, mas a arma o acertava da mesma forma, atingindo as costelas, o estômago, as pernas. Logo Adair havia ultrapassado o limite da dor e não conseguia mais se mover, sequer se encolher de medo, enquanto a barra de ferro continuava a descer sobre ele. Doía respirar; labaredas incandescentes apertavam suas costelas a cada respiração, suas entranhas estavam inundadas por um líquido escorregadio e quente. Estava morrendo. O velho iria espancá-lo até a morte.

— Podia lhe cortar a mão, sabe, esta é a punição para ladrões. Mas, então, de que uso você seria, com uma mão só? — O físico ficou parado, ereto e firme, e arremessou a barra de ferro ao chão. — Talvez lhe corte a mão quando seu tempo de

serviço terminar, assim todos saberão o que você é. Ou, talvez, eu não o libere, quando seus sete anos se completarem. Talvez tenha que cumprir mais sete anos, como punição pelo seu crime. Como pôde pensar que fugiria de mim e roubaria o que é meu?

As palavras dele não fizeram nenhuma diferença. “O velho está louco”, Adair pensou, “em achar que seu servo sobreviveria”. Ele não veria o nascer do sol, quanto mais sete anos. Um líquido quente permeava seus intestinos e órgãos, e subia pela garganta de Adair. O sangue derramava-se de seus lábios, caindo no piso de madeira, escorrendo em direção aos pés do velho num fio escuro e gotejante. O sangue esvaía de todos os orifícios do corpo de Adair.

Os olhos de Adair abriam e fechavam. O velho parara de falar e olhava para ele novamente, daquele jeito intenso. Ele começou a se arrastar pelo chão em direção ao garoto, como uma cobra ou um lagarto, até chegar bem perto de Adair, a boca aberta, a língua para a frente, esticada. Levantou o dedo longo e ossudo e mergulhou-o no fio de sangue que gotejava da boca de Adair. Um fio longo e vermelho escorreu pelo dedo enquanto o trazia até seu rosto e o lambia. Ele enrolou a língua para dentro da boca e um débil suspiro de excitação pairou sobre seus lábios. Nesse momento, Adair desmaiou e ficou aliviado por isso. Mas a última coisa que conseguiu discernir, quando achou que a consciência o tivesse abandonado pela última vez, foram os dedos do velho roçando seu rosto e passando por seus cabelos ensopados de suor.

21

Pela manhã, Marguerite encontrou Adair num estado lamentável. Durante a noite, seu corpo tinha se preparado para a morte: seus intestinos evacuaram, sua roupa empapada de sangue grudara no chão tão teimosamente que a governanta teve que esfregar o lugar com panos embebidos em água quente para poder desgrudá-la do chão.

Ele ficou deitado na cama de palha, inconsciente por muitos dias e, quando acordou, viu-se coberto de grandes manchas pretas e roxas, com as bordas verdes e amareladas, a pele quente e sensível ao toque. Mas, de algum modo, Marguerite limpara todas as marcas externas de sangue e o vestira com uma camisola de linho limpa.

A consciência de Adair ia e vinha, seus pensamentos incoerentes dançando na mente. Num dos piores momentos do crepúsculo, ele imaginara que alguém o estava tocando, pontas de dedos escorregando por seu rosto e lábios. Outra vez imaginou estar sendo colocado de bruços e sentiu mexerem em suas roupas. O último episódio poderia ser explicado se Marguerite o estivesse limpando, já que ele não conseguia se mexer com coordenação suficiente para usar o urinol. Incapaz, ele não conseguia se mover ou resistir, não podia fazer nada além de aceitar sua violação, real ou imaginária.

O olfato foi o primeiro sentido a voltar e, depois, o paladar, o gosto amargo e ferroso de sangue, e a maciez da gordura de carne. Quando abriu os olhos, levou alguns minutos para sua visão focar e ele ter a certeza de que não havia perdido a visão, o ambiente tornou-se real de novo e a sensação de dor voltou. Suas costelas doíam, seu intestino estava instável e solto, e cada respiração perfurava suas costelas quebradas. Junto com a dor, voltou a voz e ele se debatia com o cobertor, tentando, inutilmente, se levantar.

Marguerite correu para o lado dele, sentiu a testa de Adair e dobrou os joelhos e as mãos, procurando sinais de desconforto provenientes de ossos quebrados, tentando ver quais partes ele conseguia mexer sozinho e quais estavam machucadas. Afinal, qual é a utilidade de um trabalhador que não pode usar as mãos e as pernas?

Ela pegou um pouco de caldo e, então, ignorou Adair pelo restante do dia enquanto ia de um lado para o outro fazendo as tarefas domésticas. Ele não tinha outra alternativa a não ser ficar olhando para o teto e deixar o tempo passar, enquanto um facho de luz do sol iluminava a parede, contando as horas até o anoitecer quando o velho acordaria. Adair esperava com medo: pensou que seria melhor ter morrido naquela noite do que acordar preso num corpo destruído. Quanto tempo levaria para se recuperar, pensou; será que ficaria inteiro novamente quando seus ossos colassem? As partes do corpo se grudariam corretamente? Será que ficaria manco ou corcunda? Pelo menos seu rosto parecia estar livre de cicatrizes e desfigurações: o velho havia tomado cuidado

com sua cabeça; ele havia batido com uma barra de ferro, podia ter quebrado a cabeça de Adair ao meio.

Quando a luz se foi, sinalizando o final do dia, Adair sabia que seu tempo tinha terminado. Resolveu fingir que estava dormindo. Marguerite também pressentiu que o confronto se aproximava e tentou se apressar para arrumar a cama enquanto o velho subia as escadas, mas o físico a interrompeu, pegando-a e apontando inquisitivamente em direção à cama de Adair. Mas ela vira Adair fechar os olhos e ficar numa posição de inconsciência, então, ela somente balançou a cabeça e retirou-se para a cama, puxando o cobertor sobre a cabeça.

O velho foi até a cama de Adair e se agachou. Adair tentou manter a respiração equilibrada e calma, e controlar seu tremor, esperando para ver o que o velho faria. Não precisou esperar muito: a mão fria e ossuda do velho tocou as faces do jovem, depois seu pomo de Adão e então escorregou pelo peito rapidamente até parar sobre a barriga lisa de Adair. Ele mal tocou nas feridas e, mesmo assim, foi o suficiente para fazer Adair querer se encolher de tanta dor.

A mão não parou e, em vez disso, continuou escorregando: para o abdômen, então um pouco mais para baixo e o choque quase fez Adair gritar. De algum modo, ele continuou estoicamente deitado, enquanto os dedos do velho encontraram o que estava procurando, acariciando o pedaço irregular de carne, massageando, apertando, seduzindo. No entanto, antes que a virilidade de Adair pudesse reagir, os

dedos se retiraram e, sem olhar para trás, o velho virou-se e saiu pela porta noite adentro.

O pânico foi tamanho que Adair quase pulou da cama, apesar de seu estado. Foi tomado pela necessidade de fugir, mas não podia: tinha pouco controle dos braços e suas pernas não lhe respondiam. O velho era consideravelmente mais forte do que parecia; quando saudável, Adair já não podia se defender dele, quanto mais em seu estado atual. Ele não podia nem mesmo rastejar pela sala e tentar encontrar uma arma que pudesse usar para se defender. Amargurado pelo desespero, Adair percebeu que não havia nada que pudesse fazer, não naquele momento. Tudo o que lhe restava era aguentar o que o físico lhe impusesse.

Passou os dias pensando no trabalho que fizera para o físico, nos elixires e unguentos que preparara, imaginando se haveria algo que pudesse usar em sua defesa. Tais pensamentos eram inúteis; apesar de servirem para aguçar sua memória sobre os ingredientes utilizados nessas poções poderosas, assim como as proporções, os cheiros e as texturas, ele ainda ignorava a utilidade deles, exceto daquele que dava poderes de invisibilidade.



Ele conseguiu manter as aparências por mais dois dias antes que o físico percebesse que já recuperara a consciência.

Testou seus membros e articulações da mesma maneira que Marguerite havia feito e preparou um elixir que derramou para dentro da garganta do jovem. Era a poção que fazia Adair se entregar, pois ela queimava e ferroava, e ele não podia fazer nada além de engasgar.

— Espero que pelo menos tenha aprendido a lição! — o físico rosnava enquanto caminhava ao redor de sua escrivaninha. — E essa lição é que você nunca poderá fugir de mim. Posso encontrá-lo onde quer que esteja. Nenhuma jornada será tão longínqua, nenhum esconderijo tão profundo a ponto de me enganar. Na próxima vez que tentar me trapacear pelo serviço que paguei ou roubar qualquer coisa minha, esse pequeno episódio vai parecer a mais leve das punições. Se eu apenas *sentir* que está sendo desleal, acorrentarei você às paredes dessa casa e nunca mais verá a luz do dia, entendeu? — O velho não se incomodou nem um pouco com o olhar de ódio de Adair.

Em poucas semanas, Adair conseguiu se levantar da cama e cambalear pela sala com a ajuda de uma bengala. Como suas costelas estalavam de dor cada vez que levantava os braços, ele ainda era inútil para Marguerite, mas já podia ajudar o físico à noite. No entanto, toda a conversa entre eles cessou: o velho bradava as ordens e Adair sumia de vista assim que as cumpria.

Após alguns meses, com doses regulares do elixir ardente, Adair havia se recuperado consideravelmente, a ponto de poder buscar água e cortar lenha. Conseguia correr, não por

muito tempo, e tinha certeza de que poderia cavalgar, caso tivesse a chance. Às vezes, quando colhia ervas na floresta e caminhava até o cume da colina, olhava para o vale e pensava em tentar fugir de novo. Ele desejava, profundamente, ficar livre do velho e, ainda... Um sentimento doentio tomava conta de Adair ao pensar na perspectiva da punição e, com pensamentos quase suicidas, ele se virava e voltava para a casa.



— Amanhã você irá até o vilarejo para achar uma jovenzinha. Ela tem que ser virgem. Não deve perguntar nada nem chamar a atenção de ninguém. Apenas encontre essa jovenzinha, volte e me diga onde ela vive.

O pânico subiu pela garganta de Adair.

— Como posso saber se a jovem ainda não foi deflorada? Devo examinar...

— Obviamente deve encontrar uma que seja bem nova. Quanto ao exame, deixe isso para mim — ele disse friamente.

O velho não deu explicação nenhuma e, depois de tanto tempo, Adair não precisava de explicações. Sabia que qualquer ordem do físico certamente seria um pedido diabólico, mas, mesmo assim, Adair não estava em posição de

desobedecê-lo. Geralmente via as idas até o vilarejo como um raro prazer, quando podia apreciar o burburinho da vida em família, ainda que não fosse a sua, mas esse passeio não trazia bons presságios. No vilarejo, Adair permaneceu sorrateiro perto das casas, espiando os moradores, mas o vilarejo era pequeno e ele não era desconhecido das pessoas. Toda vez que encontrava algumas crianças brincando ou fazendo tarefas domésticas, os pais as espantavam ou ameaçavam Adair com olhares ferinos.

Com medo da reação do físico, caso falhasse, pegou um caminho desconhecido de volta à casa, esperando que isso lhe trouxesse sorte. A estradinha o levou até uma clareira onde, para sua surpresa, estavam algumas charretes não muito diferentes das que seus pais viviam. Uma trupe de romenos tinha chegado ao vilarejo e o coração de Adair encheu-se com a esperança de que seus pais estivessem procurando por ele. Enquanto passava os olhos pelos trabalhadores itinerantes, logo percebeu que não reconhecia nenhum dos membros do grupo. Todavia, havia crianças de todas as idades: garotos de bochechas vermelhas e garotas de rostos meigos. E, porque tinha a mesma ascendência, podia caminhar livremente entre eles, apesar de ser obviamente desconhecido.

Poderia fazer algo tão horrível?, ele se perguntou, o coração disparado enquanto escolhia a vítima, olhando de rosto em rosto. Estava a ponto de sair correndo, tomado de ódio de si mesmo (como poderia escolher quem seria entregue às mãos de um monstro?), quando se deparou abruptamente

com uma criança, uma garotinha que lembrava muito sua Katarina. A mesma pele branca e sedosa, os mesmos olhos negros inebriantes, o mesmo sorriso cativante. Foi como se o destino tivesse tomado a decisão por ele.

O físico ficou extasiado com a notícia e instruiu Adair a ir até o acampamento dos romenos naquela noite, quando todos estivessem dormindo, e trazer a criança para ele.

— Está de acordo, não está? — o velho gargalhou, talvez achando que Adair se sentiria melhor pelo que estava prestes a fazer. — Seu povo o expulsou, deram você sem pensar duas vezes. Agora é sua chance de vingança.

Em vez de convencer Adair de que tinha o direito de roubar a criança, isso só o deixou ainda mais enfurecido.

— Por que quer essa menina? O que fará com ela?

— Não está em posição de pensar, só de obedecer — o velho resmungou. — Você acabou de se recuperar, não é? Seria uma pena quebrar todos os seus ossos de novo.

Adair pensou em implorar pela intervenção divina, mas, neste momento, as preces eram inúteis. Adair tinha todos os motivos para acreditar que ele e aquela menina estavam amaldiçoados e que nada salvaria nenhum dos dois. Assim, mais tarde naquela noite, voltou ao acampamento. Foi de charrete em charrete, espiando pelas janelas ou pela abertura de cima das portas holandesas, até encontrá-la, encolhida como um gato sobre um cobertor. Prendendo o fôlego,

ele empurrou a porta e deu uma olhada na criança adormecida, torcendo para que ela chorasse e alertasse a mãe e o pai, mesmo que isso significasse que ele seria pego. Mas a criança dormiu em seus braços como se estivesse enfeitiçada.

Adair não ouviu nada atrás de si enquanto fugia: não havia passos nem nenhum tipo de mexerico vindo da charrete dos pais, nenhum grito de invasão do acampamento. A criança começou a se agitar e a se mexer, e Adair não sabia o que fazer, exceto segurá-la cada vez mais perto de seu coração disparado, na esperança de fazê-la se acalmar. Quanto mais desejava ter coragem para desobedecer às ordens maléficas do velho, mais se embrenhava pela floresta, chorando durante todo o caminho.

No entanto, quando se aproximou da casa, uma coragem desesperadora veio à tona. Ele simplesmente não podia sucumbir aos desejos do físico, independentemente do quanto poria em risco sua própria segurança. Quando chegou aos arredores da clareira, a menina estava acordada e respirava ofegante, mas em silêncio. Ele a colocou em pé e ajoelhou-se ao lado dela.

— Volte para seus pais e diga a eles para saírem desse vilarejo imediatamente. Há um grande mal aqui e haverá uma tragédia se eles não ouvirem esse conselho — ele disse para a garota.

A garota alcançou seu rosto e tocou-lhe as lágrimas.

— Quem eu devo dizer que mandou essa mensagem a eles?

— Meu nome não é importante — ele respondeu, sabendo que mesmo que os romenos tivessem seu nome e viessem atrás dele, tentando puni-lo por invadir o acampamento e sequestrar uma criança, não faria diferença. Ele já estaria morto.

Adair continuou ajoelhado na grama enquanto a observava correr em direção às charretes. Desejou poder correr também, correr em direção à floresta e continuar correndo, mas sabia que isso de nada serviria. Era melhor retornar à casa e aceitar sua punição.

Quando Adair empurrou a porta da casa, o velho estava sentado na escrivaninha. A leve expressão de entusiasmo em seu rosto rapidamente transformou-se na conhecida expressão de escárnio e desprezo ao ver Adair sozinho. O físico levantou-se, repentinamente muito alto, como uma árvore frondosa.

— Vejo que você me decepcionou. E não posso dizer que esteja surpreso por isso.

— Posso ser seu escravo, mas não pode me transformar num assassino. Não farei isso!

— Você ainda está fraco, fatalmente fraco, covardemente fraco. Preciso que fique mais forte. Se achasse que você não fosse capaz de fazer isso, mataria você esta noite. Mas ainda

não estou convencido, ainda não... assim, não o matarei esta noite, só o castigarei. — O físico esbofeteou o servo com tanta força que ele caiu no chão e desmaiou. Quando Adair voltou a si, percebeu que o velho levantava sua cabeça e enfiava uma taça em sua boca. — Beba isto.

— O que é, veneno? É assim que pretende me matar?

— Eu disse que não o mataria esta noite. Isso não significa que eu não tenha outros planos. Beba isto — ele ordenou, os olhos brilhando impiedosamente —, beba e não sentirá mais dor.

Naquele ponto, Adair teria dado as boas-vindas ao veneno, então engoliu o conteúdo que o físico depositava dentro de sua boca. Um sentimento estranho se apoderou de Adair rapidamente, parecido com o estupor inebriante dos elixires de cura do velho. Começou com um formigamento dos membros e depois tomou conta de seu corpo. Sem conseguir controlar os músculos, Adair despencou, as pálpebras pesadas como as de uma vítima de paralisia, a respiração lenta. Quando o formigamento chegou à nuca, uma sensação de adormecimento trouxe o mau presságio de que algo sobrenatural estava prestes a acontecer.

O velho ficou em pé em frente do servo, analisando-o de maneira fria e desconcertante. Adair se sentiu levantado e carregado, percebia seu peso a cada passo. Foi levado para o porão, onde jamais estivera antes, para os aposentos do velho. Essa percepção lhe trouxe um pânico gelado. O quarto

era úmido e abafado, uma verdadeira masmorra, e nojento. Baratas e outros bichos escalavam os cantos das paredes. O velho derrubou o jovem sobre a cama, num colchão de pena mofado e fedorento. Adair queria rastejar e fugir, mas estava preso num corpo que não lhe respondia. Insensível, o velho subiu na cama e começou a despir seu prisioneiro, puxando a túnica sobre a cabeça, soltando-a acima da cintura.

— Esta noite, você atravessará a última fronteira de suas reservas. A partir desta noite, não haverá nada que eu não possa obrigá-lo a fazer. — Ele puxou as calças do jovem para baixo e alcançou o fino linho que cobria a virilha. Mais uma vez, Adair fechou os olhos enquanto o físico tateava, enroscando os dedos nos pelos pubianos. Adair lutou para não ter uma ereção enquanto o velho manipulava seu pênis. Depois do que pareceu ser um longo tempo, o velho soltou seu brinquedo, mas deixou que suas mãos passassem sobre o rosto de Adair. Apertou os dedos no rosto do jovem, depois no sulco abaixo de seus olhos. Em seu estado droga, o jovem lutou o máximo que pôde contra esse abuso horripilante.

— Ouça bem, seu garoto estúpido, eu o estrangularei caso não me obedeça. Precisa respirar, não precisa? — Ele fechou a mão sobre o nariz de Adair, cortando-lhe o ar. Adair segurou o máximo que pôde, imaginando, nesse estado de desorientação, se ele morreria ou só desmaiaria... Mas, ao final, o instinto veio à tona e ele buscou o ar. Quando abriu a boca, o velho forçou-se sobre o jovem e penetrou seu membro dentro das mandíbulas abertas. Piedosamente, a droga trouxera a sombra da incoerência para encobrir o horror e a

humilhação de Adair, e a última coisa de que se lembrava era do velho dizendo que sabia de seus encontros com Marguerite e que eles cessariam. Ele não queria Adair gastando sua energia e desperdiçando sua semente com outra pessoa.

22

Pela manhã, Adair acordou no andar de cima, em sua miserável cama de palha, suas roupas desarrumadas. Atormentado pela náusea e pelos traços da droga, ele se lembrava das ameaças do velho, mas não tinha ideia se outras liberdades tinham sido tomadas. Teve vontade de correr escada abaixo e esfaquear o velho até a morte, na cama, a ideia latejando em sua mente por um segundo. Todavia, sabia que alguma coisa misteriosa e sobrenatural estava acontecendo; a força e os poderes do velho estavam acima de qualquer perspectiva razoável e ele seria poderoso o suficiente para não se deixar ser morto no próprio covil.

Passou o dia tentando juntar coragem para fugir. Mas o medo de sempre acorrentou Adair onde estava; a dor gélida em seus ossos remendados era um aviso sobre o preço da desobediência. Assim, quando o sol cruzou o céu e a escuridão começou a tomar conta, Adair sentou-se num canto, o olhar fixo no topo da escadaria.

O velho não se surpreendeu ao ver que seu servo ainda estava lá. Um sorriso sarcástico atravessou seu rosto, mas ele não se aproximou de Adair. Continuou seus afazeres como sempre fazia, retirando a capa do gancho na parede.

— Irei ao castelo hoje à noite, para uma função especial. Se sabe o que é bom para você, é melhor estar aqui quando

eu voltar. — Quando saiu, Adair desmoronou ao lado do fogo, desejando ter coragem para se jogar nele.

A vida continuou assim durante muitos meses. As surras tornaram-se rotineiras, apesar de o velho nunca mais ter usado a barra de ferro. Adair percebeu rapidamente que não havia motivos para as surras; ele era tão obediente que não havia razões para isso. As surras serviam para mantê-lo assim e, por isso, nunca terminariam. O assédio sexual continuou, de forma irregular. O físico fazia Marguerite drogar a comida ou a bebida de Adair para facilitar essas sessões, até que o jovem percebeu a tática e se recusou a comer. O velho então o surrava e o forçava a engolir drogas debilitadoras até ficar num estado deplorável.

A decadência do físico se acelerava. Talvez ele tivesse aberto algum tipo de portal: agora que se satisfazia com esses atos imorais, nada o impedia. Ou talvez os homens velhos fossem sempre assim. Adair imaginou se o velho teria matado seu último servo e tinha procurado Adair para começar tudo novamente. De vez em quando, o conde mandava uma criada para servir o velho, alguma jovem desafortunada, capturada pelos homens do conde durante as invasões aos campos húngaros. A jovem era levada para o aposento do velho e acorrentada à cama. Durante o dia, os gritos da criada chegavam até o andar de cima, assombrando Adair, que se culpava por não descer até o covil do físico para ajudá-la a escapar.

Às vezes, depois que o velho saía para suas caminhadas noturnas, Marguerite mandava Adair descer com comida para a pobre prisioneira. Ele se lembrava da primeira vez, arrastando-se, relutante, para dentro do quarto para ver a pobre mulher, nua sob os lençóis, tremendo, de choque e medo, e incapaz de perceber sua presença. Essa primeira não implorou ao jovem para soltá-la. Paralisada de medo, ela também não se moveu em direção à comida. Adair sentiu-se envergonhado por perceber que tinha uma ereção, olhando para sua forma feminina debaixo do cobertor, sua barriga lisa subindo e descendo a cada respiração, aterrorizada. A simpatia pelo suplício dela e as lembranças horríveis do que tinha acontecido com ele próprio, nessa mesma cama, eram suficientes para afastá-lo do desejo sexual. Ele não ousou tomá-la à força, já que era propriedade do velho e, assim, tremendo de desejo, deixou-a intocada e voltou para o andar de cima.

As criadas geralmente morriam depois de três dias e o velho fazia Adair se livrar de seus corpos, retirando-os da cama e carregando-os para a floresta. Elas ficavam deitadas no chão, como estátuas tombadas, enquanto ele cavava o túmulo, pulverizava-as com cal e as cobria com terra escura. A morte da primeira criada o encheu de vergonha, ódio e desespero, a ponto de não poder olhar para ela enquanto cavava a vala.

Mas, depois da primeira, da terceira, da quarta, Adair sentiu que algo havia mudado dentro dele e seu desejo, que ele reconhecia ser abominável, ultrapassou o medo de cruzar

a fronteira do profano. Suas mãos tremiam quando sucumbia ao desejo de tocar seus seios, agora endurecidos e inumanos, ou percorrer as mãos por seus corpos arqueados. Cada vez que colocava uma delas no chão, ele roçava seu torso nelas e vibrava com o endurecimento em seu corpo. Mesmo assim, nunca foi além, nunca cometeu um ato que achava mais repulsivo do que fascinante e, dessa forma, os corpos foram poupados de ser ainda mais molestados.

Muitos anos se passaram dessa maneira. As surras e os estupros diminuíram, talvez porque Adair tivesse crescido e ficado mais forte. Ou, talvez, por não ser mais um garoto, seu corpo já não agradasse mais ao físico.

Depois de um inverno particularmente brutal, o velho anunciou que eles viajariam para a Romênia para visitar sua propriedade. Uma mensagem foi enviada com antecedência para o vassalo que cuidava da propriedade, para que as contas fossem colocadas em ordem e tudo estivesse pronto para ser inspecionado pelo físico. A segurança da viagem seria garantida pelo conde e um segundo cavalo foi comprado para Adair, para que pudesse fazer a jornada. Quando chegou a hora de ir, só arrumaram algumas provisões, poucas roupas e dois baús pequenos e trancados. Partiram depois do pôr do sol, cavalgando para leste noite adentro.

Ao final de sete noites de viagem, estavam bem no meio de território romeno, tendo atravessado uma passagem aos pés dos Montes Cárpatos para chegar até a propriedade do velho.

— Nossa jornada terminou — o físico disse a Adair, balançando a cabeça em direção a uma luz que brilhava sofregamente de um castelo a distância. O castelo tinha torres altas em cada canto, a forma ameaçadora claramente visível à luz da lua. O último trecho os levou por campos férteis, vinhedos pendurados nas encostas das montanhas, gado dormindo nos pastos. Os imensos portões foram abertos quando ambos se aproximaram e um grupo de servos aguardava no pátio, segurando tochas acesas acima da cabeça. Um homem mais velho encontrava-se à frente do grupo, segurando um robe de pele, que colocou sobre os ombros do físico assim que ele desmontou do cavalo.

— Espero que vossa senhoria tenha feito boa jornada — ele disse com a solicitude de um pastor, seguindo o físico pelos largos degraus de pedra.

— Estou aqui, não estou? — o velho respondeu, ruidosamente.

Adair absorvia os detalhes da propriedade enquanto adentravam. O castelo era sólido, velho, mas bem-cuidado. Adair viu que os servos tinham o mesmo olhar de terror que ele imaginava ter. Um criado pegou-o pelo braço e o levou até a cozinha, onde Adair recebeu uma refeição de carnes

assadas e galinha, e em seguida foi levado para um pequeno quarto. Naquela noite, afundou-se num verdadeiro colchão de penas e se aconchegou sob um cobertor com bordas de pele.

Adair adorou esse tempo fora, vivendo mais luxuosamente do que alguém pudesse imaginar, sobretudo um camponês. Livre do regime de vida da casa, ele passou a maior parte dos dias perambulando pelo castelo, enquanto o físico estava imerso na administração da propriedade e não tinha interesse nas andanças de Adair.

O administrador, Lactu, simpatizou-se com Adair. Ele era um homem bom e parecia reconhecer o peso silencioso que o servo do físico carregava. Por Lactu falar húngaro, Adair conseguiu ter uma conversa de verdade depois de todo aquele tempo em que estivera trabalhando para o físico. Lactu vinha de uma linhagem de servos que trabalhavam para o físico havia gerações. Ele explicou que não achava estranho que o físico ficasse longe a maior parte do tempo: os senhores dessa propriedade têm sido proprietários ausentes durante gerações, escolhendo, em vez disso, servir o rei da Romênia. Na experiência de Lactu, o físico retornava somente a cada sete anos, para tomar conta de assuntos importantes.

Através do administrador, Adair teve acesso a todos os aposentos do castelo. Ele pôde ver o quarto onde ficavam os robes cerimoniais do velho, guardados em baús, e a despensa, repleta de todos os tipos de comida e guarnições

feitas na propriedade. No entanto, o aposento que mais lhe encheu os olhos foi o quarto dos tesouros, repleto de lembranças das conquistas da família de cel Rau: coroas e cetros, adornos encravados de pedras preciosas, moedas de cunhos estranhos. A visão de tantos bens e de tantas posses fez Adair pensar sobre as receitas alquímicas: um castelo enorme numa terra distante era tanto desperdício! Era um crime ter um tesouro como aquele e não desfrutá-lo!

Passaram-se semanas sem que Adair visse o físico, até que, uma noite, o velho mandou uma mensagem para o jovem participar de uma cerimônia no grande salão. O jovem observava enquanto o físico assinava declarações cujos efeitos recairiam em todos aqueles que viviam na propriedade. Ao lado da mão direita do velho, estava um selo pesado. Lactu trazia cada declaração, a lia em voz alta e então colocava a folha na frente do físico, para que ele a assinasse. Depois, o administrador pingava cera vermelha embaixo do rabisco do físico, e o velho pressionava o selo com o símbolo de sua família, um dragão que empunhava uma espada. Mais tarde, Lactu explicou a Adair que aquele era o selo que garantia o domínio da lei de cel Rau, pois os lordes frequentemente morriam longe de sua propriedade e, sem que seus herdeiros fossem apresentados de forma apropriada às autoridades romenas e ao administrador, as assinaturas não significavam nada. Quem quer que possuísse o selo, seria reconhecido como senhor da terra.

Semanas se tornaram meses. Adair ficaria feliz se não tivesse que retornar à Hungria. Ele gostava do duplo

benefício de ser tratado como um filho favorecido, ao mesmo tempo em que podia escapar das atenções do físico. Em seu tempo livre, praticava esgrima com os guardas ou passeava pelo vilarejo. Falava sobre o que tinha visto com o administrador, aprofundando os conhecimentos sobre a propriedade em seus muitos aspectos, como o cultivo das lavouras, a produção de vinho, os cuidados com os animais. Adair passou a acreditar que Lactu confiava nele, mas o jovem não ousava compartilhar qualquer detalhe da vida na casa. Ele retribuía a afeição de Lactu multiplicada por dez, mas tinha muito medo do que o administrador pudesse pensar dele se soubesse o que tinha sofrido ou que ele ajudava o velho a praticar magia negra. Sentia muita vontade de contar a Lactu sobre a natureza diabólica do mestre, mas não imaginava uma maneira de fazê-lo sem se envolver, e ele estava relutante de perder a afeição do administrador.

Uma noite, já no fim da estação, Adair foi acordado por uma presença em seu quarto. Enquanto acendia a vela, sabia que não estava sozinho, mas mesmo assim ficou assustado ao ver o físico em pé, ao pé de sua cama. Seu coração disparou à memória dos horrores dos quais aquele homem era capaz.

— Mestre, o senhor me surpreendeu. Está precisando de meus serviços?

— Não vejo você há muito tempo, Adair. Queria olhá-lo, mas juro que quase não o reconheci — ele disse com uma delicada aspereza. — A vida aqui lhe fez bem. Você cresceu. Está mais alto... e mais forte. — Havia um olhar, um brilho

da velha tentação nos olhos do físico, que Adair não queria ver.

— Aprendi muito durante este tempo aqui — Adair disse, querendo mostrar ao físico que não havia ficado ocioso durante o período que ficara longe dos olhares do velho. — Sua propriedade é magnífica. Não entendo como suporta viver longe daqui.

— A vida aqui é muito parada para o meu gosto. Acho que também concordaria com isso, com o tempo. Mas é por isso que vim esta noite, para avisá-lo que não ficaremos por muito mais tempo. O verão está se aproximando e preciso voltar para a Hungria.

As palavras do velho alarmaram Adair. Sabia que essa situação teria um fim, mas de algum modo havia se iludido que ficaria ali para sempre. Adair tentou dissimular o pânico. Enquanto isso, o velho deslizava para o lado da cama do servo, tateando as feições de seu rosto. Ele esticou a mão e puxou o cobertor, expondo o abdômen e o peito de Adair. Adair ficou esperando pelo toque, mas não houve toque nenhum. Em vez disso, o velho ficou olhando para o jovem, com um desejo palpável, mas ele pareceu satisfeito só de olhar para o corpo do rapaz. Ou talvez a maturidade de Adair o tenha feito parar, pois, após um longo minuto, ele virou-se e saiu do quarto.

23

Após voltarem para a casa do físico, Adair esperava que a vida continuasse como antes, mas isso se provou impossível. Muita coisa tinha acontecido com ele. Estava obcecado com uma ideia que não conseguia tirar da cabeça, especialmente durante o dia, quando o físico não estava por perto para controlar seus pensamentos. Adair não conseguia se esquecer do que vira na propriedade do velho: o castelo, os campos abundantes, o tesouro, os serviçais, os servos... A única coisa que faltava era um senhor feudal, e o que estava em seu caminho eram apenas duas coisas simples: o selo, agora escondido em algum lugar da casa, e a morte do velho.

O selo poderia ser encontrado com um pouco de persistência. Matar o velho era outra questão. Adair já havia pensando nisso muitas vezes durante seus anos de aprisionamento, havia planejado cada detalhe, mas, ao final, considerava tudo uma loucura. Todas as vezes que o velho colocara as mãos nele, por ódio ou por desejo, o serviçal sufocava sua humilhação jurando que um dia faria o físico

pagar por tudo. Mas era a lembrança daquele ataque brutal com a barra de ferro e dos meses agonizantes de recuperação que faziam Adair não tomar uma atitude.

No entanto, muitos anos haviam se passado desde aquela surra e Adair havia crescido consideravelmente. O físico não era mais tão rápido para levantar a mão e, ainda que continuasse a olhar para Adair com desejo, suas aproximações eram poucas e calculadas. E o ódio de Adair pelo velho o acompanhava por tanto tempo, que já se tornara tão natural quanto respirar. Seus pensamentos estavam mais precisos, a necessidade de vingança, mais aguçada e irrefutável. Ele não percebera o quanto tinha mudado até uma noite, quando enterrava outra garota morta. Olhou para seu lindo corpo e percebeu que este último tabu havia caído. Ele podia facilmente atacar essa forma vazia, mas o que realmente queria era violentar aquele corpo sem vida antes de enterrá-lo no chão molhado. E, mais ainda, ficaria satisfeito por fazê-lo. Ele não sentia medo nem repulsa; havia abandonado o último fragmento de humanidade. Todas as reservas foram extirpadas, camada por camada, como um animal cuja pele é retirada pelo caçador. Havia se tornado páreo para o velho e essa ideia fez Adair sentir-se feliz pela primeira vez durante anos.



O primeiro passo era garantir que teria ajuda. Adair precisava de aliados, moradores do vilarejo que já odiavam o físico, pois este apoiava o opressor romeno. Adair tinha que encontrar esses moradores que guardavam rancor contra seu soberano e quisessem descontar essa fúria no físico, um alvo mais fácil do que o conde. Se ele pudesse provar que o físico cometera crimes contra os moradores, crimes os quais o conde não poderia defender, então, o conde seria forçado a olhar para o outro lado se a vingança deles tomasse a forma de assassinato. Era uma questão de encontrar as pessoas certas, escolher a ofensa adequada e produzir as provas necessárias.

Certo dia, Adair foi até o vilarejo procurar as autoridades religiosas, pois pareciam uma escolha correta para seu objetivo. Na abadia, ele encontrou um monge, poupado dos rigores do campo e rosado de cima a baixo, como um recém-nascido. O clérigo pareceu surpreso por encontrar o servo do maldito físico parado em frente da sua porta, mas quando Adair caiu a seus pés, implorando por seus conselhos, o jovem monge não pôde recusar. Sentaram-se juntos na solidão da abadia e ele ouviu Adair derramar seu remorso por ser o criado do opressor do vilarejo. Adair explicou que fora forçado a servi-lo. Sem discorrer muito sobre as circunstâncias, continuou a expressar sua repulsa por servir a um déspota tão malvado e impenitente. Quando o monge começou a acalmá-lo (hesitante, a princípio, mas, depois, as palavras saíam mais livremente), Adair sabia que havia encontrado o aliado que estava procurando. Para fechar com chave de ouro, ele sugeriu alguns pecados tenebrosos que o

físico e o conde haviam cometido. O monge garantiu a Adair que ele podia voltar, a qualquer hora, para continuar a se redimir.

E assim Adair o fez. Na segunda vez em que foi ver o monge, descreveu como fora enviado para sequestrar uma criança. O rosto do monge ficou pálido e ele recuou como se tivesse sido confrontado por uma víbora, quando Adair descreveu a localização das charretes ciganas; o monge confirmou que os ciganos haviam desaparecido sem nenhuma explicação.

— Imagino que ele tinha a intenção de usar a criança para uma de suas poções satânicas, mas para que efeito e para qual causa, não posso dizer. Deve ser trabalho do demônio, exigir um sacrifício humano, não deve? — Adair perguntou com voz incrédula, fazendo-se soar tão arrependido e inocente quanto podia.

Naquele ponto, o monge pediu para que ele parasse de falar, sem querer acreditar no que acabara de ouvir.

— Juro que é verdade! — Adair disse, caindo de joelhos. — Posso provar. O pergaminho em que os feitiços estão escritos seria prova suficiente? — O monge, impressionado, só conseguia concordar com a cabeça.

Adair sabia que seria um truque bem simples tirar os papéis da casa durante o dia, enquanto o físico dormia, mas, no dia seguinte, quando tentava juntar as evidências, suas mãos tremiam ao alcançá-las. “Não seja tolo”, castigava-se,

“já faz anos! Você é um homem ou um garoto assustado?” Cansado de ser assombrado pelo medo e pela humilhação, agarrou os papéis com certa rudeza, enrolando-os bem apertado antes de enfiá-los na manga de sua túnica. Sem dizer uma única palavra para Marguerite, saiu em direção à abadia.

Os olhos do monge se iluminaram ao ler as palavras apagadas do pergaminho. Enquanto devolvia os papéis, ele pediu desculpas a Adair por duvidar dele e o instruiu a devolvê-los rapidamente, além de avisá-lo caso o físico começasse a planejar outro crime sanguinário. No entanto, ele precisava de tempo para trabalhar num plano para capturar o herético, que era, afinal de contas, um aliado do senhor feudal. Adair protestou: o físico era um aliado do demônio e não merecia nem mais um dia de liberdade. Mas o monge titubeou; ele obviamente tinha dificuldades em pôr em prática um ato tão ousado contra o conde. Para dar apoio à resolução do monge, Adair prometeu voltar com mais provas de bruxaria.

Naquela noite, a companhia do físico foi agonizante. Adair pulava toda vez que o homem lhe dava o menor olhar descrente, certo de que o físico podia sentir que ele havia tocado em seus preciosos pergaminhos. Enquanto o velho folheava os papéis procurando pelo feitiço de que precisava, Adair se inquietava achando que o físico encontraria alguma coisa diferente: uma ponta dobrada, uma mancha, o cheiro de lavanda e incenso da abadia. Mas o velho continuou seu trabalho calmamente.

Um pouco depois da meia-noite, o velho o olhou da mesa de trabalho e disse:

— Você ainda gostaria de aprender a ler? — perguntou de maneira bastante agradável. Parecia estranho que o velho trouxesse isso à tona tão repentinamente. Ainda assim, se Adair desse qualquer outra resposta, o velho acharia que algo estava errado.

— Sim, claro.

— Suponho que esta noite seja tão boa quanto qualquer outra para começarmos. Venha aqui e eu lhe ensinarei algumas das letras desta página. — O físico curvou um dedo para ele. Com o peito apertado, Adair levantou-se do chão e andou em direção ao velho. O físico olhou o pequeno espaço entre eles. — Mais perto, garoto, não conseguirá enxergar o papel daí. — Ele apontou para o lugar próximo dele, no chão. O suor escorria da testa de Adair conforme ele se aproximava. No momento em que deslizou para perto do velho e abaixou a cabeça em direção ao papel, o velho o alcançou e o agarrou pela garganta com punho de ferro. Ele não conseguia respirar, uma vez que o punho estava cerrado em volta de sua traqueia.

— Esta noite será muito importante para você, Adair, meu bom garoto. Muito importante — ele repetiu, levantando-se de seu assento, erguendo o jovem no ar pela garganta. — Não achei que fosse mantê-lo empregado por tanto tempo; planejava matá-lo antes. Mas, apesar de sua séria ofensa,

passei a gostar de você. Você sempre teve uma beleza selvagem e também tem sido mais leal do que eu pensei ser possível. Sim, você se saiu melhor do que eu esperava desde a primeira noite em que o vi. Assim, resolvi mantê-lo como meu criado, para sempre. — Ele arremessou Adair na parede de pedra como se fosse uma boneca de pano, a cabeça de Adair rachando contra as pedras. A força desapareceu de seu corpo. O velho o levantou, carregando-o de novo escada abaixo, para a privacidade de sua câmara subterrânea. Deitado na cama, a consciência de Adair ia e vinha, e sentia as mãos do velho em seu rosto.

— Tenho um presente precioso para dar a você, meu tolinho rebelde. Você achou que eu não conseguiria ver em seus olhos, mas claro que eu conseguiria... — Adair entrou em pânico com as palavras do velho, preocupado que o físico pudesse ler sua mente e soubesse do pacto com o monge. — Mas, assim que receber este presente, você nunca mais conseguirá recusar nada a mim de novo. Este presente nos unirá, você verá...

O velho chegou bem perto e estudou seu criado de um modo aterrorizante. Foi então que Adair notou um amuleto pendurado num cordão de couro amarrado no pescoço do físico. O velho fechou a mão em volta do amuleto e puxou o cordão com força, protegendo-o com as duas mãos da visão de Adair. Mas Adair conseguira ter um vislumbre dele através da fraca luz da vela: era um pequeno frasco de prata, adornado com relevos diminutos e uma tampa minúscula.

De alguma forma, com a ponta dos dedos murchos, o físico conseguiu tirar a tampa, revelando uma longa agulha que servia como uma rolha bem fina. Um fluido viscoso e acobreado estava grudado na agulha e formava uma gota gorda na ponta.

— Abra a sua maldita boca! — o físico mandou, segurando a rolha sobre os lábios de Adair. — Está prestes a receber um dom precioso. A maioria dos homens mataria ou pagaria muito dinheiro por ele. E aqui estou eu a ponto de desperdiçá-lo com um idiota feito você! Faça o que eu disse, seu cachorro mal-agradecido, antes que eu mude de ideia. — Ele nem precisava ter brigado: a agulha era fina o suficiente para atravessar os lábios de Adair, e ele a enfiou na língua do rapaz.

Foi mais o choque do que a dor que fez Adair se atirar para cima do físico, o choque do estranho amortecimento tomando conta de seu corpo. O coração do jovem congelou de terror, com a sensação instantânea de que estava no limiar de algo demoníaco. Conforme a pressão de seu corpo caía, seu coração começou a bater cada vez mais rápido, desesperado para mandar o que ainda restava de sangue para os membros famintos, o cérebro, o coração. Enquanto isso, o velho o segurava firme, murmurando a ininteligível e, certamente, a língua do diabo, enquanto executava outra função sobre ele, dessa vez com agulhas e tinta. Adair tentou empurrar o velho, mas não conseguia removê-lo do lugar e, em poucos minutos, não tinha mais forças para tentar. Convulsionando, engasgando, enrolando-se nos lençóis nos

espasmos da morte e ficando azul de frio... Adair sentia como se estivesse sendo enterrado vivo, preso num corpo que caía em espiral.

Dentro de Adair, um desejo feroz o fazia resistir à morte. Se ele morresse, o velho nunca seria punido e, mais do que tudo, Adair queria ver este dia. O físico analisou o rosto de Adair em seus espasmos de morte.

— Tão forte! Você tem um senso de sobrevivência muito forte, isso é bom. Fique cego de ódio de mim, isso é o que eu espero de você, Adair. Seu corpo passará pelos últimos estágios da morte e isso irá mantê-lo ocupado por um tempo. Fique quieto.

Quando o corpo de Adair já não podia mais se salvar, começou a endurecer, aprisionando a mente de Adair dentro dele. Enquanto permanecia deitado ali, o físico falou de como ele tinha sido levado à alquimia (ele não esperava que Adair, um camponês, entendesse a magia da ciência), de como seu treinamento como físico lhe abrira as portas. Mas, acima da alquimia, ele havia se aliado, aos poucos, aos mais astutos, àqueles que transitavam acima dos segredos do mundo natural para o mundo sobrenatural. Transformar metais comuns em ouro era uma alegoria, Adair conseguia entender? Os verdadeiros videntes não buscavam transformar materiais terrenos em coisas mais preciosas, mas sim transformar a própria natureza do homem! Mediante a purificação mental e a dedicação total ao conhecimento da

alquimia, o físico havia passado para o nível dos maiores conhecedores, dos homens mais poderosos na Terra.

— Eu comando água, fogo, terra e vento. Você já viu, sabe que é verdade — gabou-se. — Posso tornar os homens invisíveis; tenho a força da minha juventude. Isso lhe surpreendeu, não foi? Na verdade, sou mais forte do que costumava ser; às vezes me sinto tão forte quanto vinte homens juntos! E também tenho poder sobre o tempo. O presente que lhe dei — o rosto dele transformou-se em uma máscara odiosa de superioridade e autossatisfação — é a imortalidade. Você, meu servo quase perfeito, nunca deixará de me servir. Nunca me decepcionará. Nunca morrerá.

Adair ouviu as palavras enquanto estava morrendo e desejou que tivesse entendido errado. Servir ao físico para sempre! Ele implorou para que a morte o levasse. Em pânico, bloqueou o restante do que o físico estava lhe dizendo, mas não tinha importância.

Ainda ouviu mais um pouco antes que a escuridão o engolisse. O físico estava lhe contando que só havia uma forma de escapar da eternidade, só uma maneira de ser morto: pelas mãos daquele que o tinha transformado. Pelo seu feitor, o físico.

24

Quando Adair acordou, viu que ainda estava na cama do físico, o velho deitado perto dele, parecendo um morto. Adair sentou-se; sentia-se estranho. Era como se tudo tivesse mudado enquanto dormia, mas não sabia dizer exatamente o quê. Algumas mudanças eram evidentes: a visão, por exemplo. Ele conseguia enxergar no escuro. Viu ratos correndo pelos cantos do quarto, subindo um em cima do outro enquanto percorriam a largura da parede. Podia ouvir cada som como se estivesse bem ao lado da fonte do barulho, cada som separado e distinto. O olfato era o mais predominante de todos; os odores lhe chamavam a atenção, principalmente os doces e encorpados, com uma pitada de cobre no ar. Não conseguia identificá-lo, por mais que mexesse com ele.

Em alguns minutos, o físico se moveu e, então, levantou-se. Notou o estado de estupor de Adair e riu.

— Parte do dom, veja você. Maravilhoso, não é? Você tem os sentidos de um animal.

— Que cheiro é esse? Sinto-o por toda parte. — Adair olhou para suas mãos, para a roupa de cama.

— É sangue. Os ratos estão gordos de tanto sangue e estão todos em nossa volta. Marguerite, dormindo no andar de cima. Também consegue sentir o cheiro dos minerais nas rochas, nas paredes a seu redor. A poeira doce, a água limpa; tudo é melhor, mais limpo. É o dom: coloca você acima dos outros homens.

Adair caiu de joelhos no chão.

— E você? Também é como eu? É por isso que tem seus poderes? Também consegue ver tudo?

O velho sorriu misteriosamente.

— Se sou o mesmo que você? Não, Adair, não passei pela transformação pela qual você acabou de passar.

— Por que não? Não quer viver para sempre?

Ele balançou a cabeça como se estivesse falando com um idiota.

— Não é tão simples como realizar um desejo. Pode estar além de sua compreensão. De qualquer forma, sou um velho e sofro os insultos da idade. Não gostaria de viver eternamente desse jeito.

— Se este é o caso, como acha que vai me manter aqui, velho? Agora que me tornou forte, não haverá mais surras. E Deus sabe que não haverá mais assédio sexual. Como espera me manter em sua companhia?

O velho caminhou em direção à escadaria, olhando astuciosamente sobre os ombros.

— Nada mudou entre nós, Adair. Acha que lhe daria algum tipo de poder que o libertasse? Eu ainda sou mais forte. Posso extinguir sua vida como a chama de uma vela. Eu sou o único que pode desfazer o que foi feito. Lembre-se disso — e o físico desapareceu na escuridão.

Adair continuou ajoelhado, tremendo, sem saber, naquele momento, se acreditava no que o velho tinha lhe dito ou na estranha força que vinha de dentro de suas entranhas. Olhou para o lugar de seu braço onde vira o físico trabalhando com agulhas e tinta, achando que estava sonhando, mas, não, havia um desenho curioso lá, de dois círculos dançando, um ao redor do outro. O desenho tinha algo familiar, mas não conseguia se lembrar onde já o tinha visto.

Talvez o físico estivesse certo: talvez Adair fosse muito estúpido para entender algo tão complexo. Mas a vida eterna era a última coisa com a qual se importava naquele momento. Não fazia diferença viver ou morrer. Tudo o que queria era convencer o monge a prosseguir com o plano, e não tinha importância se ele morresse na barganha.

Adair encontrou o monge rezando na capela. Em pé na porta, pensou se sua condição aparentemente sobrenatural o impediria de entrar num lugar santificado. Se tentasse atravessar a passagem, seria arremessado de volta pelos anjos e proibido de entrar? Após respirar fundo, deslizou pela porta de carvalho, sem efeitos colaterais. Aparentemente, Deus não tinha domínio sobre o que ele se tornara. O monge viu Adair e se apressou, pegando-o pelo braço e levando-o para um canto escuro.

— Saia da porta, podem nos ver juntos — ele disse. — Qual é o problema? Parece agitado.

— E estou mesmo. Tomei conhecimento de algo ainda mais aterrorizante do que já lhe contei, algo sobre o físico que eu não sabia até a noite passada. — Adair pensou se estava brincando com fogo. Ainda assim, estava convencido de que era esperto o suficiente para derrotar o físico sem ser incriminado.

— Pior do que ser um adorador de Satã?

— Ele... não é humano; é uma das criaturas de Satã. Ele se revelou para mim, em toda sua maldade. O senhor foi treinado pela Igreja, sabe das coisas do outro mundo, criaturas maléficas atiradas sobre pobres mortais para a diversão de Satã e nosso tormento. Qual é a pior coisa que pode imaginar, monge?

Para seu alívio, Adair não viu ceticismo no rosto redondo do monge. O clérigo ficou pálido e prendeu a respiração, com

medo, talvez relembrando todas as histórias terríveis que ouvira ao longo dos anos, as mortes inexplicadas, as crianças desaparecidas.

— Ele se transformou em um demônio, monge. Não consegue imaginar como é ter uma criatura tão maléfica como esta tão perto, em sua garganta, o fedor do inferno em seu hálito. A força de Lúcifer nas mãos dele.

— Um demônio! Já ouvi falar de demônios que caminham entre os homens, que eles têm muitas formas. Mas nunca, nunca ninguém se encontrou com um e viveu para contar. — Os olhos do monge saltavam em seu rosto pálido e ele se afastou de Adair. — Mas você está aqui, vivo. Qual é o milagre?

— Ele disse que não estava pronto para me levar; disse que ainda precisava de mim como servo, o mesmo com Marguerite. Ele me avisou para não fugir, que haveria punições severas caso eu tentasse escapar, agora que eu já sei... — Adair não precisou fingir estar com medo.

— O demônio!

— Sim. Ele pode ser o próprio demônio!

— Devemos tirar você e Marguerite daquela casa agora mesmo! Suas almas estão em risco, sem falar em suas vidas.

— Não podemos nos arriscar; não sem antes termos um plano. Marguerite está a salvo. Nunca o vi levantar a mão

para ela. Quanto a mim, há muito pouca coisa a fazer comigo além do que ele já fez até agora.

O monge suspirou.

— Meu filho, ele pode lhe tirar a vida.

— Eu seria mais um entre tantos.

— Arriscaria sua vida para livrar o vilarejo desse demônio?

Adair ruborizou com ódio.

— Com todo o prazer.

Os olhos do clérigo se encheram de lágrimas.

— Muito bem, então, meu filho, nós prosseguiremos. Falarei com os moradores do vilarejo discretamente, pode ter certeza, e verei com quem podemos contar para nossa marcha contra o físico. — Ele se levantou para acompanhar Adair até a porta. — Fique de olho neste prédio. Quando estivermos prontos para agir, amarrarei um pano branco ao poste da lanterna. Até lá, tenha paciência e seja forte.

Passou uma semana, depois duas. Às vezes, Adair imaginava se o monge teria perdido a coragem e fugido do vilarejo, muito covarde para confrontar o físico. Adair passava a maior parte do tempo procurando pelo selo que o velho usara para autenticar os documentos em sua propriedade. Depois da cerimônia no castelo do físico, aparentemente o

selo sumira, apesar de Adair saber que o físico não arriscaria guardá-lo onde ele não pudesse lhe pôr as mãos quando precisasse. À noite, depois que Marguerite dormia e o velho saía em suas excursões noturnas, Adair procurava em cada caixa, cesto e baú, mas não encontrou o pesado selo de ouro.

Quando Adair estava com medo de não conseguir mais controlar sua impaciência, veio a noite em que o pano branco balançava ao vento no poste da lamparina da igreja.

O clérigo estava em pé em frente da entrada da abadia. Ele sofrera desde a última vez que Adair o vira e não parecia mais um fraco. Suas bochechas, antes cheias como as de um esquilo, agora estavam murchas. Seus olhos, brilhantes e claros da primeira vez que ele e Adair se encontraram, estavam opacos e tristes devido ao conhecimento que agora ele possuía.

— Falei com os homens do vilarejo e eles estão conosco — o clérigo disse, enquanto pegava Adair pelo braço, com um ar conspirador, e o levava para as sombras do vestíbulo. Adair tentou esconder sua alegria.

— Qual é o plano?

— Nos reuniremos amanhã à meia-noite e marcharemos até a casa.

— Não, não, à meia-noite não — Adair interrompeu, colocando a mão sobre o braço do clérigo. — Para surpreenderem o físico, seria melhor virem no pico do meio-dia.

Como qualquer demônio, o físico é ativo à noite e dorme durante o dia. Aproximem-se da casa à luz do dia para terem maior chance. A patrulha nunca vem até a casa. A não ser que soem o alarme, não precisa ter medo dos guardas do conde. — Isso não era exatamente verdade. Os guardas já haviam visitado o velho muitas vezes durante o dia, mas só por uma razão: para entregar uma prostituta para ele. No entanto, essas entregas agora eram menos frequentes. Havia tempos o conde não mandava uma serviçal, então a chance era maior, mas... Adair achou que não era hora, mas pensou que não valia a pena mencionar o risco ou o monge poderia usá-lo como uma desculpa para não prosseguir com o plano.

— Sim, sim... — o monge concordou, olhos vidrados. “Ele está escapando de mim”, Adair pensou.

— E o que propõem fazer com o velho quando o capturarem?

O clérigo parecia ter levado um golpe.

— Não cabe a mim decidir o futuro de um homem...

— Claro, padre, seria sua responsabilidade como representante de Deus. Lembre-se do que o Senhor diz sobre bruxas: não pode deixá-las viver. — Ele apertou o braço do homem com firmeza enquanto falava, como se puxasse sua coragem pelas veias. Após um longo momento, o clérigo baixou os olhos.

— A multidão... Não posso garantir que serei capaz de controlar a fúria da multidão. Afinal, eles têm muito ódio do físico... — ele disse, com voz firme e resignada.

— Isso mesmo! — Adair concordou pacientemente. — Não pode ser o responsável pelo que acontecer. É o desejo de Deus. — Ele precisou esconder a risada selvagem que borbulhava dentro dele. O velho odioso finalmente teria o que merecia! Poderia estar além da força de Adair, sozinho, vencer um homem com o demônio a seu lado, mas certamente o físico não conseguiria se defender de metade do vilarejo.

— Precisarei de mais um dia para informar a mudança de planos aos homens — o clérigo disse. Adair assentiu. — Depois de amanhã, então, ao meio-dia — o clérigo engoliu em seco e fez o sinal da cruz.

Um dia. Adair tinha um dia para encontrar o selo ou arriscar que os moradores do vilarejo o encontrassem. Ele voltou para a casa, dissimulando o pânico. Onde o objeto poderia estar? Adair tinha procurado em todas as prateleiras, gavetas, revirado todas as peças de roupa do físico, tinha até mesmo esquadrinhado cada baú para ter certeza de que o selo não fora escondido entre eles. O fracasso da busca só servia para aumentar o desespero de Adair, e ele viu seus planos desmoronarem, como um castelo de cartas: nunca conseguiria fugir do físico, nunca viveria no castelo distante, nunca veria sua família nem sua amada Katarina. Preferia estar morto, pensou. Sua frustração era tão grande que teria pedido ao velho que pusesse fim à sua existência, por

compaixão, se seu ódio pelo físico não fosse maior. O velho estava em sua escrivaninha, quando Adair voltou de seu encontro secreto, e olhou para cima quando o servo adentrou a sala.

— Precisarei voltar à vila amanhã para buscar comida para os cavalos — Adair disse para o velho e, um segundo depois, um pensamento, uma possibilidade surgiu em sua mente. O velho batia os dedos sobre a mesa.

— Sua missão terá que esperar um dia. Farei um emplastro curativo para levar, para trocar por aveia com o fornecedor de provisões...

— Minhas desculpas, mas, devido à minha falta de atenção, o depósito de grãos está vazio. Já não há comida há vários dias e a grama está muito escassa para satisfazer os cavalos por muito mais tempo. Não posso esperar. Com sua permissão, comprarei só uma pequena quantidade, o suficiente para os cavalos passarem essa semana, e me encontrarei com o fornecedor de provisões na semana que vem, quando o senhor já tiver tido tempo de fazer o emplastro.

Adair prendeu a respiração, esperando para ver o que o velho diria, pois, caso recusasse, seria difícil inventar outra desculpa, em tão pouco tempo, para fazê-lo revelar onde escondia seu dinheiro e seus pertences valiosos. O velho balançou a cabeça diante da incompetência do servo, então se levantou e desceu as escadas. Adair queria segui-lo, mas ouviu com a atenção de um cão de caça, pegando cada som,

cada pista. Apesar do grosso assoalho de madeira, ouviu o movimento de escavação e, em seguida, o som de algo pesado sendo tirado do lugar. O tilintar de uma moeda, então o som do movimento de novo. Finalmente, o velho subiu os degraus de volta e jogou uma bolsinha de pele de veado sobre a mesa.

— Apenas o suficiente para uma semana. Tente conseguir uma boa barganha — alertou, resmungando.

À noite, quando o velho saiu, Adair voou para o porão. O chão nojento parecia não ter sido mexido e foi só depois de uma busca cuidadosa que Adair encontrou o lugar onde o velho estivera trabalhando, rente à parede, num lugar úmido e mofado, cheio de fezes de ratos.

A terra havia sido retirada de uma das pedras. Adair ajoelhou-se e segurou o canto das pedras pela ponta dos dedos, retirando-a da parede. Num pequeno recôndito, só conseguia discernir uma trouxa de tecido grosseiro, que ele retirou e desenrolou. Havia uma bolsa gorda de dinheiro e, envolto num quadrado de veludo, o selo do reino de seus sonhos.

Adair pegou tudo e empurrou a pedra de volta no lugar. Ajoelhado na terra, estava empolgado com o sucesso, feliz por ter encontrado o selo, feliz por ter tido uma vitória sobre seu opressor depois de tantas injustiças que recaíram sobre ele.

Adair deveria ter matado seu pai em vez de tê-lo deixado bater em sua mãe e irmãos.

Não deveria ter se deixado vender como escravo.

Deveria ter aproveitado cada chance para escapar e nunca desistir de tentar.

Deveria ter matado o maldito conde. Ele merecia a morte por ser inimigo do povo magiar e um bárbaro em conluio com um emissário de Satã.

Deveria ajudar Marguerite a fugir, levá-la até uma boa família ou a um convento, encontrar alguém para tomar conta dela.

A maneira que Adair via a situação não era uma questão de roubo. O físico devia seu reino a Adair. Ou ele o dava a Adair ou morreria.



No dia marcado, Adair observava o sol a pino, tão cobiçosa e atentamente quanto os olhos de uma águia olham para um rato no campo. O clérigo e sua multidão chegariam à casa em uma hora ou duas. A questão era se ele deveria ficar e testemunhar a ruína do físico.

Era tentador ver os moradores arrastarem o velho de sua cama nojenta e trazê-lo à luz do sol, o rosto dele contorcido pelo medo e pela surpresa. Ouvir seus gritos enquanto eles o espancavam no chão, golpeando-o com porretes, cortando-o aos pedaços com foices. Encorajá-los enquanto saqueavam a casa, pilhavam os baús, jogavam as garrafas e os jarros de ingredientes preciosos no chão, os esmagavam e, então, queimavam a maldita fortaleza.

Ainda que estivesse em posse do selo, Adair não poderia sair cavalgando sem ter certeza de que o físico não viria atrás dele. Mas havia uma boa razão para desaparecer antes que a multidão chegasse: e se o velho, por algum motivo, escapasse da morte? Se a coragem da multidão falhasse ou se o velho também tivesse poderes de imortalidade (uma possibilidade, o físico nunca dissera que não tinha, não com todas as letras), ele poderia pensar que Adair estava envolvido no ataque. Não haveria como negar isso ao físico, se sua aliança fosse descoberta. Seria mais prudente preservar a sombra da dúvida.

Ele foi até Marguerite, que estava esfregando batatas num balde de água, tirou as batatas da mão dela e começou a acompanhá-la até a porta. Ela resistiu, alma boa que era, mas a vontade de Adair prevaleceu e ele a fez esperar ao lado dele enquanto selava o cavalo do velho. Ele levaria Marguerite para a segurança da cidade, para não presenciar a confusão. Assim seria melhor. Ele só voltaria para ver o resultado.

O sol estava se pondo quando Adair refez o caminho de volta à casa. Ele não teve pressa, deixou o cavalo vaguear com a rédea solta por caminhos desconhecidos pela floresta. Ele não estava ansioso para se encontrar com o grupo de moradores do vilarejo em seu caminho de volta, cheios de animação e sede de sangue.

Adair notou uma nuvem de fumaça negra no horizonte, mas, quando chegou mais perto da casa, ela já tinha se transformado numa nuvem de fumaça. Apressou o cavalo, até chegar a uma clareira familiar antes da casa de pedra.

A porta estava sem a tranca e o chão em frente estalava assustadoramente. O curral fora destruído e o segundo cavalo havia desaparecido. Adair deslizou do lombo do cavalo e se aproximou cuidadosamente da porta aberta, preta e sinistra como um crânio sem o olho.

Do lado de dentro, linhas de ferrugem subiam pelas paredes como se se agarrassem para fugir. A destruição foi como imaginara: pedaços de vidro e cerâmica no chão, por todo lado; caldeirões, potes e baldes revirados, a escrivaninha em pedaços. Todas as receitas haviam desaparecido, junto com os vestígios do velho. A não ser que... o sangue de Adair congelou imediatamente ao pensar que a coragem da multidão realmente tivesse falhado. Começou a fuçar pelos destroços, erguendo móveis, procurando por roupas espalhadas pelo chão e os poucos itens que sobraram dos baús saqueados. Mas não encontrou nada do velho, nem mesmo uma orelha. Com certeza haveria restos, um pedaço de osso,

um crânio queimado, se os aldeões tivessem sido bem-sucedidos em lhe trazer a ruína.

Outras alternativas ainda mais assustadoras vieram à mente de Adair: talvez o físico tivesse conseguido escapar para a floresta ou se escondido em algum lugar da casa. Afinal, se havia um pequeno cofre atrás de uma pedra na parede, quem poderia dizer que não havia um quarto maior escondido? Ou talvez, e ainda mais perigoso, tivesse se entregado por meio de feitiços ou fora poupado pelo próprio mestre da escuridão, que interveio em nome de um servo fiel.

Com o pânico subindo pela garganta, Adair desceu as escadas para os aposentos do velho. A cena abaixo era ainda mais horrenda do que no andar de cima. O ar estava espesso com fumaça negra, aparentemente o fogo principal havia sido feito aqui, e o quarto estava completamente vazio, exceto pela cama de cinzas ardentes.

Mas Adair conseguia cheirar a morte escondida e profunda dentro da fumaça; então, foi até o monte preto de cinzas, agachou-se e passou os dedos pelos restos. Encontrou pedaços de osso, lascas e pepitas ainda quentes ao toque. E, finalmente, a maior parte de um crânio, com um pedaço de carne queimada e o cabelo fino e comprido ainda no lugar.

Adair ficou em pé e limpou as cinzas das mãos o melhor que pôde. Não teve pressa para sair da casa, olhou pela

última vez o lugar de seus cinco anos de sofrimento. Era uma pena que as paredes de pedra não pudessem ser queimadas também. Ele não manteve nada além das roupas do corpo e, claro, o selo e a bolsa de moedas. Saiu vagarosamente pela porta aberta, juntou as rédeas do cavalo e seguiu em direção ao leste, para a Romênia.



Adair conseguiu viver na propriedade do físico por muitos anos, apesar de o direito à propriedade não ter lhe sido passado diretamente como ele esperava. Quando chegou às terras sozinho, sem o físico, Adair apresentou-se ao administrador, Lactu, e disse a ele que o velho havia morrido. A esposa e o filho haviam sido inventados, Adair explicou, uma história para dar ao físico a privacidade para a verdadeira razão de sua solteirice: suas tendências peculiares. Sem herdeiro, o físico havia deixado a propriedade para seu fiel servo e companheiro, Adair explicou, e mostrou o selo ao administrador.

As dúvidas do administrador eram óbvias em seu rosto e ele esclareceu que o pedido da posse da terra deveria ser feito ao rei da Romênia. Se Adair não era um descendente de sangue do físico, o rei tinha o direito de decidir sobre o destino da propriedade. A decisão do rei levou anos, mas, no final, não foi tomada a favor de Adair: ele teve permissão para

continuar na propriedade e manter o título da família, mas o rei se apropriou das terras.

Chegou o dia em que Adair não podia mais permanecer ali. Lactu e todos os outros tinham murchado e envelhecido com o passar dos anos, enquanto Adair era o mesmo desde o dia em que chegara ao castelo. Assim, para não levantar suspeitas, era o momento de Adair desaparecer por uns tempos, ficar quieto e, talvez, voltar em algumas décadas, fingindo ser seu próprio filho, com o selo de ouro na mão.

Ele resolveu ir para a Hungria, seguindo seu coração, para procurar sua família. Adair queria muito vê-los; não o pai, claro, pois, depois do físico, era quem ele mais odiava. Sua mãe já deveria estar velha e vivendo com o filho mais velho, Petu. Os outros estariam crescidos, com filhos. Ele ansiava vê-los e saber o que tinha acontecido com eles.

Levou dois anos até Adair encontrar sua família. Ele começou pela propriedade de onde havia sido levado e reconstruiu a rota, dolorosamente, baseando-se em pistas e informações de ex-vizinhos e soberanos. Finalmente, quando o segundo inverno estava chegando, parou no lago Balaton e cavalgou pelo vilarejo, procurando por rostos parecidos com o seu.

Assim que chegou perto de um grupo de cabanas nos arredores do vilarejo, teve um pressentimento de que alguém que conhecia estava muito próximo. Adair desmontou do cavalo, caminhou pela escuridão em direção às cabanas e

bisbilhotou pelas janelas. Enfiando o olho pelo buraco das cortinas, onde a luz da vela era quase imperceptível, ele viu alguns rostos conhecidos.

Apesar de terem mudado com o tempo, ficado mais redondos, enrugados e cansados, ele os reconheceu. Seus irmãos estavam reunidos em volta da fogueira, bebendo vinho e tocando o violino e a balalaica. Com eles havia mulheres que Adair não reconhecia, suas esposas, ele supôs, mas não havia sinal de sua mãe. Finalmente viu Radu, crescido, peito musculoso, alto... Ah, como Adair queria correr para dentro da cabana, abraçar Radu e agradecer a Deus por ele estar vivo, por ter sido poupado de todo o inferno e tormenta pelos quais Adair havia passado. Então, percebeu que Radu parecia bem mais velho do que ele, que todos os seus irmãos já mostravam o sinal do tempo. Viu uma mulher ir até Radu e sorrir, e este deslizou o braço em volta dos ombros dela e a apertou. Era Katarina, agora mulher e linda, e apaixonada por Radu, o irmão que era exatamente como Adair. Só que mais velho.

Enquanto permanecia em pé no escuro e no frio, ainda queimando com o desejo de ver sua família, de abraçá-los e conversar com eles, de lhes contar que não havia morrido nas mãos do físico, a terrível verdade se abateu sobre ele. Esta seria a última vez que os veria. Como poderia explicar o que havia acontecido com ele e o que ainda tinha pela frente? Porque ele nunca envelheceria; não era mortal como eles: havia se transformado em algo que não conseguia explicar.

Adair foi até a frente da cabana e tirou uma sacola de moedas do bolso, deixando-a em frente da porta. Era dinheiro suficiente para que parassem de perambular pelo mundo. Seria difícil confiarem totalmente naquele milagre, mas, com o tempo, aceitariam a boa sorte e agradeceriam a Deus por sua generosidade e compaixão. Até lá, Adair já estaria muitos dias ao norte, perdendo-se entre as multidões de Buda e Szentendre, aprendendo a lidar com seu destino.

Ao final da história, tinha me desvencilhado dos braços de Adair, o efeito da fumaça já desaparecido. Não sabia se deveria ter respeito ou medo dele.

— Por que me contou isso tudo? — perguntei, fugindo de seu toque.

— Considere uma lenda de advertência — ele respondeu misteriosamente.

25

FRONTEIRA DO MAINE, HOJE

Luke vira para sair da via expressa e pega uma estrada velha e empoeirada, deixando o ponto morto levar a SUV pelos buracos. Quando chega a um cotovelo, estaciona ao lado da via de acesso, mas mantém o motor funcionando. A visão deles é clara graças à nudez das árvores de inverno e ambos, ele e a passageira, conseguem ver o ponto de travessia da fronteira dos Estados Unidos e do Canadá a distância. Parece um brinquedo de criança montado num local de construção: uma gigantesca fileira de cabines e gabinetes abarrotados de caminhões e carros, o ar pairando pesado com o ar abafado da fumaça dos veículos.

— É para lá que estamos indo — ele diz, gesticulando na direção do para-brisa.

— É enorme — a garota responde. — Achei que estávamos indo para algum posto mais afastado, com dois guardas e um cão de caça inspecionando carros com uma lanterna...

— Tem certeza de que quer continuar com isso? Há outras maneiras de chegar ao Canadá — Luke diz, apesar de achar que não deveria encorajá-la a desobedecer a lei mais do que ela já tinha feito. O olhar que ela lança a Luke vai direto a seu coração, como uma criança procurando o apoio dos pais.

— Não, você me trouxe até aqui e acredito que vá conseguir me fazer atravessar a fronteira.

Quando se aproximavam do posto de controle, os nervos de Luke começaram a enfraquecer. O tráfego estava leve, mas, ainda assim, a perspectiva de ficarem numa fila muito tempo era assustadora. A esta hora já deveria haver um boletim da polícia sobre eles, por suspeita de assassinato e cumplicidade com a fuga... Ele quase sai da fila, mas para, as mãos tremendo sobre o volante. A garota olha para ele, nervosa.

— Você está bem?

— Está demorando muito — ele murmura, suando apesar do ar frio do inverno do lado de fora do carro.

De repente, uma luz verde se acende numa das cabines na fila ao lado e, com uma velocidade surpreendente, Luke corta, vira a direção e pisa no acelerador, jogando o carro na direção do policial da fronteira, que gentilmente faz sinal para organizar o trânsito. Ele atravessa na frente de um carro que aguardava dois veículos à frente, na fila, e a mulher atrás da direção lhe mostrou o dedo, mas Luke não liga. Ele breca forte em frente do agente da fronteira.

— Com pressa? — o oficial diz, disfarçando seu interesse com descuido enquanto alcança a identificação do médico. — Geralmente atendemos a próxima pessoa que está esperando quando abrimos uma nova fila.

— Me desculpe — Luke responde abruptamente. — Eu não sabia...

— Da próxima vez, ok? — ele fala amigavelmente, nem mesmo olhando para cima enquanto analisa a carteira de motorista e, depois, o passaporte de Lanny. O agente é de meia-idade, veste um uniforme azul-escuro e um colete utilitário com um rádio, canetas e outras coisas. Em suas mãos, há uma prancheta e um instrumento eletrônico que parece um *scanner*. Sua parceira, uma mulher mais jovem, caminha em volta do carro com uma longa vara, em cuja ponta há um espelho, como se esperasse encontrar uma bomba amarrada na parte de baixo do SUV. Luke observa a policial pelo espelho retrovisor e uma nova onda de nervosismo toma conta dele.

Então, ele se dá conta de algo: se eles perguntarem pelo registro do veículo, terá problemas, pois não está registrado em seu nome. “Você não é dono desse carro?”, o agente perguntará. “As pessoas emprestam carros todos os dias”, Luke tenta dizer a si mesmo. “Não há nada de criminoso nisso.”

“Terei que dar uma olhada no sistema só para ter certeza de que não é roubado...”

“Não peça o registro, não peça o registro”, ele pensa, como se, direcionando este mantra ao agente, pudesse evitar que ele se lembrasse disso.Se o nome de Luke aparecer em alguma lista em algum lugar (“*procurado para interrogatório*”), as chances de eles escaparem se reduziriam a zero.

Esse pequeno problema deixa Luke ainda mais nervoso, pois ele nunca esteve em apuros antes, nunca, nem mesmo quando criança, e não é muito hábil em enganar autoridades. Ele tem medo de suar, parecer muito ansioso e...

— Então você é médico? — o agente pergunta à janela, fazendo Luke prestar atenção.

— Sim, cirurgião. — "Idiota", ele se apercebe; "ele não está nem aí para sua especialidade. É somente sua vaidade médica se mostrando, querendo atenção".

— Motivo para viagem ao Canadá?

Antes que Luke pudesse responder, Lanny inclina-se para a frente, para ser vista pelo agente da fronteira.

— Na verdade, ele está me fazendo um favor. Passei um tempo com ele e agora está na hora de viver à custa do próximo parente. E, em vez de me colocar num ônibus, ele generosamente insistiu em me trazer de carro.

— Ah, e onde está o primo? — o agente pergunta, uma astúcia leve escondida na pergunta.

— Baker Lake — a garota responde casualmente. — Bem, nós nos encontraremos com ele em Baker Lake, mas na verdade ele mora mais perto de Quebec. — Ela sabia o nome de uma cidade nos arredores, o que, para Luke, parece um milagre. O médico relaxa um pouco.

O agente vai para dentro da cabine e, pela janela Plexiglas riscada, Luke o observa, apoiado sobre um terminal, preenchendo uma base de dados, com certeza. É tudo o que ele pode fazer para não pisar no acelerador; não há nada para impedi-lo: nem cancelas automáticas, nem correntes de dentes de metal para furar os pneus, nada que impeça a fuga.

De repente, o guarda está à janela de novo, a carteira de motorista e o passaporte em sua mão estendida.

— Aqui estão... tenham uma boa estadia! — ele diz, acenando para eles, já olhando para o próximo carro na fila.

Luke não volta a respirar até que a estação da fronteira fique bem reduzida no espelho retrovisor.

— Por que estava tão preocupado? — Lanny ri, olhando sobre o ombro. — Não somos terroristas e não estamos tentando contrabandear cigarros. Somos apenas dois gentis cidadãos norte-americanos indo ao Canadá para o almoço.

— Não, não somos — Luke diz, mas ele está rindo, também, aliviado. — Me desculpe, não estou acostumado a ser um fora da lei.

— Desculpe, não quis rir. Sei que não está acostumado, mas se saiu muito bem! — Ela aperta a mão dele.

Eles param num motel nos arredores de Baker Lake, um lugar indefinido, que não pertence a nenhuma cadeia. Luke aguarda no carro enquanto Lanny está na recepção. Ele a

observa bater papo com o cavalheiro mais velho atrás do balcão, que se mexe vagarosamente, aproveitando a oportunidade de falar com uma garota bonita naquela manhã. Lanny sobe de volta na SUV e eles dirigem até uma unidade do fundo, com vista para um trecho cheio de árvores e um campo de beisebol da vizinhança. O carro deles é o único no estacionamento.

Uma vez dentro do quarto do motel, Lanny, num surto de atividade, desfaz a mala, verifica o banheiro, reclama da qualidade das toalhas. Luke senta-se na cama, repentinamente cansado para permanecer sentado. Ele se deita em cima da colcha de poliéster e fica olhando para o teto. Tudo a seu redor gira como uma grande roda-gigante.

— Qual é o problema? — Lanny senta-se ao lado dele, na ponta da cama, e toca sua testa.

— Exaustão, eu acho. No plantão da meia-noite, geralmente vou para a cama assim que chego em casa.

— Então faça isso, durma um pouco. — Ela desaperta os sapatos do médico sem desamarrá-los.

— Não, preciso voltar. É só meia hora — ele protesta, mas não se mexe. — Tenho que devolver o carro...

— Bobagem. Além disso, só vai servir para levantar suspeita na fronteira: dar meia-volta e voltar para casa cansado desse jeito. — Ela coloca um cobertor sobre ele, dá uma

bisbilhotada na mala e puxa um saco plástico lotado com a marijuana mais volutuosa que Luke jamais vira.

Em menos de um minuto, ela enrola um cigarro de maconha habilidosamente, acende-o e dá uma tragada longa e cheia de vontade. Ela fecha os olhos enquanto exala e seu rosto relaxa com satisfação. Luke pensa que ele gostaria de causar uma expressão como esta no rosto dela qualquer dia.

Lanny passa o cigarro de maconha para ele. Depois de um segundo de hesitação, Luke pega-o e o traz até os lábios. Ele inspira e segura a fumaça, sentindo-a espalhando-se pelos lóbulos de seu cérebro, sentindo seus ouvidos se tamparem e se bloquearem. Bom Jesus, esta coisa é potente! Rápida.

Ele tosse e passa o cigarro de volta para Lanny.

— Faz tempo que não faço isso. Onde conseguiu esta coisa?

— Na cidade. St. Andrew. — A resposta dela o alarma e o surpreende um pouco, o faz lembrar que há outros mundos invisíveis bem debaixo do nariz dele. Ele está feliz por não saber que ela carregava isso quando atravessaram a fronteira ou teria ficado ainda mais nervoso.

— Você sempre faz isso? — ele aponta o cigarro de maconha.

— Não conseguiria sobreviver sem. Você não sabe das memórias que carrego em minha cabeça. Vida após vida de

coisas que se arrepende de ter feito. Coisas que já viu outras pessoas fazerem. Coisas das quais não pode fugir... sem isto. Faço isso às vezes, quando tenho vontade de desmaiar por, vamos dizer, uma década. Dormir, fazer tudo parar. Não há como apagar as memórias ruins. Não é *fazer* que é tão difícil, é viver com o que você já fez.

— Como o homem no necrotério...

Ela pressiona um dedo sobre os lábios de Luke, para impedi-lo de dizer qualquer palavra. Teremos tempo para isso depois, ele imagina. De fato, ela não tem nada além de tempo se estendendo à sua frente para perceber a coisa irreversível que havia feito a seu verdadeiro amor. Não haveria *baseado* suficiente para levar isso embora. Inferno na terra. Comparativamente, as coisas que ele havia feito pareciam pequenas. Ainda assim, ele pega o cigarro.

— Vou voltar — ele diz como se quisesse convencê-la disso. — Assim que eu tirar um cochilo. Será mais seguro dirigir depois de tirar um cochilo. Mas tenho que voltar... coisas para fazer, me esperando... o carro de Peter...

— Com certeza — ela responde.

Quando o médico acorda, o hotel está banhado de cinza. O sol está se pondo, mas nenhuma das luzes foi acesa. Luke continua deitado, quieto, sem se levantar, tentando retomar o controle. Durante um longo minuto, sua cabeça está leve e ele não consegue se lembrar de onde está e por que tudo lhe é tão estranho. Ele está quente e suado por estar debaixo do

cobertor e sente-se como uma vítima de sequestro obrigada a sair correndo do carro, olhos vendados, tudo girando em volta.

Aos poucos, o quarto entrou em foco. A estranha está sentada numa das duras cadeiras de madeira à mesa, olhando pela janela. Ela está sentada absolutamente quieta.

— Ei! — Luke diz, para avisá-la de que está acordado.

— Está melhor? Deixa eu pegar um copo d'água para você. — Ela se levanta da cadeira e se apressa até a geladeira. — É água da torneira. Pus na geladeira para gelar.

— Quanto tempo eu dormi? — Luke estica a mão para pegar o copo; a água está deliciosamente gelada e fica tentado a colocá-la em sua testa. Ele está fervendo.

— Quatro, cinco horas.

— Minha nossa, é melhor eu pegar o caminho de volta! Devem estar me procurando. — Ele empurra o cobertor de lado e senta-se na ponta da cama.

— Por que a pressa? Você disse que não tem ninguém em casa esperando você — a jovem responde. — Além do mais, você não parece bem. Aquela porcaria deve ter sido muito para você. É forte. Talvez deva deitar-se um pouco mais.

Lanny retira o laptop da gaveta da cômoda envernizada e lascada, e caminha até ele.

— Eu baixei isso da câmera enquanto você dormia. Achei que você quisesse vê-lo. Quer dizer, eu sei que já o viu, viu o corpo dele, mas pode estar interessado, de qualquer maneira...

Luke recua ao ouvir esse discurso macabro, descontente por ser lembrado do corpo morto no necrotério e da relação dele com Lanny, mas aceita o laptop quando ela o passa para ele. As imagens saltam brilhantemente na tela, naquela escuridão empoeirada do quarto: é o homem de dentro do saco, mas não tem comparação. Aqui ele está brilhantemente vivo, vibrante e inteiro. Os olhos, o rosto animado, eletrizado com vida.

E ele é tão, tão belo que a visão dele faz Luke sentir-se estranhamente triste. A primeira foto deve ter sido tirada de um carro, a janela abaixada, seus cabelos pretos e compridos desgrenhados e seus olhos apertados enquanto ri para a mulher tirando a foto, ri de alguma coisa que Lanny disse ou fez. Na foto ele está na cama, a cama que devem ter compartilhado no Dunratty, a cabeça dele sobre um travesseiro branco, de novo o cabelo caindo sobre o rosto, fios tocando o rosto, o rubor cor-de-rosa perfeito nas maçãs do rosto. Uma parte do pescoço e a clavícula saliente visível embaixo da dobradura do lençol branco amarelado.

Após um minuto, olhando foto por foto, ocorre a Luke que a coisa mais bela daquele homem nas fotos não é seu magnífico rosto. Não é sua beleza. É algo em sua expressão, um efeito recíproco entre o prazer nos seus olhos e o sorriso

em seu rosto. É que ele está feliz por estar com a pessoa que segura a câmera e tira as fotos.

Um nó se forma na garganta de Luke e ele devolve o laptop para Lanny. Não quer mais olhar.

— Eu sei — a garota diz, também emocionada e tomada pelas lágrimas. — Me mata pensar que ele se foi, que se foi para sempre. Sinto a ausência dele como um buraco em meu peito. Um sentimento que carreguei por duzentos anos foi dilacerado. Não sei como farei para seguir em frente. É por isso que estou lhe pedindo... por favor, fique comigo mais um pouco. Não posso ficar sozinha. Ficarei louca. — Ela coloca o laptop no chão e, então, alcança a mão de Luke. A mão dela é pequena e quente. A palma está úmida, mas Luke não consegue dizer se a umidade é dele ou dela.

— Não sei como agradecer tudo o que fez por mim — ela diz, enquanto olha através dos olhos e dentro dele, como se pudesse ver o que está se passando em sua mente. — Eu, eu nunca... quero dizer, ninguém nunca foi tão bom para mim. Arriscando-se dessa maneira.

De repente, sua boca está sobre a dele. Ele fecha os olhos e mergulha seu ser inteiro na umidade quente do beijo dela. Ele cai de costas no mesmo lugar da cama de onde havia saído, o peso quase imperceptível do corpo dela sobre o seu, e ele sente como se estivesse se dividindo. Uma parte dele se sente terrível pelo que está fazendo, mas ele quis fazer isso desde o primeiro momento em que a viu. Ele não voltará

para St. Andrew, pelo menos não agora; irá segui-la, como poderia ir embora? A necessidade que ela tem dele é como um gancho plantado em seu peito, puxando-o sem o menor esforço, e ele não consegue resistir. Ele está pulando de um penhasco para dentro de águas escuras, não pode ver o que o espera lá embaixo, mas sabe que não há força no mundo que possa impedi-lo.

26

BOSTON, 1817

Depois de ouvir a história de Adair, me recolhi a meu quarto, apavorada. Engatinhei até a cama e encolhi os joelhos debaixo do queixo. Estava com medo de todas as coisas que ele havia me contado e tentei afastá-las de mim.

Alejandro bateu à porta e, como não houve resposta, a empurrou um pouquinho para poder deslizar para dentro com uma bandeja de chá e biscoitos. Ele acendeu muitas velas.

— Não pode se sentar no escuro, Lanore, é detestável — então colocou a xícara e o pires silenciosamente em minhas mãos, mas eu não queria sua hospitalidade. Fingi olhar pela janela, só que não conseguia ver nada, ainda estava cega de raiva e de desespero.

— Ah, minha querida, não fique triste! Sei que é assustador. Fiquei assustado quando aconteceu comigo.

— Mas, Alej, o que nós somos? — eu perguntei, apertando o travesseiro em meu peito.

— Você é você mesma, Lanore. Você não faz parte de um mundo mágico. Não pode atravessar paredes como um

fantasma ou visitar Deus no paraíso como um anjo. Nós dormimos e acordamos, comemos e bebemos, passamos o dia como qualquer outra pessoa. A única diferença é que outra pessoa pode pensar, de vez em quando, quando será seu último dia. Mas, para mim e para você, nossos dias nunca terão fim. Nós prosseguiremos sendo testemunhas de tudo o que acontece a nosso redor — ele disse tudo isso totalmente sem paixão, como se a desordem dos dias intermináveis tivesse sugado todo seu entusiasmo. — Quando Adair me explicou o que tinha feito comigo, eu quis fugir dele, mesmo se isso significasse me matar, algo que não seria capaz de fazer. Mas perder o bebê, além de tudo... bem, é muito terrível. Pobre Lanore! Sua tristeza vai passar, sabe — ele continuou em seu inglês monótono, com sotaque espanhol. Tomou um gole de chá e então olhou para mim através da fumaça subindo da xícara. — Todos os dias nosso passado se afasta cada vez mais e a vida com Adair passa a ser mais e mais comum. Você passa a fazer parte da família. Então, se lembrará de alguma coisa de sua outra vida, um irmão, uma irmã, a casa onde vivia, um brinquedo de que gostava, e perceberá que não sofrerá mais por isso. Parecerá algo de muito tempo atrás. Aí, então, verá que a mudança está completa.

Olhei para ele por cima do meu ombro.

— Quanto tempo até a dor ir embora?

Alejandro levantou um torrão de açúcar da tigela com um pequeno par de pegadores e o derrubou dentro do chá.

— Depende de quão sentimental você é. Eu, eu sou muito amoroso. Eu amava minha família e senti falta dela durante muito tempo após a transformação. Mas Dona, por exemplo, ele provavelmente nunca olhou para trás. A família o havia abandonado quando ele era pequeno, por ser um garotinho de pederastas — Alejandro disse baixando a voz, até murmurar as últimas palavras, apesar de sermos todos sodomitas naquela casa. — A vida dele foi repleta de depravação e incerteza. Linchamentos. Fome. Prisão. Não, não imagino que tenha qualquer tipo de arrependimento.

— Não acho que meu sofrimento terminará um dia. Meu filho se foi! Quero meu filho de volta, quero minha vida de volta!

— Nunca mais terá seu filho de volta, sabe disso — falou suavemente, acariciando meu braço. — Mas por que, minha querida, iria querer sua velha vida de volta? Pelo que me contou, não tem para quem voltar: sua família a abandonou e a expulsou. Eles a abandonaram num momento de necessidade. Não vejo nada do que deva se arrepender os deixando para trás. — Alejandro olhou fixamente para mim com seus olhos escuros e doces, como se pudesse resumir o que estava em meu coração. — Em momentos de dificuldade, sempre queremos voltar para aquilo que conhecemos. Isso desaparecerá.

— Bem, há uma coisa... — sussurrei.

Ele inclinou-se para a frente, ansioso por minha confissão.

— Um amigo. Sinto falta de um amigo em particular.

Alejandro era, como ele havia dito, um alma sensível que adorava nostalgia. Ele apertou os olhos, como um gato sentando-se ao calor do sol no peitoril da janela, sedento para beber minha história.

— Sempre são as pessoas de quem sentimos mais saudade. Me conte sobre esse seu amigo.

Desde que deixara St. Andrew, tentei, o máximo que pude, não pensar em Jonathan. Estava acima da minha capacidade não pensar nele, então, me permiti algumas indulgências, como alguns minutos antes de pegar no sono, quando me lembrava de seu calor, de sua face ruborizada colada à minha, o jeito que minhas costas se arrepiavam quando ele me agarrava pela cintura para tomar posse de mim. Era muito difícil controlar as emoções quando Jonathan era somente um fantasma às margens de minha memória: lembrar-me dele diretamente era muito doloroso.

— Não posso. Sinto muito a falta dele — disse a Alejandro.

Alejandro recuou.

— Este amigo é tudo para você, não é? Ele é o amor da sua vida. Era o pai de seu filho.

— Sim — respondi. Alejandro esperou que eu continuasse, seu silêncio era como uma corda me puxando, até que fui forçada a falar. — O nome dele é Jonathan. Sou apaixonada por ele desde que éramos crianças e a maioria das pessoas dizia que ele era bom demais para mim. A família dele é dona da cidade onde eu vivia, não é grande nem rica, mas todo mundo lá depende da família dele para sobreviver. E também tem a sua beleza esplendorosa. — Enrubesci. — Deve achar que sou uma pessoa frívola.

— Nem um pouco — ele disse em tom amigável. — Ninguém está imune ao poder da beleza. Mas, de verdade, Lanore, o quão belo ele poderia ser? Pense em Dona, por exemplo. Tão impressionante que encantou um dos maiores artistas da Itália. Ele é mais bonito do que Dona?

— Se conhecesse Jonathan, entenderia. Ele faria Dona parecer um *troll*.

Aquilo fez Alejandro engasgar: nenhum de nós gostava muito de Dona; ele era tão fútil que chegava a ser intolerável.

— Não pode deixar Dona ouvi-la dizer isso! Muito bem, então... e quanto a Adair? Ele não é um sujeito bonito? Já viu olhos como os dele? São como os olhos de um lobo...

— Adair tem um certo charme. — "*Um charme animalesco*", pensei, apesar de não dizê-lo em voz alta. — Mas não há comparação, Alej, acredite. Mas falar dele não adianta nada. Nunca mais o verei.

Alejandro acariciou minha mão.

— Não diga isso. Você não sabe, pode ser que sim.

— Não consigo imaginar voltar para casa, não agora. Não é como Adair contou na história dele? Como explicaria o que me aconteceu para eles? — respondi em tom de zombaria.

— Há algumas maneiras... você não poderia viver com eles novamente. Não, isso estaria fora de questão, mas uma breve visita... se ficasse só um pouquinho... — Ele brincou com seu lábio inferior, contemplativo.

— Não alimente minhas esperanças. É muito cruel. — Lágrimas encheram meus olhos. — Por favor, Alejandro, preciso descansar! Estou com uma dor de cabeça terrível.

Ele pressionou os dedos rapidamente na minha testa.

— Sem febre... Me diga, esta dor de cabeça, você sente como um latejar constante no fundo da cabeça?

Concordei.

— Sim? Bem, minha querida, melhor se acostumar com isso. Não é uma dor de cabeça: é parte do dom. Agora você está conectada a Adair.

— Conectada a Adair? — repeti.

— Existe um vínculo entre vocês dois e essa sensação é um sinal desse vínculo. — Ele se inclinou, conspiratório. —

Lembra quando eu disse que você havia mudado só de uma maneira, que não era mágica? Bem, nós somos um tanto mágicos, apenas um pouquinho. Às vezes acho que somos como animais, sabe? Deve ter notado como tudo parece um pouco mais brilhante, como consegue ouvir o menor barulho, como todo cheiro fica muito forte? Isso é parte do dom: a transformação nos faz *melhores*. Somos mais refinados. Ouvirá uma voz bem de longe e saberá quem está vindo visitá-la, conseguirá detectar o aroma da cera de selo e saber que uma pessoa guarda uma carta escondida. Com o tempo, não notará mais essas habilidades, mas aos outros parecerá que pode ler os pensamentos, que é mágica! A segunda coisa que deve saber é que nunca mais sentirá dor. Tem a ver com a habilidade de não morrer. Não sentirá fome ou sede. Ah, leva um tempo para o reflexo, a expectativa de que se deve comer ou beber, ir embora. Mas poderia jejuar por semanas e não sentir a fome apertando seu estômago, nem ficar fraca ou desmaiar. Poderá ser atropelada por um cavalo de corrida e não sentir nada, além de um leve desconforto onde algum osso pode ter se quebrado, mas a dor desaparecerá minutos depois, enquanto o osso se cicatriza sozinho. — As palavras dele me fizeram arrepiar. — E essa conexão com Adair, essa agulhada no cérebro, é um lembrete desse poder, pois só ele pode torná-la mortal novamente. Nas mãos dele, e somente nas mãos dele, você sente dor. Mas qualquer dano que ele a faça sofrer será temporário, a não ser que ele próprio decida que será diferente. Ele pode lhe *desejar* qualquer coisa: dor, desfiguração, morte. *Pelas mãos e intenção dele*. Essas são

as palavras que ele usa no feitiço. Essas são as palavras que criam o vínculo com ele.

Coloquei a mão sobre meu abdômen; ele estava certo com relação à dor.
O latejar silencioso que sentira em meu útero desaparecera completamente.

— Ele deve ter dito isso tudo a você. Acredite: Adair é seu deus agora. Você vive ou morre de acordo com o desejo dele. E... — a expressão dele se suavizou completamente por um momento, como se um manto protetor tivesse descido brevemente sobre ele — deve tomar cuidado com Adair. Ele lhe deu tudo o que um mortal quer, mas só enquanto você o satisfizer. Não hesitará em lhe tirar o que deu, caso o deixe enfurecido. Nunca se esqueça disso.

Percebi rapidamente que, quisesse ou não, agora eu era parte daquela estranha casa e seria de meu total benefício se descobrisse meu lugar ali dentro. Minha vida mudara de forma irrevogável e eu não tinha certeza de como sobreviveria. Adair, no entanto, tinha centenas de anos de experiência. Os outros que ele escolhera haviam permanecido com ele provavelmente por uma boa razão.

Também decidi tentar esquecer Jonathan. Acreditava que nunca o veria novamente, apesar do que Alejandro dissera. Minha antiga vida se fora, em todos os sentidos: Boston era tão diferente de St. Andrew assim como a água do vinho, e eu não era mais uma pobre menina do campo com um futuro

infeliz pela frente. Perdi o bebê, a única coisa que poderia me manter ligada a Jonathan. Era melhor deixar tudo para trás de uma vez só.

Em poucos dias percebi que os ritmos da casa não se pareciam em nada com minha experiência anterior, em minha cidade puritana. Para começar, ninguém na casa, além dos serviçais, levantava-se antes do meio-dia. Ainda assim, os cortesãos e seus convidados permaneciam nos quartos até duas ou três da tarde, apesar de poder ouvir sons baixos atrás das portas, murmúrios, um pedaço de uma risada ou o arranhar da perna de uma cadeira sendo arrastada pelo chão. Alejandro explicara que este era o jeito europeu: as noites, a parte mais importante do dia, eram dedicadas à socialização (jantares, bailes, jogos de mesa), e os dias eram dedicados à arrumação: ter o cabelo penteado e vestir os trajes mais formidáveis. Haviam trazido com eles, da Europa, alguns serviçais-chave, aqueles especializados em arrumar os cabelos e manter o guarda-roupa. Eu achava muito decadente viver daquela maneira, mas Alejandro me garantiu que era só porque eu havia sido educada por norte-americanos puritanos. Houve uma razão para os puritanos deixarem a Inglaterra em busca do Novo Mundo, ele fez questão de salientar.

O que me leva à segunda coisa estranha sobre os arranjos domésticos de Adair: ninguém parecia ter um objetivo na vida. Nenhum assunto de negócios ou finanças era discutido na minha frente. Nenhuma menção ao Velho Mundo, nenhuma lembrança de vidas passadas (como Alejandro me

disse: “deixamos os mortos dormirem”). Não chegavam cartas, somente cartões de membros da sociedade bostoniana, ávida para conhecer o misterioso europeu da realeza. A bandeja no corredor estava abarrotada de convites para festas, salões e chás.

O único assunto que interessava a Adair e seu séquito, o único esforço que levavam a sério, a preocupação que permeava os dias, era sexo. Cada membro do séquito mantinha um companheiro, às vezes por uma noite ou por uma semana; podia ser um membro da alta sociedade conhecido numa *soirée* ou um lacaio comum eleito para uma noite. Também havia um rio de mulheres perambulando pela mansão, tanto prostitutas mal-ajambradas como ousadas filhas da sociedade. Ninguém na casa dormia sozinho. Nem Alejandro nem Donatello pareciam interessados em mim, e quando perguntei a Alej se não me achava atraente, ele riu e me disse para não ser tão estúpida.

A família era dedicada a buscar e experimentar prazer, simples assim. Tudo ao meu redor era a antítese de como eu havia sido criada e, com o tempo, a falta de ter o que fazer me irritou. Porém, no início, fui seduzida pelos luxos que não imaginava existir. St. Andrew fora uma cidade de roupas de linho feito à mão e mobília de pinho natural. Agora, eu vivia rodeada de coisas refinadas, cada nova tentação ainda melhor do que a anterior. Degustava comidas e bebidas que nunca soube existir, usava vestidos e túnicas de exóticos tecidos europeus, feitos por costureiras profissionais. Aprendi

a dançar e a jogar cartas, li romances que me expuseram a mundos ainda mais diferentes.

Adair gostava de festas e, já que ainda era uma sensação em Boston, íamos a uma quase toda noite. Ele levava seu séquito aonde quer que fosse, deixando Alejandro, Dona e Tilde entreterem os bostonianos com suas maneiras continentais, roupas escandalosas de Paris, Viena e Londres e histórias sobre a decadente aristocracia europeia.

O que realmente deixou os ricos e cultos bostonianos estupefatos foi quando Adair obrigou Uzra a nos acompanhar. Ela se aventurava pela rua envolvida num manto de tecido cor de vinho que a cobria dos pés à cabeça. Assim que estávamos entre os convidados, o manto caía ao chão para revelar Uzra numa de suas fantasias: espartilho de organza apertado e saia de véus, os olhos com um espesso contorno de *kajal*, adornos de metal ao redor da cintura nua, das mãos e dos tornozelos. As sedas ricamente coloridas eram maravilhosas, mas transparentes; ela estava praticamente nua comparada ao restante das mulheres com camadas de roupas de baixo, espartilhos e meias-calças. Uzra tilintava suavemente enquanto caminhava, olhos baixos, ciente dos olhares de desejo e malícia, como um animal num desfile. As mulheres colocavam as mãos sobre a boca aberta, em choque, e, com os homens, o ar tornava-se espesso com o cheiro de desejo, as casacas ajeitadas com pressa, cobrindo a ereção deselegante. Mais tarde, Adair ria sobre as propostas que havia recebido, homens oferecendo imensas quantidades de dinheiro por uma hora com sua odalisca. Se ele deixasse, eles lhe

dariam a alma, Adair dizia quando já tínhamos voltado para casa depois da festa e nos sentávamos em volta da mesa da cozinha, perto do fogo ainda quente, compartilhando uma garrafa.

— Você poderia fazer o mesmo — Adair me disse, em particular, enquan-
to subíamos as escadas para nossos quartos, a voz dele suave feito veludo. — O desejo de um homem é algo poderoso. Pode reduzir um homem forte a nada. Quando vê uma mulher que o fascina, ele desiste de tudo por ela. Lembre-se disso, Lanore: de tudo.

— Desistir de tudo por mim? Você é louco! Nenhum homem jamais desistiu de alguma coisa pela minha companhia — eu zombei, pensando na incapacidade de Jonathan para se doar a mim por completo. Mergulhada em autopiedade, não estava sendo justa com ele, eu sei, mas tinha sido ferida pelo meu amante incrédulo e estava doendo.

Adair me olhou, tentando se controlar, e disse algo que nunca esperei ouvir:

— É muito triste ouvir isso de qualquer mulher, mas é especialmente triste ouvi-lo de você. Talvez seja assim porque você nunca pediu nada em troca de sua atenção. Você não sabe o valor que tem, Lanore.

— Valor? Entendo muito bem o meu valor: sou uma garota comum, vinda de uma família pobre.

Ele pegou meu braço e o enfiou debaixo do seu.

— Você está longe de ser comum. Você tem algo que atrai certos homens, um tipo de homem que dá valor a um vigor discreto e não se interessa pela exposição vulgar dos charmes femininos. Muito peito saindo pelo espartilho, anca muito saliente, muito voluptuosa, entende? — Não conseguia acompanhá-lo; em minha experiência, os homens pareciam fascinados exatamente por isso e o fato de eu não ser assim me parecia um detrimento a vida toda.

— Sua descrição do charme feminino "vulgar" me faz lembrar de Uzra, e ela nunca deixa de seduzir um homem que a deseja. Ela e eu somos como água e vinho — eu disse, querendo brincar com Adair.

— Não há só um padrão de beleza, Lanore. Todos adoram a rosa vermelha, mas ainda assim é um tipo comum de beleza. Você é como uma rosa dourada, um botão raro, mas não menos belo — ele disse, tentando ser lisonjeiro, mas eu quase ri alto de sua tentativa. Eu era magra como um garoto e com o peito quase reto. Meu cabelo louro e encaracolado era indisciplinado feito um ninho de pássaro. Só podia imaginar que ele estava me elogiando com algum objetivo, mas suas palavras doces foram, de qualquer forma, atraentes.

— Então, se você confia em mim, deixe-me guiá-la. Eu a ensinarei a ter poder sobre homens comuns. Como Tilde, Alej e Dona — ele disse, acariciando minha mão. Talvez este fosse o objetivo deles; talvez este fosse o trabalho deles. Eles

pareciam conseguir que a maioria das pessoas, principalmente os homens, os que tinham o poder, fizesse a vontade deles, e esta parecia uma habilidade muito boa para se adquirir.

— Não é suficiente ser capaz de conquistar seus inimigos; para controlá-los, deve ser capaz de seduzi-los também.

— Considere-me sua aprendiz — eu disse, deixando Adair me levar até seu quarto.

— Não se arrependerá — ele prometeu.

27

E assim comecei meu aprendizado no negócio da sedução. Começou com noites na cama de Adair. Depois daquela noite, quando Adair abriu meus olhos, ele pareceu determinado a me provar que eu era merecedora da atenção de um homem: ele. Continuamos a ir às festas, onde entretínhamos os bostonianos, mas ele sempre voltava para casa comigo em seus braços. Ele me levava para a cama toda noite. Ele me mimava e me dava tudo o que eu pedia. Mandei fazer lindas roupas de baixo, espartilhos (apesar de quase não precisar deles para segurar meus seios, de tão modestos que eram) e camisolas de seda coloridas, com acabamentos de fitas. Cintas-ligas decoradas com pequenas rosas de seda. Deleites para serem descobertos por Adair enquanto ele tirava minha roupa. Eu devotei-me a me transformar em sua rosa dourada.

Estaria mentindo se dissesse que não pensei em Jonathan nessa época. Ele foi meu primeiro amante, afinal de contas. Mesmo assim, tentei matar o amor que sentia por ele lembrando-me dos maus momentos entre nós: das vezes em que ele me machucou profundamente; sempre que ouvia que ele havia se engraçado com uma nova garota; ao lado dele na colina enquanto olhávamos para o túmulo de Sophia, lá embaixo, sabendo que ele estava pensando nela; beijando Evangeline em frente de toda a congregação poucos momentos depois de lhe dar a notícia de minha gravidez. Tentei ver

meu amor por Jonathan como uma doença, uma febre queimando em meu coração e em meu cérebro, e essas lembranças avassaladoras eram o purgativo, a cura.

E as atenções de meu novo amante seriam meu tônico restaurador. Comparando minhas experiências com os dois homens, parecia que o ato com Jonathan me preenchia com uma felicidade tamanha que sentia que morreria. Nessas vezes, mal tinha consciência de meu corpo; poderia ter flutuado até o teto nos braços dele. Era sublime. Com Adair, era tudo sensação, uma necessidade da carne e do poder de ter essa fome satisfeita. Na época, eu não tinha medo dessa fome inédita que ele criara em mim. Sentia prazer nisso e Adair, em vez de me julgar indulgente e vulgar, parecia satisfeito de ter feito isso aflorar em mim. Ele confirmou isso uma noite na cama, acendendo o narguilé após uma sessão acrobática.

— Acho que você tem uma disposição natural para os negócios do prazer — ele disse, sorrindo obsceno. — Ouso dizer que você *gosta* de suas aventuras na alcova. Fez tudo o que lhe pedi, não fez? Nada que fiz lhe assustou? — Quando sacudi a cabeça, ele continuou: — Então, chegou a hora de expandir suas experiências, pois a arte do amor é assim: quanto mais amantes se tem, mais especialista se torna. Entende? — Recebi sua afirmação franzindo o cenho, sentindo que não tinha entendido alguma coisa. Ele já estava cansado de mim? O vínculo que criamos fora só uma ilusão? — Não fique zangada! — ele disse, colocando a fumaça narcótica de sua boca na minha com um beijo. — Ficou com ciúme? Deve

lutar contra esses sentimentos, Lanore. Eles estão abaixo de você, agora. Tem uma vida à sua frente, uma vida cheia de experiências, se não tiver medo.

Ele não estava inclinado a explicar mais nada naquele momento. Mas descobri o que quis dizer na noite seguinte, quando Dona esgueirou-se para dentro do quarto conosco. E Tilde, na outra noite. Quando eu fiz objeção, protestando que era muito autoconsciente para sentir prazer na frente dos outros, deram-me uma venda para colocar nos olhos. Na manhã seguinte, quando olhei rápida e timidamente para Tilde enquanto passávamos pela escadaria, ainda embasbacada pelo prazer que ela havia me proporcionado na cama, ela murmurou ruidosamente:

— Foi só atuação, sua vagabunda estúpida! — e saiu a passos largos, desfazendo qualquer dúvida sobre ter sido outra coisa além disso. Acho que era ingênua, mas os prazeres da carne eram novos para mim, as sensações, avassaladoras. Logo eu me tornaria indiferente a tudo isso e indiferente a tudo o que provocara em minha alma.



Não muito tempo depois, um evento notável aconteceu, apesar de eu não lhe dar muita importância na época. Tudo começou com uma palestra sobre astronomia e artes da navegação, da qual participamos em Harvard. A ciência

estava um tanto em moda naqueles dias e às vezes as faculdades ofereciam palestras abertas ao público. Eram lugares para as pessoas serem vistas, como em qualquer festa, uma forma de demonstrar que, ainda que fosse uma pessoa da sociedade, tinha inteligência. Assim, Adair fez questão de ir. A palestra daquele dia não me interessava, então, sentei-me ao lado de Adair e emprestei seus binóculos para examinar a plateia. Havia muitos rostos que já tinha visto antes, mas não conseguia me lembrar dos nomes e, no momento em que estava pensando que essa saída havia sido um desperdício de tempo, espiei Tilde conversando com um homem no fundo do auditório. Dava para ver só uma pequena parte de seu rosto e a maior parte do que podia ver eram suas costas, mas podia dizer que tinha um físico maravilhoso.

Passei os binóculos para Adair.

— Parece que Tilde encontrou um novo homem — cochichei e apontei com a cabeça na direção dela.

— Humm, acho que está certa — ele disse, dando uma espiadela pelos binóculos. — Ela é uma caçadora inata, essa Tilde.

Era comum encontrar com outras pessoas da sociedade, após as palestras, numa taberna das proximidades. Naquela tarde, no entanto, Adair não estava com paciência para conversa fiada com café e cerveja, e observava a porta. Pouco tempo depois, Tilde entrou de braços dados com o jovem

que víramos na faculdade. Ele era bem vistoso, com um belo rosto (mais para delicado), um nariz afilado, um sulco no queixo e gloriosos cachos dourados. Parecia ainda mais jovem ao lado da sofisticada Tilde e, apesar de não haver razões para confundi-la com a mãe dele, era difícil não notar a diferença de idade entre os dois.

Eles se juntaram a nós na mesa e Adair passou o tempo enchendo-o de perguntas. Ele era estudante de Harvard? (Sim.) Tinha família em Boston? (Não, tinha vindo da Filadélfia e não tinha família na região.) O que estava estudando? (Tinha paixão por ciências, mas seus pais queriam que continuasse no ramo da família, que era Direito.) Quantos anos ele tinha? (20) Com essa última resposta, Adair franziu o cenho como se não tivesse ficado satisfeito; uma resposta intrigante para uma pergunta tão direta. Então, Adair convidou o jovem para jantar conosco aquela noite, na mansão.

Falarei sem rodeios: o cozinheiro pode até ter servido um lombo de cordeiro, mas era claro e evidente que o jovem de cabelos cor de trigo era o prato principal. Adair continuou a fazer todo tipo de perguntas pessoais (tinha amigos na faculdade? Noiva?) e, quando o jovem começou a ficar constrangido, Alejandro interveio e passou a distrair a todos ao redor da mesa com histórias autodepreciativas e piadas. Mais vinho do que o normal foi servido, principalmente no copo do jovem, e, então, após o jantar, foi oferecido aos homens uma dose de conhaque, e todos nós nos juntamos novamente no salão de jogos. Ao final de uma noite de faraó,

Adair deu a desculpa de que não poderíamos mandar o jovem de volta a seus aposentos da faculdade naquele estado, pois ele seria admoestado por embriaguez se os professores o vissem, e insistiu para ele passar a noite conosco. A essa altura, o jovem estudante quase não conseguia ficar em pé sem ajuda e não estava em condições de recusar o convite.

Adair pediu que um lacaio o acompanhasse escada acima enquanto nós nos juntamos do lado de fora do quarto de Adair, como chacais se limpando antes de dividir a caça da noite. Ao final, Adair decidiu que ele e eu apreciaríamos a companhia do jovem e liberou os outros. Bêbado como estava, ele, corajoso, seguiu as ordens de tirar a roupa e, afoito, seguiu-me até a cama. Aqui está a parte curiosa: enquanto o jovem se despia, Adair o observava de perto, não com prazer (como eu esperava), mas com olho clínico. Foi só então que notamos que o garoto tinha um pé torto; não era terrivelmente deformado e ele tinha uma bota especial que o ajudava a andar sem mancar muito. Mas, ao perceber isso, Adair pareceu visivelmente decepcionado.

Adair sentou-se numa cadeira e observou enquanto o jovem se encaixava em mim. Vi, sobre os ombros do garoto, a decepção no rosto de Adair, um desprezo por nosso convidado, que ele lutava para disfarçar. Ao final, Adair tirou a roupa e se juntou a nós, surpreendendo o jovem com suas atenções, que, todavia, foram aceitas (ele não resistiu a nada, apesar de ter uivado um pouco quando Adair foi mais bruto com ele). E nós três dormimos juntos, nosso convidado

relegado ao pé da cama, sucumbido aos efeitos do álcool e ao resultado comum das efusões amorosas de um homem.

Na manhã seguinte, depois de o jovem ter sido levado embora por uma carruagem, Adair e Tilde estavam discutindo atrás das portas fechadas. Alejandro e eu nos sentamos à sala do desjejum, tomando chá, e os ouvimos, ou tentamos não ouvi-los.

— Sobre o que estão discutindo? — eu perguntei, apontando com a cabeça em direção ao cochicho.

— Adair nos deu ordens permanentes para procurarmos homens atraentes, mas só os mais atraentes. Devemos trazê-los para a apreciação dele. O que posso dizer? Adair gosta de um rosto bonito. Mas ele não é o único interessado em perfeição, vê? E entendo que o homem que Tilde trouxe para Adair era muito menos que perfeito...

— Ele tinha um pé torto. — Não via como isso pudesse fazer a mínima diferença; o rosto dele era maravilhoso.

Alejandro deu de ombros.

— Ah, então é isso! — Ele se ocupou passando manteiga na ponta do pão e não disse mais nada. Eu fiquei misturando o chá e pensando sobre as estranhas obsessões de Adair. O que aconteceu foi que ele fez sexo com o garoto como se fosse uma punição por decepcioná-lo de alguma forma. Incomodou-me pensar naquilo. Inclinei-me sobre a mesa e agarrei a mão de Alejandro.

— Lembra a conversa que tivemos, há algumas semanas, sobre o meu amigo? Meu belo amigo? Me prometa, Alejandro, que nunca contará a Adair sobre ele.

— Acha que eu faria isso com você? — ele disse, ofendido. Sei agora que seu ar ofendido era uma farsa. Ele era muito bom ator, Alejandro. Todos tínhamos que ficar com Adair, mas este era o papel de Alejandro no grupo: ser aquele que dissipava as preocupações e as incertezas, aliviava e acalmava a vítima de forma que ela não percebesse o golpe iminente. Na época, eu achava que ele fosse bom, ao passo que Tilde e Dona eram maus e amargurados, os impostores, mas vejo agora que cada um tinha um papel a desempenhar.

No entanto, na ocasião, acreditei nele.

28

Comecei a ficar mais curiosa com relação a meus companheiros de casa. Agora já os via como um bando que trabalhava junto, cada um com um objetivo, cada um desempenhando um papel com a facilidade adquirida ao fazer um trabalho muitas vezes. Incitar a vítima, distrair a presa, derrubar a caça azarada no chão, quer fosse o jovem de pé torto, quer uma figura fácil na mesa de jogo. Os três eram como cães de caça mantidos sob controle em suas coleiras; Adair só tinha que soltá-los e eles saíam, confiantes, para fazer o que ele ou ela tinham a obrigação de fazer. Eu era o quarto cão de caça, novo no bando e incerta sobre meu papel. E, como instrumentos bem afinados quando estavam juntos, eles relutavam em abrir espaço para eu entrar, certos de que eu os faria tropeçar, diminuindo a graça e a eficiência deles. Funcionava bem para mim: não tinha nenhuma vontade de me juntar a eles.

Esperei uma reação dos outros com relação à ternura de Adair por mim e fiquei surpresa quando não houve nada. Afinal, devo ter tirado um deles do posto de confidente e favorito de Adair. Mas ninguém estava incomodado. Não havia nem uma faísca de ciúme no ar. Na verdade, exceto por Alejandro, eles tinham pouco que ver comigo. Agora, todos os três me ofereciam um largo espaço na cama, mas sem malícia. Eles nos evitavam, a mim e a Adair, exceto quando voltávamos das festas, e, nessas ocasiões havia um ar de

jovialidade forçada pairando sobre nós, como uma nuvem. Quando Tilde e eu nos olhávamos, por exemplo, às vezes notava o sorriso amargo combinado ao cenho franzido, mas o que via não parecia ser ciúme. Os três desapareciam pela casa como fantasmas, assombrados e impotentes.

Uma noite resolvi perguntar sobre isso a Adair. Afinal, era mais fácil que ele me dissesse a verdade do que os outros. Esperei até que encontrasse uma garrafa de conhaque e duas taças para levar ao quarto, enquanto os lacaios me ajudavam a tirar minha saia e o corpete, e a desmanchar o penteado. Quando Adair colocou a bebida em nossos copos, eu disse:

— Há algo que faz tempo que quero lhe perguntar...

Ele tomou um gole da bebida antes de passar uma taça para mim.

— Já esperava por isso. Você tem andado meio distraída ultimamente.

— São... são os outros — comecei, sem saber direito como continuar.

— Não me peça para mandá-los embora. Eu não farei isso. Você pode querer que passemos todo o tempo juntos, mas não posso deixá-los vagando por aí. E, além disso, é importante que fiquemos juntos. Nunca se sabe quando precisará que um de nós venha nos salvar, alguém que

compreenda a obrigação. Um dia você entenderá o que estou falando — ele se apressou em dizer.

— Não quero que os mande embora. É só que fiquei pensando, Adair, qual coração está machucado agora que você passa todo seu tempo comigo? Qual deles sente mais profundamente a perda de sua atenção? Eu os vejo e sinto pena... Por que está rindo de mim? Não era minha intenção fazer graça para você.

Esperava que ele risse de minha pergunta, fizesse brincadeira sobre minha sensibilidade tola e me assegurasse que ninguém tinha ressentimentos contra mim, que os outros já tiveram sua vez como favoritos e sabia que esse nosso prazer não duraria para sempre, que a harmonia da família estava intacta. No entanto, essa não foi a reação de Adair. Sua risada não foi de prazer: foi de desdém.

— A perda de minha atenção? Acha que estão lá em cima, em prantos antes de dormir à noite, agora que já não são mais a menina dos meus olhos? Deixe-me contar um pouco sobre as pessoas com quem você divide seu lar; tem o direito de saber, já que está ligada a eles pela eternidade. É melhor manter a guarda quando eles estiverem por perto, minha querida! Eles não vão se preocupar com seu bem-estar, nunca. Não tem a menor ideia sobre quem eles são, não é?

— Alej me contou um pouco — murmurei, baixando os olhos.

— Aposto que ele não contou nada que tivesse alguma consequência e certamente nada que a fizesse pensar mal dele. O que ele falou sobre si mesmo?

Comecei a me arrepender de ter trazido esse assunto à tona.

— Só que ele vem de uma boa família da Espanha...

— Uma família muito boa. Os Pinheiro. Pode-se até dizer uma nobre família, mas hoje em dia não encontrará mais nenhum Pinheiro em Toledo, na Espanha. Sabe por quê? Já ouviu falar na Inquisição? Alejandro e sua família foram cercados pela Inquisição, pelo próprio inquisidor, Tomás de Torquemada. A mãe, o pai, a avó e a irmãzinha de Alejandro foram jogados na prisão. Deram-lhe duas chances: confessar os pecados e converter-se ao catolicismo, ou permanecer na prisão e morrer ali.

— Por que não se converteram? — gritei. — Para salvar a vida dele, isso teria sido assim tão terrível?

— Mas ele se converteu. — Adair serviu-se de mais conhaque e então ficou em pé, em frente ao fogo, com seu rosto iluminado. — Ele fez o que eles pediram. Teria sido um tolo em recusar, dadas as circunstâncias. A Inquisição se orgulhava de sua capacidade de quebrantar o ânimo de um homem: eles fizeram disso uma ciência. Eles o puseram numa cela tão pequena que precisava se curvar como uma bola para caber lá dentro, e então tinha que ouvir os gritos e as orações de todos os prisioneiros até o nascer do sol. Quem

não enlouqueceria nessa situação? Você não faria qualquer coisa que lhe pedissem para se salvar?

Por um momento, havia só o som do crepitar do fogo e, em meu coração, implorei para que Adair não continuasse. Queria manter aquele Alejandro que conhecera, doce e preocupado com os outros, e continuar ignorando qualquer que fosse o mal que ele guardava. Adair inclinou a cabeça para trás para tomar o último gole da bebida, e olhou novamente para as chamas.

— Ele lhes deu a irmã. Eles queriam alguém para servir de exemplo, alguma pecadora no meio deles. Uma razão para eliminarem os judeus do país. Assim, ele lhes disse que sua irmã era uma bruxa, uma bruxa pecadora. Em troca de sua irmã de 14 anos, os padres o deixaram ir. E foi nessa época que o encontrei, gaguejando palavras sem sentido sobre o que tinha feito, como um louco.

— Isso é horrível! — Arrepiada, puxei o cobertor de pele em volta dos ombros.

— Dona entregou seu mestre às autoridades quando foi preso por ser sodomita. O homem que o havia tirado das ruas, que o alimentara e o vestira, e pintara sua imagem em todos os murais de Florença. Um homem que o adorava, o adorava de verdade, e Dona o entregou sem um segundo de hesitação. Seria tolo de minha parte esperar algo diferente vindo dele.

— E, então, tem a Tilde. Ela é a mais perigosa de todos. Vem de um país muito ao norte, onde, nos dias de inverno, o sol só brilha por algumas horas. Encontrei-me com Tilde numa dessas noites frígidas, na estrada. Ela havia sido molhada e deixada no frio da noite por seu próprio povo. Veja bem, ela tinha dado seu coração a um homem rico do vilarejo vizinho. Havia somente um obstáculo no caminho: ela era casada. E como ela resolveria o problema? Matando seu marido e seus dois filhos. Mas as pessoas do vilarejo descobriram seu plano e a condenaram à morte. Era para ela ter congelado até morrer e, quando eu a encontrei, ela já estava metade congelada. O cabelo estava duro como gelo, seus cílios e sua pele congelados feito cristal. Ela estava morrendo e, ainda assim, conseguiu olhar para mim com uma expressão de puro ódio.

— Chega — choraminguei, enterrando-me completamente debaixo do cobertor de pele. — Não quero saber de mais nada.

— O verdadeiro caráter de um homem está em como se comporta diante da morte. — Havia um tom de escárnio na voz de Adair.

— Isso não é justo. Uma pessoa tem o direito de fazer qualquer coisa para sobreviver.

— Qualquer coisa? — Ele arqueou a sobrancelha e bufou. — De qualquer forma, achei que tinha o direito de saber que é desperdício de tempo e de energia se simpatizar com eles.

Embaixo da beleza e de seus bons modos, são monstros. Há uma razão por que escolhi cada um deles. Cada um deles tem um lugar em meus planos, mas nenhum é capaz de amar alguém, exceto a si mesmos. Eles não pensariam duas vezes em entregá-la caso pudessem ganhar algo em troca. Eles poderiam até ignorar a obrigação para comigo, se acreditassem poder se livrar de tal traição. — Ele deslizou de volta para a cama, acoplando seu corpo no meu, e notei uma estranha necessidade em seu toque. — E é isso que acho atraente em você, Lanore. Você tem uma grande capacidade de amar. Anseia entregar seu coração a alguém e, quando o faz, é com um comprometimento impossível, com uma lealdade inexaurível. Acho que faria qualquer coisa pelo homem que ama. Será um sortudo aquele que um dia ganhar seu coração. Gostaria de pensar que até mesmo eu poderia ser tão sortudo.

Ele acariciou meu cabelo por um tempo antes de pegar no sono, me fazendo pensar em quanto ele sabia sobre Jonathan, o quão precisamente Adair lera meus pensamentos. A conversa toda me deu arrepios; não conseguia ver o propósito de dar vida eterna a pessoas que não mereciam, em viver rodeado, pela eternidade, por covardes e assassinos, especialmente se o que ele buscava era lealdade. Os planos dele, e eu não duvidava que ele os tivesse, me intrigavam.

E a pior parte, a parte que eu não suportava encarar, era a razão de ele ter me escolhido para fazer parte daquela família tão perversa. Deve ter visto algo em mim que me

fazia como os outros; talvez estivesse escrito em minha alma que eu fora egoísta a ponto de fazer outra mulher tirar a própria vida para ter quem amava. E, quanto ao convite para amá-lo, nunca imaginei que alguém como Adair sentisse a necessidade de ser amado ou que eu fosse o tipo de mulher capaz de amar um monstro. Passei a noite nos braços de Adair, arrepiada, enquanto ele dormia profundamente.



E Uzra? Não precisava ser um místico para ver que ela não se enquadrava no padrão dos outros membros da família de Adair. Ela flutuava acima deles. Não que os outros se esquecessem dela, mas nada se falava sobre ela. Não se esperava que ela se juntasse a nós quando nos reuníamos para beber e conversar até tarde da noite depois de voltar de uma festa; ela nunca se sentava à mesa conosco para uma refeição na sala de jantar. Mas podíamos ouvir ruídos dos passos no andar de cima ou nos corredores, como um rato subindo pelas paredes de madeira.

De vez em quando, Adair a chamava até o quarto, onde ela se juntava a nós, lábios cerrados, olhos baixos, rendendo-se, sem participar. No entanto, ela me procurava, depois, quando eu estava sozinha e me deixava pentear seu cabelo ou ler para ela, o que eu assumia ser uma maneira de me dizer que não me responsabilizava pelo que acontecia na cama de Adair ou que, pelo menos, perdoava minha

obediência a ele. Uma vez, sentei-me quieta para que ela pudesse pintar meu rosto à moda de sua tribo nativa, com grossos contornos de *kajal* ao redor de meus olhos e a linha estendida para fora, na direção das têmporas. Ela me envolveu num de seus tecidos longos e esvoaçantes de forma que só meus olhos ficassem visíveis e, devo dizer, fiquei com um visual bem exótico.

Às vezes, ela me lançava uns olhares estranhos, como se estivesse tentando falar com a minha alma, encontrar alguma forma de enviar uma mensagem a mim. Um aviso. Não acreditava precisar de nenhum aviso dela; eu sabia que Adair era um homem perigoso e que arriscava ter um grande estrago em minha alma e em minha sanidade se chegasse muito perto dele. Acreditava saber onde ficava a linha de controle e que seria capaz de parar a tempo. Que estúpido de minha parte!

Ocasionalmente, Uzra vinha ao meu quarto e me abraçava, como se quisesse me confortar. Algumas vezes ela me tirava da cama, insistindo para que eu a acompanhasse até um de seus esconderijos. Agora entendo que ela fez isso para que eu soubesse aonde ir quando viesse o dia em que teria de me esconder de Adair.

Tilde, por outro lado, não me avisou de nada quando, uma tarde, pegou-me pela mão com um suspiro irritado e, ignorando minhas perguntas, segurou-me firme e me levou até um quarto raramente usado. Lá, na mesa perto do fogo, havia um frasco de tinta, algumas agulhas dispostas em

leque e um velho lenço muito manchado. Ela ajeitou-se numa cadeira, colocou os cabelos caídos atrás da orelha e não se importou nem um pouco comigo.

— Tire seu espartilho e arregace as mangas da camisa — ela ordenou, bem objetiva.

— O que está acontecendo? — quis saber.

— Não estou pedindo, sua vagabunda estúpida! — ela disse, tirando a tampa do frasco de tinta e limpando a tinta de seus dedos. — Isso é ordem de Adair. Me dê seu braço.

Rangendo os dentes, fiz o que mandou, sabendo que Tilde adorava me perturbar, e sentei-me, irritada, no banquinho oposto a ela. Ela agarrou meu punho direito e puxou meu braço para ela, girando-o para que a parte de dentro ficasse exposta; então, prendeu meu braço embaixo do dela do jeito que um ferreiro prende o casco de um cavalo entre os joelhos para colocar as ferraduras. Olhei desconfiada enquanto ela selecionava a agulha, mergulhava-a na tinta e, depois, enfiava-a na pele branca delicada da parte de dentro de meu antebraço. Eu pulei, ainda que não sentisse nada mais do que a pressão do contato.

— O que está fazendo?

— Já lhe falei, são ordens de Adair — ela grunhiu. — Estou espetando uma marca na sua pele. Chama-se tatuagem. Pelo jeito você nunca viu uma.

Olhei para os furinhos pretos, três, agora quatro; Tilde trabalhava rápido. Pareciam pintas falsas feitas com maquiagem. Depois de quase uma hora, Tilde completara o contorno de um brasão quase do tamanho de um dólar e começava a desenhar uma figura animalesca e fantástica. Levei um minuto para perceber que estava desenhando um dragão. Foi nessa hora que Adair entrou. Ele meneou a cabeça para assistir Tilde fazer o trabalho; passou o dedão sobre o desenho, agora cheio de tinta preta e sangue vermelho, para ter uma visão melhor.

— Sabe o que é isso? — ele me perguntou, orgulhoso. Balancei minha cabeça. — É o brasão de minha família. Ou melhor, o símbolo de minha linhagem adotiva — ele corrigiu. — É o emblema do selo do qual lhe falei.

— Por que está fazendo isso comigo? O que isso significa? — perguntei.

Ele pegou o lenço e limpou a tatuagem, para melhor admirá-la.

— O que acha que isso significa? Estou marcando você como minha.

— Isso é realmente necessário? — perguntei, tentando soltar meu braço, o que só me rendeu um leve tapa na cara, dado por Tilde. — Suponho que faça isso com todas as suas criaturas. E a sua, Tilde? Posso ver, assim vou saber como vai ficar quando...

— Não tenho uma — ela disse abruptamente, sem tirar os olhos do trabalho.

— Não tem? — Olhei para Adair. — Então, por que eu?

— É algo especial que escolhi dar a você. Significa que é minha para sempre.

Não gostei do ar de posse no olhar dele.

— Há outras formas de demonstrar uma intenção tão especial a uma garota. Um anel, um colar, algum objeto de sua devoção é um método mais tradicional, acredito — eu disse, testando-o. Minha alegria pareceu alegrá-lo.

— Esses são apenas momentos, triviais e passageiros. Pode-se tirar um anel; não conseguirá fazer a mesma coisa com isso.

Olhei para o trabalho manual de Tilde.

— Quer dizer que... minha pele ficará pintada para sempre?

Com isso, ele deu aquele sorriso sarcástico que já conhecia quando estava prestes a fazer algo doloroso. Ele puxou meu braço para longe de Tilde e o prendeu embaixo do seu, respirou fundo, pegou uma das agulhas e enfiou no centro do trabalho manual de Tilde, com cuidado para fincar bem no meio do desenho. Uma dor lancinante percorreu meu

antebraço, as picadas das agulhas de Tilde vindo à tona todas de uma vez só.

— Pela minha mão e intenção — ele disse para o ar, como uma proclamação, e, assim, a ferida doeu como se tivessem esfregado sal na carne aberta. Ele girou meu braço bem forte para poder olhar novamente a tatuagem e eu retorci de dor antes de ele me soltar.

— Lanore, assim você me surpreende! — Adair disse, apesar do exagero para fazer drama. — Achei que fosse gostar de saber que eu a tenho em tão alta estima que quis lhe possuir pela eternidade.

O problema era que ele estava certo: aquilo realmente agradava à minha parte perversa que queria que um homem me desejasse tanto que quisesse queimar seu nome em minha pele. Mas não estava tão iludida a ponto de não ficar alarmada; também pelo fato de ser tratada com um animal.

Semanas se passaram dessa maneira. Eu estava satisfeita com Adair na maioria dos dias: ele era atencioso, bondoso e generoso. Fazíamos amor ardentemente. Mas havia vezes que ele agia com crueldade, sem razão aparente, a não ser por seu próprio prazer. Nessas vezes, Alejandro, Tilde, Dona e eu nos tornávamos bobos da corte tentando agradar um regente vingativo e fazê-lo mudar seu humor terrível ou, pelo menos, tentando escapar de ser o objeto da sua crueldade. Nesses momentos, sentia-me trancada num manicômio,

desesperada para sair, mas sabia que não podia. Os outros ainda estavam com Adair, mesmo após décadas desse tratamento exasperante. Disseram-me que Uzra tentara fugir dele incontáveis vezes. Com certeza, se existisse uma maneira de escapar, eles já o teriam feito.

Além disso, apesar de minha preocupação com Adair, Jonathan começou a voltar para os meus pensamentos. No início era culpa o que eu sentia, pois havia outro homem em minha vida (como se eu tivesse opção!). Ainda assim, por mais logicamente que pensasse sobre o assunto, por mais que me lembrasse vigorosamente de como me tratara mal, como havia sido frio, sentia falta de Jonathan e sentia estar sendo desleal a ele. Não tinha importância que ele estava prometido a outra mulher e que abdicara da posse de meu coração: dormir com um homem amando outro parecia errado.

E eu ainda amava Jonathan. Um exame profundo de meu coração me disse isso. Por mais que estivesse lisonjeada com as atenções de Adair, contente por um homem que já vira o mundo me achar inebriante, em meu coração, sabia que, se Jonathan chegasse à cidade amanhã, eu abandonaria Adair sem nem mesmo dizer adeus. Estava só sobrevivendo. A única esperança que me restava era um dia ver Jonathan novamente.

29

O tempo passava vagaroso, imensurável. Havia quanto tempo estava com Adair: seis semanas, seis meses? Já tinha perdido a conta e estava convencida de que não tinha importância; na minha nova condição, nunca mais teria que contar o tempo de novo. O tempo, em todo seu infinito, estava aberto a mim como o oceano e, como da primeira vez que o vi, muito além de meu alcance.

Numa tarde azul e dourada de verão, ouvi uma batida na porta da frente. Como estava passando por lá e não havia nenhum criado por perto (com certeza estavam se recuperando da bebedeira com o vinho tinto roubado da despensa), eu abri a porta, pensando que seria um vendedor ou alguém para visitar Adair. Em vez disso, em pé nos degraus, bolsa na mão, estava o carismático pastor de olhos esbugalhados de Saco.

Ficou boquiaberto ao me ver e seu rosto perspicaz se iluminou de prazer.

— *Conheço* você, senhorita, não conheço? Reconheço seu lindo rosto, pois um rosto como o seu eu não esqueceria — ele me disse, esgueirando-se para dentro do *hall* sem ser convidado. Ele esbarrou sua capa empoeirada em mim e tirou o chapéu de três pontas da cabeça.

— Também o conheço, senhor — respondi horrorizada, esquivando-me, incapaz de adivinhar o quê no mundo o trouxera até ali.

— Bem, não mantenha em suspense, então. Qual é seu nome e onde nos encontramos? — ele perguntou, ainda sorrindo, tentando esconder os cálculos que fazia em sua cabeça para lembrar onde havíamos nos conhecido e em quais circunstâncias. Então, em vez de lhe responder, perguntei:

— Por que veio aqui? Você conhece Adair? — Minha cautela parecia diverti-lo.

— Claro que eu o conheço, senão, por que apareceria aqui em sua porta? Eu o conheço da mesma forma que *você* o conhece, posso apostar.

Então, era verdade, ele e eu éramos a mesma coisa: duas criaturas de Adair. E finalmente ele se lembrou, seu rosto se iluminou com puro prazer.

— Ah, agora me lembro! Aquele pequeno vilarejo no Maine, não muito longe do assentamento de Acadia! É de lá que conheço você! Sem aquele vestido marrom mal-ajambrado, você está praticamente irreconhecível! Vestida em

seda azul e renda francesa! É uma transformação formidável, dou-lhe minha palavra. Deixou os puritanos para trás sem arrependimentos, não é? São sempre os mais comportados que têm o coração mais selvagem — ele disse, semicerrando os olhos maliciosamente, provavelmente pensando que tínhamos uma boa chance de terminarmos na cama. Tudo o que tinha que fazer era pedir para Adair, e era muito improvável que Adair lhe negasse. Naquele momento, fomos interrompidos pela voz de Adair, vinda do patamar do andar de cima.

— Vejam só quem apareceu na minha porta! Jude, veio dar uma trégua de suas viagens? Entre, entre, já faz muito tempo que não o vejo — ele disse enquanto descia correndo pelas escadas. Depois de abraçar Jude afetuosamente, notou que ele olhava fixamente para mim, em regozijo, e então Adair perguntou: — O que é isso? Vocês já se conhecem?

— Na verdade, já — Jude disse, rodando à minha volta, fazendo um grande espetáculo sobre a minha figura. — Escrevi para você falando sobre uma jovem, um tempo atrás. Você se lembra da carta descrevendo uma beleza provavelmente virgem com um traço selvagem?

Eu me recompus, queixo para cima.

— O que quer dizer com isso?

Mas Adair só gargalhou e tocou meu rosto para amainar minha raiva.

— Tudo bem, minha querida. Acho que o que ele quis dizer é bem simples, e você não estaria aqui ao meu lado se não fosse verdade.

Os olhos do visitante indesejado passaram por mim como as mãos de uma dona de casa provando um pedaço de fruta.

— Bem, posso apostar que ela não é mais uma virgem, ahn? Então você transformou essa mocinha de pavio curto em sua esposa espiritual, não foi? — Jude perguntou a Adair num tom de desdém e se dirigiu a mim. — Deve ser seu destino, minha querida, você ter vindo parar aqui, não acha? E você tem sorte, Adair, por não precisar ter feito a jornada até lá para buscá-la; acredite em mim, não é uma viagem que desejaria a ninguém. Ela também me deu um pouquinho de trabalho quando eu estava lá. Não quis me apresentar o camarada sobre quem lhe escrevi.

Ele estava se referindo a Jonathan. Segurei minha língua.

— Gostaria que você parasse com essa bobagem de "esposa espiritual", pelo menos quando estiver comigo. Não me serve para nada esse lero-lero espiritual — Adair falou ao jogar um braço sobre o ombro de Jude e levá-lo até o salão de visitas, onde o visitante caminhou diretamente até as garrafas de vinho. — Mas de quem você está falando? De que camarada?

O pastor encheu uma taça para si.

— Você não lê minhas cartas? Para que pedir que eu escreva sobre minhas observações se não vai prestar atenção nelas? Estava tudo no meu relatório, sobre o que encontrei naquele vilarejo miserável no fim do mundo, no canto mais ao norte do território. Sua última aquisição aqui — ele fez um sinal com a cabeça enquanto tomou um gole de vinho — me impediu de conhecer um jovem extraordinário. Pelo que pude ver, ela o protegia com muito ciúme. Esse homem é exatamente o que procura, se as histórias que ouvi sobre ele forem verdadeiras.

Minha pele se arrepiou; algo terrível estava prestes a acontecer. Fiquei paralisada de apreensão.

Adair colocou vinho para ele e não o ofereceu para mim.

— Isso é verdade, Lanore? — Eu não sabia como responder e, de qualquer maneira, naquele momento o bom senso havia me abandonado. — Pelo seu silêncio posso dizer que sim. Quando ia me contar sobre ele? — Adair perguntou.

— Seu espião entendeu tudo errado. Esse homem não é digno de sua atenção. — Nunca imaginei dizer palavras como essas sobre Jonathan. — Ele é só um amigo.

— Ah, não é digno de minha atenção! Estamos falando de Jonathan, o homem de quem você falou maravilhas para Alej? Não fique surpresa; claro que Alejandro me contou. Ele sabe que não deve manter segredos. Então, para esclarecermos, esse Jonathan, esse ideal de beleza, é o homem que

ama? Estou decepcionado, Lanore, de saber o quanto você pode ser facilmente levada por um rosto bonito...

— Quem é você para falar! — eu disse enraivecida. — Quando se fala em amor à beleza, quem é que junta criaturas bonitas em volta de si como um colecionador de artes? Se o amor à beleza é sinal de superficialidade, você é muito mais culpado do que eu...

— Ah, não se ofenda tão rápido. Só estou brincando. O simples fato desse tal de Jonathan ser o homem que você acredita amar é razão suficiente para eu querer conhecê-lo, não acha?

Jude levantou as sobrancelhas.

— Se eu não o conhecesse, Adair, diria que está levemente enciumado.

Para que Adair mudasse de ideia, eu implorei:

— Tenha misericórdia de Jonathan! Ele tem uma família que depende dele. Não quero que ele seja trazido para isso. Quanto a amá-lo... você está certo, mas ele já saiu da minha vida. Eu já o amei uma vez, não o amo mais.

Adair inclinou a cabeça e me avaliou.

— Ah, minha querida, você está mentindo. Você já teria desistido dele agora, se fosse o caso. Mas ainda o ama. Posso sentir aqui — ele disse e tocou meu peito acima do coração.

— Quero conhecer esse homem de beleza extraordinária que encantou nossa Lanore.

— Se isso tem a ver com ir para cama com ele, não vai adiantar. Ele não é... como Alejandro ou Dona.

Jude soltou uma gargalhada rude, então cobriu a boca rapidamente e, por um momento, pareceu que Adair, borbulhando de raiva, ia me bater.

— Acha que estou interessado nesse homem só para poder copular com ele? Acha que esse seria o meu único uso para um homem como o seu Jonathan? Não, Lanore, quero conhecê-lo. Quero ver por que ele é tão merecedor de seu amor. Talvez sejamos almas gêmeas, ele e eu. Seria bom ter um novo companheiro, um amigo. Estou cansado de estar rodeado por bajuladores. Vocês não passam de criados, traidores maquiavélicos, arrogantes. Estou cansado de todos vocês. — Adair saiu e bateu o copo vazio sobre o aparador. — Além do que, que reclamações você teria sobre a vida aqui? Seus dias são plenos de prazer e conforto. Já lhe dei tudo o que queria, tratei-a como a uma princesa. Ampliei seus horizontes, não foi? Livrei sua mente das limitações impostas por aqueles ministros e pastores ignorantes, e lhe mostrei segredos que os sábios passam a vida buscando. Dei-lhe todas essas coisas gratuitamente, minha querida, não foi? Francamente, sua ingratidão me ofende.

Mordi minha língua, sabendo que a reação não seria nada boa se eu falasse sobre tudo o que ele me havia feito passar. O que poderia fazer, exceto baixar a cabeça e murmurar...

— Desculpe-me, Adair.

Ele abriu e fechou as mandíbulas, pressionando as articulações dos dedos na mesa, usando o silêncio entre nós para mostrar que sua fúria estava passando.

— Se Jonathan é seu amigo de verdade, imagino que queira compartilhar sua boa sorte com ele.

Aquela devia ser a visão de Adair sobre minha vida com ele, mas apenas demonstrava o tamanho de sua desilusão. A verdade era mais complexa; por mais grata que eu fosse, também tinha medo dele e me sentia uma prisioneira naquela casa. Tinha sido transformada numa prostituta e não queria que Jonathan me visse assim, quanto mais trazê-lo a esse sofrimento comigo.

Quando saía da sala, Adair deu-me um sorriso falso por sobre o ombro.

— Não pense, em nenhum momento sequer, que pode me enganar, Lanore. Você protesta, mas, em seu coração, você também deseja isso.

Não podia deixar que Jonathan tivesse o mesmo destino que o meu; jamais.

— Jude não está exagerando: Jonathan vive longe, muito longe — continuei, ignorando seu ultraje. — Teria que viajar durante três dias de navio e carruagem, e, no final, encontraria nada além de floresta e pasto. Sem festas, sem jogos de azar. Nem mesmo uma taverna para animá-lo.

Adair me estudou por um segundo.

— Muito bem, então. Eu não farei esta viagem, se é tão tediosa assim como diz. Você a fará e o trará para mim. Este é um bom teste para sua lealdade, não acha?

Meu coração partiu.



Durante a estadia na mansão, Jude ia conosco às festas, mas, ao final de uma noite de bebedeira, quando o grupo ia para os quartos, Adair não permitia que ele nos acompanhasse lá dentro, colocando um ombro na porta, com um sorriso falso e um boa-noite festivo.

A estadia de Jude foi curta. Ele passou uma tarde a portas fechadas com Adair no estúdio e, depois, o vi enchendo sua bolsa de moedas; com certeza Adair o estava recompensando por algo.

No dia de sua partida, Jude me procurou enquanto estava costurando na sala do desjejum, aproveitando a luz do sol.

Ele fez uma mesura, como se eu fosse a dona da casa, segurando o chapéu nas mãos.

— Ponto cruz? Estou surpreso em ver que você ainda pegue em agulha e linha, Lanore. Certamente tem criados para fazer as tarefas domésticas — ele disse. — Mas, pensando bem, é uma boa ideia praticar suas habilidades. A vida com Adair não será sempre assim, sabe: a mansão, os criados, as riquezas na ponta dos dedos. Haverá tempos magros quando precisará cuidar de si mesma, se é que minha experiência pode lhe ser útil — ele disse, sorrindo com melancolia.

— Obrigada pelo conselho — eu disse friamente, demonstrando minha intolerância com sua presença. — Está vendo que estou ocupada; tem algum motivo para me procurar?

— Não vou mais abusar de sua boa vontade, senhorita Lanore — ele respondeu quase docilmente. — Irei embora hoje.

— De minha boa vontade? Meus sentimentos não são considerados no que tange à sua presença nessa casa ou não. O desejo de Adair é tudo o que interessa.

O pastor deu uma risada, batendo o chapéu na perna para tirar o pó.

— Lanore, com certeza você sabe que Adair leva em consideração os seus desejos na maioria das coisas. Ele gosta de você; acho que deve ser muito especial para ele. Não me

importo em lhe dizer que nunca o vi agir dessa forma antes... Ousaria dizer que ele nunca esteve tão envolvido com uma mulher. — Tenho que admitir ter ficado lisonjeada com as palavras dele, apesar de manter a cabeça baixa sobre a costura e tentar não demonstrar nada. Jude, então, fixou seu olhar maníaco sobre mim.

— Eu também vim para lhe prevenir. É um jogo perigoso, esse que você está jogando. Há uma razão para o resto de nós mantermos uma distância de Adair, e aprendemos nossa lição da maneira mais difícil. Mas, agora, você mostrou-lhe o amor e isso deu a ele a noção de que ele é merecedor de tal devoção. Alguma vez já pensou que a única coisa que mantém o demônio sob controle é o fato de ele saber o quanto é desprezado? Até mesmo o demônio, às vezes, anseia por simpatia, mas simpatia pelo demônio é o combustível para a chama. Seu amor o fará mais forte, provavelmente de uma maneira que fará você se arrepender.

Seu aviso me surpreendeu e me deixou agitada; não era algo que esperava dele. Mas não disse nada, esperando que ele continuasse.

— Tenho uma pergunta para você e espero que seja honesta comigo. O que uma garota como você vê em Adair? Já olhei dentro de seu coração e vi que é selvagem e aventureiro. Ele lhe apresentou o mundo dos prazeres carnais e você o tomou de uma forma que somente uma criança criada pelos puritanos o faria, para o deleite de Adair, devo dizer. Talvez sua impetuosidade seja apenas tolice, Lanore; já

pensou nisso? Entregue seu lindo corpo a Adair, se isso é o que quer, mas por que daria seu coração para um homem que só vai abusar dele? Ele não é merecedor de sua lealdade, do seu amor. Está sendo irresponsável com seu coração, Lanore. Acho que é inocente demais para se envolver com pessoas do tipo de Adair. Perdoe-me por dizer o que penso, mas é para o seu próprio bem.

Fiquei estupefata com as palavras dele. Quem era ele para me chamar de tola? Estava presa como o restante deles, não estava obrigada a agradar o mestre tirânico para sobreviver. Não, naquele tempo eu me via fazendo o melhor que podia numa situação terrível. Vejo diferente agora, obviamente. Sei que fui impulsiva e incapaz de dizer a verdade a mim mesma. Deveria ter sido grata por Jude arriscar-se tanto para me prevenir dentro da casa do próprio Adair, mas estava muito desconfiada para confiar nele e, em vez disso, tentei enganá-lo, a fim de pensar que eu sabia o que estava fazendo.

— Bem, obrigada pelo aviso, eu acho, mas perdoe-me se eu disser que devo decidir sozinha o que será feito.

— Ah, mas isso não envolve só você, não é? — ele perguntou. — Está prestes a trazer o seu Jonathan para dentro dessa história, o homem por quem você professa um amor tão imenso. O ímpeto com que concordou com a proposta de Adair me faz pensar se, talvez, ele não esteja certo. Você *quer* fazer como Adair lhe mandou, não quer? Você quer que seu

amor seja capturado pela armadilha de Adair, pois isso significa que ele estará preso com *você*.

— Sabe o que eu acho? — eu quase gritei, empurrando a costura do meu colo para ficar em pé. — Não está aqui para me prevenir de nada; está com ciúmes. Você queria ter trazido Jonathan para Adair, mas não conseguiu. Eu terei sucesso onde você falhou... — Apesar de toda a minha veemência, não fazia ideia do que estava falando; eu com certeza teria mais influência do que Jude sobre Adair, mas com que objetivo? Jude sabia, mas eu não. Ele balançou a cabeça e recuou um passo.

— Eu me certifico de que as pessoas que trago até Adair sejam merecedoras da atenção. E eles vão até Adair por livre-arbítrio. Além disso, nunca daria a ele alguém que eu alegasse amar. Nunca.

Deveria ter perguntado a ele o que queria dizer com tudo aquilo, mas, jovem como era, achei melhor enganá-lo do que lhe revelar que eu não sabia o que estava fazendo. E eu não confiava em Jude; ele estava me mostrando um lado completamente diferente de tudo o que estava acontecendo e eu não sabia o que fazer com aquilo. Será que estava tentando me encurralar num momento de deslealdade a Adair, o mestre a quem servira por muito mais tempo do que me conhecia? Talvez esse fosse o papel dele no bando de Adair, ser o infiltrador, o informante.

Forcei um brilho no meu rosto, mas estava tremendo, nervosa. Jude havia me levado ao limite de minha compostura.

— Já ouvi o suficiente. Saia antes que eu vá até Adair e conte sua traição.

Ele recuou, surpreso, mas só por um momento, então deixou os ombros caírem. Fez uma nova mesura, fingindo respeito, enquanto saía da sala.

— Vejo que estava completamente errado sobre você, Lanore. Está muito longe de ser irresponsável com seu coração... Sabe exatamente o que está fazendo, não sabe? Espero que tenha feito as pazes com Deus antes de fazer o que está prestes a fazer.

Tentei acalmar minha respiração e meu coração disparado, e dizer a mim mesma que nenhuma palavra dele era verdade.

— Saia — repeti, dando um passo na direção dele como se pudesse enxotá-lo da casa. — E espero nunca mais vê-lo de novo.

— Ah, suponho que esse não seja o nosso destino. O mundo é um lugar pequeno, ainda mais quando se tem a eternidade, como vai perceber. Quer queira, quer não, nossos caminhos se cruzarão de novo — ele disse enquanto saía da sala.

30

Os preparativos para minha viagem começaram imediatamente, minha passagem estava marcada e eu partiria num navio de carga que sairia de Camden em quatro dias. Dona, absolutamente feliz por me ver partir, ajudou-me a escolher dois baús de viagem reforçados, dentro das dúzias e dúzias que vieram da viagem da Europa. Num deles pusemos minhas melhores roupas e, no outro, presentes para minha família: um rolo de seda da China; um conjunto de gola e punhos feitos com renda da Bélgica, prontos para serem colocados num vestido; um colar de ouro com opalas ligeiramente rosadas. Adair insistiu para que eu levasse atrativos a Jonathan, para mostrar a ele algumas das delícias disponíveis fora da Floresta Great North. Expliquei a ele que meu amigo tinha apenas uma fraqueza, as mulheres, e, assim, Dona revirou as caixas e descobriu um jogo de cartas de baralho pintado com figuras lascivas no lugar do rei, da rainha, do valete de vários naipes, com a rainha de copas sendo decapitada em uma pose especialmente distinta e ousada; um livro de versos pornográficos (Jonathan nunca

tendeu muito à literatura; se algum livro pudesse fazer de Jonathan um leitor, esse certamente seria o tal); uma estátua de jade, que disseram ter sido comprada no Oriente distante, de um trio que participava de uma aventura sexual; e, por último, um rolo de veludo para joias contendo, em vez de pulseiras ou brincos, um jogo de pênis esculpidos em madeira, ébano e marfim. Franzi o cenho para o último presente.

— Não sei se isso faria o gosto dele — eu disse, segurando o de ébano, o maior do trio, para analisar seus detalhes.

— Não para o uso dele — Dona disse, tirando o objeto de mim e o enrolando junto com os outros, no invólucro de veludo. — Você já deixou claras as tendências dele. Isso pode ser usado, por exemplo, para divertir suas mulheres, uma novidade para estimular o apetite delas e as deixar mais animadas. Quer que mostre como são usados? — ele perguntou e então me jogou um olhar de lado, incrédulo com minha falta de sofisticação sexual, pensando que talvez eu não estivesse à altura do trabalho.

Enquanto Dona fuçava os baús, determinado a encontrar a bugiganga que tinha na cabeça, eu me diverti mexendo também nas cômodas, desenrolando pacotes misteriosos, maravilhando-me com o tesouro guardado dentro deles (uma caixa de música adornada com joias no formato de um ovo; um pássaro mecânico de miniatura que batia as asas e cantava uma musiquinha). Algum tempo depois, num baú empoeirado enfiado debaixo das calhas no canto mais ao fundo, encontrei um objeto que me deu frio na barriga. Um

selo pesado, de cor dourada (mas com certeza feito de latão; um objeto daquele tamanho feito de ouro valeria uma fortuna), enrolado em veludo e guardado dentro de uma bolsa de pele de veado. O selo do físico, morto havia muitos anos, de quem Adair havia contado? Teria ficado com ele como lembrança?

— Aqui está! — A voz de Dona me trouxe de volta e eu fechei o baú apressadamente, colocando-o de volta no lugar onde estava. Dona havia embalado os pacotes de Jonathan num quadrado de seda vermelha e amarrado com uma corda dourada. Os presentes de minha família, ele havia embrulhado num pedaço de tecido azul com fitas brancas. — Não confunda estes dois pacotes.

Talvez eu tivesse ficado complacente por causa dessas preparações. Adair estava sendo muito generoso com a quantidade de presentes, com os luxuosos arranjos de viagem. Comecei a pensar se eu não teria uma escolha, se essa não seria minha chance de escapar de seu domínio. Talvez eu não confiasse em mim mesma para considerar essas possibilidades rebeldes na presença de Adair, deitada na cama ao lado dele, mas certamente estaria segura a centenas de milhas longe dele.

Esses pensamentos me confortavam, até me deixavam mais forte. Comecei a ver a viagem como minha chance de fuga; talvez pudesse convencer Jonathan a abandonar a família e deixar suas expectativas com relação a ela para trás, e a fugir comigo.

Foi assim, até a tarde seguinte.

Tilde e eu voltávamos da chapelaria com seu novo chapéu, quando vimos a garota. Ela estava num beco, olhando para o tráfego na rua. Do que podíamos ver dela, era magra e acinzentada, uma ratinha vestida em trapos soltos. Tilde foi até a garota, fazendo-a esconder-se ainda mais para dentro do beco.

Fiquei pensando por que Tilde fora até a garota, para começar, e se eu deveria me juntar a elas, quando começaram a vir em minha direção. Na penumbra da luz da tarde, pude ver o estado deplorável dela: parecia um trapo que fora amassado e jogado fora, a consciência de que era descartável estampada para sempre em seus olhos.

— Esta é Patience — Tilde falou, segurando a mãozinha da menina nas mãos dela. — Ela precisa de um lugar para ficar, então achei que pudéssemos levá-la para casa conosco, dar-lhe um prato de comida e um teto por alguns dias. Você não acha que Adair se importaria, acha? — O sorriso dela era lupino e triunfante, fazendo-me lembrar de como ela e os outros me acharam na rua alguns meses antes. O efeito foi exatamente o que ela pretendia. Vendo a preocupação em meu rosto, Tilde me lançou um olhar duro e de advertência, e eu sabia que não era para falar nada.

Tilde chamou a carruagem e apressou a garota pelos degraus na nossa frente. A pequena sentou-se na ponta do banco, olhando pela janela com olhos arregalados,

observando Boston passar. Será que eu estava assim, tão deplorável, nada além de uma presa para o caçador, praticamente implorando para ser devorada?

— De onde você é, Patience? — eu perguntei.

Ela me olhou com cautela.

— Eu fugi.

— De casa?

Ela assentiu, mas não deu mais explicações.

— Quantos anos você tem?

— Quatorze. — Ela parecia não ter mais do que 12 anos e sabia disso, seus olhos fugiram de meu olhar inquisitivo. Tilde a levou para um dos quartos no andar de cima quando chegamos à mansão.

— Mandarei um criado com água, para você poder se lavar — ela disse, fazendo a garota passar a mão em seu rosto sujo, constrangida. — Vou mandar alguém trazer comida também e procurar algo mais quente para você vestir. Lanore, por que não vem comigo?

Ela foi direto a meu quarto e começou a remexer em minhas roupas, sem pedir permissão.

— Demos todas as coisas pequenas para você, eu acho... Com certeza você tem algo que servirá na garota...

— Não entendo... — cortei a frente de Tilde e fechei a porta do armário. — Por que a trouxe aqui? O que pretende fazer com ela?

Tilde sorriu zombeteira.

— Não se faça de boba, Lanore. Você, mais do que todo mundo, deveria saber...

— Ela ainda é uma criança! Não pode oferecê-la a Adair como se ela fosse um brinquedo. — Até onde eu sabia, Adair nunca molestara uma criança. Achei que não teria estômago para isso. Tilde foi até o baú.

— Ela pode ser novinha, mas não é inocente. Ela me disse que fugiu de um reformatório para onde foi mandada para ter seu bebê. Quatorze anos e com um filho! Honestamente! Estamos fazendo um favor a ela — Tilde falou, enquanto pegava um conjunto de roupas de baixo com rendas de algodão. Eu me joguei na cama.

— Dê-lhe isso e ajude-a a se limpar um pouco. — Tilde jogou a roupa em minha cara. — Vou providenciar alguma coisa para ela comer.

Patience estava em pé, perto da janela, olhando para a rua, quando eu voltei para o quarto. Ela tirou as mechas sujas de cabelo castanho dos seus olhos e olhou cobiçosamente para as roupas em meus braços. Dei as roupas para ela.

— Vamos, coloque isso! — Virei as costas enquanto ela se despia. — Tilde me disse que você veio de um reformatório...

— Sim, senhorita.

— E que você teve um bebê. Diga-me, o que aconteceu com seu filho? — Meu coração batia na garganta; sem dúvida ela não teria fugido e deixado o bebê para trás.

— Eles o tiraram de mim — ela disse, em defesa. — Nunca mais o vi, desde que nasceu.

— Sinto muito.

— Isso está feito e acabado. Gostaria... — Ela parou, talvez pensando melhor sobre compartilhar muita coisa com essas mulheres suspeitas que a tiraram da rua. Sabia como ela se sentia. — A outra mulher me disse que talvez haja um emprego para mim aqui, como ajudante de cozinha, quem sabe?

— Você gostaria?

— Mas ela disse que tenho que conhecer o dono da casa antes, para ver se ele me aprova. — Ela procurou algum sinal de concordância em meu rosto, um sinal de que não estavam lhe pregando uma peça. Tilde estava errada; essa menina ainda era muito inocente. Gostando ou não, eu ouvia as palavras de Jude soarem em meus ouvidos: ela era muito inocente para se envolver com pessoas do tipo de Adair. Não

podia deixar que lhe acontecesse o mesmo que acontecera comigo. Agarrei a mão dela.

— Me acompanhe. Não diga uma palavra, nem faça barulho.

Descemos apressadamente a escadaria de trás, a dos criados, que eu sabia que Tilde nunca usava, e atravessamos a cozinha até a entrada de serviço. Havia um punhado de moedas no canto de tábua de cortar, certamente esperando pelo entregador; peguei o dinheiro e o pressionei dentro da mão de Patience.

— Vá. Leve o dinheiro e fique com a roupa.

Ela olhou para mim como se eu tivesse ficado louca.

— Mas para onde irei? Se eu voltar para o reformatório, eles com certeza vão me castigar, e eu não posso voltar para casa, para minha família...

— Então receba seu castigo ou peça perdão à sua família. Há ainda muito mais maldade, além de tudo o que viu até agora, Patience. Vá! É para seu próprio bem — eu disse enquanto a empurrava para fora. Fechei a porta. Neste momento, a arrumadeira entrou e me olhou, desconfiada. Então eu subi para o abrigo do meu quarto.

Andava com passos apressados. Se eu havia expulsado a garota para sua própria segurança, que desculpa me restava para viver ali? Sabia que o que estava fazendo com Adair era

errado, sabia que esse era um lugar perverso e ainda assim... o medo me manteve no lugar. Assim como o medo tomava conta de mim, seria só uma questão de minutos até Tilde perceber que sua presa fora solta. Então ela e Adair me caçariam como dois leões. Comecei a colocar as roupas numa sacola, já que todos os nervos do meu corpo me diziam para fugir. Fugir ou encarar uma fúria terrível.

Eu estava na rua, dentro da carruagem, e sem pensar, contava o dinheiro em minha bolsa. A carruagem me deixou no escritório de um serviço de carruagem onde comprei uma passagem para a próxima carruagem que sairia de Boston para a cidade de Nova York.

— A carruagem só sairá daqui a uma hora — o vendedor me disse. — Tem uma taberna atravessando a rua onde algumas pessoas costumam esperar até dar o horário da partida — ele comentou, solícito.

Sentei-me com um bule de chá em minha frente, minha sacola a meus pés, minha primeira chance de retomar o fôlego desde que tinha fugido. Mesmo com o medo martelando em meu coração, também me sentia estranhamente otimista; estava indo embora da casa de Adair. Quantas vezes desejei fazer isso, mas a coragem me faltara! Agora havia feito a proeza com pressa e não havia sinais de que fora descoberta. Com certeza ele não me encontraria em uma hora. Boston era uma cidade grande, e logo eu estaria na estrada e não deixaria pistas. Coloquei minhas mãos ao redor da porcelana branca para esquentá-las e me permiti um

suspiro de alívio. Talvez a casa de Adair tivesse sido uma ilusão, um sonho ruim que só parecia realidade quando no meio dele. Talvez ele não tivesse poderes para me machucar aqui fora. Talvez juntar coragem para fugir fosse o único teste. A questão agora era para onde ir e o que fazer da minha vida.

De repente, notei a presença de várias pessoas às minhas costas. Adair, Alejandro, Tilde. Adair agachou-se perto de mim e sussurrou em meu ouvido:

— Venha comigo agora, Lanore, e nem pense em fazer uma cena. Posso lhe garantir que há joias em sua bolsa e, se pedir ajuda, direi às autoridades que você roubou essas preciosidades de minha casa. E os outros serão testemunhas.

A mão dele quase estraçalhou meu cotovelo quando me puxou do assento. Podia sentir sua raiva irradiando feito o calor do fogo. Não consegui olhar para nenhum deles na carruagem a caminho da casa; sentei-me, fechada em mim mesma, minha boca cerrada pelo medo. Mal tínhamos passado pela porta da frente quando ele me alcançou e me estapeou o rosto, me jogando no chão. Alejandro e Tilde passaram apressadamente por trás de mim e saíram do salão, como pássaros alçando voo antes de uma tempestade.

Pela fúria nos olhos de Adair, parecia que ele queria me quebrar em pedaços.

— O que achou que estava fazendo? Para onde estava indo?

As palavras me fugiram, mas, como esperado, ele não queria respostas. Só queria me espancar, repetidamente, até que caísse destroçada a seus pés, olhando para ele com olhos inchados e turvos de sangue. Sua raiva ainda não havia diminuído; isso era visível, já que passava a mão pelas articulações dos dedos e andava de um lado para o outro na minha frente.

— É assim que você retribui minha generosidade, minha confiança? — ele rugia. — Trago você para a minha casa, para a minha família, dou-lhe roupas, segurança... de certa maneira, você é como uma filha para mim. Eu lhe avisei: você é minha, quer goste, quer não. Você nunca, jamais me deixará, não até eu permitir que você vá.

Então ele me levantou e me carregou para a parte dos fundos da casa, a cozinha e a parte dos criados, mas todos eles desapareceram como ratos. Ele me carregou por um conjunto de escadas até o porão abandonado, depois dos barris de vinho, sacos de farinha e mobílias não utilizadas cobertas por lençóis, através de uma passagem estreita, as paredes úmidas pela friagem e, finalmente, por uma porta de mogno, terrivelmente assustadora. A luz na sala era fraca. Dona estava em pé ao lado da porta, com um robe bem apertado na cintura e arqueado, como se estivesse doente. Algo terrível estava prestes a acontecer se Dona, que geralmente se deliciava com os infortúnios alheios, estava com medo. Em sua mão havia uma teia de aranha de tiras de couro, um arreio, mas um arreio de cavalo como eu jamais tinha visto. Adair me derrubou no chão.

— Prepare-a — ele ordenou a Dona, que começou a tirar minhas roupas suadas e ensanguentadas. Atrás dele, Adair começou a tirar a roupa. Uma vez despido, Dona começou a amarrar o arreio em mim. Era um modelo de horrores e começou a torcer meu corpo numa posição anormal, uma posição de vulnerabilidade absoluta. Prendia meus braços atrás das costas e puxava minha cabeça quase ao ponto de quebrar meu pescoço. Dona soltou um gemido enquanto apertava as tiras, mas não as deixou mais soltas. Adair ergueu-se diante de mim, seus modos ameaçadores e sua pretensão muito clara.

— Chegou a hora de lhe ensinar obediência. Esperava, pelo seu bem, que não fosse necessário. Parece que seu destino é ser diferente... — Ele parou, se controlando. — Todos devem ser punidos uma vez, assim *sabem* o que acontecerá se tentarem de novo. Eu lhe disse que nunca me deixaria e, mesmo assim, você tentou fugir. Você nunca tentará fugir de novo. — Adair enrolou os dedos em meu cabelo e aproximou seu rosto do meu. — E lembre-se disso quando estiver de volta a seu vilarejo, com sua família e seu Jonathan: não existe nenhum lugar onde eu não possa encontrá-la. Você nunca escapará de mim.

— A garota... — eu tentei dizer, com os lábios cerrados com sangue seco.

— Isso não tem nada a ver com a garota, Lanore! Você deveria aprender a aceitar o que acontece em minha casa; você *aceitará* e também fará parte de tudo. Isso tem a ver

com não virar as costas para mim, não me rejeitar. Eu não permitirei isso. Especialmente vindo de você, nunca esperei que você... — Ele engoliu o resto, pensando melhor, mas eu sabia o que ele queria dizer, que ele não queria se arrepender por ter entregado uma parte de seu coração a mim.

Não contarei o que aconteceu comigo naquela sala. Permita-me um pouco de privacidade, para lhe poupar dos detalhes de minha humilhação. Deveria ser suficiente saber que foi a experiência mais terrível pela qual já passei na vida. Adair não foi meu único torturador; ele também convocou Dona, ainda que fosse totalmente contra o desejo do italiano. Foi minha pitada do fogo do demônio, sobre a qual Jude me alertara, uma lição de que provocar o amor de um demônio é um grande risco. Esse amor, se é que pode ser chamado assim, nunca é doce. Um dia irá experimentá-lo da maneira que realmente é. É corrosivo. É venenoso. É como ácido derramado dentro da garganta.

Estava quase inconsciente quando eles terminaram. Abri meus olhos numa fenda e vi Adair recolhendo suas roupas do chão. Ele estava coberto de suor e seu cabelo colado ao pescoço, em cachos escuros. Dona também já havia vestido seu robe de volta e rastejava sobre as mãos e os joelhos, pálido e trêmulo, como se fosse passar mal a qualquer momento.

Adair passou a mão pelos cabelos molhados, então virou a cabeça na direção de Dona.

— Leve-a para cima e peça para alguém limpá-la — ele disse, antes de sair da sala.

Eu me encolhia de dor enquanto Dona tirava as tiras de couro. Elas tinham corroído minha pele e me deixado com dezenas de cortes, as feridas se abrindo de novo cada vez que as tiras esbarravam no sangue seco. Ele deixou o medonho instrumento no chão, as tiras fazendo o contorno oco de uma forma humana, e me pegou nos braços, da forma mais cuidadosa que jamais vira Dona fazer, antes ou depois disso.

Ele me levou ao quarto onde havia a banheira de cobre, e Alejandro esperava com baldes de água quente. Então, Alejandro me lavou gentilmente, tirando o sangue e os fluidos, mas eu mal podia aguentar seu toque e não conseguia parar de chorar.

— Estou no inferno, Alejandro. Como posso continuar assim?

Ele pegou minha mão e a cobriu com um pano.

— Você não tem escolha. Se lhe conforta saber, todos nós já passamos por isso, cada um de nós. Não há do que se envergonhar pelo que aconteceu a você, pelo menos não entre nós.

No momento em que ele estava me lavando, minhas feridas se curaram, os pequenos cortes desapareceram, as manchas roxas ficaram amareladas. Ele me secou e me envolveu numa túnica limpa, e nos deitamos juntos na cama,

Alejandro encaixado atrás de mim, sem me deixar sair de perto dele.

— E agora, o que acontece? — perguntei, meus dedos entrelaçados aos dele.

— Nada. Voltará a ser como antes. Deve tentar esquecer o que foi feito com você hoje, mas não a lição. Nunca se esqueça da lição.



A noite anterior à minha partida para Boston foi horrível. Queria ficar sozinha com minhas preocupações, mas Adair insistiu em me levar para a cama. Desnecessário dizer que agora eu tinha muito medo dele, mas ele não se importou com a mudança de meu comportamento. Acho que já conhecia isso de seus outros servos e esperava que um dia, com o tempo, eu superasse o fato.

Adair tinha bebido muito, talvez para se esquecer do que havia feito para me deixar com tanto medo dele, e fumou o narguilé até que nuvens de fumaça narcótica enchessem o quarto. Aquela noite eu fui uma parceira distraída e ausente na cama: só conseguia pensar no que faria com Jonathan. Estava prestes a condená-lo à eternidade com aquele homem insano. Jonathan não tinha feito nada para merecer isso.

Também não tinha pensado no que diria à minha família quando retornasse a St. Andrew. Afinal de contas, tinha desaparecido da vida deles desde minha fuga do porto, um ano antes. Claro que deveriam ter feito perguntas ao convento e ao mestre do navio, e ouviram que eu havia chegado a Boston e desaparecido imediatamente. Talvez ainda tivessem esperanças de que eu estivesse viva e tivesse fugido para ficar com meu bebê. Será que tinham verificado com as autoridades em Boston? Será que pediram para os policiais procurarem por mim até não terem mais esperança e estarem certos de que eu não fora assassinada? Fiquei imaginando se teriam feito um falso funeral para mim em St. Andrew; não, meu pai nunca os deixaria demonstrar tais sentimentos. Em vez disso, minha mãe e minhas irmãs carregariam seu pesar com elas, pedras pesadas costuradas abaixo da pele, perto do coração.

Falando nisso, e Jonathan? O que será que ele pensava que havia acontecido comigo? Talvez que eu estivesse morta, se é que pensava em mim. As lágrimas me encheram os olhos prontamente: claro que ele pensava em mim de vez em quando, a mulher que o amara mais do que a qualquer homem no mundo! Mas tinha que encarar o fato de que todos em St. Andrew me tinham como morta. Os sobreviventes se acostumam com a morte de entes amados; ficam de luto durante semanas ou meses, mas, passado algum tempo, a lembrança é deixada no passado e só é revisitada esporadicamente, como quando tropeçamos em um antigo brinquedo querido, jogado no porão, e o deixamos novamente para trás.

Acordei nas primeiras horas da madrugada, suada e desgrenhada por causa do sono inquieto. O navio zarparia de manhã e eu tinha que chegar às docas antes do nascer do sol. Quando me abaixei para procurar minha roupa de baixo sob os lençóis, fui tomada pela visão de Adair, sua cabeça sobre o travesseiro. Acho que é verdade que até mesmo os demônios parecem anjos quando dormem, quando a quietude e o contentamento tomam conta deles. Seus olhos estavam fechados, seus cílios longos tocando o rosto; seus cabelos esparramados pelos ombros em cachos escuros e lustrosos; e os fios de barba esparsa em seu rosto o faziam parecer um jovenzinho, não um homem capaz de crueldades inumanas.

Minha cabeça doía da droga que fumara a noite toda. Se estava me sentindo assim, imaginei que Adair devia estar próximo do coma. Peguei sua mão e a deixei cair, peso morto. Ele não grunhiu nem se mexeu embaixo das cobertas.

Então, um pensamento perverso me veio à mente. Lembrei-me do pequeno frasco de prata que guardava o elixir da vida, a gota de magia demoníaca que havia me transformado para sempre. "*Pegue*", a voz disse, "*esse frasco é a raiz do poder de Adair. Esta é sua chance de se vingar dele. Roube o poder dele e o leve com você para St. Andrew.*"

Com a poção, eu seria capaz de vincular Jonathan a mim, da mesma forma que eu era vinculada a Adair. O pensamento passou rapidamente pela minha mente, mas

meu estômago arrefeceu. Nunca poderia usá-lo; nunca poderia transformar alguém no que eu sou agora.

"*Pegue o frasco para se vingar de Adair. Isso é toda a mágica que ele possui no mundo. Pense no pânico que tomará conta dele quando perceber que desapareceu!*"

Queria vingança pelo que tinha feito comigo no porão. Não queria ter sido enviada para essa missão, ser forçada a condenar meu amado a uma eternidade com esse monstro. Mais do que tudo, queria me vingar de Adair.

Prefiro pensar que estava possuída por uma força maior do que minha razão, pois saí da cama devagar e com muito cuidado, deixando meus pés descalços caírem silenciosamente no chão. Enquanto vestia uma das túnicas de Adair, fiz uma busca pelo quarto: onde ele esconderia o frasco? Vi somente naquele dia e nunca mais.

Fui até o quarto de vestir. Estaria na bandeja com as agulhas de costura ou na caixa de joias, entre os anéis e os broches? Talvez na ponta de um chinelo raramente usado? Estava de joelhos percorrendo uma fileira de sapatos, quando me dei conta de que Adair nunca guardaria um objeto tão valioso onde seu lacaio pudesse achá-lo e roubá-lo. Ou ele o manteria consigo o tempo todo (e eu já havia visto Adair nu em pelo em muitas ocasiões, sem sinal do frasco) ou o manteria em segredo onde ninguém pensaria em procurá-lo. Onde ninguém ousaria procurá-lo.

Com a vela na mão, saí sorrateira e apressadamente do quarto e percorri a escadaria dos criados até a adega, atravessei os úmidos corredores subterrâneos que cheiravam à água parada, tateando as grossas paredes de pedra. Indo mais devagar conforme me aproximava da sala aonde ninguém ia e de que todos tinham medo, empurrei a porta marcada e pisei sobre o chão de terra batida onde, há pouco tempo, tinha me deitado, sangrando.

Segurando a respiração fui, na ponta dos pés, até o baú solitário do outro lado da sala e levantei a tampa. Lá dentro estava aquele instrumento odioso, o arreio pavoroso, as tiras duras com meu suor, ainda com a forma do meu corpo. Quase deixei a tampa cair quando vi aquilo, mas controlei meu medo quando notei um pequeno embrulho no canto do baú. Enfiei a mão e encontrei um lenço masculino, dobrado como um pequeno travesseiro.

Desfiz um canto do lenço e vi... o frasco. À luz da vela, o frasco prateado brilhava como um ornamento de árvore de Natal, reluzindo com o mesmo brilho levemente escurecido. A luz parecia pulsar de forma agourenta, algum tipo de presságio. Mas já tinha chegado até ali e não desistiria. O frasco era meu. Agarrei-o, pressionei-o contra o coração e saí, furtiva e apressadamente do calabouço.

31

PROVÍNCIA DE QUEBEC, HOJE

Do lado de fora da janela do quarto do motel, o céu ficara negro-azulado, a cor de tinta de uma caneta esferográfica. Haviam deixado as cortinas suspensas quando se jogaram na cama juntos e, agora que a ânsia para descobrir o corpo um do outro terminara, Lanny e Luke estavam deitados lado a lado, olhando as estrelas do norte através da janela. Ele passa os dedos pelo braço nu dela, fascinado pela luminosidade de sua pele, tão perfeita ela é, creme, toda salpicada com sardas douradas. O corpo dela é feito de uma série de curvas suaves e profundas. Ele quer deslizar as mãos por ela, sem parar, como se fazendo isso pudesse arrancar uma parte dela para ele. Ele se pergunta se a mágica que possui a fez mais bela, se evidenciou ainda mais sua aparência natural.

Ele não acredita na sorte de ter ido para a cama com ela; sente-se quase como um velho homem depravado, pois não tocava numa mulher tão firme desde muito antes de se casar. Na verdade, desde seus 20 e poucos anos, mas não se lembra de o sexo ter sido tão bom, talvez porque ele e suas parceiras fossem muito inseguros. Podia imaginar o que sua ex-mulher ou seus amigos diriam se vissem Lanny; eles pensariam que ele estava à beira de uma crise épica de meia-idade,

ajudando uma mulher em situação praticamente ilegal a fugir da polícia em troca de sexo.

Lanny olha para ele com um sorriso em seu rosto lindo, e ele fica imaginando o que ela teria visto nele de interessante. Ele sempre se achou um homem comum: altura média, mais magro do que gordo, porém longe de ter um físico digno de admiração; cabelo desgrenhado e ondulado entre o marrom-areia e o louro. Seus pacientes já tinham sugerido que ele parecia meio *hippie*, como alguns dos mochileiros que vinham para St. Andrew no verão, mas Luke acha que eles tiveram essa impressão porque ele tendia a ser desarrumado quando não havia ninguém perto dele para arrumá-lo. O que uma mulher como ela poderia ver em um homem como ele? Era o que ele se perguntava.

No entanto, antes que ele conhecesse a resposta, ocorre uma distração na janela, uma ondulação de sombras do lado de fora do vidro, que indica movimento no corredor. Luke mal tem tempo de se levantar antes de os golpes do outro lado da porta começarem, e uma voz masculina grossa grita:

— Abram! É a polícia!

Luke segura a respiração, incapaz de pensar, de reagir, de fazer coisa alguma, mas Lanny pula da cama num salto, o lençol enrolado no corpo, e caminha silenciosamente, como um gato. Ela coloca um dedo sobre os lábios, desliza pelo canto até a área da cozinha e, de lá, para dentro do banheiro.

Quando está fora do campo de visão, ele sai da cama, enrola um cobertor em volta da cintura e abre a porta.

Dois policiais preenchem o espaço da porta aberta, acendendo uma lanterna bem na cara de Luke.

— Recebemos uma ligação sobre um homem fazendo sexo com uma menor... pode acender a luz, senhor? — um dos oficiais pergunta, parecendo enfurecido, como se não houvesse nada que ele gostasse mais do que empurrar Luke contra a parede, a coronha da polícia atravessada na garganta dele. Ambos os policiais olharam fixamente para o peito nu de Luke e o cobertor amarrado em volta dos quadris. Luke bate a mão no interruptor mais próximo e acende a luz.

— Onde está a menina que fez o *check-in* do quarto?

— Que menina? — Luke consegue dizer, apesar da garganta seca como areia do deserto. — Deve haver um engano, este é meu quarto.

— Então você fez o *check-in* neste quarto?

Luke concorda.

— Acho que não. O atendente da recepção disse que há só um quarto alugado deste lado do prédio. Para uma menina. Ela disse ao atendente que o quarto era para ela e o pai. — Os policiais bloquearam a porta. — A camareira disse que ouviu o que parecia ser duas pessoas fazendo sexo aqui, e já

que o atendente sabia que estava sendo ocupado por um pai e sua filha...

O pânico toma conta de Luke quando tenta consertar sua mentira.

— Ah, sim, é isso que quero dizer. A garota, nós estamos juntos, por isso disse que este é meu quarto... mas ela não é minha filha. Não sei por que ela teria dito isso a alguém.

— Certo. — Eles não pareciam estar convencidos. — Se importa se entrarmos e dermos uma olhada? Gostaríamos de conversar com ela; ela está aqui?

Luke congela, tentando ouvir; ele não escuta nada, o que o leva a pensar que ela havia escapado. Nos olhos dos policiais, Luke mal consegue ver uma indignação controlada; eles provavelmente não queriam nada além de jogá-lo no chão e dar-lhe uma surra por todas as filhas abusadas sexualmente que já viram em sua carreira. Luke está a ponto de soltar uma desculpa quando nota que os policiais estão olhando para alguma coisa atrás dele. Ele se vira, enroscando o cobertor barato em suas pernas.

Lanny está em pé, com o lençol ainda enrolado no corpo nu, bebendo de uma garrafa plástica vermelha surrada, uma expressão de surpresa e falsa vergonha em seus olhos.

— Ah, pensei ter ouvido alguém à porta. Boa noite, policiais. Algo errado?

Os dois policiais a olharam de cima a baixo, da cabeça aos pés, antes de responder.

— Você fez o *check-in* para este quarto, senhorita?

Ela concorda.

— Esse homem é seu pai?

Ela finge estar encabulada.

— Ah, meu Deus, não! Não... Não sei por que disse aquilo para o cara da recepção. Tive medo de ele não querer nos alugar o quarto, eu acho, já que não somos casados. Ele parecia, sei lá, ser meio crítico. Não achei que ele tivesse nada a ver com isso.

— Ah-hã. Precisamos ver algum documento de identificação. — Estão tentando ser imparciais, dissipar a indignação, agora que não há nenhum pervertido para ser trazido à justiça.

— Não têm o direito de nos investigar. Foi consensual o que fizemos — Luke fala enquanto passa o braço ao redor de Lanny, puxando-a para seu lado. Ele quer que a polícia vá embora; quer que essa experiência embaraçosa e exasperante fique para trás.

— Só queremos prova de que vocês não são... você sabe — o policial mais jovem explicou, abaixando a cabeça e fazendo um gesto impaciente com sua lanterna. Não havia

alternativa a não ser deixar os policiais olharem sua carteira de motorista e o passaporte dela, esperando que qualquer relatório da polícia de St. Andrew ainda não tivesse atravessado a fronteira do Canadá.

Logo Luke percebe que ele não precisava se preocupar: os dois policiais estavam tão frustrados e decepcionados que passaram os olhos superficialmente pela identificação, muito provavelmente nem leram os documentos, antes de darem meia-volta e saírem pela porta, pedindo desculpas quase inaudíveis pelo inconveniente. Assim que saíram, Luke desceu as persianas da janela que dão para o corredor.

— Ah, meu Deus! — Lanny diz, antes de cair na cama.

— Precisamos ir embora; preciso levar você até alguma cidade.

— Não posso pedir para correr mais riscos por mim...

— Não posso deixar você aqui, posso? — Ele se veste, enquanto Lanny está no banheiro, a água escorrendo. Luke passa a mão no queixo, sentindo os pelos eriçados, dando-se conta de que já faz 24 horas desde que se barbeou, então resolve ver se o estacionamento está vazio. Ele enrosca um dedo na persiana e dá uma espiada: o carro da polícia está ao lado da SUV. Deixa a persiana voltar ao lugar.

— Droga! Eles ainda estão lá fora!

Lanny olha, mexendo na mala.

— O quê?

— Os dois policias, eles ainda estão lá fora. Verificando a licença da placa do carro, talvez.

— Você acha?

— Talvez estejam vendo se já fomos fichados. — Ele esfrega o lábio inferior, pensando. É provável que não consigam respostas imediatas para placas licenciadas nos Estados Unidos ou carteiras de motoristas; eles provavelmente têm que esperar por uma resposta do sistema, através de unidades de comunicação da polícia. Deve haver uma brecha de tempo antes... Luke agarra Lanny pelo braço.

— Temos que ir, agora.

— Não acha que eles vão nos parar?

— Deixe sua mala, deixe tudo. Apenas ponha uma roupa.

Eles deixam o motel de mãos dadas e começam a caminhar em direção ao veículo, quando a janela do carro de polícia se abaixa.

— Ei — o policial do lado do passageiro gritou —, vocês ainda não podem ir embora.

Luke solta a mão de Lanny para que ela fique para trás enquanto ele se aproxima do carro-patrulha.

— Por que não podemos ir embora? Não fizemos nada de errado. Mostramos nossos documentos. Vocês não têm nenhum motivo para nos deter. Isso já está começando a parecer assédio.

Indecisos, os policias se encresparam; contudo, não gostaram do som da palavra “assédio”.

— Vejam — Luke continua, abrindo as mãos para mostrar que estavam vazias. — Só estamos saindo para jantar. Parece que vamos fugir? Deixamos nossa bagagem no quarto; já pagamos pela noite. Se ainda tiverem perguntas quanto às nossas fichas, podem nos encontrar depois do jantar. Mas, se não vai me prender, acredito que não possa me impedir de sair. — Luke fala calma e razoavelmente, braços abertos, como um homem tentando convencer ladrões a não o roubar. Lanny sobe no assento da frente da SUV, dando um olhar hostil aos policiais. Ele vai logo depois, dá partida no carro e sai do estacionamento vagarosamente, olhando uma última vez para ter certeza de que o carro-patrulha não está atrás deles.

Quando já estão bem distantes na estrada, Lanny puxa o laptop de dentro de sua jaqueta.

— Não podia deixar isso para trás. Tem muita informação incriminatória que liga Jonathan a mim, coisas que poderiam ser usadas como provas, se quisessem — ela explica, já que se sente culpada por se arriscar para salvá-lo. Um segundo depois, ela tira o saco de maconha de dentro do bolso,

como se estivesse tirando um coelho de dentro da cartola de um mágico. O coração de Luke trila em sua garganta.

— A erva também?

— Pensei que depois que percebessem que não vamos voltar, fariam uma busca de verdade no quarto. Isso lhes daria um motivo para nos prender... — Ela enfia o saco de volta no bolso da jaqueta. — Acha que estamos seguros?

Ele olha o espelho retrovisor de novo.

— Sei lá... agora eles têm o número da placa. Se eles se lembrarem dos nomes, do *meu* nome... — Eles terão que abandonar a SUV e Luke sente-se mal por ter emprestado o carro de Peter. Tem que tirar isso da cabeça. — Não quero pensar nisso agora. Conte-me mais da sua história.

Parte três

32

A autoestrada até Quebec tem mão dupla nas duas direções e é tão escura quanto uma pista de decolagem abandonada. As árvores desfolhadas e a paisagem sem graça lembravam a Luke Marquette, a cidadezinha ao norte, na ponta solitária do Michigan, onde sua ex-esposa morava. Luke a visitara uma vez para ver suas filhas, logo após Tricia ter ido morar lá com seu namorado, que conhecia desde a infância. Tricia e as duas filhas de Luke agora viviam na casa do namorado dela, numa fazenda de cerejas, e o filho e a filha dele também os visitam duas noites por semana.

Durante sua estadia, Luke achou que Tricia não parecia estar mais feliz com o namorado do que quando estava com ele, ou talvez ela estivesse envergonhada por ser vista por seu ex numa casa em situação precária, com um Camaro de 12 anos na garagem. Não que a casa de Luke em St. Andrew fosse muito melhor.

As meninas, Winona e Jolene, estavam infelizes, mas isso já era esperado; elas tinham acabado de se mudar para a cidade e não conheciam ninguém. O coração de Luke quase partiu ao se sentar com elas na pizzaria onde as tinha levado para o almoço. Elas estavam quietas e eram muito jovens para saber a quem culpar ou com quem ficar zangadas. Ficaram mal-humoradas quando ele tentou puxar conversa, e Luke não suportava a ideia de levá-las de volta para a mãe,

de dizer adeus quando todos eles estavam tão sensíveis e magoados. Também sabia que não havia nada a fazer: o processo pelo qual estavam passando não seria resolvido num fim de semana.

No final, quando estava se despedindo nos degraus de cimento na porta da frente de Tricia, as coisas haviam melhorado entre ele e as filhas. O pânico havia diminuído, elas haviam encontrado chão firme sob seus pezinhos. Elas choraram quando ele lhes deu um abraço de despedida e abanaram as mãozinhas enquanto Luke saía em seu carro alugado, mas ainda lhe cortava o coração ter de deixá-las.

— Tenho duas filhas — Luke desabafou, tomado pela necessidade de dividir uma parte de sua vida com Lanny. Ela olha para ele.

— Aquela era a foto delas, na sua casa? Quantos anos elas têm?

— Cinco e seis. — Ele sente um pequeno orgulho, tudo que lhe restou da paternidade. — Elas vivem com a mãe. E com o cara com quem ela pretende se casar. — Outra pessoa estava cuidando das filhas dele agora. Ela se ajeita para poder ficar de frente para ele.

— Por quanto tempo foram casados?

— Seis anos. Agora estamos divorciados — acrescenta. — Foi um erro nos casarmos, vejo isso agora. Tinha acabado de terminar minha residência em Detroit. A saúde dos meus

pais estava começando a piorar e eu sabia que voltaria a St. Andrew... Acho que não queria voltar sozinho. Não podia imaginar encontrar alguém lá. Conhecia todo mundo, fui criado lá. Acho que vi Tricia como minha última chance.

Lanny dá de ombros, com uma expressão de desconforto marcada no cenho franzido. Desconfortável pelo excesso de honestidade, Luke imagina, se é que ela estava sendo honesta.

— E você? Já se casou alguma vez? — ele a questiona e a pergunta a faz rir.

— Não me escondi do resto do mundo todo esse tempo, se é isso o que você pensa. Não, com o tempo eu caí na realidade; vi que Jonathan nunca se comprometeria comigo. Vi que não tinha essa intenção. — Luke se lembra do homem no necrotério. As mulheres se ofereciam para homens como aquele. Convites e propostas intermináveis, quanta vontade e desejo, quanta tentação! Como podia se esperar que um homem como aquele se comprometesse com uma só mulher? Era natural para Lanny querer que Jonathan fosse fiel, mas como culpar o homem por decepcioná-la?

— Então encontrou outra pessoa e se apaixonou? — Luke tenta esconder a esperança em sua voz. Ela ri de novo.

— Para um homem que se casou no desespero e acabou divorciado, você me parece um romântico incorrigível. Eu disse que me casei, não que estava apaixonada. — Ela se vira e, assim, não olha de frente para ele. — Isso não é

exatamente verdade. Amei todos os meus maridos, só que não da mesma maneira que amei Jonathan.

— *Todos* eles? Quantas vezes já se casou? — De novo, Luke tem a mesma sensação de desconforto que sentiu no Dunratty, olhando para a cama remexida.

— Quatro vezes. Uma garota sente-se sozinha depois de uns cinquenta anos ou mais — ela responde, zombeteira, fazendo piada de si mesma. — Eles eram todos amáveis, cada um a seu modo. Cuidaram de mim; me aceitaram como eu sou, aceitaram somente o que eu podia lhes dar.

Esses vislumbres da vida dela o faziam querer saber mais.

— Quanto da sua vida contou a eles? Você falou com alguém sobre Jonathan?

Lanny movimenta a cabeça para trás e remexe os cabelos, ainda evitando olhar para ele.

— Nunca contei a verdade sobre mim a ninguém, Luke. Você é o primeiro.

Ela está dizendo isso só para me agradar? Luke pensa. Ela é treinada para saber o que as pessoas querem ouvir. É o tipo de habilidade que tem que desenvolver se vai sobreviver por centenas de anos e não pode ser descoberta. Tudo parte da sutil arte de entrelaçar as pessoas em sua vida, prendê-las a você, fazê-las gostar de você, ou até mesmo amar você.

Luke quer ouvir sua história, saber tudo sobre ela, mas será que pode confiar que lhe dirá a verdade, ou ela só o está manipulando até estarem a salvo da polícia? Enquanto Lanny volta a seu estado de silêncio pensativo, Luke dirige, imaginando o que acontecerá quando chegarem a Quebec, se ela desaparecerá e o deixará apenas com sua história.

33

BOSTON, 1819

Havia planejado minha viagem de volta a St. Andrew com o entusiasmo típico de um funeral. Usando um saco de moedas de Adair, marquei minha passagem num navio de carga que zarparia de Boston para Camden, e de Camden em diante viajaria numa carruagem especial, com um cocheiro. O único transporte de ida e volta de St. Andrew havia sido a charrete do fornecedor, que trazia mercadorias frescas para a mercearia dos Watford duas vezes ao ano. Planejei chegar com estilo, exibindo uma carruagem maravilhosa, repleta de almofadas para amaciar seus bancos e com cortinas nas janelas, para mostrar a eles que eu não era a mesma mulher que tinha ido embora.

Era o começo do outono e, enquanto Boston estava apenas fria e úmida, os caminhos em direção ao norte até o condado de Arroostook já tinham neve. Fiquei surpresa por minha nostalgia ao ver a neve de St. Andrew, os sulcos altos e profundos e a paisagem branca intocada, as pontas dentadas dos pinheiros surgindo através de grossas camadas de neve. Quando criança, olhava pela vidraça da janela do chalé de meus pais e assistia ao vento soprar lufadas de neve tão finas quanto poeira, e agradecia por estar dentro do chalé com o fogo e cinco outros corpos para me manter aquecida.

Mas, naquela manhã, eu estava no porto de Boston, esperando para embarcar no navio que me levaria de volta a Camden em circunstâncias completamente diferentes das em que havia partido: dois baús de roupas maravilhosas e presentes, uma bolsa com mais dinheiro do que o vilarejo inteiro vira em cinco anos e acomodações de viagens luxuosas. Saí de St. Andrew como uma jovem desgraçada e sem perspectivas, e voltava como uma dama refinada que encontrara, por acaso, uma fonte secreta de riqueza, da qual me valia. Obviamente eu devia muito a Adair, mas isso não me deixava menos entristecida pelo que estava fazendo.

Durante a viagem pelo mar, eu me escondia na cabine, ainda tomada pela culpa. Numa tentativa de encobrir minhas emoções, sentei-me com uma garrafa de conhaque e, gole após gole, tentei me convencer de que não era uma traidora de meu ex-amante. Eu apresentaria uma oferta a Jonathan em nome de Adair, um presente que alguém só poderia sonhar em ter: a capacidade de viver para sempre. Qualquer homem aceitaria prontamente esse presente e até mesmo pagaria uma fortuna por isso, se lhe fosse oferecido. Jonathan fora escolhido para fazer parte desse mundo secreto, para aprender que a vida como conhecíamos não era tudo que existia. Ele mal poderia reclamar do que eu estava lhe trazendo.

Porém, sabia que este outro nível de existência tinha um preço; só não sabia qual seria, ainda. Não me sentia superior aos mortais, assim como não me sentia uma deusa. No máximo, sentia que tinha deixado a esfera da humanidade e

atravessado para uma esfera de segredos obscenos e arrependimentos, um submundo escuro, um lugar de punições. Mas, com certeza, eu não estava totalmente perdida. Devia haver uma chance de me redimir.

Ao chegar a Camden, aluguei a carruagem e iniciei minha viagem solitária para o norte. Então a ideia de me rebelar contra Adair começou a martelar em minha mente novamente. Afinal, o ambiente à minha volta era tão diferente de Boston que Adair parecia estar muito longe. Negociei comigo mesma: se, depois de chegar a St. Andrew, visse que Jonathan estava vivendo feliz com sua família dominadora e sua esposa criança, teria misericórdia dele. Eu poderia arcar com as consequências: fugiria e faria o próprio caminho no mundo, pois nunca poderia voltar a Boston sem Jonathan. Ironicamente, o próprio Adair me dera as armas para fugir: tinha mais dinheiro do que precisava para um novo começo. Todavia, essas fantasias duravam pouco; eu não conseguia me esquecer dos avisos de Adair para fazer o que havia mandado ou sofreria em suas mãos. Adair nunca me deixaria ir!

Diante desse quadro infeliz, me enchi de coragem e força para entrar em St. Andrew naquela tarde de outubro, para encarar a surpresa de minha família e conhecidos por estar viva e a provável decepção com aquilo que eu havia me tornado.



Cheguei num domingo nublado. Estava com sorte porque a estação não estava sendo tão severa quanto costumava ser, e a neve ao longo da estrada nos permitia passar. As árvores estavam nuas diante de um céu cinzento e as últimas folhas penduradas nos galhos, secas e enroladas, tinham uma cor morta, como morcegos empoleirados.

O culto da igreja havia terminado e as pessoas saíam para o pátio pelas portas largas do salão da congregação. Os paroquianos estavam em pé conversando, apesar do frio e do vento, relutantes como sempre em abrir mão da companhia e voltar para casa. Não havia sinal de meu pai; talvez, com ninguém para acompanhá-lo, resolvera frequentar a missa católica, por ser mais conveniente. No entanto, meus olhos encontraram Jonathan imediatamente e meu coração alegrou-se ao vê-lo. Ele estava do outro lado do pátio, onde os cavalos e as carruagens eram deixados, e subia na charrete de sua família, suas irmãs e irmão esperando em fila pela vez deles. Onde estavam a mãe e o capitão? A ausência deles me deixou inquieta. De braço dado com ele, estava uma jovem, branca de fadiga. Jonathan ajudou-a a subir no assento da frente da charrete. Havia uma trouxa nos braços dela, um bebê. A noiva criança dera a Jonathan aquilo que eu não pude dar. Ao ver o bebê, quase perdi a coragem e disse ao cocheiro para dar meia-volta. Mas, não.

Minha carruagem roubou a cena e tornou-se imediatamente objeto de curiosidade. Ao meu sinal, o cocheiro parou

os cavalos e, com o coração na boca, eu saí da carruagem para o meio da multidão que havia se formado.

Minha recepção foi mais calorosa do que esperava. Eles me reconheceram, apesar de minhas roupas novas, de meu cabelo arrumado e de minha carruagem. Fui rodeada pelas pessoas que sempre suspeitei não se importarem comigo: os Watford, Tinky Talbot, o ferreiro, e sua prole suja de fuligem, Jeremias Jacobs e sua nova esposa, de quem eu me lembrava do rosto, mas não do nome. O pastor Gilbert desceu apressadamente os degraus do salão da congregação, as vestes reviradas pelo vento, enquanto meus ex-vizinhos se juntavam a meu redor.

— Lanore McIlvrae, em carne e osso!

— Olhem só para ela, toda embonecada!

Mãos vinham da multidão para me oferecer um cumprimento, apesar de ter visto, do canto do olho, o estalar das línguas e o balançar das cabeças das pessoas ao redor. Então, a multidão se abriu para o pastor Gilbert, que chegou com o rosto vermelho de cansaço.

— Meu Deus, é você, Lanore? — ele perguntou, mas eu mal o ouvi; fiquei tão preocupada com a aparência dele! Como Gilbert envelhecera! Ele encolhera e sua barriguinha protuberante diminuíra, mas seu rosto velho estava enrugado feito uma maçã esquecida num porão gelado e seus olhos estavam remelentos e vermelhos. Ele agarrou minha mão num misto de afeição e emoção.

— Sua família ficará tão feliz em vê-la! Tínhamos dado você como... — ele enrubesceu, como se fosse deixar escapar a palavra errada: "perdida" — e aqui está você de volta entre nós e obviamente em boa fortuna.

À menção de minha família, a expressão dos espectadores mudou, apesar de ninguém dizer nada. Bom Deus, o que aconteceu com minha família? E por que todos pareciam tão mais velhos? A senhorita Watford tinha tufos cinza nos cabelos, dos quais eu não me lembrava. Os garotos Ostergaard estavam totalmente crescidos e quase explodindo para fora de suas roupas surradas, os punhos saindo das mangas muito curtas de seus casacos.

A multidão se abriu novamente com o tumulto ao fundo e, então, Jonathan entrou no meio do círculo. Ah, ele mudara tanto! Havia perdido os ares de menino, o brilho despreocupado dos olhos escuros, o ar arrogante. Ainda belo, pairava agora um ar de sobriedade sobre ele. Ele me olhou, notando minhas óbvias mudanças e parecendo se entristecer por causa delas. Eu queria rir e jogar meus braços em volta dele para quebrar esse humor sombrio, mas não o fiz. Ele colocou minha mão entre as dele.

— Lanny, não achei que nos veríamos de novo. — Por que todos ficavam dizendo isso? — Pelo jeito, os ares de Boston fizeram bem a você.

— Sim — respondi sem dar mais detalhes, querendo aguçar a curiosidade dele.

Nesse momento, a jovem que segurava a criança atravessou a multidão e tocou no cotovelo de Jonathan. Ele se virou para trás e a trouxe para a frente.

— Lanny, você se lembra de Evangeline McDougal. Nós nos casamos logo depois de você ter ido embora. Como pode ver, demoramos um pouco para ter nosso primeiro filho. — Ele riu nervosamente. — Uma menina! Consegue acreditar que meu primeiro filho seja uma menina? Digo que foi azar, mas vamos acertar da próxima vez, não é? — ele disse para Evangeline, agora com as bochechas coradas.

Racionalmente eu sabia que Jonathan estaria casado e que era possível que tivesse um filho agora. No entanto, ver a esposa e a filha dele foi mais difícil do que imaginava. Meus pulmões diminuíram. Fiquei paralisada, incapaz de murmurar as congratulações. Como tudo podia ter passado tão depressa? Eu tinha ido embora só havia alguns meses.

— Sei que parece muito rápido, a paternidade e tudo mais — Jonatahn disse, olhando para o chapéu em suas mãos —, mas o velho Charles estava determinado a me ver estabelecido antes de morrer. — Minha garganta se apertou.

— Seu pai está morto?

— Ah, sim, me esqueci, você não sabia. Um pouco antes do casamento. Dois anos atrás, eu acho. — Seus olhos estavam sem brilho e calmos. — Ele ficou doente logo depois que você se foi.

Mais de dois anos que eu havia ido embora? Como podia ser? Era surreal, como algo saído de um conto de fadas. Será que tinha sido enfeitiçada e dormira enquanto o resto do mundo continuou sua vida normal? Não tinha palavras. Jonathan apertou minha mão, interrompendo meu transe.

— Não deveríamos atrasá-la para ver sua família. Faça planos para vir à nossa casa jantar. Gostaria de ouvir as aventuras que a impediram de voltar para nós mais cedo.

— Sim, claro! — Minha cabeça estava em outro lugar: se todas essas mudanças aconteceram na família de Jonathan, o que teria acontecido com a minha? Que infortúnios teriam acontecido com eles? E, a julgar pelo que Jonathan dissera, fazia dois anos que eu fora embora da cidade, apesar de isso não fazer sentido. O tempo passava mais rápido aqui ou em Boston, no redemoinho das festas noturnas e no langor dos quartos de Adair?

Pedi ao cocheiro que parasse a carruagem na estrada que subia para a casa de meus pais. O chalé mudara, não havia como negar. Modesto como já era, ele havia ficado ainda mais dilapidado enquanto estive fora. Meu pai o construíra sozinho, assim como os outros colonizadores (a única exceção foi o capitão, que trouxe carpinteiros de Camden para construir sua casa elegante). Meu pai construiu uma casa de madeira de um cômodo para ir aumentando depois. E realmente aumentou: ele fez uma alcova atrás do cômodo principal para dar espaço para Nevin dormir, um sótão para nós,

as meninas, onde, por muitos anos, dormimos as três, lado a lado, como bonecas numa prateleira.

A casa se deteriorara como um cavalo envelhecido. Pedaços de barro haviam caído do meio dos troncos de madeira; o teto precisava de telhas: escombros caíram sobre a varanda estreita e os tijolos da chaminé haviam se soltado. Vi manchas de pele avermelhada entre as árvores acima da casa, o que significava que o gado ainda estava solto nos pastos. Minha família manteve pelo menos parte do rebanho, mas, a julgar pela condição da casa, algo drástico acontecera com seus bens.

Observei a casa. A família tinha voltado da igreja, a charrete estava vazia ao lado do celeiro e eu conseguia ver a velha égua castanha vagando pelo curral, mas não havia movimento na casa, só uma fraca nuvem de fumaça saindo pela chaminé. Um fogo fraco para um dia tão frio. Dei uma olhada na pilha de lenha. Abandonada. A lenha mal alcançava três fileiras de altura, com o inverno chegando.

Finalmente, pedi ao cocheiro para parar em frente da casa. Esperei por um sinal de movimento, mas, como não vi nada, enchi-me de coragem e me aproximei da porta.

Foi Maeve quem atendeu a porta. Boquiaberta, ela me olhou da cabeça aos pés antes de começar a gritar e a jogar seus braços em volta de meu pescoço. Atravessamos a porta valsando e entramos na casa, sua voz feliz enchendo meus ouvidos.

— Meu bom Deus, você está viva! Querida Lanore, pensamos que não a veríamos nunca mais! — Maeve limpava as lágrimas de seu rosto com a ponta do avental. — Quando não tivemos notícias suas... as freiras escreveram para Mama e Papa, e disseram a eles que era muito provável que você tivesse se perdido — Maeve piscou.

— Perdido? — perguntei.

— Morta. Assassinada. — Maeve me olhou astutamente. — Dizem que acontece o tempo todo em Boston. Os recém-chegados à cidade são sequestrados por bandidos, que depois os matam. — Ela olhou para mim, fascinada. — Se você não morreu, irmã, então, o que aconteceu? Por onde andou? Já se passaram quase três anos.

Quase três anos! Mais uma vez, a passagem do tempo me surpreendia. Fora do tempo na companhia de Adair, o restante do mundo era como um trem cumprindo seu percurso no horário marcado, sem parar para me esperar.

Escapei de dar uma explicação no momento em que minha mãe apareceu pelo alçapão do porão, o avental repuxado para segurar algumas batatas. Ela derrubou tudo quando me viu, ficou branca como um lençol.

— Não pode ser!

Meu coração se apertou até quase parar.

— Sim, mãe, é sua filha.

— Ressurgida dos mortos!

— Não sou um fantasma — eu disse, com a mandíbula travada, tentando segurar as lágrimas e, quando a abracei, senti a relutância de seus músculos cansados se dissipando. Ela me abraçou de volta com toda a força que lhe restava, que estava consideravelmente menor do que eu me lembrava.

Quando nos falamos, ela também limpou as lágrimas dos olhos. Olhou por sobre o ombro para minha irmã e fez um sinal com a cabeça.

— Vá buscar Nevin!

Meu estômago revirou.

— Precisa mesmo, tão rápido?

Minha mãe assentiu novamente.

— Sim, precisamos. Ele é o homem da casa agora. Sinto dizer que seu pai morreu, Lanore.

Não se pode prever como irá reagir a notícias desse tipo. Por mais que estivesse zangada com meu pai, e por mais que suspeitasse que algo terrível tivesse acontecido, a notícia de minha mãe me tirou o fôlego. Caí numa cadeira. Minha mãe e minhas irmãs me rodearam, mãos dadas comigo.

— Foi há um ano — minha mãe disse, de forma sóbria. — Um dos touros; um coice na cabeça. Foi muito rápido, ele não sofreu.

Mas eles haviam sofrido todos os dias a partir de então: era evidente em seus rostos ásperos, na pobreza do vestuário e na falta de cuidados da casa. Minha mãe notou meus olhos observando tudo discretamente.

— Tem sido muito difícil para Nevin. Ele assumiu a responsabilidade pela fazenda, e você sabe que é muito trabalho para um homem só. — A fala suave de minha mãe tinha se endurecido, era sua maneira de lidar com essa situação cruel.

— Por que não contratam alguém para ajudar, um garoto de uma das outras fazendas? Ou arrendam a propriedade? Com certeza alguém na cidade tem interesse em expandir — eu disse.

— Seu irmão não quer nem ouvir falar nisso, então, tome cuidado para não dizer isso a ele. Você sabe como ele é orgulhoso — ela falou, virando a cabeça para que eu não visse sua expressão amargurada. O orgulho dele havia se transformado na desgraça delas. Precisava mudar de assunto.

— Onde está Glynnis?

Maeve enrubesceu.

— Ela trabalha no Watford's agora. Hoje ela está estocando as prateleiras.

— No sábado? — ergui as sobrancelhas.

— Tentando pagar nossas dívidas, para falar a verdade — minha mãe disse, a confissão dela terminando num suspiro de irritação enquanto mexia nas batatas.

O dinheiro de Adair pesava em minha bolsa. Não havia dúvida de que eu daria aquele dinheiro a eles e lidaria com as consequências mais tarde.

A porta se abriu e Nevin entrou na casa mal iluminada, a silhueta escura de uma figura robusta contra o céu encoberto. Levou alguns minutos para meus olhos se ajustarem e verem Nevin. Ele perdera peso e havia ficado mais forte e musculoso; cortara o cabelo tão rente à cabeça que era preferível ter raspado, e seu rosto estava sujo e cheio de cicatrizes, assim como suas mãos. Ele tinha nos olhos o mesmo escárnio do dia em que fui embora, alimentado pela pena de si mesmo e pelo que acontecera a eles desde então.

Ele fez um som na parte de trás da garganta quando me viu e passou de cabeça baixa até o balde com água para se lavar, enfiando as mãos dentro dele.

Eu fiquei em pé.

— Olá, Nevin.

Ele secou as mãos num pedaço de pano, tirando seu casaco surrado; cheirava a gado, poeira e cansaço.

— Gostaria de falar com Lanore em particular — ele disse. Minha mãe e irmã trocaram olhares e então seguiram em direção à porta.

— Não, esperem — eu chamei. — Pode deixar que Nevin e eu iremos para fora. Vocês fiquem onde está quente.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Não, temos coisas que precisam ser feitas antes do jantar. Podem conversar. — Ela empurrou minha irmã, que estava na sua frente.

Na verdade, eu estava com medo de ficar sozinha com Nevin. Seu ódio por mim expressava-se num semblante duro; ele não me deu a menor chance para começar. Era preferível ir embora; sua resistência parecia me dizer que tentava encontrar um caminho para chegar a seu coração ou à sua cabeça.

— Então você está de volta — ele disse, levantando uma sobrancelha. — Mas não para ficar.

— Não. — Não havia motivo para mentir para ele. — Minha casa é em Boston agora.

Ele me olhou com superioridade.

— Por suas roupas elegantes, posso adivinhar o que anda fazendo por lá. Você acha que sua mãe ou eu queremos saber que tipo de coisa vergonhosa se tornou? Por que voltou? — a pergunta que eu temia.

— Para rever todo mundo — respondi em tom de defesa. — Para vocês saberem que eu não estava morta.

— Essas notícias poderiam ter sido colocadas numa carta. Ficamos muito tempo sem receber uma palavra sua.

— Só posso pedir desculpas por isso.

— Você estava presa? É por isso que não podia escrever? — ele perguntou com escárnio.

— Eu não escrevi porque não tinha certeza se a carta seria bem-vinda. — O que eu poderia ter dito? Tinha certeza de que era melhor que eles nunca mais ouvissem falar de mim e isso foi o que Alejandro me aconselhou a fazer. É prepotência, ou fraqueza dos jovens, pensar que pode exorcizar o passado sem que ele nunca o persiga. Ele bufou à minha desculpa.

— Alguma vez pensou no efeito que seu silêncio pudesse ter sobre a mãe e o pai? Quase matou a mãe; e foi a razão de o pai ter morrido.

— A mãe disse que ele foi morto por um touro...

— Foi assim que ele morreu, com certeza. Sua cabeça foi rachada no meio pelo touro, o sangue escorrendo pela lama sem que tivéssemos como fazê-lo parar. Mas alguma vez viu o pai abaixar a guarda perto dos animais? Não. Isso aconteceu porque estava de coração partido. Depois que recebeu a carta das freiras, nunca mais foi o mesmo. Culpava-se por ter mandado você embora... e pensar que ele ainda estaria aqui se você tivesse mandado notícias, avisando que estava viva! — Ele esmagou os ossos da mão na mesa.

— Já falei que sinto muito! Houve circunstâncias que não me permitiram...

— Não quero ouvir suas desculpas. Você disse que não estava na prisão. Você volta parecendo a prostituta mais rica de Boston. Faço ideia de como esses anos foram difíceis para você. Não vou ouvir mais nada — disse e se virou para longe de mim, acariciando as articulações dos dedos que sangravam. — Me esqueci de perguntar: onde está o bebê? Você o deixou para trás com seu alcoviteiro?

Meu rosto estava quente como brasa.

— Ficará feliz em saber que a criança morreu antes de nascer. Um aborto.

— Ah, a vontade de Deus, como dizem! Punição pelos seus pecados, se entregar àquele demônio do St. Andrew. — Nevin estava cego de raiva, satisfeito com minha notícia, feliz por fazer seus próprios julgamentos. — Nunca consegui entender como uma garota inteligente como você pôde ser

cega por aquele patife. Por que não me escutou? Sou um homem, como ele, eu sei como um homem pensa... — Ele parou, irritado. Queria tirar aquela expressão de desgosto do rosto de Nevin, mas não podia. É possível que estivesse certo. Talvez ele *realmente* pudesse ver dentro da mente de Jonathan e a entendesse melhor do que eu, e que durante todos aqueles anos tivesse tentado me proteger da tentação. Meu fracasso significava o fracasso dele.

Ele limpou os dedos da mão novamente.

— Está planejando ficar aqui por quanto tempo?

— Não sei. Algumas semanas.

— A mãe sabe que você não está voltando para ficar? Que você vai nos deixar novamente? — Nevin perguntou, com prazer em sua voz, sabendo que eu magoaria minha mãe mais uma vez.

Balancei a cabeça.

— Não pode ficar muito tempo — ele me avisou — ou ficará presa na neve até a primavera.

Quanto tempo levaria para convencer Jonathan a vir para Boston comigo? Será que conseguiria passar o inverno isolada em St. Andrew? Ficava claustrofóbica só de pensar nos dias longos e escuros do inverno, presa na neve, dentro de um chalé, com meu irmão.

Nevin mergulhou sua mão ensanguentada dentro do balde de água, cuidando do ferimento que ele mesmo provocara enquanto falava comigo.

— Pode ficar conosco durante sua visita. Poderia expulsá-la daqui, mas não quero ser motivo de mexericos para nossos vizinhos. Mas deve se comportar o tempo todo, caso contrário, coloco você para fora.

— Claro.

— E não trará aquele cretino do St. Andrew nem perto daqui. Eu diria que está proibida de vê-lo enquanto estiver sob o meu teto, mas sei que você iria até ele e mentiria para mim.

Ele estava certo, obviamente. Por ora, tinha que fingir estar arrependida.

— Como quiser, meu irmão. Obrigada!

34

Aquela primeira noite em casa foi difícil. Por um lado, não consigo me lembrar de um jantar mais prazeroso. Quando Glynnis voltou para casa de seu trabalho na Watford's, tivemos a oportunidade de nos reunir novamente, o que encheu nosso coração de alegria mais uma vez (exceto por Nevin, que nunca me perdoaria). Enquanto os biscoitos assavam, eu trouxe os presentes de meu baú e os distribuí como se fosse o Papai Noel. Maeve e Glynnis dançavam ao redor da seda chinesa colocada em seus corpetes, planejando os vestidos elegantes que fariam com ela, e minha mãe quase chorou de alegria com o xale. O deleite delas só deixava Nevin ainda mais zangado; graças a Deus não tinha trazido nada para ele (sabendo que ele atearia fogo) ou provavelmente teria me dado um soco na orelha, ou me colocado para fora com um chute no traseiro.

Nós nos sentamos ao redor da mesa depois de acabar de jantar, as velas já queimadas pela metade, minha mãe e meu irmão me contando sobre tudo o que tinha acontecido no

vilarejo desde quando eu fora embora: plantações que não vingaram, doenças, um ou outro recém-chegado. E, claro, mortes, nascimentos e casamentos. Ficaram um bom tempo falando sobre o casamento de Jonathan, esperando que eu quisesse saber sobre tudo, que comida diferente fora servida (sem saber das delícias que eu já havia provado), quais os sócios dos St. Andrew que fizeram a dura viagem para participar do evento.

— Muito triste, o capitão não viveu para vê-la — minha mãe disse.

E o bebê! O jeito que minha mãe e minhas irmãs falaram dele daria para pensar que ele era fruto de um esforço conjunto da cidade. Todos, exceto Nevin, pareciam ter um provinciano interesse na criança.

— Que nome Jonathan deu a ela? — perguntei, molhando a última casca de pão no molho de gordura de bife.

— Ruth, como a mãe dele — Glynnis respondeu, sobrancelhas arqueadas.

— É um bom nome cristão — minha mãe argumentou. — Tenho certeza de que queriam um nome da Bíblia.

Comecei a bater os dedos na mesa.

— Nem Jonathan nem Evangeline, aposto; foi tudo arranjado pela mãe dele. Podem escrever o que estou falando.

— Talvez a ideia de ter um filho assim que possível, talvez isso tenha sido ideia da sra. St. Andrew também. — Maeve segurou a respiração por um momento, olhando para a irmã para buscar apoio, antes de continuar. — Foi um parto muito difícil, Lanore. Quase perderam Evangeline. Ela é tão pequena...

— E jovem...

Todos assentiram.

— Tão jovem... — Maeve respirou fundo. — Ouvi dizer que a parteira disse a ela para não ter mais bebês por enquanto.

— É verdade — Glynnis acrescentou.

— Chega! — Nevin enfiou a ponta de sua faca na mesa, fazendo as mulheres pularem de susto. — Será que um homem não consegue comer seu jantar em paz sem ter que escutar os mexericos sobre o dândi da cidade?

— Nevin... — minha mãe começou, mas ele a cortou.

— Não quero mais ouvir sobre isso. É culpa dele ter casado com aquela garota. É escandaloso, mas não esperava nada melhor dele — Nevin resmungou. Por um breve momento, quase acreditei que ele tinha esbravejado com minhas irmãs para me poupar de mais conversa sobre bebês. Ele se afastou da mesa e foi em direção à cadeira ao lado do fogo, o lugar onde nosso pai costumava se sentar após o jantar.

Vê-lo naquela cadeira, com o cachimbo de meu pai, me causou estranheza.

A julgar pela posição da Lua no céu, era quase meia-noite quando eu, insone, desci do sótão. Os restos do fogo decoravam as paredes com um brilho dançante e tremeluzente. Agitada, não conseguia ficar trancada no chalé. Precisava de companhia. Geralmente, àquela hora da noite, eu estaria me preparando para uma noite na cama de Adair e percebi, sentada no banco, que estava ansiosa, ou melhor, ávida por conforto físico. Vesti-me e escapei, tão quieta quanto pude. Meu cocheiro estava dormindo no celeiro, aquecido por uma montanha de cobertores e o calor de uma dúzia de vacas colocadas sob o mesmo teto que ele. Eu não queria colocar a sela na égua castanha da família, tirar a pobre coitada de seu merecido descanso; assim, saí a pé na única direção que me veio à cabeça: a cidade. Para qualquer outra pessoa, mesmo num trecho curto como esse, caminhar a pé essa distância seria suicídio. A temperatura estava abaixo de zero e o vento, cortante, mas eu não era suscetível ao tempo e podia caminhar num ritmo acelerado sem me cansar. Cheguei às casas na beirada da cidade num piscar de olhos.

Onde poderia ir? St. Andrew estava longe de ser uma cidade grande. Poucas luzes eram visíveis pelas janelas das casas. A cidade dormia, mas a taberna de Daniel Daughtery ainda estava aberta, a luz brilhando através da única janela. Eu hesitei ao chegar à porta, imaginando se seria prudente ser vista vagando por aí àquela hora. Poucas mulheres entravam na Daughtery's e nenhuma delas ia lá sozinha. A

notícia chegaria facilmente aos ouvidos de Nevin e alimentaria sua convicção de que eu era uma prostituta comum. No entanto, a sedução dos corpos quentes do lado de dentro, do burburinho da conversa, da alegria de uma gargalhada ocasional, era forte. Tirei a lama dos sapatos e entrei.

Havia poucos clientes naquele pequeno espaço: uma dupla de lenhadores, empregados de Jonathan e Tobey Ostergaard, o pai cruel da pobre Sophia, parecendo, ele próprio, um defunto, a pele cinza e seus olhos mortos olhando fixamente para a parede do fundo. Todas as cabeças viraram em minha direção quando entrei, e Daughtery me lançou um especial olhar atravessado.

— Uma bebida — pedi, apesar de ser desnecessário, pois só havia um tipo de bebida no cardápio.

A taberna um dia já havia sido parte da casa dos Daughtery e fora repartida (sob objeção da esposa) para acomodar o balcão do bar, uma pequena mesa e vários bancos construídos com sobras de madeira, com pernas de alturas diferentes. Nos meses mais quentes, havia jogos de azar e, às vezes, brigas de galo no celeiro, que era separado da casa principal por uma trilha enlameada. A maioria dos fregueses não ficava, mas levava um barril de cerveja para tomar em casa com as refeições, já que fazer cerveja era um negócio trabalhoso e Daughtery, todos concordavam, era o melhor cervejeiro da cidade.

— Ouvi dizer que você tinha voltado — Daughtery comentou, enquanto pegava minha moeda. — Pelo que parece, Boston lhe fez bem. — Ele fez um comentário bem direto sobre minha roupa. — O que uma criatura do campo feito você faz para comprar roupas tão elegantes quanto estas?

Como meu irmão, Daughtery deve ter adivinhado, eles *todos* devem ter adivinhado, o que tinha acontecido para eu me tornar uma mulher tão rica. Daughtery foi o primeiro a me acusar abertamente, querendo se exibir para os clientes. Ainda assim, o que podia responder nessas circunstâncias? Lancei-lhe um sorriso indecifrável sobre a borda da caneca.

— Fiz o que incontáveis outros fizeram para melhorar a vida: associei-me a pessoas de posse, Sr. Daughtery.

Um dos lenhadores foi embora assim que cheguei, mas outro veio me chamar para dividir a mesa com ele. Ele ouviu Daughtery falar de Boston e estava ansioso para conversar com alguém que estivera lá recentemente. Era jovem, talvez 20 anos, de temperamento meigo e aparência limpa, diferente da maioria dos trabalhadores contratados de St. Andrew. Viera ao Maine para trabalhar. Ganhava bem, mas o isolamento o estava matando; sentia falta da cidade, ele disse, e das opções de diversão. Seus olhos se encheram de lágrimas quando eu descrevi o jardim público num sábado ensolarado e a superfície negra e brilhante do rio Charles sob a lua cheia.

— Gostaria de ir embora daqui antes da neve — ele comentou, olhando para dentro de sua caneca. — Mas ouvi dizer que o St. Andrew precisa de trabalhadores durante o inverno e pagará bem. Quem já ficou no turno do inverno diz que é terrivelmente solitário.

— Acho que é uma questão de perspectiva.

Daughtery bateu uma caneca em cima do balcão, nos assustando.

— Terminem. Hora de ir para as respectivas camas.

Ficamos do lado de fora da porta trancada do Daughtery's, encostados um no outro para nos proteger do vento. O estranho encostou sua boca perto da minha orelha, de modo que o calor de suas palavras fez a penugem de minha face se arrepiar, como flores se voltando na direção do sol. Ele me contou que fazia muito tempo que não tinha uma companhia feminina. Confessou ter pouco dinheiro, mas perguntou se eu gostaria mesmo assim.

— Espero não estar sendo presunçoso sobre sua profissão — disse ele, com um sorriso nervoso. — Mas quando entrou sozinha no Daughtery's... — Eu não tinha o que dizer: ele estava certo.

Entramos furtivamente no celeiro do Daughtery's, e os animais, de tão acostumados aos visitantes noturnos do bar, nem fizeram alarde. O jovem lenhador ajeitou a roupa, desabotoando a parte de baixo das calças e colocando seu

membro em minha mão. O jovem se derreteu diante das minhas manobras, instantaneamente perdido em sua própria nuvem de extremo prazer. Deve ter sido a volta a St. Andrew e o fato de ter visto Jonathan novamente o que deixou meu sangue fervendo de paixão. A mão do lenhador estava sobre minha pele, mas era em Jonathan que eu pensava. Estava sendo incauta, me permitindo pensar em Jonathan, mas, naquela noite, a combinação de pele e memória me deu uma amostra do que poderia acontecer e me deixou ávida por mais. Assim, puxei o jovem para mais perto de mim e coloquei um pé em cima de uma pilha de feno, para que ele pudesse chegar mais fácil às minhas roupas de baixo.

O jovem se enfiou em mim, subindo e descendo, a pele firme e suave, as mãos carinhosas, e tentei fingir que ele era Jonathan, mas não conseguia me concentrar na ilusão. Talvez Adair estivesse certo, talvez houvesse alguma vantagem em transformar Jonathan em um de nós. Um desejo terrível me dizia que eu tinha que tentar ou ficaria insatisfeita pelo resto da vida, ou seja, eternamente.

O lenhador deu um profundo suspiro enquanto gozava, então tirou um lenço e o ofereceu a mim.

— Perdão por minha sinceridade, senhorita — ele murmurou morno, em meu ouvido —, mas esse foi o melhor sexo que já tive na vida. Você dever ser a puta mais talentosa de Boston!

— Cortesã — eu o corrigi gentilmente.

— E eu não vou fingir que posso compensá-la da maneira como deve estar acostumada... — ele disse, enfiando as mãos até o fundo dos bolsos para pegar o dinheiro, mas coloquei a mão em seu braço para impedi-lo.

— Deixe para lá. Fique com o dinheiro. Apenas prometa que não dirá uma só palavra para ninguém — pedi.

— Ah não, madame, não vou... mas vou me lembrar disso pelo resto de minha vida!

— Eu também — eu disse, apesar de este garoto de rosto doce ser apenas mais um numa sucessão de muitos outros ou, talvez, o último, para ser substituído por Jonathan e somente Jonathan, se eu tivesse sorte. Fiquei observando o jovem lenhador sair, trôpego, noite adentro, indo na direção da estrada que levava à propriedade de St. Andrew, antes de fechar bem meu casaco e começar a jornada na direção contrária. A quentura do jovem escorria por dentro de minhas coxas e senti um tremor conhecido em meu peito, a satisfação que sentia toda vez que deixava um homem em estado de servidão sexual. Não via a hora de ter essa experiência com Jonathan e de surpreendê-lo com minhas habilidades recém-adquiridas.

O caminho que peguei me levou até o estabelecimento do ferreiro e, por força do hábito, olhei pela estradinha na direção da casa de Magda. Dava para ver um brilho atrás do xale com o qual ela tapava a janela, então sabia que ela

estava acordada. Engraçado pensar que um dia invejei ter uma casa como a dela; e acho que ainda invejo porque senti certo aperto no coração ao avistá-la, lembrando-me dos tesouros caseiros que tanto me impressionaram quando menina. A mansão de Adair poderia até ser toda ornamentada e cheia de coisas luxuosas, mas uma vez que se atravessava a porta, sua liberdade deixava de existir. Magda era dona de sua própria casa e isso ninguém poderia tirar dela.

Quando parei no caminho que levava até a casa dela, a porta da frente se abriu e, de dentro da casa, saiu um lenhador (ainda bem, pois ficaria mortificada caso fosse um dos meus vizinhos saindo da alcova de Magda). A velha garota veio atrás dele e, por um momento, foram pegos pela luz saindo pela porta. Os dois riam, Magda enrolava uma capa sobre os ombros enquanto apressava seu cliente escada abaixo, com um aceno de despedida. Eu recuei, para poupar ao lenhador da vergonha de ser observado, mas não antes de Magda perceber.

— Quem está aí? — ela gritou. — Não quero ter problemas agora.

Saí da escuridão.

— Nenhum virá de minha parte, mestra Magda.

— Lanore? É você? — Ela esticou o pescoço. Passei correndo pelo lenhador, que descia, e subi os degraus para receber um abraço de Magda. Os braços dela pareciam mais frágeis do que nunca.

— Meu Deus do céu, garota, me disseram que tínhamos perdido você! — ela disse enquanto me puxava para dentro. A sala estava abafada por causa do calor vindo da pequena lareira e da união de dois corpos (o cheiro almiscarado ainda pairava no ar; esses lenhadores não eram muito afeitos a banho e podiam ficar muito malcheirosos), então tirei minha capa. Magda me girou pelos ombros para poder olhar melhor meu vestido elegante.

— Bem, senhorita McIlvrae, pelo que vejo, diria que se saiu muito bem.

— Não posso dizer que tenho orgulho do meu trabalho — eu disse.

Magda olhou para mim em reprovação.

— Quer que eu imagine que você encontrou a sorte do mesmo modo que as jovenzinhas...? — Quando não respondi, ela chacoalhou sua capa com força. — Bem, você sabe qual é minha posição sobre esse assunto. Não chega a ser um crime seguir pelo único caminho que se tem aberto e fazer disso um sucesso. Se Deus não quisesse que ganhássemos a vida sendo prostitutas, ele nos daria outro jeito de nos sustentarmos. Mas ele não deu...

— Não sou exatamente uma prostituta. — Por que senti necessidade de esclarecer minha situação a ela? — Tem um homem que me sustenta...

— Vocês são casados?

Balancei a cabeça.

— Então você é amante dele. — Ela colocou gim dentro de dois pequenos copos, manchados pela idade, e eu contei a ela sobre minha vida em Boston e sobre Adair. Era um alívio poder contar sobre ele para alguém; uma visão adulterada, obviamente, omitindo as partes dele que, se pudesse, mudaria: seus violentos ataques de fúria, os altos e baixos constantes, a companhia masculina na cama de vez em quando. Disse a ela que ele era lindo, rico e apaixonado por mim, e ela balançava a cabeça diante das minhas boas notícias. — Que bom para você, Lanore! Guarde um pouco do dinheiro que ele gasta com você.

À luz da vela, era possível ver o rosto de Magda mais claramente. A passagem dos anos durante minha ausência tinham deixado marcas nela: a pele delicada formava bolsas ao redor da boca e do pescoço, e seu cabelo negro estava quase todo branco. Seus espartilhos, um dia belos, agora estavam acinzentados e surrados. Fosse ela a única prostituta da cidade ou não, não poderia continuar naquele ramo por muito mais tempo. Os lenhadores mais jovens não viriam mais visitá-la e, os mais velhos, que ainda pagariam por seus serviços, eram afeitos a não lhe tratarem bem. Logo ela seria uma velha sem amigos numa cidade onde a vida era dura.

Eu usava um discreto broche de pérola, um presente de Adair. Minha família não entendia nada sobre joias e, assim, eu o usava abertamente na frente deles, mas Magda com certeza sabia que aquilo valia uma pequena fortuna. A

princípio, pensei em dá-lo à minha família, eles tinham mais direito a ele do que uma mulher que era apenas minha amiga, mas resolvi deixar o dinheiro para eles, e não era pouco. Assim, tirei o broche da roupa e o ofereci a ela.

Magda meneou a cabeça.

— Ah, não, Lanore, você não precisava fazer isso. Não preciso de sua caridade.

— Quero que fique com isso...

Ela colocou de lado minha mão esticada.

— Sei o que está pensando. Tenho planos de me aposentar logo. Guardei um bom dinheiro durante esse meu tempo aqui; Charles St. Andrew deveria ter mandado o pagamento de alguns de seus homens diretamente para mim, pelo tempo que eles passaram nessa casa, e poupá-los do trabalho de ter que carregar o dinheiro no bolso por um ou dois dias — ela riu. — Não, prefiro vê-la guardar isso para você. Pode não acreditar em mim agora, já que é jovem e linda, e tem um homem que dá valor à sua companhia, mas, um dia, todas essas coisas acabarão e aí poderá precisar do dinheiro que esse broche lhe trará.

Claro que não podia contar a ela que esse dia nunca chegaria para mim. Forcei um sorriso amarelo enquanto colocava o broche de volta no lugar.

— Não, estou planejando me mudar na primavera. Algum lugar perto da costa — ela continuou. Ela olhou ao redor da sala melancolicamente, como se planejasse ir embora amanhã. — Quem sabe eu não encontro um bom viúvo solitário e me acomodo de novo?

— Não tenho dúvida de que a sorte brilhará para você, Magda, em qualquer coisa que queira fazer, pois você tem um coração generoso — eu disse e me levantei. — Vou deixar você se retirar para a noite, e devo voltar para minha família. Foi bom lhe ver, Magda!

Nós nos abraçamos de novo e ela esfregou a mão carinhosamente em minhas costas.

— Cuide-se, Lanore! Tenha cuidado. E, o que quer que faça, não se apaixone pelo seu companheiro. Nós, mulheres, tomamos as piores decisões quando estamos apaixonadas.

Ela me acompanhou até a porta e se despediu com um aceno de mão. A verdade contida no conselho dela pesava em meu coração e fui em direção à floresta menos alegre do que antes.

No caminho para casa, fiquei ainda mais inquieta e, quando refleti sobre isso, percebi que era porque tinha mentido à Magda sobre Adair. Eu não havia apenas escondido o segredo dele, o *nosso* segredo. Essa parte era compreensível. No entanto, se existia alguém em St. Andrew capaz de perdoar Adair pelas suas peculiaridades, seria Magda e, mesmo assim, escolhi mentir para ela sobre ele e sobre meu

relacionamento com ele. Acima de tudo, uma mulher quer sentir orgulho do homem de sua vida e, obviamente, eu não sentia orgulho dele. Como poderia sentir orgulho do que Adair havia trazido à tona de dentro de mim, sabendo, só de olhar, que eu compartilhava alguns dos seus apetites mais nefastos. Por mais que tivesse medo dele, também tinha que admitir que reagia a ele, que havia aceitado toda a aventura sexual que propusera. Ele trouxe à tona algo que eu não poderia negar, mas de que não sentia orgulho. Talvez eu não tivesse vergonha de Adair; talvez eu tivesse vergonha de mim mesma.

Esses pensamentos assustadores enchiam minha mente enquanto apertava mais a capa por causa do vento e me apressava pelo caminho até o chalé de meus pais. Não conseguia parar de me lembrar de todas as coisas terríveis que eu tinha feito ou como podia deleitar-me tanto diante de prazeres tão sinistros. Não foi à toa que me perguntei se não alcançaria mais a redenção.

35

Quando acordei no dia seguinte, ouvi minha mãe e Maeve cochichando na cozinha, para não me acordar. Para elas, eu devia parecer uma preguiçosa, desperdiçando o horário mais produtivo, dormindo até meio-dia, apesar de ser o mais cedo que já tivesse me levantado havia muito tempo.

— Ei, olha só quem acordou! — minha mãe disse, da lareira, quando me ouviu resmungando no andar de cima.

— Imagino que Nevin disse algumas palavras sobre meus hábitos de sono! — respondi, enquanto descia a escada.

— Fizemos o que conseguimos para dissuadi-lo a não lhe puxar pelos pés — Maeve disse, entregando-me minhas roupas, que ficaram sobre a cadeira perto da lareira para tirar a friagem.

— Claro! Bem, estava inquieta ontem à noite e fui andar pela cidade.

— Lanore! — Minha mãe quase deixou a faca cair. — Ficou louca? Poderia ter congelado até a morte! Sem falar que algo muito pior poderia ter acontecido — ela disse, trocando um olhar com minha irmã, ambas sabendo que eu já não tinha mais nenhuma virtude para preservar, o que tirou o tom de urgência da voz dela.

— Tinha me esquecido do quanto é frio à noite aqui, mais para o norte — menti.

— E aonde você foi?

— Não foi à igreja, posso apostar — Maeve disse, com uma gargalhada.

— Não, não fui à igreja. Fui ao Daughtery's.

— Lanore...

— Um pouco de companhia num momento de solidão, era tudo o que eu queria. Não estou mais acostumada a esse silêncio e a acordar cedo. Minha vida em Boston é muito diferente. Vão ter que me aguentar. — Apertei as amarras de minha saia na altura da cintura antes de me dirigir até minha mãe e beijá-la na testa.

— Você não está em Boston agora, querida — minha mãe murmurou.

— Não fique preocupada — Maeve comentou. — Não que Nevin não seja visto no Daughtery's de vez em quando. Se os homens podem fazer isso, não vejo por que você não pode, pelo menos algumas vezes — nesse momento, ela deu uma olhada para minha mãe, para ver se ela reagiria —, e teremos que nos acostumar com isso.

Quer dizer que Nevin ia ao Daughtery's... Eu teria que ser cuidadosa. Se ele descobrisse meus galanteios noturnos, as coisas se complicariam para mim.

Naquele momento, fomos interrompidos por uma batida na porta. Um dos criados de St. Andrew estendeu um envelope cor de marfim, com meu nome nele. Dentro, havia um recado com a meticulosa escrita cursiva da mãe de Jonathan, convidando minha família para jantar aquela noite. O criado esperou na porta por nossa resposta.

— O que devo dizer a ele? — perguntei, apesar de ser muito fácil adivinhar a resposta. Maeve e minha mãe dançavam como a Cinderela quando soube que ia ao baile.

— E Nevin? Com certeza ele se recusará a ir — eu disse.

— Com certeza; e sem motivo — Maeve respondeu.

— Gostaria que seu irmão tivesse uma cabeça melhor para os negócios — minha mãe murmurou. — Ele poderia aproveitar essa oportunidade para falar com Jonathan sobre comprar mais regularmente de nós. Metade da cidade vive à custa daquela família. Quem mais compraria nosso bife? Eles, com todos aqueles homens para alimentar... — Ela provavelmente pensava nos St. Andrew como avarentos por alimentar seus empregados com carne de cervos caçados na propriedade. Voltei até a porta e me dirigi ao criado.

— Por favor, diga à senhora St. Andrew que estamos honradas em aceitar o convite e que seremos quatro para o jantar.

O jantar daquela noite foi surreal para mim; estar rodeada pelas duas famílias. Nunca acontecera durante todo o tempo em que Jonathan e eu fomos amigos quando crianças, e estaria feliz naquela noite se o jantar tivesse se limitado a nós dois, numa mesa em frente do fogo, no estúdio dele. Mas não seria apropriado, considerando que agora Jonathan tinha mulher e filha.

As irmãs dele já haviam se tornado solteironas com caras de coruja, observando minhas irmãs mais jovens e vigorosas como se fossem macacos soltos pela casa. Pobre Benjamin, lerdo, sentado ao lado da mãe, olhos fixos no prato, lábios cerrados, desejando permanecer quieto. Vez ou outra, a mãe pegava a mão dele e fazia um carinho, o que parecia ter um efeito calmante no pobre garoto.

E, à esquerda de Jonathan, estava Evangeline, parecendo uma criança a quem deram permissão para se sentar à mesa com os adultos. Seus dedos rosados tocavam cada peça dos talheres, como se não estivesse familiarizada com o uso do elegante faqueiro de prata. E, de vez em quando, seu olhar passava rapidamente pelo rosto do marido, como um cão se assegurando da presença do dono.

Vendo Jonathan desse jeito, cercado pela família que sempre dependeria dele, senti pena.

Após a refeição, uma bandeja de carne de veado e uma dúzia de codornas assadas, que resultaram em pratos morbidamente empilhados com costelas de veado e pequenos ossos de pássaros devorados, Jonathan olhou ao redor da mesa, onde havia praticamente apenas mulheres, e me convidou para ir com ele até o antigo estúdio de seu pai, de que agora ele tomara posse. Quando sua mãe abriu a boca para fazer objeção, ele disse:

— Não há nenhum homem aqui para me fazer companhia com o cachimbo, e gostaria de conversar a sós com Lanore, se me permitirem. Tenho certeza de que, de outra forma, ela ficaria muito entediada.

As sobrancelhas de Ruth se levantaram, apesar de as irmãs dele não se ofenderem. Talvez ele estivesse tentando poupá-las da estranheza de minha companhia; tenho certeza de que elas também achavam que eu era uma puta e Jonathan provavelmente me convidara contra a vontade delas.

Depois de fechar as portas, ele nos serviu uísque, preparou dois cachimbos com tabaco e nos acomodamos em cadeiras puxadas para perto do fogo. Primeiro ele quis saber como eu desapareci em Boston. Contei a ele uma versão mais detalhada da que dera à minha família, que eu era empregada de um rico europeu, contratada para trabalhar como sua interlocutora norte-americana. Jonathan ouvia com desconfiança, debatendo-se entre questionar ou somente apreciar a história.

— Deveria pensar em se mudar para Boston. A vida lá é muito mais fácil — eu disse, segurando a chama perto do cachimbo. — Você é um homem de posses; se vivesse na cidade grande, poderia tirar proveito dos prazeres da vida.

Ele chacoalhou a cabeça.

— Não podemos nos mudar; tem a colheita de madeira, é a fonte de renda. Quem administraria as operações de madeira?

— O senhor Sweet, como já o faz agora. Ou outro responsável. É assim que os homens ricos tomam conta das propriedades deles. Não há razão nenhuma para você e sua família sofrerem as mazelas dos terríveis invernos daqui.

Jonathan olhava fixamente para o fogo, tragando seu cachimbo.

— Poderia imaginar que minha mãe estivesse ansiosa para voltar para a família dela, mas nunca sairemos de St. Andrew. Ela não admitiria, mas acostumou-se à sua posição social. Em Boston, seria somente mais uma viúva bem de vida. Ela poderia até sofrer socialmente, por ter passado tanto tempo na floresta. Além disso, Lanny, já pensou no que aconteceria se nós deixássemos a cidade?

— Seus negócios continuariam aqui. Ainda teria que pagar os moradores para fazer o que paga para eles fazerem agora; a única diferença é que você e sua família teriam o tipo de vida que merecem. Haveria médicos para cuidar de

Benjamin; você poderia participar das reuniões sociais aos domingos com seus vizinhos, ir a festas e jogar cartas toda noite, como os que pertencem à elite social da cidade.

Jonathan me lançou um olhar incrédulo, duvidoso o suficiente para me fazer pensar que o que ele havia dito sobre sua mãe poderia servir de desculpa. Talvez fosse ele quem tivesse medo de desistir de St. Andrew, deixar o único lugar que conhecia e tornar-se um peixe pequeno num lago grande e cheio de outros peixes. Eu me inclinei em direção a ele.

— Isso não deveria ser sua recompensa, Jonathan? Você trabalhou com seu pai para construir essa fortuna. Não faz ideia do que lhe espera fora dessas florestas, essas árvores tão espessas quanto as paredes de uma prisão!

Ele pareceu ofendido.

— Até parece que eu nunca saí de St. Andrew! Já estive em Fredericton.

Os St. Andrew tinham sócios em Fredericton como parte do negócio de madeira. Os troncos desciam pelo rio Allagash até o rio St. John e eram processados em Fredericton, cortados em lâminas ou queimados até virar carvão. Charles levara Jonathan numa viagem quando Jonathan ainda era adolescente, mas tinha ouvido falar muito pouco sobre isso. Agora, pensando bem, me pareceu que Jonathan não tinha curiosidade sobre o mundo fora de nossa pequena cidade.

— Fredericton não chega nem aos pés de Boston — retruquei. — Além disso, se você viesse a Boston, teria a oportunidade de conhecer meu patrão. Ele é um nobre europeu, praticamente um príncipe. Mas, para irmos direto ao ponto, ele é um verdadeiro mestre do prazer. Um homem que busca o coração. — Tentei sorrir zombeteiramente. — Posso lhe garantir que ele mudará sua vida para sempre.

Ele me olhou nos olhos.

— Um mestre do prazer? E como sabe disso, Lanny? Achei que fosse a interlocutora dele.

— Pode-se agir como intermediário de alguém para muitas coisas.

— Tenho que admitir que você me deixou curioso — ele disse, ainda que seu tom fosse de complacência. Parte de mim lamentava que Jonathan tivesse sido obrigado a assumir novas responsabilidades e não tivesse a mínima curiosidade sobre as tentações que eu lhe oferecia. No entanto, tinha certeza de que o antigo Jonathan estava lá; só tinha que trazê-lo à tona.

Jonathan e eu passamos a maioria das noites juntos. Percebi rapidamente que ele não havia cultivado outros amigos. Não sabia ao certo o motivo, pois com certeza não faltariam homens querendo desfrutar o *status* e os possíveis benefícios financeiros advindos de ser o maior aliado de Jonathan. Todavia, Jonathan não era tolo. Esses eram os mesmos homens que, quando jovens, tinham se ressentido por sua beleza, sua

posição social e sua riqueza. Ressentidos por seus pais deverem obrigações ao capital, por salários ou aluguel.

— Sentirei sua falta quando for embora — Jonathan disse para mim numa dessas noites, quando nos trancamos atrás das portas do estúdio e queimamos um bom tabaco. — Você consideraria ficar? Você não tem que voltar para Boston, não se a questão for dinheiro. Eu poderia lhe dar um trabalho e então você ficaria aqui para ajudar sua família, agora que seu pai se foi.

Fiquei imaginando se Jonathan tinha pensado sobre essa oferta ou se ela tinha sido espontânea. Mesmo que ele encontrasse alguma posição para mim, a mãe dele seria contra ter uma mulher desonrada trabalhando para ele. Ele estava certo sobre esta ser uma oportunidade de me corrigir com minha família e, por dentro, eu me contorcia. Mas, ao mesmo tempo, convivia com um medo inominável diante da perspectiva de não obedecer às ordens de Adair.

— Não posso abrir mão da cidade agora que sei como é. Você se sentiria da mesma forma.

— Já expliquei a você...

— Não precisa tomar uma decisão no calor do momento. Afinal, mudar sua família inteira para Boston não seria pouca coisa. Venha comigo para uma visita. Diga à sua família que fará uma viagem de negócios. Veja se você gosta. — Eu limpara habilidosamente o cano do cachimbo com um fio (uma habilidade aprendida com a manutenção dos canos de

água de Adair) e bati a tigelinha numa pequena bandeja para limpar a cinza. — Também poderia ser vantajoso para você do ponto de vista de negócios. Não há cultura aqui em St. Andrew! Você não faz ideia das coisas que está perdendo: peças, concertos. E o que imagino que você acharia mais fascinante... — inclinei-me para a frente, nossas cabeças abaixadas bem perto, para ser revelado o maior segredo de todos — é que Adair é bem parecido com você no que diz respeito aos prazeres de um cavalheiro.

— Se está dizendo... — A expressão dele me implorava para eu continuar.

— As mulheres se oferecem a ele. Todo tipo de mulher. Mulheres da sociedade, mulheres comuns e, quando ele se cansa dessas companhias, há sempre as "coelhas".

— Coelhas?

— Prostitutas. Boston tem prostitutas de todos os tipos. Bordéus elegantes. Prostitutas de rua. Atrizes e cantoras que ficariam felizes de ser sua amante, em troca de belas acomodações e gastança de dinheiro.

— Você está dizendo que eu tenho que ir até uma atriz ou cantora para encontrar uma mulher que queira me fazer companhia? — ele perguntou, então olhou de lado. — Todos os homens em Boston pagam pela companhia de uma mulher?

— Se ele quer sua atenção exclusiva. Essas mulheres tendem a ser mais versadas nas artes do amor do que outras — eu disse, esperando aguçar a curiosidade dele. Era hora de compartilhar um dos segredos de Adair. — Um presente de meu patrão — eu disse, enquanto tirava um pequeno pacote embrulhado em seda vermelha: o jogo de cartas obsceno. — De um cavalheiro para outro.

— Divertido! — ele disse enquanto olhava intensamente para cada carta. — Tinha visto um conjunto como esse quando fui a Fredericton, apesar de não ser tão... criativo. — Quando ele foi pegar a seda vermelha para embrulhar de volta as cartas, um segundo presente caiu, um que eu havia esquecido que trouxera. Jonathan reteve a respiração.

— Meu Deus, Lanny, quem é essa? — Ele segurava a pintura em miniatura de Uzra nas mãos, um brilho de encantamento nos olhos. — Ela é um fantasma, a criação da mente de um artista?

Não me importei com seu tom de voz, nenhum cavalheiro falaria dessa forma em frente da mulher com a qual alegasse se importar, mas o que eu podia fazer? A foto tinha a intenção de tentá-lo e, claramente, o truque funcionara.

— Ah, não, posso lhe garantir que ela existe em carne e osso! Ela é a concubina de meu patrão, uma odalisca que trouxe com ele da rota da seda.

— Seu patrão tem um arranjo doméstico curioso, me parece. Uma concubina, mantida abertamente, em Boston?

Não achei que permitiriam isso lá. — Jonathan olhava da foto para mim, cenho franzido.

— Não entendo... por que seu patrão mandaria presentes para *mim*? Qual o interesse dele? O que você disse a ele a meu respeito?

— Ele está procurando uma companhia que combine com ele e sente que você pode ser sua alma gêmea. — Ele estava desconfiado, talvez temendo que qualquer interesse vindo de um homem que ele não conhecia estaria ligado à sua fortuna. — Para falar a verdade, acho que ele está meio decepcionado com as companhias de Boston. Eles são bem circunspectos. Até agora ele não encontrou um bostoniano com o espírito parecido com o dele, com a vontade de ceder ao desejo de qualquer coisa que chame a sua atenção...

Mas Jonathan não parecia estar prestando atenção ao que eu dizia. Ele me estudava tão de perto que eu temi, sem querer, ter dito algo ofensivo.

— O que é? — perguntei.

— É que você está... tão *mudada* — ele disse, finalmente.

— Não tenho o que argumentar sobre isso. Eu mudei *completamente*. A pergunta é: você está decepcionado com a mudança?

Ele piscou, uma sombra de dor em seus olhos negros.

— Devo dizer que sim, talvez um pouco. Não sei como dizer isso sem ferir seus sentimentos, mas não é mais a mesma garota de quando foi embora. Está tão falante; você é amante desse homem, não é? — ele perguntou com hesitação.

— Não exatamente. — Um termo de anos anteriores me veio à cabeça: — Sou sua esposa espiritual.

— Esposa espiritual?

— Todas somos: a odalisca, eu, Tilde... — Achei melhor não incluir Alejandro e Dona, não tinha noção de como Jonathan reagiria a esse tipo de arranjo.

— Ele tem três esposas sob o mesmo teto?

— Isso sem falar das outras mulheres com quem se diverte...

— E você não se importa?

— Ele pode compartilhar as afeições dele como quiser, assim como nós. O que temos é algo que nunca ouviu dizer antes, mas... sim, esse arranjo funciona para mim.

— Meu Deus, Lanny, mal posso acreditar que você é a mesma menina que eu beijei na igreja anos atrás. — Ele lançou um olhar tímido em minha direção, como se não tivesse certeza de como se comportar. — Suponho, dada toda essa conversa sobre compartilhar suas afeições livremente,

que não seria indecoroso se eu lhe pedisse... outro beijo? Só para ter certeza de que você é a Lanny que conheci um dia, que está aqui comigo de novo?

Esta era a abertura pela qual eu esperava. Ele se levantou da cadeira e inclinou-se sobre mim, pegando meu rosto em suas mãos, mas seu beijo foi hesitante. Essa hesitação quase me partiu o coração.

— Deve saber que eu achava que nunca mais o veria novamente, Jonathan, muito menos que sentiria seus lábios nos meus. Pensei que fosse morrer de tanto que senti sua falta!

Enquanto meus olhos mapeavam seu rosto, percebi que a esperança de ver Jonathan novamente foi a única coisa que me manteve sã. Agora que estávamos juntos, eu não seria enganada. Eu me levantei e pressionei-me contra ele. Depois de hesitar mais uma vez, ele me envolveu em seus braços. Estava agradecida por ele ainda me desejar, mas tudo nele havia mudado desde a última vez que estivemos juntos, até mesmo o cheiro do cabelo e da pele. A reserva das suas mãos quando agarrou minha cintura. O gosto dele quando nos beijamos. Tudo mudara. Ele estava mais vagaroso, mais carinhoso, mais triste. Seu ato de fazer amor, apesar de dócil, perdera a ferocidade. Talvez porque estávamos na casa da família dele, sua esposa e sua mãe bem atrás da porta trancada. Ou ele estaria consumido de arrependimento por trair a pobre Evangeline?

Deitamos juntos no banco depois de Jonathan terminar, a cabeça dele entre meus seios emoldurados por um corpete de seda fina, ornamentado e arrematado com renda. Ele ainda estava no meio de minhas pernas, deitado sobre um amontoado de saias e o espartilho levantado até a minha cintura. Eu passava os dedos pelos seus cabelos enquanto meu coração batia forte de felicidade. E, sim, senti a servidão secreta de tê-lo feito entregar-se totalmente ao seu prazer. E, quanto à esposa esperando obedientemente do outro lado da porta, bem, ela não tinha roubado Jonathan de mim, para começar? E um contrato de casamento não significava muito se ele ainda me desejava, se o coração dele ainda me pertencia. Meu corpo tremia com a prova do desejo dele. Apesar de tudo o que acontecera a nós durante os anos em que ficamos separados, mais do que nunca estava convencida de que nosso elo era inquebrável.

36

PROVÍNCIA DE QUEBEC, HOJE

Luke para num restaurante, perto da saída da estrada. Precisava descansar um pouco. Assim que se acomodam no balcão, ele empresta o laptop de Lanny para se atualizar com as notícias e olhar seu e-mail. Além das costumeiras filas de e-mails dos administradores do hospital ("Funcionários, devem se lembrar de não parar no estacionamento leste, uma vez que este espaço será usado para a remoção da neve..."), ninguém lhe mandara nenhuma mensagem. Ninguém parecia ter notado sua ausência. Distraído, Luke faz o cursor deslizar para lá e para cá na área de trabalho, mas não há nada para verificar. Está prestes a desligar o computador quando ouve um alerta. Alguém acabara de lhe enviar um e-mail.

Ele espera que seja um spam, outro convite comemorativo e impessoal de seu banco, ou alguma porcaria do gênero, mas era de Peter. Luke sente uma pontada de desconforto por ter tirado vantagem da bondade de seu amigo. Peter é mais um conhecido do que um amigo, mas uma vez que há poucos anestesistas na cidade e Luke é um médico da emergência, eles se viam mais do que outros médicos. A última série de infortúnios na vida de Luke o tinha deixado menos amigável do que o normal, mas Peter

era um dos poucos médicos que ainda falava com ele. “Onde você está?”, estava escrito no e-mail. “Não achei que planejasse ficar com o carro por tanto tempo. Tentei ligar, mas você não atende seu celular. Está tudo bem? Sofreu algum acidente? Está machucado? Estou preocupado com você. ME LIGUE.” Então Peter listou todos os seus números de telefone e o número do celular da esposa dele.

Luke fecha o e-mail de Peter, sua mandíbula travada. “*Ele está com medo que eu tenha enlouquecido*”, Luke percebe. Ele tem consciência de que seu comportamento é estranho, para dizer o mínimo, e as pessoas na cidade prendem a respiração quando estão perto dele, com medo de falar sobre Tricia e o divórcio, ou sobre a morte de seus pais. Elas não acham que ele seja capaz de administrar toda a abundância de infelicidade de sua vida. Só agora Luke se dá conta de que sair da cidade com essa mulher serviu para distraí-lo da própria infelicidade. Há meses que ele se sente miserável. Esta é a primeira vez que consegue pensar em suas filhas sem ter vontade de chorar.

Luke inspira fundo e expira devagar e longamente. “*Não tire conclusões apressadas*”, diz a si mesmo. Peter está sendo legal, paciente. Não ameaçou ligar para a polícia. Peter é a pessoa mais bem-ajustada na vida de Luke nesse momento, mas Luke sabe que essa amizade ainda existe porque Peter é novo em St. Andrew. O jovem doutor ainda não foi afetado pela estranheza inerente à cidade, pelo distanciamento frio, pelo vício puritano de fazer julgamentos.

Por um momento, Luke está tentado a ligar para Peter. Peter é a corda que o mantém preso ao mundo real, o mundo que existia antes de ele ajudar Lanny a fugir da polícia, antes de ouvir a fantástica história dela, antes de dormir com a paciente. Peter talvez conseguisse fazer Luke desistir dessa insensatez. Ele respira fundo mais uma vez. A questão é: ele *quer* que alguém o faça desistir?

Ele abre de novo o e-mail de Peter e aperta "Responder".

— Sinto muito pelo seu carro — ele digita. — Logo vou deixá-lo em algum lugar e a polícia o encontrará e o devolverá a você. — Ele pensa no que escreveu e percebe que o que está realmente dizendo é que ele foi embora e não vai mais voltar. Sente um enorme alívio. Antes de apertar o botão "Enviar", ele adiciona à mensagem: — Fique com minha caminhonete; é sua.

Luke para no banheiro antes de entrar na SUV e vê que Lanny já está no banco da frente, olhando fixamente para a frente, com um sorriso triste no rosto.

— Algo errado? — Luke pergunta, enquanto gira a chave na ignição.

— Não é nada... — Ela abaixa o olhar. — Quando fui pagar a conta, quando você estava no banheiro, vi que eles tinham bebida à venda atrás do balcão, então pedi uma garrafa de Glenfiddich, mas ela não quis vender para mim. Disse que eu tinha que esperar meu pai sair do banheiro se ele quisesse comprar uma garrafa.

Luke tenta alcançar a maçaneta da porta.

— Eu posso ir, se você quiser...

— Não, não é pelo uísque; é só que... isso acontece o tempo todo. Estou cansada dessa situação, é só. Sempre sendo confundida com uma adolescente, tratada como uma criança. Posso parecer uma criança, mas não *penso* como uma criança e, às vezes, não quero ser tratada como se fosse uma. Sei que ter uma aparência jovem também me ajuda, mas, Deus... — Ela segura a cabeça, chacoalhando-a, então joga os ombros para trás. — Vamos fazer um show para impressioná-la?

Antes que Luke pudesse responder, Lanny agarra a jaqueta dele pelo colarinho e puxa-o até ela. Ela trava a boca sobre a dele, dando-lhe um beijo longo, se esfregando nele. O beijo continua, até ele ficar tonto. Sobre os ombros de Lanny, ele consegue ver a mulher petrificada atrás do balcão do caixa, sua boca aberta num círculo horrorizado e os olhos espantados.

Lanny o solta, rindo, e dá um tapa no painel.

— Vamos lá, *papai*, vamos achar um motel para eu trepar com você até cansar.

Luke não ri junto com ela. Sem pensar, ele limpa a boca.

— Não faça isso. Não gosto de ser confundido com seu pai. Faz com que me sinta... — "*Uma pessoa horrível, e eu não sou*", ele pensa, mas não diz.

Ela fica quieta, enrubesce de vergonha e olha para as mãos, desamparada.

— Você está certo. Me desculpe, não quis deixá-lo constrangido — ela diz. — Não acontecerá de novo.

37

ST. ANDREW, 1819

Aquele nosso delicioso encontro não foi o último. Planejávamos nos encontrar o máximo que podíamos, apesar de, às vezes, as circunstâncias serem inconvenientes, para dizer o mínimo: um celeiro de feno no final do pasto, cheirando a alfafa seca (nesse caso tínhamos que tomar cuidado para tirar qualquer semente e caule de nossas roupas), ou na estrebaria da casa dos St. Andrew, onde nos atracávamos na sala das selas e nos esfregávamos um no outro em meio a arreios e estribos pendurados.

Durante essas ocasiões com Jonathan, até mesmo quando inalava seu hálito e gotas de seu suor caíam sobre meu rosto, ficava surpresa por sentir Adair permeando meus pensamentos. Surpresa por me sentir culpada, como se o estivesse traindo, pois, à nossa maneira, éramos amantes. Também me percorria uma corrente de medo, da punição que Adair me daria, não por copular, mas por amar outro homem. Por que deveria me sentir culpada e amedrontada se estava fazendo o que ele queria? Talvez porque, em meu coração, eu soubesse que amava Jonathan, apenas Jonathan. Ele venceria todas as vezes.

— Lanny — Jonathan sussurrou, beijando minhas mãos enquanto deitava-se sobre o feno se recuperando do nosso encontro amoroso. — Você merece mais do que isso.

— Eu me encontraria com você na floresta, numa caverna, no campo — respondi —, se essa fosse a única maneira de vê-lo. Não interessa onde estamos; tudo o que interessa é que estamos juntos.

Lindas palavras, palavras de amantes. Mas, enquanto deitávamos juntos sobre o feno e eu passava os dedos em seu rosto, minha cabeça não fazia outra coisa a não ser vagar. E vagou para lugares perigosos, mexendo em feridas que não deveriam ser tocadas, como as circunstâncias envolvendo minha partida abrupta anos antes e o silêncio de Jonathan sobre o assunto. Desde que voltara para a cidade, ele não havia me perguntado nenhuma vez sobre a criança. Ele queria me perguntar; eu sentia toda vez que havia um momento de silêncio incômodo entre nós, quando o pegava olhando de lado para mim. "*Quando foi embora de St. Andrew...*", mas as palavras permaneciam em sua boca. Ele deve ter presumido que eu abortara o bebê, como disse que faria aquele dia na igreja. Mas queria que ele soubesse a verdade.

— Jonathan — eu disse suavemente, pegando e deixando escorregar os cachos negros de seus cabelos por entre meus dedos —, já se perguntou por que meu pai me mandou embora da cidade?

Senti que ele segurava a respiração, uma hesitação em seu silêncio. Pouco depois, ele respondeu:

— Não, só soube que havia ido embora quando já era tarde... Foi errado de minha parte não procurar você mais cedo, para saber se não estava com problemas ou se algo terrível tinha acontecido com você... — Ele começou a brincar com a renda de meu espartilho, distraído.

— Que desculpa minha família deu por eu ter sido mandada embora? — perguntei.

— Disseram que você tinha ido cuidar de um parente doente. Eles se fecharam muito depois que você se foi e só ficaram entre eles. Perguntei a uma de suas irmãs se havia notícias suas e se podiam me dar um endereço para onde pudesse lhe escrever, mas ela saiu correndo sem me responder. — Ele levantou a cabeça de meu peito. — Não foi esse o caso? Você não estava cuidando de alguém?

Eu poderia ter rido da ingenuidade dele.

— A única pessoa que precisava de cuidados era eu mesma. Eles me mandaram embora para que eu pudesse ter o bebê. Não queriam que ninguém daqui soubesse.

— Lanny! — Ele pressionou a mão sobre meu rosto, mas eu a tirei. — E você...

— Não há nenhum filho; sofri um aborto. — Agora eu conseguia dizer essas palavras sem emoção, sem tremor na voz ou nó na garganta.

— Sinto muito por tudo o que passou, e sozinha... — Ele sentou-se, incapaz de tirar os olhos de mim. — Foi por isso que você acabou conhecendo esse homem? Esse Adair?

Tenho certeza de que minha expressão ficou muito sombria.

— Não quero falar sobre isso.

— Por quantas provações você teve que passar, Lanny? Devia ter escrito, me informado sobre sua situação. Teria feito alguma coisa por você, qualquer coisa que pudesse... — Ele veio me dar um abraço e meu corpo queria isso; então, ele pareceu pensar melhor e recuou. — Fiquei louco? O que... o que estamos fazendo? Já não a prejudiquei o suficiente? Que direito eu tenho de começar tudo de novo, como se fosse algum tipo de jogo? — Jonathan segurou a cabeça entre as mãos. — Precisa me perdoar pelo meu egoísmo e pela minha estupidez...

— Você não me forçou a nada — eu disse, tentando acalmá-lo. — Eu quis isso também. — Se pudesse retirar minhas palavras; foi um erro mencionar o filho, morto e perdido para sempre. Amaldiçoei-me por ter me rendido à minha natureza trivial. Queria que Jonathan soubesse que eu sofri e que reconhecesse a parte dele no mal que recaíra sobre mim, mas o tiro saíra pela culatra.

— Não podemos continuar assim. Esta é a última complicação de que eu preciso na vida. — Jonathan saiu de perto de mim e ficou em pé. Quando viu minha expressão de choque e mágoa, continuou: — Perdoe minha franqueza, querida Lanny! Mas sabe muito bem que eu tenho uma família, uma esposa, uma filha, obrigações das quais não posso fugir. Não posso colocar em risco a felicidade deles por alguns momentos de prazer com você... E não há futuro para nós, não pode haver. Seria doloroso e injusto com você nós continuarmos...

"*Ele não me ama o suficiente para ficar comigo*." A verdade cortou meu coração como uma lâmina. Engasguei procurando ar. A raiva inflamou-se dentro de mim diante de suas palavras. Ele percebera isso só agora, depois de termos recomeçado nosso caso de amor ilícito? Ou eu estava magoada por ele estar me renegando pela segunda vez, por causa de Evangeline? Enquanto me sentava, totalmente pasma, devo admitir que o primeiro pensamento que me vinha à mente era me vingar. Consigo entender agora como as mulheres rejeitadas fazem pactos com o demônio; naquele momento, a necessidade de vingança é forte, mas a capacidade de extraí-la é insuficiente. Se Lúcifer tivesse aparecido diante de mim naquele segundo, prometendo-me as ferramentas para fazer Jonathan sofrer as intermináveis tormentas do inferno em troca de minha alma, eu teria aceitado de bom grado.

Ou talvez não houvesse necessidade de encontrar o demônio, de fazer o maldito contrato, de assinar meu nome com sangue. Talvez eu já tivesse feito isso.



Estava confusa sobre como prosseguir com o plano de Adair, e a perspectiva de que eu pudesse falhar me deixava doente de medo. Pensei que fisgaria Jonathan para Boston com meu amor e meus favores sexuais, mas não funcionara. O remorso fez meu amante renunciar a mim solenemente, apesar de ter prometido ser meu amigo e benfeitor para sempre, se necessário. Esperei para ver se Jonathan mudava de ideia e voltava para mim, porém, com o passar dos dias, ficou claro que ele não voltaria. "*Uma visita*", implorei a ele. "*Venha para Boston para uma visita*", mas Jonathan resistia. Um dia a desculpa dele era que não podia confiar em sua mãe para cuidar dos negócios do vilarejo durante sua ausência e, no outro, era que tinha surgido um problema que precisava de sua atenção. No final, era sempre a esposa que o impedia de concordar em ir.

— Evangeline nunca me perdoaria se eu a deixasse sozinha com minha família por muito tempo, e ela nunca faria a viagem com o bebê — ele me disse, como se estivesse à mercê de sua esposa e filha, como se nunca tivesse colocado seus próprios desejos na frente dos delas, marido e pai

responsável que era. Aquelas desculpas seriam críveis se viessem de outro homem, mas não do Jonathan que eu conhecia.

Todavia, a aproximação da época de neve pressionava minha partida. Achava que, se ficasse em St. Andrew durante o inverno, alguma coisa terrível aconteceria. Adair, enfurecido por desafiá-lo, poderia vir até a cidade com seus cães do inferno e quem saberia o que aquele demônio de coração sombrio seria capaz de fazer com os inocentes de St. Andrew, isolados do restante do mundo? Pensei nas histórias que Alejandro e Dona me contaram sobre o passado bárbaro de Adair, liderando saques em vilarejos e matando os moradores que resistiam. Lembrei-me das criadas que ele estuprara e a maneira como havia me drogado e me usado para diversão. O trânsito na sociedade bostoniana garantia que as tendências brutais de Adair ficassem sob controle; não havia como dizer o que aconteceria numa cidade isolada no meio da neve. E eu seria a responsável por trazer a praga a meus vizinhos.

Uma noite, no Daughtery's, estava analisando minha situação difícil, esperando encontrar com o dócil lenhador que conhecera no início de minha visita, quando Jonathan entrou. Já vira aquela expressão no rosto dele antes: tinha vindo até o Daughtery's querendo companhia. Seu rosto estava vermelho de satisfação; acabara de vir de um encontro amoroso.

Ele parou quando me viu e não podia ir embora sem tomar conhecimento de minha presença. Sentou-se no banquinho do outro lado da mesa, com as costas para o fogo.

— Lanny, o que está fazendo aqui? Não é um lugar para uma senhorita frequentar sozinha.

— Ah, mas eu não sou uma senhorita, sou? — eu disse sarcasticamente e me arrependi imediatamente. — Aonde mais poderia ir? Mal consigo beber na companhia de minha mãe e meu irmão; não suporto o ar de reprovação deles. Você, pelo menos, sempre pode voltar para sua casa e tomar uma bebida antes de dormir. A bebida seria de melhor qualidade, com certeza. E, de qualquer maneira, a esta hora você não deveria estar em casa com sua esposa? Você aprontou alguma coisa essa noite, consigo sentir o cheiro em você.

— Considerando sua posição, não achei que seria tão rápida em me julgar — ele disse. — Tudo bem, vou lhe dizer a verdade, já que quer saber. Estive com outra mulher; alguém com quem eu já estava me encontrando antes de seu retorno inesperado. Eu também tenho uma amante. Anna Kolsted.

— Anna Kolsted é uma mulher casada.

Ele deu de ombros. Eu tremi de raiva.

— Então você não terminou seu caso com ela, mesmo depois daquele belo discurso que fez para mim outro dia?

— Eu... eu não poderia deixá-la tão rápido, sem uma explicação sobre o que aconteceu.

— E vai explicar que teve um epifania moral? Que resolveu não vê-la mais? — ordenei, como se tivesse o direito de fazê-lo.

Ele permaneceu em silêncio.

— Você nunca aprende, Jonathan? Isso não vai acabar bem — eu disse friamente.

Jonathan franziu os lábios com desdém, o ressentimento antigo e fervente borbulhando entre nós.

— Isso parece ser o que você sempre me diz, não é? — O nome de Sophia pairava no ar entre nós, não dito.

— Vai terminar como sempre. Ela se apaixonará por você e vai lhe querer só para ela. — Medo e pena tomaram conta de mim, como quando encontrei Sophia no rio. Nunca imaginei, depois de tudo pelo que havia passado, que a visão dela ainda me afetasse; talvez ainda o fizesse porque, de vez em quando, imaginava se não teria sido melhor para mim seguir o exemplo dela. — É inevitável, Jonathan. Todos que o conhecem querem possuí-lo.

— Você fala por experiência própria?

A agudeza dele me silenciou por um segundo, mas eu não podia deixar passar. Respondi sarcasticamente:

— Aqueles que têm você tendem a destruir a boa fortuna deles. Talvez devesse perguntar à sua esposa sobre isso. Já pensou em como seu caso com a sra. Kolsted afetará Evangeline, caso ela descubra?

A raiva tomou conta de Jonathan rapidamente, como uma tempestade. Ele olhou por sobre os ombros para ter certeza de que Daughtery estava ocupado e que ninguém o ouvia, então agarrou meu braço e me puxou para perto.

— Pelo amor de Deus, Lanny, tenha piedade de mim! Sou casado com uma criança. Quando eu a levei para nosso leito conjugal, ela chorou depois. Chorou. Ela tem medo de minha mãe e fica impassível ao redor de minhas irmãs. Não preciso de uma criança, Lanny, preciso de uma mulher!

Puxei meu braço.

— Acha que não sei disso?

— Juro por Deus que gostaria de nunca ter cedido ao pedido do meu pai e me casado com ela. Ele queria um herdeiro, era tudo o que interessava a ele. Viu uma garota com muitos anos de procriação pela frente e fechou negócio com o senhor McDougal, como se ela fosse uma égua reprodutora. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Não faz ideia da vida que tenho que levar agora, Lanny. Ninguém para cuidar dos negócios além de mim. Benjamin continua tão inútil quanto um garoto de quatro anos de idade. Minhas irmãs são idiotas. E, quando meu pai morreu, bem... todas as preocupações foram colocadas sobre meus ombros. Essa

cidade depende da fortuna de minha família. Faz ideia de quantos colonizadores compraram suas terras com empréstimos financiados por meu pai? Basta um inverno rigoroso ou nenhum talento para plantar, e vão deixar de pagar suas obrigações. Eu posso executar a dívida e pegar as terras de volta, mas de que me serviria outra fazenda improdutiva? Assim, peço que me perdoe por arranjar uma amante e poder fugir um pouco de todas as minhas responsabilidades! — Eu abaixei o olhar. Ele continuou, olhos arregalados. — Não faz ideia de quão atraentes têm sido suas ofertas! Daria qualquer coisa para me livrar de minhas obrigações! Mas não posso, e acho que você entende o porquê. Não só minha família estaria perdida, mas a cidade também entraria em derrocada. Vidas estariam destruídas. Acho que me pegou num momento de fraqueza quando voltou, Lanny, mas os últimos anos me ensinaram lições difíceis. Não posso ser tão egoísta.

Será que tinha se esquecido de que uma vez me dissera que queria deixar tudo para trás, a família e a fortuna, por mim? Que uma vez desejou que o mundo fosse apenas nós dois? Uma mulher mais sensata ficaria feliz por ver que Jonathan assumira suas responsabilidades e tinha sobre os ombros obrigações que poderiam esmorecer um homem mais fraco. Eu não podia dizer que estava feliz ou orgulhosa.

Mas eu o compreendia. Eu amava a cidade, à minha maneira, e não gostaria de vê-la em ruínas. Mesmo vendo minha própria família passando por dificuldades, mesmo que os moradores tenham me tratado mal e falado de mim

nas minhas costas, não poderia levar embora quem mantinha a cidade unida. Sentei-me do outro lado, em frente de Jonathan, desgostosa e simpática à situação difícil que acabara de compartilhar comigo, mas, por dentro, o pânico tomou conta de mim dos pés à cabeça. Eu ia falhar com Adair. O que eu faria?

Bebemos nossa cerveja, desanimados. Parecia claro que eu teria que desistir de Jonathan e precisaria me concentrar em minha situação: o que fazer? Para onde poderia ir sem que Adair pudesse me encontrar? Não tinha a menor vontade de encenar, de novo, a tortura pela qual já tinha passado.

Pagamos nossa bebida e fomos para a estrada, cada um em silêncio com seus próprios pensamentos. Mais uma vez, a noite estava gélida, o céu, claro e brilhante, estrelado, nuvens finas cortando a luz prateada. Jonathan colocou a mão em meu braço.

— Me perdoe pela minha explosão e esqueça meus problemas. Você tem todo o direito de me desprezar pelo que acabei de dizer. A última coisa que quero é que carregue meu fardo. Meu cavalo está no celeiro do Daughtery's. Deixe-me levá-la para casa.

Mas, antes que pudesse dizer a ele que não era necessário e que preferia ficar com meus pensamentos, fomos interrompidos pelo barulho de neve sendo pisoteada ao pé da estrada.

Estava tarde e quase congelando, improvável que alguém estivesse por ali.

— Quem está aí? — perguntei para a figura nas sombras. Edward Kolsted deu um passo sob uma fenda de luz da lua, com um rifle na mão.

— Siga seu caminho, senhorita McIlvrae. Não tenho querela com você. — Kolsted era um jovem rude de uma das famílias mais pobres da cidade e não era páreo para Jonathan na competição pela afeição de qualquer pessoa. Seu rosto longo fora desfigurado pela varíola, assim como o de muitos outros durante a juventude, e, para um homem jovem, seu cabelo castanho já estava afinando, seus dentes, caindo. Ele ergueu o rifle na altura do peito de Jonathan.

— Não seja estúpido, Edward! Há testemunhas: Lanny e os homens que estão dentro do Daughtery's... a não ser que esteja planejando matá-los também — Jonathan disse para seu futuro assassino.

— Não me importo. Você arruinou minha Anna e me transformou em motivo de piada. Terei orgulho de ser conhecido por ter me vingado de você. — Ele ergueu ainda mais o rifle. Um arrepio de medo tomou conta de mim. — Olhe só para você, seu pavão enfeitado — Edward cutucou Jonathan com o rifle, mas Jonathan, para sua sorte, permaneceu onde estava. — Acha que a cidade vai lamentar quando estiver morto? Não vamos, senhor. Nós desprezamos você, os homens desta cidade. Acha que não sabemos o que tem

aprontado, amaldiçoando nossas esposas, colocando-as sob seu feitiço? Você pegou a Anna para se divertir um pouco e, em troca, roubou-me a coisa mais preciosa que tinha. Você é o próprio demônio, é mesmo, e seria melhor esta cidade se livrar de você!

A voz de Edward aumentou, mais defensiva, mas, independentemente das palavras dele, tive a certeza de que Kolsted não levaria a cabo sua ameaça. Ele queria assustar Jonathan, humilhá-lo e fazê-lo implorar perdão, e isso daria ao corno um pouco de dignidade. Mas ele não tinha coragem de matar seu rival.

— É isso o que quer de mim, que eu seja um demônio? Isso serviria a seu propósito, exoneraria sua culpa? — Jonathan abaixou os braços. — Mas a verdade é que sua esposa é uma mulher infeliz, e isso tem muito pouco a ver comigo e muito a ver com você.

— Mentiroso! — Kolsted gritou.

Jonathan deu um passo em direção a seu agressor e minhas vísceras reviraram, sem saber se ele tinha um desejo de morte ou se queria que Koslted encarasse a verdade. Talvez achasse que devia isso à sua amante. Mas seu semblante raivoso foi mal interpretado e Kolsted talvez acreditasse que Jonathan estava furioso porque amava Anna.

— Se sua esposa fosse feliz, não procuraria minha companhia. Ela...

O rifle de Kolsted disparou, um estouro de chama branco-azulada na boca da arma, que eu vi com o canto dos olhos. Foi muito rápido: um barulho como o do trovão, uma luz como a de um raio, e Jonathan foi jogado para trás e caiu no chão. O rosto de Kolsted se contorceu, capturado por um instante sob a luz do luar.

— Eu atirei nele — ele murmurou, como se precisasse ter certeza. — Eu atirei em Jonathan St. Andrew.

Caí de joelhos na lama quase congelada, puxando Jonathan para meu colo. Sua roupa já estava encharcada de sangue, inclusive o paletó. Era um ferimento sério e profundo. Passei meus braços em volta dele e olhei com ódio para Kolsted.

— Se tivesse um rifle, atiraria em você bem onde está. Saia da minha frente.

— Ele está morto? — Kolsted esticou o pescoço, pois não era corajoso o suficiente para caminhar até o homem em quem acabara de atirar.

— Eles vão estar aqui fora num segundo e, se o encontrarem aqui, vão prendê-lo imediatamente — avisei, sussurrando entre os dentes. Queria que ele fugisse, já era possível ouvir o burburinho vindo do Daughtery's e alguém sairia logo para ver quem tinha atirado. Tinha que esconder Jonathan antes de sermos descobertos.

Não tive que avisar Kolsted duas vezes; se foi por medo, por remorso ou porque ele não estava preparado para ser

preso, o fato é que o agressor de Jonathan recuou feito um cavalo assustado e bateu em retirada. Prendendo meus braços em volta do peito de Jonathan, puxei-o para dentro do celeiro do Daughtery's. Tirei seu sobretudo e depois o paletó, até que encontrei o ferimento em seu peito, o sangue espirrando de um buraco perto do coração.

— Lanny — ele ofegou, procurando minha mão.

— Estou bem aqui, Jonathan. Fique quieto.

Ele ofegou novamente e tossiu. Não havia o que fazer, a julgar pela distância do tiro e pela localização do ferimento. Reconheci a expressão em seu rosto: era o olhar fatigado de quem estava prestes a morrer. Ele ficou inconsciente, mergulhando em meus braços.

Podia ouvir vozes vindas do outro lado das tábuas comidas por vermes, homens do Daughtery's que saíram até a estrada. Não encontrando ninguém, se afastaram.

Olhei para o belo rosto de Jonathan. Seu corpo, ainda morno, pesava em meu colo. Meu coração vociferava em pânico. "*Mantenha-o vivo. Mantenha-o vivo a qualquer custo.*" Eu o abracei com mais força. Não podia deixá-lo morrer. E só havia um jeito de salvá-lo.

Soltei seu corpo no chão, abri o sobretudo e o paletó. Graças a Deus que ele estava inconsciente, do contrário, assustada como estava, nunca teria conseguido executar a maldita tarefa. Será que funcionaria? Talvez me lembrasse

errado: havia palavras especiais que precisaria recitar para fazer a poderosa mágica funcionar. No entanto, não havia tempo para pensar duas vezes.

Remexi no arremate de meu corpete, procurando pelo frasco. Assim que senti o toque do pequeno frasco de prata, arranquei-o da costura e tirei-o do esconderijo. Minhas mãos tremiam enquanto eu puxava a tampa do frasco e abria os lábios de Jonathan. Havia somente uma gota aqui, menos do que uma gota de suor. Rezei para que fosse o suficiente.

— Não me abandone, Jonathan. Não posso viver sem você — sussurrei no ouvido dele, a única coisa que conseguia pensar em dizer. Mas, então, as palavras de Alejandro me vieram à mente, aquilo que havia me contado no dia em que fui transformada; rezei para não ser muito tarde. — Por minhas mãos e intenção — eu disse, me sentindo tola enquanto falava, sabendo que eu não tinha poderes sobre nada, nem sobre o céu, nem sobre o inferno, nem sobre a terra.

Ajoelhei-me na palha, Jonathan apoiado em meu colo, e tirei o cabelo de sua testa, esperando por um sinal. Tudo o que conseguia me lembrar da terrível experiência era a sensação de queda e da febre percorrendo meu corpo como fogo e, então, acordando bem depois, no escuro.

Mais uma vez, abracei Jonathan junto a mim. Ele parara de respirar e estava ficando mais frio. Pus o casaco em volta dele, imaginando se conseguiria levá-lo até a fazenda de minha família sem ser notada. Parecia improvável, mas não

havia outro lugar para levá-lo e, cedo ou tarde, alguém vasculharia o celeiro do Daughtery's.

Selei o cavalo de Jonathan, impressionada por descobrir que já não tinha mais medo do maldito garanhão. Com uma força que não sabia possuir, surgida da necessidade, joguei Jonathan sobre o lombo do cavalo, montei na sela e saí pelas portas abertas do celeiro, galopando pelo vilarejo. Mais tarde, mais de um morador do vilarejo diria ter visto Jonathan St. Andrew cavalgar para fora da cidade naquela noite, sem dúvida inventando teorias desbaratadas sobre seu desaparecimento.

Quando chegamos à fazenda de minha família, com o corpo de Jonathan aninhado em meu colo, fui diretamente ao celeiro e acordei o cocheiro de aluguel. Tínhamos que sair de St. Andrew naquela noite; não podia arriscar e esperar até amanhecer, quando a família de Jonathan viria procurar por ele. Disse ao cocheiro para selar os cavalos com rapidez; iríamos embora imediatamente. Quando ele protestou, dizendo que estava muito escuro para viajar, disse a ele que o luar estava forte o bastante para iluminar o caminho. Então acrescentei:

— Estou pagando seu salário, então, escute o que estou dizendo. Você tem quinze minutos para selar aqueles cavalos.

Quanto ao meu baú de roupas e as outras coisas, seriam deixados para trás. Não podia arriscar acordar minha família

voltando ao chalé. Meu único pensamento nesse momento era tirar Jonathan da cidade. Assim que a carruagem saiu pela estrada coberta de neve, dei uma olhadinha pela janela acortinada para ver se alguém na casa tinha nos ouvido, mas ninguém se mexeu. Imaginei-os acordando, descobrindo que eu tinha ido embora, imaginando, com o coração dilacerado, por que tinha escolhido sair assim, minha partida tão misteriosa quanto meus anos de silêncio. Estava cometendo uma grande injustiça com os corações bondosos de minha mãe e minhas irmãs, e isso me magoava profundamente, mas a verdade era que, para mim, era mais fácil decepcioná-las do que perder Jonathan para sempre ou, ainda, desobedecer a Adair.

Jonathan estava deitado no banco à minha frente, enrolado em seu sobretudo e num robe de zibelina, minha capa enrolada como um travesseiro, a cabeça dele caída num ângulo esquisito. Ele não fez nenhum movimento, não havia o subir e descer do peito pela respiração, nada. Sua pele estava pálida como gelo ao luar. Mantive meus olhos grudados no rosto dele, esperando pelo primeiro sinal de vida, mas ele estava tão quieto que comecei a pensar que havia fracassado.

38

Percorremos muitos quilômetros nas primeiras horas da madrugada, a carruagem barulhenta atravessando a trilha solitária e rude da floresta enquanto eu vigiava Jonathan. Poderia ser uma armação funerária, eu fingindo ser uma viúva acompanhando o corpo do marido morto na jornada até seu lugar de repouso final.

O sol já havia nascido havia algum tempo quando Jonathan começou a acordar. Até aquele momento, quase chegara à conclusão de que ele não voltaria; sentei-me tremendo e suando durante horas, a ponto de vomitar, odiando-me. O primeiro sinal de vida foi um tremor na sua face direita, então o movimento dos cílios. Como estava branco feito um morto, duvidei de meus olhos por um momento, até que ouvi um resmungo baixo, vi os lábios entreabertos e, então, os dois olhos se abriram.

— Onde estamos? — ele perguntou, num sussurro que mal dava para ouvi-lo.

— Numa carruagem; deite-se quieto. Vai se sentir melhor daqui a pouco.

— Numa carruagem? Para onde estamos indo?

— Para Boston. — Não sabia o que dizer a ele.

— Boston! O que aconteceu? Eu... — seu pensamento deve ter voltado até a última coisa de que conseguia se lembrar, nós dois no Daughtery's — ... perdi uma aposta? Estava bêbado, para concordar com você...

— Não houve acordo — eu disse, ajoelhando-me mais perto para apertar o robe em volta dele. — Estamos indo porque temos que ir. Você não pode mais ficar em St. Andrew.

— Do que está falando, Lanny? — Jonathan estava irritado e tentou me empurrar, embora estivesse tão fraco que não conseguia nem me tirar do lugar. Senti algo desconfortável sob meu joelho, como um seixo afiado; esticando a mão para baixo, meus dedos encontraram uma bala de chumbo. A bala da espingarda de Kolsted. Segurei para Jonathan vê-la.

— Reconhece isso?

Ele tentou focar na pequena forma escura em minha mão. Eu vi quando a memória voltou e ele se lembrou da briga na estrada e da explosão de pó que lhe havia tirado a vida.

— Fui baleado — ele disse, ofegante. Sua mão foi até o peito, as camadas de sua camisa e do paletó endurecidas pelo sangue seco. Sentiu a carne embaixo da roupa, mas estava inteira.

— Sem ferimento — Jonathan disse com alívio. — Kolsted deve ter errado a mira.

— Como isso poderia ter acontecido? Você está vendo o sangue, os buracos nas suas roupas. Kolsted não errou, Jonathan. Ele atirou em seu coração e matou você.

Ele apertou os olhos.

— O que você está dizendo não faz sentido. Não entendo.

— Não é algo que possa ser compreendido — respondi, pegando a mão dele. — É um milagre.

Tentei explicar tudo, embora Deus saiba que eu mesma compreendia muito pouco. Contei a ele minha história e a de Adair. Mostrei o pequeno frasco, agora vazio, e deixei que cheirasse seus últimos vapores malcheirosos. Ele ouviu, o tempo todo me observando como se eu fosse uma mulher insana.

— Diga a seu cocheiro para parar a carruagem — ele pediu. — Vou voltar para St. Andrew nem que tiver que andar a pé todo o caminho de volta.

— Não posso deixá-lo fazer isso.

— Pare a carruagem! — ele esbravejou, ficando em pé e esmurrando o teto do veículo. Tentei fazê-lo se sentar, mas o cocheiro havia escutado e parou os cavalos.

Jonathan abriu a porta da carruagem e pulou para a neve virgem, que ia até a altura dos joelhos. O cocheiro virou-se, olhando desconfiado para nós de seu banco alto, o bigode

congelado pela própria respiração. Os cavalos tremiam buscando fôlego, exaustos de puxar a carruagem pela neve.

— Nós já voltamos. Derreta neve para dar água aos cavalos — eu disse, numa tentativa de distrair o cocheiro. Corri atrás de Jonathan, minhas saias me prendiam na neve, e agarrei o braço dele quando finalmente o alcancei.

— Você tem que me ouvir; não pode voltar a St. Andrew. Você se transformou.

Ele me empurrou.

— Não sei o que aconteceu com você desde que foi embora, mas só posso suspeitar que tenha ficado louca...

Segurei o punho dele com toda a força.

— Provarei a você. Se eu conseguir fazê-lo ver que estou dizendo a verdade, promete vir comigo?

Ele parou, mas olhou para mim como se esperasse um truque.

— Não vou prometer coisa nenhuma.

Ergui minha mão, soltando a manga da camisa dele, fazendo sinal para que esperasse. Com minha outra mão encontrei uma faca pequena, porém firme, no bolso do meu sobretudo. Abri a parte de cima de minha roupa, expondo meu corpete ao ar frígido e cortante e, então, pegando o cabo da faca com as duas mãos, enfiei-a no peito até o punho.

Jonathan quase caiu de joelhos, mas, num reflexo, suas mãos tentaram me alcançar.

— Meu Deus! Você *é* louca! Em nome de Deus, o que está fazendo...

O sangue brotava ao redor do punho da faca, rapidamente encharcando minha roupa, até que uma enorme mancha vermelha espalhou-se pela seda, da barriga até o esterno. Puxei a lâmina para fora, agarrei a mão dele e pressionei seus dedos no ferimento. Ele tentou se desvencilhar, mas eu o segurei com força.

— Toque. Sinta o que está acontecendo e me diga se ainda não acredita em mim.

Eu sabia o que ia acontecer. Era um truque de salão que Dona fazia para nós quando nos juntávamos na cozinha para relaxar, depois de uma noite pela cidade. Ele se sentava diante do fogo, jogava o casaco nas costas de uma cadeira, enrolava para cima suas volumosas mangas de camisa e, então, com uma faca, fazia um corte profundo nos antebraços. Alejandro, Tilde e eu assistíamos quando as duas pontas de carne vermelha rastejavam uma em direção à outra, impotentes feito dois amantes amaldiçoados, e se juntavam num abraço sem costuras. Uma façanha impossível, feita repetidamente, tão certa como o sol da manhã (Dona ria sarcasticamente enquanto observava sua própria pele se juntar, mas, ao recriar este truque por minha conta, percebi que havia uma sensação única: buscávamos dor, mas não

podíamos recriá-la, não exatamente. Chegamos a querer algo próximo do suicídio, e assim teríamos o prazer temporário de infligir dor a nós mesmos, mas até isso nos era negado. Como nos odiávamos, cada um à sua maneira!).

O rosto de Jonathan empalideceu quando sentiu a carne macia se mexer, tremer e fechar.

— O que é isso? — ele murmurou, horrorizado. — A mão do demônio está aí, com certeza.

— Não sei nada sobre isso; não tenho explicação. O que está feito, está feito e não há como fugir. Você nunca mais será o mesmo, e o seu lugar não é mais em St. Andrew. Agora, venha comigo — eu disse. Ele veio, débil e pálido, e não resistiu quando coloquei minha mão sobre seu braço e o levei de volta à carruagem.

Jonathan não se recuperou do choque durante toda a viagem. Foi um período de muita ansiedade para mim, já que estava ávida para saber se teria meu amigo e amante de volta. Jonathan fora sempre confiante e me deixava doente ter que ser a líder. Era tolo de minha parte esperar outra coisa; afinal, quanto tempo ficara enfiada na casa de Adair, recolhida em mim mesma e recusando-me a acreditar no que tinha acontecido?

Ele permaneceu na cabine do navio durante todo o percurso e não pisou no deque uma vez sequer. Aquilo aguçou a curiosidade da tripulação e de todos os outros passageiros, e, embora o mar estivesse calmo como a água de um poço,

disse a eles que Jonathan estava doente e não confiava nas próprias pernas para ficar andando por aí. Eu trazia sopa da cozinha e sua cota de cerveja, apesar de ele não ter mais necessidade de comer e de seu apetite tê-lo abandonado. Como Jonathan logo se daria conta, comer era algo que fazíamos por hábito e conforto, e para fingir que éramos os mesmos de sempre.

Quando o navio chegou ao porto de Boston, Jonathan tinha se tornado uma criatura estranha, devido às muitas horas na semiescuridão da cabine. Pálido e nervoso, com os olhos vermelhos por não dormir, ele saiu da cabine vestido com os trapos que tínhamos comprado em Camden, numa pequena loja que vendia coisas de segunda mão. Ficou no deque, aguentando os olhares dos outros passageiros, que, sem dúvida, imaginavam se o passageiro desaparecido morrera dentro da cabine durante a jornada. Ele observava a atividade no porto quando o navio ancorou, com os olhos arregalados diante da multidão. Sua beleza extraordinária fora prejudicada pela situação difícil pela qual estava passando e, por um momento, desejei que Adair não visse Jonathan nessas condições lamentáveis durante o primeiro encontro. Queria que Adair visse que Jonathan era tudo o que eu havia prometido; que vaidade tola!

Desembarcamos e não tínhamos andado nem 40 metros no píer quando vi Dona esperando por nós com uma dupla de criados. Dona vestia uma roupa funérea: plumas pretas de avestruz no chapéu, enrolado numa capa preta e apoiado numa bengala, elevando-se sobre as pessoas comuns como o

próprio anjo da morte. Um olhar malicioso tomou conta do rosto dele enquanto nos espiava.

— Como sabia que eu estava voltando hoje? Neste navio? — perguntei. — Não mandei nenhuma carta para avisá-los sobre meus planos.

— Ah, Lanore, você é tão ingênua que me faz rir! Adair sempre sabe dessas coisas. Ele sentiu sua presença no horizonte e me mandou vir buscá-la — ele disse, me empurrando para o lado. Dedicou toda sua atenção a Jonathan, sem tentar disfarçar que o inspecionava da cabeça aos pés e vice-versa. — Então, apresente-me a seu amigo!

— Jonathan, este é Donatello — eu disse, objetivamente. Jonathan nem se mexeu para olhá-lo, nem retornou o cumprimento; se foi por causa da avaliação descarada de Dona ou porque ainda estava em choque, não saberia dizer.

— Ele não fala? Não tem boas maneiras? — Dona disse. Quando Jonathan não fisgou a isca, Dona parou repentinamente e virou-se para mim. — Onde estão suas malas? Os criados...

— Acha que estaríamos vestidos assim se tivéssemos outra coisa para usar? Tive que deixar tudo para trás. Mal tinha dinheiro para chegar a Boston. — Em minha imaginação, via o baú que deixara para trás na casa de minha mãe, acomodado discretamente num canto. Quando eles o inspecionassem, esperando até que a curiosidade os consumisse antes de violar minha privacidade, ainda que soubessem que

eu não voltaria mais, encontrariam a bolsa de couro de veado cheia de moedas de ouro e prata. Estava feliz por ter deixado a bolsa de dinheiro para trás; achava que devia isso à minha família; considerava aquela a dívida de sangue de Adair, pagando a minha família por terem me perdido para sempre, da mesma forma que ele aliviou sua culpa deixando dinheiro para a família dele séculos antes.

— Quão consistente de sua parte! A primeira vez, você veio até nós sem nada. Agora traz seu amigo, ambos sem nada. — Dona jogou as mãos para o ar como se eu fosse incorrigível, mas eu sabia por que estava agindo de forma tão irritada: mesmo no atual estado de Jonathan, sua beleza excepcional era óbvia. Ele se tornaria o predileto de Adair, o amigo e companheiro com quem Dona nunca poderia competir. Dona seria renegado por Adair; não havia nada a ser feito e isso ficara claro para Dona desde o momento em que colocara os olhos em Jonathan.

Jonathan voltou à vida na carruagem, a caminho da mansão de Adair. Esta era sua primeira viagem a uma cidade tão grande como Boston e, pelos seus olhos, revivi minha chegada três anos antes: a multidão nas ruas empoeiradas; a quantidade de lojas e tabernas, as casas maravilhosas feitas de tijolo, com muitos andares de altura; o número de carruagens nas ruas, puxadas por cavalos bem-cuidados; as mulheres com vestidos da moda, decotes reveladores e longos pescoços brancos. Por um instante, Jonathan teve que se afastar da janela e fechar os olhos.

Então, surgiu a mansão de Adair, tão fascinante quanto um castelo, embora, a essa altura, Jonathan já não sentisse mais nada com relação à novidade da grandeza. Ele me deixou guiá-lo escada acima, para dentro da casa, pelo *hall* com o candelabro pendurado e os criados uniformizados abaixando-se tanto para fazer reverência, que conseguiam até inspecionar os sapatos descascados de Jonathan. Passamos pela sala de jantar, com sua mesa para dezoito pessoas, até a escadaria dupla, que levava aos quartos no andar de cima.

— Onde está Adair? — quis saber de um dos mordomos, ansiosa por terminar esta parte.

— Bem aqui — a voz veio de trás de mim e eu me virei para vê-lo entrar. Ele havia se vestido cuidadosamente, com uma casualidade estudada, seu cabelo amarrado para trás com uma fita, como um cavalheiro europeu. Assim como Dona, passou os olhos pelo meu Jonathan tentando avaliar um preço justo por ele, esfregando os dedos da mão direita. Da parte dele, Jonathan tentou ser indiferente, dando uma olhada rápida para Adair e, logo em seguida, afastando o olhar. Mas senti um peso no ar e um reconhecimento passar entre os dois. Poderia ser o que os místicos chamam de elo entre as almas destinadas a viajar juntas pelo tempo. Ou poderia ter sido a dança dos machos rivais na floresta, imaginando quem ficaria no topo e quão sangrenta a batalha seria. Ou seria porque ele finalmente estava conhecendo o homem que me capturara.

— Então este é o amigo de quem você nos falou — Adair disse, fingindo que a situação era tão simples quanto a visita de um velho amigo.

— Tenho o prazer de apresentá-lo ao senhor Jonathan St. Andrew. — Fiz minha melhor representação de mestre de cerimônias, mas nenhum deles achou graça.

— E você é o ... — Jonathan procurou pela palavra para descrever o Adair da minha história fantástica, pois, honestamente, do que poderia chamá-lo? Monstro? Ogro? Demônio? — Lanny me falou de você.

Adair levantou uma sobrancelha.

— Falou? Espero que Lanny não tenha feito muito alarde; ela tem uma imaginação fantástica. Precisa me dizer o que ela lhe contou, algum dia. — Ele estalou os dedos para Dona. — Acompanhe nosso convidado até o quarto. Ele deve estar cansado.

— Eu posso levá-lo — disse, mas Adair me interrompeu.

— Não, Lanore, fique comigo. Gostaria de falar com você por um momento. — Foi só então que percebi que estava numa enrascada: ele tinia de raiva, oculta em consideração ao nosso convidado. Observamos enquanto Dona acompanhava um Jonathan sonâmbulo subindo pela escada espiralada, até que desapareceram de nossa vista. Então, Adair virou-se para mim, me esbofeteando com violência no rosto. Caída no chão, segurei meu rosto e olhei para ele.

— Por que isso?

— Você o transformou, não foi? Roubou meu elixir e o levou com você. Achou que eu não descobriria o que tinha feito? — Adair estava em cima de mim, bufando, ombros tremendo.

— Não tive escolha! Ele foi baleado... estava morrendo...

— Acha que sou estúpido? Você roubou o elixir porque, desde o princípio, tinha a intenção de vinculá-lo a você. Adair esticou-se e me agarrou pelo braço, suspendeu meus pés do chão e me atirou contra a parede. Nas mãos dele, senti o terror do episódio do porão, amarrada no arreio diabólico, impotente diante de sua violência e mergulhada em pânico. Então, ele me bateu de novo, um golpe doloroso que me derrubou no chão pela segunda vez. Mais uma vez, passei a mão no rosto, agora sujo de sangue. Ele havia cortado a pele e a dor irradiava por minha face, embora as bordas dos ferimentos já tivessem começado a se juntar.

— Se eu quisesse roubá-lo de você, acha que teria voltado? — Ainda no chão, me arrastei de costas como um caranguejo, para sair do alcance de Adair, escorregando na barra de seda da minha saia. — Teria fugido e o levado comigo. Não, é exatamente o que contei a você... Peguei o frasco, sim, mas por precaução. Foi uma premonição que senti, de que algo terrível aconteceria. Mas claro que eu voltei. Sou fiel a você — disse, mesmo com raiva em meu

coração, fúria por ter apanhado, por ser impotente e não conseguir me defender.

Adair deu-me uma olhada, questionando minha declaração, mas não me bateu de novo. Em vez disso, virou-se e saiu, seu aviso ainda ecoando no corredor.

— Veremos sobre essa sua suposta lealdade. Não pense que isso está terminado, Lanore. Eu destruirei os laços entre você e esse homem tão completamente, que sua relação com ele será reduzida a nada. Seu roubo e seu plano serão um fracasso total. Você é minha e, se acredita que não posso desfazer o que já fez, está enganada. Jonathan será meu também.

Permaneci no chão, com a mão na face, tentando não entrar em pânico com suas palavras. Não podia deixá-lo tirar Jonathan de mim; não podia deixá-lo cortar os laços com a única pessoa de quem eu gostava. Jonathan era tudo o eu tinha e tudo o que eu queria. Se o perdesse, a vida ficaria sem sentido, e, infelizmente, vida era tudo o que me restava.

39

CIDADE DE QUEBEC, HOJE

É quase meia-noite quando eles chegam à cidade de Quebec. Lanny direciona Luke para o que parece ser o melhor hotel na parte antiga da cidade, um edifício alto parecido com uma fortaleza, com parapeitos onde coroas e bandeiras tremulam ao vento gelado da noite. Agradecido por estar dirigindo uma SUV nova em vez de sua velha caminhonete, Luke dá as chaves ao atendente do estacionamento e, então, ele e Lanny entram de mãos vazias no *lobby*.

O quarto do hotel é o lugar mais luxuoso onde ele já se hospedara; faz o hotel em que passara sua lua de mel parecer vergonhoso. A cama é macia, com colchão de penas, meia dúzia de travesseiros e lençóis de algodão egípcio, e, enquanto ele se acomoda em sua voluptuosidade, ergue o controle remoto em direção à TV de tela plana. O programa de notícias locais deveria começar em alguns minutos e ele está ansioso para ver se vão mencionar o desaparecimento de uma suspeita de assassinato de um hospital no Maine. Luke espera que St. Andrew seja longe e insignificante o bastante para a história não chegar até o Quebec.

Seu olhar passa pelo laptop de Lanny, ao pé da cama. Ele poderia ver se havia alguma coisa *on-line*, mas Luke é

tomado por um medo súbito e irracional de que, se procurar pela história na internet, isso poderá denunciá-los de alguma forma, que as autoridades serão capazes de rastreá-los pela combinação da conexão e pelo uso de palavras-chave. Seu coração acelera, embora saiba que isso não é possível. Ele fica tonto com a paranoia, ainda que não tenha certeza se há razão para isso.

Lanny sai do banheiro envolvida por uma nuvem de ar úmido e morno. Está dançando dentro do roupão do hotel, imenso para ela, e tem uma toalha sobre os ombros, o cabelo molhado caindo em cachos sobre seus olhos. Ela tira um pacote de cigarros de sua jaqueta. Antes de acender, oferece um a Luke, mas ele recusa.

— A pressão da água é maravilhosa — ela diz, mandando um fio de fumaça em direção aos alarmes de incêndio colocados discretamente no teto. — Você deveria tomar um banho quente e demorado.

— Daqui a pouco.

— O que tem na televisão? Está procurando alguma coisa sobre nós?

Ele assente, mexendo os pés ainda com meias para a tela de plasma. O logotipo brilhante do programa de notícias aparece e então um homem de meia-idade, com o semblante sério, começa a ler as manchetes enquanto o segundo âncora concorda, compenetrado. Lanny continua sentada com as costas viradas para a tela, enxugando os cabelos com a

toalha. Depois de sete minutos de programa, uma foto do rosto de Luke aparece atrás do âncora. É a foto dos funcionários do hospital, que é usada toda vez que seu nome é mencionado no jornalzinho interno.

"*... desapareceu após tratar de uma suspeita de assassinato no Hospital de Aroostook, ontem à noite, e as autoridades temem que algo possa ter acontecido a ele. A polícia está pedindo a quem tiver informações sobre a localização do médico que, por favor, ligue para a linha direta do crime...*"

A história inteira dura menos do que sessenta segundos, mas é tão alarmante ver seu rosto na tela da televisão que Luke não consegue absorver o que o âncora está dizendo. Lanny tira o controle remoto da mão dele e desliga a TV.

— Então, estão procurando você — ela diz, sua voz quebrando a paralisia dele.

— Não é preciso esperar 48 horas antes de considerarem alguém desaparecido? — ele pergunta, um pouco indignado, como se tivessem feito uma injustiça com ele.

— Eles não vão esperar; acham que você está correndo perigo.

"*Estou?*", ele se pergunta. "*Será que Joe Duchesne sabe de alguma coisa que eu não sei?*"

— Eles falaram meu nome no ar. O hotel...

— Não há razão para se preocupar. Nós fizemos o check-in em meu nome, lembra? A polícia em St. Andrew não sabe quem eu sou. Ninguém vai somar dois e dois. — A garota se afasta e sopra outro fio de fumaça. — Ficará tudo bem. Confie em mim. Sou especialista em fugas.

É como se o cérebro de Luke se apertasse dentro do crânio, como se o pânico estivesse tentando escapar. Ele se dá conta da gravidade do que fizera: Duchesne estará esperando para falar com ele. Peter deve ter contado à polícia sobre o SUV e o e-mail, então, não há como continuar o usando. Para conseguir voltar para casa, terá que mentir de forma convincente para o xerife e repetir a mesma mentira para todos quando voltar para St. Andrew, talvez pelo resto da vida. Ele fecha os olhos e tenta respirar. O inconsciente dele o levou a ajudar Lanny. Se ele conseguisse ir contra o alarme tocando em sua cabeça, seu inconsciente deveria lhe dizer o que ele realmente quer, por que deixou sua vida para trás e pegou a estrada com essa mulher, o mundo desabando atrás dele.

— Isso significa que não posso voltar? — ele pergunta.

— Se é isso o que você quer — ela responde cautelosamente. — Eles farão perguntas, mas nada que você não consiga administrar. Você quer voltar para St. Andrew? Para a fazenda de seus pais, a casa cheia dos pertences deles; consegue viver com a ausência de suas filhas? Quer voltar para o hospital para cuidar de seus vizinhos ingratos?

O incômodo de Luke fica ainda maior.

— Não quero falar sobre isso.

— Me escute, Luke! Sei o que está pensando. — Ela desliza pela cama e senta-se ao lado dele, perto, assim ele não pode se afastar dela. Ele sente o cheiro suave do perfume de sabonete amornado pela pele dela, saindo do roupão. — Você quer voltar para lá porque é o que conhece; é o que deixou para trás. O homem que eu vi entrar na sala de emergência estava devastado e cansado. Passou por muitas coisas com seus pais e sua ex-mulher, perdeu suas filhas... Não há mais nada lá, para você. É uma armadilha. Se voltar para St. Andrew, nunca mais sairá de lá. Só ficará mais velho, cercado de pessoas que não estão nem aí para você. Sei o que está sentindo. Está sozinho e com medo de ficar sozinho para o resto da vida, andando de um lado para o outro numa casa enorme, sem ter ninguém para conversar. Quem estará lá para você? Quem cuidará de você do mesmo jeito que cuidou de seus pais? Quem segurará sua mão quando chegar a sua vez de morrer? — O que ela disse é brutalmente verdadeiro e ele mal consegue ouvi-la. Ela coloca um braço ao redor do ombro de Luke e, quando percebe que ele não a empurra para o lado, ela o puxa para mais perto ainda.

— Você está certo em ter medo de morrer. A morte já levou todos os que eu conheci na vida. Segurei-os em meus braços até o último momento, confortei-os, chorei quando eles se foram. A solidão é uma coisa terrível. — As palavras

parecem contraditórias, vindas dessa mulher, mas sua tristeza é palpável. — Posso ficar com você para sempre, Luke. Não irei embora. Estarei aqui para o resto de sua vida, se você quiser que eu esteja.

Luke não se afasta, mas considera bastante as palavras dela. Ela não está propondo amor (está?), não, Luke sabe que não, ele não é tolo. Embora também não seja exatamente uma amizade. Ele não se ilude imaginando que sejam almas gêmeas: eles se conhecem há menos de 36 horas. Ela precisa de companhia. Luke seguira um instinto que não sabia ter e se saiu bem com ele. Ela acha que pode funcionar. E, em troca, ele pode deixar para trás sua vida antiga e complicada sem ter que fazer muita coisa a não ser cancelar a conta de energia elétrica. E Luke nunca mais estaria sozinho.

Ele permanece nos braços de Lanny, deixando-a passar a mão em suas costas, apreciando o toque de sua mão. Isso clareia a mente e traz paz a Luke pela primeira vez desde que o xerife a levou até a sala de emergência.

Ele sabe que, se pensar muito, a nuvem encobrirá tudo de novo. Sente-se como um personagem no meio de um conto de fadas, mas, se parar para refletir sobre o que está acontecendo, se resistir ao embalo suave da história, a confusão tomará conta. Está tentado a não questionar o mundo misterioso de Lanny; se aceitar ser verdade o que ela diz, então o que acredita sobre a morte é uma mentira. Mas, como médico, Luke já testemunhou o final da vida, acompanhou pacientes enquanto a vida deles se esvaía aos poucos. Ele

aceitava a morte como uma das verdades absolutas do mundo e agora estão lhe dizendo que não é bem assim. No final da vida, as exigências são escritas com tinta invisível. Se a morte não era uma verdade absoluta, e os outros fatos e crenças com os quais fora criado? Quais desses *outros* também seriam mentira?

Isto é, se a história dessa jovem for verdadeira. Embora esteja caminhando por uma névoa de aquiescência, Luke ainda não consegue deixar de lado a suspeita de que esteja sendo enganado. Ela obviamente tem talento para manipular as pessoas, como muitos dos psicopatas. Mas agora não é hora de ter esses pensamentos. Ela está certa: ele está cansado, devastado e com medo de chegar à conclusão errada, de tomar a decisão errada.

Ele encosta de volta no travesseiro, que cheira a lavanda, e se aninha no corpo morno de Lanny.

— Não precisa se preocupar. Eu não vou a lugar nenhum agora. Para começar, você ainda não me contou o resto da história. Quero saber o que acontece depois.

40

BOSTON, 1819

Saímos naquela noite, a primeira de Jonathan em Boston. O evento era mais sossegado, um sarau, com um piano e um cantor de renome, mesmo assim não achei uma boa ideia levá-lo enquanto ainda estava em choque e tinha a mente confusa. Segredo era a palavra-chave de Adair, que havia nos impressionado com lendas sobre ser suspeito de bruxaria e mal ter escapado da gentalha violenta, fugindo a cavalo sob o luar, deixando para trás uma fortuna que levara anos para amealhar, e sabia-se lá o que Jonathan poderia dizer no estado em que estava. No entanto, Adair não desistiu e fomos enviados para remexer os baús e achar roupas de festa para Jonathan. Ao final, Adair confiscou a maravilhosa sobrecasaca francesa de Dona (Jonathan era tão alto quanto Dona, mas tinha os ombros mais largos) e mandou uma das criadas trabalhar nas alterações enquanto o restante de nós nos maquiávamos, nos perfumávamos e nos vestíamos para apresentar Jonathan à cidade.

A única coisa é que ele não podia continuar sendo Jonathan, podia?

— Deve se lembrar de se apresentar com outro nome — Adair explicou, enquanto os criados nos ajudavam a colocar

as capas e os chapéus sob um candelabro no *hall*. — Não podemos deixar que fiquem sabendo, em seu pequeno vilarejo, que Jonathan St. Andrew foi visto em Boston.

A razão era óbvia: a família de Jonathan estaria procurando por ele. Ruth St. Andrew se recusaria a aceitar que o filho tivesse simplesmente desaparecido. Ela faria uma busca pela cidade inteira, incluindo as florestas e o rio. Quando a neve derretesse, na primavera, e ainda assim não encontrassem o corpo, ela deduziria que Jonathan havia ido embora por conta própria e, então, formaria uma rede ainda maior na tentativa de encontrá-lo. Não podíamos deixar uma trilha de migalhas para trás, pistas que pudessem trazer alguém à nossa porta.

— Por que você insiste em sair com ele hoje? Por que não o deixa se recuperar primeiro? — perguntei a Adair, enquanto nos amontoávamos na carruagem. Ele deu atenção a mim como daria a um idiota ou a uma criança barulhenta.

— Porque não quero que ele fique trancado no quarto, remoendo sobre o que deixou para trás. Quero que aproveite o que o mundo tem a lhe oferecer. — Ele sorriu para Jonathan, embora Jonathan só olhasse tristemente para fora da janela da carruagem, ignorando até mesmo a mão de Tilde brincando de maneira provocativa com seu joelho. Alguma coisa na resposta de Adair não me convenceu, e eu já havia aprendido a confiar em meus instintos quando achava que Adair estava mentindo. Adair *queria muito* que Jonathan fosse visto em público, mas, o motivo, eu não sabia.

A carruagem nos levou para uma casa imponente e alta, não muito longe do Boston Common, de um intendente municipal e advogado cuja esposa enlouquecera por Adair ou, melhor dizendo, enlouquecera pelo que ele representava: aristocracia europeia e sofisticação (se ela soubesse que, na verdade, estava recepcionando o filho de um trabalhador braçal itinerante, um camponês com sangue e lama nas mãos...). O marido se retirava para a fazenda deles a oeste da cidade toda vez que a esposa dava uma dessas festas, e era melhor assim, do contrário, morreria de ataque cardíaco se soubesse o que acontecia nesses eventos e como ela gastava o dinheiro dele.

Além de ficar pendurada nos braços de Adair praticamente a noite toda, a esposa do intendente também tentou fazê-lo interessar-se por suas filhas. Apesar de a América ter acabado de conseguir sua independência e desbancar a monarquia a favor da democracia, alguns ainda se enamoravam da ideia da realeza, e a esposa do intendente provavelmente desejava, em segredo, que uma de suas filhas se casasse com um nobre. Esperava que, quando chegássemos, ela cairia sobre Adair numa agitação de saias de tafetá e reverências, conduzindo as filhas para mais perto do conde, de onde ele pudesse espiar seus decotes sem problema.

Quando Jonathan entrou no salão de baile, houve um silêncio brusco e então um ti-ti-ti se espalhou pela multidão. Não seria exagero dizer que todos os olhares recaíram sobre ele. Tilde estava de braço dado com ele e o acompanhou até onde Adair estava conversando com as anfitriãs.

— Permita-me apresentar a vocês... — Adair começou e então disse um nome à esposa do intendente pelo qual Jonathan seria chamado, Jacob Moore, um nome ilusório e comum. Ela o olhou e ficou sem fala por um momento.

— Ele é meu primo americano, acredita nisso? — Adair passou as mãos afetuosamente em volta do pescoço de Jonathan. — Do ramo da família na Inglaterra, do lado de nossas mães. Um braço distante da família... — Adair parou quando ficou aparente que ninguém, pela primeira vez desde que chegara à América, prestava atenção no que estava dizendo.

— Você é novo em Boston? — a anfitriã perguntou a Jonathan, os olhos dela presos no rosto dele. — Porque eu certamente me lembraria se o tivesse visto antes.

Eu fiquei perto da mesa de ponche, com Alejandro, observando Jonathan enrolar-se para dar uma explicação, precisando que Adair viesse em seu socorro.

— Acho que não vamos ficar muito tempo aqui esta noite — eu disse.

— Isso não será tão fácil quanto Adair pensa. — Alejandro ergueu o copo na direção deles. — Não dá para esconder *aquele rosto*. A notícia vai se espalhar, talvez até chegue a seu vilarejo miserável.

Havia uma preocupação mais imediata, pensei, enquanto observava Jonathan e Adair juntos. As mulheres se juntavam

não ao redor do europeu aristocrático, mas do estranho alto. Elas olhavam para ele de trás de seus leques; enrubesciam a seu lado, esperando para serem apresentadas. Já vira aquelas expressões antes e percebi, naquele momento, que isso nunca mudaria. Onde quer que Jonathan estivesse, as mulheres tentariam possuí-lo. Mesmo que ele não as incentivasse, elas o perseguiam. Por mais difícil que tenha sido a concorrência em St. Andrew, agora Jonathan nunca seria só meu; sempre teria que dividi-lo com alguém.

Nessa noite, Adair parecia satisfeito em deixar Jonathan ser o centro das atenções; na verdade, parecia prestar muita atenção na reação dos convidados. Mas eu me perguntava até quando isso duraria. Adair não parecia ser do tipo que viveria à sombra de alguém, e nunca havia opção senão deixá-lo ser a estrela. O próprio Jonathan não tinha chance.

— Acho que teremos problemas logo, logo — murmurei para Alejandro.

— Com Adair, sempre há problema; é só uma questão de quão sério o problema é.

Ficamos mais do que esperava: a noite começava a dar lugar ao nascer arroxeado da madrugada, quando voltamos à mansão, exaustos e calados. Percebi que, mesmo sem querer, Jonathan parecia ter saído um pouco da concha. Pontos de cor (por excesso de bebida?) espalhavam-se por suas bochechas e ele estava definitivamente menos tenso.

Subimos as escadas em silêncio, o som agudo de nossos saltos sobre o chão de mármore ecoando pela casa grande e vazia. Tilde agarrou a mão de Jonathan, tentada em levá-lo para o quarto dela, mas ele chacoalhou a cabeça e escapou de suas garras. Um por um, os cortesãos desapareciam atrás das portas douradas de seus aposentos até ficarmos apenas Jonathan, Adair e eu. Estava prestes a acompanhar Jonathan ao quarto dele, para lhe dizer algumas palavras de conforto e encorajamento, e, com alguma sorte, ser convidada para mantê-lo quente sob as cobertas, quando Adair me puxou para mais perto dele, bem na frente de Jonathan, e passou sua mão sobre meus seios e minhas nádegas. Ele abriu a porta de seu quarto com um chute.

— Vai se juntar a nós essa noite? — ele perguntou, com uma piscadela. — Podíamos fazer desta uma noite memorável, para comemorar sua chegada. Lanore pode muito bem dar prazer a nós dois; já fez isso muitas vezes antes. Deveria ver por si mesmo: ela tem um dom para amar dois homens ao mesmo tempo. — Jonathan empalideceu e deu alguns passos para trás. — Não? Uma próxima vez, então. Talvez quando estiver mais descansado. Boa noite! — Adair disse enquanto me puxava para dentro, atrás dele. Não havia dúvida em sua mensagem: eu era uma prostituta comum. Era assim que Adair planejara matar a afeição de Jonathan por mim e percebi, naquele exato momento, que fora tola de duvidar da capacidade dele em fazer o plano dar certo. Mal olhei para o rosto de Jonathan, que estava chocado e magoado, e a porta se fechou com uma pancada.

De manhã, juntei minhas roupas em meus braços e, de camisola e descalça, fiquei do lado de fora do quarto de Jonathan, tentando ouvir os sinais de que estava acordado. Morri de vontade de escutar os barulhos cotidianos de seu ritual matinal, o farfalhar do lençol de linho, a água caindo na bacia, achando que isso consertaria tudo. Não fazia ideia se conseguiria encará-lo. Queria o tipo de reafirmação que uma criança recebe de seus pais depois de ser punida, mas não tinha coragem de bater à porta. No entanto, não fazia diferença: estava completamente quieto do lado de dentro, e dado o dia longo e complicado que ele tivera, não duvidaria se ele dormisse por 24 horas.

Lavei-me em meu quarto e coloquei uma roupa limpa, então desci as escadas na esperança de que, embora tão cedo, os criados tivessem colocado o café para ferver. Para minha surpresa, Jonathan estava sentado na sala de jantar, o leite soltando fumaça e o pão torrado na mesa em frente dele. Ele me olhou.

— Você já está de pé — eu disse.

Ele se levantou e puxou a cadeira diante dele.

— Mantive os horários de fazendeiro a vida toda. Com certeza se lembra disso em St. Andrew; se dormisse depois das seis horas da manhã, a cidade inteira estaria falando de você antes do meio-dia. A única coisa capaz de mudar isso é se estivesse em seu leito de morte — ele disse com ironia. Um jovem sonolento e desajeitado entrou com uma xícara e

um pires, deixando espirrar café nas bordas, então colocou-a em minha mão esquerda, fez um aceno com a cabeça e saiu.

Apesar de ter pensado a noite toda sobre como me explicaria para Jonathan, estava confusa. Não fazia ideia de como começar, então passei a mexer na alça da xícara.

— O que viu na noite passada...

Jonathan ergueu a mão, uma expressão controlada no rosto, como se não quisesse, mas soubesse que tinha que falar.

— Não sei por que reagi daquele jeito ontem à noite...Você já tinha me falado claramente sobre sua situação em St. Andrew. Se fiquei chocado é porque, bem, não esperava que Adair fizesse o convite que fez. — Jonathan limpou a garganta. — Você sempre foi uma boa amiga para mim, Lanny...

— Isso não mudou — eu disse.

— ... mas não estaria dizendo a verdade se dissesse que as palavras dele não me abalaram. Ele não me parece o tipo de homem que uma mulher deveria permitir-se amar. — Parecia incomodá-lo muito falar tudo aquilo para mim. — Você o ama?

Como Jonathan poderia pensar que eu amasse alguém além dele? Ele não parecia estar com ciúmes; estava preocupado.

— Não tem nada a ver com amor — eu disse, com tristeza. — Tem que entender isso.

Seu rosto mudou repentinamente, como se um pensamento lhe tivesse vindo à cabeça. — Diga-me que ele não a força a fazer essas coisas.

Enrubesci.

— Não exatamente.

— Então você *quer* ficar com ele?

— Não agora que você está aqui — eu disse, e ele se contorceu, embora eu não tivesse certeza do porquê. Naquele momento, queria avisar Jonathan sobre as possíveis intenções de Adair com relação a ele. — Veja bem, há uma coisa sobre Adair que devo lhe contar, apesar de provavelmente já ter percebido, agora que conheceu Dona e Alejandro. Eles... — Hesitei, sem saber quanto mais Jonathan poderia aguentar depois de tudo o que havia passado em 24 horas.

— Eles são sodomitas — ele disse, objetivamente. — Não se passa a vida cercado por homens como aqueles lenhadores, que têm outros homens como companhia, sem que se perceba alguma coisa.

— Eles têm relações com Adair. Você verá; Adair tem uma natureza muito peculiar — eu disse. — Ele é louco por qualquer tipo de fornicação. Mas não há nada de amoroso

nisso, nem de suave. — Parei quase a ponto de lhe falar que Adair usava o sexo como punição, para sobrepujar seus desejos sobre nós, para nos fazer obedecê-lo. Eu não disse nada porque estava com medo, assim como Alejandro teve medo de me contar a verdade. Jonathan olhou diretamente para mim, um franzido firme enrugando seus lábios.

— No que você foi me enfiar, Lanny?

Alcancei sua mão.

— Sinto muito, Jonathan, de verdade! Tem que acreditar em mim. Mas, embora não queira me ouvir dizer isso, é um conforto tê-lo aqui comigo. Tenho estado tão sozinha! Precisei tanto de você. — Ele apertou minha mão, relutante. — Além disso — continuei —, o que poderia fazer? Kolsted lhe deu um tiro. Você estava sangrando até a morte em meus braços. Se eu não agisse, você estaria...

— Morto, eu sei. É só que... espero não estar na posição, um dia, de desejar que estivesse morto.



Naquela manhã, Adair mandou um criado buscar um alfaiate. Jonathan precisava de um guarda-roupa, Adair ordenou; seu novo convidado não poderia ser visto em público em trajes descombinados e mal-ajambrados. Como todos os membros da família eram como mancebos e enriqueceram

muito o alfaiate, o sr. Drake se apressou e chegou antes mesmo que as coisas do café da manhã fossem retiradas, trazendo com ele uma fila de assistentes carregando os rolos de tecido. As últimas lãs e veludos, sedas e brocados, vindos das lojas europeias. Caixas de chá repletas de botões caros feitos de madrepérola e osso, fivelas de estanho para um par de sapatilhas. Senti que Jonathan não aprovava e não queria ficar em débito com Adair por causa de um guarda-roupa extravagante, mas não disse nada. Sentei-me num banquinho, ao lado da confusão, olhando com admiração os lindos tecidos, na esperança de poder conseguir um ou dois vestidos nesse processo de provas e ajustes.

— Sabe, eu bem que poderia usar umas coisas novas — eu disse a Adair, segurando um pedaço de cetim cor-de-rosa perto da face para ver se combinava com a cor da minha pele. — Deixei todo meu guarda-roupa para trás, em St. Andrew, quando fugimos. Tive que vender minha última peça de joia para comprar as passagens do navio para Boston.

— Não me faça lembrar disso — ele disse secamente.

O sr. Drake fez Jonathan ficar em pé, em cima de seu banquinho de alfaiate, em frente do maior espelho da casa, e começou a tirar as medidas com a fita métrica, falando sozinho as proporções impressionantes de Jonathan.

— Ora, ora, você é bem alto! — ele disse, correndo as mãos pelo comprimento das costas de Jonathan, então sobre

os quadris e, finalmente, quase me fez desmaiar, até o meio de sua perna, para medir a altura do “cavalo”. — O cavalheiro acomoda o membro do lado esquerdo — Drake murmurou, quase gentilmente, para o assistente que tomava nota dos números.

O pedido para o alfaiate era extenso: três paletós e meia dúzia de pares de calças, com um par feito com a mais fina pele de veado, para cavalgar; uma dúzia de camisas, incluindo uma bem elegante, com renda, para eventos de gala; quatro sobretudos, pelo menos uma dúzia de gravatas. Um novo par de botas para o campo. Meias de seda e lã, e ligas, três pares de cada. E isso era só para cobrir as necessidades imediatas; seriam feitos mais pedidos assim que a nova carga de tecidos chegasse. O sr. Drake ainda estava tirando o pedido quando Adair colocou um imenso rubi sobre a mesa, diante do alfaiate. Nenhuma palavra foi dita, mas, pelo sorriso no rosto do sr. Drake, ele estava mais do que feliz com seu pagamento. O que ele não sabia era que a gema era uma mera bugiganga, retirada de uma caixa com muitas outras, a própria caixa, uma entre tantas outras. Adair tinha tesouros que vinham desde o saque de Viena; para ele, uma pedra preciosa daquele tamanho era tão comum quanto uma plantação de cogumelos.

— Uma capa também, acho, para meu sócio. Forrada com cetim grosso — Adair acrescentou, girando o rubi sobre seu lado facetado, como um pião de madeira. O rubi atraiu a atenção de todos, e eu fui a única a perceber o olhar longo e avaliador de Adair em Jonathan, dos ombros até a graciosa

curva na parte mais baixa das costas e sobre seu quadril benfeito. O olhar era tão descarado e cheio de desejo que congelou meu coração de medo pelo que ainda viria pela frente para meu Jonathan.

Quando o alfaiate empacotou suas coisas, chegou uma estranha visita para Adair. Um cavalheiro circunspecto, com dois livros contábeis e um kit portátil com objetos de escrita (tinteiro e penas) enfiados debaixo do braço. Os dois foram imediatamente para o estúdio sem dizer uma só palavra a ninguém.

— Sabe quem é esse homem? — perguntei a Alejandro enquanto observava a porta fechada do estúdio.

— Adair contratou um advogado enquanto esteve fora. É compreensível: agora que está neste país, tem problemas legais para resolver com relação à sua propriedade no exterior. Essas coisas aparecem de vez em quando. Não têm consequência nenhuma — ele respondeu, como se isso fosse a coisa mais entediante que se pudesse imaginar. Assim, não prestei mais atenção nela, naquela época.

— É loucura — Jonathan disse, quando Adair falou que um artista estava vindo à casa naquele dia para fazer esboços dele para uma pintura a óleo.

— Seria um crime não ter um retrato seu — Adair argumentou de volta. — Há homens muito mais feios que se imortalizaram para a posteridade e cobriram as paredes das mansões da família com seu rosto patético. Esta casa é um

exemplo disso! — Adair disse, gesticulando em direção às paredes cheias de retratos, alugados com a casa para dar um aspecto de *pedigree* já pronto. — Além do mais, a sra. Warner me falou do artista, muito talentoso, e quero ver se ele é merecedor dos elogios que lhe estão sendo feitos. Ele deveria agradecer a Deus por ter um modelo como você, pode acreditar. Seu rosto pode muito bem dar um empurrão na carreira desse homem.

— Não me importo com a carreira de ninguém — Jonathan revidou, mas sabia que a batalha estava perdida. Posou para o artista, mas não cooperou muito: se jogou na cadeira, inclinando-se com a face encostada na mão, o rosto malhumorado como o de um aluno que ficou de castigo depois da aula. Fiquei sentada à janela durante toda a sessão, vendo a beleza dele novamente através dos rápidos esboços de carvão do artista. O pintor resmungava para si mesmo durante todo o processo, sem dúvida agradecido pela sorte de trabalhar com uma figura tão impressionante e ainda ser pago por este privilégio.

Dona, que já fora modelo, sentou-se comigo durante uma tarde, aparentemente para estudar a técnica do artista. Notei que ele parecia observar mais a Jonathan do que ao artista.

— Ele vai se tornar o preferido, não vai? — Dona disse a certa altura. — Pode-se dizer pelo retrato; Adair só faz retratos dos favoritos. A odalisca, por exemplo.

— E o que isso significa: ser seu preferido?

Ele me lançou um olhar cínico.

— Ah, não finja que não sabe! Você foi a preferida de Adair durante um tempinho. De alguma forma, ainda é. Então, você sabe, é oneroso. Ele espera sua atenção o tempo todo. Exige muito e se cansa rápido, especialmente quando falamos de jogos sexuais — Dona disse, erguendo os ombros de maneira astuciosa, como se para expressar que estava feliz por não sofrer mais a pressão de ter que inventar novas maneiras de fazer Adair chegar ao clímax. Olhei Dona bem de perto, estudando seus traços enquanto ele falava: ele também era um belo homem, embora sua beleza tenha sido destruída pela infelicidade que carregava dentro de si. Uma malícia secreta encobriu-lhe os olhos e transformou sua boca num sorriso de escárnio.

— E ele só fez retrato desses dois? — perguntei, retomando a conversa. — Apenas Uzra e Jonathan?

— Ah, houve alguns outros! Só dos absolutamente lindos. Ele deixou a pintura deles guardadas no Velho Continente, como os rostos de anjos trancados num cofre. Eles caíram em desgraça. Talvez os encontre algum dia. — Ele meneou a cabeça, estudando Jonathan com olhos críticos. — Os quadros, quero dizer.

— Os quadros... — repeti. — Mas e os que caíram em desgraça, o que aconteceu com eles?

— Ah, alguns foram embora. Com a bênção de Adair, é claro. Ninguém vai embora sem isso. Mas estão espalhados

como folhas ao vento... Nós raramente os vemos. — Ele parou por um minuto. — Embora você tenha conhecido Jude, pensando bem. Não fez falta nenhuma. Que homem diabólico, fingir-se de pastor! Um pecador em roupa de santo — Dona riu, como se fosse a coisa mais engraçada que pudesse conceber: o maldito fantasiado de pastor.

— Você disse que apenas alguns foram embora. E os outros? Alguém foi embora sem a permissão de Adair?

Dona me dirigiu um sorriso levemente maléfico.

— Não finja ser estúpida! Se fosse possível fugir de Adair, acha que Uzra ainda estaria aqui? Você já passou tempo suficiente com ele para saber que não é negligente nem sentimental. Ou você vai embora com as bênçãos dele ou, bem... ele não deixaria alguém para trás para se vingar dele e revelá-lo para as pessoas erradas, não é? — Mas isso seria a última coisa que Dona diria sobre nosso misterioso senhor. Ele me olhou e, parecendo pensar melhor sobre revelar mais alguma coisa, saiu do quarto e me deixou refletindo sobre o que me contara.

Nesse momento, houve uma comoção no quarto; Jonathan levantou-se abruptamente da cadeira.

— Já cansei dessa insensatez! Não aguento mais — ele disse, seguindo Dona e deixando o artista decepcionado por ver sua boa sorte caminhar para fora do quarto. No final, a pintura de Jonathan nunca foi terminada e Adair foi forçado a se contentar com o esboço de carvão que, logo em seguida,

foi emoldurado em vidro e mantido no estúdio. O que Adair não sabia é que Jonathan seria o último de seus preferidos a ser imortalizado num retrato, que todas as peculiaridades e intrigas de Adair estavam prestes a ser completamente desfeitas.

41

Após o sucesso da primeira noite, Adair levava Jonathan com ele a todos os lugares. Além das diversões noturnas, ele começou a encontrar coisas para os dois fazerem juntos, deixando o restante de nós sozinhos. Adair e Jonathan iam a corridas de cavalo, reuniões no campo, jantares e debates no clube dos cavalheiros, e participavam das palestras de Harvard. Ouvi dizer que Adair levou Jonathan ao bordel mais exclusivo da cidade, onde escolheram meia dúzia de garotas para atender a ambos. A orgia parecia um tipo de ritual com a intenção de uni-los, como um pacto de sangue. Adair, com impaciência, apresentou Jonathan a todas as suas coisas favoritas: empilhou romances na mesa de cabeceira ao lado da cama de Jonathan (os mesmos que ele me fez ler quando me tinha embaixo das asas dele), mandava fazer pratos especiais para ele. Havia até uma conversa sobre voltar ao Velho Mundo, assim Jonathan poderia vivenciar as grandes cidades. Era como se Adair estivesse determinado a criar uma história que os dois pudessem compartilhar. Ele faria sua vida a de Jonathan. Era assustador, mas parecia distrair Jonathan. Ele não mencionara os temores relacionados à sua família e à cidade desde que partimos, mas com certeza isso estava em sua mente. Talvez estivesse fazendo uma gentileza para mim, não falando sobre isso, já que não havia nada que pudéssemos fazer para mudar a situação.

Depois de algum tempo vivendo desse jeito, os dois homens passando a maioria do tempo na companhia um do outro, Adair me puxou de lado. A família estava relaxando na sala de estar, os outros três ensinando as complexidades de apostas do faraó, Adair e eu sentados no divã observando, como pais satisfeitos a admirar a prole brincar em harmonia.

— Agora que tenho estado na companhia de Jonathan, formei uma opinião sobre ele... Gostaria de saber qual é? — Adair me disse em voz baixa, para que não fosse ouvido. Seu olhar não saiu de Jonathan enquanto falava. — Ele não é o homem que pensa que é.

— Como você sabe o que penso dele? — tentei soar confiante, mas não consegui esconder o tremor em minha voz.

— Sei que acha que um dia ele vai cair em si e dedicar-se inteiramente a você — ele disse sarcasticamente, dando indícios do quanto desprezava a ideia. Renegar todas as outras... Jonathan já não fizera um voto de fidelidade a uma só mulher, com tudo o que isso acarreta? Ele provavelmente não fora fiel à Evangeline nem por um mês depois de terem se casado. Eu pus um sorriso congelado em meus lábios; não daria a Adair a satisfação de saber que tinha me magoado. Adair mudou seu peso de lado no divã, cruzando uma perna sobre a outra, indiferente.

— Não devia levar a inconstância dele tão a sério. Ele não é capaz de um amor assim, por nenhuma mulher. Ele não consegue colocar as necessidades dos outros à frente de suas

próprias vontades e desejos. Por exemplo, ele me contou que fica muito incomodado por fazê-la tão infeliz...

Enfiei minhas unhas com força na parte da trás de uma mão, mas não havia dor para me distrair.

— ... mas ele está confuso sobre o que fazer. No entanto, para a maioria dos homens, o remédio seria óbvio: ou dar à mulher o que ela deseja ou separar-se dela de uma vez. Mas ele ainda anseia por sua companhia e, desse modo, não pode separar-se de você — ele suspirou, quase teatralmente. — Não se desespere! A esperança não está totalmente perdida. Virá o dia em que ele conseguirá amar apenas uma pessoa e há uma chance, ainda que pequena, de que essa pessoa seja você. — Então, ele riu.

Desejava estapeá-lo, avançar nele, pegar seu pescoço com as duas mãos e estrangulá-lo até a morte.

— Está zangada comigo, posso sentir. — Minha raiva impotente também parecia diverti-lo. — Zangada comigo por lhe dizer a verdade.

— Estou zangada com você — respondi —, mas é porque está mentindo para mim. Está tentando destruir meus sentimentos por Jonathan.

— Consegui deixá-la bem irritada, não é? Vou lhe fazer essa concessão; você geralmente consegue dizer quando eu estou mentindo, e é a única que parece ter essa habilidade, minha querida, mas não estou mentindo para você dessa

vez. Até gostaria que eu estivesse mentindo, assim não ficaria tão magoada, não é?

Não podia suportar aquilo. Adair tendo piedade de mim ao mesmo tempo em que tentava me jogar contra Jonathan. Olhei para Jonathan, que prestava atenção nas cartas no meio da mesa, absorvido no jogo do faraó. Começara a achar sua presença reconfortante, como um zumbido ressonante dentro de mim. Mas, ultimamente, percebi uma melancolia disfarçada nele, que eu julgava ser tristeza por ter abandonado Evangeline e a filha. Se o que Adair dissera era verdade, será que poderia ser melancolia pela infelicidade que me causava? Pela primeira vez pensei se o obstáculo do nosso amor, o defeito, na verdade, estaria em Jonathan e não em mim, pois parecia quase inumano não ser capaz de se doar totalmente a uma só pessoa.

A vibração de uma risada feminina interrompeu meus pensamentos, quando Tilde baixou as cartas em sinal de vitória. Jonathan olhou de soslaio e, naquele olhar, percebi que já havia dormido com ela. Dormira com Tilde apesar de não achá-la particularmente atraente, apesar de saber que devia desconfiar dela, apesar de saber que, se eu descobrisse, ficaria arrasada. O desespero percorreu todo meu corpo como uma carreira de pólvora acesa, desespero por aquilo que não podia mudar.

— Que desperdício! — Adair estava imediatamente sussurrando na minha orelha, como a serpente no Jardim do Éden. — Você, Lanore, é capaz de um amor tão perfeito, um

amor como eu jamais vi antes. E por que escolhe desperdiçá-lo com alguém tão sem valor quanto Jonathan?

Seu sussurro era como o perfume no ar da noite.

— O que está dizendo? Está se oferecendo como um objeto mais merecedor do meu amor? — perguntei, buscando a resposta em seus olhos de lobo.

— Ah, se você me amasse, Lanore! Se realmente me conhecesse, veria que não sou digno de seu amor. Mas, um dia talvez, será que olhará para mim do mesmo jeito que olha para Jonathan, com o mesmo carinho? Parece impossível, dada sua devoção a ele, mas quem sabe? Já vi o impossível acontecer, uma vez na vida, outra na morte — ele disse com malícia. Porém, quando pedi para se explicar, ele simplesmente franziu o nariz e riu. Então, levantou-se do divã e disse que entraria na rodada seguinte de faraó.

Ignorada, fui até o estúdio procurar um livro para me distrair. Quando passei pela escrivaninha de Adair, a luz da vela caiu sobre um calhamaço de papéis deixados sobre o mataborrão, e meus olhos, como mágica, passaram pelo nome de Jonathan, escrito com a letra de Adair.

Por que Adair estaria escrevendo sobre Jonathan? Uma carta a algum amigo? Duvidei que ele tivesse algum amigo no mundo. Segurei as páginas mais perto da luz da vela.

Instruções para Pinnerly (o nome do advogado, soube depois).

Conta a ser estabelecida para Jacob Moore (o nome falso de Jonathan) *junto ao Bank of England, no valor de oito mil libras* (uma fortuna), *transferidos da conta de...* (um nome que eu não reconheci).

As instruções também estabeleciam que fossem abertas outras contas no nome falso de Jonathan, saques de outras contas de outros estranhos em Amsterdã, Paris e São Petersburgo. Li tudo mais duas vezes, mas não fazia sentido, e deixei a folha no mesmo lugar em que a havia encontrado.

Aparentemente, Adair estava tão encantado com Jonathan que tomara providências para sustentá-lo, como se o estivesse adotando. Admito que senti um leve ciúme e me perguntei se havia algum fundo em meu nome em algum lugar. De que valeria, se Adair nunca me contara sobre isso? Tinha que adulá-lo e lhe implorar para gastar dinheiro, assim como os outros. Isso era outra prova de que Adair tinha um interesse especial em Jonathan.



Jonathan parecia aceitar sua nova vida. Afinal, ele não fazia objeção de compartilhar as indulgências e depravações de Adair, e não trouxe St. Andrew à tona. Havia só um vício que Adair ainda não dividira com o seu favorito, um que Jonathan não declinaria se lhe fosse oferecido. Esse vício era Uzra.

Jonathan já estava vivendo conosco havia três semanas quando foi apresentado a ela. Adair pediu a ele para esperar na sala de visitas, comigo, vigilante, e então trouxe Uzra com um floreio, a odalisca vestida em seu traje típico de tecido esvoaçante. Quando ele soltou a mão dela, o tecido caiu no chão e revelou Uzra em toda sua glória. Adair ordenou a ela que dançasse para Jonathan, mexendo os lábios e volteando os braços enquanto ele cantava uma música improvisada. Ao final, pediu que trouxessem o narguilé e nos reclinamos sobre as almofadas espalhadas pelo chão, sugando o bocal entalhado de mármore, um de cada vez.

— Ela é linda, não é? Tão linda que ainda não consegui me separar dela. Não que ela não tenha sido um problema: ela é um demônio. Já se jogou das janelas e do teto. Não faz outra coisa a não ser ter ataques. Ainda arde de ódio de mim. — Ele passou a mão pela linha do nariz dela, embora parecesse que ela poderia arrancar-lhe o dedo com uma mordida, se tivesse a chance. — Acho que é isso que me manteve interessado nela ao longo dos anos. Deixe-me contar como Uzra veio parar comigo. — À menção de seu nome, Uzra ficou visivelmente tensa.

— Encontrei Uzra durante uma viagem aos países mouros — Adair começou, indiferente ao nervosismo de Uzra. — Eu estava na companhia de um nobre, que negociava a liberdade do irmão que havia, bestamente, tentado roubar algum tesouro de um dos líderes. Naquela época, eu tinha boa reputação de guerreiro; tinha cinquenta anos de experiência com a espada, mais do que a maioria dos homens. Eu havia

sido comprado, supostamente, para ajudar esse nobre, minha lealdade paga em moedas. Foi assim que fui parar no Oriente e me deparei com Uzra.

— Foi numa cidade grande, no mercado; ela seguia atrás de seu pai, sob um véu, como mandava a tradição. Tudo o que eu conseguia ver eram os olhos dela, mas foi o suficiente: sabia que tinha que ver mais. Então, eu os segui até o acampamento nos arredores da cidade. Conversando com alguns homens que cuidavam dos camelos, soube que o pai era o líder de uma tribo nômade e que a família estava na cidade para que ela fosse dada a algum sultão, algum príncipe indolente, em troca da vida do pai.

A pobre Uzra estava completamente paralisada agora. Ela parara até mesmo de sugar o narguilé. Adair enrolou um cacho de seu cabelo brilhante ao redor de um dedo, deu um puxão, como se a repreendesse por sua apatia, então soltou o cabelo.

— Encontrei sua tenda, onde ela estava sendo preparada por uma dúzia de criadas. Elas formavam um círculo a seu redor e, achando que não poderia ser vista, ajudavam-na com suas roupas, tiravam o tecido de sua pele cor de canela e desenrolavam seus cabelos, as mãos passando por todo seu corpo. Instalou-se o caos quando entrei na tenda de repente — Adair disse com uma risada gutural. — As mulheres gritavam, corriam, caíam umas sobre as outras tentando se proteger de mim. Como poderiam pensar que eu estava atrás de alguma delas com esta djim nua na minha frente? E, pelo

seu olhar, Uzra sabia que eu tinha ido atrás dela. Ela mal teve tempo de se cobrir com um robe antes que eu a pegasse no colo e a carregasse dali. — Eu a levei para um lugar no deserto onde sabia que ninguém iria nos encontrar. Eu a possuí vez após outra naquela noite, indiferente a seu choro — ele contou, como se não tivesse nada do que se envergonhar, como se tivesse o direito a ela assim como teria à água para matar sua sede. — O sol nasceu, na manhã seguinte, antes que meu delírio começasse a acalmar e antes que eu estivesse saciado com sua beleza. Entre um prazer e outro, perguntei-lhe por que seria dada ao sultão. Era porque a tribo tinha uma superstição, sobre uma djim com olhos verdes que traria a peste e o sofrimento. Eles estavam com medo, os idiotas, e apelaram ao sultão. O pai teria que entregá-la ou seria morto. Vejam, para quebrar o feitiço, ela teria que morrer.

— Sabia que eu não fora o primeiro homem com quem ela estivera, então perguntei quem tinha tirado sua virgindade. Um irmão? Algum homem da família, sem dúvida; quem mais poderia chegar tão perto dela? Descobri que fora o pai dela. Dá para acreditar nisso? — ele perguntou, incrédulo, bufando, como se fosse a coisa mais ridícula que jamais ouvira. — Ele era o chefe, um patriarca acostumado a ter tudo a seu modo. Mas quando Uzra fez cinco anos, ele notou, pela cor da pele da menina, que não era o pai dela. A mãe havia sido infiel e, pelos olhos verdes da criança, tivera relações com um estrangeiro. Ele não disse nada; simplesmente levou a mãe para o deserto um dia e voltou sem ela. Quando Uzra completou doze anos, tinha tomado o lugar da

mãe na cama dele; ele disse a ela que era filha de uma prostituta e não tinha relações de sangue com ele, assim, não era proibido. Não deveria contar a ninguém. Os criados achavam encantador que a garota fosse tão afetuosa com o pai a ponto de não conseguir ficar longe dele. Disse a ela que nada disso importava; eu não iria entregá-la ao sultão supersticioso. Nem mandá-la de volta ao pai, que iria molestá-la uma última vez antes de entregá-la, como um covarde. — Durante a história de Adair, consegui pegar a mão de Uzra e a apertava, de vez em quando, para dizer que me comiserava dela, mas vi, em seus olhos verdes e mortos, que estava em outro lugar, longe dessa crueldade. Jonathan, também, estava envergonhado por ela. Adair continuou, indiferente ao fato de que era o único que estava apreciando sua narração. — Resolvi salvar sua vida. Como a dos outros. Disse a ela que seu sofrimento estaria terminado. Ela começaria uma nova vida comigo e ficaria comigo para sempre.

Assim que o ópio fez efeito em Adair e ele caiu no sono, Jonathan e eu escapamos da sala.

— Meu bom Deus, Lanny, o que devo achar daquela história? Por favor, me diga que ele estava se exibindo, que estava exagerando...

— É estranho... ele disse que salvou a vida dela, “como a dos outros”. Mas ela não é como os outros, não de acordo com a história que ele acabou de nos contar.

— Como assim?

— Ele me contou um pouco sobre como os outros vieram viver com ele, Alejandro, Tilde e Dona. Tinham feito coisas terríveis antes de Adair os encontrar. — Entramos sorrateiramente no quarto de Jonathan, que ficava do lado do quarto de Adair, mas era menor, embora tivesse um vestíbulo de bom tamanho, uma vista para o jardim e uma porta que dava acesso direto aos aposentos de Adair. — Acho que é por isso que ele os escolheu, porque são capazes de fazer as coisas ruins que ele pede. Acho que é isso que procura nas companhias. Um fracasso.

Tiramos algumas camadas de roupas para ficarmos mais confortáveis antes de nos deitarmos na cama, lado a lado, e Jonathan passou a mão sobre minha cintura, de modo protetor. O ópio também estava nos afetando e eu estava à beira de cair no sono.

— Não faz sentido... por que ele escolheu você, então? — Jonathan perguntou meio tonto. — Você nunca machucou ninguém na vida.

Se alguma vez houvera um tempo oportuno para contar sobre Sophia e como eu a havia levado ao suicídio, era agora. Até respirei fundo para me preparar, mas, mais uma vez, não consegui. Jonathan me achava inocente demais para estar aqui. Ele acreditava que eu não fosse capaz de maldades e eu não estragaria isso.

E, talvez tão notável quanto isso, fosse o fato de ele não questionar por que ele próprio havia sido escolhido, o que

Adair havia visto nele. Jonathan se conhecia bem o bastante para acreditar que havia alguma maldade escondida dentro dele, alguma coisa que merecesse punição. Talvez eu também soubesse disso. Éramos dois fracassados, cada um a seu modo, e escolhidos para uma punição que merecíamos.

— Queria contar a você — Jonathan murmurou sonolento, olhos já fechados. — Logo, logo farei uma viagem com Adair. Ele me disse que gostaria de me levar a algum lugar... esqueci aonde, exatamente. Talvez para a Filadélfia... apesar de que, depois daquela história, eu não esteja muito animado para ir sozinho com ele a lugar nenhum...

Quando puxei seu braço para mais perto de mim, percebi, pelo tecido fino de sua camisa, uma marca em seu braço. Havia algo asquerosamente familiar nos matizes escuros escondidos sob sua manga, então puxei o tecido solto para trás para ver as finas linhas pretas gravadas do lado de dentro de seu braço.

— Onde fez isso? — perguntei, sentando-me, alarmada. — Foi Tilde, não foi? Ela fez com as agulhas dela?

Jonathan mal conseguia abrir os olhos.

— Sim, sim... outra noite, quando saímos para beber...

Estudei o desenho de perto; não era o brasão heráldico, mas duas esferas com rabos longos e fogosos, interligados como dois dedos enganchados. Podia até ser diferente do

que eu tinha, mas já o havia visto antes, enfeitando as costas de Adair.

— É o mesmo de Adair — consegui dizer.

— Sim, eu sei... ele insistiu para que eu fizesse. Significa que somos irmãos ou alguma besteira desse tipo. Fiz só para ele parar de me perturbar.

Tocando a tatuagem com o dedo, senti um arrepio gelado me percorrer; o fato de Adair ter colocado sua marca em Jonathan significava alguma coisa, mas não sabia dizer o que era. Queria implorar para que ele não fosse viajar com Adair, para desobedecê-lo... mas sabia qual seria o resultado inevitável daquela bobagem. Então, não disse nada e fiquei acordada um bom tempo, ouvindo o ritmo da respiração tranquila e compassada de Jonathan, incapaz de ignorar a premonição de que nosso tempo juntos estava chegando ao fim.

42

QUEBEC, HOJE

Luke acorda ao som da comiseração humana. Está desorientado, como sempre fica quando acorda de um cochilo, e seu primeiro pensamento é que dormiu demais e está atrasado para seu turno no hospital. Só quando quase derruba o alarme do criado-mudo com um movimento impetuoso é que percebe que está num hotel e que só há uma pessoa com ele, e essa pessoa está chorando.

A porta para o banheiro está fechada. Luke bate gentilmente e, quando ninguém responde, empurra a porta para trás. Lanny está encolhida dentro da banheira, totalmente vestida. Quando ela olha sobre os ombros para ele, Luke vê que a maquiagem dela escorreu pelo rosto como negros punhais, como um palhaço assustador de um filme.

— Ei, você está bem? — ele pergunta, alcançando a mão dela. — O que está fazendo aqui?

Ela deixa que ele a ajude a sair da banheira.

— Não queria acordar você.

— É para isso que estou aqui. — Ele a leva até a cama e deixa que se enrosque em seus braços, como uma criança.

— Me desculpe... estou começando... a perceber... — ela diz em soluços irregulares, em meio a gemidos de choro.

— Que ele se foi — Luke termina a frase, para que ela possa continuar chorando. Faz sentido; até agora ela estava concentrada em fugir, em não ser descoberta. Agora, a fuga ficara para trás, a adrenalina baixara e ela se lembra de como chegara até ali, de que tem que lidar com o fato de que a pessoa mais importante de sua vida se fora para sempre.

Ele pensa nas muitas vezes que passou por alguém chorando nos corredores do hospital, alguém que acabara de receber más notícias, uma mulher escondendo o rosto entre as mãos e um homem em pé ao lado dela, paralisado e lutando com seus sentimentos. Luke não consegue contar as vezes em que saíra da sala de cirurgia, tirando as luvas e a máscara, meneando a cabeça enquanto caminha até a esposa à espera, com o rosto petrificado, desejando teimosamente boas notícias. Aprendera a construir um muro entre si e os pacientes e os familiares mais próximos; não podia se envolver pela dor deles. Pode-se balançar a cabeça e compartilhar o sofrimento dessa maneira, mas só por um momento. Se tentar dividir o fardo, não dura um ano dentro de um hospital.

Essa jovem em seus braços, o sofrimento dela é infinito. Ela caíra num poço de tristeza por um longo período, despencando sem ter como parar. Ele acredita haver uma fórmula para saber quanto tempo leva para a dor passar, mas provavelmente esteja ligada a quanto tempo se conhece o

morto. Obviamente, não haverá alívio para ela. Quanto tempo levará até Lanny tolerar a dor diária da ausência de Jonathan, sem contar que fora ela que o havia matado? Muitas pessoas enlouqueciam por muito menos, tomadas pela tristeza. Não há garantia de sobrevivência a algo assim.

Ele vai ajudá-la; tem de ajudá-la. Ele acha que está particularmente preparado para essa situação. Com seu treinamento ("Sra. Parker? Fizemos tudo o que podíamos pelo seu filho, mas sinto muito..."), ele espera que a dor dela escorra por ele. Ela diminui o choro e esfrega os olhos com a parte de trás das mãos.

— Melhor? — Luke pergunta, erguendo seu queixo. — Quer ir lá fora e tomar um pouco de ar? — Ela concorda.

Em quinze minutos, estavam caminhando de mãos dadas na noite escura. Lanny limpara o rosto. Ela se inclina sobre o braço de Luke como uma jovem apaixonada, mas em seu rosto está o sorriso mais triste que o mundo jamais viu.

— Que tal uma bebida? — ele pergunta. Eles saem da rua e entram num bar escuro. Ele pede uma dose de uísque puro para cada um.

— Duvido que beba tanto quanto eu! — ela o avisa, e eles batem os copos como se estivessem comemorando. E, como esperado, após uma dose, Luke sente a quentura que vem com o início da bebedeira, mas Lanny já tomou três doses e só mostra sinais de um meio-sorriso embriagado.

— Há algo que quero lhe perguntar. É sobre... ele — ele fala, como se, não dizendo o nome, a pergunta pudesse magoar menos. — Depois de tudo pelo que fez você passar, como pôde continuar a amá-lo? Não parece que ele merecia você...

Ela pega o copo vazio pela borda, como uma peça de xadrez.

— Poderia dar todo tipo de explicação, por exemplo, dizer que era assim que acontecia naquela época, que as esposas esperavam que seus maridos saíssem da linha. Ou que esse era o tipo de homem que Jonathan era e eu tinha que aceitar isso. Mas não seria o verdadeiro motivo: eu não sei explicar. Sempre quis que ele me amasse do mesmo modo que eu o amava. Ele me amou, sei que sim. Mas não da maneira como eu queria. Então, não é muito diferente do que o que muitas pessoas que conheci viveram. Um parceiro não ama o outro o suficiente para parar de beber, ou jogar, ou sair com outras mulheres. Um é o que dá e o outro é o que recebe. O doador espera que o recebedor pare.

— Mas o recebedor nunca muda — Luke diz, embora fique pensando se este é mesmo o caso.

— Às vezes, o doador tem que desistir; mas às vezes não faz isso. Não consegue. Não conseguia abrir mão de Jonathan. Eu era capaz de perdoá-lo por tudo.

Luke vê o oceano encher-lhe os olhos e tenta distraí-la.

— E Adair? Pelo que contou, parece que ele estava apaixonado por você...

— O amor dele é como o amor que o fogo tem pela madeira — ela ri com melancolia. — Durante um tempo ele me deixou confusa, admito isso. Num minuto, ele me encantava, no outro, me humilhava. Tudo era jogo e armação com ele. Acho que ele queria ver se conseguia me fazer amá-lo. Porque imagino que ninguém jamais o amou. — Ela fica quieta, mãos cruzadas sobre o colo e a superfície vitrificada de seus olhos se rompem. — Veja o que fez... Vou começar a chorar de novo; não quero chorar em público. Não quero deixá-lo envergonhado. Vamos voltar para o hotel. Podemos fumar maconha.

O rosto de Luke se ilumina, lembrando-se da grande sacola de plástico, do "barato" de resina.

— Topo fumar aquela sacola inteira com você, se isso servir para deixá-la mais feliz.

— Meu herói! — ela diz enquanto enfia o braço embaixo do dele. Eles sobem a rua em direção ao hotel, um vento cortante batendo em seus rostos. Luke gostaria de poder dar a ela uma dose de morfina, para lhe aliviar a dor. Ele lhe daria uma injeção de tranquilizante diariamente para lhe trazer paz, se pudesse. Sacode a cabeça para clarear os pensamentos; sente que faria qualquer coisa para deixá-la feliz novamente, mas não quer se tornar uma muleta na vida dela.

— O que há comigo, pode me dizer a verdade? Eu não sou digna de ser amada? — ela desabafa, assim que estão na cama. A pergunta o surpreende.

— Não posso dizer por que Jonathan não retribuiu seu amor, mas, se serve de alento, acho que ele cometeu um grande erro. — Jonathan era um idiota; só um tolo desperdiça uma devoção como esta, pensa Luke.

O olhar dela é descrente, mas ela sorri; e, então, pega no sono. Ele a puxa para perto dele, passando os braços em volta do corpo de sílfide dela, juntando seus braços e pernas elegantemente espalhados. Ele não se lembra de se sentir bem, assim, exceto naquela ocasião miserável na pizzaria com suas filhas, quando quis colocá-las dentro de seu carro alugado e levá-las de volta ao Maine. Sabe que fez a escolha certa de não se deixar levar pela tristeza da época, as meninas estão em melhor situação com a mãe, mas será eternamente assombrado por ter ido embora e tê-las deixado. Só um tolo desperdiça um amor como esse.

E Lanny. Ele está disposto a fazer qualquer coisa para proteger essa mulher vulnerável, para ajudá-la a se recompor. Gostaria de poder tirar o veneno de dentro dela, como uma sanguessuga. Se pudesse, tomaria seu lugar, mas sabe que tudo o que pode fazer é ficar ao lado dela.

43

BOSTON, 1819

Uma noite, uma luz cinzenta me fez levantar as pálpebras e me acordou. Uzra apareceu ao lado de minha cama, uma pequena lamparina a óleo balançando em sua mão. Devia ser muito tarde, pois a casa de Adair estava silenciosa como uma cripta. Os olhos dela imploravam para que eu saísse da cama, e foi isso o que eu fiz.

Ela saiu sorrateiramente do quarto, silenciosa como de costume, seguindo à minha frente. O som dos meus chinelos sobre os tapetes mal podia ser ouvido, mas, em uma casa quieta, ele ecoava pelos corredores. Uzra tampou a lamparina enquanto passávamos pelos outros quartos, assim tínhamos o mínimo de luz possível e ninguém nos notou até alcançarmos as escadas para o sótão.

O sótão era dividido em duas seções: uma, transformada em quarto para os criados, e um espaço menor, inacabado, transformado em depósito. Esta era a área onde Uzra se escondia. Ela me guiou através do quebra-cabeça de baús que funcionava como sua barreira contra o mundo e, então, por um corredor inacreditavelmente estreito, que dava numa porta diminuta. Tivemos que nos agachar e nos dobrar para passar pela porta e emergir do outro lado, no que parecia a

barriga de uma baleia: asnas no lugar das costelas, uma chaminé de tijolos em vez da traqueia. A luz do luar entrava pelas janelas descobertas, possibilitando avistar o caminho sem adornos até onde ficavam as carruagens. Ela escolhera morar nesse espaço cavernoso para fugir de Adair. Era um lugar difícil para se viver, muito quente no verão e muito frio no inverno, tão solitário quanto a lua.

Passamos pelo que assumi ser seu ninho, escondido pelos esvoaçantes tecidos que ela usava como sarongue, pendurados a partir das asnas como um varal de lavanderia. A cama era composta de dois cobertores da sala de visitas, enrolados num padrão circular, não muito diferente do ninho de um animal selvagem, desorganizado e improvisado. Vários ornamentos empilhavam-se ao lado da cama: diamantes do tamanho de uvas, um véu de uma fina rede dourada para usar com o xador. Mas também havia bugigangas, coisas que uma criança poderia esconder: um lindo e gélido punhal, lembrança do lugar onde nascera; sua lâmina serpenteada parecendo uma cobra em movimento; um espelho de mão de bronze.

Ela me levou até uma parede, não havia saída. Mas, onde eu não via nada, ela se ajoelhou e retirou um par de tábuas, revelando um espaço escondido. Pegando a lamparina a óleo, mergulhou sem medo dentro da escuridão, como um rato acostumado a andar entre as paredes. Respirei fundo e a segui.

Depois de percorrer, sobre as mãos e os joelhos, quase seis metros, saímos num quarto sem janelas. Uzra ergueu a lamparina para podermos ver onde estávamos: era um espaço inacabado, parte do quarto dos criados, com uma pequena lareira e uma porta. Fui até a porta e tentei abri-la, mas estava fortemente trancada por alguma coisa do lado de fora. O quarto era dominado por uma grande mesa coberta de garrafas e jarros, e uma variedade de miudezas. Havia uma arca e também ela estava lotada de recipientes de todos os tamanhos e formas, a maioria deles cobertos com tecido encerado ou tampados com rolhas. Cestas enfiadas debaixo da mesa estavam cheias de tudo: de pinhas e galhos a indecifráveis partes de corpos de animais. Alguns livros, antigos e despedaçados, estavam enfiados entre os jarros; velas sobre pratos no canto da mesa.

Inspirei profundamente: o quarto continha uma grande variedade de cheiros, especiarias, ervas e poeira, e outros odores que não conseguia identificar. Posicionei-me no meio dele e olhei ao redor, vagarosamente. Acho que soube imediatamente o que era aquele quarto e o que significava sua existência, mas não queria admitir.

Tirei um dos livros da prateleira. A capa era de linho azul prensado, enfeitada com letras escritas à mão e diagramas intrincados de símbolos dentro de símbolos. Virando as páginas pesadas, vi que não havia uma só página impressa em todo o livro: cada parte fora feita num roteiro cuidadoso, anotada com fórmulas em ilustrações (a melhor parte a ser mantida de uma planta, por exemplo, ou uma dissecação

ornamentada do funcionamento interno de um homem), tudo numa língua que eu não reconhecia. Os desenhos eram mais reveladores, pois eu reconhecia alguns dos símbolos de minha infância assim como dos livros das bibliotecas de Adair: pentagramas, o olho que tudo vê, esse tipo de coisa. O livro era uma obra maravilhosa, o produto de centenas de horas de trabalho, e cheirava aos muitos anos em que ficara escondido, a segredos e intrigas, e, sem dúvida, fora cobiçado por outros homens, mas seu conteúdo era um mistério para mim.

O segundo livro era ainda mais velho, com placas de madeira como capas, amarradas por um fio de couro. Dentro, as páginas estavam soltas e, pela variedade de papéis, parecia ser mais uma coleção de anotações do que um tomo. A letra parecia a de Adair, mas, de novo, numa língua que eu não conhecia.

Uzra andava de um lado para o outro, inquieta, chacoalhando os guizos da corrente em volta de seu tornozelo. Ela não gostava de estar naquele quarto e eu não a culpava. Adair trancara o lado de fora por algum motivo: ele não queria que ninguém o encontrasse. Porém, quando me ergui para colocar o segundo livro de volta em seu lugar, Uzra deu um passo à frente e agarrou meu punho. Ela segurou a lanterna perto de meu braço e, quando viu a tatuagem (que eu já havia esquecido fazia muito tempo), soltou um gemido, como um gato prestes a morrer.

Enfiou o braço embaixo de meu nariz, a palma virada para cima. Ela tinha a mesma tatuagem no mesmo exato lugar, uma versão um pouco maior, mas executada de forma mais rústica, como se a mão do artista não fosse tão firme quanto a de Tilde. O olhar dela era acusatório, como se eu a tivesse feito em mim mesma e, mesmo assim, não havia como se enganar sobre seu significado. Adair escolhera nos marcar da mesma forma. As intenções dele para comigo não estariam muito longe do tratamento dado a ela.

Segurando a lanterna bem no alto, absorvi o conteúdo do quarto mais uma vez. Uma descrição que ouvira dos próprios lábios de Adair voltou à minha cabeça: aquela do quarto da casa do físico, que havia sido a prisão de sua juventude. Só havia uma razão para precisar de um quarto como esse e escondê-lo no canto mais longínquo da casa. Eu compreendia o que era esse lugar e por que ele o mantinha, e um arrepio gélido me percorreu. A lenda aflitiva que Adair tecera sobre sua captura e servidão ao físico demoníaco voltou à minha memória a galope. Mas agora eu imaginava com qual dos dois homens eu havia estado, nesses muitos meses; quem era o homem com quem havia dividido a cama e, mais ainda, a quem eu dera a vida do homem que era tudo para mim nesse mundo? Adair queria que seus seguidores acreditassem que ele era o garoto camponês injustiçado que havia se libertado e que agora estava simplesmente apreciando o prêmio por ter deposto um tirano cruel e desumano. Quando, de fato, dentro daquela juventude encantadora, estava o monstro da história, o coletor de força e o ladrão de almas capaz de mudar de corpo para corpo. Ele

deixara sua própria casca decrépita para trás, sacrificando-a aos aldeões, sem dúvida, com o camponês preso lá dentro, passando seus últimos minutos aterrorizado, pagando pelas crueldades do físico. Essa mentira combinava bem com seu plano monstruoso e aparentemente o tinha ocultado por centenas de anos. Agora que eu conhecia a verdade, a questão era: o que eu faria?

Estava mais do que na hora de suspeitar da mentira de Adair, mas precisava de provas: tomar consciência da verdade, mesmo que ninguém mais a soubesse. Com Uzra puxando minha manga para irmos embora, agarrei uma página de um dos livros antigos e peguei um punhado de ervas de um dos jarros empoeirados sobre a mesa. Teria que pagar um preço terrível por roubar essas coisas; eu ouvi a história da própria boca de Adair, não foi? Aquela que terminou com uma barra de ferro embrulhada num cobertor e uma enxurrada de pancadas, mas eu tinha que saber.



Comecei com uma visita a um professor de Harvard, a quem havia conhecido numa das festas de Adair. Não um simples chá da tarde ou reunião de intelectuais; não, conheci esse homem numa das festas de modalidade especial de Adair. Procurei seu escritório no Wheydon Hall, mas ele estava com um estudante. Quando me viu esperando-o no corredor, despachou o jovem e saiu para me buscar, o sorriso mais

charmoso estampado em seu velho rosto demoníaco. Talvez estivesse receoso de que eu viera fazer chantagem com ele, já que, na última vez em que o vira, ele estava de pernas escancaradas sobre um garoto de aluguel ainda mais jovem do que seus estudantes, montando nele com orgulho. Ou talvez esperasse que eu tivesse vindo entregar um convite para outra festa.

— Minha querida, o que a traz aqui hoje? — perguntou, dando tapinhas em minha mão enquanto me levava até seu escritório. — Raramente sou abençoado com visitas de jovens bonitas. E como vai nosso amigo em comum, o conde? Espero que esteja gozando de boa saúde.

— Está bem como sempre — eu disse objetivamente.

— Então, a que devo essa feliz visita? Talvez um recado sobre outra *soirée*...? — Os olhos dele brilharam com os desejos mais agudos, seu apetite estimulado pelas muitas tardes olhando para hordas de garotos inexperientes.

— Estava esperando que pudesse lhe pedir um favor — eu disse, enfiando a mão dentro de minha bolsa de amarrar para pegar a página que havia roubado. O próprio papel era diferente de tudo o que já vira: grosso, áspero e quase tão marrom quanto o papel do açougueiro, e agora que estava livre da pressão da capa de madeira, começara a se enrolar como um pergaminho.

— Hummm? — ele respondeu, claramente surpreso. Mas pegou o papel de minha mão e o trouxe mais para perto de

seu rosto, erguendo os óculos para inspecioná-lo. — Onde você encontrou isso, minha querida?

— Com um livreiro — menti. — Um livreiro particular que diz ter uma coleção de livros antigos sobre um assunto do qual Adair gosta muito. Pensei em comprar os livros de presente para Adair, mas a língua é ilegível para mim. Gostaria de ter certeza de que o livro é mesmo o que o vendedor diz ser. Excesso de cuidado nunca faz mal.

— Não, nunca — ele murmurou enquanto examinava a página. — Bem, o papel não é de manufatura local. Não foi alvejado. Possivelmente foi feito por um indivíduo para uso próprio, melhor dizendo. Mas veio até mim por causa da língua, não foi? — Ele sorriu modestamente sob seus óculos; era um professor de línguas antigas, lembrava-me disso de nossa rápida apresentação na festa. Porém, de exatamente quais línguas, eu não me lembrava.

— Prussiano, eu diria, ou pelo menos parecido. Muito estranho, possivelmente uma forma arcaica da língua. Nunca vi nada igual antes. — Ele alcançou uma prateleira na parte de trás, tirou um livro grande e pesado, e começou a folhear suas páginas finas e transparentes.

— Pode me dizer o que está escrito? O assunto?

— De que você *espera* que ele esteja falando? — perguntou curioso, ainda folheando as páginas. Limpei a garganta.

— Magia, de algum tipo. — Ele parou o que estava fazendo e olhou fixamente para mim. — Alquimia? — eu disse, mais fraco dessa vez. — Algo a ver com transformar uma coisa em outra?

— Ah, minha querida, é certamente sobre alguma coisa mágica, possivelmente um feitiço ou encantamento. Exatamente o quê, não sei dizer. Talvez possa deixar isso comigo por alguns dias...? — Seu sorriso foi recatado. Eu sabia o suficiente do trabalho dos estudiosos para suspeitar o que ele faria com o papel deixado sob seus cuidados: poderia tentar alavancar sua carreira com ele, usando-o como base para este ou aquele estudo, e eu nunca mais o veria de novo. Ou, pior ainda, se Adair descobrisse que ele havia sumido, dado ao nosso impudente amigo professor... bem, dizer que as coisas ficariam feias para mim seria pouco. Ele ergueu uma sobrancelha em expectativa, mas me inclinei sobre sua escrivaninha e peguei rapidamente o papel de volta.

— Não, não poderia, mas agradeço sua oferta. O que me falou já é suficiente — eu disse, pulando da cadeira e abrindo a porta. — E, por favor, me faça a gentileza de não mencionar isso a Adair, caso o encontre. Quando se trata de presentes, ele é um homem muito difícil de agradar. Eu quero realmente surpreendê-lo com os livros.

O velho professor pareceu levemente surpreso quando eu saí apressadamente de seu escritório.



Depois, fui atrás de uma parteira.

Era difícil encontrá-las. Estavam se tornando cada vez mais raras em cidades como Boston. Os doutores tinham praticamente tomado conta do trabalho de trazer crianças ao mundo, pelo menos para aqueles que podiam pagá-los. Mas eu também não estava procurando qualquer parteira: precisava de uma daquelas que vivesse no campo, alguém que soubesse sobre tratamentos e curas com plantas, e coisas do tipo. As que, um século antes, nessa mesma cidade, poderiam ter sido chamadas de bruxas por seus vizinhos e encontrado a morte esmagadas nas prensas ou enforcadas.

As prostitutas de rua me disseram onde encontrar uma parteira, já que ela era a única ajuda que elas podiam pagar para tratar a gonorreia ou auxiliar com a gravidez indesejada. Senti um arrepio percorrer minhas costas quando atravessei a porta do quartinho dessa mulher: cheirava a poeira, pólen e coisas velhas prestes a apodrecer, não como o quarto secreto trancado, no sótão de Adair.

— Sente-se, queridinha, e me diga por que veio até aqui — ela disse, indicando um banquinho do outro lado da lareira. Era uma mulher mais velha, com uma expressão dura e pragmática no olhar, mas com uma expressão de compreensão no rosto.

— Preciso saber o que é isso, senhora. Já viu algo assim antes? — Tirei um lenço de minha bolsa e o abri para ela ver. O punhado de plantas que havia roubado se amassara no deslocamento, separando-se em pequenos caules e delicadas lascas de folhas marrons. Ela segurou uma folha perto do olho, então a esmagou entre os dedos e a cheirou.

— Isso é casca de mogno, minha querida. Usada para uma grande variedade de doenças. Não muito comum nessas partes e está em estado natural, o que é ainda mais raro. Geralmente se vê em tinturas ou coisas do gênero, diluída com água para fazê-la durar o máximo possível. Como você encontrou isso? — ela perguntou, objetivamente, como se tivesse encontrado no mercado para comprar. Talvez pensasse que era por isso que viera procurá-la. Bateu as mãos sobre o fogo para tirar a poeira e deixou os fragmentos da folha caírem nas chamas.

— Infelizmente, não posso lhe dizer — respondi enquanto pressionava uma moeda na mão dela. Ela deu de ombros, mas a aceitou, guardando o dinheiro dentro do bolso. — Aqui vai meu segundo pedido. Preciso de uma coisa... Preciso que prepare algo que traga um sono muito profundo. Não necessariamente um sono tranquilo. Deve fazer a pessoa ficar inconsciente o mais rápido possível.

A parteira me olhou longa e silenciosamente, talvez imaginando se eu realmente estava dizendo que queria envenenar alguém, ou se deveria interpretar meu pedido de outra forma. Finalmente respondeu:

— Não, isso pode se voltar contra mim, se as autoridades forem envolvidas nessa questão por algum motivo.

— Tem minha palavra! — Coloquei mais cinco moedas na mão dela, uma pequena fortuna. Ela olhava das moedas para mim, então fechou os dedos em volta do ouro.

Na carruagem, no trajeto de volta para a mansão, sentei-me e desembrulhei o lenço com o torrão que a parteira havia me dado. O torrão era branco e duro feito pedra, e — eu não sabia na época — era fósforo branco mortal, provavelmente comprado de um produtor de fósforos, que, por sua vez, o roubara do lugar onde trabalhava. A parteira o manuseou com cuidado, como se não gostasse de segurá-lo, e me instruiu a triturá-lo em um pilão, depois misturá-lo em um pouco de vinho ou bebida, adicionando láudano para ajudar a mistura a descer.

— É muito importante diluí-la, para efeitos medicinais. Poderia usar o láudano sozinho, mas ele demora muito para fazer efeito. Fósforo fará o truque mais rapidamente, mas, se um corpo ingerir esse tanto de fósforo, as consequências serão ruins, de verdade — ela disse com um olhar inquestionável.

Eu já tinha elaborado um plano, um plano muito perigoso, mas só conseguia pensar no verdadeiro Adair. Minha mente sentia muita pena do garoto camponês, sem nem mesmo um túmulo, porque não havia corpo para ser devolvido à terra. Sua forma atraente era a possessão de um

homem que tinha tomado seu corpo mediante as artes das trevas.

Quanto aos últimos fragmentos da história do físico, bem, estava além de minha capacidade saber o quanto era verdade. Talvez ele tenha visitado a família de Adair e deixado um presente por causa da culpa, ou em agradecimento por terem lhe oferecido o filho, por terem lhe dado um corpo tão belo. Ou, talvez, essa parte fosse mentira, contada somente para tornar a história mais palatável e trágica, para influenciar o coração do ouvinte a seu favor, para dispersar a suspeita. E a perda de seu reino? Um risco calculado... Mas talvez valesse a pena, ao final, ganhar um novo invólucro para abrigar sua velha alma miserável. No entanto, se eu não detivesse esse homem, ele tiraria de mim a coisa mais querida do mundo, Jonathan.

Belo, forte e capaz, com uma virilidade assustadora, o garoto camponês de-ve ter parecido uma dádiva dos céus para o físico. Aqui no Novo Mundo, entretanto, o corpo do camponês tinha suas limitações. Ou melhor, as limitações estavam em seu rosto: desconcertantemente exótico, pele morena, emoldurado por cabelos despenteados e encaracolados. Vi na expressão dos brancos e sofisticados bostonianos quando conheceram Adair, pelo franzido em suas testas, a desconfiança pairando em seus olhos. Aqui, entre descendentes de britânicos, holandeses e alemães, que nunca tinham visto um turco ou árabe, e para quem o cabelo dele não era muito diferente do de seus escravos, o corpo do camponês era um problema. Agora entendia o olhar frio e avaliador de

Adair quando estudava o belo estudante com pé torto que Tilde arrumara, e a admiração faminta pela beleza impecável de Jonathan. Ele soltava seus cães de caça pelo mundo para buscar o invólucro perfeito; tinha até enviado Jude ao campo para achar um substituto. Aqui em Boston, o tempo acabara para Adair e ele precisava de um novo corpo, que fosse compatível com os gostos de seus mestres nesse novo ambiente.

Ele queria Jonathan; queria apoderar-se dele como um disfarce. As pessoas eram atraídas por Jonathan, assim como as abelhas pelo açúcar, tontas e impotentes pela atração desconhecida. Os homens queriam ser seus amigos, orbitando ao redor dele como os planetas em volta do Sol. As mulheres se entregavam a ele totalmente e ninguém sabia disso melhor do que eu. Sempre haveria uma multidão a seu redor, oferecendo-se a ele, sem perceber que o espírito em seu interior era demoníaco e explorador.

E porque ninguém conhecia o segredo de Adair, não havia ninguém para impedi-lo. Ninguém, exceto eu.

44

Cheguei à mansão e encontrei a casa em balbúrdia. Os criados corriam escada abaixo, como água escorrendo pela montanha, para o porão, escondendo-se nas despensas, longe da barulheira no andar superior. Socos nas portas, trancas batendo. As vozes abafadas de Tilde, Dona e Alejandro ecoavam vindas de cima.

— Adair, o que está acontecendo?

— Deixe-nos entrar.

Subi as escadas correndo e encontrei os três, agachados e sem ação, ao pé da escadaria do sótão, sem vontade de interromper o que quer que estivesse acontecendo atrás daquela porta fechada. Ouvimos barulhos horríveis: Uzra gritando, Adair rugindo em resposta. Ouvimos o som seco da troca de tapas.

— Por que tudo isso? — quis saber, rodeando Alejandro.

— Adair foi procurar Uzra, é tudo o que sei.

Pensei na história de Adair; a fúria do físico por causa das coisas roubadas de sua mesa.

— Precisamos ir até lá! Ele a está machucando! — Alcancei a maçaneta da porta, mas ela se recusou a mexer. Ele

trancara a porta. — Pegue um machado, uma marreta, qualquer coisa. Precisamos colocar esta porta abaixo! — gritei, mas eles apenas olharam para mim como se eu tivesse ficado louca. — Vocês não sabem do que ele é capaz...

Então, o barulho parou.

Após alguns minutos, a chave virou na fechadura e Adair saiu, pálido feito leite. A adaga em serpentina de Uzra estava na mão dele e o punho de sua camisa estava manchado de vermelho brilhante. Ele jogou a adaga no chão e nos empurrou de lado, retornando a seu quarto. E foi então que encontramos o corpo dela.

— Você teve alguma coisa a ver com isso, não teve? — Tilde disse para mim. — Dá para ver a culpa em seu rosto. — Eu não respondi. Olhando para o corpo de Uzra, meu estômago revirou. Ele a esfaqueara no peito e também lhe cortara a garganta, e isso deve ter sido a última coisa que fizera, pois ela havia caído no chão com a cabeça jogada para trás, o cabelo ainda enrolado onde ele o enroscara nos punhos. As palavras “por minhas mãos e intenção” ecoavam em minha cabeça; as mesmas palavras que haviam lhe dado vida eterna foram evocadas para lhe tirar a vida. Pensar nelas agora me dava arrepios, assim como olhar a tatuagem em seu braço, jogado displicentemente ao lado dela. No final, a marca dele sobre ela não significou nada. Ele retiraria a promessa quando bem quisesse.

A briga poderia ter sido sobre qualquer coisa e eu nunca saberia com certeza, mas o momento fazia parecer improvável que tivesse sido por outra coisa que não o quarto secreto. De algum modo, Adair deve ter descoberto que algumas coisas foram retiradas e a culpou por isso. E ela não tentara corrigir o mal-entendido dele. Ou ela queria me proteger, o que era muito provável, ou dera as boas-vindas à morte, sua melhor chance de escapar de tudo aquilo.

Roubei aquelas coisas sabendo da punição que poderia ter, só não sabia que recairia sobre Uzra. Nem pensei que ele mataria um de nós, muito menos ela. Fazia mais seu gênero impor uma punição física brutal e manter a vítima sob seu domínio, tremendo de terror, imaginando quando Adair decidiria fazer tudo outra vez. Nunca, em um milhão de anos, sonhei que ele a mataria de verdade, pois achava que, a seu modo, ele a amava.

Joguei-me no chão e segurei a mão dela, já fria; talvez, em nosso caso, a alma saísse do corpo mais rápido, ávida por escapar. A coisa mais terrível era que estava planejando minha fuga, minha e de Jonathan, mas não tinha nem pensado em levar Uzra conosco. Mesmo sabendo o quão desesperadamente ela desejava fugir, não passou pela minha cabeça ajudar aquela pobre garota que aturara a obsessão doentia de Adair por tantos anos, que fora tão gentil comigo e que tentou me ajudar a navegar por aquela casa de lobos. Não tinha dado o devido valor a ela, e o frio reconhecimento de meu egoísmo me fez pensar se eu realmente não era a alma gêmea de Adair.

Jonathan acompanhou a comoção do andar de cima e, quando viu o corpo de Uzra no chão, quis invadir o quarto de Adair e resolver as diferenças com ele. Foi preciso que Dona e eu o segurássemos.

— Para quê? — gritei com Jonathan. — Você e Adair poderiam se socar daqui até a eternidade e nunca se entenderem. Por mais que queiram matar um ao outro, não têm poderes para isso. — Como queria contar a verdade a ele, que Adair não era quem pensávamos que fosse, que era muito mais poderoso, perigoso e cruel do que qualquer um de nós poderia imaginar, mas não podia me arriscar. Tinha medo que Adair intuísse meu medo.

Além disso, não poderia dizer a Jonathan sobre minha verdadeira suspeita. Eu sabia de tudo, agora. Aqueles olhares mansos que Adair lançava a Jonathan não eram porque ele planejava levá-lo para a cama. A cobiça que tinha por Jonathan ia muito mais fundo; Adair queria tocar aquele corpo, acariciar e afagar, conhecer cada sulco, cada saliência, cada curva não porque queria ter relações com Jonathan, mas porque queria possuí-lo. Possuir aquele corpo perfeito e ser conhecido por aquele rosto perfeito. Ele estava pronto para habitar um corpo, ao qual, verdadeiramente, não se podia resistir.

Adair mandou as instruções: tínhamos que limpar o fogão da cozinha e fazer um esquife. A copeira e o cozinheiro sumiram enquanto tomávamos posse da cozinha e Dona, Alejandro e eu tirávamos as coisas penduradas sobre o enorme fogão. Limpamos as paredes enegrecidas e varremos as cinzas. O esquife foi feito com suportes de madeira de tábuas largas e construímos uma pira no espaço entre os suportes, gravetos secos e pinhas espalhadas com gordura de carne para acender o fogo, palha compacta e lenha seca como combustível. O corpo, embrulhado num manto de linho branco, foi colocado sobre as tábuas.

Colocamos uma tocha sobre o combustível, que se acendeu facilmente. A lenha levou algum tempo para pegar fogo e quase uma hora até se transformar numa fogueira flamejante. O calor na cozinha era enorme. Finalmente, o corpo pegou fogo, o manto foi consumido rapidamente, o fogo dançando sobre os fios, o tecido enrolando como pele, cinza preta subindo pela parede e saindo pela chaminé. O cheiro, estranho e de natureza assustadora, deixou todos na casa inquietos. Só Adair o suportava; ele se jogou na cadeira colocada diante do fogão e assistiu ao fogo devorar Uzra aos poucos: o cabelo, a roupa, a pele de seu braço macio. Finalmente, o corpo, muito úmido, começou a chamuscar e assar, e o cheiro de carne queimada tomou conta da casa.

— Imagine esse cheiro se levantando sobre a casa, lá na rua. Será que ele não acha que os vizinhos o sentirão? — Tilde disse, sarcasticamente, com os olhos lacrimejando.

Nós nos juntamos, agachados, na porta da cozinha, mas em algum momento Dona e Tilde escaparam furtivamente para seus aposentos, murmurando misteriosamente, enquanto Alejandro e eu permanecemos do lado de fora da porta da cozinha, afundados no chão, observando Adair.

Quando o céu lá fora começou a se iluminar, o fogo já havia apagado. A casa agora estava repleta de uma fina fumaça cinza, que pairava no ar, um odor acre de cinza de madeira. Só quando a brasa esfriou Adair se levantou de sua cadeira e encostou no ombro de Alejandro quando passou.

— Junte as cinzas e as jogue na água — ordenou numa voz profunda.

Alejandro insistiu em fazer isso sozinho, ajoelhando-se dentro do fogão ainda quente, com uma vassoura e um espanador.

— Tanta cinza — ele disse, sem perceber minha presença. — De toda aquela madeira, eu acho. A própria Uzra não daria mais do que um punhado.

Naquele momento, a vassoura tocou em algo sólido e ele se abaixou, procurando em meio aos sedimentos. Ele encontrou algo carbonizado, um pedaço de osso.

— Devo guardar isso? Para Adair? Algum dia ele ficará feliz em tê-lo. Essas coisas podem ser maravilhosos talismãs — ele brincou, virando-o para lá e para cá como um objeto raro. Mas, então, jogou-o no balde. — Acho que não.

Adair afastou-se do restante de nós depois daquilo. Ficava em seu quarto e a única visita que recebia era a do advogado, o sr. Pinnerly, que, no dia seguinte, chegou apressado, com uma profusão de papéis explodindo de sua sacola. Ele saiu uma hora depois, o rosto vermelho como se tivesse percorrido quilômetros. Interceptei-o na porta, mostrando preocupação com seu rosto avermelhado e me oferecendo para buscar alguma coisa fresca para beber.

— Quanta gentileza! — ele disse enquanto engolia um pouco de limonada, enxugando a testa. — Infelizmente, não posso ficar muito tempo. Seu senhor tem grandes expectativas sobre o que um mero advogado é capaz de fazer. Como se eu pudesse mandar no tempo e o fazer dançar de acordo com minha música! — ele comentou em tom de desaprovação; então notou que os papéis ameaçavam voar de sua maleta e correu para colocá-los no lugar.

— Ah, verdade? Ele é do tipo exigente, mas ouso dizer que o senhor parece inteligente o bastante para conseguir resolver qualquer tarefa que Adair coloque à sua frente — eu disse, lisonjeando-o despudoradamente. — Então, me diga, quais milagres ele espera do senhor?

— Uma série de complicadas transferências financeiras, que envolve bancos europeus, algumas cidades das quais nunca ouvi falar antes — ele respondeu, então pareceu pensar melhor sobre revelar quaisquer deficiências suas a qualquer membro da família de seu cliente. — Ah, não é nada, nem preste atenção em mim. Só estou um pouco

cansado, minha querida. Será feito conforme solicitado. Nem pense em preocupar essa linda cabecinha com esses assuntos. — Ele deu tapinhas em minha mão de uma maneira tão arrogante, que tive vontade de lhe dar um tapa de volta. Entretanto, isso não me traria o que queria saber.

— Só isso? Ficar mexendo em dinheiro de um lugar para o outro? Pensei que um homem tão inteligente quanto o senhor fosse capaz de fazer isso apenas com o dedo mindinho. — Pontuei minhas palavras com um pequeno gesto obsceno que envolvia meu próprio dedo mínimo e uma insinuação da boca, um gesto que vira ser feito por garotos de aluguel e que passava uma mensagem inquestionável para a maioria dos homens e, certamente, chamaria a atenção dele. Foi o que realmente aconteceu. A discrição pareceu fugir de seus ouvidos feito serragem de um brinquedo de criança quebrado, e ele me olhou de queixo caído. Se nunca suspeitara de que essa era uma família de prostitutas lambedoras de traseiros, com certeza soube naquele exato momento.

— Minha querida, você acabou de...

— O que mais Adair pediu ao senhor? Nada, tenho certeza, que o manteria ocupado a noite toda. Nada que o impediria de, vamos dizer, divertir um visitante...

— Passagens para amanhã para a Filadélfia — ele disse com pressa —, o que eu respondi ser impossível. E, então, tenho que alugar uma carruagem particular...

— Para amanhã! — exclamei. — Ele está partindo tão rápido...

— E não levará você com ele, minha querida. Não. Já esteve na Filadélfia? É uma cidade fantástica, muito mais animada do que Boston e não o tipo de lugar que, digamos, a senhora Pinnerly estaria apta a visitar. Talvez eu pudesse mostrá-la a você...

— Espere. Como sabe que eu não vou com ele? Ele lhe disse?

O advogado grunhiu para mim, revigorado.

— Bem, não se preocupe. Não é como se ele fosse fugir com outra mulher. Ele vai com um homem, o feliz beneficiário de todas essas malditas transferências de dinheiro. Se seu senhor me consultasse, eu o aconselharia a simplesmente adotar esse sujeito, pois seria muito mais fácil a longo prazo...

— Jonathan? — perguntei, querendo chacoalhar o advogado pelos ombros para fazê-lo parar de tagarelar e arrancar o nome de sua boca como uma lesma reticente em sair da casca. — Jacob, quero dizer. Jacob Moore?

— Sim, é esse o nome. Você o conhece? Ele será um homem muito rico, pode ter certeza. Se não se importa que lhe diga isso, talvez deva considerar investir nesse tal de senhor Moore antes que a notícia se espalhe... Hummm? — Com suas suposições sobre minhas intenções, Pinnerly se

colocara numa situação difícil e eu gostei de vê-lo tentar se destrinçar. Ele limpou a garganta. — Isso não quer dizer que eu imagine, nem por um segundo, que você... e o benfeitor do conde... Peço desculpas! Acredito ter ultrapassado os limites de minha posição.

Juntei minhas mãos discretamente.

— Acho que sim.

Ele me devolveu o copo e pegou sua maleta.

— Por favor, acredite quando eu digo que falei de brincadeira, senhorita. Confio que não contará ao conde sobre minha indiscrição a respeito do... Hummm?

— Sua indiscrição? Não, senhor Pinnerly. Sou absolutamente discreta.

Ele hesitou.

— E suponho que minha pergunta sobre uma visita à meia-noite...?

Balancei a cabeça.

— Está fora de questão.

Ele me lançou um olhar controlado, dividido entre o arrependimento e o desejo, e, então, saiu rapidamente da casa peculiar, de seu cliente mais bizarro, feliz (tenho certeza) de nos deixar para trás.

Aparentemente, vultosas quantias de dinheiro estavam sendo transferidas para contas em nome de Jonathan e a fatídica viagem para a Filadélfia começaria no dia seguinte. Adair estava pronto para dar o bote, o que significava que o tempo tinha se acabado para mim e Jonathan. Precisava agir agora ou passar o restante da eternidade em arrependimento.

Fui até Edgar, o mordomo-chefe, o encarregado de supervisionar os outros criados e administrar os assuntos da casa. Ele tinha um coração desconfiado e culpado, como todos aqueles que ocupavam um lugar naquela família, do senhor até os criados, o que significa dizer que ele fazia direito o seu trabalho no mínimo grau necessário. É uma característica terrível num criado quando se deseja ter uma casa bem-administrada, mas a atitude perfeita para alguém numa casa na qual as convenções e os escrúpulos havia muito saíram pela porta.

— Edgar — eu disse, cruzando as mãos formalmente diante de mim como se fosse a senhora da casa. — Há um conserto na adega de vinhos que Adair gostaria que visse durante a ausência dele. Por favor, mande alguém até a mansão para entregar uma carriola de pedras e uma de tijolos no porão hoje à tarde. Já contratei um homem para executar o trabalho assim que o conde sair de viagem. — Quando Edgar olhou de modo desconfiado para mim (a adega de vinhos sempre foi uma bagunça, por que a pressa agora?), eu acrescentei: — E não precisa incomodar Adair com isso; ele está se preparando para a viagem. Ele me confiou essa tarefa

durante sua ausência e espero que seja feita. — Eu podia ser bem arrogante com os criados; Edgar sabia que era melhor não me aborrecer. Com isso, virei-me e saí andando, para colocar o próximo passo de meu plano em ação.

45

Na manhã seguinte, a família estava consumida pelas preparações com a viagem de Adair. Ele passara a manhã escolhendo as roupas que levaria e então mandou os criados arrumarem tudo nos baús e carregarem a carruagem alugada. Jonathan se fechara em seu quarto, onde supostamente também estaria arrumando as coisas para a viagem, mas senti que ele não queria ir e que uma briga estava prestes a acontecer.

Eu me escondi na despensa, com o pilão do cozinheiro, e ralei o fósforo metodicamente até virar pó. Enquanto arrumava as coisas de que precisaria, estava nervosa como nunca, certa de que Adair sentiria minhas emoções e ficaria em alerta. Na verdade, eu não sabia a extensão de seus poderes, se é que podiam ser chamados de poderes. Porém, já havia chegado até ali e não tinha outra escolha a não ser jogar com a minha vida e a de Jonathan, e ir até o fim.

Nessa altura, a casa estava em silêncio e, pode ter sido minha imaginação, parecia estar tensa e com emoções veladas: abandono, ressentimento, raiva de Adair pairando no ar pelo que tinha feito à Uzra, indecisão sobre o que nos aguardava dali para frente. Carregando uma bandeja com o vinho envenenado, passei pela porta fechada do quarto de Adair, que, nesse momento, estava quieto, uma vez que os criados

já haviam retirado os baús. Bati uma vez e, sem esperar resposta, empurrei a porta para trás e entrei devagar.

Adair estava sentado numa poltrona que puxara para perto do fogo, o que era incomum por si só, já que ele geralmente descansava sobre um monte de almofadas. Talvez tivesse se sentado mais formalmente por estar com trajes de viagem, isto é, vestido como um distinto cavalheiro da época e não com o peito nu como era de hábito. Ele estava sentado com as costas retas no braço da poltrona, com calças e botas, um paletó e uma camisa de colarinho alto, amarrada ao pescoço com uma gravata de seda, seu sobretudo pendurado nas costas de uma segunda poltrona. Seu traje era feito de lã cinza-escura com muito pouco bordado ou enfeites, muito mais discreto do que seus trajes de sempre. Não estava usando peruca; em vez disso, tinha o cabelo penteado para trás e amarrado com capricho. Sua expressão era de tristeza, como se estivesse sob pressão, sendo forçado a embarcar naquela viagem, e isso não fazia seu gênero. Ele ergueu a mão e foi quando notei que tinha o narguilé a seu lado, e que o quarto cheirava à doce fumaça de ópio, do tipo mais forte. Ele sugava o bocal, bochechas para dentro, olhos semicerrados.

Coloquei a bandeja sobre a mesa perto da porta e me agachei no chão perto dele, gentilmente enrolando meus dedos nos cachos brilhantes caídos em sua testa, colocando-os de lado.

— Achei que pudéssemos passar um momento juntos antes de você ir. Trouxe algo para você beber.

Ele abriu os olhos lentamente.

— Fico feliz por estar aqui. Quis contar-lhe sobre essa viagem; deve estar se perguntando por que irei com Jonathan e não com você. — Eu controlei minha vontade de dizer a ele que já sabia o motivo, mas esperei que continuasse. — Sei que mal pode aguentar separar-se de Jonathan, mas eu o manterei longe de você só por alguns dias — ele disse, sarcasticamente. — Jonathan retornará, mas eu viajarei sozinho por um tempo. Tenho essa necessidade de vez em quando... de ficar sozinho com meus pensamentos e minhas memórias.

— Como pode me deixar desse jeito? Não sentirá minha falta? — perguntei, tentando fazer charme. Ele assentiu.

— Sim, sentirei, mas não posso fazer nada. É por isso que Jonathan virá comigo; preciso explicar algumas coisas a ele. Ele será responsável pela família enquanto eu estiver fora. Ele me contou sobre as responsabilidades que tinha cuidando dos negócios da família e fazendo com que as dívidas dos vizinhos não quebrassem a cidade; administrar as contas da família deverá ser fácil para ele. Já transferi todo o dinheiro para o nome dele. Ele terá autoridade; você e o restante não terão outra opção a não ser obedecê-lo.

Soava quase plausível e imaginei, por um segundo, se não tinha avaliado mal a situação. Contudo, conhecia Adair

muito bem para acreditar que as coisas fossem tão simples como ele fazia parecer.

— Deixe-me pegar sua bebida — eu disse, me levantando.

Havia escolhido um conhaque bem forte, forte o suficiente para mascarar o sabor do fósforo. Na despensa, havia derramado cuidadosamente o pó dentro da garrafa com uma folha de papel, adicionado a maior parte de uma garrafa de láudano, fechado a boca com uma rolha e mexido o líquido vagarosamente. O pó tinha soltado alguns brilhos brancos no ar enquanto eu o manuseava, e rezei para que não ficasse aparente no fundo do copo de Adair.

Enquanto derramava o elixir para Adair, notei algumas coisas sobre a cômoda, provavelmente para a viagem. Havia um pergaminho amarrado com um pedaço de fita, o papel velho e grosseiro que tinha certeza de que viera da coleção presa entre as capas de madeira no quarto secreto. Ao lado dela, havia uma caixa de rapé e um pequeno frasco com tampa, similar aos usados para perfume, contendo aproximadamente trinta mililitros de um líquido marrom repulsivo.

— Aqui está — passei uma taça cheia para Adair. Servi uma taça para mim, mas não tinha a intenção de tomar o conteúdo todo. Só um gole para convencê-lo de que não havia nada de errado. Ele parecia completamente ébrio pelo ópio, no entanto, eu sabia que o ópio sozinho não o faria dormir.

Voltei a meu lugar perto dos pés dele e olhei para cima de um jeito que esperava ser entendido como adoração e preocupação.

— Você tem estado aborrecido há dias; é por causa da questão com Uzra, não é? Não proteste! É normal que esteja aborrecido com o que aconteceu, você a manteve por centenas de anos. Ela *tinha* que significar alguma coisa para você.

Ele suspirou e me deixou ajudá-lo com o bocal de novo; sim, ele estava ávido por distração. Parecia doente, mexendo-se vagarosamente e inchado. Talvez estivesse sofrendo por ter matado a odalisca, ou tivesse medo de trocar este corpo pelo próximo; afinal, fazia muito tempo que fizera isso pela última vez. Talvez fosse doloroso passar pelo processo ou tivesse medo das consequências por fazer outra maldade, adicionada à longa lista de pecados que já cometera, uma lista pela qual ele teria que pagar algum dia. Após umas duas baforadas, ele me olhou com os olhos semicerrados.

— Você tem medo de mim?

— Por ter matado Uzra? Teve seus motivos; não cabe a mim questioná-lo. É assim que é: você é o mestre.

Ele fechou os olhos e colocou a cabeça de volta no alto encosto da poltrona.

— Você sempre foi a mais racional, Lanore. É impossível viver com eles, os outros; me acusando com seus olhares.

Eles são frios, se escondem de mim. Deveria matá-los todos e começar de novo. — Pelo tom de sua voz, percebi que não era uma mera ameaça; uma vez ele já fizera exatamente isso com outro grupo de servos. Dizimou a todos num ataque de fúria. Para ter uma vida que supostamente duraria uma eternidade, fora uma existência precária.

Tive que me controlar para não tremer enquanto continuava a passar os dedos pela testa dele.

— O que ela fez para merecer essa punição? Quer me dizer?

Ele empurrou minha mão para o lado e sugou novamente o bocal. Peguei a garrafa e enchi mais uma taça para ele. Deixei que acariciasse meu rosto desajeitadamente com suas mãos assassinas e continuei a acalmar sua consciência com afirmações mentirosas de que ele tinha o direito de ter matado a odalisca.

A certa altura, ele tirou minha mão de sua testa e começou a acariciar meu punho, tracejando minhas veias.

— O que você acha de tomar o lugar de Uzra? — ele me perguntou, um pouco ansioso.

A ideia me alarmou, mas tentei não deixar que percebesse.

— Eu? Não mereço você... Não sou tão bela quanto Uzra... Nunca poderia dar a você o que ela lhe deu.

— Você pode me dar algo que ela nunca me deu. Ela nunca se entregou a mim, nunca. Ela me desprezou todos os dias em que estivemos juntos. De você eu sinto... nós tivemos alguns momentos felizes juntos, não tivemos? Chegaria até a dizer que houve vezes em que chegou a me amar. — Colocou a boca em meu pulso, seu fogo em meu pulso. — Eu facilitaria as coisas para você me amar, se concordar. Seria só minha; não dividiria você com mais ninguém. O que acha?

Ele continuou a acariciar meu pulso enquanto eu tentava pensar numa resposta que não soasse falsa. Em certo momento, ele mesmo respondeu para mim:

— É Jonathan, não é? Posso sentir em seu coração. Quer estar disponível para Jonathan, caso um dia ele queira você. Eu quero você e você quer Jonathan. Bem... talvez haja uma maneira de fazer isso funcionar, Lanore. Talvez haja um jeito para que nós dois tenhamos o que queremos. — Parecia uma confissão de tudo aquilo que eu suspeitara, e a ideia em si só fez meu sangue congelar.

A perspicácia de Adair para escolher almas degeneradas seria sua derrocada. Veja, ele me escolhera bem. Ele me pinçou da multidão, sabendo que eu era o tipo de pessoa que, sem hesitação, encheria taça após taça de bebida venenosa para o homem que acabara de declarar seu amor por mim. Quem sabe, se fosse só por mim, se somente meu futuro estivesse em jogo, tivesse sido diferente. No entanto, Adair incluía Jonathan em seus planos. Talvez achasse que eu seria feliz, que eu era superficial o bastante para amá-lo e

ficar com ele contanto que tivesse a maravilhosa casca de Jonathan para admirar. Todavia, o assassino estaria por trás do rosto tão familiar de meu amado e ecoaria cada uma de suas palavras; ao pensar nisso, o que mais eu poderia fazer?

Ele deixou meu braço cair, deixou o narguilé escorregar de sua mão. Adair estava ficando cada vez mais lento, um brinquedo de corda que gastara toda sua força. Não podia esperar mais. Pelo que estava preparada para fazer com aquele homem, eu tinha que saber. Tinha que ter absoluta certeza. Inclinei-me mais perto para perguntar:

— Você é o físico, não é? O homem de quem me falou?

Ele pareceu precisar de um momento para entender minhas palavras, mas, então, não reagiu com raiva. Em vez disso, um sorriso vagaroso espalhou-se em seus lábios.

— Tão esperta, minha Lanore! Você sempre foi a mais esperta de todos, vi isso de imediato. Era a única que conseguia saber quando eu estava mentindo... Encontrou o elixir. Encontrou o selo, também... Ah, sim, eu sabia. Senti seu cheiro no veludo... Por todo o tempo que estive vivo, foi a primeira a resolver meu enigma, a ler as pistas corretamente. Você me descobriu, como eu achei que faria.

Ele mal estava lúcido e não parecia saber que eu estava lá. Inclinei-me sobre ele, minhas mãos agarrando-o pelas lapelas de seu paletó, e tive que dar um safanão para que prestasse atenção em mim.

— Adair, me diga, o que pretende fazer com Jonathan? Vai tomar posse do corpo dele, não é? Foi isso que fez com o garoto camponês, o garoto que era seu criado, e agora vai tomar posse de Jonathan. É esse o plano?

Os olhos dele se abriram e aquele olhar gélido recaiu sobre mim, quase quebrando minha compostura.

— Se isso fosse possível... se isso fosse acontecer... você me odiaria, Lanore, não é mesmo? E, mesmo assim, eu não seria diferente do homem que você conheceu, o homem por quem você teve afeição. Você me amou, Lanore. Eu senti.

— É verdade! — respondi, confirmando sua afirmação.

— Você ainda me teria e teria Jonathan também, porém, sem a indecisão dele. Sem o desprezo pelos seus sentimentos, sem a dor, sem o egoísmo e sem arrependimentos. Eu a amaria, Lanore, e você teria certeza dos meus sentimentos. O que é algo que não pode ter de Jonathan. Isso é algo que nunca terá dele. — Suas palavras me chocaram, pois eu sabia que eram verdadeiras. Como de fato aconteceu, as palavras dele foram também proféticas; foi como uma maldição que Adair colocou sobre mim, destinando-me a ser infeliz para sempre.

— Sei que não devo. Ainda assim... — murmurei, acariciando o rosto dele, tentando avaliar o quanto ainda estava alerta. Não parecia possível que um corpo pudesse ingerir tanto veneno e continuar consciente. — Ainda assim, é Jonathan a quem eu escolho — disse, finalmente.

Ao ouvir essas palavras, os olhos vidrados de Adair se acenderam com o último brilho de consciência dentro deles, consciência do que eu acabara de dizer. Consciência de que algo terrível estava acontecendo com ele, que não conseguia se mover. Seu corpo estava parando, ainda que lutasse contra isso, revirando em sua poltrona como uma vítima de parada cardíaca, espasmódico e trêmulo, a baba começando a escorrer pelos cantos da boca em fios borbulhantes. Pus-me de pé e recuei, evitando as mãos dele que buscavam por mim, e então parou, depois congelou e finalmente ficou frouxo. Ele ficou quieto de repente, quieto como a morte e cinza como água encoberta, e rolou da cadeira, caindo no chão.

Era hora de dar o último passo. Mais cedo, já colocara tudo no lugar, mas não poderia fazer essa parte sozinha. Precisava de Jonathan. Saí apressadamente do quarto e percorri o corredor até o quarto dele, entrando repentinamente, sem bater. Ele andava de um lado para o outro, mas parecia preparado para sair, capa sobre o braço e chapéu na mão.

— Jonathan — eu disse buscando ar, fechando a porta e bloqueando o caminho dele.

— Onde você esteve? — ele perguntou, a voz levemente zangada. — Procurei você, mas não consegui encontrá-la... Esperei um pouco, com a esperança de que viesse até mim, até que não pude mais esperar. Vou dizer a ele que não tenho intenção de viajar com ele. Vou dizer a ele que estou me separando dele e que vou embora.

— Espere, preciso de você, Jonathan. Preciso de sua ajuda. — Por mais bravo que estivesse, ele viu que eu estava nervosa e deixou suas coisas de lado para me escutar. Eu derramei a história, certa de que parecia uma mulher insana porque não tive tempo de pensar numa maneira de contar tudo a ele sem parecer louca ou paranoica. Por dentro, eu me encolhia, pois agora ele seria capaz de me ver como eu realmente era, capaz de maldades elaboradas, capaz de condenar alguém a um sofrimento terrível, ainda a mesma garota que levara Sophia a se suicidar, cruel e resistente como aço, apesar de tudo pelo que eu mesma havia passado. Com certeza Jonathan me denunciaria. Esperava que fosse virar as costas e ir embora, que fosse perdê-lo para sempre.

Depois de contar toda a história, de como Adair pretendia exterminar sua alma e usurpar seu corpo, segurei minha respiração, esperando por Jonathan me mandar embora ou me atacar verbalmente, me chamar de louca, pelo farfalhar da capa e a batida da porta. Mas ele não fez nada disso. Ele pegou minha mão e eu senti uma ligação entre nós que já não sentia há algum tempo.

— Você me salvou, Lanny! De novo — ele disse, a voz trêmula.

Ao ver Adair no chão, parado feito um morto, Jonathan recuou por um momento e então juntou-se a mim para amarrar Adair o mais seguro que conseguíssemos. Amarramos as mãos do monstro atrás das costas, juntamos seus tornozelos e enfiamos um pedaço de pano macio em sua

boca. No entanto, quando Jonathan foi amarrar os nós dos pulsos aos pés de Adair, arqueando nosso prisioneiro numa posição de absoluta vulnerabilidade, me lembrei do arreio humano. O sentimento de impotência assolou-me e não pude fazer o mesmo com Adair, ainda que ele fosse meu torturador. Quem saberia quanto tempo ele teria que ficar amarrado daquele jeito até que fosse encontrado e desamarrado? Parecia uma punição muito cruel, mesmo para ele.

Então, enrolamos Adair em seu cobertor favorito de zibelina, um conforto solitário. Saí primeiro e, caso Jonathan encontrasse com os outros e fosse questionado, poderia fingir que o embrulho em seus braços era eu. E planejamos nos encontrar no porão para finalizar meu plano.

Corri na frente, pela escadaria dos criados até o porão. Enquanto esperava ao pé da escada, descansando contra uma parede fria de pedra, me preocupei com Jonathan. Deixei que ele passasse por todo o risco de remover Adair do quarto secretamente. Apesar de os outros terem se retirado, introspectivos e chocados pela morte de Uzra, e confusos pela partida de Adair, nada garantia que Jonathan não cruzaria com um deles pelo caminho. Ele também poderia facilmente ser espiado por um criado e uma breve olhadela poderia arruinar nossos planos. Esperei, tensa, até Jonathan aparecer com a figura frouxa em seus braços.

— Alguém viu você? — perguntei, e ele negou com a cabeça.

Eu o guiei através do labirinto sinuoso até o nível mais baixo do porão, para o quarto cavernoso onde os vinhos eram guardados. Aqui, o porão era mais parecido com o calabouço de um castelo, separado do restante dos aposentos, coberto por grossas camadas de terra e pedra para manter a temperatura constante do vinho. Eu encontrara um nicho bem no fundo, uma cela pequena e sem janela, cortada dentro da fundação de pedra maciça da mansão. Parecia uma extensão inacabada da adega de vinhos, com tijolos e madeira espalhados. As entregas de tijolos e pedras do dia anterior estavam no chão, junto a um balde de cimento amarrado com um tecido molhado, quase seco agora. Jonathan olhou para as ferramentas e depois para mim, chegando instantaneamente à conclusão sobre o uso do material, e então derrubou o corpo de Adair no chão de terra úmido. Sem dizer uma só palavra, tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa.

Fiz companhia a Jonathan enquanto ele fechava a pequena abertura que servia como entrada para a cela. Primeiro, tijolo; depois, uma camada de pedras para fazer a entrada desaparecer dentro da parede espessa. Jonathan desempenhou a tarefa silenciosamente, colocando as pedras no lugar com batidas do cabo da pá de pedreiro, lembrando-se do trabalho que fizera quando criança, enquanto eu mantinha os olhos sobre a forma escura de Adair, um mero pedaço de sombra sobre o chão da cela.

Na hora que Adair tinha marcado de sair, subi quieta e vagarosamente, e despachei a carruagem, dizendo ao

cocheiro que os viajantes haviam mudado de ideia, mas queria que a bagagem fosse enviada na frente para seus alojamentos, conforme planejado. Então, disse casualmente a Edgar que o senhor havia partido em sua viagem um pouco mais cedo, para evitar ostentação, querendo sair sem chamar atenção. Os aposentos vazios de Adair e Jonathan confirmavam o que eu acabara de dizer, e Edgar simplesmente deu de ombros e voltou às suas tarefas. Suspeito que diria isso aos outros caso alguém perguntasse.

Jonathan continuou a trabalhar, parando toda vez que ouvíamos qualquer movimento que parecesse estar vindo de longe. Durante a maior parte do tempo, esse subterrâneo profundo era excessivamente silencioso e ouvíamos alguns movimentos vindos dos andares ocupados, mas era muito improvável que pudéssemos ser ouvidos, com as despensas situadas entre o primeiro andar e a adega de vinhos. Mesmo assim, eu estava nervosa, certa de que os outros poderiam vir me procurar. E eu queria deixar para trás esse ato horripilante. "*O homem na cela é um monstro*", eu dizia a mim mesma para amainar minha culpa galopante. "*Ele não é o homem que conheci.*"

— Vamos logo, por favor! — murmurei de meu posto sobre um velho barril.

— Não há nada a fazer, Lanny — Jonathan disse por sobre o ombro, sem quebrar o ritmo. — Seus venenos...

— Não são meus, com certeza! Não são *só* meus — gritei, pulando do barril, agitada.

— O efeito do veneno desaparecerá, em instantes. Os nós podem se soltar e a mordaça se desfazer, mas esta parede não pode falhar. Tem que ser a mais forte que pudermos fazer.

— Muito bem — eu disse, apertando as mãos enquanto andava de um lado para o outro. Sabia que a poção não poderia matá-lo, mesmo que tivesse sido veneno, mas esperava que pudesse fazê-lo dormir para sempre ou causar algum dano ao cérebro, assim nunca teria consciência do que acontecera a ele. Porque ele não era um ser mágico, nem um demônio, nem um anjo; não poderia fazer os nós se desamarrarem ou atravessar as paredes como um fantasma. O que significava que, algum dia, ele acordaria no escuro e não conseguiria tirar a mordaça da boca, não conseguiria gritar por socorro e quem saberia quanto tempo permaneceria aqui, enterrado vivo.

Esperei um momento do nosso lado da parede fria de pedra para ver se sentia o familiar arco elétrico da presença de Adair, mas não senti nada. Tinha desaparecido. Talvez tivesse desaparecido apenas por estar tão profundamente sedado. Talvez eu voltasse a senti-lo quando recuperasse a consciência, e que tortura seria sentir a agonia dele viva em mim, dia após dia, e não poder fazer nada. Não posso dizer quantas noites pensei sobre o que fizera com Adair, e houve vezes em que quase pensei em desfazer o que lhe fizera, se

fosse possível. Mas, naquela época, não podia me permitir pensar nisso. Era muito tarde para piedade ou remorso.



Jonathan saiu naquela noite, quando os outros estavam fora dedicando-se a um de seus passatempos. Tive uma amostra dos conflitos por vir com Jonathan quando, uma vez do lado de fora, ele se virou para mim e perguntou:

— Podemos voltar a St. Andrew agora, não podemos?

Eu respirei fundo.

— St. Andrew é o último lugar no mundo para onde podemos ir, pois, lá, de todos os lugares, é onde seremos descobertos mais rapidamente. Nós nunca envelheceremos, nunca ficaremos doentes. Todas aquelas pessoas, para quem você retornaria, passariam a olhar para você com horror. Eles terão medo de você. É isso o que quer? Como nos explicaríamos? Não podemos, e o pastor Gilbert nos condenaria como bruxos, com certeza.

A expressão dele se anuviou enquanto me escutava, mas não disse nada.

— Precisamos desaparecer. Devemos ir para onde ninguém nos conheça e estar preparados para partir a qualquer momento. Deve confiar em mim, Jonathan. Deve contar

comigo. Só temos um ao outro agora. — Ele não argumentou; beijou minha bochecha e começou a caminhar em direção à taberna onde combinamos nos encontrar no dia seguinte.

Na manhã seguinte, disse aos outros que estava indo me juntar a Adair e a Jonathan na Filadélfia. Quando Tilde ergueu a sobrancelha, desconfiada, usei as palavras do próprio Adair com ela, explicando que ele não tinha paciência com os olhares acusatórios pelo que tinha feito a Uzra e que, ainda que eles não o tivessem perdoado, eu tinha. Então, fui ver o sr. Pinnerly para saber sobre a lista de contas que foram abertas em nome de Jonathan. Quando o advogado ficou relutante em me entregar os documentos pessoais de Adair, uma sessão de não mais do que dez minutos ajoelhada no quartinho dos fundos foi suficiente para fazê-lo mudar de ideia; e o que eram dez minutos a mais de prostituição em troca de um futuro financeiro seguro? Jonathan me perdoaria, tinha certeza, e, de qualquer forma, ele nunca saberia.

Os outros não disseram nada abertamente contra mim, mas estavam claramente céticos e desconfiados, e se juntavam nos cantos e em lugares escuros para sussurrar entre eles. Depois de um tempo, eles se recolheram a seus aposentos ou retomaram seus afazeres, abrindo caminho para que eu fosse até o estúdio. Jonathan e eu precisávamos de dinheiro para fugir, pelo menos até termos acesso aos fundos que Adair havia guardado para o próprio uso futuro, obviamente.

Para minha surpresa, Alejandro estava sentado, caído sobre a mesa, a cabeça entre as mãos. Ele observou indiferente, todavia, enquanto eu retirava dinheiro do cofre de Adair passava para uma sacola; seria natural que eu carregasse mais dinheiro para Adair usar em sua viagem. Alejandro ergueu a cabeça, curioso, quando eu retirei da parede o desenho em carvão emoldurado de Jonathan. Era um item que eu não suportaria deixar para trás. Forcei a parte de trás da moldura e, com um pedaço de tecido sobre o desenho e uma camurça embaixo, enrolei a figura num cilindro apertado e a amarrei com um cordão de seda vermelha.

— Por que está levando o desenho? — ele perguntou.

— Tem um pintor na Filadélfia; Adair planeja apresentá-lo a Jonathan. Jonathan nunca concordará em posar para um retrato de novo, e Adair sabe disso, assim ele quer que o artista crie uma pintura a partir do esboço. Parece ser uma coisa muito trabalhosa, concordo, mas você sabe como Adair é quando resolve fazer alguma coisa... — eu disse, alegremente.

— Eu nunca fiz nada desse tipo — Alejandro disse, desistindo de suas perguntas com o desespero de alguém que aceita o inevitável. — É muito... inesperado. Muito estranho. Estou confuso com relação ao que fazer daqui para frente.

— Todas as coisas têm um fim — comentei, antes de sair do estúdio, indiferente.

Esperei na carruagem enquanto os criados traziam meus baús, amarrando-os na parte de trás. Então, com um balanço abrupto, a carruagem começou a andar e eu deslizei para dentro do tráfego de Boston, desaparecendo completamente no meio da multidão.

Parte quatro

46

CIDADE DE QUEBEC, HOJE

Sentam-se à mesa no quarto do hotel, Luke e Lanny, um elegante conjunto de louça de café de porcelana branca colocado à frente deles, com um prato de *croissants* intocado. Quatro pacotes de cigarro, pedidos com o restante do serviço de quarto, dentro de uma tigela de prata.

Luke toma outro gole de café, cheio de creme. A noite anterior foi difícil, com toda a bebida e a maconha, e enquanto pode-se notar a fadiga no rosto dele, o rosto de Lanny não mostra nada além de uma pele viçosa, macia e lisa. E tristeza.

— Imagino que tenha tentado aprender sobre esse feitiço — Luke diz em algum momento. Sua pergunta traz um brilho confuso ao rosto de Lanny.

— Claro que sim. Não é fácil encontrar um alquimista, um de verdade. Toda cidade onde fui, procurava pelos mais sombrios, você sabe, aqueles com as inclinações mais sinistras. E eles estão em todas as cidades, alguns a céu aberto, outros escondidos. Em Zurique, encontrei uma loja numa ruazinha estreita bem perto da via principal. Vendia artefatos raros, crânios antigos com inscrições esculpidas no osso, manuscritos escritos em pele humana, cheios de palavras que não se entendem mais. Achei que, se alguém conhecesse a verdadeira arte da necromancia, seriam as pessoas donas dessa loja, que colocaram suas vidas em busca da mágica arcana. Mas eles só sabiam rumores. Não cheguei a lugar algum. Foi assim até este século, mais ou menos cinquenta anos atrás, quando finalmente ouvi algo que tinha um longínquo toque de verdade. Foi em Roma, num jantar. Conheci um professor, um historiador. A especialidade dele era a Renascença, mas sua vocação pessoal era a alquimia. Quando perguntei se conhecia uma poção que conferia a imortalidade, ele explicou que um verdadeiro alquimista não precisaria de uma poção para imortalidade, porque o verdadeiro propósito da alquimia era transformar o *homem*, transformá-lo num ser superior. Assim como a suposta busca para transformar metal comum em ouro: ele disse que isso era uma alegoria, que buscavam transformar um *homem* comum em um ser mais puro. — Ela empurra a xícara um ou dois centímetros, o pires deixando um pequeno rastro sobre a toalha branca adamascada. — Fiquei frustrada, como pode imaginar. Mas, então, ele continuou a dizer que ouvira falar de uma poção rara, com um efeito

parecido ao que eu tinha descrito. Transformava um objeto em algo, bem, *familiar* é o melhor termo, acho. Trazer um objeto inanimado à vida, como um golem, e transformá-lo num criado do alquimista. A poção podia reanimar os mortos, trazê-los de volta à vida, também. Esse professor achava que o espírito que preenchia a pessoa morta, ou o objeto, vinha do mundo do demônio — ela disse, tremendo de medo. — Um demônio com o objetivo de obedecer às ordens de alguém. Isso foi tudo o que eu suportei ouvir. Não fui atrás de explicações desde então.

Eles se sentam em silêncio e observam o tráfego a distância. O sol da manhã começa a aparecer entre as nuvens, deixando os talheres e a tigela de prata em fogo. Tudo é branco e prata e vidro, limpo e estéril, e tudo sobre o que eles estiveram conversando, escuridão e morte, parece estar a um milhão de quilômetros de distância. Luke pega um cigarro, enrola entre os dois dedos antes de colocá-lo de lado, apagado.

— Então, você deixou Adair dentro da parede na mansão. Alguma vez voltou lá para ver se ele havia saído?

— Eu me preocupava se ele havia escapado, claro — ela diz, assentindo quase imperceptivelmente. — Mas aquela sensação, aquela conexão havia desaparecido. Não havia nada para prosseguir. Voltei lá uma, duas vezes. Tinha medo do que ia encontrar, sabe; ver se a casa ainda estava em pé. E estava. Por muito tempo foi usada por uma família. Eu andava ao redor do quarteirão, tentando sentir a presença de

Adair. Nada. Então, um vez voltei e vi que a casa havia sido transformada numa funerária, se é que pode acreditar. A vizinhança estava passando por tempos difíceis... Podia imaginar os quartos onde eles trabalhavam nos corpos, no porão, apenas a alguns passos de onde Adair estava enterrado. A incerteza era muito... — Lanny descarta o cigarro em sua mão e imediatamente acende outro. — Então, pedi a meu advogado que entrasse em contato com a funerária com uma oferta para comprá-la. Como disse, havia a recessão; foi um valor melhor do que os proprietários esperavam ver em suas vidas... então, aceitaram. Assim que eles se mudaram, fui lá sozinha. Era difícil imaginá-la como a casa que eu conhecera; tanta coisa havia mudado! A parte do porão, embaixo das escadas da frente, tinha sido reformada. Chão de cimento, fornalha e aquecedores de água. A parte de trás não fora modificada. Não havia eletricidade e permanecia escura e úmida. Fui até o local onde... pusemos Adair. Não dava para dizer onde a parede original terminava e onde a parte que Jonathan construíra começava. Tudo havia envelhecido junto àquela altura. Mesmo assim, não havia nenhuma sensação vinda de trás das pedras. Nenhuma presença. Não sabia o que pensar. Fiquei quase tentada, quase, a colocar a parede abaixo. É como aquela voz perversa em sua cabeça que diz para pular quando está bem perto da borda. — Ela sorri com pesar. — Eu não fiz nada, obviamente. Na verdade, mandei reforçar a parede com barras de aço e cimento. Tinha que ser cuidadosa; não queria que a parede fosse estragada durante a construção. Está bem selada e fechada agora. Durmo muito melhor. — Ela não dorme bem; Luke

aprendeu pelo menos isso durante o curto tempo que estiveram juntos.

Ele precisa tirá-la do lugar onde a deixou, o porão escuro com o homem que ela condenara. Luke a alcança do outro lado da mesa e pega sua mão.

— Sua história... ainda não terminou, não é? Então, você e Jonathan saíram juntos da casa de Adair; o que aconteceu depois?

Lanny parece ignorar a pergunta por um momento, estudando a bituca do cigarro em sua mão.

— Ficamos juntos por mais alguns anos. A princípio, ficamos juntos porque era, acima de tudo, a melhor coisa a fazer. Podíamos cuidar um do outro, dar cobertura um para o outro, como de fato aconteceu. Foram tempos aventureiros. Viajávamos muito, porque precisávamos, porque não sabíamos como sobreviver. Aprendemos a criar novas identidades, a nos tornarmos anônimos, apesar de ser muito difícil para Jonathan não chamar atenção. As pessoas eram sempre levadas por sua beleza excepcional. Ficava cada vez mais evidente que estávamos juntos porque era o que eu queria. Uma imitação de casamento, mas sem intimidade. Éramos como um casal velho num pacto de amor, e eu forçara Jonathan a desempenhar o papel do marido sem-vergonha.

— Ele não precisava se extraviar — Luke retrucou.

— Era a natureza dele. E as mulheres que se interessavam por ele... era uma fila interminável. — Ela bate a cinza no pires que estão usando como cinzeiro. — Nós dóis nos sentíamos muito mal. Chegou a ponto de ser doloroso ficarmos na presença um do outro; não nos entendíamos e dizíamos coisas dolorosas um ao outro. Às vezes eu o odiava e queria que ele fosse embora. Eu sabia que teria que ser ele a me deixar, pois nunca teria força para ir embora. Então, um dia, acordei e encontrei um recado no travesseiro a meu lado. — Ela ri, ironicamente, como se estivesse acostumada a observar sua dor a distância. — Ele escreveu: "Me perdoe. É melhor assim. Prometa que não virá me procurar. Se eu mudar de ideia, eu a encontrarei. Por favor, respeite o meu desejo. Seu querido, J.".

Ela para, amassando o cigarro no pires. Sua expressão é dura e levemente distraída, enquanto olha fixamente através das janelas altas.

— Ele finalmente encontrou coragem para partir; foi como se tivesse lido meu pensamento. Claro, sua ausência foi agonizante. Queria morrer, certa de que nunca mais o veria de novo. Mas a vida continua, não é? De qualquer jeito, não tinha escolha, porém ajuda pensar que se tem.

Luke se lembra de como é sentir-se exaurido pela tensão, lembra-se daqueles dias quando ele e Tricia não suportavam estar no mesmo quarto. Quando ele se sentava no escuro e tentava imaginar como se sentiria se eles se separassem, a paz que tomava conta dele. Não havia dúvida de que ela teria

que ir embora, ele não deixaria suas filhas nem sua casa de infância, mas quando sua família foi embora e ele ficou sozinho na casa da fazenda, não se sentia sozinho. Era como se algo tivesse sido violentamente arrancado dele, como se tivesse sido amputado.

Ele lhe dá um momento, para ela dobrar a dor e guardá-la de volta em seu lugar.

— Não estava terminado, não é? Obviamente vocês se viram de novo.

A expressão dela é inescrutável, clara e sombria.

— Sim, nós nos encontramos.

47

PARIS, UM MÊS ANTES

Dia cinzento. De trás das cortinas, dei uma olhada no fino trecho de céu visível do terceiro andar de minha casa, uma das muitas casas antigas do *5º Arrondissement*. Era o início do inverno em Paris, o que significava que quase todos os dias seriam cinzentos.

Liguei meu computador, fiquei em pé ao lado da escrivaninha e mexi o creme dentro do café enquanto o computador iniciava. Acho a série de zunidos e cliques inconscientemente reconfortante, como o chilrear dos pássaros ou algum outro sinal de vida externa à minha. Gosto muito da normalidade e anseio por uma rotina com a qual possa me fartar; do contrário, minha existência é completamente sem sentido.

Dei um gole no café. Embora não precise dele como a maioria, para se pôr em estado de alerta, bebo por hábito. Mal dormi, apenas cochilei; fiquei acordada até as primeiras horas da manhã, como sempre, fazendo a pesquisa necessária para o livro que eu fora contratada para escrever, mas que, agora, me entediava a ponto de perder a paciência. Quando cansei, comecei a catalogar minha coleção de cerâmica enquanto assistia a reprises de séries americanas na televisão. Tinha chegado ao ponto de pensar em enviar

minha coleção de cerâmica para alguma universidade ou museu de arte, algum lugar onde pudesse ser vista. Havia me cansado de ter tantas coisas amontoadas a meu redor o tempo todo, elas me assombravam como mãos saindo do túmulo. Senti necessidade de me desfazer de algumas delas.

Meu e-mail terminou de carregar e olhei para a lista de remetentes. Negócios, na maioria: meu advogado, meu editor da pequena e cambaleante editora que publicara minhas monografias sobre cerâmica antiga da Ásia, um convite para uma festa. Que vida surpreendente tinha construído nos últimos vinte anos, como uma falsa especialista em xícaras de chá chinesas. Minha identidade falsa foi inspirada numa coleção de xícaras de valor inestimável que meu empregador chinês colocara em minhas mãos enquanto embarcava num navio britânico para escapar dos saqueadores nacionalistas. Isso aconteceu na época de *O templo de Jade*, uma vida anterior a essa, outra história que ninguém sabia.

Então percebi, na lista de e-mails, um endereço que não reconhecia. Do Zaire. Ah, é chamado de República do Congo agora! Eu me lembrava de quando ainda era Congo Belga. Fiz uma careta; será que conhecia alguém no Zaire? Provavelmente era só um pedido de caridade ou um engano, um falso artista se passando por um príncipe africano que precisava de um pouco de ajuda para resolver um dilema financeiro temporário. Quase o apaguei sem lê-lo, mas mudei de ideia no último minuto.

"Cara Lanny", eu li. "Olá de quem pensou que nunca mais ia ouvir falar. Antes de mais nada, deixe-me agradecer por honrar meu último pedido e não tentar me encontrar desde que nos separamos..."

Malditas palavras inocentes, escritas em *pixels* trêmulos na tela. "Imprimir", eu apertei no botão do *mouse*. "*Imprima, maldita, preciso segurar essas palavras em minhas mãos.*"

"... espero que me perdoe por me dirigir a você dessa forma. Apesar de toda conveniência, nunca deixei de achar que a correspondência por e-mail é menos educada e correta do que escrever uma carta. Tenho dificuldades em usar o telefone pela mesma razão. Mas tenho pressa e, então, tive que recorrer ao e-mail. Estarei em Paris em alguns dias e gostaria muito de vê-la enquanto estiver aí. Espero que sua agenda nos permita isso. Por favor, responda dizendo se poderá me ver... Com carinho, Jonathan."

Sentei-me apressadamente na cadeira, os dedos colocados sobre as teclas. O que dizer? Tanta coisa guardada depois de décadas de silêncio! De querer conversar e não ter ninguém com quem falar. De falar com as paredes, com os céus, com os pombos, com as gárgulas penduradas nos pináculos da Catedral de Notre-Dame. "*Graças a Deus; achei que nunca mais fosse ter notícias suas. Me desculpe; me desculpe. Isso quer dizer que você me perdoou? Fiquei esperando por você. Não faz ideia do que é ver seu nome escrito na tela do meu computador. Você me perdoou?*"

Eu hesitei, fechei as mãos e cerrei os punhos, chacoalhei-as, abri-as, chacoalhei-as mais uma vez. Fiquei parada sobre o teclado. Finalmente, digitei: “Sim”.



Esperar por aquele dia foi torturante. Tentei manter minhas expectativas baixas. Sabia que não devia ter muitas esperanças, mas ainda havia uma parte de mim que alimentava sonhos românticos no que se referia a Jonathan. Era impossível não me dar ao luxo de sonhar acordada uma ou duas vezes ao dia, só para sentir esse tipo de prazer novamente. Fazia tanto tempo que eu não ansiava por alguma coisa!

Jonathan me contou sobre a vida dele num segundo e-mail. Ele havia se formado em Medicina, nos anos 1930, na Alemanha, e aproveitou-se disso para viajar a lugares pobres e remotos, e prestar serviços médicos. Quando se tinham documentos suspeitos, era mais fácil passar pelas autoridades de áreas isoladas onde precisavam de um médico e os oficiais corruptos do governo empurravam o caso. Ele trabalhara com leprosos na Ásia, vítimas de varíola no subcontinente. Um surto de febre hemorrágica o levou ao centro da África e ele permaneceu lá para administrar uma clínica médica num campo de refugiados perto da fronteira de Ruanda. Não é cirurgia cardíaca, ele digitara: ferimentos de bala, disenteria e vacinação contra sarampo. O que fosse necessário.

O que poderia responder, além de confirmar o horário e o lugar onde nos encontraríamos? O fato de Jonathan ser um médico, um anjo de piedade, me deixava muito feliz e ansiosa. Mas Jonathan esperava que eu lhe contasse sobre minha vida e, sentada diante do computador, não conseguia pensar no quê escrever. O que eu poderia dizer que não fosse vergonhoso? A vida fora difícil depois que nos separamos. Fiz coisas estúpidas, que, na época, acreditei serem necessárias à minha sobrevivência. Agora, finalmente, minha vida estava tranquila, quase como a vida de uma freira e não totalmente por falta de opção. Eu chegara a um acordo com ela.

Jonathan perceberia minha omissão, mas me assegurei de que ele não tivesse nenhuma ilusão de que eu mudara durante o tempo em que ficamos separados, pelo menos não tão drasticamente quanto ele. Em vez disso, meu primeiro e-mail para Jonathan estava cheio de amenidades: como eu ansiava por encontrá-lo e coisas do gênero.

Não consegui dormir na noite anterior ao encontro e me sentei, olhando-me no espelho. Será que estaria diferente para ele? Examinei meu reflexo atenciosamente, preocupada se houvera mudanças, como se fosse uma dessas mulheres nos comerciais, analisando as marcas do sorriso ou os pés de galinha. Nada mudara, eu sabia. Eu ainda parecia uma estudante colegial com uma eterna expressão zangada. Tinha o mesmo rosto macio que Jonathan vira no dia em que fora embora. Ainda tinha o fogo de uma jovem mulher que não fizera sexo o bastante, embora, na verdade, eu tivesse feito sexo para cinco vidas. Não queria parecer tão desesperada

quando ele me visse, mas não tinha como evitar, percebi, olhando para o espelho. Sempre seria louca por ele.

Ainda olhando no espelho, imaginei se seria estranho ou enlouquecedor, quando nos encontrássemos no dia seguinte. Olhar um para o outro, o tempo poderia parar. Quanto tempo fazia desde que vira Jonathan pela última vez? Cento e sessenta anos? Não conseguia nem me lembrar em qual ano ele me deixara. Estava surpresa ao perceber que isso já não doía tão violentamente; que levara décadas, mas a dor finalmente tinha atenuado e tornara-se somente uma pulsação enfadonha, facilmente sobreposta por minha ânsia em vê-lo.

Guardei o espelho. Era hora de uma bebida. Abri uma garrafa de champanhe. Para que serviria guardá-la para amanhã na esperança de que ele voltaria para mim? Já não era motivo suficiente que Jonathan tivesse entrado em contato comigo após uma eternidade de separação? Resolvi cortar minha esperança pela raiz antes de trocar os lençóis ou colocar toalhas extras no banheiro. Ele estava vindo me visitar e nada mais.

"*Encontre-me no* lobby *ao meio-dia*", ele instruíra em seu último e-mail. Eu mal podia esperar e, em vez disso, considerei chegar mais cedo ou ir até o quarto de Jonathan. Isso seria patético; seria melhor fingir que eu tinha algum autocontrole. Fiquei observando os minutos se arrastarem até as 11 horas, antes de sair, pegar um táxi e me dirigir ao Hotel Prix St. Germain. Da janela de trás do táxi, vi minha rua

desaparecer como o desenho de um pano de fundo de um carrossel quando a música começa.

Eu já tinha ouvido falar do Hotel Prix St. Germain, mas nunca estivera lá. Era um lugar quieto, enterrado numa rua sem estilo na margem esquerda do Sena, bem de acordo com um médico expedicionário que passa alguns dias em Paris. O *lobby* era malcheiroso e um atendente profissionalmente circunspecto, na recepção, observou quando eu me sentei numa das poltronas de couro. Será que todos os *lobbies* de hotel eram assim: sufocantes, inquisidores? A poltrona que escolhi dava de frente para o caminho entre a porta e a recepção. Um relógio antigo, todo enfeitado, pendurado sobre a porta da frente, marcava 11h48. Quando mais novo, Jonathan tinha o hábito de deixar os outros esperando. Como um médico expedicionário, imaginei que tivesse aprendido a ser mais pontual.

Um jornal já lido estava sobre a mesa de apoio. Nunca segui os acontecimentos do mundo e raramente me dava ao trabalho de ler um jornal. As notícias me confundiam, tornaram-se todas muito parecidas umas com as outras. Assistia às da noite e caía num profundo sentimento de *déjà vu*. Um massacre na África? Ou era em Ruanda? Não, espere, foi em 1993. Ou era o Congo Belga, ou a Libéria? Um chefe de Estado assassinado? O mercado de ações em derrocada? Uma praga, pólio, varíola, tifo ou Aids? Passei por todos os eventos a uma distância segura e os assisti assolarem e aterrorizarem a humanidade. Era horrível ver o sofrimento e não

ser capaz de fazer nada. Eu era um fantasma no fundo da paisagem.

Conseguia imaginar como Jonathan se sentira inclinado a ir para a escola de Medicina, preparar-se para fazer algo contra as coisas terríveis que aconteciam no mundo. Arregaçar as mangas e dedicar-se, mesmo sabendo que seria impossível erradicar uma doença, numa só vila que fosse, mas tentando, mesmo assim. Sem perceber, meus olhos tinham recaído sobre o jornal durante todo o tempo em que estivera pensando. Olhei para cima abruptamente, antecipando a chegada de Jonathan.

A porta da frente foi aberta e me inclinei para a frente ansiosamente, em direção ao que parecia uma figura conhecida, mas relaxei novamente. O homem usava uma calça cáqui amassada e uma jaqueta surrada de tweed. Um pedaço de tecido étnico estava enrolado em volta de seu pescoço, óculos de sol cobrindo os olhos. E seu rosto tinha uma barba por fazer, suja e irregular, de três dias ou mais. O homem caminhou em minha direção, mãos nos bolsos. Estava sorrindo; então, eu percebi.

— São essas as boas-vindas que eu recebo? Não se lembra de mim? Talvez devesse ter mandado uma foto recente — Jonathan disse.

Fomos para fora por sua sugestão, dizendo que parecia que eu desmaiaria. Jonathan pegou meu braço e o segurou com força enquanto me acompanhava até a calçada.

Encontramos um canto quieto num parque que era só cimento e bancos, uma só árvore cercada de concreto nos quatro lados, mas dava a ilusão de natureza.

— É bom ver você.

Não consegui responder, mas minha resposta era desnecessária, de qualquer forma. Parecia absurdo que ele tivesse ficado ausente de minha vida por tanto tempo e, vendo-o novamente, parecia não haver motivo no mundo para nos mantermos separados. Queria tocá-lo e beijá-lo, ter certeza de que ele estava lá, em carne e osso, diante de mim. Mas, por mais que fôssemos íntimos um do outro, havia entre nós mais de cem anos de separação. E alguma coisa em seu comportamento me dizia para ir devagar.

Assim que minha cor voltou, achamos um café, onde ficamos durante horas. Entre cafés, copos de Lille e cigarros (para mim, embora Jonathan, o médico, não aprovasse), nos sentamos num banco e colocamos a conversa sobre muitas vidas em dia. As histórias da selva eram fascinantes e me surpreendia ver que Jonathan pudesse ter sido feliz numa terra tão seca e escassa quanto o Maine era frio e luxuriante. Que ele pudesse sentar-se numa tenda, enchendo seringas, sem pensar nos mosquitos zunindo em volta dele. Malária, meningite, que diferença fazia? Ele se voluntariara para descer até um vale tomado por um surto de dengue. Havia carregado antidiarreicos e outros remédios nas costas quando o Land Rover não conseguia atravessar o rio. Por mais que admirasse o que ele fez, as histórias que o colocavam em perigo

me causavam incômodo, embora esses medos fossem irracionais.

— Como me encontrou, depois de tanto tempo, nesse mundo tão grande? — perguntei a ele, finalmente, morrendo de vontade de saber. Ele sorriu misteriosamente e deu outro gole em seu aperitivo.

— É uma história divertida. A resposta curta é: tecnologia... e sorte. Fazia tempo que queria procurá-la, mas tinha dúvida se devia ou não. Como poderia fazer isso? A resposta começou com um livro infantil que vi por acaso na casa de um colega...

— *O templo de Jade* — adivinhei.

— *O templo de Jade* — ele respondeu, assentindo. — Lendo o livro para o filho de meu colega, encontrei a modelo do artista, Beryl Fowles, uma expatriada britânica vivendo em Shangai...

— Sempre gostei desse nome. Eu mesma o inventei.

— ... e contratei alguém para achar o que conseguisse sobre Beryl. Mas, na época, Beryl Fowles já tinha morrido há décadas.

— Mesmo assim, você me achou.

— Contratei um investigador para encontrar quem havia herdado o dinheiro de Beryl e daí por diante. Mas as pistas não deram em lugar nenhum.

— E você não desistiu?

Jonathan sorriu para mim novamente.

— Aqui é onde entra a tecnologia. Sabe aqueles softwares de reconhecimento fotográfico que existem on-line hoje em dia, para que possa encontrar fotos suas ou de amigos em websites? Bem, tentei com uma das fotos do livro e acredita que funcionou? Não foi fácil e tive que ser persistente, mas apareceu uma combinação, uma foto pequena da autora de uma monografia sobre xícaras de chá chinesas. De todas as coisas... Nunca imaginei que se tornaria uma especialista em porcelana chinesa. Bem, seu editor me informou como entrar em contato com você.

As xícaras de chá chinesas, confiadas a mim por meu empregador em Shangai, onde eu fora trabalhar depois de posar para o livro infantil. E, assim, minha última grande aventura na China tinha trazido Jonathan até mim.

Acabamos indo para minha casa no final da tarde; o champanhe se foi, assim como três quartos do *cabernet*, junto com o *foie gras* e as torradas. Por insistência de Jonathan, mostrei a casa para ele, mas, a cada quarto que entrávamos, ficava mais constrangida. Eu mesma me surpreendi com o tanto de coisas adquiridas ao longo dos anos, amontoadas como uma proteção contra o futuro incerto.

Jonathan disse palavras gentis, elogiou-me por minha atitude visionária em guardar objetos raros e de grande beleza para as gerações futuras, mas só fez isso para aliviar minha culpa. Um médico expedicionário não viajaria com tamanha carga de quinquilharias. Não havia um depósito de memórias esperando pela volta de Jonathan. Deparei-me com uma caixa que não via fazia mais de duas décadas, cheia de joias preciosas que me foram dadas por admiradores: um anel com um rubi do tamanho de uma uva; um alfinete de gravata com um diamante azul, relíquia de família. A visão de tamanho exagero era doentia e empurrei a caixa de volta à prateleira esquecida, onde ela estivera mofando.

Deparamo-nos com coisas ainda piores: pilhagem, coisas que eu roubara de países distantes durante meus anos frenéticos. Certamente Jonathan os reconhecia: budas maravilhosamente entalhados, tapetes de vinte cores trançados à mão, armaduras cerimoniais. Tesouros que conseguira em troca de rifles, ou tomados na ponta da arma, ou, em alguns casos, arrancados dos mortos. Tudo isso iria embora, jurei, fechando as portas dos quartos; cada cetro e estátua seria mandado para museus, de volta aos países de onde vieram. Como pude viver tanto tempo com essas coisas em minha casa sem nem me lembrar delas?

O último aposento que visitamos foi meu quarto, no andar de cima. Tinha o triste ar de um quarto que não era mais usado para seu propósito. Havia uma cabeceira sueca e um estrado ao lado de um par de janelas altas e estreitas; as janelas e a cama eram cobertas com algodão branco, e um

edredom de seda azul cobria o colchão. Uma secretária francesa do século XVIII servia como mesa de computador, pernas finas e compridas e tudo mais, com uma cadeira Biedermeier. A mesa estava bagunçada, com papéis e bugigangas, uma camisola de seda cinza pendurada nas costas da cadeira. Parecia um quarto de onde acabaram de tirar os lençóis de cima dos móveis, como se tudo estivera esperando pelo momento de ser usado.

Jonathan parou em frente da foto pendurada do outro lado da cama. O nome do artista já havia sumido fazia muito tempo, mas eu me lembrava do dia em que o esboço fora feito. Jonathan não queria posar para o retrato, mas Adair insistira, de modo que ele foi desenhado inclinado grosseiramente para trás, na cadeira, sombrio, mal-humorado e de tirar o fôlego. Ele pensou que fosse estragar o retrato, mas só fez o desenho ficar ainda melhor. Nós dois ficamos parados diante da foto, levados de volta há pelo menos dois séculos.

— De todos os tesouros que acumulou nessa casa... não posso acreditar que guardou esse desenho estúpido. — Jonathan disse, baixinho. Quando viu a expressão aflita em meu rosto, ele se acalmou e pegou minha mão. — Claro que você guardaria... fico feliz que o tenha guardado! — Olhamos uma última vez para ele antes de sairmos do quarto.

Quando a noite caiu, Jonathan estava esparramado no sofá na sala de visitas e eu, no chão, inclinada sobre o encosto do braço. Contamos histórias durante horas. Eu não aguentei e lhe contei algumas coisas do passado das quais tinha

vergonha: sair em busca de aventura com o louco que tomara o lugar de Jonathan quando ele me deixou. O nome dele era Savva e era um de nós, um dos acompanhantes anteriores de Adair, o único outro de nós que eu jamais conhecera. Savva teve a má sorte de ter sido encontrado por Adair, séculos antes, perto de São Petersburgo, durante uma tempestade. Savva não quis contar os detalhes de sua briga com Adair, mas eu podia imaginar, pois ele tinha um temperamento caprichoso e uma língua afiada e impaciente.

Por Savva não suportar ficar num só lugar por muito tempo, viajamos pelos continentes feito exilados. Para um homem que nascera no meio do gelo e da neve, Savva era inexplicavelmente atraído pelo calor e pelo sol, o que significa que passamos a maior parte do tempo no norte da África e na Ásia central. Viajamos com os nômades pelo deserto, contrabandeamos armas pela passagem do Khyber. Ensinamos beduínos a atirar com rifles longos e chegamos até a viver com os mongóis durante um tempo (eles ficaram impressionados com os extraordinários dotes equestres de Savva durante a corrida de caça). Éramos unidos, como irmão e irmã, até o final do século XIX, quando percebemos que não tínhamos mais nada a dizer um ao outro. Provavelmente deveríamos ter nos separado décadas antes, mas era fácil demais viver com alguém a quem não precisávamos dar explicações.

— E você... — aproveitei a oportunidade para mudar de assunto, exaurida por trazer à tona todas aquelas memórias.

— Com certeza não ficou sozinho esse tempo todo. Casou-se novamente?

Ele torceu a boca, mas não falou nada.

— Não me diga que ficou sozinho todo esse tempo? Isso teria sido muito triste.

— Bem, eu não diria sozinho. Raramente se fica sozinho quando se é um médico nesses vilarejos... era sempre convidado para comer com eles, participar de suas cerimônias. Partilhar a vida deles. — Os olhos dele fechavam-se por instantes cada vez mais demorados e um langor tomou conta de seu rosto. Peguei um cobertor e coloquei sobre ele. Ele abriu os olhos por um breve momento.

— Vou voltar para o Maine; quero ver tudo de novo. É por isso que procurei você, Lanny. Quero que vá comigo. Você vai?

Tive que me controlar para não chorar, com a perspectiva de voltar para casa com Jonathan.

— Claro que sim.

48

Tomamos um daqueles aviões gigantescos para a viagem de volta à América. De Nova York, pegamos um voo com conexão até Bangor e, então, alugamos um carro esportivo para irmos até o norte. Não via essa terra havia dois séculos e, por mais louco que pareça, algumas partes pareciam ter mudado muito pouco. O restante eram estradas asfaltadas, casas de fazenda vitorianas, imensos campos de plantações bem-cuidadas, as mangueiras dos canos de irrigação girando no horizonte. Vista pelo espelho retrovisor, era fácil me enganar e achar que nunca estivera aqui. Então, a estrada cortava uma das planícies das fazendas, em direção à Floresta Great North. Mergulhamos na floresta escura e fresca, ladeados pelos troncos das árvores, o céu tampado por um cobertor de folhas. O carro descia e subia, seguindo o movimento do terreno, e desviava dos seixos que brotavam da terra, agora escorregadia como limo. Eu me lembrava de tudo. Vi as árvores e fui levada para duzentos anos antes, repleta de memórias de minha primeira vida, minha verdadeira vida, aquela que haviam tirado de mim. Imagino que Jonathan sentia a mesma coisa.

Sentimos nossa terra natal ficar cada vez mais próxima. A viagem passara rápido dentro do carro. A última vez que fizemos essa viagem havia sido dentro da carruagem, Jonathan em choque pelo que eu fizera a ele, mal me dirigindo a palavra.

Ficamos mudos ao nos aproximarmos da cidade. Como tudo mudara! Nem tínhamos certeza se estávamos no caminho certo, a estrada principal atravessava o meio da cidade, era a mesma trilha empoeirada das charretes que levavam até a novata St. Andrew, duzentos anos antes. Onde estavam a igreja e o cemitério? Será que conseguiríamos ver a congregação daqui? Passamos o mais vagarosamente que pudemos, assim podíamos tentar sobrepor a cidade que lembrávamos a esta em nossa frente.

St. Andrew não se tornara como as muitas outras cidades da América, onde cada loja, restaurante e hotel é o produto de uma empresa multinacional e de seus correspondentes genéricos. Pelo menos St. Andrew tinha alguma individualidade, mesmo que tenha perdido o objetivo original. As imensas fazendas espalhadas haviam desaparecido e não havia nem sinal dos negócios de madeira nos últimos vinte quilômetros. O turismo tinha tomado o seu lugar. Lojas de roupas e materiais para expedições na floresta se alinhavam dos dois lados da estrada principal, estabelecimentos onde homens bem-cuidados, com roupas resistentes, acompanhavam outros homens e mulheres pela floresta ou pelo rio Allagash. Ou os levavam para o meio do rio com galochas de pesca, esperando o dia todo por um peixe que soltariam depois de terem tirado uma foto com ele. Havia lojas de artesanato e pousadas onde outrora houvera casas de fazenda e celeiros, a fundição de Tinky Talbot e a loja de mantimentos dos Watford. Ficamos surpresos ao descobrir, finalmente, que a congregação provavelmente fora demolida e que o centro da cidade era agora ocupado por uma loja de

ferramentas, uma sorveteria e uma agência do correio. Pelo menos o cemitério fora mantido.

Essa nova geração de habitantes certamente o achou agradável o bastante e, se não soubesse o que fora dois séculos atrás, eu também não faria objeção. A cidade agora vivia de prestar serviços às hordas de turistas e parecia decadente; como descobrir que sua casa de infância fora transformada num bordel, ou, pior, numa loja de conveniência? St. Andrew havia trocado sua alma por um jeito mais fácil de viver, e quem era eu para julgar?

Hospedamo-nos num hotelzinho para turistas aventureiros, fora da cidade. O Dunratty's se parecia com um velho motel, desgastado por causa da indiscutível falta de cuidado, e hospedava caçadores sazonais e pescadores; portanto, era de se esperar certa austeridade. Havia um conjunto de dez quartos ou mais formando um bloco, anexo à recepção. Pedimos uma cabana, a que ficasse mais para o interior da floresta. O atendente não disse nada, só olhou discretamente procurando pela presença de rifles ou varas de pescar e, nada encontrando, voltou vagarosa e resignadamente a seu trabalho. Perguntou se éramos casados, como se importasse que uma daquelas cabanas escuras fosse usada como um ninho de amor. Fomos informados de que, exceto por nós, o lugar estava vazio; tudo estaria muito quieto. Ele estaria disponível na casa, se precisássemos de alguma coisa, e apontou para uma direção indecifrável, mas, caso contrário, ninguém nos incomodaria.

A cabana era lúgubre, com as quatro paredes forradas com papel de parede barato, o teto mal forrado com madeira compensada. O espaço era dominado por duas camas um pouco maiores do que camas de solteiro, mas não tão grandes quanto uma cama de casal, com armações de metal da era da Depressão, separadas por uma pequena cômoda colocada no lugar de um criado-mudo, com um abajur de louça em cima. Duas poltronas com o forro surrado estavam de frente para o que parecia ser uma televisão de trinta anos atrás. De um lado, havia uma mesa pequena e redonda, acompanhada de três cadeiras de madeira sem braço. Atravessando a porta, encontrei uma cozinha pequena e funcional e, passando por uma segunda porta, um banheiro quase mofado. Eu ri quando Jonathan jogou as malas sobre uma das camas.

— Vamos ficar aqui? — perguntei, incrédula. — Deve haver outro lugar melhor. Talvez na cidade...

Jonathan não falou nada e ficou em pé diante de um conjunto de portas corrediças. Além do deque comum de madeira, ficava a floresta; troncos imensos e grossos subiam acima de nós, rangendo ao vento. Abrimos a porta e pisamos na floresta, o ar límpido nos lambendo por todos os lados. Ficamos parados no modesto quadrado do deque e olhamos para a floresta sem-fim durante um tempo imensurável. Esse era o lar que conhecíamos; ele nos encontrara.

— Vamos ficar aqui — Jonathan finalmente respondeu.

Saímos da cabana por volta das 5 horas da tarde, ansiosos para dar uma olhada em tudo antes do pôr do sol. Foi difícil encontrar o caminho; as estradas que esperávamos nos levar numa direção, nos levavam para outro lugar, completamente diferente, já que a área havia passado por várias mudanças ao longo dos anos. A atual rede de rodovias fora construída pelas empresas madeireiras e passava por quilômetros e quilômetros dentro da floresta, sem nenhuma razão aparente, levando direto à estrada principal, que, por sua vez, nos levava à junção do rio Allagash com o St. John. Depois de duas iniciativas frustradas, encontramos uma estrada que nos lembrava a trilha das charretes que levava até a casa de Jonathan, e foi com um sinal silencioso dele que percorremos a estrada até o fim.

Atravessamos um túnel de árvores enormes até chegarmos a uma área limpa, que um dia fora os campos de feno em frente da casa dos St. Andrew. A estrada mudara, não passava mais pelo canal do depósito de gelo para depois subir até a casa principal, mas eu reconheci o formato do terreno. Agora, uma estrada passava pelo lado direito da casa, que ainda permanecia em pé sobre a escarpa. Aumentamos um pouco a velocidade, ansiosos para vê-la novamente, e, conforme chegávamos mais perto, fui soltando o acelerador. A casa ainda estava de pé, porém só alguém que tivesse vivido lá um dia seria capaz de reconhecê-la.

A casa, em outros tempos gloriosa, fora abandonada até apodrecer. Era como um cadáver exposto aos elementos do tempo, um esqueleto, cujas características pelas quais se

conhecia a pessoa tivessem sido destruídas. A grandiosa casa de outrora sucumbira; sem pintura, com telhas de ardósia faltando no telhado, ripas de madeira como costelas faltando no torso. Até mesmo a fileira de pinheiros à frente, que formava uma proteção do vento, estava se deteriorando, os pinheiros magros e abandonados, como as árvores que se encontram em cemitérios.

— Está abandonada — Jonathan disse.

— Quem imaginaria... — repliquei, não sabendo o que dizer. — Ah, Jonathan... pelo menos a deixaram no mesmo lugar. Você viu o lugar onde era a casa de minha família: nada além de um cruzamento de ruas, agora. A vida continua, não é?

Jonathan ficou quieto em resposta à minha tentativa de animá-lo. Demos meia-volta no carro e voltamos à cidade.

Naquela noite, fomos a um pequeno restaurante no centro da cidade para jantar. Se é que se poderia chamar aquilo de restaurante, pois era um lugar onde podíamos comprar refeições, mas não lembrava nem de longe o tipo de restaurante que eu estava acostumada a frequentar. Era mais como um vagão-restaurante, com uma dúzia de mesas de tampo laminado, cada uma rodeada por quatro cadeiras de tubo de metal. As toalhas de mesa eram impermeáveis, os guardanapos, de papel. Os cardápios estavam cobertos de um plástico amarelado e grudento, podia apostar que não haviam sido trocados nos últimos vinte anos. Havia cinco clientes,

incluindo Jonathan e eu. Os outros eram todos homens vestindo jeans, camisas de flanela e um tipo de gorro. A garçonete era, provavelmente, também a cozinheira. Lançou-nos um olhar crítico enquanto nos passava os cardápios, como se estivesse em dúvida sobre nos servir ou não. Música *country* tocava suavemente no rádio.

Pedimos comida que há muito tempo não víamos, se é que víamos, vivendo no exterior: filé de bagre frito, frango e bolinhos de carne, o tipo de comida que chega quase a ser exótica, de tão incomum. Nós esperamos, tomando cerveja e falando pouco, os dois com a impressão de que os outros clientes nos observavam. A garçonete, com cabelos parecendo arame enrolado e sulcos no rosto, olhou explicitamente para nossas refeições, comidas pela metade, antes de nos perguntar se queríamos alguma sobremesa. — A torta é boa — disse impassível, como se fazendo uma observação geral.

— Foi frustrante visitar sua casa? — eu perguntei, depois que a garçonete nos trouxe mais duas cervejas. Jonathan balançou a cabeça.

— Deveria ter esperado isso mesmo. Mesmo assim, não estava preparado.

— É tudo tão diferente, mas, ao mesmo tempo, tudo tão igual! Me sinto deslocada; se você não estivesse comigo, iria embora.

Saímos do restaurante e caminhamos pela rua. Estava tudo fechado, exceto um pequeno bar, o Blue Moon, a julgar

pelo sinal de néon em forma de lua crescente. Parecia romântico, e estava completamente cheio de homens, caminhoneiros e lenhadores assistindo a um evento esportivo na televisão. Depois que a parte comercial da cidade havia fechado, chegamos ao cemitério da igreja. Havia um luar fraco, o suficiente para vagarmos entre as lápides.

O cemitério tornara-se deserto e coberto de vegetação. Arbustos de frutas silvestres e urtiga tomavam conta da parede de pedra, encobrindo as colunas gêmeas que, um dia, marcaram a entrada, e engoliam algumas das marcações. Anos de geadas e solo congelado haviam tirado algumas lápides do lugar; outras sofreram a erosão do tempo ou foram destruídas por vândalos. Achei meu caminho pelos túmulos rapidamente, sem a menor vontade de visitar os antigos vizinhos desse jeito, enquanto Jonathan ia de túmulo em túmulo, tentando ler os nomes e as datas, arrancando as ervas daninhas que subiam nas pedras. Ele estava tão triste e tão pesaroso que tive que controlar minha vontade de fazê-lo ir embora.

— Veja, é a lápide de Isaiah Gilbert — Jonathan falou em voz alta. — Ele morreu em... 1842.

— Viveu um tempo respeitável. Uma longa vida boa — respondi, de volta do lugar onde eu estava, fumando e tentando fugir das memórias e da vertigem.

A essa altura, Jonathan já tinha se virado para outro túmulo. Ele estava de cócoras, sobre os calcanhares, olhando pelo cemitério.

— Fico imaginando se todos que conhecemos estão aqui, em algum lugar.

— É inevitável que alguns deles tenham ido embora. Encontrou alguém de minha família?

— Será que eles não estariam no cemitério católico do outro lado da cidade? — ele perguntou, andando por uma passagem, olhando lápide por lápide. — Podemos ir até lá depois, se quiser.

— Não, obrigada! Não tenho nenhuma curiosidade.

Sabia que Jonathan havia encontrado algo significativo quando ele se ajoelhou perto de uma lápide dupla. A pedra estava desgastada e manchada pelo tempo, a parte de trás, larga e plana, de costas para mim, de modo que eu não podia ler a inscrição.

— De quem é essa aí? — perguntei enquanto me aproximava.

— Do meu irmão. — As mãos dele passavam sobre as palavras entalhadas. — Benjamin.

— E Evangeline. — Eu toquei o outro lado do túmulo. — Evangeline St. Andrew, esposa amada. Mãe de Ruth.

— Então eles se casaram.

— Honra de família? — eu perguntei, limpando as letras com as pontas dos dedos. — Parece que ela não viveu muito tempo.

— E Benjamin foi enterrado ao lado dela; ele nunca se casou de novo.

No decorrer das horas seguintes, encontramos a maior parte da família de Jonathan: sua mãe e, mais tarde, sua filha Ruth, a última St. Andrew a viver na cidade. As irmãs de Jonathan não estavam lá, o que o levou a ter esperança de que elas teriam se casado e saído da cidade para constituírem famílias felizes e bem-sucedidas em algum outro lugar, e serem enterradas ao lado de seus maridos numa vizinhança mais alegre. Ele queria acreditar que elas haviam escapado de toda a melancolia de St. Andrew.

Levei Jonathan de volta à cabana. Havia trazido, escondidas, da França, em minha mala, duas garrafas de um *cabernet* extraordinário. Tiramos a rolha de um e deixamos respirar sobre a bancada enquanto nos deitamos na cama. Segurei Jonathan bem perto até que o frio tivesse deixado seu corpo e, então, o despi. Ficamos deitamos na cama entre os lençóis de algodão amaciados e surrados, tomando goles de *cabernet* em copos de vidro e conversando sobre nossa infância, irmãos e irmãs, amigos e inimigos; nossos entes queridos mortos havia muito tempo, decompostos e matérias inertes no chão, enquanto nós estávamos

inexplicavelmente vivos. Não tinha coragem de contar a ele sobre Sophia. Falamos sobre pessoas queridas, até que Jonathan caiu no sono; então, chorei pela primeira de muitas vezes.

49

Não houve mais excursões para reviver o passado: nem visitas ao cemitério nem tentativas de refazer os caminhos pela floresta, antes conhecidos, mas agora quase inexistentes e fantasmagóricos. Caminhamos ao longo do Allagash, observando alces e veados e admirando a luz do sol do Maine brilhar sobre a correnteza, em vez de ficarmos falando sobre eventos que ocorreram nesse ou naquele lugar. Passamos o restante do tempo silenciosamente na companhia um do outro.

O tempo que passávamos juntos tornou-se uma droga da qual eu não me saciava e comecei a pensar que talvez pudéssemos nos perder aqui, onde tudo havia começado. Não teríamos que viver necessariamente em St. Andrew; como a cidade mudara tanto, talvez fosse incômodo ficar aqui. Poderíamos encontrar algum pedaço de terra na floresta e construir uma cabana, onde viveríamos longe de tudo e de todos. Sem jornal, sem o tique-taque insistente do tempo nos cutucando no ombro, reverberando em nossos ouvidos. Sem fugir do passado a cada cinquenta ou sessenta anos, para surgir como uma nova pessoa, em outro lugar, ou melhor, fingir ser outra pessoa, tão nova quanto um pintinho que acabou de sair do ovo, mas, por dentro, sentindo-me como a pessoa que sempre fui e da qual nunca pude fugir.

Uma noite, estávamos no deque da cabana deteriorada, enrolados em nossos casacos, sentados em duas cadeiras de dobrar, bebendo vinho em copos de vidro e olhando para a lua no céu. Jonathan direcionou nossa conversa de volta ao passado, o que me deixou incomodada. Ele se pôs a imaginar se Evangeline tivera uma vida difícil e infeliz depois que ele desaparecera e se ele teria sido a causa da morte prematura de sua mãe. Eu disse que sentia muito, repetidamente, mas Jonathan não queria ouvir, balançando a cabeça e dizendo que não, que fora culpa dele, que ele fora terrível comigo, tirando vantagem do meu óbvio amor por ele.

— Mas, veja bem, eu quis tanto você! — disse a ele. — A culpa não foi toda sua.

— Vamos até lá de novo — Jonathan disse —, àquele lugar na floresta onde costumávamos nos encontrar; o lugar com as mudas de vidoeiros. Tenho pensado muito nele, o lugar mais lindo do mundo. Acha que elas ainda estão lá? Odiaria se alguém as tivesse cortado.

Zonza e quente de beber, subimos na SUV, embora eu tenha voltado para dentro da cabana para buscar um cobertor e uma lanterna. Segurei a garrafa de vinho aberta sobre o peito enquanto Jonathan manobrava o veículo pela floresta. Tivemos que deixar o carro ao lado da estrada de madeira e percorrer os últimos 200 metros a pé.

Conseguimos encontrar a clareira, embora estivesse mudada. As mudas cresceram até certa altura e então

pararam. Os galhos mais altos agora se tocavam, fechando a abertura da abóbada, encobrindo as mudas que tentavam seguir o exemplo delas. Lembro-me dessa clareira, de quando, ainda crianças, nos encontrávamos para rir e contar histórias sobre nossas vidas solitárias, mas o tempo havia levado embora sua beleza particular. A clareira não era mais abençoada e alegre; era como qualquer outro pedaço da floresta, nem mais nem menos.

Estiquei o cobertor sobre o chão e nos deitamos de costas, tentando ver o céu da noite através da folhagem da abóboda, mas havia só alguns lugares por onde conseguíamos espiar as estrelas. Tentamos acreditar que aquele era o mesmo lugar onde nos encontrávamos, mas ambos sabíamos que poderia ser cinco passos para oeste ou 200 metros para a esquerda. Resumindo, era um lugar tão bom quanto qualquer outro na floresta, desde que as folhas do topo das árvores rareassem, desde que pudéssemos deitar de costas e ver as estrelas.

Pensar em minha infância me fez lembrar do fardo que tenho carregado todo esse tempo. Chegara a hora de contar a Jonathan a verdade sobre Sophia. Antigos segredos têm sempre maior impacto, e eu estava aterrorizada sobre como Jonathan reagiria. Nosso encontro poderia terminar nessa noite; ele poderia me banir para sempre de sua vida, dessa vez. Esse medo quase me fez desistir, mais uma vez, mas não podia mais carregar esse peso comigo. Tinha que falar.

— Jonathan, há algo que preciso lhe contar. É sobre Sophia.

— Hummm? — ele se mexeu perto de mim.

— Foi minha culpa ela ter se matado. Minha culpa. Menti para você quando me perguntou se tinha ido vê-la. Eu a ameacei; disse que estaria arruinada se tivesse o bebê, disse que você nunca se casaria com ela, que não queria mais saber dela. — Sempre imaginei que cairia no choro quando fizesse essa confissão, mas nada aconteceu. Meus dentes começaram a bater e meu sangue congelou em minhas veias.

Ele se virou para mim, embora não pudesse ler a expressão de seu rosto no escuro. Alguns longos segundos se passaram antes que ele respondesse:

— Esperou esse tempo todo para me contar isso?

— Por favor, por favor, me perdoe!

— Está tudo bem, de verdade. Pensei muito sobre isso ao longo desses anos. É engraçado como vemos as coisas diferentes com o tempo. Naquela época, imaginei que meu pai e minha mãe nunca teriam permitido que eu me casasse com Sophia. Mas o que eles poderiam ter feito para me impedir? Se eu ameaçasse abandonar a família para ficar com Sophia e o bebê, eles não teriam me deserdado; teriam concordado. Eu era a única esperança deles para dar continuidade aos negócios, para cuidar de Benjamin e das garotas depois que eles morressem. Só que não via assim naquela época. Não

sabia o que fazer e, então, recorri a você. Injustamente, vejo isso agora. Então... a culpa é tão minha quanto de qualquer outra pessoa que Sophia tenha se suicidado.

— Teria se casado com ela? — perguntei.

— Não sei... pelo bem da criança, possivelmente.

— Você a amava?

— Foi há tanto tempo, não me lembro dos meus sentimentos, exatamente. — Ele poderia estar falando a verdade, mas não percebeu que me deixava louca com esse tipo de resposta. Tinha certeza de que ele colocava as mulheres de sua vida numa longa lista de prioridades, e eu queria muito saber qual era minha posição, quem estava na frente, quem estava atrás. Queria que nossa história complicada fosse simplificada: certamente as coisas tinham se resolvido com a passagem de tantos anos. Jonathan devia saber como se sentia agora.

Sentei-me, sem tocar em Jonathan, o que me deixou um pouco nervosa. Eu precisava da segurança do toque dele para saber que ele não me odiava. Mesmo que não me culpasse pela morte de Sophia, podia estar enojado por todas as coisas terríveis que eu fizera.

— Está com frio? — perguntei.

— Um pouco. E você?

— Não. Tudo bem se eu me deitar do seu lado? — Tirei minha jaqueta e a estendi sobre nós dois. Nossos hálitos congelantes pairavam sobre nós como espectros, enquanto admirávamos o céu noturno.

— Sua mão está gelada. — Ergui a mão de Jonathan e soprei um hálito morno sobre ela, antes de beijar cada dedo. Tomei seu rosto em minhas mãos.

— Seu rosto está gelado. — Também não houve protesto quando eu passei a mão sobre seu rosto cheio de penugem, seu lindo nariz e suas pálpebras finas feito papel. A partir daí, não houve interrupção, quando tirei peça por peça da roupa de Jonathan até abrir caminho por seu peito e sua virilha. Então, tirei minha roupa e fiquei por cima dele, a flanela do forro de minha jaqueta roçando em meus quadris.

Fizemos amor ali mesmo, embaixo das estrelas. Nós nos mexemos durante o ato sexual, porém, algo mudara entre nós. O sexo era vagaroso e carinhoso, quase cerimonial; mas como podia reclamar? O turbilhão de nossa paixão de juventude havia passado e em seu lugar ficara algo amoroso, mas que me deixava triste. Era como se estivéssemos nos despedindo.

Quando terminamos, alcancei o bolso de minha jaqueta para pegar um cigarro. Uma tragada de fumaça foi expelida no ar gelado, a quentura em meus pulmões se acalmando. Continuei a tragar o cigarro enquanto Jonathan passava os dedos na parte de cima de minha cabeça.

Fiquei imaginando o que aconteceria ao final dessa viagem. Jonathan não dissera nada e eu não tinha certeza de quando terminaria. As passagens estavam com a volta em aberto e Jonathan não mencionara quando o esperavam de volta ao campo de refugiados. Não que a viagem ainda fosse se arrastar por muito mais tempo; não havia acontecido nada além de decepções (com desejos intermitentes de "felizes para sempre") e lembranças de perdas, somente com as árvores e o lindo céu para nos acolherem de volta.

Eu também não conseguia deixar de lado a dúvida mesquinha de que eu era a causa da melancolia de Jonathan. Será que o tinha decepcionado ou, talvez, ele ainda não tivesse me perdoado? Ainda não tínhamos conversado sobre a razão de ele ter me deixado e achei que sabia qual era: que, após anos de frustrações e recriminações, ele se cansara de me decepcionar.

Dessa vez, entretanto, não era sobre ficarmos juntos para sempre, era sobre algo mais; só não tinha certeza do quê. Ele queria estar comigo, isso era óbvio; caso contrário, não teria me convidado para fazer essa viagem com ele. Se estivesse zangado, nunca teria me procurado, enviado e-mail, bebido champanhe, beijado meu rosto, me deixado levá-lo para a cama. Eu era insegura ao lado dele e sempre seria, o fardo do amor como uma pedra amarrada a meu pescoço.

— O que gostaria de fazer amanhã? — perguntei, fingindo indiferença, amassando o cigarro no chão. Jonathan ergueu o queixo em direção às estrelas e fechou os olhos. — Bem,

então... — eu falei lentamente quando ele não respondeu — ... quanto tempo mais vai querer ficar? Não estou lhe apressando; ficarei o quanto você quiser.

Ele sorriu devagar, mas nada respondeu. Rolei de lado em direção a ele, apoiando minha cabeça na mão.

— Já pensou no que vamos fazer depois? Sobre... nós?

Finalmente, os olhos dele se abriram e piscaram para o céu.

— Lanny, chamei você aqui por uma razão. Não consegue adivinhar...?

Balancei a cabeça.

Ele alcançou a garrafa de vinho, ergueu-a e bebeu, então passou-a para mim, só com um restinho no fundo.

— Sabe por que sugeri voltarmos para cá? — Eu balancei minha cabeça. — Fiz isso por você.

— Por mim?

— Achei que pudesse ficar feliz se voltássemos juntos para cá, que seria um jeito de me retratar por tê-la deixado. Essa viagem não foi para mim; tem sido um *inferno* para mim. Eu sabia que seria assim. Sempre desejei que pudesse me desculpar com eles, minha família, a esposa e a filha que pensaram que eu as abandonei. Daria qualquer coisa para ter tudo de volta.

Como tudo pode ter virado do avesso tão rápido, se tornado tão ruim? Senti que uma barreira fria estava se formando entre nós.

— Não foi culpa sua — eu disse, como se não soubéssemos de quem era a culpa. Eu não tinha mais estômago para o vinho e devolvi a garrafa para Jonathan. — Por que falar sobre isso, Jonathan? Não há nada que eu ou você possamos fazer para trazer o passado de volta. O que passou, passou.

— O que passou, passou — ele repetiu, antes de secar a garrafa. Olhou fixamente para a escuridão, cauteloso para não olhar para mim. — Estou tão cansado disso, Lanny! Não posso mais continuar nessa vida monótona, nessa sucessão sem-fim de dia após dia... Já tentei de tudo para conseguir seguir em frente.

— Por favor, Jonathan! Você está bêbado. E cansado...

A garrafa de vinho afundou na terra macia enquanto Jonathan se inclinou sobre ela.

— Sei o que estou dizendo. É por isso que a chamei para vir comigo. Você é a única que pode me ajudar.

Sabia aonde isso iria chegar: a vida era circular e, até mesmo as piores partes dela certamente voltariam uma segunda vez. Era a briga que tivéramos todas as noites durantes meses... anos? Antes de ele finalmente partir. Ele atormentara, implorara, ameaçara. Este fora o motivo real da partida dele, não porque não conseguia parar de me

decepcionar. Seu único desejo pendurava-se no ar entre nós, a única maneira de ele escapar de tudo o que queria esquecer: o abandono de suas responsabilidades, um filho morto, a traição da pessoa que mais o amava. Só uma coisa poderia fazer tudo isso desaparecer.

— Não pode me pedir para fazer isso. Nós concordamos que seria um pedido abominável. Não pode me deixar sozinha com... isso.

— Não acha que eu mereça ser livre, Lanny? Você tem que me ajudar.

— Não, não posso.

— Quer que eu diga que me deve isso? — Aquelas palavras foram como uma facada; ele jamais dissera isso antes. De alguma forma, ele conseguiu nunca atirá-las na minha cara, palavras que eu certamente merecia. — Deve isso a mim porque você fez isso comigo. Você colocou essa maldição sobre mim.

— Como pode dizer isso... — eu lamentei, querendo revidar, querendo fazê-lo sentir-se tão mal quanto ele me fizera sentir — ... como pôde ir embora? Me deixou imaginando o que aconteceu durante todos esses anos...

— Você não estava sozinha. Eu estava lá com você, de certa forma. Independentemente de onde estivesse, sabia que eu estava lá, também, em algum lugar do mundo. — Jonathan fez um esforço para se levantar, exausto. — As

coisas mudaram para mim. Tenho uma coisa para lhe contar; eu não queria, Lanny. Não quero magoá-la, mas tem que entender por que isso é muito importante para mim agora. — Ele respirou profundamente. — Veja bem, eu me apaixonei.

Ele esperou, achando que eu fosse reagir mal à notícia da melhor coisa que já lhe acontecera. Abri minha boca para lhe dar os parabéns, mas, obviamente, nenhuma palavra saiu.

— Uma mulher tcheca, uma enfermeira. Nós nos conhecemos nos campos de refugiados. Ela trabalhava para outra organização humanitária. Um dia, foi chamada à sede de seu escritório em Nairóbi, para uma reunião. Recebi a notícia pelo rádio, no meio da selva, que ela havia morrido num acidente de carro. Levei um dia para conseguir ir de helicóptero até lá para recuperar o corpo. Só ficamos juntos por alguns anos. Não podia acreditar naquela injustiça... tinha esperado tanto, vidas inteiras, para encontrar a pessoa destinada a ficar comigo, e tivemos tão pouco tempo juntos! — Ele falava suavemente, sem muita dor, para me poupar, eu acho. Mesmo assim, minhas entranhas se reviravam cada vez mais apertadas enquanto o ouvia.

— Consegue entender agora? Não consigo mais ir em frente.

Balancei a cabeça, determinada a ser forte, irredutível diante de sua dor.

— Não quero magoar você — ele disse. — E sei que entende a dor pela qual estou passando. Quer que lhe diga o quanto ela era maravilhosa? Que eu não tinha outra coisa a fazer senão amá-la? O quanto é impossível viver sem ela?

— As pessoas fazem isso todos os dias — consegui dizer. — O tempo passa, você esquece. Fica cada vez mais fácil.

— Não, não para mim. Sei que não é assim; você também sabe. — Talvez naquele momento ele me odiasse. — Não posso mais continuar com isso. Não suporto a perda dela; não posso aceitar que não haja nada, *absolutamente nada* que possa ser feito para acabar com essa dor. Ficarei louco, louco e preso para sempre dentro desse corpo. Não pode me condenar a esse inferno. Aguentei o máximo que pude porque sei... *eu sei* que é uma coisa terrível para lhe pedir. Não queria ter que pedir dessa maneira. Não queria contar a você sobre ela, tão de repente. Contudo, você me obrigou a isso, e agora que já lhe contei... não dá para voltar atrás. Pronto, é isso, sabe o que quero de você; tem que me ajudar.

Ele esticou os braços e bateu a garrafa de vinho numa pedra. A cascata de sons, alta e pungente, espalhou-se por todo lado. Ele apertou o gargalo e a parte de cima da garrafa, as pontas serrilhadas de vidro verde presas em sua mão como um *bouquet*. Era a única arma à disposição; era tosca e violenta e ele queria que eu a usasse nele. Queria sangrar até a morte.

"*Não pode me deixar aqui, totalmente sozinha, sem você.*" Queria dizer isso a ele, mas não conseguia. Ele tinha me dado um motivo incontestável: perdera seu amor e não podia mais viver assim. Havia chegado a hora de deixá-lo partir.

Não conseguia falar e só notei que estava chorando pelo frio de minhas faces ao vento, frio como um fogo cortante. Ele ergueu as mãos e tocou minhas lágrimas.

— Perdoe-me, Lanny! Perdoe-me por ter chegado a esse ponto. Perdoe-me por não ter dado o que você queria. Eu tentei... você não sabe o quanto eu quis fazê-la feliz, mas simplesmente não funcionou. Você merece ser amada da maneira que sempre quis. Rezo para que encontre esse amor.

Vagarosamente, tirei a garrafa quebrada da mão dele. Jonathan tirou a camisa e se ofereceu a mim; olhei, por sobre minha mão, para aquele peito pálido, brilhando azulado sob a luz da lua.

Poderíamos ter tido uma vida de um amor grandioso.

Não consegui olhar; simplesmente me empurrei contra ele, sabendo que as pontas do vidro se encarregariam do restante. O dente verde do vidro afundou-se em sua carne, um círculo perfeito de uma mordida, macia e flexível. A garrafa quebrada entrou profundamente e o sangue de Jonathan escorreu pelos meus dedos. Ele arfou silenciosamente.

E, então, um golpe de minha mão e três linhas foram traçadas na brancura de sua pele. Profundos, os ferimentos se abriram, deixando mais sangue escapar. Jonathan dobrou-se, caindo sobre o peito e, depois, virando-se de costas, as mãos colocadas fracamente sobre o ferimento, o sangue jorrando de dentro dele. Chamou-me a atenção o fato de a carne ceder tão facilmente. Fiquei esperando as pontas dos ferimentos se unirem de volta, mas isso não aconteceu. Devo ter dito as palavras "pelas minhas mãos e intenção" em minha mente. Não havia como negar que aquela proeza fora feita por minhas mãos, mas não fora minha intenção. Tinha cometido um erro; esta não era minha intenção. "*Acorde!*", ouvi minha própria voz à distância; "*Preciso acordar*".

E, então, acordei, no meio da floresta, com meu amado tremendo, convulsionando na terra diante de mim, engasgando e cuspindo sangue, mas sorrindo. O peito dele subia e descia deliberadamente, e percebi que já vira Jonathan daquele jeito uma vez, no celeiro do Daughtery's. Fiquei ao lado dele pressionando a camisa sobre os ferimentos, tentando, estupidamente, estancar o fluxo de sangue. Jonathan balançava a cabeça e tentava empurrar a camisa de minhas mãos. Ao final, tudo o que pude fazer foi segurá-lo.

E foi aí que percebi o que havia perdido. Jonathan sempre estivera lá, mesmo durante os anos em que estivemos separados, e o som ressonante sempre estivera no cantinho de minha cabeça; era reconfortante. Tudo o que existia agora era um grande e profundo vazio. Acabara de perder a única pessoa importante de minha vida. Não tinha nada, estava

sozinha, o peso do mundo desabando sobre as minhas costas, sem ninguém para me ajudar. Tinha cometido um erro. Queria Jonathan de volta. Melhor ser egoísta. Melhor que ele se ressentisse de mim até o fim dos tempos do que me sentir desse jeito. Sentir-me assim e não ter como mandar embora essa dor.

Segurei o corpo dele por muito tempo, até que o sangue tivesse esfriado, e estava coberta por uma camada úmida e viscosa. Não me lembro de ter deixado Jonathan para trás; não me lembro de deixar seu corpo e correr pela floresta, gritando aos céus para que tivessem piedade de mim e me deixassem morrer. Que deixassem tudo terminar para mim também. Não conseguiria viver sem ele. Não me lembro de ter ido parar na estrada, vagando, antes de ser encontrada pelo xerife e por seu assistente. Foi quando me trancaram no carro, com as mãos algemadas, que tudo voltou à tona, que percebi que tudo o que queria era voltar para junto dele na floresta, morrer com ele para que pudéssemos ficar juntos para sempre.

50

PARIS, HOJE

O corredor do saguão do sobrado está repleto de caixotes, a madeira nova e toda cheia de farpas. Um martelo, grampos e um par de luvas de trabalho descansam sobre uma mesa de apoio, junto com uma pilha de correspondência fechada. Luke carrega um busto de mármore escada abaixo, o rosto vermelho pelo esforço. O busto é o segundo de um par que estamos enviando para Bargello, em Florença, um dos muitos museus da Itália, escolhido em vez do Uffizi por sua fantástica coleção de esculturas renascentistas. Da parede, assistindo a toda a atividade, está a única obra de arte que nunca deixará a casa, o esboço de carvão de Jonathan que Lanny tirou da casa de Adair. O retrato tinha sido retirado de seu lugar original, aos pés da cama de Lanny, colocado no *hall*, embora Luke não fizesse objeção de deixá-lo no lugar original. Ele não consegue ter ciúme de um homem num retrato mais do que consegue odiar o dourado nascer do sol ou a catedral de Notre-Dame.

Lanny sai do estúdio com um envelope selado nas mãos. Dentro, está um bilhete de desculpas por ter mantido uma obra de arte longe de seus verdadeiros donos, quem quer que eles fossem, depois de todo esse tempo. A nota, que tinha acompanhado cada peça despachada até agora, era de

arrependimento, mas vaga, sem nenhum fato relacionado à aquisição da peça, nem quando, nem por quem. Lanny trabalhou nisso durante dias, leu várias versões em voz alta para Luke, antes de os dois concordarem com as palavras finais. Eles usam luvas de látex enquanto trabalham, para não deixarem impressões digitais. Lanny arranjara para que a entrega e a doação dos presentes anônimos fossem feitas através de seu advogado em Paris, a quem escolheu pela especial devoção a seus clientes e sua atitude flexível com relação a alguns aspectos do código legal. Ela tem certeza de que as entregas não serão rastreadas de volta para ela, não importa o quão insistentes os vários museus e outros receptores possam ser.

Quanto a Luke, ele tem pena de ver todas essas maravilhas irem embora, logo agora que chegou lá. Ele gostaria de ter mais tempo para conhecer o que seria a maior coleção particular de artes e artefatos do mundo. Lanny não havia exagerado quando disse que sua casa era mais fascinante do que qualquer outro museu. Os andares superiores estavam entulhados de tesouros, guardados sem ordem ou razão. Cada vez que tirava uma coisa para despachar, descobria outras oito ou dez. E não eram apenas pinturas ou esculturas; havia montanhas de livros, sem dúvida incluindo a primeira edição de muitos deles; tapetes orientais feitos de seda tão fina que poderiam atravessar a pulseira de uma mulher; quimonos japoneses e caftans de seda bordados; todo tipo de espadas e armas de fogo. Vasos gregos, samovares russos, tigelas de jade ou feitas de ouro batido, esculpidas em pepitas. Muitos baús cheios de pedaços de seda e veludos

amassados, cada um abrigando uma peça de alguma pedra preciosa. E, então, havia as surpresas completas: por exemplo, dentro de uma caixa de leque, ele encontrou um bilhete para Lanny, escrito por Lord Byron. Luke não consegue entender a maioria das palavras, mas consegue discernir "Jonathan" em meio aos rabiscos. Lanny diz não se lembrar ao que se referia essa carta, mas como alguém se esqueceria de um bilhete de um dos maiores poetas do mundo? Essa é a casa de uma colecionadora insana, tentando compensar alguma falta desarticulada e desconhecida de sua vida, uma escrava da compulsão por acumular beleza. Mesmo assim, ela generosamente deixou algumas peças de lado para serem colocadas num investimento destinado às filhas de Luke, o bastante para pagar os custos de uma boa faculdade quando elas ficarem mais velhas.

Luke descobre que, tirando a coleção de porcelana chinesa antiga, nunca houve uma tentativa de catalogar nada. Então ele faz Lanny catalogar as peças conforme são despachadas: uma descrição, uma estimativa de onde foi adquirida, o nome da pessoa ou lugar que receberia a peça. Ele acha que, um dia, isso será um conforto para ela; permitirá que ela se lembre das aventuras distantes sem ter que suportar o peso dos objetos em si.

É bom para ela se dispor dessas coisas, ele acha. Afasta seu pensamento de Jonathan, ainda que não inteiramente; Luke já a pegara chorando no banheiro ou na cozinha, enquanto esperava a água ferver para um chá. Mesmo assim, ultimamente o choro tinha melhorado e o atual projeto

deles, despachar o conteúdo da casa dela, a tinha deixado visivelmente mais feliz. Ela diz estar mais em paz, que está se redimindo pelos erros que cometeu. Uma vez, ela chegou a dizer que esperava que, se tentasse muito reparar os erros, seria perdoada e o feitiço se quebraria. Assim poderia ficar velha ao lado de Luke e deixar essa terra ao mesmo tempo que ele, mais ou menos; nunca mais teria de sofrer dessa profunda solidão de novo. Esse tipo de conversa, dependência de algum tipo de intervenção mágica, deixa Luke desconfortável.

Lanny enfia o bilhete embaixo do busto de mármore e Luke martela a tampa da caixa de madeira. O carregador virá às 2 horas da tarde para a entrega do dia e Luke só conseguiu empacotar os dois bustos até agora. Esperava ter pelo menos uma meia dúzia de peças prontas. Terá que trabalhar mais rápido.

Quando coloca o martelo no chão para limpar a testa, nota uma pilha de correspondências não respondidas. Em cima de tudo, está um envelope grosso, da América, e, por reflexo, ele a puxa para ler o endereço. É de um advogado em Boston, o responsável pela casa de Adair, ou melhor, pela cripta de Adair. Luke revira rapidamente a pilha: há sete cartas com o endereço do mesmo advogado, de até um ano antes. Ele abre a boca para dizer algo para Lanny quando ela entra apressada, com a bolsa nos ombros, procurando discretamente pela chave da casa.

— Tenho horário na cabeleireira, mas voltarei antes de o carregador chegar. Posso pegar alguma coisa para o almoço enquanto estiver fora. O que gostaria de comer?

— Faça uma surpresa — ele diz.

Luke se delicia em ver como ela já se adaptou de volta à rotina, um sinal de que não se deixara imobilizar pela depressão, e, em particular, como ela o incorporou à vida dela. Eles se sentem tão confortáveis juntos. Ela deixou de fumar porque ele pediu, pois não suportava vê-la fumando, embora soubesse que não causava nenhum mal à saúde dela. Ela divide tudo com ele: a padaria favorita, sua caminhada à tarde, os homens idosos com quem ela conversa no parque. Ele está feliz por fazer as coisas para ela, por cuidar dela, e, em retorno, ela é agradecida por toda a consideração que ele demonstra ter com ela. Será que ele a ama? Ele é cético, verdadeiramente cético; não acredita que o amor possa acontecer tão rápido, especialmente pelo que contou a ele, mas, ao mesmo tempo, há essa sensação de vertigem que toma conta dele e que ele não sentia desde que suas filhas nasceram.

Assim que Lanny sai, ele volta para o andar de cima em busca do novo item a ser repatriado. Deve lembrar-se de dizer a Lanny para dar uma olhada na correspondência, pois ele tem um compromisso mais tarde, vai se encontrar com o diretor dos serviços voluntários na Mercy International, uma organização que envia médicos para zonas de guerra, campos de refugiados e clínicas para os sem-teto. Foi a última organização para a qual Jonathan trabalhou; alguém entrara

em contato com Lanny logo após ela e Luke chegarem ao Quebec, procurando por Jonathan. Ele havia dado o endereço dela à organização, como um ponto de contato durante a ausência dele, mas ele nunca retornou e eles queriam saber se Lanny sabia onde ele estava. Por um momento, ela ficou sem fala, depois retomou o controle e disse que conhecia outro médico que poderia doar seus serviços, desde que pudesse permanecer em Paris. Luke está feliz pela entrevista, contente que Lanny saiba que ele não será feliz se não puder usar seu treinamento médico, e espera que seu francês enferrujado seja bom o bastante para ajudar os imigrantes do Haiti e do Marrocos.

Luke seleciona o último item a ser despachado, uma enorme tapeçaria que será enviada a um museu têxtil em Bruxelas. A tapeçaria estava enrolada como um tapete e espremida contra uma prateleira lotada de todo tipo de bugiganga. Metade das portas de vidro foi deixada aberta e algo cai da prateleira enquanto Luke luta para manter a tapeçaria de pé.

Ele se inclina para pegá-lo. É uma pequena bola de camurça e ele reconhece a maneira que a camurça está dobrada, o jeito fortuito de Lanny empacotar as coisas. Há alguma coisa dentro daquele pedaço de tecido empoeirado. Ele o abre cuidadosamente, quem sabe o que há lá dentro, e encontra um pequeno objeto de metal. Um frasco, para ser mais preciso, mais ou menos do tamanho do dedo mindinho de uma criança. Embora esteja coberto de musgo e escurecido pela idade, pode-se dizer que é um trabalho tão delicado

quanto uma joia. Com os dedos tremendo, ele puxa a tampa e tira a rolha. Está vazio.

Ele cheira o frasco vazio. Sua cabeça vai a mil: pode até estar vazio, mas há maneiras de se analisar o resíduo. Poderiam enviar para um laboratório e descobrir os ingredientes do elixir, as proporções. Poderiam tentar fazer uma amostra e, provavelmente, depois de algumas tentativas e erros, teriam sucesso. Recriar a poção significaria viver com Lanny para sempre. Ela não estaria sozinha e, claro, outras pessoas teriam interesse na imortalidade. Poderiam vendê-la por quantias absurdas, espalhar pelas línguas dos clientes feito hóstias de comunhão. Ou poderia ser tudo por caridade, afinal, de quanto dinheiro alguém realmente precisa? Poderiam oferecê-lo às grandes cabeças para ser estudado. Quem saberia que tipo de impacto isso teria sobre a medicina e a ciência? Um elixir que regenera tecidos machucados poderia revolucionar o tratamento dos ferimentos e das doenças.

Isso mudaria tudo. Assim como revelar a condição de Lanny ao mundo. Luke suspeita, no entanto, que a análise do resíduo não revelaria nada. Algumas coisas resistem ao escrutínio, não podem ser examinadas em plena luz do dia. Uma pequena fração de uma porcentagem de ocorrências não pode ser explicada ou reproduzida. Quando era estudante de Medicina, ouviu falar sobre algumas dessas frações, que foi comentada espontaneamente por um sábio e velho professor no final de uma palestra, sussurrada entre os alunos enquanto lotavam a sala de cirurgia após uma

dissecação. Há alguns médicos e pesquisadores que descartam tais histórias e querem acreditar que a vida é mecânica, que o corpo não é nada além de um sistema de sistemas, como uma casa. Que viverá desde que coma isso, beba aquilo, siga essas regras, como se houvesse uma receita para a vida; consertar o cano ou arrumar a moldura quando estragarem, pois seu corpo é somente um navio que carrega sua consciência.

Luke acredita que o corpo não seja tão objetivo assim. Mesmo que um cirurgião fosse procurar algo dentro de Lanny, e que pesadelo seria, o corpo tentando se fechar mesmo com as mãos e os instrumentos ainda lá dentro, não encontraria qual parte dela mudara para fazê-la eterna. Nem mesmo exames de sangue e biópsias ou quaisquer exames radiológicos. Ela até poderia dar a poção para ser analisada, dar a receita para que milhares de químicos a recriassem, mas Luke acha que nenhum deles seria capaz de duplicar o resultado. Há uma força em movimento dentro de Lanny, ele pode sentir isso, mas, se ela é espiritual, mágica, química ou algum tipo de energia, ele não faz ideia. Tudo o que sabe é que o milagre da existência de Lanny, assim como a fé e a oração, funciona melhor na solidão, protegido do ceticismo e da força bruta da razão e que, se sua situação fosse a público, ela poderia se reduzir a pó ou evaporar como o orvalho sob a luz do sol. É por isso que nenhum dos outros (aqueles outros de quem Lanny lhe contou, Alejandro, Dona e a diabólica Tilde) nunca vieram a público, Luke imagina.

Ele rola o frasco entre os dedos como um cigarro e, então, rapidamente, coloca-o embaixo do calcanhar e joga todo seu peso sobre ele. O frasco dobra-se tão facilmente quanto uma folha de papel, fica totalmente amassado. Luke vai até a janela, abre-o, e atira o pedaço de metal o mais longe que consegue, sobre o teto de seus vizinhos, e não acompanha o trajeto com os olhos. Sente um alívio imediato. Talvez devesse ter falado com Lanny antes de destruir o frasco, mas não; ele sabe o que ela teria dito. Está feito.

Agradecimentos

Ainda que seja óbvio que *Ladrão de almas* é um trabalho fruto da imaginação, foi feito um pouco de pesquisa, especialmente no que se refere à história do estado do Maine. Eu me baseei em dois livros em particular: *Maine in the Early Republic*, editado por Charles E. Clark, James S. Leamon e Karen Bowden (University Press of England, 1988) e *Liberty Men and Great Proprietors: the Revolutionary Settlement on the Maine Frontier 1760-1820*, escrito por Alan Taylor (University of North Carolina Press, 1990). Quaisquer erros ou falta de precisão são de minha responsabilidade.

Diz-se, geralmente, que a vida de um escritor é solitária e que escrevemos em solidão. Embora isso seja, em grande parte, verdade, seria impossível transformar o trabalho em uma publicação sem contar com a ajuda e a boa disposição de muitas pessoas ao longo da jornada. Gostaria de agradecer aos leitores das versões prévias desse romance, incluindo Dolores, Lia, Randy, Lisa, Jill, Kelley e Kevin; meus professores da John Hopkins, Tim Wendel, Richard Peabody, Elly Williams, David Everett e Mark Farrington; Elyse Cheney e Jeff Kleinman pelo apoio inicial; e os maravilhosos organizadores do Squaw Valley Community of Writers.

Meu enorme agradecimento a Tricia Bockowski, minha editora na Gallery Books, pelo direcionamento editorial e bom humor sem limites para fazer com que esse romance

fosse publicado. Agradeço também a todos na Gallery por seus esforços em meu nome.

Agradecimentos imensos e eternos a Kate Elton, minha editora na Century, e a sua assistente, Anna Jean Hughes, pelo incrível entusiasmo e apoio ao romance.

Também devo agradecer a Nicki Kennedy, Sam Edenborough e Katherine West, agentes de direitos internacionais na Intercontinental Literary Agency, e aos editores das edições estrangeiras de *Ladrão de almas*, pela confiança nesse primeiro trabalho: Giuseppe Strazzeri, *publisher*, e Fabrizio Cocco, editor, na Longanesi; Cristina Arminana, na Mondadori; Katarzyna Rudzka, na Proszinski Media; e EKSMO Pusblishing. Meus agradecimentos também a Matthew Snyder, na Creative Artists Agency, por ver um futuro promissor em *Ladrão de Almas*.

Meu profundo agradecimento a Peter Steinberg, meu agente, não só por acreditar no romance, mas também por seu habilidoso trabalho editorial, que pegou uma história instável e a transformou nesse romance que hoje você, leitor, tem nas mãos.

Obrigada a minha família por ter aturado minhas manias de escritora desde que eu era uma criancinha malhumorada.

E, claro, todo meu amor a meu marido, Bruce, que permitiu, pacientemente, que eu ficasse enfiada por horas

incontáveis dentro do livro, e que fez todos os meus sonhos se tornarem realidade.